JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL LTDA. 1984 | Rio de Janeiro — Domingo, 1º de abril de 1984 | Ano XCIII — Nº 355 | Preço: Cr$ 400,00

TEMPO — Claro a parcialmente nublado durante todo o dia. A temperatura continuará estável. Foto do satélite e tempo no mundo, página 28

CIDADE

PAVILHÃO do Serviço de Identificação de Pragas e Doenças, em Pinheiral (RJ), não cumpre sua tarefa: denunciar agrotóxicos em vegetais. (Página 19)

Michel

TÍTULOS de posse da terra começaram a ser entregues pelo Prefeito Marcelo Alencar aos 3 mil moradores do Morro da Pedreira, em Acari. (Página 15)

NACIONAL

NOS ÚLTIMOS 30 anos, a população quadruplicou em Salvador, agravando o problema habitacional: cerca de 700 mil pessoas não têm onde morar. (Página 22)

QUADRINHOS

FAÇA o seu JB e concorra a um rádio-gravador RG 700, da Polyvox. **Cebolinha, Horácio, Peanuts** e outros em novas e divertidas aventuras.

CADERNO B

ARTISTAS de 18 países estarão em Los Angeles, de junho a agosto para o Festival Olímpico das Artes. Música ao vivo enche os bares do Rio

POLÍTICA

DANTE de Oliveira (PMDB-MT), o deputado autor da emenda das eleições diretas, já está admitindo negociação entre Governo e oposições. (Página 5)

FINANÇAS

Michel

NÉLSON da Matta, presidente do BNH, diz que só reativa resolução sobre devolução da casa própria se os compradores acharem necessário. (Página 34)

INTERNACIONAL

BOMBA em Santiago, acionada por controle remoto, destruiu um microônibus que levava 25 homens da brigada antimotim de volta ao quartel. (Página 26)

ESPORTES

FLAMENGO precisa empatar com o Inter. O Botafogo tem de vencer o Operário e torcer para o América derrotar o Coritiba. A Rádio JB acompanha os três jogos. (Páginas 38 a 40)

Figueiredo não admite impugnação de indireta

Em pronunciamento pela cadeia nacional de rádio e televisão o Presidente João Figueiredo disse que"o mundo político não ignorava que, nas eleições de 1982, estava em jogo a escolha pelo voto, do Colégio Eleitoral", para reafirmar que o seu sucessor ainda será eleito por via indireta. Para o futuro, prometeu as diretas em dois turnos.

— Esta não é hora para que, em nome dos argumentos ilusórios e oportunistas, se venha impugnar agora a eleição indireta do Presidente da República — disse Figueiredo. Sobre a proposta de emenda constitucional o Presidente não definiu a data em que a encaminhará ao Congresso. Mas deixou claro que a proposta será aberta às alterações necessárias.

Figueiredo, no discurso alusivo ao 20º aniversário da Revolução, que preferiu tratar apenas como movimento de março de 1964, anunciou, sem precisar datas, emenda de revisão constitucional. Defendeu os poderes constituintes do atual Congresso e traçou um longo histórico para se fixar na tese da legitimidade do Colégio Eleitoral. (Página 3)

General acha que ainda há terror

"O país não está livre do terrorismo. Os subversivos estão aí, como sabemos perfeitamente." A advertência foi feita pelo Comandante do I Exército, General Heraldo Tavares Alves, após missa solene na Candelária em homenagem ao 20º aniversário da Revolução de 64. Antes, o General participou de solenidade militar no QG do I Exército, sem a presença de autoridades civis.

Em discurso à tropa, em Brasília, o Comandante Militar do Planalto, General Newton Cruz, disse que a missão das Forças Armadas é zelar pelos objetivos do Movimento de 64 e afirmou que hoje não há mais cabos, sargentos ou oficiais políticos. Nas comemorações em São Paulo, o II Exército fez a chamada nominal dos mortos, "vítimas da subversão comunista". (Página 4)

Delfim Vieira

Trânsito caótico, um dos dramas do bairro

Alimento este ano sobe mais que inflação

O susto das donas-de-casa a cada visita aos supermercados é explicado pela Fundação Getúlio Vargas. Os preços dos gêneros alimentícios vêm subindo ainda mais que a inflação: nos três primeiros meses do ano, a inflação ficou em 35,5%, a alta da alimentação foi de 35,9%, mas o preço do chuchu, por exemplo, aumentou 749,5%.

Na lista dos 10 mais da alimentação, o chuchu ficou em primeiro lugar, seguido pelo repolho — que subiu 326% nos primeiros três meses de 84 —, cebola (mais 232,8%) e em quarto lugar a laranja-pêra, que está 178,4% mais cara. Os próximos três meses serão decisivos para a política econômica do Governo e o grande desafio é fazer a inflação cair.

O economista Tito Riff, do Centro de Estudos Agrícolas da FGV, explica a alta do custo da alimentação no início deste ano, entre outras causas, pelo não crescimento da safra de grãos — milho, arroz, feijão, soja — estacionada há anos em 50 milhões de toneladas, enquanto a população cresce cerca de 2,5% ao ano, e pela quebra da safra de hortaliças. (Página 29)

Presidente de Honduras dá golpe de Estado

O Presidente hondurenho, Roberto Suazo Córdova, afastou o General Álvares Martínez e mais três oficiais do alto comando do Exército e da Marinha, numa espécie de golpe de Estado preventivo em Honduras, com apoio da Força Aérea. Suazo Córdova assumiu o comando das Forças Armadas e decretou ainda o exílio imediato de Álvarez Martínez e do General Abdenego Bueso, chefe do Estado-Maior Conjunto das três Armas. Tropas com canhões se deslocaram para o aeroporto da capital, mas a situação era de calma no início da noite. (Página 27)

Doenças matam por ano milhões de nordestinos

Os nordestinos estão mal de saúde: 4 milhões têm esquistossomose; 3 milhões, doença de Chagas; surgem 17 mil tuberculosos por ano; e de cada grupo de mil crianças nascidas vivas 240 morrem antes de um ano. É o que mostra documento feito sob orientação do Ministério da Saúde e discutido em Recife por técnicos e Secretários de Saúde da região, que sugerem maior integração entre os setores de saúde dos governos. O documento revela ainda que 58% dos meninos de um a cinco anos sofrem de desnutrição nas áreas urbanas, índice que chega a 66% nas áreas rurais. (Página 21)

Copacabana tem vida ruim e morador fiel

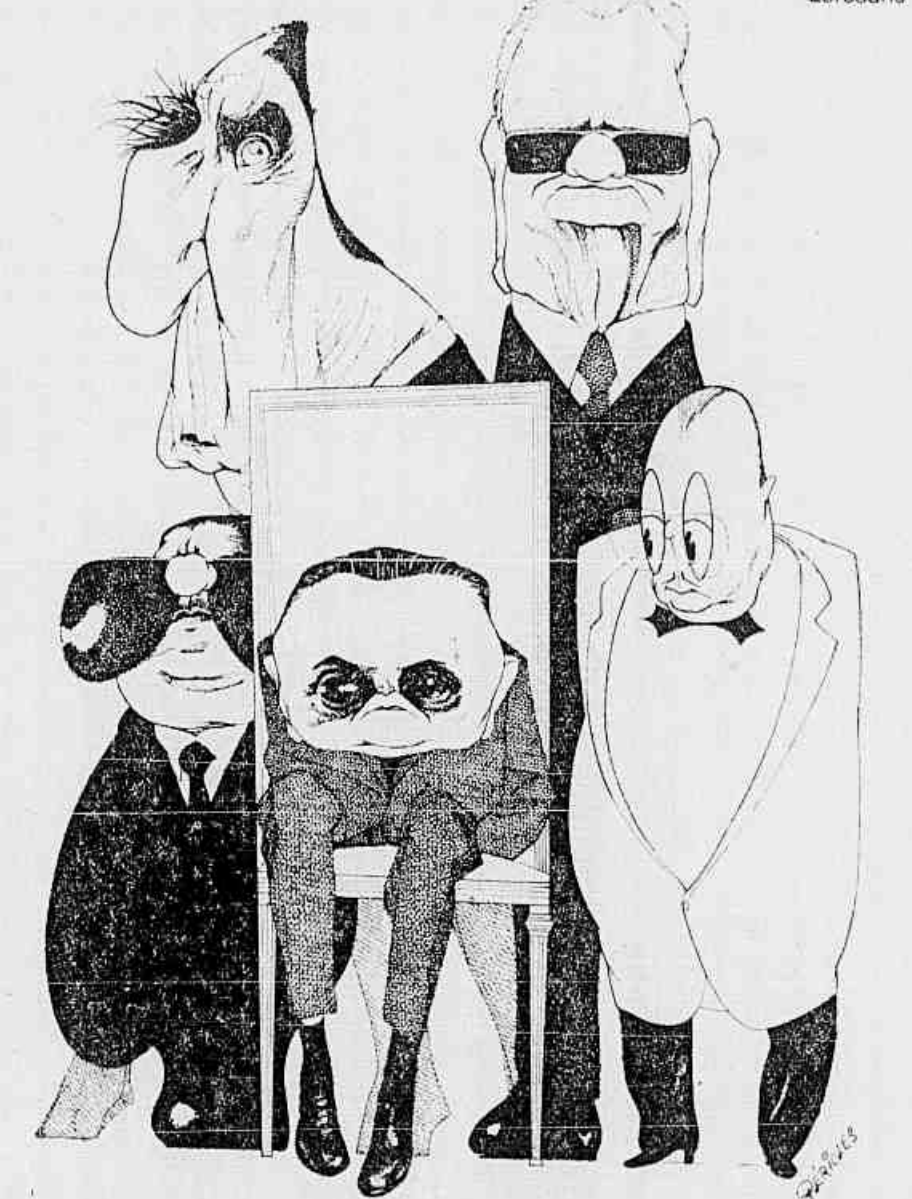
Um ano depois de ter assumido o Governo do Estado, Leonel Brizola — gaúcho morador de Copacabana — limitou sua assistência ao bairro à retirada dos carros que estacionavam no calçadão. Os problemas, porém, continuam: ar saturado de partículas tóxicas, poluição sonora, trânsito caótico, falta de segurança e poucas praças para o lazer.

Ainda assim, a agitação de Copacabana mantém fiéis seus moradores, como Paulo Marinho, copacabanense convicto, segundo o qual não há quem fique indiferente ao barulho e à movimentação nas ruas. Com seus 7,67 quilômetros quadrados e cerca de 300 mil habitantes — dos quais 17 mil favelados —, Copacabana é vítima das próprias características do bairro, marcado pela coexistência de diferentes classes sociais: em meio à concentração do comércio, à sujeira, aos camelôs e à falta de estacionamento. (Página 14)

"Pool" lança venda inédita de ações do BB

A maior operação da história do mercado de capitais no Brasil começa amanhã. Um **pool** de 74 financeiras, liderado pela Invesplan, terá de vender quase 3 bilhões de ações do Banco do Brasil — cerca de 10% do capital — e arrecadar Cr$ 174 bilhões. As ações serão vendidas em três mil agências bancárias, ao preço unitário de Cr$ 60 e em lotes de mil ou múltiplos de mil. Poderão ser pagas em prestações ou à vista. "Iremos ao investidor do interior", disse o diretor de Controle do BB, Assis Ribeiro Filho, "e estamos convencidos de que a resposta será positiva". (Página 32)

64/84 Autoritarismo e mudança

Loredano

Com opiniões colhidas nas principais áreas da política brasileira, o JORNAL DO BRASIL dedica hoje um caderno aos 20 anos da Revolução de 1964. Das declarações, artigos e documentos sobre esse longo período, o que se conclui é que a Revolução, feita para superar grave crise, acabou incapaz de eliminá-la. Hoje, como em 64, o país carece de democracia.

ESPECIAL

ACHADOS E PERDIDOS 510

FOI EXTRAVIADO — Dia 26/03/84 às 10 horas R. Machado de Assis, uma pasta contendo processos de acidentes de trabalho da comarca de Duque de Caxias. Gratifica-se bem. Tel. 265-0389 ou 571-1179.

EXTRAVIARAM-SE — Doctos de Jorge Coelho de Moura Tenente Cel. PM reform. Est. RJ e de Conceição Carreira Coelho entr. PM.

PERDA DE CARTAO DO ICM — RIO PLACOLOR FOTOGRAFIAS LTDA. — Estabelecida à Av. Atlântica, nº 4.240 Loja 108. Declara que perdeu o seu Cartão de ICM nº 81.498.318 no itinerário da Rua Rainha Elizabeth para a Av. Atlântica, nº 4.240 Loja 108.

A PRAÇA — Eoc S/A Controles Elétricos, CGC 33.338.880/0001-60, comunica que se encontram extraviadas as notas promissórias nºs 01/03, 02/03, 03/03/84, valores 985.867,63, 1.074.372,16, 1.171.065,65, vencºs 30/04, 30/05, 30/06/84 tudo respectivamente emitidas em seu favor por ESTALEIROS DA AMAZONIA S/A ESTANAVE em 27/03/84.

EMPREGOS 200

ARRUMADEIRA — Prática ref. 60 mil fer. 13º INPS Visc. de Albuquerque 894/904 Leblon 274-9141.

ARRUMADEIRA — Prática ref. 60 mil, fer. 13º, INPS Visc. de Albuquerque 894/904 Leblon 274-9141.

ARRUMADEIRA — Preciso família 4 pessoas, também passa. Pago muito bem. Refs. 2 anos. 2ª f. R. Paissandu 159/602.

ARRUMADEIRA COPEIRA — Preciso, responsável, doc. ref. 60 mil. Tel. D. Sônia 259-0253, 259-0357. Marquês S. Vicente 464 ap. 103, Gávea.

ARRUMADEIRA — Precisa-se c. refs. de 1 ano, pago bem. Tr. Tel.: 239-2583.

COLUNA DO CASTELLO

Como Jango foi deposto

ONTEM, 31 de março, os militares comemoraram o 20º aniversário do movimento que, a partir de Minas, iria depor o Presidente João Goulart e instalar um modelo especial de ditadura militar rotativa que dura desde então. Amanhã, 2 de abril, os amigos do Presidente deposto podem chorar a data da sua queda, que ocorreu na madrugada desse dia, numa dramática sessão do Congresso Nacional.

Ainda não vi o filme de Sílvio Tendler sobre Jango. Não sei portanto se ele inclui alguma cena do que se passou no Congresso em Brasília naquela madrugada. A cena, dada a hora em que ocorreu, não foi bem tratada pela imprensa, tal o volume de fatos que exigia espaço. O episódio envelheceu antes de ter se tornado notícia.

Na tarde de 1º de abril, quando verificou serem escassas as possibilidades de resistência no Rio, Jango deslocou-se até Brasília. Foi ao Torto e chamou seus amigos. A situação na Capital também era precária. Ele preparou-se para voar e, na companhia de Tancredo Neves, dirigiu-se para o aeroporto, onde pretendia tomar um Coronado da Varig que o deixaria em Porto Alegre.

Na Base Aérea o avião não esquentava seus motores. A certa altura o Coronel Fitipaldi, que trabalhava com o Presidente, observou: "A Varig é nossa amiga. Se esse Coronado não esquenta os motores é que não vai subir". Imediatamente providenciou um Avro da Força Aérea, houve um embarque rápido e a decolagem. Tancredo Neves disse-me que já estava ansioso. Uma coluna de tanques aproximava-se do aeroporto e o avião não partia. Mas partiu.

A noite, militarmente vitorioso o movimento, o comando parlamentar traçou a estratégia da sessão na qual se iria formalmente destituir o Presidente da República. No regime de 46 havia uma tradição de depor Presidentes. Os métodos foram se tornando sumários, simplificadas as exigências para dar um aspecto de constitucionalidade ou de legalidade à derrubada de um Presidente.

Em 1954, tudo foi precedido de um drama. Um atentado a Carlos Lacerda, com a morte do Major Rubem Vaz, levantou a opinião pública e armou uma caçada policial-militar aos autores do crime. Os porões do Palácio do Catete foram vasculhados e lá identificados os autores, membros da guarda pessoal do Presidente, o famoso Tenente Gregório. Incidentes menores abalaram moralmente Getúlio Vargas. Ele recusou uma proposta de renúncia conjunta dele e do Vice-Presidente Café Filho. À noite, diante de um manifesto dos generais sediados no Rio, reuniu-se o Ministério, em alta tensão.

No final, o Presidente decidiu licenciar-se por três meses, até que se apurassem as responsabilidades pelo atentado e se indicassem os culpados. Ao amanhecer, algo não esclarecido ocorreu. O Presidente recebeu a visita do seu irmão Benjamin, chamado a depor. Getúlio Vargas deixa seu quarto de dormir, vai ao escritório, volta, escreve um bilhete e dispara um tiro no coração. Ele escapou à desonra e deixou ao adversário terrível legado. Houve violência, mas não propriamente atos que ferissem a Constituição.

Em 1955, os generais Odylio Denis e Henrique Lott (a iniciativa foi do primeiro), levantaram o Exército num movimento a que se deu o nome de "retorno aos quadros constitucionais vigentes". Carlos Luz, que exercia a Presidência por ter Café Filho se internado no Hospital dos Servidores, reúne auxiliares e amigos e embarca a bordo do "Tamandaré". A Marinha estava solidária com ele e com o Presidente enfermo.

Na manhã seguinte, o "Tamandaré" atravessa a barra, sob os tiros de canhão dos fortes de terra. A Câmara reúne-se. O **impeachment** era uma hipótese impensável, dada a complicação do processo. Gustavo Capanema, imaginoso e realista, propõe numa reunião que se partisse de um fato: o Presidente da República estava impedido de exercer suas funções. Não cabia examinar as razões. Cabia declarar esse impedimento e convocar seu substituto. Houve uma sessão tumultuosa presidida pelo velho General Flores da Cunha. A Câmara votou uma resolução declarando impedido o Presidente. Nereu Ramos, que dirigia o Senado, assumiu o posto no Catete, dizendo a Afonso Arinos que o fazia para salvar o poder civil.

Na madrugada de 1º para 2 de abril de 1964, vitorioso o movimento militar, carecia-se de estratégia parlamentar para liquidar a crise. O Presidente do Senado, Auro Moura Andrade, prontificou-se a executar o Presidente cercado de uma guarda de honra. A guarda envolveu, na sua cadeira, o Senador Moura Andrade. Não cabia propor nada nem votar nada. O Congresso não aceitava a intervenção.

Auro Moura Andrade leu um ofício de Darci Ribeiro, Chefe do Gabinete Civil, comunicando que o Presidente João Goulart se achava em território nacional. Auro leu, mas ignorou o conteúdo. Simplesmente, anunciou que estava vaga a Presidência da República, convidando a assumi-la o Deputado Ranieri Mazzilli, suplente para todas as emergências. Uns vinte parlamentares atravessaram a Praça dos Três Poderes, a vanguarda, num velho Simca. A guarda tentou interceder: "Quem vem lá?" É a resposta: "É o Presidente".

No 4º andar, Darei ensaiava uma resistência romântica. Mazzilli exigiu um general para coonestar sua posse. Apareceu o General André Fernandes. E a deposição consumou-se no rito mais sumário desse tipo de ação na História recente do País.

CARLOS CASTELLO BRANCO

Figueiredo anuncia para o futuro direta em 2 turnos

Brasília — A eleição indireta "é forma legítima de escolha do Chefe de Estado, consagrada pela grande maioria das nações democráticas. Manterei, pois, a eleição indireta, para o meu sucessor. A eleição direta, em dois turnos, será proposta para o futuro", disse, ontem, à noite, em cadeia de rádio e televisão, o Presidente João Figueiredo.

Figueiredo acrescentou que esta "não é hora" para que "em nome de argumentos ilusórios e oportunistas se venha impugnar agora a eleição indireta do Presidente da República". No pronunciamento, alusivo ao 20º aniversário da Revolução, o Presidente anunciou uma revisão constitucional, a ser feita pelo atual Congresso. Não precisou data para o restabelecimento das diretas para a sucessão do seu sucessor e nem para o envio ao Congresso da emenda que tratará dessa questão e das demais alterações constitucionais que pretende promover.

DEFESA

No discurso, Figueiredo destacou que o movimento de março de 1964 — evitou falar em Revolução — "não traduziu o interesse e a vontade de um grupo, mas o interesse e a vontade da nação". E sustentou que o movimento, de inspiração militar, "teve por objetivo assegurar ao novo Governo os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil".

O Presidente descartou a possibilidade de convocar ou de apoiar uma Assembléia Nacional Constituinte, ao assinalar que "nas circunstâncias atuais da sociedade brasileira, o caminho mais adequado para atingir a plena institucionalização democrática do país é o indicado pela própria Constituição, que prevê modos eficazes para sua modificação e aperfeiçoamento. Poderes constituintes possui o atual Congresso Nacional, posta a questão em termos de reforma da Carta Magna, segundo a tramitação nela estabelecida".

No discurso, Figueiredo afirmou que, no momento, a eleição direta "é inoportuna". E traçou um histórico para defender a legitimidade do Colégio Eleitoral e da maioria nele conquistada pelo PDS:

— Minha posição quanto às eleições indiretas, para a escolha do meu sucessor, está limpidamente definida em discurso que proferi perante a primeira Convenção Nacional do Partido Democrático Social, realizada em Brasília, a 30 de novembro de 1980. Ao referir-me às eleições de 1982, frisei: "Nesse dia, vamos conquistar a maioria das Câmaras Municipais e das Prefeituras. Das Assembléias Legislativas dos cargos de Governador, Da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. E, conseqüentemente, legitimamente, a maioria do Colégio Eleitoral que elegerá meu sucessor.

Figueiredo criticou os que não contestaram em 1982 a formação do Colégio Eleitoral:

— O mundo político não ignorava — antes se achava certo disso —, que, nas eleições de 1982, estava em jogo a escolha pelo voto, do Colégio Eleitoral a quem competia eleger o novo Presidente da República.

E assinalou:

— A extinção desse alto Colégio, escolhido livremente e com mandato irrenunciável, violentaria compromisso político legítimo contra o qual, antes do resultado da eleição, nada se levantou. Coisa que agora, no entanto, injustificadamente se faz.

A condenação a "argumentos ilusórios"

"Brasileiros,

O movimento de março de 1964, como ficou dito na sua declaração de princípios, não traduziu o interesse e a vontade de um grupo, mas o interesse e a vontade da nação. Teve por objetivo assegurar ao novo Governo os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil. De maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas de que dependiam a restauração da ordem interna e o nosso prestígio internacional. Para isso, consoante deixou assentado, precisava institucionalizar-se, a fim de limitar desde logo os plenos poderes de que dispunha.

Mantidos, na sua substância, os postulados da Constituição de 1946, cuidou-se da feitura de nova Constituição, promulgada pelo Congresso Nacional em 24 de janeiro de 1967.

Nos dezessete anos de sua vigência, a Constituição de 1967, iniciativa do Presidente Castello Branco, sofreu sucessivas alterações, que obedeceram a multiplas e às vezes conflitantes contingências do processo revolucionário.

Tais alterações, que ocorreram por força de atos unilaterais do Governo, ou em virtude de emendas aprovadas pelo Congresso Nacional, tiveram como conseqüência privar o texto constitucional da unidade lógica essencial ao estatuto político fundamental da nação.

Além disso, nele foram introduzidas diretrizes que, se tiveram sua razão de ser em cada momento histórico, demandam a sua adaptação às novas circunstâncias sociais e políticas do movimento que vivemos.

O objetivo final que sempre nos moveu — a todos quantos nos engajamos nessa cruzada patriótica — consiste em preservar valores essenciais à nossa maneira de vida. Entre esses valores se conta o convívio ou regime democrático, cujo aperfeiçoamento é nossa constante preocupação.

Tenho plena consciência de que o caminho percorrido, sob o signo da democracia, que desejo plena e atuante, foi marcado por conquistas cujo alcance é desnecessário encarecer. Tais foram o restabelecimento das franquias fundamentais, a restituição dos direitos políticos aos que deles se achavam privados, bem como a concessão da anistia reclamada para a pacificação da família brasileira. Possuo consciência, também, como já tenho assinalado, de que a liberdade, garantida no passado, pode já ter sido igual, porém não foi maior do que a liberdade hoje reinante no país.

Nada disso é obra exclusivamente minha. É fruto de evolução imanente ao processo revolucionário, que nos irmanou na luta pelos ideais que nos inspiraram.

Esses resultados positivos, em prol da causa democrática, exigem o seu complemento natural, que só poderá ser alcançado mediante revisão constitucional. Submeterei projeto de emenda, dentro em breve, ao Poder Legislativo. Suas Casas saberão compreender e aprimorar as soluções encaminhadas à sua alta apreciação.

Entendo que, nas circunstâncias atuais da sociedade brasileira, o caminho mais adequado para atingir a plena institucionalização democrática do país é o indicado pela própria Constituição, que prevê modos eficazes para sua modificação e aperfeiçoamento. Poderes constituintes possui o atual Congresso Nacional, posta a questão em termos de reforma da Carta Magna, segundo a tramitação nela estabelecida.

Cumpre ao Governo definir posição sobre a forma da escolha do futuro Presidente da República. A eleição direta é inoportuna no momento, muito embora reconheça aconselhável restabelecê-la no futuro.

Minha posição quanto às eleições indiretas, para escolha do meu sucessor, está limpidamente definida em discurso que proferi perante a primeira convenção nacional do Partido Democrático Social, realizada em Brasília, a 30 de novembro de 1980. Ao referir-me às eleições de 1982, frisei: "Nesse dia, vamos conquistar a maioria das Câmaras Municipais e das Prefeituras. Das Assembléias Legislativas e dos cargos de Governador. Da Câmara dos Deputados e do Senado federal. E, conseqüentemente, legitimamente, a maioria do Colégio Eleitoral que elegerá meu sucessor".

O mundo político não ignorava, portanto — antes se achava certo disso —, que, nas eleições de 1982, estava em jogo a escolha, pelo voto, do Colégio Eleitoral a quem competia eleger o novo Presidente da República.

A extinção desse alto Colégio, escolhido livremente e com mandato irrenunciável, violentaria compromisso político legítimo contra o qual, antes do resultado da eleição, nada se levantou. Coisa que agora, no entanto, injustificadamente se faz.

Não é hora, pois, para que, em nome de argumentos ilusórios e oportunistas, se venha impugnar agora a eleição indireta do Presidente da República. Trata-se de forma legítima de escolha do Chefe de Estado, consagrada pela grande maioria das nações democráticas.

Manterei, pois, a eleição indireta, para o meu sucessor. A eleição direta, em dois turnos, será proposta para o futuro. A revisão constitucional, que proporei, não radicaliza posições. Oferece para o problema sucessório solução de compromisso, reclamada pela tranqüilidade da nação, e atende a exigências inadiáveis de nossa evolução constitucional."

Ulysses sugere um plebiscito

Ao comentar ontem à tarde, no Rio, o pronunciamento do Presidente Figueiredo, o Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães disse que "o importante não é o Governo negociar com determinados segmentos da sociedade, mas com todo o povo, convocando um plebiscito para saber se o País quer ou não eleições diretas".

Para Ulysses, ao anunciar que as eleições diretas agora são inoportunas, "o Presidente Figueiredo não completa seu juramento de fazer do Brasil uma democracia, porque ele sabe que esse processo só estaria consolidado com o povo elegendo diretamente o seu futuro Presidente da República".

Os argumentos apresentados por Figueiredo para justificar a manutenção do Colégio Eleitoral — principalmente de que o mundo político tinha conhecimento de que nas eleições de 82 se estavam escolhendo os delegados à eleição indireta — também foram contestados pelo Presidente do PMDB.

— Percorri o País inteiro dizendo que o resultado das eleições, com a Oposição vitoriosa, repudiaria o Colégio Eleitoral, processo pelo qual o povo ficava marginalizado da escolha do Presidente da República. As oposições ganharam por mais de quatro milhões de votos, demonstrando claramente que o povo não aceita a eleição indireta.

Ulysses falou na casa do ex-Deputado Renato Archer, também da Executiva Nacional do PMDB, e adepto, como o presidente do partido, do plebiscito. "A eleição direta é uma aspiração popular" e só o povo pode dizer o que quer", acrescentou Archer.

Presidenciáveis aplaudem proposta

Belo Horizonte — O Deputado Paulo Maluf (PDS-SP) afirmou ontem, após ler cópia do discurso do Presidente João Figueiredo, que este "tem sido absolutamente coerente em todos os seus pronunciamentos". Quanto à eleição direta em dois turnos, disse Paulo Maluf: "Isto deve estar colocado para 1990".

— A coerência do Presidente da República é, no meu entender, a diretriz não só para o PDS, como também para todos os demais políticos brasileiros, quanto ao calendário eleitoral para 1984.

MACIEL

O senador e **presidenciável** Marco Maciel (PDS-PE) disse, em Brasília, que o Governo, seus partidos no Congresso (PDS e PTB) e os partidos de Oposição devem buscar o entendimento "na busca de tornar viável a aprovação da proposta de modificação constitucional que o Presidente submeterá ao Congresso". Maciel pediu uma sucessão presidencial sem traumas.

O Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, considerou "louvável" a iniciativa anunciada pelo Presidente João Figueiredo, de propor ao Congresso nacional, a revisão da Carta atual, e reafirmou o ponto de vista quanto à conveniência de o Governo Federal, na hipótese de não aceitar eleições diretas já, oferecer alternativas.

"CONFUSÃO"

O Senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) afirmou, em São Paulo, que "o Presidente Figueiredo fez confusão entre legal e legítimo". Comentou que "o Colégio Eleitoral é legal, porque foi aprovado pelo Congresso, mas não é legítimo porque não tem a sustentação do País, nem sustentação popular, nem entre as elites". "Por isso — acrescentou o senador —, o argumento para a manutenção das eleições indiretas não parece consistente com o processo político dinâmico do Brasil".

O Vice-Governador paulista, Orestes Quércia, considerou "frustrante" o pronunciamento do Presidente João Figueiredo, por ter deixado de comunicar à nação uma proposta do Governo "para atender a esse grande esforço nacional pelas eleições diretas".

— Na medida em que ele pede respeito ao Colégio Eleitoral — disse Quércia — devemos lembrá-lo que quem merece respeito é a opinião pública brasileira, o povo brasileiro. Não um Colégio Eleitoral que é ilegítimo, que não tem qualificação e que não tem condições, neste momento histórico, de legitimidade e autenticidade para escolher um Presidente, salvo um Presidente biônico.

General afirma que país não está livre do terrorismo

O Brasil não está livre do terrorismo, advertiu ontem o Comandante do I Exército, General Heraldo Tavares Alves, depois da missa solene pelo 20º aniversário do movimento militar de 1964, na Igreja da Candelária, no Centro. "O país não está livre porque os terroristas estão voltando; os subversivos estão aí, como sabemos perfeitamente. Nós não estamos livres deles", disse o General Heraldo.

O Comandante do I Exército afirmou que a missa foi rezada em memória "daqueles que se sacrificaram lutando contra a subversão e o terrorismo". Enfatizou que "a Revolução redentora de 31 de março será sempre lembrada — embora alguns digam o contrário — enquanto viver pelo menos um revolucionário, e eu sou um deles". Antes, o General Heraldo participara da solenidade militar em frente ao Quartel-General do I Exército, sem a presença de autoridades civis.

Objetivos

Indagado se a Revolução já cumpriu seu objetivo, o General Heraldo Tavares Alves foi enfático: "Ainda não. O objetivo máximo da Revolução está sendo alcançado, que é a implantação da plena democracia neste país, que devemos ao Presidente Figueiredo". Depois de alertar que "os subversivos estão aí", o General Tavares cortou a conversa:

— A minha entrevista está encerrada — disse o militar, enquanto recebia os primeiros cumprimentos dos presentes à missa celebrada pelo Capelão do I Exército, Tenente-Coronel José Anchieta Costa Carvalho, e celebrada pelos capelães da Aeronáutica e da Marinha, Euvaldo Andrada e Castenor de Lima Pinheiro, respectivamente. Ao ato religioso compareceram cerca de 700 pessoas, a maioria militares fardados.

Com início às 8h30min, durou meia hora a solenidade militar comemorativa das duas décadas da Revolução de 1964, em que foi lida a ordem-do-dia do Ministro do Exército, Walter Pires, alusiva à data. Durante a solenidade foi disparada uma salva de 13 tiros, com o toque de revista, em homenagem às "vítimas do terrorismo e da subversão na área do I Exército".

Depois de lida uma lista de 33 nomes de agentes federais, civis e PMs, "vítimas da subversão" durante a década de 70, a solenidade terminou com um desfile de tropas da Polícia do Exército, ao som da banda do 1º Batalhão de Guardas, na Praça Duque de Caxias, no Centro. No saguão principal do quartel-general do I Exército foi aberta ao público a exposição iconográfica **Revolução Democrática de 31 de Março: 20 anos.**

Em murais organizados pelo I Exército, várias primeiras páginas de diários cariocas têm manchetes sobre a situação política do início da década de 60 até a eclosão do movimento de 64. Em duas fases — "Antes e Depois" — há manchetes como "Articula-se a legalização do Partido Comunista Brasileiro" (**O Globo**, de 6 de fevereiro de 1964) e "Goulart toma rumo desconhecido e o Brasil volta à normalidade" (JORNAL DO BRASIL, de 3 de março de 1964), além de suplementos especiais de **O Cruzeiro**, com o seguinte título: "O Brasil despertou a tempo — pós-revolução".

Depois da solenidade, foi realizada a missa, à qual estiveram presentes, entre outros militares, o Comandante da Vila Militar, General da Primeira Divisão de Exército Diogo de Oliveira Figueiredo, e oficiais da reserva que participaram diretamente do movimento de 64, como os generais Antônio Carlos Muricy e Muniz de Aragão. Este, com 80 anos, comparou o momento político com a situação em 1964.

O General Aragão garantiu, entretanto, que não vai "no papo de qualquer político semi-analfabeto", enquanto o General Plínio Pitaluga, lembrou, satisfeito, que "os militares apagaram um incêndio".

Leia editorial "Conflito a Compor"

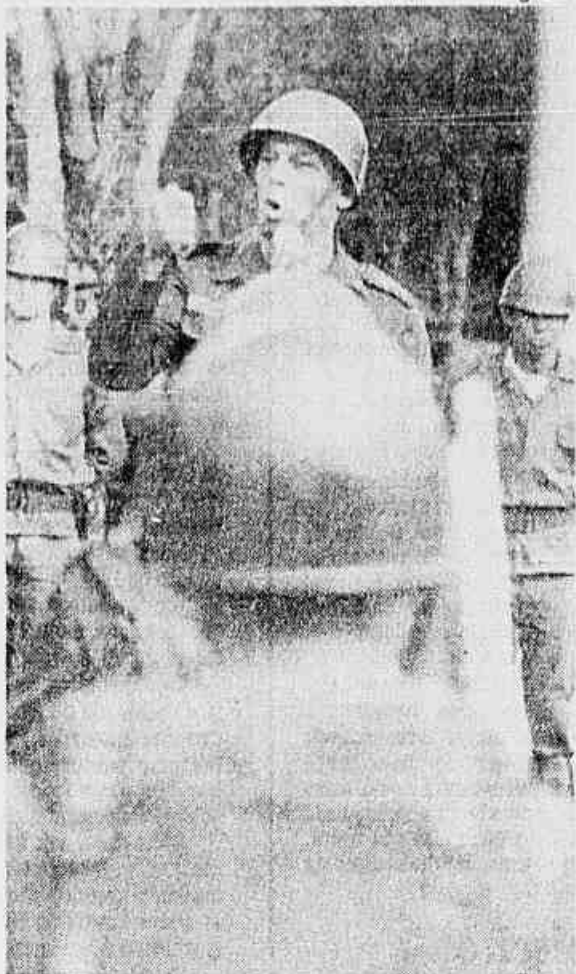
II Exército homenageia seus mortos

São Paulo — Com leitura da ordem-do-dia do Ministro do Exército, General Walter Pires, chamada nominal dos mortos "vítimas da subversão comunista", salva de artilharia e desfiles da tropa, o II Exército comemorou ontem, em solenidade de 40 minutos, no Quartel-General do Ibirapuera, o 20º Aniversário da Revolução de 1964.

MINAS

Após a cerimônia, o Comandate do II Exército, General Sérgio de Ary Pires, afirmou que "o aperfeiçoamento democrático é um movimento permanente. A Revolução foi feita para salvar o Brasil das garras do comunismo, de uma República Sindical com subversão que partia de cima para baixo".

Depois de presidir uma solenidade cívico-militar em homenagem à Revolução, no quartel do 12º Batalhão de Infantaria, em Belo Horizonte, o Comandante da 4ª Divisão de Exército, General Lopes Teixeira, disse que só o direito de os repórteres "estarem aqui, fazendo perguntas inteiramente livres", mostra que valeu a pena a Revolução, num país que caminhava para "uma república sindicalista comunista".

Brasília — A. Dorgivan

Newton Cruz disse que hoje não há mais cabos, sargentos, oficiais ou generais políticos: "Somos uma tropa coesa"

Cruz diz que missão dos militares é zelar pelos objetivos da Revolução

Brasília — "Hoje não temos mais cabo político, sargento político, oficial político ou general político. Temos soldados fiéis à sua missão, sendo uma delas zelar pelos mesmos objetivos da gloriosa Revolução de 64". Esse é um trecho do discurso do Comandante Militar do Planalto, General Newton Cruz, feito ontem pela manhã, durante as comemorações do 20º aniversário do movimento de 31 de março.

Em seu pronunciamento diante da tropa, no Regimento de Cavalaria de Guardas, o Comandante Militar do Planalto destacou o movimento de 64 como "o mais importante ato" de sua vida militar, e homenageou três soldados — "os novos defensores da Revolução", conforme suas palavras — que, recentemente, morreram em acidentes de treinamento. Ele enumerou os seis itens importantes da ordem do dia do Ministro do Exército.

Igual à de 64

Depois de anunciar sua intenção de fazer uma breve revista na mensagem do Ministro — "o nosso comandante" — o General Newton Cruz destacou:

"1) A Revolução de 31 de março nasceu da ameaça comunista ao nosso país, 2) a Revolução se propôs ao aperfeiçoamento das instituições e ao desenvolvimento social e econômico do país, objetivo do qual nunca se descurou; 3) vivemos uma época de dificuldades que não foram criadas por causa da Revolução. Pelo contrário, elas serão vencidas por causa da Revolução, que criou a base estrutural para isso, 4) vivemos hoje uma campanha que muito se assemelha à campanha vivida antes de 64, por reformas institucionais de base, como se uma lei pudesse resolver nossas dificuldades; 5) não prevalecerão as vozes agourentas de profetas e pitonisas, antigos e modernos, e, finalmente, a evolução nacional se fará ordeira e pacificamente."

Por sua conta, conforme fez questão de frisar, o General Newton Cruz acrescentou outras das razões da revolução:

— A indisciplina ameaçava as Forças Armadas. Diante de mim, com a minha tropa, eu tenho a respota da Revolução a estes fatos que antigamente chegavam a nos perturbar: "Somos uma tropa adestrada, coesa e disciplinada".

Medeiros recebe quarta estrela antes da reunião do Colégio Eleitoral

Brasília — O Ministro Chefe do SNI, General Octávio Medeiros, recebe sua quarta estrela, símbolo do ápice da carreira militar, ainda este ano, antes portanto da reunião do Colégio Eleitoral em janeiro. Sua vaga já está decidida e resultará da indicação do General Mário de Mello Mattos, atual Chefe do Departamento de Pessoal do Exército, para a Embaixada do Paraguai, substituindo o General Fernando Bethlem que lá se encontra há mais de quatro anos.

"É possível, existe uma possibilidade de voltar, mas cuidado, é somente uma hipótese", disse ontem, por telefone, o General Bethlem, que foi Ministro do Exército em substituição a Sylvio Frota, demitido em 1977. Cauteloso, o Embaixador prefere aguardar a comunicação oficial do Itamarati acerca de seu retorno, previsto para maio. A informação, contudo, foi confirmada por três generais. Mello Mattos já recebeu o convite, aceitou, sai do DGP em dois meses e deixa sua vaga para ser computada em julho

Na verdade, toda essa movimentação foi articulada na noite da última segunda-feira, dia 26, durante o jantar ocorrido na residência do Ministro do Exército, General Walter Pires, no Setor Militar Urbano. Além de todos os membros do Alto Comando do Exército — 13 generais-de-Exército — participaram do cordial encontro o próprio Presidente João Figueiredo e o Chefe do SNI.

O jantar, que já se tornou uma tradição às vésperas das reuniões de Alto Comando do Exército, mais que um reencontro de companheiros de caserna, serviu para consumar a delicada questão de abertura de uma vaga destinada ao General Octávio Medeiros. Isto porque, se fosse mantido o atual quadro de vagas previstas no **Almanaque do Exército**, o Chefe do SNI correria um sério risco de cair na reserva remunerada na virada do ano — 1984, na realidade, carrega outras síndromes além daquela preconizada por George Orwell. É um ano pobre em vagas de oficiais-generais, e quanto menos os promovidos durante o período, tantos mais serão os que cairão na **expulsória**, jargão militar usado para caracterizar essa passagem forçada para a reserva.

O General Medeiros seria um deles, caso não se criasse uma vaga de general-de-exército, o que se vinha tornando difícil devido à recente fixação do efetivo de generais de quatro estrelas. Como há dois generais ocupando cargos de embaixada — Fernando Bethlem, no Paraguai, e Alacyr Werner, no Iraque — a solução foi chamar um deles, o ex-Ministro Bethlem, que ocupa o cargo desde o início do Governo Figueiredo.

Embaixador

Paralelamente, com essa mudança, o Exército soluciona outro sensível problema de nomeações. O General Mello Mattos, detentor de uma importante folha de serviços numa carreira de 46 anos e alçado ao posto de general-de-exército há três anos, encontra-se no Departamento de Pessoal desde então. Conjecturado para o Comando do IV Exército, em Recife, o General acabou perdendo o cargo, em 83, para o General Sá Freire de Pinho. Mais recentemente, foi cotado para substituir o General Sérgio Pires no II Exército, sendo-lhe oferecida a opção entre esse cargo e a Embaixada do Paraguai. O General, que ainda tem um ano e meio no serviço ativo, preferiu a Embaixada em Assunção, onde há um outro general que já goza de prestígio junto ao Presidente Stroessner. As alterações na Embaixada do Brasil no Paraguai ocorrerão em maio/junho, porém a promoção do General Medeiros demorará mais um pouco. No dia 31 de julho, data de promoções, serão duas as vagas a serem computadas (a do General Mello Mattos e a do General Ênio Gouvêa) devendo ser preenchidas pelos dois generais que antecedem Medeiros na ordem cronológica do **Almanaque**: Cerqueira Lima e Brun Negreiros. Assim ficará apenas uma vaga de general-de-exército para 25 de novembro, quando, sem ninguém à sua frente, o Chefe do SNI será alçado ao posto máximo.

AZENAIDE AZEREDO

Dante, o da emenda, aceita iniciar logo a negociação

Consenso interno ainda é principal problema para o diálogo PDS-Oposição

Brasília — Conversas informais entre os partidos, consultas despretensiosas e um árduo trabalho de convencimento interno, em nível de Governo e de oposições. A isto se resumem os atos preparatórios daquilo que, na concepção das personagens envolvidas nesta articulação, se constituirá na largada final para um amplo processo de negociação política, que restabelecerá apenas a médio prazo a eleição direta para Presidente.

Os agentes desse movimento arriscam poucas previsões. Uma delas, dita às claras pelos governistas mas apenas segredada pelos moderados oposicionistas, é a de que a emenda Dante de Oliveira, que restabelece a eleição direta para Presidente, será rejeitada no dia 25 de abril, se até lá o Governo enviar sua emenda alternativa, propondo diretas para 1988 ou 89. A outra é conseqüência: no caso de vitória da "corrente do entendimento", o próximo Presidente da República será eleito pelo Colégio Eleitoral, com um mandato inferior a seis anos, e deverá ter o aval da Oposição e contar com respaldo popular.

Personagens

"Por enquanto, estamos apenas na fase de sondagem de terreno" informa um dirigente do PDS. É desta forma que ele justifica vários contatos mantidos entre o Governo e políticos oposicionistas. O Deputado Thales Ramalho (PDS-PE), por exemplo, um dos parlamentares mais ligados, hoje, ao Ministro-Chefe do Gabinete Civil da Presidência, Leitão de Abreu, move-se com desenvoltura no triângulo Brasília—Belo Horizonte—São Paulo e, nas três cidades, com igual intimidade tanto em nível do governo como das oposições.

Ramalho, hoje, talvez desempenhe o papel mais importante nesta fase preparatória da negociação. "Eu, Leitão e Marchezan pensamos de forma semelhante", informa o deputado. E foram os três, afirma um informante, que começaram um trabalho, intensificado nos últimos quatro meses, em favor de uma solução negociada para a sucessão presidencial. Ela virá, finalmente, em meados de abril, na forma de uma proposta constitucional que, pretende-se, seja a base de futuras — e concretas — negociações.

Por enquanto, as partes envolvidas apenas sondam. Ramalho gasta o seu tempo conversando com deputados oposicionistas, em seu apartamento em Brasília, e mantém contatos estreitos com os grupos do PMDB de São Paulo e Minas Gerais. Na Oposição, tem como principais interlocutores o Senador Fernando Henrique Cardoso (SP) — a quem levou uma vez para uma conversa com o Ministro Leitão de Abreu —, com o Secretário de Estado do Governo Montoro, Roberto Gusmão, e com o Governador de Minas, Tancredo Neves.

Frutos

Da mesma forma, Leitão sonda outros governadores oposicionistas. E foi com segurança de quem os ouviu diretamente que garantiu, na última reunião do comando político do Governo, que eles concordavam com a redução do mandato do futuro Presidente, e eleições diretas apenas para o sucessor do sucessor de Figueiredo.

Os contatos, portanto, não foram de todo infrutíferos. Porém, não puderam avançar mais. "Entendemos a situação da Oposição. Ela tem em suas mãos um movimento de rua pelas eleições diretas e uma emenda para ser votada no dia 25 de abril", pondera um informante da área do Governo. Até lá, afirma, tanto as lideranças da Oposição, que concordam em negociar, como os grupos do Governo e PDS que defendem esta alternativa, estarão muito ocupados em demover as suas próprias resistências internas.

Da parte do Governo, a primeira foi quebrada, com o envio da emenda. Isto não quer dizer, segundo o informante, que Leitão venceu as resistências de Figueiredo: "O Ministro é cauteloso, não faz nada que não conte, de algum modo, com o aval do Presidente". Apenas, informa, a estratégia de Figueiredo, durante todo o seu Governo, tem sido decidir no limite do ponto crítico. E foi exatamente o que ocorreu.

Brasília — "O PMDB tem um compromisso de honra com as diretas já. Diante de outra realidade, vamos ter que convocar nossos quadros para uma outra solução. Negociação é para já, porque após o dia 25 de abril vai ser muito difícil". A opinião é do Deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT), autor da emenda que restabelece a eleição direta para Presidente, ainda este ano.

Dante explica: "se nós ganharmos, ganhamos e está resolvido; se o Governo derrotar a emenda, os **presidenciáveis** vão se segurar de qualquer maneira no Colégio Eleitoral. Então, a negociação tem que ser antes". Mas também adverte, em seguida: "Qualquer entendimento, seja ele qual for, tem que ser às claras, aberto, como foi definido no dia 14 de março pelo foro suprapartidário das diretas".

Impasse

Magro, pródigo em gestos largos, o deputado diz confiar, "piamente", na aprovação da emenda que apresentou e que será votada pelo Congresso no próximo dia 25, mas se preocupa com o que poderá acontecer se ela for rejeitada: "o Governo jogará o país num impasse e eu não sei o que poderá acontecer". Para o deputado, "o grupo **Pró-Diretas** tem papel muito importante nisto tudo".

Além dos "quase 60 votos que já garantiram" diz o deputado, "eles têm um trabalho fundamental de convencimento de setores do seu partido e do próprio Governo". Para Dante de Oliveira, este é um dos caminhos da negociação. Outro, é a própria emenda do Governo: "e o governo mandar uma emenda, quando há um mês ninguém sequer pensava nisto, é um sinal de que alguma coisa mudou, que eles querem conversar".

Esta conversa "não poderá ficar apenas a nível institucional". Para Dante "o diálogo, a conversa que fatalmente vai acontecer quando o Governo mandar sua emenda, terá que analisar também as questões econômicas e sociais. Elas devem estar no bojo da negociação".

Somente a Convenção nacional do PMDB, se a tese das diretas já não passar pelo Congresso, poderá, no entender do Deputado, decidir novos rumos. Ele diz: "Pessoalmente não tenho nem opinião formada sobre isto". Lembra um compromisso das oposições: "Numa reunião em 14 de março, com os partidos de oposição, OAB, Conclat, e outras entidades suprapartidárias, firmamos o acordo de que todo entendimento deverá ser feito às claras. Se o Governo não quer diretas já, que bote as cartas na mesa e explique o porquê. Talvez a Nação possa até entender".

Diálogo

Dante de Oliveira defende, também, o diálogo com "todos os setores que o desejarem, inclusive os militares". Embora não condene a entrada do Senador Affonso Camargo, secretário-geral do PMDB, no Palácio do Planalto, condena o que Camargo disse à saída: "Tudo bem ele ir lá e conversar com o General Ludwig. Agora, ir lá e sair dizendo que a emenda das diretas está sepultada é coisa de presidente da Arena, e não de secretário-geral do PMDB".

O Deputado reconhece que, mesmo aprovada na Câmara, sua emenda terá pela frente uma enorme barreira no Senado. Ele confia na força da mobilização popular: "Qual é o Senador que, na hora de votar, não vai pensar na sua reeleição, na sua candidatura ao Governo do Estado ou na continuidade através de seus herdeiros políticos?"

Quando propôs sua emenda, Dante de Oliveira já contava que ela tivesse apelo popular, mas reconhece que "não imaginava que fosse ser uma coisa tão grande, que mexesse com o país inteiro, com toda a sociedade". Para que isto acontecesse, porém, foi preciso, segundo ele, que "antes o nosso partido, no decorrer de 83, se costurasse internamente, se arrumasse".

— O doutor Ulysses teve muita visão. Ele enxergou que o ano passado ainda não era hora para a campanha, com o partido muito dividido. A campanha, assim, chegou num momento em que a resposta popular foi muito maior do que esperávamos — disse.

O deputado diz que até agora o Governo não se dispôs a negociar, "e, assim, não sabemos o que, ou com quem conversar. O Abi-Ackel pensa uma coisa, o Leitão pensa outra e o Figueiredo ninguém sabe o que pensa". Se as conversas, e as diretas, não vierem, Dante acredita que "tudo poderá acontecer, pois o povo, já frustrado financeira e socialmente, terá frustrada também a sua esperança de mudança, de novos horizontes".

Brasília — Luciano Andrade

Dante exige, apenas, um entendimento às claras com o Governo, a fim de que a Nação possa distinguir intenções de cada lado

Camargo continuará a conversar

— A conversa política não deve ser travada apenas entre os iguais. Ela tem, mais precisamente, de se fazer presente entre os contrários e não pode ser motivo de traumas.

Com essa afirmação, o secretário-geral do PMDB, Affonso Camargo, reafirma o propósito de continuar o diálogo com figuras do Governo — já esteve com o Ministro Rubem Ludwig — em busca de soluções para a crise institucional.

Camargo descarta a possibilidade da criação de um novo partido, antes do desfecho da sucessão do Presidente João Figueiredo. Mas torce para que o Vice-Presidente Aureliano Chaves consiga motivar dissidências do PDS com o objetivo de constituir uma agremiação de centro, nos moldes da UDN:

— Se isso ocorrer, o Presidente Figueiredo não terá como eleger seu sucessor e só terá como alternativa propor as eleições diretas para já. Aureliano, assim, poderá acabar se constituindo num importante artífice do restabelecimento do voto popular nas eleições para a Presidência da República.

Camargo mostra-se preocupado com o destino da emenda Dante de Oliveira, seja qual for o resultado da votação do Congresso dia 25 de abril.

INFORME JB

Profissão de morte

A crise econômica fez surgir no Rio uma nova e insólita atividade: a dos *atravessadores* de cemitérios. No *universo* funerário, são assim chamados os profissionais da vasta rede de informantes usados pelos agentes e corretores de sepultamento: motoristas de ambulância e táxi, enfermeiros, faxineiros, policiais e até parentes de defuntos. Por mês, essa gente — que sobrevive à margem da lei e da ética — fatura mais de Cr$ 30 milhões, algo perto de 15% do dinheiro (Cr$ 238 milhões) movimentados nos cemitérios do Rio.

O sufoco financeiro por que atravessa o país e o Rio, em particular, dilacerou muitos espíritos, produziu uma multidão de desempregados, originou uma infinidade de pequenos e bizarros expedientes. Mas este, de *atravessador* de enterro, é o que revela com maior impacto o beco escuro a que chegamos. Em hospitais, casas de saúde, delegacias e até no Instituto Médico-Legal esses informantes espreitam noite e dia a morte que chega, para repassar o aviso a agentes funerários. Trabalham sob tensão, em condições precárias, de olho no moribundo para ganhar os trocados que garantirão sua subsistência.

Nem chega a ser uma profissão. É, na verdade, uma deformação do estágio a que chegou o carioca desempregado para enfrentar uma vida que, de fato, está pela hora da morte. Legalizar sua situação, como pediu um dos líderes dos atravessadores, significará a institucionalização do absurdo. Ou o reconhecimento da inconsciência a que fomos submetidos pela crise.

Inconveniências

Ao saudar seu colega do México, Miguel de La Madrid, durante o jantar no Clube Naval, anteontem à noite, o Presidente João Figueiredo fugiu do texto escrito para um veemente improviso, em espanhol, em que ameaçou os países desenvolvidos.

— É chegado o momento de dizer às grandes potências que não irão escutar mais a voz isolada deste ou daquele país latino-americano. Irão escutar uma só voz — alertou Figueiredo.

Recompondo-se, voltou a falar em português sobre as "grandes inconveniências que farão México e Brasil cada vez mais próximos".

Por conveniência, De La Madrid concordou.

Funerais

O Deputado Paulo Maluf cancelou ontem parte de sua programação, no terceiro dia de sua visita a Minas, para assistir a dois sepultamentos. Pela manhã, foi a Ubá, na Zona da Mata mineira, para o enterro do ex-Governador Ozanam Coelho, voto certo do *presidenciável* Aureliano Chaves, que também esteve presente.

De Ubá, deslocou-se para Bom Despacho, a 500 quilômetros de distância, para acompanhar o funeral de Antônio de Oliveira, ex-Prefeito da cidade e irmão do Deputado estadual José Geraldo de Oliveira, também eleitor de Aureliano.

De condolência em condolência, Maluf mostra que está bem vivo.

Acordo furado

Está melado o acordo entre o PMDB e PTB, em São Paulo, que se baseava na criação da *Secretaria Extraordinária dos Negócios da Habitação* e que seria entregue aos trabalhistas. A divergência surgiu quanto à indicação de petebista que se tornaria Secretário de Estado.

O Secretário do Planejamento, José Serra, queria que o indicado fosse o Deputado estadual Eduardo Bittencourt Carvalho, economista como ele. O PTB reivindicava a pasta para um de seus deputados políticos, como seu líder na Assembléia, Augusto Toscano.

Até aqui, Serra conseguiu invalidar o acordo tentado pelo Secretário de Governo, Roberto Gusmão, sendo pequenas as perspectivas de recomposição com a bancada trabalhista.

Lucrando com a crise

Pelo menos uma categoria profissional vem lucrando com a crise brasileira: os intérpretes e tradutores juramentados em inglês. Desde que o Governo recorreu ao FMI, em novembro de 1982, e começou a negociar com banqueiros e credores internacionais, não faltou mais serviço: cinco cartas de intenções, cinco memorandos técnicos de entendimento, vários relatórios sobre o comportamento da economia e a tradução de longas discussões técnicas com representantes do Governo brasileiro e do FMI.

Há um tradutor, por exemplo, que vive rindo à-toa: é o especialista em cartas de intenções. Sozinho, já fez a versão de quatro delas, para o português e para o inglês.

Coincidências

O Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, estava em Brasília quando a Polícia Militar anunciou que o ex-Major José Ferreira dos Anjos havia fugido do quartel. Esta semana, o Governador estava novamente em Brasília quando o Deputado Eduardo Gomes, do PMDB, sofreu um atentado.

Percebendo as coincidências, Magalhães disse ontem que só irá à Capital Federal quando tiver muita coisa importante para resolver:

— Cada vez que vou a Brasília, acontecem coisas desagradáveis em Pernambuco. Qualquer dia vou deixar de ir.

O maior comício

Se for levada em conta a proporção, o maior comício já realizado no país pró-diretas aconteceu em Siqueira Campos, município paranaense de 25 mil habitantes. Lá, no dia 25 de março, o Prefeito Antônio Amaral, do PDS, reuniu na praça principal 15 mil pessoas. Ou seja, 60 por cento da população local.

Para tanto, contou com uma *mãozinha* do pároco da cidade que, taticamente, mandou desligar as antenas repetidoras das estações de TV uma hora antes de o comício começar.

Nada a negociar

Na reunião da Sudene, anteontem, só se falava em negociação entre o Governo e a Oposição, para superar o impasse criado pela sucessão presidencial. Cercado pelos repórteres para dar sua opinião, O Governador do Maranhão, Luís Rocha, que tinha acabado de afirmar que seu Estado terá este ano safras recordes, esquivou-se com uma desculpa:

— Eu não tenho nada a negociar a não ser arroz e soja.

Questão de espaço

O Governador Leonel Brizola acha que o Brasil só pode construir seu caminho democrático através do pluralismo. E para os que enxergam em seu *socialismo moreno* alguma semelhança com a Revolução Cubana, Brizola esclarece:

— A burguesia cubana está toda em Miami. Mas a nossa é muito grande, não caberia lá.

Rumo a definir

A revista inglesa *Euromoney*, especializada na organização de simpósios anuais sobre problemas econômicos europeus, prepara-se para promover seu primeiro evento fora do Velho Continente e dedicado a um só país.

É o simpósio *Brasil e o Futuro*, que vai reunir autoridades internacionais e brasileiras no Rio, para acertar os rumos do nosso país. A data escolhida será novembro, quando já teremos um Presidente à vista.

Seca e chuva

Adotado desde 1983 pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, o flagelado município cearense de Irauçuba, o segundo de menor índice pluviométrico do Brasil, vinha recebendo ajuda em forma de mantimentos. Assim, sobreviveu à seca que aflige a região há cinco anos.

Esta semana, depois das chuvas fortes que inundaram o município, provocando o rompimento de dois açudes, Irauçuba voltou a pedir socorro à comunidade judaica. Agora, não mais contra a fome.

Mas contra a chuva.

LANCE-LIVRE

• O empresário Olavo Setúbal, depois de assistir no Rio à homenagem ao Governador Tancredo Neves e de rever o ex-Presidente Ernesto Geisel, com quem não conversava há três anos, embarca amanhã para o Nordeste. Vai acompanhando o **presidenciável** Aureliano Chaves, seu candidato à sucessão.

• **O Ministro Ibrahim Abi-Ackel será empossado quarta-feira, às 18h, como membro-efetivo do Instituto dos Advogados do Brasil, em sessão presidida pelo jurista Laércio Pellegrino.**

• Leonel Brizola com 99 votos, Aureliano Chaves com 32, Tancredo Neves com 28, Paulo Maluf com 19 e Mário Andreazza 13 foram os nomes mais votados na eleição simulada para Presidente da República realizada de 25 a 30 deste mês no Hotel Nacional, durante o Congresso Interestadual de Vereadores.

• **O cineasta Humberto Mauro, figura capital do cinema brasileiro, receberá uma homenagem póstuma no 12º Festival de Gramado, dedicado à sua memória. Ano passado, o homenageado foi o ator Jardel Filho.**

• O Centro de Memória Social Brasileira, órgão da Faculdade Cândido Mendes, começou a concretizar seu projeto de recuperação e preservação dos arquivos das Ordens Terceiras, onde se encontram documentos preciosos da história do Rio de Janeiro no período de 1840 a 1889. O projeto conta com o apoio do Cardeal Eugênio Sales.

• **Em benefício da campanha "Mãos à Obra nas Escolas", exibem-se amanhã no Teatro João Caetano, em espetáculo único, às 21h, dois artistas excepcionais: Luiz Bandeira e Carmélia Alves, conhecidos como o príncipe e a rainha do baião. Boa música a serviço de boa causa.**

• O substituto do Deputado federal Ozanam Coelho, na Câmara, é Emílio Haddad, 1º-suplente do PDS mineiro, que como tal já tinha um voto na Convenção. Ele ia chefiar em Belo Horizonte o escritório do Ministro Mário Andreazza, que passa a ter mais um voto em Minas.

• **O Senador Marco Maciel não desistirá de sua candidatura presidencial porque aposta na desistência de Aureliano Chaves, confidenciava uma alta fonte no Rio. Com outra desistência, o Senador, que está em 4º lugar no rol dos** presidenciáveis, **poderia subir. E acabaria por se tornar o** quinto **nome que todo mundo espera.**

• O Deputado-Cacique Mário Juruna aproveitará a reunião das lideranças indígenas na União dos Escoteiros de Brasília para realizar um plebiscito sobre diretas e indiretas, para Presidência da República. Juruna crê nas diretas e quer ouvir o mesmo dos 400 líderes indígenas. Se não, vai ter.

• **O eclético Geraldinho Carneiro estará autografando nesta segunda-feira, no Mistura Fina, seu livro** Vinicius de Moraes, a Pala da Paixão, **biografia livre de poeta composta por outro poeta.**

• Se depender do entusiasmo do arquiteto Sérgio Bernardes, o Rio terá em breve, em circulação, o aeromóvel inventado pelo gaúcho Oskar Coester. "Passarinho não inventa, jacaré não inventa, só o homem tem capacidade de inventar. E Coester exerceu essa capacidade", ressalta Bernardes, sugerindo que o urbanista Jaime Lerner adote o aeromóvel em seu projeto de transportes para o Rio.

Tancredo já vê o PDS sem maioria

O Governador Tancredo Neves pondera que as especulações sobre a formação de um partido provisório não são do interesse direto da Oposição:

— Não há dissidências à vista na Oposição. Ao contrário — afirma Tancredo — a Oposição alcançou uma unidade inédita na campanha pelas eleições diretas.

Mas, se a formação de um novo partido não está entre as preocupações oposicionistas, é evidente que qualquer alteração no quadro político e partidário interfere nos cálculos da Oposição. Tancredo explica:

— Quem está examinando a possibilidade da formação de novo partido são os defensores da candidatura do Vice-Presidente Aureliano Chaves no PDS. Se o grupo levar o seu inconformismo com a orientação interna do processo sucessório até o desligamento da legenda, a superioridade do PDS no Colégio Eleitoral desaparecerá. Como a tendência natural da dissidência seria para compor-se com a Oposição, a situação no Colégio Eleitoral se inverteria: nós teríamos maioria.

Ressalva Tancredo que está manipulando os dados políticos que são do conhecimento de todos. A formação de novo partido para o efeito político do desligamento do parlamentar de sua legenda de origem é de extrema facilidade. Basta a publicação no Diário Oficial do documento de lançamento do partido e projeto de programa. Os parlamentares que subscreverem o documento, automaticamente se desligam do partido a que estão filiados.

— Parece um gesto inócuo, mas não é — insiste Tancredo. — A atividade política reclama as suas formalidades. Ainda que o partido provisório não possa lançar candidato, a caracterização do desligamento do partido é importante. Não apenas pela oficialização solene do rompimento partidário como pela cobertura legal, política e moral.

O Governador de Minas está convencido de que a fidelidade partidária não se aplica à eleição do Presidente e Vice-Presidente da República pelo Colégio Eleitoral. A tese já foi sustentada pelo Ministro Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República. Mas, completa Tancredo, uma coisa é a dúvida ou até a convicção pessoal; outra o preto no branco.

O novo partido provisório, oficializando a dissidência do PDS, pode se constituir num elemento fundamental para mudar todo o quadro político. Ele desestabilizaria o esquema do Governo no Colégio Eleitoral, abrindo para a Oposição a perspectiva de uma ampla composição. Tudo isto, conclue Tancredo Neves, são especulações que partem da hipótese da não aprovação da emenda das eleições diretas na votação pelo Congresso marcada para 25 de abril. Porque, aprovada a eleição direta, muda toda o país e não apenas o quadro partidário.

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Bornhausen espera diálogo

Florianópolis — O vice-presidente do PDS, Senador Jorge Bornahusen, acredita no êxito das negociações entre o seu partido e as oposições, após a votação da emenda Dante de Oliveira, porque os partidos de oposição só terão duas saídas caso a emenda não passe: tentar ganhar no Colégio Eleitoral ou negociar.

A retomada das negociações — uma vez que a dificuldade atual para um entendimento está na emenda Dante de Oliveira — acontecerá, segundo o Senador, com o encaminhamento da nova emenda pelo Governo, "uma vez que não haverá outra alternativa de encaminhamento de uma solução para o impasse político-eleitoral".

Reconhecendo que o fechamento de questão em torno da votação da emenda Dante de Oliveira fatalmente causaria uma divisão do partido no Congresso, Bornhausen observou que o PDS não ficará alheio às definições sobre a emenda: "Vai apenas adotar outros meios de ação política, contando inclusive com a proposta que o Governo vai encaminhar sobre as diretas".

Partidos no Rio confiam na sublegenda e lançam 16 candidatos a prefeito

Alguns já estão em campanha, caso do pemedebista Jorge Leite. Outros começam a elaborar até programas de Governo. Em todos os Partidos, na expectativa de que o Presidente João Figueiredo restabeleça de imediato as eleições de Prefeito das capitais, o Rio começa a contemplar, desde já, num cálculo por baixo, a mobilização de 16 postulantes à sucessão de Marcelo Alencar.

O próprio Marcelo Alencar, ex-Senador cassado no início da Revolução, acredita que possa — desincompatibilizando-se logo após a definição em torno das eleições nas capitais — trocar a incômoda posição de Prefeito nomeado pela de Prefeito eleito. Alencar, podendo disputar a Prefeitura carioca seria, de certa forma, na opinião de parlamentares ligados ao Governo do Estado e atentos às coisas que dizem respeito à administração da cidade, como José Gomes Talarico e Augusto Ariston, a melhor solução para o PDT.

O PDT

A situação do PDT na cidade do Rio de Janeiro diante de uma eventual eleição de Prefeito mostra que dois Deputados federais apenas, José Colagrossi e Brandão Monteiro, podem, se unidos, fazer candidato — ou candidatos, na hipótese de prevalecerem as sublegendas — quem bem entenderem. É que, juntos, eles detêm 70% dos delegados inscritos pelos 25 Diretórios Zonais do Partido na Capital.

Colagrossi, que foi demitido da Secretaria de Transportes no auge de uma grave crise administrativa, teria todas as condições — 149 mil 71 votos — para concorrer à Prefeitura do Rio, mas, para ganhar elegibilidade terá de transferir o seu título de eleitor da cidade serrana de Petrópolis para a Capital. O elenco de nomes disponíveis no PDT para uma eleição municipal de vulto inclui, ainda, os Deputados federais Cleber Ramos e José Frejat. Ambos foram vereadores e têm bastante vivência com os problemas mais graves da cidade.

O PMDB

No PMDB, o Deputado federal Jorge Leite, herdeiro do **chaguismo**, fez algumas contas, nas proximidades do carnaval que passou, e chegou à conclusão de que a eleição direta para as capitais, antes mesmo de restabelecidas, exigiam certa dose de determinação dos pretensos candidatos. Entrou, então, em campanha, com uma plataforma que defende o retorno da cidade à sua antiga vocação turística. Leite prega, ainda, o Rio-Dólar — a transformação da capital fluminense num importante centro financeiro — e já tem ao seu lado alguns dos mais importantes colaboradores do ex-Prefeito Marcos Tamoyo.

O Deputado federal Márcio Braga, ex-presidente do Flamengo, completa o quadro de postulantes pemedebistas, juntamente com o Deputado estadual Atila Nunes, que foi por duas vezes consecutivas o parlamentar mais votado para a Assembléia Legislativa do antigo Estado da Guanabara. Não pode ser desprezada, ainda, no PMDB, a hipótese do lançamento de um candidato que represente as correntes de esquerda do partido, prevalecendo as sublegendas.

O PDS

A grande expressão eleitoral do PDS, hoje, em terras cariocas, é o Deputado federal Rubem Medina (221 mil 705 votos), secundado pelo Deputado estadual Heitor Furtado (54 mil 734 votos). Mas, na corrida pela Prefeitura do Rio, quem saiu na frente foi o Deputado estadual Ítalo Bruno (38 mil 208 votos), um filho de emigrantes italianos que tem boa penetração nas áreas ligadas ao futebol carioca. Bruno jogou no Fluminense e, ao seguir a carreira política, acabou se tornando uma espécie de representante dos jogadores de todos os clubes na Assembléia Legislativa.

Esta semana, reafirmando sua condição de defensor intransigente das eleições diretas, Ítalo Bruno lançou sua candidatura à Prefeitura do Rio, da tribuna da Assembléia. E não fez por menos: divulgou um mini-programa com prioridades para a criação de uma Polícia Municipal, o fortalecimento das Regiões Administrativas, iluminação total da Avenida Brasil e implantação de um **campus** universitário na Zona Oeste da cidade.

O PTB

O PTB poderá dispor, segundo seu presidente regional, Paiva Muniz, da própria professora e jornalista Sandra Cavalcanti, que o representou nas eleições de Governador, em 1982, chegando em quarto lugar. É candidato declarado pelo partido, no entanto, o Deputado Francisco Horta, seu ex-líder na Assembléia, que vem recebendo boas cotações de pesquisas de opinião pública encomendadas pelo PDS e PMDB. Fecham o quadro, o Deputado Leôncio Vasconcelos, com uma boa atuação na Secretaria de Estado de Administração, e o Deputado Romualdo Carrasco, crítico do Governador Leonel Brizola no Legislativo fluminense.

O PT

Não houve, ainda, uma manifestação clara das lideranças do PT no Rio sobre a disputa da Prefeitura do Rio. Como a tática do pequeno partido, de fortes conotações ideológicas, tem sido a de disputar toda e qualquer eleição para marcar posição e permitir o avanço de Lula — seu principal líder — em nível nacional, uma eleição para a Prefeitura carioca certamente colocará os petistas na rua.

Para a eventualidade da disputa do cargo de Prefeito do Rio, o ex-líder estudantil Wladimir Palmeira, derrotado ao Senado pelo Estado, em 82, pode ser uma boa opção. Pretendendo renovar, o PT terá, por outro lado, as alternativas da candidatura da Deputada Lúcia Arruda ou da Vereadora Benedita da Silva, com a vantagem de manterem inalteráveis seus atuais mandatos, se derrotadas.

ROGÉRIO COELHO NETO

PDS gaúcho se reúne com Jair por eleição

Porto Alegre — Na expectativa de eleição direta para prefeitos das capitais, as seções gaúchas dos partidos já estão se mobilizando para debates e composições. O Governador Jair Soares acertou, por exemplo, para dia 6 uma reunião com o Prefeito João Dib, os 23 deputados estaduais e os novos vereadores do PDS na capital do Rio Grande do Sul.

A reunião-almoço convocada por Jair Soares não terá a presença dos deputados federais, que não poderão afastar-se de Brasília, naquele dia, mas terão um encontro em separado com o Governador, em outras datas. Também os partidos oposicionistas já realizaram uma série de reuniões informais, visando a tentar, pelo menos, desta vez, uma unidade, com a escolha de um único nome como candidato, embora políticos do PMDB e do PDT já tenham candidatos próprios para prefeito.

O mais antigo candidato a se autolançar é o ex-Deputado federal (não reeleito) Aluísio Paraguassu, do PDT, que distribuiu **posters**, panfletos e colou **out-doors** com seu nome para prefeito. Os pedetistas ainda têm, como principais nomes, o candidato (derrotado) a Governador, o ex-Deputado Alceu Collares, o mais votado na capital; e o ex-Prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise.

Já no PMDB, um Deputado estadual Francisco Carrion Jr, que vem mobilizando vilas da cidade, e os deputados federais José Fogaça e Ibsen Pinheiro são os principais candidatos. O vereador, agora prefeito, João Dib, já prometeu, por sua vez, renunciar e concorrer ao pleito, tão logo a eleição direta seja convocada.

Pressão por diretas atinge até a família de deputados

Brasília — Três meses de recesso parlamentar e uma paciente visita aos seus redutos eleitorais foram suficientes para que, de volta ao Congresso, o Deputado José Lourenço (PDS-BA) tomasse duas atitudes: entrar para o grupo Pró-Diretas e optar pelo **presidenciável** Aureliano Chaves. "Ou fazia isto ou não me reelegeria em 1986", pondera o deputado, que como vários outros parlamentares governistas cedeu às pressões do eleitorado que representa e votará a emenda restabelecendo a eleição direta para Presidente em 1984.

As pressões sobre os parlamentares governistas vem de vários lados, mas seguem uma certa lógica: para os deputados do Norte e Nordeste, elas são mais eficazes se vem das bases partidárias; para os do Centro-Sul, as que vêm diretamente de seu eleitorado. E, venham de onde for, os pedidos para que eles apóiem a emenda Dante de Oliveira chegam de todos os lugares do País pelo correio, diariamente, direto aos seus gabinetes.

Correspondências

"O povo quer um novo halo (sic) de vida, acordar com uma nova esperança e ver brilhar um novo sol. E como o céu está nublado, né? Eleições diretas, tá?" três frases amenas e, em seguida, a assinatura do eleitor do PDS José Rocha em carta ao Deputado federal Adail Vettorazzo (SP), completam o pedido para que ele vote o pleito direto para Presidente. E, como ele, eleitores comuns, associações de classes, câmaras municipais e até chefes políticos municipais encaminham milhares de cartas ao Congresso Nacional.

Quase todas têm o mesmo mote: a eleição direta ainda este ano. E transcendem as barreiras políticas. O Deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT), autor da emenda que restabelece já o pleito direto e será votada no dia 25 de abril, recebeu inúmeras correspondências.

As cartas não são a única forma de pressão, contudo, e as Câmaras de Vereadores também têm se mobilizado nesta luta, com a ajuda dos vereadores do próprio PDS. No município de Jales, em São Paulo, a Câmara pediu formalmente esclarecimentos dos três deputados votados na região — Adail Vettorazzo, Octacílio Alves de Almeida e Roberto Valle Rolemberg — sobre as suas posições em relação à matéria. E a bancada do PDS em São José do Rio Preto assinou, toda ela, um documento enviado aos deputados federais paulistas, informando que era favorável ao pleito.

As pressões das bases políticas — vereadores, prefeitos, chefes locais —, de acordo com deputados que integram o movimento Pró-Diretas do PDS, têm um poder maior de persuasão sobre os parlamentares governistas eleitos pelo norte e/ou nordeste. O mais forte exemplo é o do Deputado Manoel Gonçalves (PDS-CE): o prefeito do município de Maranguape ameaçou retirar o apoio político, que na última eleição rendeu-lhe 10 mil votos.

Gonçalves não é o único. Outro cearense, Furtado Leite, que hoje cumpre seu sétimo mandato, é adepto da candidatura Paulo Maluf mas resolveu votar a emenda Dante de Oliveira: "Entre a perspectiva de não votar a me reeleger e a eleição direta, fico com a eleição direta", justifica-se.

Mas é a pressão popular que pesa sobre o voto de deputados de Estados do Centro-Sul do País. "Eu sou candidato a prefeito. Como posso votar contra as eleições diretas?", indaga Rubem Medina (PDS-RJ).

Situação mais crítica, todavia, é a do Deputado Simão Sessim, também do Rio de Janeiro. Seu filho cursa o segundo ano de Medicina da Universidade Federal do Estado e, há pouco, seus colegas descobriram que é filho de um deputado do PDS. Desde então, não teve mais sossego. "Ele me pediu pelo amor de Deus para que eu me pronunciasse de qualquer maneira", conta Sessim, justificando o fato de seu nome ter sido repentinamente incluído na lista dos adeptos do grupo Pró-Diretas, semana passada.

MARIA INÊS NASSIF

Presidentes de federações de indústrias preferem Aureliano

Brasília — Regado a uísque Dimple e à base de **stroganoff** de frango ao molho roti e lagarto, o jantar terminou à meia-noite de quarta-feira. Em um cesto de pão ficaram depositados 25 votos. Vinte deles eram para o Vice-Presidente Aureliano Chaves; três para o Deputado Paulo Maluf e dois para o Ministro Mário Andreazza. Eleitores e comensais: os poderosos presidentes das federações estaduais da indústria e integrantes do Conselho da Confederação Nacional da Indústria.

O presidente da CNI, Senador Albano Franco, que ao meio-dia da mesma quarta-feira havia comandado um almoço de 150 industriais, na sede da entidade, para conhecer o programa do **presidenciável** Paulo Maluf em relação ao setor, compareceu também ao jantar, mas absteve-se na votação.

Tendência

A eleição simulada, no Restaurante Bonapetit, que reuniu, além de Franco, 18 dos 22 presidentes de federação e membros do Conselho da Confederação, refletiu com exatidão a tendência atual dos representantes maiores da indústria. À tarde, aguardando o almoço para o Deputado Maluf, seis presidentes de federação, com uma lista dos 22 dirigentes estaduais à mão, apontavam as preferências de cada um deles.

Concluíram que 80 por cento — percentual referendado no jantar estão com o Vice-Presidente da República, que tem na quase totalidade dos estados do Centro-Sul sua maior base de apoio. De acordo com os seis, apenas a Federação de Goiás, presidida por José Aquino Porto, estaria com o Deputado Paulo Maluf na região Centro-Sul.

Maluf, ainda de acordo com os mesmos dirigentes, tem também os votos do Pará, onde o Senador **malufista** Gabriel Hermes, vice-presidente da Confederação, mantém sob vigilância o presidente-interino, Altair Correia Vieira, um **aurelianista**. O terceiro voto do Deputado, dizem os industriais, seria de Antônio José de Morais Souza, presidente da Federação do Piauí. Os dois votos do Ministro Mário Andreazza estão no Nordeste, garantem os seis presidentes de federação.

Em Pernambuco, seguramente, não é. Gustavo Perez Queiroz, dentre os presidentes ouvidos pelo JORNAL DO BRASIL, foi o único a declinar seu voto publicamente: "Meu voto é para o Aureliano, a não ser que o Marco Maciel seja o candidato. Apoiando o Vice-Presidente, estão pelo menos 80 por cento dos companheiros". Perez afirmou ainda: "Estão todos em cima do muro em função da posição indefinida do Aureliano na corrida sucessória, e ninguém entre num páreo deste para perder, mas o candidato é ele."

Luís Eulálio Bueno Vidigal, presidente da poderosíssima Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a FIESP, dizia na mesma quarta-feira: "A maioria está em cima do muro, ou está quieta". Ele não quis falar sobre preferências. O seu vice-presidente na FIESP, Mário Amato, está com Maluf, mas Vidigal não se negou a abordar o favoritismo de Aureliano Chaves em meio ao grande empresariado na indústria paulista: "Eu não sei, mas é o que se fala por lá".

Segundo

Pragmáticos, como eles mesmos se definem, o candidato alternativo dos industriais, no atual quadro sucessório, é o Deputado Paulo Maluf. O presidente da Federação de Sergipe, Idalito de Oliveira, fiel seguidor do presidente da CNI, Albano Franco, dizia após o discurso de Maluf aos empresários, na quarta-feira: "A gente, em Sergipe, espera a definição do Presidente da República e do Senador", e confessava: "O Maluf é uma cascata de conhecimentos, não?".

O Senador Albano Franco, defensor do consenso "como saída para o país", ou das "eleições diretas se o consenso não vier", evita pronunciar-se sobre a sucessão e os **presidenciáveis** mas, conforme três dos seus assessores, o próprio roteiro e cardápio dos almoços oferecidos aos **presidenciáveis** evidenciam sua posição. Em janeiro, no almoço para ouvir o Ministro Andreazza, Albano incluiu uma apimentada defesa das eleições diretas — processo que o presidenciável condena.

Na quarta-feira, o presidente da CNI leu para o Deputado Maluf um incisivo arrazoado econômico, e um morno discurso político. Em abril, a Confederação recebe o Senador Marco Maciel e, ainda em data a ser marcada, mas possivelmente em junho, será a vez de Aureliano Chaves. "Será a apoteose, próxima à Convenção?". A pergunta, de um empresário, arranca apenas um sorriso de Albano. Gustavo Perez, adverte: "Não podemos perder o **timing**; não vai adiantar sair do muro quando o Aureliano não precisar mais do apoio de ninguém".

Albano Franco lembra que "numa sucessão fechada, a indústria pouca influência pode ter". Certamente por isto, também, ele defende o "consenso".

ROBERTO FERNANDES

Arquivo — 3/1/84 — Almir Veiga

Vidigal: "Maioria dos empresários não se definiu"

Brasília/Marcos Barbosa

Ajudado por diligentes funcionárias, Aureliano não deixa uma só carta sem resposta

Andreazza tem mais um escritório

Belo Horizonte — Sem nenhuma programação especial, os adeptos da candidatura Mário Andreazza vão inaugurar, esta semana, na Rua Fernandes Tourinho, 647, a poucos quarteirões do Palácio da Liberdade, o escritório mineiro de campanha do Ministro do Interior. Andreazza não estará presente. Em Minas, quem dirige os seus movimentos de **presidenciável** é o Deputado Emílio Haddad.

Haddad é primo da mulher do ex-Governador Francelino Pereira e antes do fim do bipartidarismo, como militante da oposição, chegou a liderar a bancada do extinto MDB na Assembléia Legislativa de Minas. A finalidade do escritório que Haddad chefiará será a de dar "apoio logístico à campanha, servindo de conduto para o encaminhamento de reivindicações do PDS do Estado ao Governo federal.

INTENÇÃO

O chefe do escritório de Andreazza informou que não haverá qualquer discriminação de deputados que apóiam o Vice-Presidente Aureliano Chaves ou o ex-Governador Paulo Maluf no encaminhamento de quaisquer assuntos de natureza política:

— O escritório foi feito para contatos políticos e não administrativos. Por isso, só encaminharemos assuntos administrativos quando houver solicitação expressa do interessado.

EXPANSÃO

O 1º vice-presidente do PDS fluminense, Deputado Alair Ferreira, informou, no Rio, que o Ministro Mário Andreazza, daqui em diante, vai contar com escritórios de campanha na maioria das Capitais de Estado. Ele mesmo providencia, no momento, a montagem de um escritório carioca, em ponto central da cidade.

Andreazza, segundo ainda Alair, já tem promessa de amigos paulistas e gaúchos, de apoio logístico permanente, todas as vezes em que visitar São Paulo e Rio Grande do Sul. Na Bahia, conforme explicou o ex-Governador Antônio Carlos Magalhães, "Andreazza poderá dispor da própria sede do PDS do Estado, porque recebe o apoio de mais de dois terços dos convencionais baianos". Alair e Antônio Carlos julgam importantes os escritórios regionais para que a campanha do Ministro seja abrangente.

Eleitora dá "fórmula" para Maluf eliminar concorrentes

Brasília — No último dia 9, o **office-boy** Chico, encarregado, no escritório eleitoral do Deputado Paulo Maluf, de despachar e receber a correspondência, chegou da agência dos correios com 204 cartas destinadas ao Candidato e uma à sua mulher. Assinada por Maria B.T., moradora da Rua Barão do Flamengo, no Rio de Janeiro, a carta confidenciava uma fórmula infalível, a ser preparada exclusivamente por Dona Sylvia Maluf para fazer do seu marido o Presidente da República.

"Pegue uma garrafa de pinga virgem, abra e ponha lá dentro retratos dos outros três presidenciáveis e de mais alguém que possa prejudicar o Dr. Maluf. Pode ser fotografia de jornal. À noite, escurecendo, para não ser vista, enterre esta garrafa no campo, na direção do Palácio do Planalto (...). O dia que a pinga desmanchar todas as fotografias, será o dia da vitória". Prontamente, o escritório despachou uma resposta agradecendo a sugestão, mas omitindo qualquer intenção de executar a receita.

"Slogans"

Agradecer sugestões, mesmo sem incorporá-las à campanha, é ultimamente a tarefa mais comum dos quatro escritórios eleitorais de candidatos à Presidência da República, que recebem em média 250 (escritórios de Maluf e Aureliano), 80 (o de Andreazza) e 30 (de Marco Maciel) cartas por dia. Apesar dos pedidos de emprego, ajuda financeira, aparelho para surdez e até caminhão, a maioria das cartas, procedentes de todos os pontos do Brasil, traz sugestões para plano de Governo ou desinteressado apoio aos candidatos.

O escritório de Aureliano, onde cinco secretárias datilografam o dia inteiro as respostas do candidato, é o campeão no recebimento de sugestões de **slogans**. "Aureliano é garantia de trabalho construtor, com decência e harmonia, pois não é subornador", foi a sugestão enviada de Vitória (ES) por Theófilo da Silveira, que até já se encarregou de imprimir um panfleto para divulgação do **slogan** em sua cidade.

"Se pensarem bem, Aureliano e Maciel é a dupla que convém", foi a sugestão de Wilson Correia, morador de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, outro simpatizante. As respostas expedidas pelo escritório agradecem cordialmente essas sugestões, com promessas — não cumpridas — de incluí-las na campanha. Em geral, são muito fracos os **slogans**, quando não de mau gosto.

"1986 — o ano Chaves" — é uma das idéias desaprovadas pelo escritório, que só rejeitou com mais energia um **slogan** sem palavras, mas apenas com o desenho de uma orelha e duas chaves, numa alusão a "Aureliano Chaves". O sobrenome do Vice-Presidente é definitivamente um convite a **slogans**. Exemplo de resultados: "Inflação? Eleição? Com Aureliano as chaves da solução", ou "basta de confusões e entraves. Para Presidente, Aureliano Chaves".

Apoio

Mas se os **slogans** não são animadores, o escritório de Aureliano se orgulha das cartas com inesperadas mensagens de apoio. O investigador de polícia Abel Nunes da Silveira, de Araraquara (SP), oferece-lhe 441 votos obtidos quando se candidatou a vereador e foi derrotado nas eleições de 1982. Vladimir Fernandes, aspirante do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva), está encantado com sua candidatura, e o oficial da reserva da Marinha José dos Santos Viegas comunica que se enfileira com os ex-ministros Maximiano da Fonseca e Augusto Rademaker Grunewald para dar sustentação ao candidato.

E mais: os diretórios municipais do PMDB em Sarutaiá (SP) e Castilho (SP) escreveram ao Vice-Presidente congratulando-se com suas manifestações de apoio às eleições diretas. "O problema não é o homem certo, são as eleições diretas", exultou o presidente do Diretório de Sarutaiá, Lauro Barroso. Assinada por Cileno de Castro, chegou uma carta estimulando a dissensão no já difícil relacionamento entre Aureliano e o Presidente da República: "Já que Figueiredo não teve o dever de gratidão pela sua maneira leal, eficiente e patriótica, quando o substituiu, Vossa Excelência não lhe deve qualquer obediência partidária".

Funcionando há dois meses, o escritório do Ministro Mário Andreazza tem igualmente recebido cartas estimulantes, a mais festejada delas despachada do Iraque por Severino Luciano Rodrigues, operário cearense, empregado da Construtora Mendes Júnior, cujo proprietário continua indefinido. Severino trabalha há quatro anos na construção de uma ferrovia, mas arranjou tempo para escrever a Andreazza, a fim de emprestar-lhe o seu "humilde apoio".

Ele acha que se o Ministro se eleger, "açudes e estradas não faltarão", fazendo porém uma ressalva: "Se Padre Cícero e Nossa Senhora da Aparecida quiserem". No mesmo dia em que chegou a carta foi expedido do escritório um envelope contendo material de campanha para Severino distribuir no Iraque.

De acordo com Paulo Goiás, 34 anos, encarregado da revisão das respostas redigidas por outros quatro funcionários, têm chegado ao escritório muitas cartas pedindo ao Ministro que interceda junto ao BNH para o parcelamento de prestações e para a aquisição de casas devolvidas por mutuários inadimplentes. "Por incrível que pareça, até agora não recebemos nenhuma carta de mutuário pedindo para devolver a casa adquirida", rejubila-se Paulo Goiás.

Outro catalisador de sorrisos para o escritório veio com a carta do Diretório da Juventude Democrática Social da Paraíba. O documento louva a candidatura Andreazza sobretudo por propiciar "continuidade ao processo de reabertura política, com a certeza de eleições diretas durante o próximo período administrativo para as prefeituras das capitais e para a Presidência da República". Mais estimulantes que isso, só as cartas dos economistas Paulo Chacon, Nélson da Silva dos Anjos e Armando Cecanecchia, que se dispõem a trabalhar no plano de Governo do candidato.

O escritório se envaidece também da carta recebida de João Cavalcante Pequeno, um ex-combatente da FEB, que torce pelo vitória do Ministro. João Cavalcante assegura, conforme a carta, que teve uma "visão" do Ministro eleito e sentencia: "A pessoa de Vossa Excelência já pode se considerar eleita. As minhas previsões nunca falharam". A única falha no otimismo dessa carta está no endereço do remetente. A carta veio do Sanatório de Planaltina, cidade situada a 35 quilômetros de Brasília.

Advertências

Além da carta de Dona Maria B. T., com sua receita de vitória eleitoral, o escritório de Paulo Maluf coleciona outras excentricidades. O eletricista José Feliciano Coelho, de Governador Valadares (MG), mandou uma carta dizendo que também é candidato a Presidente da República e que espera o apoio de Maluf "para transformar o Brasil numa potência".

Reynaldo de Barros (homônimo real ou fictício do ex-prefeito de São Paulo e amigo de Maluf), se diz morador da Avenida São João, na Capital paulista, e parabeniza o candidato pelo apoio à emenda Dante de Oliveira, que restabelece eleições diretas já e que, na verdade, se constitui hoje num dos pesadelos de Maluf. Manoel Luís Carvalho da Silva mandou-lhe dizer de Pelotas (RS) que está montando um modesto circo para fazer campanha em seu favor.

De Marialva (PR), o professor José Francisco da Silva alerta Maluf para não se descuidar das escaramuças políticas: "O que importa é trabalharmos logo, prevendo uma reviravolta da possível fusão Aureliano-Tancredo. Olhe que mineiro é fogo". Mas o assunto mais freqüente nas cartas é o pedido de ajuda financeira.

"Mande-me um microtrator e uma **pick-up** a álcool", pede Francisco de Sousa, de Buriti dos Lopes (PI). "Peço-lhe uma ordem de comprar um caminhão para meu marido trabalhar", apela Lionete Araújo, de Fortaleza (CE). "Compre-me um apartamento de três dormitórios", sugere Dario Martins Dias, de Porto Alegre (RS). "Infelizmente não há condições de atender", é a resposta a todas essas cartas.

TERESA CARDOSO

Assembléias definirão em maio delegados ao Colégio

Todas as 23 Assembléias Legislativas — 12 dominadas pelo PDS, nove pelo PMDB, uma pelo PDT e outra (Mato Grosso do Sul) com a maioria dividida entre pedessistas e pemedebistas — começarão a definir, em maio, seus delegados ao Colégio Eleitoral que escolherá, em Brasília, no dia 15 de janeiro de 1985, prevalecendo as eleições indiretas, o sucessor do Presidente João Figueiredo.

Cada facção majoritária em Assembléia Legislativa escolherá seis delegados ao Colégio Eleitoral. No Nordeste, onde o PDS fez os Governadores e as bancadas majoritárias nos Legislativos de seus nove Estados, o partido do Governo garantiu 54 delegados. O grande problema é saber quem fará os seis delegados de Mato Grosso do Sul, Estado com uma Assembléia composta de 24 representantes, na qual o PDS e o PMDB dividiram as cadeiras disputadas em novembro de 1982.

Nos Estados onde o PMDB fez a maioria das Assembléias Legislativas a tendência dos seus dirigentes é a de fazer delegados ao Colégio Eleitoral os seus deputados mais votados. A inclinação de parte do partido de que, esgotadas as possibilidades da realização das eleições diretas este ano, deveria levar os pemedebistas a se desinteressarem pelos procedimentos legais que convalidam o pleito indireto, não agrada, por exemplo, a Minas, Amazonas, Goiás e Paraná.

Os mineiros, com liderança junto à direção nacional do PMDB, alegam que o partido, diante das perspectivas de divisão da maioria do PDS no Colégio Eleitoral, deve continuar a luta pelo restabelecimento imediato das eleições diretas, mas sem perder de vista a possibilidade de ganhar o Governo até pela via indireta.

DEGELO
COM PREÇOS CORTADOS
SÓ QUEM CORTA CUSTOS E LUCRO, PODE VENDER MAIS BARATO
TELEVISORES
PHILIPS MOD. 20 CT 6000 51 cm. 20" - 8 teclas de sintonia 399.500,
PHILCO MOD. 1601 35 cm. 16" - Tricontrol, tecla VTR 375.900,
SHARP MOD. TVC. 1484 36 cm. 14" - Linytron - CONTR. REMOTO 419.000,
NATIONAL MOD. T.C. 141 355 m/m 14" - Sintonia AFT 335.900,
SANYO MOD. 3722 36 cm. 14" Tecla AFT 334.900,
PHILCO PORTÁTIL B. 265 31 cm. 12" Base giratória 121.290,
PHILIPS PORTÁTIL TX 1502 31 cm. 12" - Tecla solar 149.600,
GELADEIRAS
BRASTEMP TRIPLEX Mod. 43 T. 3 Portas - 440 litros 464.900,
FRIGIDAIRE DUPLEX LUXO Mod. 44-D - 440 litros 375.000,
CONSUL SENIOR LUXO Mod. 2847 - 280 litros 164.700,
CONSUL LUXO T. FORMICA Mod. 1557 - 146 litros 133.900,
SUPER CONGEL. CONSUL Mod. 1257 - 115 litros - Luxo 170.800,
CONGEL. PROSDÓCIMO Mod. CC. 21 - 160 litros 235.900,
PRODUTOS BRAUN
BARBEADOR C/BIVOLTAGEM Prático, leve, fácil de usar 38.510,
MISTURADOR MINIPIMER Bate, tritura, liquidifica e mistura 25.640,
CONJUNTO PARA BELEZA Beauty Care c/aces. para massagem 11.140,
MODELADOR ALISAD. PRONTO Mantém bonito o seu penteado 11.830,
SECADOR ULTRA-RÁPIDO Portátil, porém de grande potência 10.490,
BALANÇA DE COZINHA EXATA Pesa tudo que v. precisa 8.860,
SECADOR MODELADOR STYLER Bivoltagem. Modela, alisa c/acessórios 17.670,
VENTILADORES
TURBO CIRCULADOR ARNO 40 cm. - 3 velocidades, grade giratória 39.500,
VENTILADOR G. ELETRIC 30 cm. 12" luxo, oscilante 27.230,
VENTILADOR G. ELETRIC 40 cm. 16" Luxo, oscilante 37.520,
VENTILADOR FAET SUPER Mod. 1035 - 25 cm. 10" oscilante 22.670,
VENTILADOR ARNO JUNIOR 20 cm. Inclina para frente e para a trás 9.100,
CIRCULADOR FAET BRIZO Mod. 1075 - grade removível 24.650,
ALÉM DOS ARTIGOS AQUI ANUNCIADOS, MUITOS OUTROS COM PREÇOS CORTADOS.
PRODUTOS ARNO
ASPIRADOR DE PÓ SUPER Portátil c/acessórios completos 39.100,
ENCERADEIRA UMA HASTE Esmaltada 34.200,
PIPOCADOR AUTOMÁTICO Prepara até 6 litros de pipoca 28.700,
IOGURTEIRA ELETRÔNICA Faz iogurte como v. gosta 21.450,
ABRIDOR AFIADOR AUTOMÁT. Dupla utilidade 20.100,
TOSTADOR MULTITOST Para todos os tipos de pão 26.320,
CAFETEIRA ELÉTRICA Prepara de 2 a 12 cafezinhos 16.150,
BATEDEIRA CIRANDA Portátil 17.150,
SECADOR ELIELA Portátil, 650 w. de potência 8.900,
ESTE ANÚNCIO ERA DE 2 PÁGINAS. AGORA, UMA SÓ. CUSTO CORTADO PARA VOCÊ COMPRAR MELHOR.
AR CONDICIONADOS
PHILCO MOD. 35M 12.000 BTU. 3500 Kcal/h. 110/220 V. 445.900,
CONSUL MOD. 1711 7.000 BTU. 1.750 Kcal/h. 3/4 HP. 110 V. 237.700,
CLIMAX MOD. 071 7.000 BTU. 1.750 Kcal/h 3/4 HP. 110 V. 225.540,
BRASTEMP MOD. 17 F 7.000 BTU. 1.750 Kcal/h 3/4 HP. 110 V. 258.200,
PRODUTOS WALITA
ASPIRADOR DE PÓ Luxo - Portátil 43.990,
NOVA ENCERADEIRA Grande escova. Cromada 44.060,
LIQUIDIFICADOR LS. 200 8 velocidades, ultra-rápido 16.950,
WALITA MIX Mistura, bate, mói e dilui 17.610,
ESPREMEDOR DE FRUTAS 050 - Leve e prático 11.830,
FERRO AUTOMÁTICO Uma temperatura para cada tipo de tecido 7.240,
FOGÕES
CONTINENTAL 2001 CAPRICE INOX. 4 queimadores. T. Cristal 168.500,
BRASTEMP ADVANCED 51-P 4 queimadores, forno automático 124.380,
SEMER RIVIERA Mod. 1020 - 4 bocas - Luxo 31.740,
PRODUTOS PHILIPS
RÁDIO GRAVADOR AR. 228 AM/FM - Dois alto-falantes 89.500,
TOCA FITAS ESTÉREO AC 750 - OM/FM. Transposição aut. 86.400,
RÁDIO PORTÁTIL FM. Mod. 150 - Duas faixas de onda 25.500,
GRAVADOR MINICASSETE N. 2233 - Pilha e Luz 29.600,
RÁDIO ESTÉREO PORTÁTIL AL 020 - Acompanha fone de ouvido 29.180,
MODELADOR SUPER MIL Fio giratório, duas temperaturas 17.670,
DIVERSOS
VIDEO CAMARA SHARP QC. 70 - Microfone Boom, lentes Zoom 2.290.000,
DEPILADOR LADYSHAVE A maneira de v. ficar lisinha e macia 37.500,
BARBEADOR PHILI SHAVE HP 1133-5 - 36 lâminas. Dupla voltagem 45.900,
MÁQUINA SINGER PORTÁTIL Mod. 188/331 c/motor e maleta 59.240,
SANYO SYSTEM ATR. 10 T. Discos, grav. Stéreo, amplificador 298.000,
MÁQUINA OLIVETTI Mod. Underwood 198 - escritório 169.900,
STEREO M. CENTER PHILIPS AH. 920 - 3 X 1 c/caixas 188.000,
CONJUNTO DE SOM GRUNDIG Stéreo Mod. 322 AM/FM c/Caixas 94.430,
DUPLICADOR FACIT ÁLCOOL Mimeografa até 500 cópias p/matriz 80.950,
TORRADEIRA FAET Mod. 607 - 10 graduações 19.700,
ESPREMEDOR FAET Mod. 700 - Funcionamento simples 8.850,
BATERIA MARMICOC 29 Peças, Polida 44.450,
PANELA MARMICOC 2 1/2 litros c/válvula 8.500,
MÁQUINA REMINGTON Mod. 150 - Escritório c/tabulador 145.500,
PURIFICADOR DE AR NAUTILUS Mod. III-800 SL. O mais avançado 52.900,
SOM E VÍDEO
RÁD. GRAV. NATIONAL RX 1454 AM/FM Dupla fonte de alimentação 86.030,
RÁDIO REL. NATIONAL RC. 4895 Digital, dois sistema de alarme 70.790,
RÁDIO GRAVADOR SHARP GF. 1770. Auto Stop. Microfone embutido 89.000,
RÁDIO GRAVADOR SHARP GF. 2500 - Auto Stop, dois alto-falant. 107.900,
TOCA FITA SHARP RG. 7050 - Stéreo - Auto reverse 165.000,
RÁDIO GRAVADOR SANYO Mod. 1700 F. O menor do Brasil 86.030,
RÁDIO PORTÁTIL SANYO Mod. 1250 OM. c/alça 9.690,
VIDEOGAME DISMAC Grátis 1 cartucho 209.500,
HEADPHONE MAGNOVOZ HS-500 Estéreo - Super leve 4.900,
CARTUCHOS PARA VIDEOGAME Philips, Atari, Intellivision, Dismac a partir de 12.900,
FITA VIDEOCASSETE BASF T-120 - VHS - CROMO 25.250,
SECRETÁRIA ELETR. CCE Única autorizada p/Telerj/Cetel 179.500,
T. DECK TELEFUNKEN E CCE C/Equalização - Metal, Cromo, normal 119.900,
CONJUNTO 3 x 1 CCE 100W Receiver - T. Discos - Deck - 2 Caixas 273.700,
MICRO SYSTEM CCE MS-5 ESTÉREO C/ 2 GRAVADORES Receiver AM/FM, Deck e 2 caixas 195.630,
SYSTEM CCE SS-140 100W AMPLIFICADOR C/SINTONIZADOR AM/FM TOCA DISCOS Belt drive TAPE DECK Metal, cromo, normal 2 CX. ACÚSTICAS e EST. RACK 337.900,
SYSTEM SONY BX-2000 DIGITAL RECEIVER AM/FM com memória TOCA DISCOS Belt drive DECK DIGITAL Dolby c/seletor 2 CAIXAS e ESTANTE rack 764.800,
SYSTEM PHILIPS 929 MCC 160w RECEIVER AM/FM 160w (PMPO) TOCA DISCOS DC Drive T. DECK control p/microcomputador 2 CX. ACÚSTICAS e ESTANTE RACK 337.900,
SYSTEM SHARP 120w AMPLIFICADOR c/120w (PMPO) SINTONIZADOR AM/FM Estéreo TOCA DISCOS Belt drive TAPE DECK Sistema Dolby NR 2 CX. ACÚSTICAS e ESTANTE RACK 377.700,
CINE-FOTO
CONJ. C/CÂMARA KODAK 177 C/filme colorido e Flash 18.900,
FILMES FOTOGRÁFICOS COLOR 110,126 e 135, c/vencimento longo 2.230,
FILME KODAK PR-10 COLOR P/Câmaras Instantâneas c/venc. longo 16.900,
FILME POLAROID SX-70 Colorido-instantâneo-c/venc. longo 15.750,
CÂMARA POLAROID 1000 INSTANTÂNEA - Revela na hora 39.700,
CÂMARA MIRAGE 35 mm EF-35A C/FLASH ELETRÔNICO EMBUTIDO 89.100,
CÂMARA WERLISA 2000 35 mm - Permite várias regulagens 64.900,
PRESENTES E UTILIDADES
FAQUEIRO WOLFF 24 PÇS. Aço INOX 3.520,
FAQUEIRO WOLFF 51 PÇS. Aço INOX 7.530,
FAQUEIRO HÉRCULES 101 PÇS. Aço INOX 26.900,
CONJUNTO 5 FACAS COZINHA MUNDIAL 0505 - aço INOX 3.990,
CONJ. PISOBREMESA NADIR C/I saladeira grande e 6 pequenas 4.310,
CONJ. 6 TAÇAS C/COLHERES ART-PRATA - aço INOX 15.600,
AP. WOLFF CHÁ CAFÉ LEITE 7 PÇS. Aço INOX - Com bandeja 32.400,
AP. FRACALANZA 7 PÇS. Chá, Café, Leite - Aço INOX - c/bandeja 36.600,
BAIXELA FRACALANZA 8 PÇS. Aço INOX 16.900,
BAIXELA MERIDIONAL 11 PÇS. Altíssimo luxo - Aço INOX 65.600,
APARELHO GOYANA 30 PÇS. JANTAR, CHÁ, CAFÉ - Várias cores 22.400,
APARELHO GOYANA 48 PÇS. JANTAR, CHÁ, CAFÉ - Várias cores 32.500,
CONJ. 6 PANELAS MARMICOC COM TEFLON II - Esmaltadas - coloridas 55.700,
CONJ. 6 PANELAS ÁGATA Lindamente decoradas - mod. 961 42.110,
JARRA PARA ÁGUA WOLFF LORENA - Aço INOX 11.150,
ENTREGAMOS EM TODO ESTADO DO RIO
CALCULADORAS
SHARP DE BOLSO 8 dígitos - √- % - memória 11.880,
MONROE MS-80 8 dígitos - % - √- memória 8.790,
DISMAC HF-32 LC Com funções científicas 16.900,
SHARP EL-517 PROGRAMÁVEL 128 passos - 9 memórias 56.500,
DISMAC LCD-030 SUPER FINA 8 dígitos - % - √- memória 12.380,
DISMAC HF-34 LC CIENTÍFICA 8 dígitos - 45 funções - memória 21.230,
DISMAC ESCRIT. VISOR-FITA 2112 MPV-12 dígitos - % - K - memória 119.900,
TEXAS TI-55 II PROGRAMÁVEL 112 funções - 56 passos - 8 memórias 49.500,
O MENOR PREÇO
Tele-Rio
LOJAS TIMES SQUARE
OU NADA
Centro - Rua Uruguaiana, 13 Rua Uruguaiana, 44
Rua Uruguaiana, 114/116 · Rua do Rosário, 174 · Rua da Alfândega, 261
Rua Buenos Aires, 294 · Rua da Carioca, 12 · Rua 7 de Setembro, 183/187
Cinelândia - Rua Senador Dantas, 28/36 · Copacabana - Rua Santa Clara, 26 A e B
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 807 · Tijuca - Rua Conde de Bonfim, 597
Méier - Rua Dias da Cruz, 213 · Madureira - R. Carvalho de Souza, 263 · Estr. do Portela, 36
Campo Grande - Rua Coronel Agostinho, 24 · Nova Iguaçu - Av. Amaral Peixoto, 400/406
Niterói - Rua Visconde de Uruguai esq. com São Paulo · Bonsucesso - Praça das Nações, 394-A
Alcântara - Praça Carlos Gianelli, 18 · Caxias - Av. Plínio Casado, 58 · Bonsucesso - Loja Matriz
Rua Engenheiro Artur Moura, 268 · Telefone Centro-Sul: PBX 221-1212
Depto. Atacado: Engenheiro Artur Moura, 268/3º, Tel. 280-8822 - Bonsucesso.
NOVA LOJA EM DUQUE DE CAXIAS AV. DR. PLÍNIO CASADO, 58

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO, Presidente do Conselho Diretor
BERNARD DA COSTA CAMPOS, Diretor
WALTER FONTOURA, Diretor
J. A. DO NASCIMENTO BRITO, Vice-Presidente Executivo
MAURO GUIMARÃES, Vice-Presidente
J. B. LEMOS, Editor

Conflito a Compor

UMA das dificuldades na avaliação destas duas décadas de regime revolucionário está na falta de unidade conceitual do movimento vitorioso em 31 de março de 64. Ainda que dirigido a um só de seus numerosos aspectos, qualquer esforço de julgamento se mostra precário pela necessidade de abarcar pelo menos duas tendências simultâneas. Do ponto de vista institucional, por exemplo, nenhuma apreciação serena se conciliaria com a verdade se não pusesse no mesmo plano a vocação democrática do sistema que está completando 20 anos e os impulsos autoritários que prevaleceram em estágios diferentes de sua implantação.

Para entender esse dualismo, bastaria estar-se advertido para o conflito de conceitos que dividiu desde a primeira hora os homens nos quais melhor se encarnaram os chamados "ideais da Revolução". O que houve em 64 foi mesmo uma revolução, isto é, a vitória de um movimento político e militar destinado a implantar uma nova ordem? Ou terá sido, como queriam figura insuspeitas como Mílton Campos e Pedro Aleixo, uma contra-revolução cujo objetivo era, inversamente, impedir a instauração de uma ordem nova e antidemocrática, pela paralisação dos que já haviam iniciado a demolição da ordem estabelecida?

Foi inegavelmente para esta última tarefa que o Congresso, os Partidos e os setores mais densos da opinião nacional apelaram expressamente para os militares. Dizer que o 31 de março foi uma coisa e outra não é ceder à fórmula mais simples de compreensão. É a verdade mais íntima dos Governos que se sucederam nestes 20 anos corridos, nenhum dos quais deixou de estampar na face visível as marcas dessa dualidade.

O primeiro Governo revolucionário constituiu-se sob o compromisso dúplice de manter a Constituição e, ao mesmo tempo, investir as Forças Armadas — pela primeira vez — na responsabilidade direta da chefia do Estado. O próprio Ato Institucional de abril, contudo, já advertia que a manutenção pura e simples do estatuto de 1946 não seria solução para a crise brasileira, levada a seu nível extremo de gravidade com os eventos que impuseram como necessária a intervenção armada.

Menos de dois anos depois, um segundo Ato Institucional não previsto feria de morte o conceito liberal da **contra-revolução**, sem que anulasse a vontade democrática do movimento militar — exuberantemente evidenciada na promulgação tranqüila de uma Constituição nova em 1967. O estatuto fundamental que entrou em vigor com a investidura do sucessor do Presidente Castello Branco era, quase ironicamente, a realização daquela "reforma de cabo a rabo" de que um dos Ministros de Getúlio Vargas dizia, para escândalo do Congresso, estar necessitando a Constituição de 46: "Com esta Constituição não é possível governar", declarou o próprio Getúlio em desabafo a seu líder na Câmara, o Deputado Gustavo Capanema.

No desastre de dezembro de 68, o AI-5 soterrou a própria idéia de Constituição, que teria no entanto voltado a vencer oito meses depois, na ambivalência do movimento revolucionário, se o impedimento por doença do Presidente Costa e Silva não houvesse forçado a aliança fatal de dois radicalismos: o da esquerda terrorista e o da direita militarista.

Mesmo após esse desastre, jamais desapareceu um sentimento nuclear de respeito ao Congresso, como símbolo que se preservou pela fórmula do recesso decretado, enquanto na Argentina era radicalmente suprimido o Poder Legislativo. É preciso reconhecer que esse conflito de tendências não refletia apenas uma oposição entre duas concepções do movimento de março mas constituía mero reflexo do conflito maior que vinha, nas duas décadas anteriores, abalando a estrutura da democracia pelo desajuste de suas instituições.

É possível que estejamos vivendo, em relação a 64, uma experiência de superação definitiva do autoritarismo exacerbado e centralista, assim como o 31 de março rompeu os limites do ciclo de 1946, dando-o como irremediavelmente encerrado. Tudo depende da sensibilidade com que o meio político apreenda as inquietações de fundo refletidas pelo Governo, quando se move para evitar o impasse a que parece estar sendo encaminhada mais uma vez a sucessão presidencial. Internamente, o Governo procura superar suas divergências para suprir a ausência de um plano coerente para a **abertura**. Se é impraticável chegar a esse plano num fim de mandato, não se pode negar viabilidade ao que está sendo proposto em termos de reforma e com vistas ao futuro próximo.

Ao sucessor do General Figueiredo tocará a missão de compatibilizar os dois conceitos da Revolução de março, para recompor a ordem constitucional destruída e dar condições de equilíbrio ao funcionamento dos Poderes. A nação anseia por encerrar o ciclo das crises e não perdoará aos que ocupam hoje a cena política, no Governo como na Oposição, se falharem na indicação do caminho que leve à estabilidade das instituições. A abertura atual é apenas um meio para colocar à vista a democracia.

Histórias da América

O Presidente Belisário Betancur, da Colômbia, está preparando os termos de um acordo de paz a ser acertado entre a Comissão Nacional de Paz e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, o maior e mais antigo grupo guerrilheiro em ação no país. A FARC, grupo comunista pró-soviético, realiza ações armadas desde 1949, e tem 5 mil homens distribuídos por 25 frentes rurais.

Essa pequena notícia ensina mais sobre a chamada América Latina do que algumas dezenas de volumes. De acordo com os manuais, a Colômbia é uma democracia, e o Brasil ainda não é, porque há muitos anos não tem um Presidente escolhido por sufrágio universal. Na Colômbia, entretanto, é preciso que exista uma Comissão Nacional de Paz para tentar acabar com um conflito de 30 anos; e enquanto os guerrilheiros, para assinar a paz, querem a desmilitarização das áreas do campo afetadas pela violência, o Ministro da Defesa da Colômbia, um General que atende pelo sugestivo nome de Matamoros, declara que "a palavra desmilitarização não existe para as Forças Armadas, que continuarão agindo em todo o território da República".

Na Colômbia, ao menos, fala-se num tratado de paz. Já no Peru, também inscrito oficialmente no rol dos países plenamente democráticos, a guerrilha está em ascensão no interior montanhoso, e obtém freqüentemente a simpatia da **intelligentsia** peruana, sobretudo nos círculos universitários.

Disto não se deveria depreender que há algum defeito intrínseco nos sistemas democráticos, e que o Brasil só deveria passar à plena democracia, como querem alguns, depois que estivesse em condições "psicossociais" ideais.

O que se deve depreender, e com a máxima clareza, é que o que se costuma chamar de América Latina não é senão uma figura de retórica para designar as realidades mais díspares. Que pode haver de comum, com efeito, entre o processo político brasileiro e a tristíssima situação da Bolívia, onde não se deu ainda um novo golpe porque os eventuais ditadores se perguntam se vale a pena governar a Bolívia no estado em que ela se encontra hoje? Ou entre o mesmo processo brasileiro e o sono cataléptico do Paraguai?

Sequer valem a pena comparações com a Argentina. As fúrias que lançaram os argentinos à guerra civil não podem ser banidas por decreto; e se hoje estão amortecidas, poderiam renascer amanhã, alterado o frágil equilíbrio estabelecido em seguida à posse de Alfonsín.

A verdade por trás desses fatos é que se a América espanhola e a América portuguesa são vizinhas — e não têm por que não serem boas vizinhas — suas diferenças de formação atingem níveis muito profundos. Em seguida à libertação da Espanha, a América espanhola fracionou-se em uma dúzia de repúblicas que não tinham identidade própria e não sabiam o que era ser república. Como não sabiam, foram presas fáceis de sucessivas ditaduras.

Pelo milagre de um Império estabelecido na mesma época, o Brasil atravessou longas décadas de tranqüilidade onde se forjou uma identidade nacional e uma tradição política que teve os seus grandes vultos. Essa herança constitui um patrimônio; e só por causa dela, o Brasil teria o direito e o dever de escolher os seus próprios caminhos — que não o separam forçosamente de seus vizinhos, mas que são mais importantes e mais consistentes do que qualquer unidade retórica.

Pode ser que algum dia venha a existir uma América Latina. Mas se isto acontecer, terá de ser sobre bases muito mais sólidas e realísticas do que as de agora.

TÓPICOS

Monotonia

Desde há algum tempo, os estudantes universitários inventaram uma nova forma de luta: ocupam as reitorias das universidades. Ali se instalam, impedindo o seu normal funcionamento. Como a autoridade não se fez presente ao primeiro de tais eventos, a prática vem sendo generalizada. Ocorreu em São Paulo, Minas e agora tem lugar em Natal.

Em tudo isto, o que mais espanta é o nível da reivindicação. O tema mais freqüente é o aumento do preço das refeições cobrado por aquelas instituições nos refeitórios que mantêm. Além de simbólicos e escandalosamente subsidiados, os estudantes pretendem que permaneçam inalterados, ignorando a inflação. Só não os preocupa uma coisa: o próprio ensino, sua qualidade e adequação, cumprindo não perder-se de vista que é o contribuinte quem paga a manutenção da universidade, inclusive fornecimento de alimentação.

Rebelião

Os governadores estaduais parecem dispostos a recusar as medidas de saneamento financeiro que o Banco Central vai impor aos bancos oficiais dos diversos Estados, em vista da vultosa dívida acumulada com as agências financeiras da União. Se há algum erro das autoridades monetárias, este consiste em partir da suposição de que todas aquelas instituições financeiras seriam recuperáveis. Na verdade, muitas são de todo inviáveis e deviam ser simplesmente desativadas. De sorte que não está em jogo o prestígio desse ou daquele Governo estadual mas a consistência do próprio sistema financeiro. Não há nenhuma razão pela qual entidades financeiras que não têm respaldo para saldar seus compromissos estejam a salvo da intervenção do Conselho Monetário Nacional, sejam privadas ou estatais.

Reconhecimento

O presidente da Cia. Docas do Estado de São Paulo — Codesp, resultante da estatização da antiga Docas de Santos, reconhece que seria desejável a volta da iniciativa privada ao sistema portuário nacional. Supondo que os recursos públicos eram ilimitados, o Estado excluiu o empresariado nacional da gestão dos portos, com uma ou outra exceção. Agora, tão parcas se tornaram as disponibilidades para investimentos que aquela autoridade diz estar exercendo "administração franciscana". O ideal seria que a estatização não houvesse ocorrido, em muitos casos com notória perda de eficiência. De todos os modos, contudo, o pronunciamento do presidente da Codesp deve ser saudado como um sinal dos tempos. Espera-se o desdobramento da proposta.

MICHEL

CARTAS

Entendimento

A Comissão Nacional de Direitos Humanos da B'nai B'rith do Brasil, entidade que tem como um de seus objetivos a luta contra a discriminação, em prol dos ideais democráticos, vem por meio desta cumprimentar esse jornal pelo artigo publicado no dia 19 de março **Anti-semitismo ainda preocupa comunidade judaica na Alemanha** de William Waack.

Num momento como este em que o entendimento entre os homens torna-se uma tarefa mais difícil, é grato contar com órgãos poderosos como esse em prol desta luta. **Luiz Eigier — Coordenador da Comissão Nacional de Direitos Humanos — São Paulo (SP).**

Concordância

Após as tão recentes campanhas veiculadas pela imprensa, criticando suspicazmente — por genéricas e abrangentes — as estatais, estejam certos de que nós, orgulhosos funcionários do Banco do Brasil, nos sentimos reparados com o artigo **Imagem a Zelar**, publicado no **Informe JB**, da edição de 27/3/84.

Ainda cumpre salientar que, sobre secular, o banco é modelar, atual e atuante esteio de nossa esfacelada economia. **Raimundo Alberto Cordeiro Vinhas — Rio de Janeiro.**

Fernanda & Tancredo

Li no **Informe JB** de 27/03/84 a nota **Minas sabe** em que se destaca a seguinte frase: "Talvez nem todos de vocês se tenham apercebido da importância de Tancredo Neves para o Brasil. Ele é a maior personalidade política do país".

Gostaria de esclarecer que jamais pronunciei essa frase. Portanto garanto que a platéia belo-horizontina não teve oportunidade de me mostrar nada, com relação ao Governador Tancredo Neves, que todos nós, lá, já não soubéssemos. Juro que não sou tão ingênua ou afoita, alienada ou mesmo deselegante com a verdade a ponto de achar que alguém em Minas ou em qualquer parte deste país possa desconhecer a significação ampla, total, do homem público que é Tancredo Neves (muitas vezes até nem concordando com ele). Muito menos as 1 mil 400 pessoas que lotavam o teatro.

A nós, artistas que participávamos do espetáculo, nos sensibilizou a presença do Governador que, praticamente, chegou direto do comício pró-diretas de Campo Grande, Mato Grosso, para o seu camarote, no Palácio das Artes.

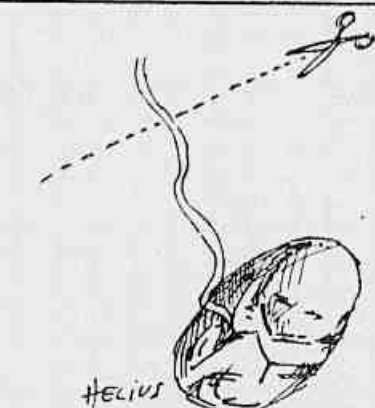
Ao saudar o Governador, o que eu disse foi "que muito nos honrava ver naquele teatro a figura de Tancredo Neves, o político mais significativo deste país e o homem público que melhor equaciona o momento político que estamos vivendo".

A platéia e elenco aplaudiram densa, farta e comovidamente. Delirantemente. **Fernanda Montenegro — Brasília (DF).**

DIU e aborto

Lemos no JORNAL DO BRASIL de 25/03/84 o seguinte: "Para alguns médicos, como o vice-presidente da Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar, Waldemar Diniz Pereira de Carvalho, nenhum DIU é abortivo. Só existe aborto quando existe gravidez. O DIU impede a implantação do ovo fecundado no útero, quando a mulher ainda não está grávida, afirma o médico Pereira de Carvalho, que também é chefe do Setor de Planejamento Familiar da Escola Paulista de Medicina..."

Preferimos admitir que o jornalista que obteve em entrevista as afirmações acima tenha se equivocado porque é difícil, muito difícil aceitar que médico especialista em reprodução humana tenha afirmado que **nenhum DIU é abortivo** já que "impede a implantação do ovo fecundado no útero", como se a implantação ou nidação do ovo no útero marcasse o início da gravidez. Aceitar teoria de que a gravidez se inicia com a nidação do ovo no útero seria ignorar que a nova vida, a concepção, ocorre pela fecundação do óvulo pelo espermatozóide no interior do terço externo ou na união deste com o terço médio da trompa; seria admitir erradamente que espermatozóide e óvulo iniciam a gravidez unindo-se na cavidade uterina; seria negar que estivesse grávida mulher com prenhez tubária em evolução ou com outra localização extra-uterina; seria afirmar que não estivera grávida a mulher vítima de aborto tubário ou de ruptura de gravidez extra-uterina; seria ainda admitir que o ovo humano formado na trompa como célula única transitasse em direção ao útero multiplicando-se em diversas células, nutrindo-se de secreções tubárias, nada mais seria que matéria inerte com pro-

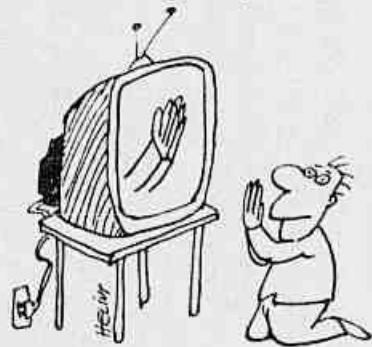
priedades exclusivas da matéria viva. Afinal enquanto migra durante alguns dias pela trompa para vir a se implantar na cavidade uterina, prosseguindo assim a gravidez, o ovo, isto é, o óvulo fecundado, a nova vida, precisa ter uma definição científica honesta pelos que afirmam que a gravidez começaria com a nidação ou implantação do ovo no útero. Antes de atingir o útero, o ovo é matéria inerte para logo se transformar em matéria viva assim que se implante no endométrio?! A mulher com um DIU aplicado continua a ovular mensalmente e o aparelho não impede o acesso dos espermatozóides junto ao óvulo, mas impedirá que o ovo se implante no útero e a interrupção da gravidez antes da viabilidade fetal tem o nome de aborto. **Dr. Gerson Rodrigues do Lago, presidente da Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro.**

Obra ilegal

Desejo formular ao Prefeito Marcelo Alencar denúncia sobre o que está ocorrendo na praça Santos Dumont na Gávea. O prédio situado na esquina da praça Santos Dumont com a rua Marquês de São Vicente é atingido por projeto de urbanização com modificações no alinhamento.

Segundo a lei em vigor, nº 1574 de 11/12/1967, artigos 29 e 31, "não poderão ser realizadas obras de reconstrução, ainda que parciais, em edificação sujeita a recuo, a não ser que se proceda o recuo dentro dos novos alinhamentos."

O prédio em questão, usando de estratagema para enganar a fiscalização, mantém intactas as partes externas do prédio, mas o demoliu inteiramente por dentro, inclusive o prédio está destelhado. Isto é possível porque as obras são realizadas com as portas de ferro fechadas, o que contraria inclusive regras do Ministério do Trabalho, pois os operários estão trabalhando sem ventilação e em meio à poeira infernal da demolição.

O que na verdade estão pretendendo os donos do referido prédio é reformá-lo inteiramente sem executar o recuo, para, posteriormente, negociá-lo para alguma casa comercial, talvez um restaurante que existe em outra parte do prédio.

Devo acrescentar que as obras são feitas sem tapume e sem placa, o que caracteriza a sua ilegalidade, uma vez que, segundo as posturas municipais, tal formalidade é obrigatória e o infrator sujeito a penalidades da Lei.(...) **Abílio Almeida Filho — Rio de Janeiro.**

A obra beneditina

Vimos, através dessa seção do JORNAL DO BRASIL, fazer um reconhecimento aos monges de São Bento pelo trabalho que desenvolvem no intuito de contribuir para a opinião pública, através dos meios de comunicação. Basta detectarmos a sua presença, com todo o lastro de sua cultura, em artigos e programas, tanto na imprensa, quanto no rádio e televisão. Enquanto muitos adotam a posição cômoda do ostracismo, os beneditinos irradiam todo o brilho de sua inteligência e de sua sabedoria multissecular. Só quem não conhecesse a História poderia, então, ignorar a influência decisiva dos monges de São Bento na preservação e divulgação da cultura, por exemplo, na Idade Média, quando salvaram, da sanha destruidora dos bárbaros, as obras da literatura clássica. A propósito dessa atuação e de sua ação civilizadora, lemos com gosto o livro de D. Lourenço de Almeida Prado, publicado pelas edições Lumem Christi — **São Bento e Sua Obra.** É o que se pode chamar "um pequeno grande livro", pois traz em seu texto uma síntese excelente de toda a obra beneditina e o mérito de seu singular fundador.

O Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, com sua abadia e seu tradicional colégio, acolhe pessoas que residem nos mais diversos lugares. Os monges desenvolvem também, com muita discrição, uma obra de assistência social pouco conhecida até mesmo pelos que freqüentam o mosteiro e o colégio. Essa construção de quase 400 anos traz em seu interior, em segredo, uma vida que é como a da árvore que sempre refloresce, e à sua sombra, "como à sombra das asas divinas, se refugiam os filhos dos homens. Eles se saciam da abundância de seus frutos e bebem das torrentes de suas delícias. Lá está a fonte da vida e é na sua luz que vemos a Luz" (cf. Salmo 35). Como evidência de sua fecundidade oferece, além dos serviços religiosos, da Escola Teológica (aberta a religiosos e leigos) e da obra social, cursos e conferências sobre temas ligados à religião e à cultura. No momento, acaba de sair a lume, por iniciativa de D. Estevão Bettencourt, um **Curso Bíblico por Correspondência**, destinado a qualquer nível cultural ou crença religiosa, e também um livro, já no prelo — **Diálogos Ecumênicos**, um estudo das divergências entre católicos e protestantes.

Cremos ter dado o voto de louvor que os beneditinos merecem, também em nossos dias, como portadores de Vida, Paz e Sabedoria para os homens desorientados do século em que vivemos. **Cecília Tiburcio Ribeiro Duarte — Rio de Janeiro.**

Queimadas

Como morador da Gávea, há quatro anos, gostaria de refutar veementemente a carta enviada a esse jornal pela União Pró-Melhoramento dos Moradores da Rocinha. Ao longo desses anos tenho documentado em fotografias o desmatamento, provocado por meio de queimadas da floresta contígua à favela da Rocinha, lado da Gávea.

As características envolvidas levam-nos a deduzir que somente pessoas familiares aos favelados e, possivelmente, por eles temidos teriam a facilidade e a desfaçatez de provocar queimadas, de maneira sistemática, em áreas contíguas à favela, visando, ao que tudo indica, ao lucro imobiliário à custa dos futuros favelados.

Aos que ainda duvidarem destas afirmações sugiro que verifiquem, a olho nu, a evolução das queimadas a partir da favela da Rocinha com a conseqüente destruição do que resta da floresta do Morro Dois Irmãos. Se alguma crítica pode ser feita ao Secretário de Obras e Meio-Ambiente, Luiz Salomão, é a de já não ter eliminado, definitivamente, as agressões às florestas de nossa cidade, patrimônio de todos os cariocas, favelados ou não. **José Carlos Vianna — Rio de Janeiro.**

Pichações

Cada vez que venho ao Rio, a cidade "da minha infância querida que os anos não trazem mais", grande consternação me aflige. O emporcalhamento de muros e paredes da propriedade privada e, quiçá, pública agrava-se de dia para dia.

Pinte de branco, a autoridade competente, muro ou parede de bairro populoso. Quando a **gang** dos pichadores começar a esguichar sandices no espaço oferecido ao seu néscio prazer, sejam os componentes delicadamente detidos e levados a um cabeleireiro de instituição municipal. Aí instalados, por meia hora, como convidados especiais, sejam cortados, com máquina zero, os cabelos de cada um. Não estarão sendo punidos esses gatafunhadores de vocábulos ingleses catados no dicionário, para parecerem cultos. Ao contrário; estarão sendo beneficiados. Com o crânio bem arejado, talvez o cérebro seja capaz de conceber idéias construtivas, desligadas de muros e paredes. "Despido do natural ornato", o couro que reveste o crânio terá ainda a vantagem de não se expor ao risco de apanhar piolhos. Assim imunizados contra piolhos e idéias de pobre teor, seriam os marotos levados às respectivas residências. Não seria mau que, ao chegarem ao lar paterno, recebessem do pai ou da mamãe uma dúzia de bens aplicados bolos (...). **João Bernardo Maranhão Rangel e Silva — Nova Iguaçu (RJ).**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Emenda vitoriosa

O PMDB não quer, não pode e não vai admitir publicamente qualquer negociação com o Governo antes da votação da emenda Dante de Oliveira. O Senador Affonso Camargo desobedeceu esse mandamento e, apesar de secretário-geral do partido e eficiente planejador da campanha nacional pró-diretas, está pagando o pecado no purgatório do isolamento. Mas daí à negociação não estar nos planos do PMDB, como de resto nos dos demais partidos de Oposição, são outros quinhentos. Em primeiro lugar, porque há que se ter uma estratégia e isto implica a avaliação de todas as hipóteses possíveis, inclusive e especialmente, a da derrota da emenda Dante, que imporá, como uma das saídas, a negociação.

Um tiro nem sempre é mortal, mas nem por isso deixa de fazer estragos se atinge o alvo. A emenda oposicionista pode não liquidar de vez o Colégio Eleitoral, mas sua trajetória criou no país um clima e uma expectativa irreversíveis. Enquanto o engenheiro Dante de Oliveira, cuiabano de 32 anos, se tornou um dos mais populares deputados já em seu primeiro mandato à Câmara Federal, a sucessão do Presidente Figueiredo deixou de ser, desde já, ao contrário de todas as anteriores do ciclo revolucionário, uma pura e simples sacramentação, pelos políticos, do nome pinçado por e de dentro do Palácio do Planalto e arredores. Ou seja, nem o Congresso, nem a Nação, nem mesmo o Governo acredita na persistência do "fatalismo" em que se transformaram as eleições dos Presidentes da República.

É claro que a existência do Deputado Paulo Maluf no páreo é um fator importante, uma espécie de umidade nas bases do processo antigo de eleição. Não só porque tirou ao Governo qualquer garantia de eleger, sem obstáculos, o sucessor de sua escolha, mas também porque acirrou os ânimos das oposições e as dissidências do próprio PDS — já que algumas delas são refratárias a essa candidatura. Assim, sacudiu o sempre tão pacato Colégio Eleitoral numa onda de incertezas. E a emenda Dante completou o trabalho, colocando as multidões nas ruas e nas praças, também pelas diretas, mas não só por isso: essas multidões protestam contra a situação econômico-social e querem mudanças. Se elas forem via eleições diretas, melhor, mas o fundamental é que venham.

As Oposições — como encarna o próprio autor da emenda Dante de Oliveira — capitalizaram-se muito bem com a campanha. Estão fortes, têm respaldo comprovado da Nação e, portanto, não poderão correr o risco leviano de deixar o bonde passar. A argumentação formal dos que estão obrigados a negar a negociação é a de que o Governo, se frustrar as aspirações nacionais pelas diretas, será o réu da História, arcando sozinho com todos os ônus dessa frustração e do conseqüente e previsível impasse. Lógico, mas incorreto. Se o povo quer as diretas, mas principalmente exige mudanças, irá fatalmente reagir àqueles (homens ou partidos) que impeçam essas mudanças, possíveis, por exemplo, por uma negociação que conduza a certezas básicas; rumos seguros do processo de democratização do País, com prestígio crescente da classe política; melhorias nas condições econômicas e na qualidade de vida dos cidadãos e uma candidatura palatável a vários, abrangentes, populares sabores.

A sensação geral, reforçada por declarações do próprio Dante de Oliveira, é a de que o PMDB atirou no escuro, com surpresa vislumbrou a mosca antes do alvo e poderá acertar em cheio no objetivo maior: a eleição de um futuro Presidente com legitimidade e credibilidade suficientes para dar tranqüilidade à nação e melhorar as condições gerais do próprio país, com um mandato reduzido. Esse Presidente poderia até mesmo ser da Oposição — mais um motivo, pragmático, para que a negociação não seja descartada — ou algum nome do Governo que não arranhe gargantas alheias ao escorregar Colégio Eleitoral abaixo.

O compasso de espera geral, contudo, produz além da angústia uma boa ginástica intelectual e política, com pitadas de imaginação. E surge daí, também, a idéia de um novo partido moderado, implodido do PDS e que, se não capaz de concorrer às eleições com um candidato próprio, robusto o suficiente para desestabilizar o Colégio Eleitoral. O grupo aurelianista encabeça esse embrião movido pela repulsa às duas outras candidaturas pedessistas: Maluf e o Ministro Mário Andreazza. Mas demonstra, muito mais do que isto, a radicalização interna em torno de **presidenciáveis**. Hoje, o PDS está rachado em três partidos: **o aurelianista**, **o malufista** e **o andreazzista**. É difícil crer que apesar dessa radicalização e da pressão popular pelas diretas, mais o fortalecimento das oposições, o Governo ficará inerte. Até porque a inércia, aí, é sinônimo de derrota no Colégio Eleitoral.

Não foi à toa, portanto, que o Presidente Figueiredo foi ontem à televisão anunciar a reforma constitucional que tentará materializar em sua emenda — a ser enviada em meados do próximo mês ao Congresso. Já é um passo à frente para tentar unir o partido, mas ainda é pouco. O que é preciso hoje é unir, não só um partido, mas todos os partidos e a nação em torno de um projeto — com nome comum. A emenda Dante terá cumprido seu mais viável e brilhante papel e o Governo apresentará não uma saída honrosa, mas um desfecho digno da História.

ELIANE CANTANHEDE
Repórter de política do JORNAL DO BRASIL em Brasília

À margem das obras faraônicas

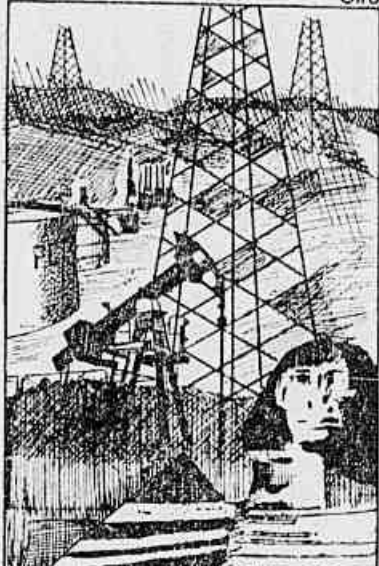
ÀS vezes fico pensando no imenso mal que os faraós legaram à humanidade, com a construção de obras colossais, como sejam as pirâmides levantadas nas planícies do Egito. Quantas vidas de escravos sacrificados! Quantas miséria acumulada! Tão-somente para dar relevo ao nome e ao prestígio dos faraós que as fizeram, valendo apenas como um processo de propaganda, numa hora em que não havia jornais, muito menos rádios e televisões.

Com esse exemplo, e a fama que dele decorreu para os faraós, quantas pirâmides passaram a surgir pelo mundo afora, tão-somente para servir à vaidade pssoal dos governantes? Um simples decreto, criando pensões de aposentadoria, ou de invalidez, não consegue atrair tanta atenção, mas também não há paralelo entre os benefícios que resultam de uns e de outros, das pensões e das pirâmides. Passa também despercebida a abertura de valas para os canos das adutoras, para o fornecimento dágua às habitações humanas. A vaidade não permite que se pense em obras subterrâneas, quando há tanta cousa mais importante para fazer acima do solo, para atrair a atenção e o louvor dos turistas e transeuntes. Para que serve, afinal, uma pirâmide? Para consumir ou guardar um cadáver, não se precisa mais do que sete palmos de terra.

Para a iniciativa de obras públicas, e a fixação de prioridades, não deveria haver outro critério do que o dos benefícios que delas pudessem resultar para os governados. Uma represa, por exemplo, não passaria da categoria das obras faraônicas, se dela não viesse a resultar a obtenção de energia elétrica, ou de fornecimento dágua aos ribeirinhos. Não sei, também, por que construir palácios para a instalação de serviços públicos, que deveriam ter a preocupação de evitar a imobilização de seus recursos, ou de sua receita. Compreendo que um banco particular precise de instalações suntuosas, para impressionar os clientes. Mas uma repartição pública teria, na simplicidade, a sua melhor recomendação. Não posso olhar, por exemplo, o prédio fabuloso do Banco Central, em Brasília, sem que me venha logo à memória a extensão das dívidas que nos esmagam.

Nem são as palavras, que aí ficam, uma espécie de nariz-de-cera de que eu me esteja valendo, para encher espaço, mas tão-somente a reflexão que me assalta, quando leio o recente despacho do Governador Franco Montoro que pôs "um ponto final na aventura da Paulipetro, que custou à população uma importância equivalente a Cr$ 500 bilhões, sem que houvesse descoberto um litro de petróleo, ou um litro de gás".

Pensei logo nos faraós. Eles também gostariam de ter a iniciativa da Paulipetro. Quando Ramsés verificou que não poderia levar por diante a mudança da capital para o interior do Egito, pelos vetos que foi encontrando, e não conseguia desprezar, a idéia da criação da Paulipetro explodiu na sua cabeça. Como chamaria a atenção de todo o país a descoberta de petróleo no solo do Egito! Verdade que havia uma empresa p ublica que desaconselhava a adoção do projeto.

Ciro

Mas isso até concorreria para levar por diante o plano da Paulipetro, até para desmoralizar a empresa pública incumbida das pesquisas e da lavra do petróleo.

Verdade que um dos secretários de Ramsés, ou do Sr Paulo Maluf, já veio ao noticiário para justificar o projeto da Paulipetro. Seu argumento era o de que há sempre um grande mérito no trabalho da pesquisa, sobretudo quando se trata de descobrir jazidas de petróleo. Mas omitiu que, se havia realmente esse propósito, e existindo, no País, uma repartição que acumulara conhecimentos e experiência nesse setor, possuindo técnicos cuja competência ninguém teria o direito de contestar, o que se recomendaria a um Governador de Estado, cioso de suas responsabilidades, é que se dirigisse a essa estatal, e lhe pedisse para renovar os seus trabalhos de pesquisa e de prospecção, nas regiões em que houvesse maiores indícios da presença do petróleo. Por sinal que o Presidente da Petrobrás veio a público, para dizer que havia desaconselhado a criação da Paulipetro. Mas Ramsés queria impressionar o povo do Egito, com a sua insistência e a sua teimosia, acreditando que não haveria maior recomendação, para um **presidenciável** na casca do ovo, do que a da desmoralização da Petrobrás, que agradaria a tanta gente, aqui, e até mesmo no estrangeiro.

Nesse projeto, há que concordar com a crítica judiciosa do Sr Laerte Setúbal Filho, quando, ouvido pelo **O Estado de S. Paulo**, observou que o projeto da Paulipetro "teria algum sentido, se fosse uma empresa privada. Todavia, da maneira como foi feito, fica sem sentido, pois que se criava uma estatal para se contrapor a outra estatal". A menos, como se pode conjecturar, que a Paulipetro tenha sido imaginada exatamente para isso, para desmoralizar a estatal que tinha ou tivera o monopólio das pesquisas e da lavra do petróleo. Se a Paulipetro obtivesse êxito, teria dado resultados muito mais importantes do que os da construção de uma pirâmide, se é que também não vai se transformar num mausoléu suntuoso e, sobretudo, dispendioso.

O que foi uma derrota para o Sr Paulo Maluf, acabou sendo um novo argumento para o prestígio e a credibilidade da Petrobrás. Não sei se não estará de luto a Standard Oil, e até mesmo o Embaixador Asencio, que imagino inclinados a aplaudir os êxitos que a Paulipetro conquistasse.

Tudo não passou de uma aventura, mas de uma aventura que custou ao povo paulista 500 bilhões de cruzeiros, que irão, de certo, para a conta do povo. O Brasil é assim mesmo. Está sempre aberto o caminho para as aventuras e o desperdício, na medida mesma em que ficam trancados os da responsabilidade e da restituição dos prejuízos. Não será, diante dessa realidade, que devemos entoar hosanas em louvor de Ramsés? E de derrubar a Cordilheira do Mar, enchendo o país de pirâmides, para esconder os prejuízos resultantes de tantas aventuras?

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Cérebros

TERÁ a política alguma coisa a ver com o cérebro das pessoas? É de crer que sim. Mas, que parte do cérebro será a que mexe com a política? Eis aí uma pergunta que já não pode ser respondida com a mesma segurança.

O Dr. Fernando Nottebohm nasceu em Buenos Aires, em 1940, mas vive e trabalha nos Estados Unidos desde muito moço. Ele dirige o Centro de Ecologia e Etologia da Universidade Rockefeller, em Millsbrook, Estado de Nova Iorque, e sua especialidade é exatamente o funcionamento dos cérebros.

Há algumas semanas, Nottebohm proferiu em sua Universidade uma série de palestras (destinadas a um grupo de estudantes) nas quais resumiu as conclusões mais curiosas de seus últimos estudos e pesquisas. Embora o professor faça experiências com animais de diversos tipos, suas mais recentes descobertas têm provindo do estudo dos canários. É sabido que só os canários machos cantam, e que cada canário é capaz de aprender uma nova canção, um novo canto, todos os anos.

Investigando o cérebro dos animaizinhos, a equipe do professor descobriu que seu canto é controlado por uma determinada área do hemisfério cerebral esquerdo (tal como a fala, entre os humanos) e que essa parte do cérebro é mais desenvolvida nos canários machos do que nas fêmeas, que não cantam.

Isso não é tudo, porém. No curso da Primavera, estação em que aprendem o seu novo canto para o ano, os canários desenvolvem as áreas cerebrais respectivas (as que controlam a voz), as quais chegam a alcançar o dobro do tamanho que costumam ter em outras épocas do ano. Aprendida a nova canção, essas partes mínguam outra vez até a dimensão habitual.

Constatou o Dr. Nottebohm que o curioso desenvolvimento primaveril do cérebro dos canários está ligado a mudanças sazonais na produção de testosterona (hormônio masculino) pelo organismo do animal. Quando o professor injetou doses apropriadas de testosterona em fêmeas adultas, as áreas de controle da voz em seus cérebros começaram a crescer e, dez dias mais tarde, as fêmeas explodiram em trinados, como se machos fossem.

As descobertas de Nottebohm e sua equipe, como se pode supor, causaram algum rebuliço e fizeram renascer especulações sobre diferenças anatômicas cerebrais entre os dois sexos, não só nas diversas espécies de bichos, mas também nos humanos. Tais especulações, entretanto, parecem ao professor descabidas. Para ele, ao menos no nosso caso, talvez a única diferença relevante entre os sexos esteja na maior (ou mais acentuada) especialização das diferentes áreas cerebrais entre os machos, enquanto que nas mulheres essa especialização seria menos definida, menos rígida.

Esse fato, segundo o professor, apenas torna os homens mais vulneráveis do que suas companheiras aos vários tipos de injúrias que podem atingir sua massa cinzenta. Nottebohm não deixou de pedir às suas alunas que considerassem com simpatia essa fragilidade adicional da suposta metade mais forte da espécie.

Outro importante dogma da sabedoria convencional foi posto em risco pelas descobertas da equipe Nottebohm. Acredita-se geralmente que o cérebro das pessoas está completo no fim da infância. A partir daí não nasceriam mais células cerebrais, as quais ao contrário, com o avançar da idade, iriam morrendo em quantidade cada vez maiores.

Constatou o cientista que, pelo menos entre os canários, não é assim. Mesmo os pássaros adultos renovam constantemente seus cérebros, substituindo células gastas por outras novas, num processo de **neurogênese** que, ao ver do professor, abre espaço para conhecimentos novos. Estima Nottebohm, entretanto, que mais dois anos de pesquisas sejam necessários, antes que se possa determinar se fenômeno semelhante ocorre no cérebro humano. A confirmação da hipótese daria certamente campo a extraordinários desenvolvimentos da medicina e de outras ciências.

Que conclusões se poderia tirar de tudo isso? Estamos hoje, como nação e como povo, diante de uma gravíssima crise política, e seria sem dúvida leviano deixar de lado ainda que fosse a mais tênue indicação científica que nos pudesse ajudar a curar os nossos males.

Costumam dizer os políticos, quando querem justificar as suas omissões e os seus silêncios, que "passarinho na muda não canta". Eis aí, talvez, uma primeira pista. Quando cantam os políticos? Não há dúvida que nada os faz cantar mais e melhor do que a estação eleitoral, especialmente a que precede as grandes sucessões, no topo da escada do poder.

Nessas horas, estimulados pelos hormônios característicos da política, os políticos cantam como nunca as suas canções, embora o que se infle dentro deles seja menos o cérebro do que o ego (e, freqüentemente, o apetite). Não é difícil imaginar, por exemplo, que coisas descobriria o bom Dr. Nottebohm se lhe fosse dado examinar o cérebro de um Paulo Maluf ou de um Mário Andreazza, em campanha.

São canários que cantam canções diversas, embora afinados na mesma nota, ou no mesmo diapasão. Andreazza, como se pôde ver na TV, num recente "Crítica e Autocrítica", tem o trinado lento e arrastado, amarelo e repetitivo. Não há sinais de que o fenômeno da **neurogênese** ocorra no seu cérebro gasto. Já o Maluf, ao menos ao ver dos seus ferventes admiradores, é um pássaro diferente.

Pode-se imaginá-lo falando a um desses monumentais comícios em que centenas de milhares de pessoas se reúnem para recebê-lo e aclamar o seu nome e sua candidatura. Nessas horas de glória, quase que se pode ver a testosterona fluir abundante, nas veias do candidato, enquanto o brilho dos seus olhos incendeia as lentes pesadas dos seus óculos.

E há, ainda, em outras gaiolas, outros canários como o oposicionista Ulysses Guimarães, que lembra o cantor João Gilberto e o seu samba de uma nota só. Enfim, há de tudo, para todos os gostos, tal como deve ser numa boa e bela democracia; mas não há dúvida que os homens do Palácio e do SNI têm razão.

Entre tantos trinados diversos, seria sem dúvida imprudente deixar agora que o próprio povo escolhesse. Um júri especializado julga melhor. De fato, todas as pesquisas (não as do Dr. Nottebohm, mas as do próprio SNI) mostram com clareza que a maioria do povo se deixou iludir pelas cantorias precisamente dos piores candidatos, que são os referidos Maluf e Andreazza.

Melhor é esperar um pouco. Mais cinco ou seis anos de exercício democrático hão de apurar o ouvido das massas, e lhes permitirão com certeza preferir candidatos mais confiáveis e capazes, como o Dr. Aureliano ou o Dr. Tancredo, hoje tão desprezados pela opinião da maioria ignara. Afinal, Roma não se fez num dia.

FERNANDO PEDREIRA

JORNAL DO BRASIL LTDA.

Avenida Brasil, 500 — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 23 100 — S. Cristóvão — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Telefone — 264-4422 (PABX)
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

SUPERINTENDÊNCIA COMERCIAL:
Superintendente: José Carlos Rodrigues
Gerente de Vendas: Fabio Mattos
Gerente de Produto - Noticiário: Hélcio Ferreira
Gerente de Produto - Revistas: Kleber Buhr

CLASSIFICADOS:
Gerente de Classificados: Roberto Dias Garcia
Gerente de Produto - Classificados: Paulo Rangel

RÁDIOS
Gerente de Produto - Rádios: Marcos Vargas
Gerente de Vendas: José Domingues Torres

Classificados por telefone 284-3737

Sucursais
Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70 302 — telefone: 225-0150 — telex: (061) 1011
São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 15º andar — CEP 01 310 — S. Paulo, SP — telefone: 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30 000 — B. Horizonte, MG — telefone: 222-3955 — telex: (031) 1262
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1960/Morro Sta Teresa — CEP 90 000 — Porto Alegre, RS — telefone: 33-3711 (PBX) — telex: (0512) 1 017
Nordeste — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — telex 1 095 — CEP 40 000 — Pernambués — Salvador — Telefone: 244-3133.

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Pernambuco, Paraná, Paraíba, Piauí, Santa Catarina.

Correspondentes no exterior
Bonn (Alemanha Ocidental), Buenos Aires (Argentina), Nova Iorque (EUA), Roma (Itália), Washington, DC (EUA), Cidade do México (México).

Serviços noticiosos
ANSA, AFP, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Spot Press, UPI, Airpress.

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times.

PREÇOS DE ASSINATURA
RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS
Serviço de Atendimento ao Assinante
Telefone: 264-5262

1 mês	Cr$ 8.930,00
3 meses	Cr$ 25.390,00
6 meses	Cr$ 47.940,00

SÃO PAULO
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 26.790,00
6 meses	Cr$ 50.260,00

ESPÍRITO SANTO
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 25.380,00
6 meses	Cr$ 48.222,00

SALVADOR — JEQUIÉ — MACEIÓ — RECIFE — FORTALEZA — NATAL — J. PESSOA — FLORIANÓPOLIS — BRASÍLIA — GOIÂNIA
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 33.480,00
6 meses	Cr$ 63.240,00

RONDONIA
Entrega Domiciliar

3 meses	Cr$ 64.800,00
6 meses	Cr$ 122.400,00

ENTREGA POSTAL EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

3 meses	Cr$ 30.000,00
6 meses	Cr$ 55.000,00

PREÇOS DE VENDA AVULSA:
RIO DE JANEIRO/ M. GERAIS/ SÃO PAULO/ ESPÍRITO SANTO

Dias úteis	Cr$ 300,00
Domingos	Cr$ 400,00

DF, GO, PR

Dias úteis	Cr$ 400,00
Domingos	Cr$ 500,00

MS, SC, RS, BA, SE, AL, MT

Dias úteis	Cr$ 600,00
Domingos	Cr$ 600,00

PI, RN, PB, PE, MA, CE

Dias úteis	Cr$ 700,00
Domingos	Cr$ 700,00

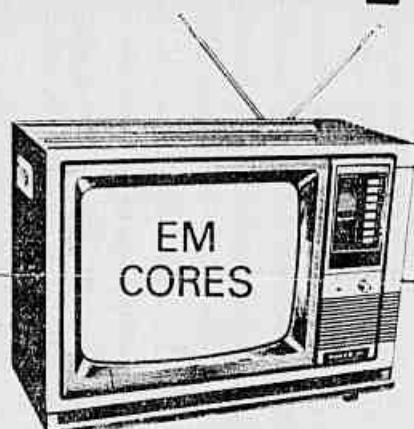
DEMAIS ESTADOS E TERRITÓRIOS

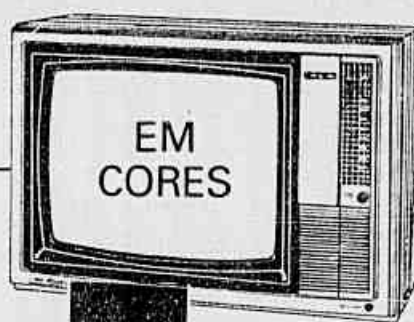
Dias úteis	Cr$ 800,00
Domingos	Cr$ 800,00

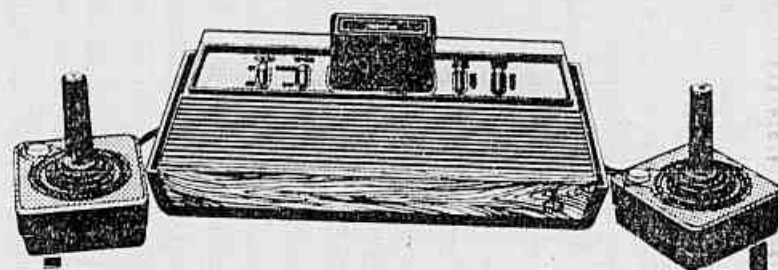
GANHE MENOR E MILHÕES EM

NO BONZÃO GANHA QUEM JÁ COMPROU, QUEM TÁ CO

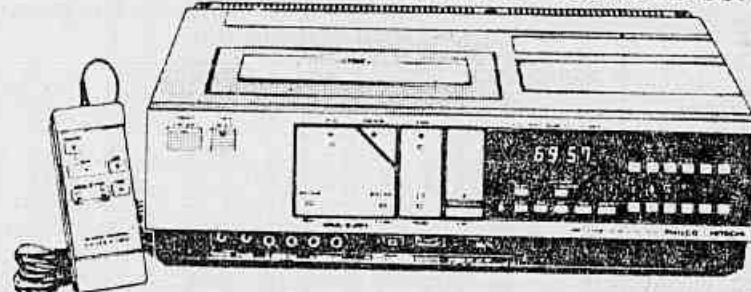
TV MITSUBISHI TC-2001-Z COM CONTROLE REMOTO E ZOOM.* Em cores. Painel de controle portátil. Mostrador digital de canais. Indicador visual de volume. Com memória. Auto imagem. 110/127/220 volts.

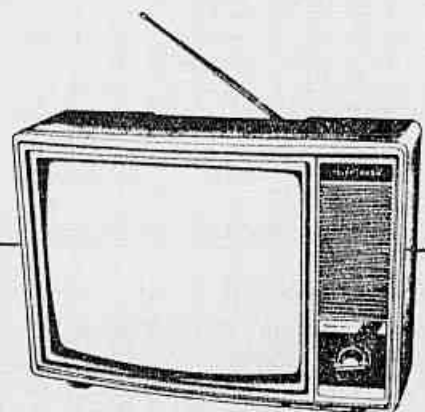
À VISTA 479.000,

TV PHILCO-HITACHI PC-1601 16" (41 cm).* Em cores. Cinescópio Black Matrix In Line. Tricontrol. Tecla VTR. Saída para gravação e fone de ouvido.

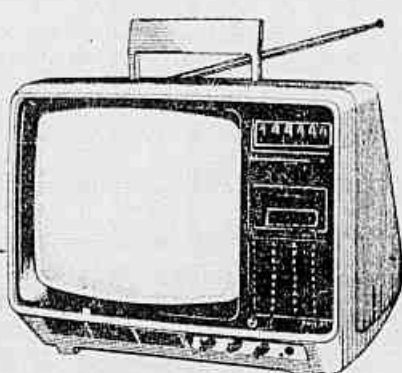
À VISTA 385.900,

SHARP C-1615 16" (41 cm).* Em cores. Seletor eletrônico de canais com memória. Tecla VCR. Sistema VHF. Som frontal e imagem instantâneos. Saída para fone de ouvido. 110/220 volts.

À VISTA 309.000,

VIDEOGAME ATARI *POLYVOX*.* Com opção para vários jogos, dos mais simples até os mais complexos. Não exige adaptação. Funciona em qualquer televisor.

À VISTA 269.000,

OFERTA EXCLUSIVA
1 FITA COM A HISTÓRIA DE TODAS AS COPAS.

VÍDEO CASSETE DECK PHILCO-HITACHI MOD. PVC-2000.* Sistema VHS. Seis funções reunidas numa só tecla. Programador para até 10 dias. Controle remoto com 8 funções.

À VISTA 2.233.665,

TV TELEFUNKEN 445 T 17" (44 cm). Preto/branco. Controles rotativos para ajustes de brilho, contraste e volume. Antena telescópica. Circuito de proteção integrado. 110/220 volts.

À VISTA 137.700,

TV PHILIPS B-710 SUPER LUXO. 12" (31 cm). Preto/branco. Com seletor digital eletrônico de canais. funciona em 110/220 volts.

À VISTA 123.800,

INSTALAÇÃO GRÁTIS

CONJUNTO CCE SYSTEM BARCELOS.* Composto de: Tape-deck CD-7.000. Aço. Metal Dolby Tape, VU e LEDS. Toca-discos BD-130-M com cápsula magnética. Receiver SR-2.000. Aço. 100 watts. 2 caixas acústicas CL-505-G Grafite. Estante Rack SS-3.000 opcional.

À VISTA 412.000,

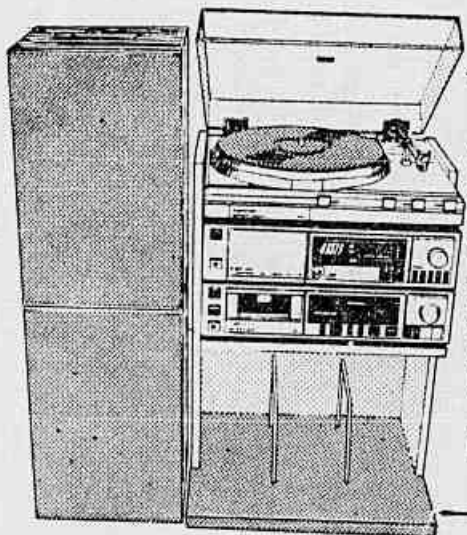
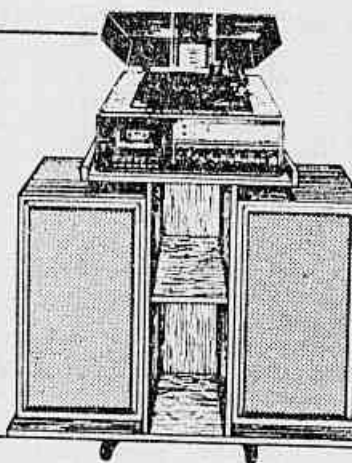
INSTALAÇÃO GRÁTIS

CONJUNTO SONY SYSTEM SM-140. Composto de: Tape-deck FX-33-BS com sensor automático. Toca-disco PS-23-BS Direct-drive à quartz. Receiver VX-20-BS digital. 2 caixas acústicas SS-205-BS com 90 watts. Opcional: estante Rack.

À VISTA 990.000,

ELETROFONE National SS-5000.* Toca-discos semi-automático. Tape-deck frontal. 2 caixas acústicas.

À VISTA 222.000,

INSTALAÇÃO GRÁTIS

CONJUNTO gradiente DIGITAL SYSTEM DS-20/45.* Receiver digital, estéreo cassete deck, toca-discos Belt-Drive. Totalmente automático, 2 caixas acústicas Bass-Reflex de 50 watts. Opcional estante Rack.

À VISTA 612.000,

CAIXA ACÚSTICA gradiente MASTER 67-F. Com 65 watts.

À VISTA 70.900,

ENCERADEIRA LAVA CARPETES Electrolux — À VISTA 62.800,

LIQUIDIFICADOR *BRITÂNIA* COM 3 VELOCIDADES. — À VISTA 14.800,

NOVA CENTRÍFUGA WALITA — À VISTA 34.800,

FERRO WALITA LUXO. — À VISTA 6.900,

MOEDOR ELÉTRICO Lieco — À VISTA 37.700,

CAFETEIRA ELÉTRICA Melitta MA-III. — À VISTA 23.800,

TOSTADOR FAET AUTOMÁTICO 607. — À VISTA 19.800,

CALCULADORA SHARP EL-230 COM 8 DIGITOS. — À VISTA 12.700,

MÁGUINA DE ESCREVER Remington IPANEMA. — À VISTA 79.900,

FILTRO DE ÁGUA BRAUN — À VISTA 9.900,

ESPREMEDOR DE FRUTAS BRAUN AUTOMÁTICO. — À VISTA 11.000,

TOCA-DISCO *POLYVOX* TD-1.500.* Belt-drive e tampa de acrílico.

À VISTA 60.000,

AMPLIFICADOR gradiente M-126.* Estéreo. Com 120 watts.

À VISTA 145.400,

SINTONIZADOR gradiente MODEL 9.* Com AM/FM estéreo.

À VISTA 109.900,

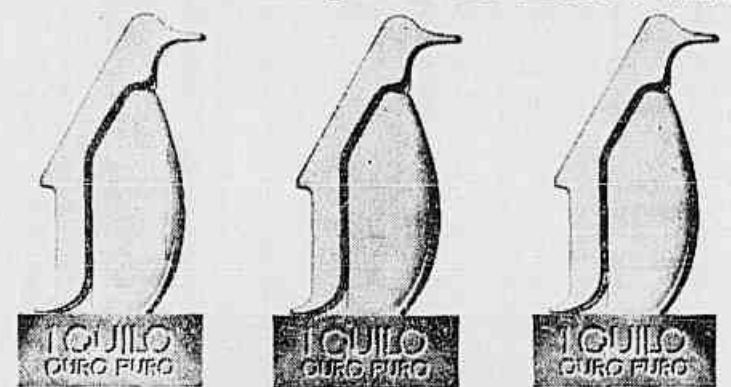
PREÇO PRÊMIOS

MPRANDO E QUEM VAI COMPRAR

REFRIGERADOR Consul
BIPLEX GRAN LUXO
CB. 4333.
430 litros (15,2 pés).
Degelo automático.
Várias cores.
À VISTA 328.000,

REFRIGERADOR
BRASTEMP
BRJ-32-L-LUXO.
320 litros (11 pés).
Várias cores.
À VISTA 198.000,

CONGELADOR
PROSDÓCIMO
CC-22-180.
Vertical. 180 litros.
Equipado com fechadura. Várias cores.
À VISTA 239.800,

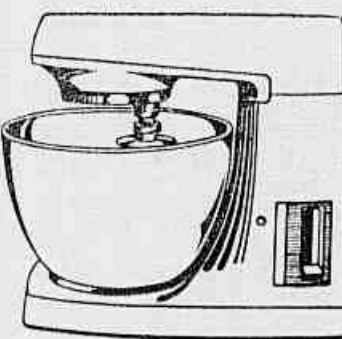
GANHE
3 PINGUINS DE 1 QUILO DE OURO PURO.

3 AUTOMÓVEIS FIAT OURO ZERO Km.
9 VIDEOCASSETES PHILCO VHS.
3 CÂMERAS PHILCO P/ VIDEOCASSETES.
150 TELEVISORES PHILCO.

E mais 453 prêmios: Conjuntos de som, Fornos de Microondas, Refrigeradores Consul, Congeladores Consul, Máquinas de Lavar Roupa, Máquinas de Secar Roupa, Fogões Continental 2001, Condicionadores de Ar Consul, Videogames Atari, Máquinas de Costura Singer, Aspiradores de Pó Portáteis, Cafeteiras Elétricas, Batedeiras de Luxo, Enceradeiras de Luxo, Torradeiras Automáticas, Centrífugas para sucos, Liquidificadores, Kits Furadeiras com acessórios, Espremedores de fruta automáticos, Relógios de pulso Orient, Seiko, Casio, Tissot e Jean Robert e Rádios-relógios Philco.

FOGÃO Continental 2001
GRAN PRIX SUPER LUXO II.
Com espeto rotativo.
6 bocas. Mesa de aço inox.
Churrasqueira gigante.
Acendimento automático.
Várias cores.
À VISTA 258.000,

FOGÃO Semer
RADIANTE 3040- S.
Com 4 bocas. Pés tubulares.
Várias cores.
À VISTA 58.800,

FOGÃO Semer 4003.
2 bocas. Com tampa.
O único fogão portátil com forno. Ideal para praia ou camping. Várias cores.
À VISTA 27.800,

LAVADORA
BRASTEMP
ESPECIAL BLG-61-L.
Totalmente automática.
Operações simplificadas.
Lava 4 quilos de roupa de uma só vez. Na cor branca.
À VISTA 242.000,

BATEDEIRA PLANETÁRIA
ARNO
5 velocidades. Tigela de 1 litro. Batedor especial para massas encorpadas.
À VISTA 56.800,

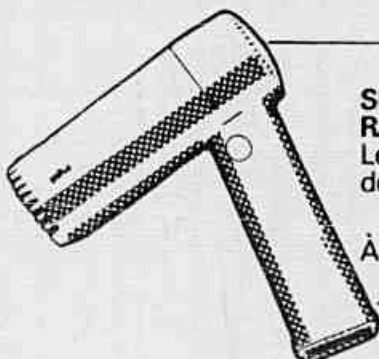
1º SORTEIO 9 DE MAIO VÁ À LOJA E APANHE SEU CUPOM

NOVA LINHA 84

BICICLETA Caloi CROSS
EXTRA ARO 20.
Selim à prova de choques e protetor do quadro em náilon impermeável. Rodas laterais.
À VISTA 129.800,

ESPREMEDOR DE FRUTAS WALITA
ES-200.
Com 2 formas de extração do suco. Separa automaticamente bagaços e caroços.
À VISTA 23.000,

(*) Produzido na Zona Franca de Manaus.

ASPIRADOR DE PÓ
GENERAL ELECTRIC
ESPECIAL.
Portátil. A maior capacidade de sucção do mercado. Com motor mais potente, 850 watts.
À VISTA 56.600,

SECADOR BRAUN ULTRA RÁPIDO.
Leve e prático. Possui cabo dobrável. 110 volts.
À VISTA 9.900,

PONTO FRIO

O MENOR PREÇO DA CIDADE

Delfim Vieira

O trânsito caótico, a falta de segurança, os camelôs e a poluição fazem o sofrimento diário de um bairro onde vivem 300 mil pessoas

Morador sofre mas Copacabana não muda

Um ano depois de ter assumido o Governo do Estado, Leonel Brizola, gaúcho morador de Copacabana, fez apenas uma coisa pelo bairro: a Operação Copacabana, que retirou os carros estacionados do calçadão. Os problemas, porém, continuam os mesmos: ar saturado de partículas tóxicas; poluição sonora; trânsito caótico; falta de segurança; poucas praças para o lazer; muitos camelôs nas ruas e as calçadas servindo de banheiro para os cachorros e de casa para os mendigos.

Nesta grande cidade que é Copacabana, com 7,67 quilômetros quadrados e cerca de 300 mil habitantes — dos quais 17 mil são favelados — todo tipo de serviço é oferecido mas as crianças e os velhos não conseguem acompanhar o ritmo da vida do bairro. Mesmo assim, a praia ainda é a mais famosa internacionalmente, muito procurada pelos turistas, que encontram ainda uma vida noturna movimentada. Apesar de todos os problemas, muitos moradores não trocariam Copacabana por nenhum outro bairro.

Os problemas de Copacabana são decorrentes das próprias características socioeconômicas e urbanas do bairro, marcado pela coexistência de diferentes classes sociais que ali moram. A concentração do comércio e a presença de turistas atraem assaltantes; o grande número de ônibus provoca engarrafamento, poluição atmosférica e sonora; e a aglomeração urbana, a sujeira e a falta de estacionamento.

O administrador do bairro (V Região Administrativa), Coronel Gastão Fontela, diz que o morador de Copacabana pode passar a vida inteira sem sair do bairro. Ali existem 66 agências de bancos, 13 supermercados, um dos quais aberto 24 horas, farmácias de plantão, 10 teatros, nove cinemas, 30 boates, 18 colégios públicos, 13 hospitais particulares, três feiras livres, nove igrejas católicas, 10 protestantes e duas sinagogas, e ainda centenas de bares e restaurantes espalhados pelas 157 ruas de Copacabana.

Para administrar esta grande cidade, segundo Gastão Fontela, seria necessário que o responsável tivesse "poder decisório, o que não existe. Ele afirma que trabalha repassando reclamações da comunidade aos órgãos competentes. O maior número de queixas que recebe é de indisciplina dos transportes, falta de segurança, ausência de conservação de praças e ruas, bueiros entupidos, falta de estacionamento, camelôs e sujeira de cachorro.

Insegurança

Grande parte das reclamações são recebidas pelo Comandante do 19º BPM, Tenente-Coronel Clodoaldo da Silva Santos, responsável pela segurança de Copacabana, Ipanema e Leblon.

Com cerca de 1 mil homens para a segurança de Copacabana, Ipanema e Leblon, além do apoio das duas delegacias do bairro, 12ª DP e 13ª DP, o Comandante do 19º BPM informa que os maiores problemas são o roubo e o furto, segundo ele praticados por favelados de outros bairros, atraídos pelo número de pessoas nas ruas. Segundo o Coronel Clodoaldo, seria necessário o dobro de policiais para a segurança da área, "mas de qualquer forma" considera o bairro seguro.

Além do patrulhamento ostensivo, e do policiamento de praia, os policiais do 19º BPM são acionados para problemas decorrentes das características do bairro, que tem 6 mil 302 prédios e 90 mil domicílios: são brigas entre vizinhos por causa de barulho, vitrola alta, crianças desordeiras, festas em horários impróprios, cachorros agressivos, brigas entre domésticas. Na opinião do Comandante, alguns problemas são de difícil solução, como os engarrafamentos no trânsito, mas acredita que a criminalidade pode diminuir com um trabalho ostensivo de policiamento.

Poluição e trânsito

Uma das maiores queixas dos moradores é o problema do trânsito. Ali, trafegam diariamente 1 mil 169 ônibus, das 50 linhas que operam no bairro. Os números fornecidos pela Superintendência de Transportes Urbanos (SMTU) comprovam a dimensão do problema: 8 mil 124 viagens por dia, transportando 804 mil 207 passageiros, dos quais 450 mil ficam em Copacabana e o restante segue para outros bairros.

Além dos ônibus, a Associação Comercial do bairro baseada num levantamento do Detran informa que circulam pelas ruas de Copacabana 450 mil carros diariamente. O problema de trânsito é agravado ainda pela falta de estacionamento. Cerca de 35% dos edifícios não têm garagens e os motoristas deixam seus carros nas calçadas e mesmo nas ruas, atrapalhando os pedestres. As vagas nos edifícios-garagens são disputadas pelos moradores e o preço médio é de Cr$ 50 mil por mês.

O ar de Copacabana, segundo a FEEMA, está saturado (acima dos índices normais de poluição). As pesquisas da Fundação constataram que existem 82 miligramas por metro cúbico de partículas em suspensão, quando o padrão é de 80; o dióxido de enxofre (proveniente das descargas dos ônibus) atinge 103 mil miligramas por metro cúbico, quando o padrão é de 80 mil.

A poluição sonora também está acima dos limites tolerados e Copacabana foi considerado o bairro mais barulhento do mundo durante o 10º Congresso Internacional de Acústica, realizado na Austrália em 1981. Naquele ano foram medidos os decibéis produzidos por buzinas, ruídos de arrancadas e freadas de ônibus e automóveis nas principais esquinas do bairro. Todas as medições acusaram decibéis acima do suportável para o ouvido humano (o limite é de 70 decibéis).

Os pontos negros de poluição sonora são as esquinas de Santa Clara com Barata Ribeiro (84 decibéis em 1980 e 84 decibéis em 1981) e Figueiredo Magalhães com Barata Ribeiro (84 decibéis em 1980 e 83 decibéis em 1981), conhecidas como o **Quadrilátero da Morte** pelo alto nível do barulho.

O urbanista Augusto Ivan, um dos idealizadores do Corredor Cultural, considera sérios os problemas do local, mas destaca aspectos positivos:

— A vida de Copacabana é muito rica, ao contrário da Barra da Tijuca, onde os moradores ficam isolados em seus condomínios e existem lugares simpáticos, como o Bairro Peixoto — diz, observando que "os problemas ambientais são solucionáveis".

Delfim Vieira

O copacabanense convicto reclama do trânsito e da poluição, mas não quer sair do bairro

Copacabana atrai pela agitação

"Ou a pessoa gosta ou odeia o bairro, não há meio termo, no que se refere a Copacabana". Com esta frase, Paulo Marinho, personagem da alta sociedade e copacabanense convicto, define como as pessoas reagem a Copacabana: ninguém fica indiferente ao barulho,à movimentação de pessoas nas ruas, à beleza da praia, à falta de estacionamento, ao trânsito, à muralha de edifícios.

— Sempre morei em Copacabana. Minha juventude toda foi ali na Miguel Lemos, que era como uma república — conta Paulo Marinho. — Tenho intimidade com o bairro, acho aquela movimentação toda muito interessante.

Namoro e chope

Atualmente, Paulo Marinho mora na Avenida Atlântica, no edifício Chopin, ao lado do Copacabana Palace, um endereço muito exclusivo. — Gosto muito do lugar onde moro, mas não representa muito em termos de Copacabana, está longe da movimentação do bairro.

Outro que está longe da movimentação do bairro é Rafael de Almeida Magalhães, ex-Deputado Federal pela extinta Arena, vice-Governador de Carlos Lacerda — "Sou ex uma porção de coisas" — morou em Copacabana durante 30 anos, de 1932 a 1962 e que agora prefere a calma e a falta de poluição do Alto da Boa Vista.

À época em que Copacabana era o centro da vida cultural do Rio Rafael estava lá, tomando parte nessa vida.

Como morador da Avenida Atlântica, no quarteirão que vai do Lido à Rua República do Peru, antigo Posto 2, Rafael era da turma da Praça do Lido, fazia parte do time Ouro Preto de futebol de praia, passeou e namorou muito no calçadão (na sua época de adolescente era raro quem tinha carro próprio) e tomou muito chope sentado nas mesinhas do bar OK — "naquela época não tinha uísque".

Ali perto do Lido começou a Bossa Nova — diz ele. — Norma Benguel morava no Lido. Saíram dali muitas moças para os shows do Carlos Machado, como a Rose Rondelli, a própria Norma. O Chico Anísio começou sua carreira numa boate ali perto.

O Lido — área que ia da Avenida Prado Junior ao Copacabana Palace — era a mesma coisa que Posto 2.

Cada posto da praia tinha um time de futebol — lembra Rafael.

O Leme tinha seu time de futebol de praia, depois vinha o Copaleme, "nome dado devido à localizacão da turma, nem era totalmente do Leme nem totalmente de Copacabana, era do limite"; no Posto 2 tinha o time Ouro Preto, onde jogava Rafael, e onde jogou Paulo Amaral, ex-técnico de futebol, e Nilton Santos, jogador bicampeão do mundo. No time do Posto 4 jogava João Saldanha, ex-técnico da Seleção Brasileira e atualmente comentarista de futebol; no Posto 6 tinha o **Lá vai bola**. Havia também os times Americano, onde jogava **Neném Prancha**, figura folclórica do futebol, e o 103, "um time meio dissidente", segundo Rafael, que tomou como nome o número do primeiro ônibus a freio hidráulico a aparecer em Copacabana.

Nas décadas de 1940 e 50 — "os namoros eram no cinema e havia muita briga nos cinemas. Aos sábados e domingos a rapaziada saía procurando festinhas, e festinha dava muita briga porque gente de outra turma penetrava, mexia com as meninas da turma da gente e começava a briga", recorda Rafael.

— Mas quem brigava muito era a Turma dos Cafajestes, formada por Mariozinho de Oliveira e Carlinhos Niemeyer — acrescenta ele.

Bairro Peixoto quer gabarito baixo

Como uma grande cidade, Copacabana tem várias zonas com problemas específicos, como o Bairro Peixoto, área delimitada pelas Ruas Toneleros e Henrique Oswald por um lado e Santa Clara e Siqueira Campos por outro, com a praça Edmundo Bittencourt no meio, e a ladeira dos Tabajaras e o morro dos Cabritos ali perto. Lá ainda existem edifícios de cinco andares e a Associação dos Moradores quer que a Prefeitura mantenha o gabarito exatamente em cinco andares.

Mas já existem prédios com 11 andares, sendo três de garagens — diz Ana Lígia Mello Pereira, moradora do Bairro Peixoto há seis anos e presidente da Associação dos Moradores de lá.

Higiene

A insegurança, causada pelos pequenos roubos e assaltos a residências é questão que preocupa os moradores do Peixoto, mas o importante mesmo naquela área é "a questão da limpeza e higiene da via pública por causa da sujeira de cachorro", diz Ana Lígia. A praça Edmundo Bittencourt está infectada, segundo ela, e já houve epidemia de larva **migrans**, proveniente de urina e fezes de cachorro,"sem contar as mordidas nas crianças".

Fazendo questão de que o Peixoto continue uma espécie de oásis — lá, a poluição sonora não existe e os problemas de trânsito são pequenos, em contraste com as demais áreas de Copacabana — os moradores reivindicam permissão para colocação de quebra-molas nas ruas que circundam a praça: é que à noite o Peixoto vira pista de corridas para as motocicletas. Os moradores até conseguiram que o diretor do Detran, Marcelo Reis, passeasse com eles pelas ruas, só que durante o dia, e ele concordou com a colocação dos quebra-molas. Depois disso, nada mais foi feito.

Melhor sorte tiveram as pessoas da Associação de Moradores do Posto 6 e Arpoador que conseguiram ver atendidas uma reivindicação e parte de outra. O acesso de carros ao hotel Rio Palace por cima do calçadão foi fechado, para evitar atropelamentos; e foi transferida uma das 12 linhas que fazem ponto final na área: os ônibus da linha 484, que paravam na Raul Pompéia, estão agora parando na Francisco Otaviano.

— O problema de trânsito nosso aqui é grave — conta Luís Henrique Ferreira, morador há 27 anos do Posto 6, — porque temos excesso de linhas parando nas ruas. São 12 linhas, 11 de ônibus comuns e uma de **frescão**, e além disso cada linha faz enormes filas com vários ônibus, o que vai contra uma portaria que diz que cada final de linha só tem de ter dois ônibus na fila.

Os moradores querem também que o mar não seja poluído, porque praia ainda é um lazer barato, um espaço democrático da cidade". Pedem a remodelação do Parque Pan, "que é um **troço** agressivo", segundo Luís Henrique Ferreira. O Peter Pan é todo cimentado, tem brinquedos também de cimento.

Enquanto os moradores do Posto 6 e Arpoador têm o Parque Garota de Ipanema e o Peter Pan e os do Bairro Peixoto têm a Praça Edmundo Bittencourt para as crianças bricarem, quem mora na área da Praça Cardeal Arcoverde não tem aonde levar as crianças.

BRUNO THYS e SANDRA CHAVES

Mestre Máximo está desiludido

Aos 72 anos, Mestre Antônio Máximo, pescador da Colônia do Posto 6 há 62 anos, está descrente:

— Copacabana já foi um lugar maravilhoso, calmo, sem correrias e atropelos e com um mar generoso que alimentava os moradores com peixes de boa qualidade.

Diariamente, antes do sol nascer, Mestre Máximo sai com outros pescadores numa canoa pequena e retorna horas depois, a cada dia com menos peixe. — Antigamente pegávamos até 100 Kg, hoje vêm 30, 20, às vezes 10 — diz. Atribui o fato "ao progresso que criou redes mais finas e a movimentação nas praias que afasta o peixe". Ele refuta o argumento d• poluição no mar: — Isso ainda não está prejudicando.

Da ponta da praia de Copacabana, no Posto 6, Mestre Antônio Máximo conta que assistiu à deterioração da vida no bairro:

— As pessoas eram mais tranqüilas, não havia prédios, os bares cobravam o preço justo e andava-se sem medo pelas ruas.

Ele lembra dos bondes, dos cafés "que não precisavam acabar" e das enormes áreas verdes com árvores "que davam frutas". Mestre Máximo considerase "um privilegiado", porque conheceu outra Copacabana, mas lamenta ter quebrado uma tradição:

— Sou bisneto de pescador e meus filhos tiveram que seguir outro caminho, porque neste mundo não há mais lugar para aventura.

Delfim Vieira

Mestre Antônio Máximo

Mar está bom de banho mas canais oferecem perigo

Todas as praias oceânicas do Rio estão em boas condições para o banho. Excetuam-se as áreas próximas às saídas dos canais do Jardim de Alá, Entre Ipanema e Leblon, e da Avenida Visconde de Albuquerque, no Leblon. O Secretário de Obras e Meio-Ambiente, Luís Salomão, esclareceu que a população deve evitar zonas em torno de 500 metros para cada lado da saída desses canais, onde os índices de coliformes fecais — esgoto — estão acima do padrão tolerável.

Salomão informou também que as manchas de espuma que se espalham no litoral de Niterói a Grumari e que preocupam os banhistas, não apresentam qualquer risco à saúde. Na sua interpretação, são resultado do movimento do mar "emulsionando substâncias que provêm da depuração da fauna e flora marinha, lixo, óleo, detergentes e dejetos lançados por embarcações, canais e emissários. Na Lagoa Rodrigo de Freitas, eliminaram-se 18 dos 24 saídas clandestinas de esgoto. Mas foram encontrados mais três.

Praias

Segundo as últimas análises das águas das praias, feitos no último dia 23 pela Cedae, Copacabana e Leme apresentam índices de poluição por esgoto quase todos classificados como toleráveis. Em Ipanema, todos os resultados estavam dentro dos padrões de qualidade para o banho do mar, exceto o do ponto 01, junto à saída do canal do Jardim de Alá, cujas águas mostraram resultado bastante elevado, ou seja, 9 mil e 300 coliformes fecais por cada 100 mililitros de água coletada (o padrão é 1 mil coliformes fecais por 100 mililitros).

A poluição causada pelo canal do Jardim de Alá, segundo o Secretário de Obras e Meio-Ambiente, é decorrente do lançamento de água de lavagem da galeria pluvial da Avenida Vieira Souto. A Prefeitura, para eliminar um extravasamento — língua negra — na altura da Rua Maria Quitéria, colocou duas **Bucket machines** para limpar a galeria pluvial e, para realizar o serviço, teve que esvaziar a galeria de cintura que corre paralela ao calçadão da avenida. O esgoto ali existente escorreu para o canal do Jardim de Alá.

Manchas

Preocupado em tentar definir de onde provêm as extensas manchas de espuma que aparecem em todo litoral carioca, o Secretário Luís Salomão, acompanhado do presidente da FEEMA, Armando Mendes, e do presidente da Cedae, José Rômulo de Mello, sobrevoou a região, no dia 24 passado, para detectar as manchas, marcá-las em mapa e determinar a coleta de amostras para exame.

Salomão acha que as manchas são produto do movimento do mar emulsionando substâncias presentes na água. Como o litoral do Rio recebe influência de diversas lagoas, canais, emissário submarino e extravasores do sistema de esgoto, o mar tem dejetos na sua composição, como também detergentes, óleos, graxas e produtos da depuração da fauna e flora marinhas. Isso é o que demonstram as análises realizadas pela FEEMA. Imbuuí, em Niterói, apresenta as manchas com maior porcentagem de coliformes fecais. Em seguida, vem a área do Vidigal.

PAULO MOTTA

Passarela é arrumada para virar centro de ensino e espetáculos

Faz amanhã um mês que foi inaugurada a Passarela do Samba, que recebe os últimos retoques para abrigar a escola-modelo idealizada pelo Vice-Governador Darcy Ribeiro e prometida para o segundo semestre. Mas a deficiência de professores preocupa mais o Prefeito Marcelo Alencar do que a nomeação de um administrador para o complexo.

A primeira proposta recebida pelo Prefeito para a realização de um evento artístico na praça do Museu do Carnaval está sendo vista "com bons olhos" por ele: a de trazer de volta ao Rio o **show Primeiro de Maio**, do Centro Brasil Democrático (Cebrade), que desde o atentado do Riocentro, em 81, vem sendo realizado em outros Estados.

Etapas

O Prefeito Marcelo Alencar criou um grupo de trabalho que está analisando as propostas e a estrutura funcional da Passarela do Samba, batizada oficialmente de Avenida dos Desfiles. O Prefeito declarou ter recebido dezenas de propostas para sua ocupação, ressaltando que está fazendo estudos com que pretende vencer etapas.

— O que mais me preocupa é a parte educacional. Há uma deficiência de professores, mas a idéia é iniciar as aulas no segundo semestre — acrescentou, informando que a Secretária de Educação, Maria Ieda Linhares, já destacou alguns mestres para trabalharem no centro educacional. O Prefeito afirmou que primeiro está montando a estrutura para depois pensar em que administrará a construção.

Segundo o projeto do Governo, a Passarela do Samba, ao se transformar em um centro educacional, terá capacidade para 17 mil 500 alunos, que estudarão em dois turnos.

Mais empenhado na realização do comício pró-diretas do próximo dia 10, Marcelo Alencar marcou a reunião do grupo de trabalho para 12 de abril. Dela participarão as Secretárias de Educação do Município e do Estado, o Secretário Estadual de Planejamento, Fernando Lopes, e outros, mantendo assim a idéia de uma administração mista. Outra proposta encaminhada ao Prefeito vem sendo estudada com atenção, a da Secretária de Desenvolvimento Social, Dilza Terra. Ela sugeriu a criação de uma creche, que poderá atender às empresas com mais de 100 empregados.

A utilização ideal da praça da apoteose, acredita o Prefeito, é a de realizar grandes eventos com ingressos pagos, proporcionando assim a reversão de renda para a manutenção da Passarela.

Na sexta-feira, funcionários da Light concluíram o remanejamento da rede subterrânea de 13,8 mil volts na praça da apoteose. A outra rede, de 138 mil volts, ainda não foi remanejada e isso impediu as obras de conclusão do Museu do Carnaval. Motivo de muita discussão entre o Vice-Governador e o presidente da Light, o remanejamento da rede maior custaria Cr$ 300 milhões ao Estado. A empresa, foi pedido um orçamento detalhado que justificasse uma despesa de tal ordem. O assunto está sendo tratado por José Carlos Sussekind, que trabalha com Oscar Niemeyer e estava até ontem no Iraque. Na semana passada, os operários retomaram as obras do museu e o supervisor geral das obras, João Otávio Brizola, nada quis adiantar sobre as negociações com a Light.

Reparos

Imediatamente após o carnaval, a comissão de obras preocupou-se em fazer uma detalhada inspeção para reparar o que fora danificado. Os danos apresentados estavam aquém da expectativa e as construtoras procederam à pintura de alguns blocos e conserto de vazamentos que são freqüentes em obras novas, segundo João Otávio.

Desde o carnaval foi feito o gradeamento externo das arquibancadas da praça da apoteose (setores 6 e 13), que a Oscar Niemeyer — arquiteto da obra — não agradava por ser antiestético. As rampas de acesso ao setor 13 foram reparadas (uma delas cedeu 4cm no dia da inauguração da obra porque a ferragem superior, ou negativa, foi colocada com esta diferença), os banheiros externos estão prontos e as 225 salas de aulas serão entregues em menos de 30 dias, como assegurou o supervisor das obras.

DEBORAH DUMAR

Prefeito dá posse da terra aos pobres da Pedreira

Com a presença do Prefeito Marcelo Alencar e do Secretário de Trabalho e Habitação, Carlos Alberto de Oliveira, começaram a ser entregues, ontem, os títulos de propriedade da terra aos 3 mil habitantes do Morro da Pedreira, em Acari. O programa Cada Família, um Lote já entregou cerca de 20 mil títulos até agora. O Secretário Carlos Alberto de Oliveira espera entregar outros 85 mil até o fim do ano.

A solenidade de entrega dos títulos serviu também para que os moradores do Morro da Pedreira protestassem contra a transferência do Padre Juan Martins, que há 11 anos trabalhava junto à comunidade local. Representantes dos moradores reclamaram da decisão do Cardeal Eugênio Salles. O Prefeito prometeu interferir junto à Arquidiocese para que o Padre Juan continue no morro.

Sílvio Viegas

Rojões saudaram a regularização de lotes ocupados há anos

PROBLEMAS

O loteamento do Morro da Pedreira, próximo à Fazenda Botafogo, em Acari, começou a ser ocupado em 1943, mas só a partir de 1965 essa ocupação se intensificou. Segundo Ademir Pereira Bastos, fundador e primeiro presidente da Associação de Moradores, eles precisaram enfrentar a polícia para manter suas casas.

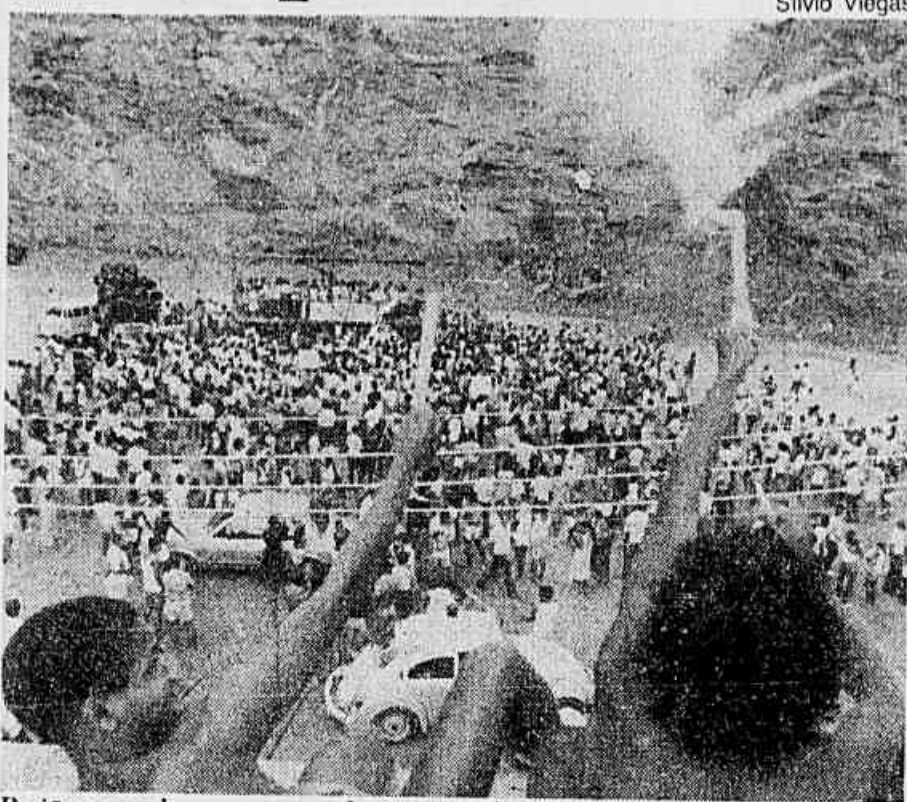
Cada morador vai pagar Cr$ 615 por metro quadrado do seu lote. Os lotes têm em média 60 metros quadrados, o que significa que a maioria dos habitantes pagará Cr$ 37 mil em 48 meses, sem juros e sem correção monetária. "O que nós estamos fazendo não é uma generosidade, não é um favor. Estamos cumprindo um dever. Isso foi uma conquista pelos 40 anos de luta e resistência de vocês", discursou o Secretário de Habitação e Trabalho.

Carlos Alberto de Oliveira informou que o programa Cada Família, um Lote, terá duas novidades neste mês de abril: a interiorização do programa, que irá beneficiar famílias em Natividade, Porciúncula e Campos, e a assinatura de convênios com universidades — Bennet, Santa Úrsula, Gama Filho, Cândido Mendes, UERJ e UFRJ — para a integração de estudantes de Engenharia, Arquitetura, Sociologia e Serviço Social ao programa.

PROTESTO

Além de manifestações pelas eleições diretas, a entrega dos títulos de posse no Morro da Pedreira foi marcada também pelos protestos dos moradores, que levaram faixas e cartazes para pedir a permanência do Padre Juan Martins junto à comunidade. O Padre Juan foi homenageado na solenidade e chegou a entregar um título de propriedade.

O presidente da Associação de Moradores da Pedreira, Sebastião Tavares, explicou que o padre ajudou a construir a associação, ajudou a comunidade a enfrentar a polícia e sempre deu assistência a famílias da região. "O que está havendo é uma arbitrariedade da Arquidiocese", protestou. Os moradores estão preparando agora uma carta, pedindo a permanência do Padre Juan, que será entregue ao Cardeal Eugênio Salles.

Temendo punições, o Padre Juan evitou falar à imprensa, mas membros de sua igreja disseram que ele e outros quatro párocos foram transferidos por fazerem críticas à Arquidiocese. O protesto dos moradores fez com que o Prefeito se comprometesse a interceder junto à Arquidiocese para a volta do Padre Juan. Alencar afirmou que o "Cardeal vai entender que o padre tem que ficar, porque é o povo que está pedindo. E a voz do povo é a voz de Deus".

Madre do Santos Anjos expõe caso do aluguel e pede paciência a pais

A madre superiora do Colégio Santos Anjos, na Tijuca, reuniu-se ontem com pais de alunos e pediu paciência, "porque tudo vai dar certo". Ela se referia ao problema de locação entre o dono da Sociedade de Ensino Superior do Rio, Aralton Lima, e a direção do colégio, que está para ser julgado no Supremo Tribunal Federal.

— Ele quer ocupar o colégio de uma vez. Mandou homens armados, que arrombaram várias portas do colégio e ameaçaram os alunos. Querem tomar o Santos Anjos antes da decisão judicial, mas Deus é grande — desabafou madre Maria da Glória.

A madre e o advogado do colégio, Antônio Grilo, voltaram a explicar aos pais dos alunos o problema, que começou em 1975, quanto Aralton Lima fez um contrato de locação com o Colégio Santos Anjos, para ocupação de 11 salas de aula e seis outras dependências. Uma das cláusulas estabelece que o contrato só entraria em vigor quando o Ministério da Educação autorizasse o funcionamento da faculdade. Mas, através de um acordo entre duas diretoras do colégio e Aralton Lima, a Sociedade de Ensino Superior do Rio passou a ocupar as salas do primeiro andar de um dos pavilhões do Santos Anjos. No ano passado, o MEC autorizou o funcionamento da faculdade, mas não reconheceu o curso de Fonoaudiologia. Aralton Lima então passou a exigir o cumprimento das cláusulas do contrato.

Advogado quer que TRT restabeleça bloqueio na conta do Proderj

O advogado Índio do Brasil Cardoso entra amanhã com um mandato de segurança no Tribunal Regional do Trabalho (TRT), pleiteando o restabelecimento do bloqueio na conta bancária do Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro (Proderj). Seu cliente, Fernando Fontes de Carvalho, é credor da autarquia em Cr$ 398 milhões 651 mil 268,91.

O bloqueio na conta do Banerj foi determinado pela 23ª Junta de Conciliação e Julgamento para permitir a execução da sentença, mas não havia fundos suficientes para saldar a dívida. Sexta-feira, o TRT concedeu medida liminar ao Proderj e suspendeu o bloqueio, apesar da dívida confessada pelo procurador do órgão, Paulo Leal Netto Machado.

Parque adia "show" pelas diretas

O show pelas Diretas que seria realizado ontem à tarde no Parque Laje, em promoção da Associação dos Moradores do Jardim Botânico, foi cancelado porque o diretor do Jardim Botânico, responsável pela administração do Parque, achou que a festa "traria danos à natureza e aos jardins".

O cancelamento foi comunicado numa carta de Carlos Alberto Xavier ao presidente da Ama Jardim Botânico, Herculano Cunha, enviada na quinta-feira à noite. Os artistas que se apresentariam — João Bosco, Turíbio Santos, Olívia Hime, João do Valle, Sueli Costa e Burnier, entre outros — foram avisados. Mas muita gente foi ao Parque Laje para o show e soube, no portão, que apesar do apoio prometido pelo diretor da Escola de Artes Visuais do Parque, Marcos Lontra, ele não seria realizado.

Crédito educativo é a única saída para família estudiosa

José Lucíola Lima, 47 anos, desempregado, universitário como as filhas Sônia e Kátia, gasta por mês Cr$ 207 mil com o estudo da família — a mulher faz curso de auxiliar de enfermagem, e o filho mais novo está em colégio particular — fora livros e passagem. A família vive de diversos expedientes, arrecada menos de Cr$ 200 mil por mês e só vê uma chance de todos terminarem a faculdade: o crédito educativo.

José e as filhas se candidataram esta semana a receber o empréstimo para os estudos, mas ele não está preocupado com os juros (6% ao ano), nem com a correção monetária (80% da ORTN) que terá de pagar. "Não tenho alternativa", constata. Já os que têm inscrevem-se com outra intenção: aplicar o que deixam de pagar e, no final, ter um pequeno lucro.

Mas a realidade desfaz sonhos de uns e outros: a Caixa Econômica Federal vai liberar apenas 5 mil empréstimos neste semestre para universitários de todo o país e, dentre as condições exigidas, está a de que o fiador do estudante ganhe no mínimo o triplo da mensalidade de sua faculdade.

Quarenta assaltos

Desde os sete anos, José trabalhava na farmácia do pai e queria ser médico. Mais tarde comprou uma farmácia em sociedade com o irmão e o cunhado. Mas 40 assaltos contados nos dedos, nos últimos cinco anos, fizeram-no desistir do negócio que mantinha na Avenida Suburbana. Sua parte foi para a poupança.

A vontade de estudar reapareceu há três anos, quando as filhas fizeram vestibular e José resolveu acompanhá-las "para dar uma força". Resultado inesperado: ele passou para Enfermagem na Universidade Gama Filho, enquanto Sônia e Kátia eram reprovadas. No ano seguinte, elas entraram para a Sociedade Universitária Augusto Mota (SUAM), uma para Letras e outra para Propaganda e Marketing.

Sônia, de 21 anos, estuda pela manhã; à tarde, trabalha numa papelaria e, aos sábados, segue, com a mãe Lenir, um curso de auxiliar de enfermagem, em Jacarepaguá. Além da faculdade, Kátia, de 20 anos, estuda inglês, e Marcos, de 12 anos, está na sétima série do 1º grau.

O grosso das despesas da família é com a educação. O aluguel da velha casa de Quintino é de Cr$ 25 mil. Telefone, não têm; televisão, uma pequena, a cores; os móveis são humildes e as refeições simples. Mas ninguém quer parar de estudar e todos fazem o que podem no sentido de contribuir para a renda familiar.

Ao preencher o formulário solicitando o crédito educativo, José Luciola Lima declarou, como renda familiar, Cr$ 141 mil, resultantes da soma do salário da filha na papelaria e dos juros mensais da caderneta de poupança.

Pagar o empréstimo? Lógico que vão. Como? "Vamos trabalhar", diz, com forte convicção, José. Ele não acha que a idade seja obstáculo, apesar de já ter vivido uma experiência negativa neste terreno: quando foi inscrever-se no concurso para auxiliar de enfermagem da Petrobrás, rejeitaram-no justamente pela idade.

A certeza de que todos estarão logo trabalhando é tanta que ninguém ainda se preocupou em fazer as contas para ver quanto terá de ser pago pelo empréstimo da CEF, caso um deles o consiga. "Contas..contas. E sabe o que mais? Ainda vou estudar Medicina!", afirma José.

Nesta primeira semana de inscrição para o crédito educativo (termina a 12 de abril), o maior movimento registrou-se na Universidade Gama Filho, que, apesar de ser uma das mais caras do Rio, abriga muitos estudantes pobres. Foi com muita dificuldade que Sirley Coelho Vargas, filho de agricultor do Espírito Santo, conseguiu chegar ao segundo período do curso de Odontologia.

Este ano, ele já pagou Cr$ 260 mil de matrícula e duas mensalidades de Cr$ 140 mil. Mais novo de três filhos, ele é o único que depende do pai e, embora dê aulas de Biologia para um curso supletivo, o que consegue não dá nem para a passagem — mora em Duque de Caxias. Se receber o crédito educativo, Sirley termina o curso; caso contrário, acha pouco provável.

Pai: economista

Ao contrário dos filhos de famílias mais simples, os filhos da classe média que se inscrevem para o crédito educativo têm vergonha de admitir qualquer dificuldade financeira na família. Comparando-se com o movimento da Gama Filho, o das faculdades da Zona Sul foi muito fraco.

Na PUC, por exemplo, só 10 estudantes inscreveram-se no crédito educativo. Os 10 inscritos da PUC em uma semana correspondem ao movimento da Gama Filho em duas horas do primeiro dia.

Já na Santa Úrsula, em Botafogo, a preocupação maior é com a forma e duração do pagamento. Em uma semana inscreveram-se 50 estudantes, a maior parte gente que estuda à noite e trabalha durante o dia. Mas há as exceções. Filha de economista, 19 anos, uma estudante — não quis dar o nome — explica porque se inscreveu.

— Tenho uma irmã na faculdade e, se conseguir o crédito, é melhor. Aí a gente põe o dinheiro da mensalidade na poupança ou então compra dólar e, quando chegar a época de reembolsar a Caixa, dá para fazer só com os rendimentos.

RÉGIS FARR

Vidal da Trindade

A carona é uma prática institucionalizada devido à grave carência de transporte

Vida intensa de dia morre na noite da Cidade Universitária

Durante o dia, uma cidade muito movimentada, com um fluxo constante de veículos. À noite, um deserto: nem veículos e pouquíssimas pessoas. Com cerca de 50 mil pessoas que passam seu dia ali, segundo a prefeitura da cidade universitária, a Ilha do Fundão tem os mesmos problemas de todo o Rio, mas alguns, como os de segurança e de transporte, ganham características especiais.

— Acho que o pior problema do Fundão — o transporte — nós vamos começar a resolver com as linhas circulares internas — acredita o prefeito Carlos Fernando Silva, um ex-aluno da Faculdade de Arquitetura da própria UFRJ, que administra os 4,5 milhões de metros quadrados onde estão, além das unidades, um hospital, vários centros de pesquisas, uma vila de funcionários, alojamentos de estudantes e um setor militar.

Carona

As primeiras aulas no Fundão — de Educação Física — começam às 6h45min, mas antes disso já há gente, alunos e moradores das proximidades, praticando seu **cooper** no asfalto das largas avenidas que cruzam a ilha. Os primeiros estudantes chegam de carro, já que os ônibus do Centro para o **campus** só começam a circular às 6h30min.

Até as 9h, o tráfego é intenso. Chegam professores, estudantes e os funcionários dos centros de pesquisa da Petrobrás e Eletrobrás, do Instituto de Engenharia Nuclear e do Centro de Tecnologia Mineral. A Ilha do Fundão é usada também como opção de tráfego para quem entra ou sai da Ilha do Governador.

Para quem não tem carro, chegar na UFRJ é mais difícil. Os ônibus já passam regularmente, mas estão sempre lotados e desaparecem após as 18h. As dificuldades de transporte acabaram institucionalizando a prática da carona, maneira preferida por muitos alunos para sair do Fundão ou a ele chegar. "Dê carona em ordem. UFRJ", dizem as placas espalhadas pelo **campus**.

Para resolver esse problema, a ADUFRJ, os estudantes e a prefeitura da Cidade Universitária entraram em contato com as autoridades municipais e estaduais da área de transporte e chegaram a uma solução que deve começar a funcionar ainda este semestre. Os ônibus da linha que davam voltas no Fundão agora vão parar apenas no Terminal Rodoviário, recém-construído, onde haverá ônibus circulares para a Ilha. Esse sistema será integrado também ao Metrô, na Estação de Maria da Graça.

Insegurança

Com 400 leitos, o Hospital Universitário ainda não está funcionando plenamente, mas seus médicos são elogiados pela população, que não precisa enfrentar filas para ser atendida no ambulatório. Filas, só na hora do almoço nos três bandejões (um na Engenharia, um na Medicina e um na Arquitetura) do **campus**. As opiniões sobre a comida variam entre "razoável" e "intragável", mas a maioria a define como "péssima". Os estudantes preparam-se agora para tentar barrar o aumento pretendido pelo reitor de Cr$ 80 para Cr$ 250.

A comida do bandejão afugenta muitos estudantes, que preferem comer nos bares e **trailers** do **campus**. A hora do almoço é quando existe maior movimento pela universidade, com as pessoas conversando nas entradas dos prédios ou próximo aos bandejões, onde também são armadas barracas que vendem de frutas e sanduíches a artesanato. Depois, enquanto alguns voltam para as aulas, outros estudam encostados nas pilastras ou deitados num dos poucos bancos. Os namoros são poucos: "Isto aqui é muito pouco romântico", garante um estudante de Matemática que namora uma loura da Química.

Ao entardecer, o **campus** vai ficando vazio, os ônibus escasseiam e o ambiente começa a ficar propício aos assaltos, que ocorrem tanto de noite quanto à luz do dia. A UFRJ deveria ter 1 mil 80 guardas, mas só trabalham cerca de 120 vigilantes, que são insuficientes para conter a violência. Os que mais sofrem com o deserto em que se transforma à noite a Ilha do Fundão são os estudantes que moram nos alojamentos.

Apesar de sua capacidade ser de 400 pessoas, os dois alojamentos — masculino e feminino — estão ocupados por mais de 500 estudantes que enfrentam como podem as infiltrações, as janelas quebradas e a falta de espaço.

Além da dificuldade de transporte nos finais de semana e à noite, principalmente, os moradores do alojamento do Fundão são acordados sempre muito cedo pelos aviões do Aeroporto Internacional.

Espaços vazios são desafio no Fundão

O Plano de Conjunto da Cidade Universitária, datado de 1973, previa que o **campus** da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Ilha do Fundão, abrigasse todas as suas unidades, além de ter uma zona comercial, hotel e um estádio. Com algumas faculdades ainda na Praia Vermelha e outros espalhadas pelo centro da cidade, os alunos da UFRJ enfrentam no Fundão os imensos espaços vazios e não urbanizados e problemas de transporte e segurança.

"É preciso que o **campus** se torne realmente um **campus**, com atividades programadas para que o estudante fique aqui e o **campus** seja um pólo cultural e científico", defende o professor Joel Teodósio, presidente da Associação de Docentes da UFRJ (ADUFRJ). "É preciso humanizar o **campus**", concorda o reitor Adolpho Polilo. "O Fundão não integra; desintegra. Eu não conheço nem o pessoal da minha área, quanto mais o da Medicina", reclama Álvaro Pontes, aluno de Engenharia Mecânica.

Vazio

O decreto determinando a construção da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, foi assinado pelo Presidente Getúlio Vargas em 1935. As obras para a construção do **campus** da Universidade do Brasil (como era chamada a UFRJ) só começaram 14 anos depois, com o aterro de algumas áreas. A Cidade Universitária só foi inaugurada em 1972, mas até hoje muitas unidades da UFRJ ainda não chegaram ao Fundão.

A primeira unidade a se estabelecer na Cidade Universitária foi a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), que divide seu prédio com a Escola de Belas-Artes e a Reitoria da UFRJ. A distância entre a FAU e o Centro de Ciências da Saúde (CCS) — e a Faculdade de Educação Física, em frente —, é de quase quatro quilômetros. Entre eles, existem o gigantesco Centro de Tecnologia e o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), além dos centros de pesquisas da Petrobrás e da Eletrobrás.

Pelo Plano Conjunto de 1973, entre a FAU e o CCS estariam a Escola de Música, a Faculdade de Letras, a Reitoria, o Centro de Filosofia e Ciências Humanas e o Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. O prédio da Faculdade de Letras — em obras há mais de cinco anos — deverá estar finalmente concluído em agosto, com um bandejão anexo.

A Escola de Música continua na Lapa, a Faculdade de Direito funciona no tradicional e maltratado prédio da Rua Moncorvo Filho, no Centro, e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais permanece no Largo de São Francisco. O campus da Praia Vermelha abriga as Faculdades de Economia e Administração e de Educação, as escolas de Comunicação e de Serviço Social e o Instituto de Psicologia.

O reitor da UFRJ, Adolpho Polilo, explica que não há pressa de trazer as unidades da Praia Vermelha e mesmo a Escola de Música. "O projeto da Cidade Universitária era faraônico como pode ser percebido pelos prédios até luxuosos que foram construídos. O prédio de Letras, que está para ser terminado, já é muito mais simples", afirma o reitor.

Professores e alunos se unem para protestar contra as más condições dos prédios (já houve arrombamentos, há infiltrações, um laboratório de química explodiu) e pedir mais verbas para a universidade. O presidente da ADUFRJ aponta também a falta de creches, áreas de lazer, que possam ser aproveitadas pela comunidade até nos fins de semana, além de uma área comercial, com lojas e bancos, como fatores de "esvaziamento da vida do campus".

OSCAR VALPORTO

Estrada dos Bandeirantes é rota de poluição múltipla

Todos os símbolos urbanos presentes na Estrada dos Bandeirantes — cuja extensão de 22 quilômetros liga os bairros da Taquara, Curicica, Camorim e Vargem Grande, sub-regiões da Baixada de Jacarepaguá — apontam para a modernidade e seus efeitos irreversíveis. As emanações de gases tóxicos e a formação de nuvens de fuligem industrial, no início desta semana, na altura do Km 2, onde fica o complexo químico-farmacêutico da região, surge apenas como um dos paradoxos urbanos da Estrada dos Bandeirantes.

Durante seu percurso — até a Avenida das Américas, na Barra da Tijuca — alinham-se, desigualmente, supermercados, **biroscas**, indústrias (químico-farmacêutica, metalúrgica e de informática), pequenas comunidades carentes, barracas de camelôs, dezenas de casas de materiais de construção, motéis, **outdoors**, sítios, favelas e tapumes de novas obras. Isso é uma síntese do processo de urbanização da Baixada de Jacarepaguá nos últimos 20 anos, quando o crescimento industrial, comercial, demográfico e residencial atingiu índices inesperados pelos urbanistas.

Confronto

Duplicada, em 1979, pelo então Prefeito Marcos Tamoyo — ganhou canteiro central e pista dupla até o Km 8, onde se afunila numa única pista — a Estrada dos Bandeirantes obteve um aspecto urbano transitório: foram plantadas 3 mil árvores (como amendoeiras e coqueiros); teve, na época, Cr$ 17 milhões gastos com iluminação a vapor de mercúrio, com 289 postes e 967 luminárias; e Cr$ 6 milhões em desapropriações.

Esse aspecto, com um nítido complexo de subdesenvolvimento, confronta-se, hoje, com sua periferia circundada por 10 grandes favelas e mal construídos condomínios, chácaras bem tratadas, esqueletos de novas unidades residenciais populares, movimento de máquinas de escavação e rios e lagoas assoreados.

Desde a sua zona nobre, no Largo da Taquara, onde começa, os confrontos chamam a atenção. No Km 0, por exemplo, localização do setor de serviços (supermercados, lojas de eletrodomésticos, bares, bancos, hospitais etc), há mais de 20 barracas de camelôs, nas portas dos supermercados, apesar, segundo eles, de recente tentativa de remanejá-los do local. O parque de diversões de Adão, cujo **minhocó** em formato de carrosel é o único equipamento de diversão da garotada, espremido diante das Casas da Banha, denuncia a total falta de lazer na Taquara.

Favelas e blocos

Mais à frente, na altura do Km 2, em Curicica, duas zonas antagônicas se interligam: a industrial, constituída pelas empresas químico-farmacêutica e a residencial, formada por conjuntos habitacionais de blocos coligados e favelas com a Vila Sapê e a Pai Herói, esta surgida recentemente.

Foi no início desta semana que moradores da localidade denunciaram a poluição do ar, segundo eles pelos Laboratórios Shering e Quimisintesa e a Metalúrgica Curicica. Isso, disseram, provocou a morte de dezenas de animais, definhamento de plantas e tosse em crianças. No final de Curicica, a paisagem transforma-se com a estrada. De bem cuidada, na zona industrial, passa a ser uma via de problemas comuns de uma auto-estrada, cortando zonas onde o rural se confunde com o urbano: falta de conservação asfáltica, mato invadindo as duas pistas e esgotos sanitários deficientes cortando o seu leito.

Fora os ônibus e carros, o público que circula diariamente pela Estrada dos Bandeirantes oscila entre o rural e o urbano. No Km 7, por exemplo, são observadas cenas como uma pequena manada desfilando pelas duas pistas, indiferente ao trânsito e à moderníssima arquitetura do Supermercado Três Poderes. Cotidianamente, um bando de **motoqueiros** cruza na pista com carroças puxadas a burro transportando verduras ou materiais de construção. Ou, ainda, com solitários praticantes do Teste de Cooper.

Fotos de Luiz Carlos David

D. Nair Sabina, na sede da Associação de Moradores, aponta os eternos males do bairro, como as valas de esgoto estagnado

Vila Sapê tem vida subumana

Moradores de favelas e condomínios da região desfiam um rosário de queixas e problemas relacionados com a infra-estrutura local. Dona Nair Sabina, vice-presidente da Associação de Moradores da Vila Sapê, em Curicica, além de citar o problema da poluição, falou das 800 famílias há mais de 40 anos vivendo em condições subumanas. Nas mesmas condições, vivem 300 famílias na altura do Km 7, em Camorim, que realizaram, há três meses, obras sanitárias nas ruas da comunidade em mutirão. Cada morador da localidade cooperou com Cr$ 32 mil, empregados na compra de manilhas, canos, tubulações e bueiros. Escolas distantes, postos médicos inexistentes, transporte insuficiente, doenças endêmicas e falta de luz e água constituem o cotidiano dos moradores.

Condomínios como o Solar da Montanha, também no Camorim, — nome que alguns moradores acham "muito pomposo" —, de 15 blocos com 32 apartamentos de cinco cômodos, construídos há dois anos, teve, no final de 1983, uma série de problemas. Os condôminos descobriram que os blocos foram edificados com material de segunda categoria e logo começaram vazamentos e rachaduras superficiais e profundas nas paredes. Hoje, a síndica Vera Lúcia Ribeiro garante que os problemas estão sendo solucionados com a construtora.

Pedagogia

Mesmo assim, em toda a extensão da estrada, de alta vlocidade, outros problemas persistem: por perto, a partir da região do Camorim até Vargem Grande, não existem farmácias e hospitais para as populações carentes; quem quer telefonar viaja dois quilômetros até Curicica, porque inexistem **orelhões**; e os ônibus, que são poucos, só trafegam até às 23h20min para bairros distantes. O único lazer é a praia do Recreio dos Bandeirantes. Isso para quem tem carro, porque o único ônibus para a praia (749 — Recreio/Cascadura) passa pela estrada completamente lotado.

A única experiência em pedagogia na Estrada dos Bandeirantes fica na altura do Km 10, local conhecido como Abaeté, onde funciona uma escola de 1º grau, que atende a 330 crianças das favelas Restinga, Coroados, Terreirão e Areal. A escola, de cinco salas de aula, foi construída em 1970, em um sítio de 11 mil metros quadrados do empresário Mauri Alves de Pinho, de 59 anos. Sua origem liga-se aos próprios efeitos da urbanização: ele, naquela época, presenciou dois acidentes de trânsito com crianças e resolveu construir a escola para proteger os filhos dos favelados.

— Existem duas coisas com que nunca podemos brincar — afirmou. — A saúde e a educação das crianças carentes. Por isso, eu, minha mulher Neusa e meu filho Ubirajara estamos nessa luta para que todas as crianças da periferia da Estrada dos Bandeirantes tenham essas condições. Não me importo com os gastos que tenho com essa escola.

Carlos Hungria

Só os vigias e galinhas usufruem da vista de 180 graus no esqueleto de 7 mil 800m²

Clube que Guinle iniciou está parado e pode vir a ser escola

Só os vigias do dia e da noite, galinhas que não têm muito o que ciscar e eventuais intrusos que insistem em ultrapassar a entrada proibida — como avisa um cartaz — usufruem da vista de 180 graus para a Baía de Guanabara. O enorme esqueleto, 7 mil 800 m² de área construída no Morro Nova Cintra, em Laranjeiras, dificilmente será um dia o clube só para executivos idealizado por Eduardo Guinle. O Governador Leonel Brizola quer transformá-lo em um estabelecimento educacional.

A idéia de Eduardo Guinle — segundo Acácio Domingos Ferreira, representante de 70 sócios — era fazer uma espécie de **clube do Bolinha**, onde os executivos disporiam de todo conforto e estrutura para realizarem negócios melhores que nos escritórios. O General Dilermando Gomes Monteiro foi um dos 1 mil 146 sócios que chegaram a comprar um título. A obra, iniciada em 1965, parou em 1969, sofrendo as conseqüências da falência da Cívia S.A., de propriedade de Eduardo Guinle (já falecido). O patrimônio — avaliado pelos sócios em 250 mil ORTNs — está em liquidação judicial, e atualmente vem sendo analisado pela Procuradoria do Estado.

Inspiração

O acesso ao Clube do Parque, como chegou a ser chamado, pode ser feito pela Rua Pereira da Silva ou pelo Parque Guinle, que conduzem à Rua Campo Belo. O esqueleto fica no morro que limita os bairros de Laranjeiras e Santa Teresa, e dá para ser visto dos mais diversos pontos da cidade: do Aterro do Flamengo às janelas do Palácio das Laranjeiras, de onde o Governador deve ter se inspirado para aproveitar a construção abandonada, a exemplo do Panorama Palace Hotel, em Ipanema.

— Não será um novo **Brizolão** — esclareceu Leonel Brizola. Quando vimos aquele prédio abandonado, nossa idéia foi construir um estabelecimento educacional. Um colégio. É o que o Governo pretende fazer.

O processo está sendo analisado pelo Procurador do Estado, Seabra Fagundes, como ele mesmo informou. Mas por enquanto, nem a Procuradoria, nem o Governo tem maiores detalhes sobre o projeto. Quem torce por uma solução rápida é o vigia Homero Virgulino Alves, de 63 anos, há 13 trabalhando no local. Este é o quarto mês consecutivo que não recebe seu salário de Cr$ 86 mil, mas apesar disso o prédio de cinco andares continua bem guardado: está limpo por dentro, sem nenhum vestígio de uso.

A sólida estrutura de concreto, projetada pelo arquiteto Maurício Roberto e executada pela Construtora Pires e Santos, está em bom estado. As esquadrias de alumínio permanecem embaladas no primeiro piso, aguardando a instalação em janelas como a do segundo piso, de onde se avista o perfil das montanhas desde o Pão de Açúcar ao Corcovado. Segundo Homero, nos dias de céu limpo é possível enxergar os banhistas da praia de Icaraí, em Niterói. As paredes não chegaram a receber o reboco, e no piso do segundo andar já nasce vegetação. Lá de cima só se escuta o canto dos passarinhos, a reverberação do trânsito e o ruído das obras da favela Tavares Bastos, que cresce no morro vizinho.

Círculo vicioso

É Acácio Ferreira quem conta a história do Clube do Parque, que chegou a ter Ibrahim Sued como diretor social, para atrair a alta sociedade. A idéia do empresário Eduardo Guinle — a cuja família pertenceu o Palácio das Laranjeiras, tendo como jardins o Parque Guinle — era reunir empresários no fim da tarde, oferecendo-lhes um auditório com tela para projeção de filmes, telex, secretárias bilingües, alojamentos, piscina, fisioterapia, bar, restaurante, salão de jogos (incluindo pista de boliche) e tudo o que se possa imaginar em matéria de conforto.

A obra foi financiada pela Cívia, que também cedeu o terreno em troca de títulos, que venderia mais tarde. Os pagamentos da empresa à construtora eram ressarcidos em títulos, com 75% de seu valor venal (25% ficava para a corretagem). Em 1967, a Cívia entrou em um negócio com títulos de uma companhia de café solúvel, que acabou a levando à falência.

— Com isso a Cívia deixou de gerir o clube, embora continuasse com 906 títulos. As vendas pararam porque as obras não prosseguiam, e fez-se um círculo vicioso. Os sócios, então, resolveram tomar conta do negócio. Foram realizadas várias tentativas para lançamento de títulos, sem resultado.

A essa altura começou uma briga entre os sócios e Eduardo Guinle, que se dizia dono dos títulos por ser proprietário da Cívia. Em 1981 uma nova administração assumiu o clube, e imediatamente fez um levantamento contábil para avaliar se a empresa tinha ou não os 906 títulos. Na época do lançamento, os títulos foram vendidos por Cr$ 1 milhão antigos, correspondentes a Cr$ 1 mil atuais. Ficou provado que os títulos eram da Cívia, totalizando Cr$ 1 milhão 400 mil a preços de 1981.

— Resolveu-se que seria feita a liquidação do clube para ressarcimento dos sócios, com o rateio do produto da venda. Mas o Juiz da 44ª Vara Cível (cujo nome Acácio não se recorda) decretou a liquidação judicial. Foi nomeado um liquidante judicial, que decidirá como será feita a venda. Nós estimamos que o patrimônio, em terreno de 145 mil hectares, esteja valendo 250 mil ORTNs.

"Non aedificandi"

Acácio atribui o fracasso da obra à falência da Cívia, mas admite que havia outros motivos que preferiu não revelar, para não prejudicar a venda do imóvel. Esses motivos poderiam ser a execução de uma obra acima da cota 100 — portanto **non aedificandi** — e a expansão da favela Tavares Bastos, que já encosta nos limites de um lado do terreno.

O acesso à favela é feito pela rua de mesmo nome, transversal da Rua Bento Lisboa, no Catete. É por ela que Homero chega ao clube, no lotação que custa Cr$ 100 para subir e 50 para descer, quando quer fazer uma compra. Embora haja um vigia para a noite, ele dorme no clube e garante que nunca houve problemas por lá:

— A polícia sempre vem aqui. Agressão nunca teve. Sou solteiro e já gostei de morar no clube, mas agora me acho enjoado. É muito deserto, me dou melhor no Catete, no meio de muita gente — diz com a voz pausada, observando as galinhas que considera muito mais saborosas que as congeladas.

Às vezes, a monotonia é quebrada pelos aviões que cruzam a pista do Aeroporto Santos Dumont. Ou pelos iates que deixam rastros brancos na Baía. Aos domingos, aparecem visitantes à procura de sossego e da vista panorâmica. Homero os deixa entrar, mas não permite que ninguém passe do primeiro andar do prédio. Terto Ferreira da Silva, o vigia noturno, recolhe fogões e geladeiras velhas na favela, para vender no ferro-velho. E assim eles vão vivendo, na torcida de voltar a receber os salários e de ver o esqueleto habitado.

CELINA CÔRTES

Morador de Costa Barros pega doença na hora de beber água

O bairro de Costa Barros — espremido entre Guadalupe e Pavuna — está doente e o diagnóstico é um só: a combinação entre a pobreza e a falta de saneamento. Esta é a conclusão dos Secretários estaduais de Saúde, Eduardo Costa, e Obras e Meio-Ambiente, Luís Alfredo Salomão, que percorreram ontem a zona mais pobre do bairro, em companhia do presidente da Feema, Armando Mendes.

Salomão descobriu várias ligações clandestinas na Adutora de Acari e explicou que elas são causadoras de enfermidades, porque levam esgoto para dentro das casas. E denunciou: "A rede de esgoto feita irregularmente pelos loteadores faz com que os dejetos acabem vazando em valas negras. Estamos correndo atrás de anos de irregularidades".

Doenças

Costa Barros ganhou as páginas dos jornais quando duas pessoas morreram e várias foram hospitalizadas com febre, diarréia, dores no corpo e fraqueza. Suspeitou-se inicialmente de intoxicação provocada por uma fábrica de produtos químicos, mas já se sabe que não foi isso o que aconteceu.

Seu proprietário será chamado pela Feema, para explicar o desaparecimento do estoque de BHC (hexaclorobenzol), conhecido como pó-de-broca.

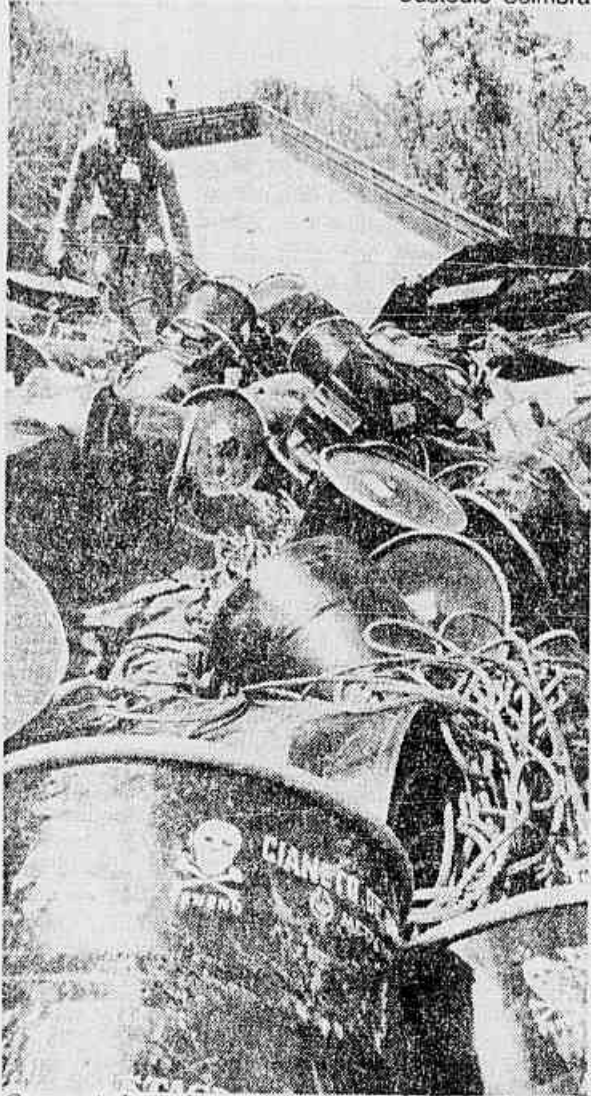
Afastada a possibilidade de intoxicação, os exames feitos pelo Departamento de Epidemiologia da Secretaria Estadual de Saúde apontaram doenças completamente diferentes para cada um dos casos: febre tifóide, hepatite e leptospirose. Tantos sintomas e possibilidades diferentes levaram ao diagnóstico de pobreza e falta de saneamento.

As providências, segundo os dois Secretários de Estado, só poderão dar resultados a médio e longo prazo: conscientização de que a água servida às crianças deve ser fervida; de que não se pode deixar crianças convivendo com galinhas, porcos e esgotos; e de que se deve tomar muito cuidado com verminoses e desidratação.

Enquanto o saneamento não vem, os moradores sofrem, principalmente as crianças: Tiago Luís dos Santos Bonfim, de um ano e sete meses, é uma das muitas crianças que têm tido febre e diarréia. O percurso que sua mãe, Gerusa, de 24 anos e com mais dois filhos, tem que fazer para que ele sare é longo: quilômetros até o Posto de Urgência do INAMPS, em Guadalupe.

— Ele foi ficando magrinho e sempre com febre. Levei duas vezes ao hospital e a doutora me receitou um antibiótico por seis dias. Hoje o Dr Eduardo (Secretário de Saúde) examinou ele e disse para tomar muito cuidado com a água, que tem que ser fervida. Mandou suspender o antibiótico, porque exige muito tempo, e disse que o menino está anêmico.

Encerrada a visita dos secretários, as crianças saíram de frente das câmeras de televisão e voltaram a correr entre as galinhas e riachos de águas escuras e malcheirosas.

Custódio Coimbra

O caminhão levava 7,5 toneladas do pó

FEEMA garante que rio Paraíba do Sul não foi contaminado por ácido

Não houve contaminação das águas do rio Paraíba do Sul com a queda de um caminhão com sete toneladas e meia de cianeto de sódio em Três Rios. A constatação foi feita ontem por técnicos da fábrica e da FEEMA, em análises no local: não encontraram resíduos de ácido cianídrico em três quilômetros do riacho, até o Paraíba do Sul. O rompimento de sacos plásticos das embalagens provocou um escapamento de gás que se volatizou.

Não choveu no local do acidente e os 150 tambores de 50 quilos do pó de cianeto de sódio foram retirados da margem do riacho. Ontem pela manhã, os engenheiros da FEEMA autorizaram a volta ao normal das estações de captação de água de Anta e Sapucaia, paralisadas desde o acidente, por medida de segurança. Em Três Rios, por coincidência, o motorista Hélio Biomana, que trouxe para o Mercado São Sebastião, em março de 1982, o pentaclorofenato de sódio, o **pó da china** que matou sete pessoas, foi assassinado. Hélio, na época, foi procurado até pela polícia, porque se pensava que ele estivesse contaminado.

O envenenamento das águas do rio Paraíba do Sul não ocorreu porque o cianeto de sódio não atingiu seu afluente. De imediato, a Fazenda Três Barras, por onde serpenteia o riacho até desaguar no Paraíba do Sul, seria a mais afetada.

— Mesmo que as 7,5 toneladas de cianeto de sódio atingissem o Paraíba do Sul, seu volume de água, engrossado pelo Paraibuna e o Piabanha, diluiria o pó. Mas as estações de captação de Anta e Sapucaia receberiam a água entre três e 17 minutos e logo distribuiriam às populações — esclareceu o engenheiro Ricardo Lisboa, da FEEMA.

Dos 150 tambores de 50 quilos que rolaram da carroceria do caminhão e ficaram a quatro metros do riacho apenas 10 estouraram. Desses, três deixaram o plástico para fora, com pequenos vazamentos do pó. Com a garoa que caiu na noite de sexta-feira e o sereno da madrugada de ontem, o pó exalou um gás, altamente tóxico. Mas o local estava isolado e o gás evaporou sem causar danos.

Laboratório para controlar agrotóxicos está parado

Há seis anos, desde que ficou pronto, um pavilhão inteiro do Serviço de Identificação de Pragas e Doenças (SID), do Mnistério da Agricultura, está fechado. Não há agrônomos, as salas estão vazias e a aparelhagem empoeirada e armazenada no almoxarifado. A principal finalidade deste setor é a determinação de resíduos de agrotóxicos nos vegetais.

Os laboratórios abandonados ficam em Pinheiral (distrito de Piraí) e o Serviço pertence ao Laboratório Regional de Apoio Vegetal. Caso a aparelhagem estivesse funcionando, desde 1978, os Estados do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo poderiam contar com um controle eficiente dos resíduos de agrotóxicos nos vegetais consumidos pelas suas populações.

Além da detecção dos resíduos nos vegetais, outra atribuição importante do SID seria a multiplicação de insetos, fungos e organismos para serem usados no controle biológico de pragas e doenças, que é uma alternativa ao uso de agrotóxicos. Também este setor até hoje não entrou em funcionamento e pelo mesmo motivo: falta de verbas, de equipamentos e de instalações adequadas.

A história das instalações do SID, que tem cinco pavilhões, mostra o desinteresse das sucessivas administrações do Ministério da Agricultura, nos últimos seis anos, pelo funcionamento de um adequado sistema de controle da qualidade dos vegetais consumidos pela população. De 1978 até 1981, todos os pavilhões do Serviço de Identificação de Pragas e Doenças ficaram vazios, sem pessoal para operá-los. Foi graças às denúncias da imprensa, na época, que o Ministério resolveu fazer um concurso, em 1981, pelo qual foram contratados os oito agrônomos do SID.

Esses agrônomos fizeram treinamento em 1982 e 1983, e a perspectiva, segundo a direção do Laboratório Regional, era de que em 1984 os diversos setores já estivessem em pleno funcionamento. Quem visita o Serviço, encontra ainda a maioria das instalações totalmente abandonada.

No pavilhão destinado à área química, onde deveriam estar os equipamentos para medir o nível de agrotóxicos nos vegetais, os únicos equipamentos já instalados são os aparelhos de ar condicionado. Todos os acessos estão fechados, há algumas janelas quebradas e indícios de obra de instalação de uma bancada. A qualidade da construção é fraca, assim como o acabamento do prédio, como atestam os próprios agrônomos.

Na sala do almoxarifado, em outro pavilhão, jogada no chão, empoeirada e sem qualquer manutenção, pode ser encontrada parte da aparelhagem que deveria estar medindo, há seis anos, os resíduos dos agrotóxicos: dois cromatógrafos, misturados a centrífugas, livros sobre insetos, um fogão portátil velho e um relógio de parede antigo.

O agrônomo Carlos Milton Moraes Silva informou que as instalações destinadas à multiplicação de insetos, fungos e outros organismos — tendo como uma das principais finalidades a utilização no controle biológico de pragas e doenças — são inadequadas e estão desaparelhadas: "De tudo, quase só se aproveitam as paredes".

O técnico expressa o estado de ânimo dos agrônomos do SID: "Estamos impacientes, querendo trabalhar de verdade. Há muito tempo aguardamos condições para cumprir bem as nossas tarefas. Não queremos que o Serviço seja movido apenas por denúncias ou campanhas de imprensa".

O chefe do Laboratório Regional de Apoio Vegetal, Volner Maiolino, não quis falar sobre a situação do Serviço, parte integrante do laboratório. Alegou que precisa aguardar a posse do novo delegado regional do Ministério, Fernando Lavaquial, ao qual estará subordinado. Lavaquial substituirá, na Delegacia, o Almirante Paulo Antonioli.

ISRAEL TABAK

Piraí/RJ — Aguinaldo Ramos

Os pavilhões construídos há seis anos para o serviço de controle de agrotóxicos estão abandonados

Campos também tem contaminação

Campos — As denúncias de uso indiscriminado de agrotóxicos altamente perigosos, da Classe Um, podem ser facilmente comprovadas nas plantações de tomates, pimentões e outros hortigranjeiros, nas lavouras de São João da Barra. Mais grave que a utilização, no entanto, é a colheita, dias após a aplicação dos venenos, com imediata colocação dos produtos no mercado de Campos e também do Grande Rio, via centrais de abastecimento.

Muitos sem nenhuma orientação — há os que não gostam, sequer, da assistência de agrônomos de órgãos oficiais — os produtores de hortigranjeiros não têm utra saída: ou aplicam os produtos químicos altamente tóxicos ou não colhem nada. Eles simplesmente desconhecem qualquer controle biológico e, na ânsia de evitar prejuízos, usam agrotóxicos para garantir a produção.

Caro e útil

Amaro Miguel de Abreu, que se dedica ao plantio de tomates, pimentões e pepinos na altura da Casa Sincera, localidade próxima da sede do município de São João da Barra, confessa que em seus três anos como produtor de hortigranjeiros teria desistido do plantio se não usasse agrotóxicos como Supracid e Cupravit, ambos inseticidas-acaricidas organofosforados, da classe um, segundo Portaria 007/81, do Ministério da Agricultura.

O produtor, que dispõe de equipamentos para a aplicação dos "venenos altamente perigosos", afirma que ele mesmo aciona os equipamentos, mas não tem muita preocupação com o uso de máscara, menos quando o vento é muito forte. Observa que adquire produtos — usa mais de dez tipos diferentes, alguns menos fortes — em casas especializadas de Campos, onde não é exigido nenhum receituário, "talvez porque os vendedores sabem que somos do ramo".

Cada vidro — um litro — dos agrotóxicos custa Cr$ 20 mil, no mínimo, e durante a safra, o gasto é tão grande que o produtor nem sabe dizer quanto gasta na compra desses produtos químicos. Sabe, no entanto, que sem eles é impossível conseguir uma boa produção. "A lagartinha bate no tomate e não se aproveita nada. Quando o tempo está bom (não há muita chuva, nem sol forte demais) é possível se conseguir uma boa colheita, graças aos agrotóxicos.

Enquanto Amaro Miguel ainda observa alguns critérios, pelo contato com agrônomos, numa plantação bem próxima, o produtor Agnelo Gonçalves Ribeiro, há dez anos plantando tomates e pimentões, não é homem de muita técnica, embora produza bastante:

— A gente não trabalha com agrônomo, porque não pegamos empréstimo. Usamos recursos próprios, porque ninguém suporta juros. Os agrônomos — prossegue o produtor — às vezes atrapalham. Aparecem aqui uns rapazes novos, formados em outros lugares, que conhecem pouco nossa região. Conhecem muito morro, mas nós trabalhamos em restinga, em areia.

Talvez por não utilizar empréstimos bancários, Agnelo tem muito mais preocupação em proteger seus tomateiros com produtos químicos. As latas não são nem retiradas da lavoura. Ali mesmo ele faz mistura com diferentes produtos, como Fundaram Azul (fungicida à base de oxicloreto de cobre, Hosthathyon (Classe dois) e Parathion 60, este último organofosforado e da Classe um, considerado altamente perigoso.

Feita a mistura, num tanque de latão, Agnelo usa uma bomba manual para espalhar a droga nas plantações. Ao exibir o material faz uma ressalva: "Nós temos máscara, mas só usamos quando o vento é muito forte".

O professor Aristides Sofiati Neto, do Centro Norte Fluminense para a Conservação da Natureza, acompanhou os jornalistas na visita aos produtores de tomates em São João da Barra e se confessou estarrecido com o que viu: esse pessoal, na realidade, está-se matando aos poucos e não percebe isso, talvez pela empolgação com as boas produções, ou ante a preocupação de salvar seu sustento.

BHC contamina alimentos no Paraná

Curitiba — Todos os produtos de origem animal consumidos nas principais cidades do Paraná estão contaminados pelo BHC, inseticida organoclorado cuja ação permanece para sempre no organismo, se ingerido pelo homem, e no solo até 40 anos depois da aplicação. Entre esses produtos a manteiga é a que apresenta o maior teor de resíduos acumulados. A contaminação está abaixo dos níveis de tolerância previstos pelos fabricantes, mas segundo o agrônomo Cleverson Andreoli, um dos responsáveis pelo levantamento dos produtos, é impossível determinar o teor de resíduos que cada pessoa pode suportar.

o trabalho **Resíduos de Inseticidas de Organoclorados em Produtos Alimentares**, coordenado pela Superintendência de Recursos Hídricos e Meio-Ambiente do Paraná (Surehma), analisou amostras de produtos de origem animal em todas as principais cidades do Estado. Além do BHC, cuja aplicação está proibida no Paraná há mais de cinco anos, outros inseticidas organoclorados, como o Lindane, Audrin, DDT e Endosulfan, foram detectados nas amostras.

Segundo o agrônomo Cleverson Andreoli, esses resíduos estão no solo e vão continuar agindo nas plantações por tempo indeterminado. Análises feitas pela Surehma junto com a Secretaria de Saúde mostraram que a alface, a couve, a cenoura e a batata consumidas na região metropolitana de Curitiba também estão contaminadas por inseticidas organoclorados.

Doenças

Exames de sangue em 65 agricultores que trabalham na Região Metropolitana de Curitiba revelaram que 19 deles estavam em situação crítica pela excessiva contaminação com inseticidas. Segundo o chefe de Departamento de Saneamento da Secretaria de Saúde, Waldir Bertulio, esses agricultores tiveram desequilibradas suas atividades enzimáticas. Isso significa que órgãos vitais como o fígado, pâncreas e rins passaram a funcionar com dificuldades. Dois desses lavradores já têm problemas irreversíveis e não conseguem atualmente sequer deixar o hospital. "Hoje, os choques anafiláticos são muito mais comuns do que antigamente. Isso ocorre porque as atividades enzimáticas das pessoas estão desequilibradas, em função do consumo de agrotóxicos", explica o agrônomo Cleveson Andreoli.

Um levantamento feito pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná (Fetaep) junto a sindicatos rurais mostrou que até 1981 morriam em média 50 trabalhadores rurais por ano em todo o Estado intoxicados por defensivos agrícolas. Nos dois últimos anos, os números vêm diminuindo: morreram 25 em 1982 e nove no ano passado. Os agricultores chegam a fazer 26 aplicações numa mesma cultura, como o algodão, quando a média é de seis a sete aplicações. Na tentativa de reduzir a aplicação de defensivos, o Governo do Estado aprovou a nova lei de agrotóxicos, em dezembro, prevendo um controle rigoroso junto a comerciantes e produtores.

Um levantamento feito pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná (Fetaep) junto a sindicatos rurais mostrou que até 1981 morriam em média 50 trabalhadores rurais por ano em todo o Estado intoxicados por defensivos agrícolas. Nos dois últimos anos, os números vêm diminuindo: morreram 25 em 1982 e nove no ano passado.

Fazendeiro quer unir biologia e defensivo

Curitiba e Londrina — A busca do equilíbrio entre o uso de agrotóxicos e o controle biológico de pragas e doenças. Esta é a preocupação do economista e fazendeiro Brasílio Araújo Neto, que cultiva 1 mil 500 hectares de milho, arroz e soja na região de Londrina, Norte do Paraná. "Não podemos ser contra o agrotóxico, mas temos que ser racionais nas aplicações", afirma.

Araújo Neto leva às suas lavouras as experiências desenvolvidas pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para a racionalização do uso de agrotóxicos. Nas plantações de soja, por exemplo, ele utiliza o sistema de "manejo de pragas", pelo qual, através da coleta de insetos nas plantas, os agrônomos têm condições de receitar a quantidade exata de defensivos.

Para ele, é preciso ter em vista a questão da rentabilidade da lavoura. Essa rentabilidade começa na racionalização do uso de agrotóxicos, mas até um ponto que não comprometa a produção. "É lógico que se aplicarmos defensivos como prevenção contra as pragas estaremos alterando todo o sistema ecológico. Mas se deixarmos as pragas prejudicarem a produção, além de perdermos dinheiro, estaremos também contribuindo para esse desequilíbrio", afirma. Explica que em algumas de suas lavouras foram feitas até cinco aplicações e em outras não se fez nada. A produtividade, no entanto, ficou nos mesmos índices da região.

Ele lembra, como exemplo, o fato de que numa fazenda são feitas três pulverizações preventivas na lavoura da soja. Isso custa ao agricultor, em média, Cr$ 200 mil por hectare, o que vai pesar no custo final da produção. Em suas lavouras nenhuma aplicação de defensivos é feita sem indicação dos agrônomos. Lembra que, no início da década de 70, quando a soja veio para o Paraná, os agricultores acabaram "comprando" o pacote tecnológico da cultura e levaram para o cultivo da soja o princípio utilizado no algodão: ao menor sinal de insetos, pulveriza-se a lavoura.

Reis suecos chegam hoje a Salvador

Brasília — Os reis da Suécia, Carlos Gustavo e Sílvia, são esperados hoje em Salvador, por onde iniciam uma visita ao Brasil que terminará dentro de duas semanas, já em caráter particular, no interior de São Paulo. A visita oficial começa na tarde de segunda-feira, quando a comitiva chegará a Brasília e será recebida em audiência especial, no Palácio do Planalto, pelo Presidente Figueiredo.

À noite, no Itamarati, os reis serão homenageados com banquetes e, na terça-feira, serão recebidos no Congresso Nacional, em sessão solene conjunta, logo depois da visita ao Hospital Sarah Kubitschek, que é a única novidade na programação de rotina oferecida aos chefes de Estados estrangeiros.

DE MADRUGADA

Mesmo de madrugada, quando o avião da SAS fizer a escala extraordinária no Aeroporto Dois de Julho, em Salvador, os reis suecos serão recebidos pelo Governador João Durval e pelo comandante da base aérea. O primeiro compromisso real, porém, só vai acontecer à noite: uma visita ao Palácio de Ondina, para jantar em companhia do casal João Durval Carneiro.

Na manhã seguinte, Carlos Gustavo e Sílvia vão cumprir um programa turístico que inclui visitas a museus, igrejas e um passeio de barco ao largo de Salvador, até a ilha de Itaparica. Em contraste com a chegada simples a Salvador, o desembarque em Brasília será cercado de toda pompa: 21 salvas de canhão, execução dos hinos nacionais, desfile de tropas e apresentação ao Ministério pelo Presidente.

Na programação de Brasília, além de uma visita solene ao Supremo Tribunal Federal, os reis têm um almoço com o Governador José Ornellas na residência das Águas Claras — a meio caminho entre o Plano-Piloto e a cidade-satélite de Taguatinga.

Ainda na terça-feira, à noite, Carlos Gustavo e a Rainha Sílvia oferecem ao Presidente João Figueiredo e a D. Dulce uma recepção na sede da Embaixada da Suécia — um antigo condomínio das representações escandinavas, na Avenida das Nações.

REGRESSO

São Paulo, onde a Rainha Sílvia viveu 11 anos (dos três aos 14) é a terceira escala dos reis no Brasil. Lá, hospedados no Hotel Ca d'Oro, visitarão uma igreja escandinava, inaugurarão a exposição técnica Brasil-Suécia, no Centro de Convenções Rebouças e, ainda à noite da quarta-feira, assistem ao concerto da Banda Sinfônica do Conservatório de Tatuí. Em seguida, participam de uma recepção oferecida pelo Governador Franco Montoro no Palácio dos Bandeirantes. Para o dia seguinte: cerimônia junto ao Monumento do Ipiranga e visita ao hospital Antônio Cândido de Camargo; inauguração da exposição de cristais e pratas Arte da Suécia, no Museu de Arte, e partida para o Rio de Janeiro, logo no começo da tarde (13 horas).

A parte carioca do programa, tendo como base o Hotel Caesar Park, em Ipanema, inclui cerimônia no Monumento dos Mortos da 2ª Guerra, visita ao Mosteiro de São Bento, e visita, seguida de jantar, ao Governador Leonel Brizola, no Palácio das Laranjeiras. A isso se segue uma recepção, às 21h30min, no Palácio da Cidade, na Rua São Clemente. Na sexta-feira: visitas à ABBR, ao Jardim Botânico e viagem a Petrópolis para um almoço com a Família Imperial, na Av. Koeller. À noite, recepção ao Governador Leonel Brizola, no hotel.

O fim de semana fica dividido entre Foz do Iguaçu, no Paraná, e São Paulo. Haverá uma visita às Cataratas de Iguaçu, almoço no Hotel Bourbon, oferecido pelo Governador José Richa, e visita à usina de Itaipu. De volta a São Paulo, no final do sábado, a estada vai se prolongar por mais uma semana, mas no interior do Estado, numa fazenda de propriedade da família da Rainha Sílvia, no Município de Araras.

A volta de Carlos Gustavo e Sílvia à Suécia, via Frankfurt, só vai acontecer no dia 14 de abril. Um outro vôo de carreira, dessa vez da Varig, os levará de Congonhas.

De la Madrid receita acordo contra crise

São Paulo — "Não será possível sair desta crise econômica que afeta a maioria do mundo sem levar em conta os interesses dos países em processo de desenvolvimento", disse ontem, em discurso no Palácio dos Bandeirantes, o Presidente do México, Miguel de La Madrid. Ele permaneceu três horas e meia em São Paulo e almoçou na sede do Governo com 83 convidados, entre eles 10 empresários.

Para o Presidente mexicano, não basta o esforço interno que países como o Brasil e o México vêm fazendo para a reordenação de suas economias, como forma de enfrentar a crise atual. Embora não ache uma atitude madura atribuir a culpa a fatores externos, considerou que não é suficiente o esforço interno de reordenamento:"Requer também um ambiente internacional propício e favorável, que não obstaculize ou neutralize os esforços internos."

Ação comum

— Aqui também a amizade brasileiro-mexicana — continuou — pode ser de grande utilidade. Combinar nossos esforços e ações de política econômica internacional para efeito de mostrar a necessidade de um reordenamento das relações econômicas internacionais, pois não é possível sair desta crise, que afeta a maioria do mundo, sem levar em conta os interesses dos países em desenvolvimento. A recuperação econômica dos países industrializados não será firme se não levar em conta, também, a necessidade de estender-se essa recuperação aos países em desenvolvimento, não só por razões de justiça, como também por razões de eficiência econômica.

Em sua saudação, o Governador Franco Montoro destacou o papel desempenhado pelo México e os outros quatro parceiros do Grupo de Contadora para solucionar as pendências internacionais na América Central pela via do entendimento. Admitiu que é possível uma solução pacífica desses conflitos através do entendimento.

Recebido no Aeroporto de Congonhas pelo Cardeal Dom Paulo Arns, os comandantes militares e autoridades estaduais e municipais, o Presidente mexicano — acompanhado de 23 pessoas — seguiu diretamente para o Palácio do Governo, onde passou em revista uma companhia de cadetes da Polícia Militar. No Salão dos Pratos, La Madrid conversou durante 20 minutos com os 10 empresários paulistas presentes, acompanhado do seu Ministro de Fomento, Indústria e Comércio, Héctor Hernandez Cervantes.

O Ministro Hector Cervantes informou depois que seu país deseja transferir para o Brasil as compras de bens de capital e equipamentos que vinha fazendo aos países industrializados, através do acordo bilateral de crédito recíproco, que contará, este ano, com recursos para financiamento da ordem de 50 milhões de dólares, conforme documento assinado, em Brasília, pelos dois Presidentes. O México tem interesse também em importar produtos agrícolas brasileiros, principalmente soja, em troca de petróleo e de produtos manufaturados.

Luís Carlos David

De la Madrid foi recebido por Brizola

Primeiro encontro no Rio é com professores

Uma hora depois de desembarcar na Base Aérea do Galeão, onde foi recebido com honras militares, o Presidente do México, Miguel de la Madrid, presidiu na Faculdade Cândido Mendes, em Ipanema, a cerimônia de abertura do Seminário Perspectivas da América Latina que teve como debatedores os professores Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Celso Lafer, Hélio Jaguaribe e Wanderley Guilherme dos Santos.

Miguel de la Madrid chegou ao Rio às 16h10min. O primeiro a cumprimentá-lo, ainda na escada do avião, foi o Comandante da Base Aérea do Galeão, Coronel Roberto Simões Ferreira. Em seguida, o Presidente do México foi saudado pelo Governador Leonel Brizola, pelo Bispo-Auxiliar do Rio, Dom Romeu Brigenti pelo vice-Governador Darcy Ribeiro e pelos três comandantes militares — General Haroldo Tavares Alves, do 1º Exército, Vice-Almirante Walter Faria Maciel, do 1º Distrito Naval e Major-Brigadeiro Jorge José Carvalho, do 3º Comar.

Esperando o Presidente estavam ainda o Cônsul Geral do México, no Rio, Edmundo Font, o presidente da Assembléia Legislativa, Paulo Ribeiro, os Secretários Vivaldo Barbosa e Cibilis Viana e o Prefeito Marcelo Alencar. De la Madri veio com uma comitiva de 10 pessoas e está hospedado na suite imperial do Hotel Caesar Park com seus dois filhos, Miguel e Enrico.

Na pérgula da Base Aérea, o Presidente do México conversou durante 10 minutos com o Governador Leonel Brizola. Segundo a assessora de Comunicação Social do Governador, Marta Alencar, falaram de cultura popular e da identidade cultural entre Brasil e México.

Reis suecos chegam hoje a Salvador

Brasília — Os reis da Suécia, Carlos Gustavo e Sílvia, são esperados hoje em Salvador, por onde iniciam uma visita ao Brasil que terminará dentro de duas semanas, já em caráter particular, no interior de São Paulo. A visita oficial começa na tarde de segunda-feira, quando a comitiva chegará a Brasília e será recebida em audiência especial, no Palácio do Planalto, pelo Presidente Figueiredo.

À noite, no Itamarati, os reis serão homenageados com banquetes e, na terça-feira, serão recebidos no Congresso Nacional, em sessão solene conjunta, logo depois da visita ao Hospital Sarah Kubitschek, que é a única novidade na programação de rotina oferecida aos chefes de Estados estrangeiros.

DE MADRUGADA

Mesmo de madrugada, quando o avião da SAS fizer a escala extraordinária no Aeroporto Dois de Julho, em Salvador, os reis suecos serão recebidos pelo Governador João Durval e pelo comandante da base aérea. O primeiro compromisso real, porém, só vai acontecer à noite: uma visita ao Palácio de Ondina, para jantar em companhia do casal João Durval Carneiro.

Na manhã seguinte, Carlos Gustavo e Sílvia vão cumprir um programa turístico que inclui visitas a museus, igrejas e um passeio de barco ao largo de Salvador, até a ilha de Itaparica. Em contraste com a chegada simples a Salvador, o desembarque em Brasília será cercado de toda pompa: 21 salvas de canhão, execução dos hinos nacionais, desfile de tropas e apresentação ao Ministério pelo Presidente.

Na programação de Brasília, além de uma visita solene ao Supremo Tribunal Federal, os reis têm um almoço com o Governador José Ornellas na residência das Águas Claras — a meio caminho entre o Plano-Piloto e a cidade-satélite de Taguatinga.

Ainda na terça-feira, à noite, Carlos Gustavo e a Rainha Sílvia oferecem ao Presidente João Figueiredo e a D. Dulce uma recepção na sede da Embaixada da Suécia — um antigo condomínio das representações escandinavas, na Avenida das Nações.

REGRESSO

São Paulo, onde a Rainha Sílvia viveu 11 anos (dos três aos 14) é a terceira escala dos reis no Brasil. Lá, hospedados no Hotel Ca d'Oro, visitarão uma igreja escandinava, inaugurarão a exposição técnica Brasil-Suécia, no Centro de Convenções Rebouças e, ainda à noite da quarta-feira, assistem ao concerto da Banda Sinfônica do Conservatório de Tatuí. Em seguida, participam de uma recepção oferecida pelo Governador Franco Montoro no Palácio dos Bandeirantes. Para o dia seguinte: cerimônia junto ao Monumento do Ipiranga e visita ao hospital Antônio Cândido de Camargo; inauguração da exposição de cristais e pratas Arte da Suécia, no Museu de Arte, e partida para o Rio de Janeiro, logo no começo da tarde (13 horas).

A parte carioca do programa, tendo como base o Hotel Caesar Park, em Ipanema, inclui cerimônia no Monumento dos Mortos da 2ª Guerra, visita ao Mosteiro de São Bento, e visita, seguida de jantar, ao Governador Leonel Brizola, no Palácio das Laranjeiras. A isso se segue uma recepção, às 21h30min, no Palácio da Cidade, na Rua São Clemente. Na sexta-feira: visitas à ABBR, ao Jardim Botânico e viagem a Petrópolis para um almoço com a Família Imperial, na Av. Koeller. À noite, recepção ao Governador Leonel Brizola, no hotel.

O fim de semana fica dividido entre Foz do Iguaçu, no Paraná, e São Paulo. Haverá uma visita às Cataratas de Iguaçu, almoço no Hotel Bourbon, oferecido pelo Governador José Richa, e visita à usina de Itaipu. De volta a São Paulo, no final do sábado, a estada vai se prolongar por mais uma semana, mas no interior do Estado, numa fazenda de propriedade da família da Rainha Sílvia, no Município de Araras.

A volta de Carlos Gustavo e Sílvia à Suécia, via Frankfurt, só vai acontecer no dia 14 de abril. Um outro vôo de carreira, dessa vez da Varig, os levará de Congonhas.

De la Madrid receita acordo contra crise

São Paulo — "Não será possível sair desta crise econômica que afeta a maioria do mundo sem levar em conta os interesses dos países em processo de desenvolvimento", disse ontem, em discurso no Palácio dos Bandeirantes, o Presidente do México, Miguel de La Madrid. Ele permaneceu três horas e meia em São Paulo e almoçou na sede do Governo com 83 convidados, entre eles 10 empresários.

Para o Presidente mexicano, não basta o esforço interno que países como o Brasil e o México vêm fazendo para a reordenação de suas economias, como forma de enfrentar a crise atual. Embora não ache uma atitude madura atribuir a culpa a fatores externos, considerou que não é suficiente o esforço interno de reordenamento:"Requer também um ambiente internacional propício e favorável, que não obstaculize ou neutralize os esforços internos."

Ação comum

— Aqui também a amizade brasileiro-mexicana — continuou — pode ser de grande utilidade. Combinar nossos esforços e ações de política econômica internacional para efeito de mostrar a necessidade de um reordenamento das relações econômicas internacionais, pois não é possível sair desta crise, que afeta a maioria do mundo, sem levar em conta os interesses dos países em desenvolvimento. A recuperação econômica dos países industrializados não será firme se não levar em conta, também, a necessidade de estender-se essa recuperação aos países em desenvolvimento, não só por razões de justiça, como também por razões de eficiência econômica.

Em sua saudação, o Governador Franco Montoro destacou o papel desempenhado pelo México e os outros quatro parceiros do Grupo de Contadora para solucionar as pendências internacionais na América Central pela via do entendimento. Admitiu que é possível uma solução pacífica desses conflitos através do entendimento.

Recebido no Aeroporto de Congonhas pelo Cardeal Dom Paulo Arns, os comandantes militares e autoridades estaduais e municipais, o Presidente mexicano — acompanhado de 23 pessoas — seguiu diretamente para o Palácio do Governo, onde passou em revista uma companhia de cadetes da Polícia Militar. No Salão dos Pratos, La Madrid conversou durante 20 minutos com os 10 empresários paulistas presentes, acompanhado do seu Ministro de Fomento, Indústria e Comércio, Héctor Hernandez Cervantes.

O Ministro Hector Cervantes informou depois que seu país deseja transferir para o Brasil as compras de bens de capital e equipamentos que vinha fazendo aos países industrializados, através do acordo bilateral de crédito recíproco, que contará, este ano, com recursos para financiamento da ordem de 50 milhões de dólares, conforme documento assinado, em Brasília, pelos dois Presidentes. O México tem interesse também em importar produtos agrícolas brasileiros, principalmente soja, em troca de petróleo e de produtos manufaturados.

Luis Carlos David

De la Madrid foi recebido por Brizola

Presidente pede mais diálogo na A. Latina

Uma hora após desembarcar no Rio, De la Madrid participou, ontem à tarde, do seminário sobre Perspectivas da América Latina nas Faculdades Cândido Mendes, voltando a afirmar que "é indispensável que intensifiquemos o diálogo entre os países da América Latina". Um dos pontos desse diálogo, na sua opinião, é o interesse pela paz que considera "um objetivo valioso que desde logo devemos procurar defender em duas frentes: a mundial e a regional".

Nesse sentido, ele afirma ser indispensável a desnuclearização da América Latina. "Devemos promover acordos que evitem a participação na corrida armamentista. Os gastos em armamentos devem ser canalizados em gastos com desenvolvimento", afirmou, lembrando que, "na América Central, não há dúvida, introduziu-se uma guerra fria entre duas potências e não podemos aceitar que utilizem nossos territórios como campo de combate".

De la Madrid reforçou que a proposta de Contadora propõe o diálogo e a renegociação em vez das armas, a obtenção da vontade política para compromissos de não ingerência de uns países nos outros e a montagem de mecanismos de ajuda aos povos latino-americanos para atacarem as raízes de seus problemas. Disse ainda ser necessário lutar pela adaptação da reforma das instituições internacionais que se tornaram "um muro de lamentações".

Propôs que, para intensificar o diálogo Norte-Sul, os países da América Latina devem organizar-se através da OEA para discutir os perigos de guerra e a crise econômica, em vez de se utilizarem do diálogo bilateral. "O que não exclui que as nações da América Latina tenham seus próprios foros de negociação", reforçou.

Eduardo Gomes escoltado pela PM sai do hospital e lança novas denúncias

Recife — Sob forte esquema de segurança três viaturas da Polícia Militar e quatro homens de sua confiança — o Deputado estadual Eduardo Gomes (PMDB) deixou ontem o Hospital Santa Joana e retornou à sua residência, na Rua Telles Júnior, Espinheiro, onde foi baleado na tarde de quarta-feira, quando regressava de um almoço.

Nos três dias que passou internado — convalescia de um ferimento na perna e outro na mão — o parlamentar enfrentou dois incidentes, os quais, segundo ele, foram os seguintes: ameaças de morte, por telefone, e na sexta-feira à noite, no terceiro andar do hospital um pequeno tumulto com agentes da Secretaria de Segurança. Gomes disse que eles queriam levar seu assessor Francisco Eduardo Farias à força, para depor na Delegacia de Homicídios.

Confusão

— Eles chegaram aqui às 23h30min de sexta-feira, e pretendiam conduzir o rapaz, mas nós exigimos apresentação de documentos. Como não permiti que levassem Farias, pediram que ele assinasse a intimação. Mas o moço só deporá segunda-feira, na companhia do advogado, pois este inquérito que a SSP-PE está montando até parece com outros que já vi, e que foram forjados.

Farias estava com Gomes no momento em que ele chegava em casa, quarta-feira, e juntamente com o deputado reagiu a bala contra os quatro homens que cercaram o oposicionista. Há versões da SSP-PE segundo as quais o rapaz teria sido o autor dos disparos que mataram Fernando Antônio Freire Peixe, que foi baleado com uma **hollow point**, munição importada, provávelmente disparada por um revólver de calibre 38, da marca Magno. Mas o deputado não disse a arma que usou, e o rapaz assegurou ontem que pegou um Taurus, que estava no interior do carro do deputado, com o qual fez cinco disparos contra os quatro agressores.

Ao ler na imprensa as versões da polícia segundo as quais ele estaria envolvido com roubo e receptação de imagens sacras — Gomes afirmou: "Eu a princípio estava muito contente com a mudança do Secretário de Segurança Pública. Quando assumiu o ex-Deputado Carlos Veras, no lugar de Sérgio Higino Dias (demitido após sofrer um atentado em circunstâncias duvidosas), pensei que a polícia ia começar a trabalhar direito e restabelecer a credibilidade. O que estou vendo é justamente o contrário".

Casal uruguaio pede ao Rio Grande do Sul que indenize por seqüestro

Porto Alegre — Depois de concluírem detalhes da ação de indenização que será movida por seu advogado, Omar Ferri, contra o Estado do Rio Grande do Sul, pelo seqüestro praticado por policiais gaúchos em 1978, Lilian Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz retornaram, às 20h de ontem, a Montevidéu, em um ônibus da TTL, depois de uma permanência de cinco dias na Capital gaúcha.

A ação de indenização será impetrada este mês e, agora, Omar Ferri está fazendo os cálculos sobre o valor total a ser pedido, e que incluirá o valor, atualizado, da "dívida" cobrada pelo Governo uruguaio e que exige pagamento pela "hospedagem", despesas com roupas, alimentação, médicos, medicamentos, etc, e que até março era de Cr$ 6 milhões para cada um.

A fundamentação básica da ação baseia-se na própria Constituição e na responsabilidade do Estado com a ação de funcionários (policiais) que praticaram o seqüestro contra terceiros. Já foi comprovada judicialmente a responsabilidade de policiais gaúchos que, junto com militares uruguaios, praticaram o seqüestro, iniciado no dia 12 de novembro de 1978, quando Lilian Celiberti foi presa na estação rodoviária de Porto Alegre.

MINISTÉRIO DO TRABALHO
Secretaria Geral
PRODEMO — Programa de Apoio ao Desenvolvimento de Mão-de-Obra
SENAI/DN — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial — Departamento Nacional

CONCORRÊNCIA PÚBLICA INTERNACIONAL Nº DN 01/84
AVISO DE EDITAL

A Comissão de Licitação, constituida pela Portaria nº 143/83, de 31 de agosto de 1983, do Senhor Diretor-Geral do SENAI-DN, torna público que se acha aberta a CONCORRÊNCIA PÚBLICA INTERNACIONAL Nº DN 01/84, para aquisição de equipamentos e veículos (Semi-Reboques) destinados às Unidades Móveis de Saneamento e Panificação, bem como, equipamentos para o Centro Regional de Tecnologia Têxtil — CERTTEX — (PE) e para o Centro de Formação Profissional do DF, estando previsto o recebimento e a abertura da DOCUMENTAÇÃO DE HABILITAÇÃO PRELIMINAR para o dia 15 de maio de 1984, às 9:00 h e das PROPOSTAS para o dia 22 de maio de 1984, às 9: 00 h na sede do SENAI — Departamento Nacional, Avenida Nilo Peçanha, 50, 28º andar, sala 2809, Rio de Janeiro (RJ).

A aquisição de que trata o presente Aviso está prevista no Termo de Convênio Complementar, firmado entre o Ministério do Trabalho — Secretaria Geral e o SENAI, de acordo com o Contrato de Empréstimo 1452/BR, estabelecido entre o Governo Brasileiro e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento — BIRD.

A Concorrência se processará obedecendo ao disposto no Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967 (Artigos 125 a 144), aos termos estabelecidos no Acordo de Empréstimos 1452/BR e às normas definidas no Edital da Concorrência.

Os interessados poderão obter o Edital de Concorrência, demais documentos e informações na sede do Departamento Nacional do SENAI, na Avenida Nilo Peçanha número 50 — 29º andar, sala 2904, Rio de Janeiro (RJ), nos dias úteis, das 9:00 às 11 h e 30 min. e de 13: 00 às 16: 00 h, a partir de 02 de abril de 1984 até 11 de maio 1984, mediante o recolhimento da importância de Cr$ 15.000,00 (Quinze mil cruzeiros), à Divisão de Administração Financeira do SENAI-DN.

Rio de Janeiro, 30 de março de 1984
A COMISSÃO DE LICITAÇÃO

Reitor pede devolução de Reitoria

Recife — Com o prédio onde se localiza a Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tomado por estudantes — que reivindicam abertura do restaurante universitário, com faixas como "estamos com fome" —, o Reitor George Browne do Rego encaminhou ação de manutenção de posse do edifício ao Juiz Adauto José de Melo, da 3ª Vara da Justiça Federal.

Na petição, o reitor acusa três líderes estudantis — Marcelo de Lima Medeiros (presidente do DCE), Augusto César Madeira (presidente da União de Estudantes de Pernambuco) e Reinaldo Batista do Nascimento (Casa do Estudante) — de terem comandado arrombamento do restaurante universitário e saqueado seus gêneros alimentícios, acusando-os ainda de depedração de bens da Reitoria, assim como de agressão aos pró-reitores Dayse Mayer e Luís Carvalho.

Estudantes vão manter a greve

Volta Redonda — A greve dos estudantes da rede estadual de ensino vai continuar por tempo indeterminado. A decisão foi tomada na assembléia realizada ontem, quando a comissão de liderança do movimento comunicou a cerca de 800 alunos das escolas Barão de Mauá e Piauí que o grupo não foi recebido pela Secretária de Educação, Yara Vargas, e o funcionário encarregado de atendê-los não apresentou solução para a falta de professores.

Leia "Monotonia" na página 10

Estudo mostra males que atacam os nordestinos

Recife — Quatro milhões de pessoas atacadas de esquistossomose; três milhões com a doença de Chagas; 17 mil novos casos anuais de tuberculose; 340 mortes de menores de um ano para cada grupo de 1 mil crianças nascidas vivas. Estes números caracterizam a situação sanitária do Nordeste, onde 66% da população rural infantil — entre um e cinco anos — sofrem os efeitos da desnutrição.

Os dados estão em um documento de 11 páginas, elaborado sob a orientação do Ministério da Saúde, por técnicos de diversos órgãos, como Seplan, Previdência Social e Sudene, e que foi exaustivamente discutido em Recife, durante os últimos três dias, por secretários de Saúde da região, representantes de vários ministérios e até de organismos internacionais, como o Banco Mundial e a Unicef. O documento mostra, ainda, que apenas 6% da população rural destinam adequadamente seus dejetos, enquanto só 12% dos residentes em locais de até 2 mil 500 habitantes são servidos de abastecimento de água (com ou sem ligação domiciliar).

Óbitos e vacinas

De acordo com o diagnóstico apresentado no documento, 23,2% das mortes de crianças menores de um ano foram provocadas por doenças infecciosas (contra 8,1% do Sul), sendo que 58% da população infantil entre um e cinco anos também sofrem de desnutrição, nas áreas urbanas. Mas, segundo o relatório, dos 1 mil 375 municípios do nordeste, apenas 59 (4,3%) não dispõem de serviços de saúde,"situação que, sob a ótica puramente quantitativa, é bastante razoável".

No entanto, apenas 20% dos postos que compõem o Programa de Interiorização de Ações de Saúde e Saneamento (PIASS) realizam atividades de suplementação alimentar. Enquanto, em 1983, a cobertura vacinal de rotina contra sarampo, tétano, coqueluche e difteria — "tarefa essencial destas unidades" — não chegou a beneficiar 50% da população-alvo. O documento mostra um déficit habitacional de 1 milhão de unidades, e diz que "67,6% dos **professores** da área rural do Nordeste não têm o 1º grau completo".

Ao final da reunião — que contou com a presença do secretário-geral do Ministério da Saúde, Mozart Abreu de Lima, e do consultor de saúde infantil da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Assistência à Infância), Aaron Lechtig — foram aprovados princípios básicos para ações de saúde (universalização e eqüidade, descentralização, integração), e determinada uma atuação basilar a partir das áreas do Projeto Nordeste. Terão prioridade os problemas sanitários de maior prevalência. Ficou decidida maior integração e articulação entre os diversos setores do Governo.

Para o representante da Unicef, o Nordeste "está numa situação limite".

Jornalistas mantêm greve

Vitória — Entra hoje no sexto dia a greve de fome de dois jornalistas capixabas, em protesto contra o fechamento de **A Tribuna**. O editorialista Francisco Flores e o fotógrafo Romero Mendonça estão entre os 72 demitidos pela empresa, que decidiu acabar com o jornal em represália à greve feita pelos funcionários de **A Tribuna** na semana passada.

A greve de fome de Francisco Flores e Romero Mendonça está sendo feita debaixo da marquise do prédio do jornal e, diariamente, os dois jornalistas recebem visitas e solidariedade de políticos, autoridades estaduais e de pessoas do povo.

O Deputado estadual Dilton Lyrio, presidente da Assembléia Legislativa do Espírito Santo, afirmou que todos os deputados capixabas estão engajados no movimento pela reabertura do jornal,"pois consideram um crime perpetuado contra a cultura e as tradições capixabas o seu fechamento. E mostra, ainda, que os interesses do grupo pernambucano eram, somente, de instrumentalizar o jornal na defesa de seus privilégios fiscais no Estado". Lyrio anunciou que se o empresário João Santos não vier a Vitória discutir o assunto com eles, todos os deputados estaduais irão a Recife fazer uma manifestação cívico-política pela reabertura de **A Tribuna**.

Eduardo Gomes escoltado pela PM sai do hospital e lança novas denúncias

Recife — Sob forte esquema de segurança três viaturas da Polícia Militar e quatro homens de sua confiança — o Deputado estadual Eduardo Gomes (PMDB) deixou ontem o Hospital Santa Joana e retornou à sua residência, na Rua Telles Júnior, Espinheiro, onde foi baleado na tarde de quarta-feira, quando regressava de um almoço.

Nos três dias que passou internado — convalescia de um ferimento na perna e outro na mão — o parlamentar enfrentou dois incidentes, os quais, segundo ele, foram os seguintes: ameaças de morte, por telefone, e na sexta-feira à noite, no terceiro andar do hospital um pequeno tumulto com agentes da Secretaria de Segurança. Gomes disse que eles queriam levar seu assessor Francisco Eduardo Farias à força, para depor na Delegacia de Homicídios.

Confusão

— Eles chegaram aqui às 23h30min de sexta-feira, e pretendiam conduzir o rapaz, mas nós exigimos apresentação de documentos. Como não permiti que levassem Farias, pediram que ele assinasse a intimação. Mas o moço só deporá segunda-feira, na companhia do advogado, pois este inquérito que a SSP-PE está montando até parece com outros que já vi, e que foram forjados.

Farias estava com Gomes no momento em que ele chegava em casa, quarta-feira, e juntamente com o deputado reagiu a bala contra os quatro homens que cercaram o oposicionista. Há versões da SSP-PE segundo as quais o rapaz teria sido o autor dos disparos que mataram Fernando Antônio Freire Peixe, que foi baleado com uma **hollow point**, munição importada, provavelmente disparada por um revólver de calibre 38, da marca Magno. Mas o deputado não disse a arma que usou, e o rapaz assegurou ontem que pegou um Taurus, que estava no interior do carro do deputado, com o qual fez cinco disparos contra os quatro agressores.

Ao ler na imprensa as versões da polícia segundo as quais ele estaria envolvido com roubo e receptação de imagens sacras — Gomes afirmou: "Eu a princípio estava muito contente com a mudança do Secretário de Segurança Pública. Quando assumiu o ex-Deputado Carlos Veras, no lugar de Sérgio Higino Dias (demitido após sofrer um atentado em circunstâncias duvidosas), pensei que a polícia ia começar a trabalhar direito e restabelecer a credibilidade. O que estou vendo é justamente o contrário".

Professores estaduais de 1º e 2º Graus iniciam em SP greve na quarta-feira

São Paulo — Sete mil dos 180 mil professores da rede oficial de ensino de 1º e 2º Graus do Estado decidiram ontem, em assembléia, entrar em greve na quarta-feira. Os professores reivindicam 70% de reajuste salarial e reajustes semestrais. A greve será feita em conjunto com os diretores de escola (5 mil 500) e supervisores (220).

A assembléia de ontem foi realizada no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, e os professores ocuparam toda a Rua do Carmo, no Centro da Capital, congestionando o trânsito. Há uma semana, 15 mil professores protestaram na frente do Palácio dos Bandeirantes. O Governo do Estado concedeu 10% de reajuste, a partir de 1º de abril.

Até as 18h30min de ontem, a assembléia não havia terminado, mas a decisão da greve fora tomada. O professorado paulista quer também que o Governo estadual reduza a jornada de trabalho, com aumento da hora-atividade e a devolução de cinco referências perdidas na carreira no Governo passado. Há cinco anos, o salário médio de um professor equivalia a 6,2 salários mínimos, segundo levantamento da Apeosp — Associação dos Professores da Rede Oficial de Ensino do Estado.

Reitor pede devolução de Reitoria

Recife — Com o prédio onde se localiza a Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tomado por estudantes — que reivindicam abertura do restaurante universitário, com faixas como "estamos com fome" —, o Reitor George Browne do Rego encaminhou ação de manutenção de posse do edifício ao Juiz Adauto José de Melo, da 3ª Vara da Justiça Federal.

Na petição, o reitor acusa três líderes estudantis — Marcelo de Lima Medeiros (presidente do DCE), Augusto César Madeira (presidente da União de Estudantes de Pernambuco) e Reinaldo Batista do Nascimento (Casa do Estudante) — de terem comandado arrombamento do restaurante universitário e saqueado seus gêneros alimentícios, acusando-os ainda de depedração de bens da Reitoria, assim como de agressão aos pró-reitores Dayse Mayer e Luís Carvalho.

Estudantes vão manter a greve

Volta Redonda — A greve dos estudantes da rede estadual de ensino vai continuar por tempo indeterminado. A decisão foi tomada na assembléia realizada ontem, quando a comissão de liderança do movimento comunicou a cerca de 800 alunos das escolas Barão de Mauá e Piauí que o grupo não foi recebido pela Secretária de Educação, Yara Vargas, e o funcionário encarregado de atendê-los não apresentou solução para a falta de professores.

Leia "Monotonia" na página 10

Estudo mostra males que atacam os nordestinos

Recife — Quatro milhões de pessoas atacadas de esquistossomose; três milhões com a doença de Chagas; 17 mil novos casos anuais de tuberculose; 340 mortes de menores de um ano para cada grupo de 1 mil crianças nascidas vivas. Estes números caracterizam a situação sanitária do Nordeste, onde 66% da população rural infantil — entre um e cinco anos — sofrem os efeitos da desnutrição.

Os dados estão em um documento de 11 páginas, elaborado sob a orientação do Ministério da Saúde, por técnicos de diversos órgãos, como Seplan, Previdência Social e Sudene, e que foi exaustivamente discutido em Recife, durante os últimos três dias, por secretários de Saúde da região, representantes de vários ministérios e até de organismos internacionais, como o Banco Mundial e a Unicef. O documento mostra, ainda, que apenas 6% da população rural destinam adequadamente seus dejetos, enquanto só 12% dos residentes em locais de até 2 mil 500 habitantes são servidos de abastecimento de água (com ou sem ligação domiciliar).

Óbitos e vacinas

De acordo com o diagnóstico apresentado no documento, 23,2% das mortes de crianças menores de um ano foram provocadas por doenças infecciosas (contra 8,1% do Sul), sendo que 58% da população infantil entre um e cinco anos também sofrem de desnutrição, nas áreas urbanas. Mas, segundo o relatório, dos 1 mil 375 municípios do nordeste, apenas 59 (4,3%) não dispõem de serviços de saúde, "situação que, sob a ótica puramente quantitativa, é bastante razoável".

No entanto, apenas 20% dos postos que compõem o Programa de Interiorização de Ações de Saúde e Saneamento (PIASS) realizam atividades de suplementação alimentar. Enquanto, em 1983, a cobertura vacinal de rotina contra sarampo, tétano, coqueluche e difteria — "tarefa essencial destas unidades" — não chegou a beneficiar 50% da população-alvo. O documento mostra um déficit habitacional de 1 milhão de unidades, e diz que "67,6% dos **professores** da área rural do Nordeste não têm o 1º grau completo".

Ao final da reunião — que contou com a presença do secretário-geral do Ministério da Saúde, Mozart Abreu de Lima, e do consultor de saúde infantil da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Assistência à Infância), Aaron Lechtig — foram aprovados princípios básicos para ações de saúde (universalização e eqüidade, descentralização, integração), e determinada uma atuação basilar a partir das áreas do Projeto Nordeste. Terão prioridade os problemas sanitários de maior prevalência. Ficou decidida maior integração e articulação entre os diversos setores do Governo.

Para o representante da Unicef, o Nordeste "está numa situação limite".

Jornalistas mantêm greve

Vitória — Entra hoje no sexto dia a greve de fome de dois jornalistas capixabas, em protesto contra o fechamento de **A Tribuna**. O editorialista Francisco Flores e o fotógrafo Romero Mendonça estão entre os 72 demitidos pela empresa, que decidiu acabar com o jornal em represália à greve feita pelos funcionários de **A Tribuna** na semana passada.

A greve de fome de Francisco Flores e Romero Mendonça está sendo feita debaixo da marquise do prédio do jornal e, diariamente, os dois jornalistas recebem visitas e solidariedade de políticos, autoridades estaduais e de pessoas do povo.

O Deputado estadual Dilton Lyrio, presidente da Assembléia Legislativa do Espírito Santo, afirmou que todos os deputados capixabas estão engajados no movimento pela reabertura do jornal, "pois consideram um crime perpetuado contra a cultura e as tradições capixabas o seu fechamento. E mostra, ainda, que os interesses do grupo pernambucano eram, somente, de instrumentalizar o jornal na defesa de seus privilégios fiscais no Estado". Lyrio anunciou que se o empresário João Santos não vier a Vitória discutir o assunto com eles, todos os deputados estaduais irão a Recife fazer uma manifestação cívico-política pela reabertura de **A Tribuna.**

Salvador faz 435 anos com falta de casa para 700 mil

Salvador — A explosão urbana dos últimos 30 anos, que quadruplicou o número de habitantes desta cidade, transformou o problema habitacional no mais grave da capital baiana. Cerca de 700 mil pessoas não têm onde morar e pelo menos 900 mil vivem em condições subumanas. A informação é do Prefeito Manoel Castro que na semana em que Salvador comemorava 435 anos de fundação (quinta-feira passada), fez uma "avaliação realista" do Município.

Salvador enfrenta outros problemas graves, além desse déficit habitacional (que o Governo estima em 140 mil imóveis), causa de uma **invasão** de terreno por dia: transporte insuficiente, má conservação do Patrimônio Histórico e infra-estrutura precária. Nada disto impede, porém, que a cidade seja uma das preferidas pelos turistas nacionais e estrangeiros.

No aniversário, Salvador é marcada por alguns paradoxos. A arquitetura dos velhos casarios, por exemplo, contrasta com modernos prédios. Bem mais pobre hoje do que num passado recente — como reconhece Manoel Castro — a cidade aumentou sua população nos últimos 30 anos de 400 mil para 1 milhão 800 mil habitantes. Apesar da precariedade de serviços básicos, principalmente de transportes, tem uma demanda turística crescente.

De um programa global de reformulação do sistema de transportes coletivos, ainda inacabado, destaca-se a Estação de Transbordo da Lapa, construída basicamente com recursos do BNDES e do Banco do Norteste, que evitou o inevitável estrangulamento no sistema, segundo técnicos municipais do setor. Mas o transporte continua precário, já tendo provocado um protesto popular contra aumento de tarifas e má qualidade do serviço, que culminou com a depredação de centenas de ônibus, em 1981.

Salvador/BA — Artur Kissima

Apesar dos arranha-céus, a cidade precisa de mais 140 mil imóveis

O descaso pelo Patrimônio Histórico e Cultural tem causado a perda de monumentos importantes; e a insuficiência de infra-estrutura faz que, em poucas horas de chuva, ruas e avenidas se transformem em lagoas. A grande população, que mora em encostas, vive ameaçada de ser vítima de desmoronamentos.

Crise

Para fazer as obras de que a cidade precisa, a Prefeitura teria que obter uma receita no mínimo 10 vezes maior que a atual, diz o Prefeito Manoel Castro. Ano passado, sem fazer obras, apenas atendendo a necessidades básicas, o município acumulou dívidas de Cr$ 30 bilhões. Desse total, Cr$ 20 bilhões foram de custos financeiros. Para este ano, o orçamento é de Cr$ 150 bilhões, mas um terço está previsto em termos de operações de crédito.

Atualmente, a receita da Prefeitura proveniente da arrecadação de Imposto Sobre Serviços (ISS) e Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) é inferior aos gastos com a folha de pagamento dos funcionários municipais, Cr$ 3 bilhões mensais. Com as transferências do Fundo de Participação dos Municípios pelo Governo federal e do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICM), a receita ainda fica abaixo de Cr$ 5 bilhões. Como em maio há um aumento da folha em 75%, as dificuldades devem crescer, mesmo com o aumento da receita decorrente da aprovação da Emenda Passos Porto.

Com um Prefeito nomeado pelo Governador João Durval (PDS) e mais de dois terços da Câmara Municipal formados por vereadores do PMDB, eleitos com 82% dos votos válidos na Capital, Salvador é uma das cidades mais oposicionistas do País, inclusive com movimentos organizados nos mais diversos setores da comunidade. Por isso, além dos problemas financeiros, constantemente Manoel Castro enfrenta sérios problemas políticos: qualquer projeto seu pode ser rejeitado pelo Legislativo.

Hoje, o Prefeito vê uma "tendência de descentralização do Poder na Capital", pois detecta maior participação popular "a todos os níveis". Segundo ele, tem sido desenvolvida uma consciência, principalmente em defesa dos interesses da cidade. "Agora, não é mais um grupo de intelectuais que defende o Centro e a Orla, mas toda a população", diz Castro.

Na sua avaliação "realista, mas otimista", o Prefeito atribui o rápido crescimento populacional sobretudo a fatores externos à cidade: a fuga das vítimas da seca do interior para a Capital e a atração que o Pólo Petroquímico e o Centro Industrial de Aratu exerceram, trazendo mais moradores para Salvador do que para Camaçari e Simões Filho, onde estão localizados esses complexos industriais.

Manoel Castro acredita que, "ao longo do tempo", essa tendência deverá ser corrigida em função das medidas de combate à seca e dos efeitos que a barragem de Pedra do Cavalo — em fase de construção — proporcionará ao desenvolvimento do Recôncavo Baiano.

Essa tendência começa a ser observada, pois o crescimento relativo da população de Salvador, em comparação com toda a região metropolitana, vem caindo desde o começo da década.

Curitiba estuda o fim do projeto de Jaime Lerner

Curitiba — No momento em que aniversaria (quinta-feira fez 291 anos), Curitiba, 1 milhão 200 mil habitantes, tornou-se assunto de amplo debate entre sua população: o Prefeito Maurício Fruet (PMDB) está levando aos bairros e a todas as entidades locais, para ser discutido, um projeto que visa mudar o transporte coletivo projetado pelo ex-Prefeito Jaime Lerner (PDS), substituindo os ônibus expressos pelos ônibus elétricos. A discussão deverá encerrar-se em junho, com um plebiscito.

Enquanto o PMDB local discute o novo projeto, os 11 vereadores do PDS pretendem **passar a limpo** a administração pemedebista, no seminário **Curitiba, 291 anos**, no qual se debate desde a coleta de lixo até a instalação de ônibus elétricos. A discussão é reflexo da preocupação dos curitibanos por sua cidade na qual, ao contrário das outras grandes cidades brasileiras, não há grandes engarrafamentos, o transporte coletivo funciona e cada habitante tem mais de 30 metros de área verde, um padrão acima dos estabelecidos pela UNESCO.

Plano Agache

A Curitiba de hoje, considerada no Brasil um modelo urbano, começou a ser planejada há mais de 40 anos, quando um engenheiro francês fez para a Cidade o primeiro plano diretor que levou seu nome — o Plano Agache. Ele previa, já naquela época, um sistema viário básico, com áreas verdes, parques, instalação do Centro Cívico, uma rua fechada para pedestres e as grandes vias perimetrais de transporte.

Agache também fez planos diretores para o Rio de Janeiro e Santos, mas isso só deu certo em Curitiba.

O Plano foi levado a sério aqui porque nossa população é descendente de europeus, habituada ao cumprimento das normas — diz Franchette Rischbieter mulher do ex-Ministro da Fazenda, Carlos Rischbieter, que por 30 anos trabalhou como engenheira na Prefeitura de Curitiba. Ela diz que nenhum dos prefeitos que administraram Curitiba nestes 40 anos fez obras que comprometessem a Cidade. Mesmo a **Revolução Urbana**, preparada pela equipe de Jaime Lerner levou em conta o Plano Agache. A Cidade, na verdade, estava pronta para se trabalhar nela — diz Franchette.

Modernização

Ao assumir a Prefeitura em 1970, o arquiteto Jaime Lerner, aos 34 anos, foi apoiado por um grupo de jovens arquitetos, como ele, formados pela Universidade Federal do Paraná. Reunido no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) esse grupo se dedicou a solucionar o problema do transporte coletivo, o desafio das grandes cidades na década de 70. Preparou um plano diretor para a Cidade, abriu faixas exclusivas para os ônibus expressos, dando sempre prioridade ao ônibus em detrimento do automóvel. Implantou o chamado **anel central**, onde o automóvel tem apenas uma rua para circular.

Curitiba quase dobrou a população nos últimos 15 anos. Mesmo assim, é possível atravessar a cidade em menos de uma hora, com a mesma passagem de ônibus. Todo o sistema de transporte é integrado. Cinco grandes parques foram criados nos bairros, além de jardins ambientais, pistas exclusivas para bicicletas e áreas de lazer. Com a experiência de Curitiba, o IPPUC acabou formando uma equipe de planejadores urbanos e começou a receber técnicos de outros Estados para estagiarem na cidade. Hoje, os antigos colaboradores de Jaime Lerner, como Lubomir Ficinski, Alberto Paranhos ou Rafael Dely, são consultores do BIRD (Banco Mundial) para Planejamento Urbano. O próprio Lerner planeja para o Governo Brizola o transporte coletivo do Rio de Janeiro.

Com a vitória do PMDB, a equipe do IPPUC foi mudada e o Prefeito Maurício Fruet ensaia mudar alguns projetos. A iniciativa de reduzir o número de ônibus em circulação para evitar o aumento das tarifas não deu certo. E o projeto do ônibus elétrico para substituir o expresso também é criticado pela equipe de Lerner, que considera que o trolebus não irá resolver o problema do aumento da demanda de passageiros.

Jaime Lerner — diz um dos seus maiores críticos, o Deputado federal Roberto Requião — fez uma cidade voltada para a classe média, esqueceu os bairros. O PMDB deve mudar essa tendência.

Caça AMX poderá resolver problemas da Força Aérea

Brasília — Se tudo correr bem, em três anos a Força Aérea Brasileira estará incorporando os primeiros lotes do caça AMX, previsto para ser o sucessor de um dos aviões de combate de maior sucesso na história da Aviação — o norte-americano **A-4 Skyhawk**. Em meados de junho, o primeiro protótipo do AMX voará na Itália, e a data é aguardada com grande expectativa pelos pilotos e oficiais brasileiros da FAB.

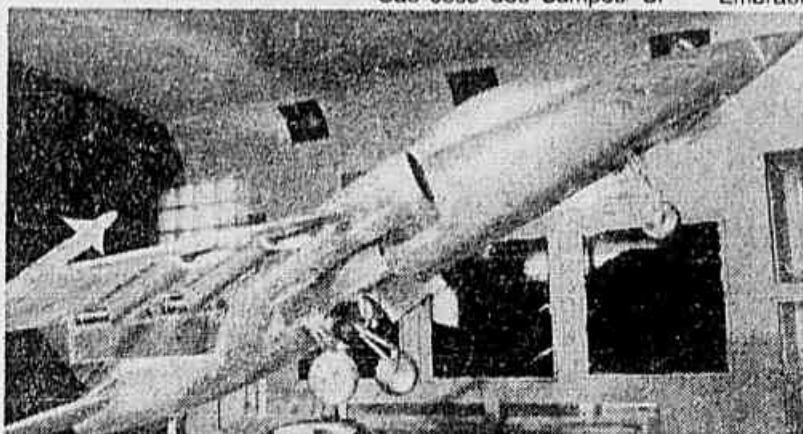
O novo avião está sendo visto como uma das soluções para as muitas lacunas da Força Aérea Brasileira, que atualmente se considera ter um potencial de combate relativamente baixo. De acordo com avaliação feita pela própria FAB, o Brasil é o terceiro país sul-americano em poder de fogo pelo ar. A Venezuela é o primeiro, e a Argentina, o segundo. Vêm em seguida o Peru, o Chile, o Equador e a Colômbia.

Técnica brasileira

O AMX — A de Aeritalia (fábrica italiana), M de Macchi (outra fábrica italiana) e X de EXPERIMENTAL — começou a ser concebido há sete anos, quando a Aeronáutica Militare Italiana sentiu a necessidade de substituir, até 1987, seus caças Fiat G-91.

Em março de 80, a FAB anunciou a intenção de participar do projeto. Um ano depois, as autoridades militares dos dois países assinaram acordo pelo qual o Brasil se responsabilizava por, aproximadamente, um terço de seus custos — além do desenvolvimento de certas tecnologias brasileiras, como a de digitação, que poderiam ser úteis ao empreendimento.

O AMX, no Brasil, terá que ser ainda mais versátil que o Skyhawk. Foi mais ou menos o que ocorreu com o pobre Aermacchi MB-326G, um treinador avançado italiano que, fabricado no Brasil e rebatizado de Xavante, começou a ser empregado não apenas para o treinamento dos pilotos de caça mas também como aparelho de reconhecimento aéreo, ataque ao solo, interceptação e até bombardeio naval.

São José dos Campos/ SP — Embraer

O protótipo do AMX é testado num túnel de vento

Desenhado para ser um moderno avião de combate aéreo e ataque ao solo, o AMX brasileiro vai ganhar tanques extras de combustível, que aumentarão seu raio de ação sem diminuir o carregamento de bombas. Com essa configuração, o AMX poderá cumprir missões de bombardeio estratégico, isto é, partindo do Rio Grande do Sul, atingir objetivos no interior da Argentina, por exemplo — que é uma das hipóteses consideradas pelo Estado-Maior da FAB.

O modelo projetado para equipar a FAB será, portanto, um pouco diferente daquele que voará com as cores italianas, mas nem tanto quanto gostariam os militares brasileiros. A princípio, pensava-se, por exemplo, que o AMX poderia ter uma versão naval, que desse à Força Aérea, e à Marinha, um componente aeronaval mais poderoso — e o que é mais importante, comparável ao da vizinha Argentina. Até agora, no entanto, as mudanças tentadas nas pranchetas da Embraer revelaram apenas a inviabilidade da idéia.

Há quatro anos, o Ministério da Aeronáutica pensava também que poderia encomendar 144 aparelhos do tipo AMX de uma vez. Hoje, essa encomenda inicial é calculada em 79 aviões que serão distribuídos, basicamente, em três concentrações: no norte, centro e sul do país.

Em termos de estratégia, a novidade é o esforço da FAB para guarnecer melhor os céus do norte brasileiro. Nos últimos anos, novas pistas para jatos militares foram abertas na Amazônia, especialmente nos estados do Amazonas e de Rondônia.

Isso na razão direta da preocupação com as últimas compras feitas pelas Forças Aéreas da Venezuela e do Peru. Em 76, peruanos tentaram comprar os caças-bombardeiros Phantom americanos. A negativa de Washington acabou trazendo para o sul do continente americano 52 caças bombardeiros SU-22 soviéticos — apenas o começo de uma enxurrada de armamentos russos que incluíram helicópteros, tanques, e o indefectível acompanhamento de técnicos militares soviéticos e cubanos.

Já a Venezuela, beneficiada pela preocupação dos americanos em relação ao expansionismo cubano no Caribe, acabou recebendo uma dúzia de caças F-16A, iguais aos que a USAF emprega na OTAN, e cuja versão naval a Marinha Americana tem usado em suas missões no Líbano.

Boeing sai da rota e pilotos se divertem

No início da tarde de 6 de novembro de 1979, uma terça-feira, a cabine de comando do Boeing 737 da Força Aérea brasileira encheu-se de vozes que falavam em espanhol: eram pilotos de jatos Mirage venezuelanos que, enquanto se comunicavam com seu controle em terra, dirigiam-se à fronteira com o Brasil para, a partir dali, escoltarem o Boeing da FAB que conduzia o Presidente João Figueiredo a Caracas.

A conversação dos venezuelanos surpreendeu os pilotos dos Boeing brasileiro. Afinal, não era aquilo que tinha ficado combinado entre as duas Forças Aéreas, durante os preparativos da viagem. O Boeing só deveria ser escoltado a partir de determinada distância da capital venezuelana, e não a partir da fronteira.

O piloto do Boeing — um major que serve hoje no Estado-Maior das Forças Armadas, no posto de Coronel — fez uma manobra simples: desviou-se da rota previamente acertada para seu ingresso em céus venezuelanos, e só a retomou mais tarde, perto de Caracas. Durante o desvio, ele, seu co-piloto e o resto da tripulação da FAB divertiram-se muito, ouvindo a conversação desesperada dos pilotos de Mirage da Venezuela que, tontos, procuravam o Boeing de Figueiredo.

Esta história ilustra bem o **establishment** militar sul-americano: a Venezuela tinha os Mirage, mas não tinha os radares em terra para guiá-los até o Boeing brasileiro que se desviara de sua rota.

Menos de três anos depois, os arrojados pilotos argentinos sentiriam a derrota. Lutando contra os ingleses terminariam por saber, de maneira dolorosa, que os mísseis Matra de seus Mirages não eram tão bons quando os Sidewinders americanos que equipavam os caças Harrier dos britânicos; que suas táticas de aproximação para atacar a frota inglesa eram ultrapassadas; e que muitas das bombas que conseguiam lançar nos navios inimigos — depois de **mergulhos** quase suicidas — simplesmente não explodiam.

É para evitar que situações desta natureza possam repetir-se que a Força Aérea Brasileira está intensificando sua modernização.

Brasil avalia guerra eletrônica

Brasília — Mais que alterações nas doutrinas e hipóteses de guerra, a Batalha das Malvinas — até os dias de hoje dissecada em sua essência, nos estados-maiores das Forças Armadas brasileiras, como forma de aprendizado de como agir ou deixar de agir numa guerra convencional moderna —, alertou o Exército para um grande problema, até então omitido nos manuais de instrução: a guerra eletrônica, atividade que consiste em perturbar as comunidades e outros meios eletrônicos numa guerra.

A partir do próximo ano, o Exército Brasileiro começará a instalar em Brasília — por causa da proximidade com o estado-maior, centro operacional, com o Dentel, centro de manutenção, e com a UNB, centro potencial de pesquisas —, o Centro de Instrução de Guerra Eletrônica, mobilizando para tanto todo seu sistema de comunicações, informações e informática. Esse sofisticado centro de ensino das táticas eletrônicas existia uma alta tecnologia, destinando-se a formar pessoal especializado apto a compor uma Companhia de Guerra Eletrônica,"organização pioneira de guerra eletrônica", segundo o Centro de Comunicação Social do Exército.

Mercado nacional

Mantida ainda em sigilo absoluto dentro do Estado-Maior do Exército, órgão da força terreste encarregado dos estudos de sua viabilização, o Centro de Instrução de Guerra Eletrônica foi asssim definido pelo Centro de Comunicação Social do Exército:"É um estabelecimento de ensino que tem como objetivo atender à formação, especialização e atualização dos recursos humanos necessários para as atividades de guerra eletrônica".

No Departamento de Engenharia e Comunicações, ao qual se subordinam as diretorias de Informática e Material de Comunicações e de Eletrônica, as informações sobre o Centro também são superficiais, visto que a informática será acionada apenas por causa da utilização do sistema de computarização nos materiais eletrônicos.

Uma coisa, porém, é certa, segundo uma das fontes consultadas a respeito: a cada dia que passa, os equipamentos bélicos, mesmo os mais sofisticados, tornam-se obsoletos com muita rapidez, devido à agilidade com que se fabricam nos países tecnologicamente desenvolvidos, a sua contrapartida. A guerra eletrônica não se constitui, portanto, naquilo que se determinou chamar de guerra moderna, mas sim nas atividades destinadas a perturbar a utilização dos meios eletrônicos numa guerra convencional.

O Exército, segundo um dos oficiais consultados, tem poucos equipamentos até o momento, mas se dispõe a solicitar junto às empresas privadas a imediata fabricação de outros. Uma das prováveis fornecedoras, dentro do mercado nacional, será a Engetrônica, subsidiária da Engesa, empresa nacional fabricante de carros de combate recentemente formada através da compra da Imbelsa.

Uma das mais graves perturbações sofridas pela Argentina em sua guerra com a Inglaterra pela posse das Malvinas diz respeito ao truncamento nas suas emissões de mensagens de comunicações, via freqüência única. Os profissionais ingleses, dispondo de material altamente sofisticado, além das baixas consignadas nas batalhas marítimas e terrestres, tumultuaram totalmente o sistema de emissão de mensagens dos soldados argentinos. Isso porque seus instrumentos de comunicações conseguiam captar rapidamente e ingressar na freqüência do inimigo. Hoje, o Exército Brasileiro tem conhecimento da existência de modernas aparelhagens que transmitem mensagens em várias freqüências e pretende que a indústria nacional ingresse rapidamente em pesquisas para, a curto prazo, ter condições de adotá-los.

A Guerra das Malvinas, no contexto da guerra eletrônica, conforme deixou claro um oficial-general, mostrou, acima de tudo, como o material eletrônico não deve ser utilizado, o que se relaciona diretamente aos cada vez mais requisitados mísseis em suas variadas e diferentes versões. Um exemplo já fartamente utilizado pelos militares brasileiros, durante suas conferências sobre guerra eletrônica, chama a atenção, sobretudo, para a correta utilização dos antimísseis, responsáveis pelo surpreendente afundamento do navio inglês que transportava helicópteros e se encontrava, ao ser atingido, nas proximidades do porta-aviões **Hermes**, também inglês. As forças armadas modernas já dispõem de dispositivos destinados a desviar mísseis, sendo que um deles — o **chaps** ou **chap** — foi utilizado pelo **Hermes** quando os argentinos o atacaram com um míssil ar-terra.

Palermo joga na morte de juiz que a Máfia condenou

Roma — Na sede da praia de Mondello do Circolo Ruggero di Lauria, clube de gente fina, uma das distrações dos ricos de Palermo é o **toto-morto** um concurso de apostas que periodicamente procura atualizar a lista dos condenados à morte pela Máfia. Há mais de dois meses, o primerio nome dessa lista é o do magistrado Giovanni Falcone, homem muito moreno, de barbas e cabelos negros, estatura média, mais para o robusto do que para o magro, palermitano de 44 anos de idade, divorciado, que se veste com roupas sobriamente esportivas e fala sem sotaque siciliano.

Não só no clube dos ricos mas em toda Palermo se sabe e se diz a mesma coisa a propósito do Juiz Giovanni Falcone, responsável pelas investigações e pela formação do processo sobre a morte do General Carlo Alberto Dalla Chiesa e sua mulher. Há poucos dias os condóminos do edifício em que o juiz mora — dia e noite circundado e protegido por policiais preparados para o pior — fizeram-lhe um apelo: que ele se mudasse de bairro e de casa.

Na casa da noiva

A escolta que acompanha e dá cobertura aos deslocamentos do juiz Falcone nunca tem menos de oito homens. À frente da casa, do restaurante, do cinema em que ele se encontrar, nenhum veículo pode estacionar ou parar, ainda que seja por um minuto. Quando o juiz vai visitar sua atual noiva, toda a cidade fica sabendo: a sinfonia das sirenas dos carros e motos de batedores encarrega-se de chamar a atenção do mais surdo ou distraído dos palermitanos.

— Até hoje só não previmos e não estamos preparados para um atentado com helicóptero. Para o resto estamos preparados — diz um oficial dos **carabinieri**. O mesmo que confirma também a notícia da demissão de um seu companheiro de armas, que por muito tempo desempenhou o ingrato e perigoso papel de **controfigura**, um sósia perfeito do juiz Falcone, novo inimigo número um da Máfia siciliana.

Depois da recente morte de um outro magistrado (o juiz Rocco Chinnici) os nervos do sósia de Falcone não resistiram. Ele preferiu recolher-se à vida privada e perder o emprego.

Da nova máfia siciliana, principalmente daquela palermitana, o juiz Giovanni Falcone passou a saber demais há cinco anos, depois da experiência que marcou o início de sua carreira, em Trapani, e dos cinco dias de angústia que viveu como refém de uma revolta no presídio de Favignana, comandada por terroristas presos. Poucos meses depois de iniciar um novo trabalho na Seção de Falências do Tribunal de Palermo — foi ele o escolhido para herdar e dar continuidade ao processo contra o **boss** mafioso Rosário Spatola e 119 homens de seu clã. Processo que custou a vida de outro seu colega, Gaetano Costa, outro magistrado que não teve respeito nem medo da **Onorata Società**.

Avesso a qualquer tipo de exibicionismo — é bem educado, culto, inflexível e aparentemente sereno juiz Falcone não gosta de entrevistas nem de fotografias. Acredita que o estrelismo é incompatível com a profissão que escolheu, e na qual continua a acreditar muito. Presente à sessão de lançamento do filme que reconstituiu o assassínio do casal Dalla Chiesa numa rua do Centro de Palermo, aceitou a idéia de "conversar informalmente" sobre o seu inimigo: a Máfia e o novo "**Wai of life** mafioso", novo modo de ser mafioso.

Na sua opinião, o verão de 1980 marcou um momento de revisão e de reconversão da Máfia que pretendia experimentar um novo modelo de estrutura e de atuação. Naquele verão de 1980, quando a polícia descobriu e desmontou quatro grandes laboratórios para refinar heroína em Palermo, a Máfia modificou o seu plano de ação na Sicília. Operadas por um grupo de químicos marselheses, os quatro laboratórios localizados pela polícia ensinaram que a antiga estrutura de família da Máfia continuava a ser a mais confiável e segura. Os laboratórios tinham caído porque os mercenários marselheses falaram e disseram tudo o que um "parente ou simples afilhado" normalmente morreria sem dizer.

Por isso mesmo, o Juiz Falcone diz-se convencido de que a"empresa mafiosa parlemitana" voltou a apoiar-se nas tradicionais famílias mafiosas. Muitas vezes escondem-se atrás de empresas legais, que funcionam como biombos de cobertura para suas ações criminosas, ou para encobrir alianças que não devem ser feitas e conhecidas ostensivamente.

Ciro

Famílias se modernizam

A retomada dos laços tradicionais de operação da Máfia na Itália está bem exemplificada na associação de duas das mais notórias famílias, os Spatola e os Inzerillo, afirmou o juiz Giovani Falcone.

A partir de um determinado momento, as duas passaram a agir sob a proteção e cobertura legal de uma firma comercial, especializada em venda de material de construção: a Inzerillo Sanitari. E dentro dela criaram uma divisão técnica, especializada em material para laboratórios, cooperando com químicos franceses e com um alto funcionário do setor de expedições da Alitália em Palermo.

Toda uma equipe se dedicava à preparação e exportação da heroína para os Estados Unidos e do retorno do dólar que ela produzia para Palermo. Dólar que era entregue à Máfia tecnocrata e empresarial, um setor que age principalmente em Milão e no Norge da Itália, especializado no investimento do capital ou em outras aplicações bancárias.

Mesmo quando não podem realizar o ideal de confiar a inteira gestão e execução dessas operações a membros das famílias associadas, os chefes mafiosos aprenderam que o melhor é sempre ter um de seus membros da maior confiança observando e controlando pessoalmente cada uma delas. Conveniência que forçou uma elevação do nível cultural e técnico das novas gerações das famílias mafiosas, principalmente dos **figli maschi**, dos seus varões. Melhoria e progresso que quase sempre foram superficiais, mas que não deixaram de dar uma "fisionomia cultural ao novo mafioso".

Colarinhos brancos

Quando pouco, preparando-o para entender alguma coisa essencial do raciocínio e da ação da chamada "Máfia dos colarinhos brancos", a Máfia empresarial, dos **managers**,funcionários que ocuparam os lugares dos tradicionais e violentos **piccioti**, peixes pequenos ou aprendizes, que para fazer carreira e figurar na partilha dos testamentos dos chefões faziam qualquer trabalho sujo. Até mesmo o da liquidação física dos inimigos perigosos.

Essa Máfia do colarinho branco não é siciliana, evita a Sicília até mesmo em tempos de férias. Vive e opera principalmente em Milão. É poliglota e tem a maior intimidade com os computadores. Não se comporta e nem tem o gosto duvidoso — de novos ricos — dos filhos e herdeiros sicilianos da velha Máfia criminosa da Sicília. Rapazes que hoje não resistem à tentação de circular em automóveis blindados (de preferência BMW prateados com telefone) pelas ruas de Palermo.

A descoberta e o retorno da Máfia ao núcleo de família foram facilitados por um trabalho de preservação que não pode deixar de impressionar qualquer estudioso do fenômeno mafioso, observa o juiz Falcone. Foi aquela capacidade de defender uma instituição — como a família — em crise em todo o mundo — que os **patriarcas** da Máfia siciliana souberam ter. Nas famílias mafiosas praticamente não se verificaram casos de "atomização ou desagregação" dos núcleos. Da mesma forma que a presença e o papel das mulheres permaneceram inalterados. Como se o tempo não tivesse passado para elas.

A mulher mafiosa

Ao contrário — comenta ainda o juiz Falcone — nos últimos anos a mulher mafiosa conheceu um processo de involução. Acentuou-se ainda a sua condição de figura subalterna. Antes, elas podiam escolher um marido que, em última instância, podia ou não ser aceito pelo patriarca. Hoje até esse direito à ilusão lhes foi negado. Foi-lhes revogado. Porque a mulher da família mafiosa siciliana, hoje, só pode casar com o noivo escolhido pelo pai, segundo a conveniência e a utilidade que ele pode significar para o **business**, para os negócios da família.

A mesma política de preservação e de alianças convenientes entre as diversas famílias mafiosas sicilianas incrementou ainda o número de casamentos cruzados entre primos. No processo contra Rosário Spatola, o promotor público ofereceu um bom exemplo das ligações de parentesco criadas ou consolidadas entre quatro dos grandes núcleos da Máfia siciliana: Os Spatola-Inzerillo, os Gambino, os Bontade e os Badalamenti.

Os irmãos Gambino são primos dos irmãos Spatola (Rosário, Vincenzo e Antonio) porque o pai destes, Salvatore, é irmão da mãe dos Gambino. Giuseppe Inzerillo casou-se com Giuseppa di Maggio, irmã de Decalogero, o qual por sua vez casou-se com Domenica Spatola.

ARAÚJO NETTO

Francês defende pureza da língua com processo contra o "franglais"

Paris — Os puristas chamam de poluição do idioma. Os empresários, simplesmente, de estratégia de **marketing**. Para a Lei, é ilegal em alguns setores. Mas, para a maioria dos franceses, trata-se de **franglais** — o uso e o abuso do Inglês, especialmente na área comercial.

Os defensores da língua francesa, dispostos a conter a invasão anglo-saxã a seu vocabulário, têm levado empresas aos tribunais por utilizarem palavras inglesas. No mês passado, a Associação Geral dos que Utilizam a Língua Francesa (Agulf) acusou uma cadeia de lanchonetes de iludir os consumidores, ao introduzir, no cardápio, itens como **fingfish, big cheese e coffee drink**.

Como saber?

O Tribunal de Paris aceitou a denúncia, com base na lei de 1975 que determina que todos os produtos devem ser rotulados e anunciados em francês. A empresa, a France-Quick, foi condenada a pagar multa equivalente a Cr$ 400 mil.

A sentença foi a última vitória da Agulf, um grupo de vigilância, apoiado pelo Governo, formado por políticos, intelectuais e consumidores, que fiscaliza empresas nacionais e estrangeiras.

— Alguém que compre um **big cheese**, possivelmente não saberá o que isto contém. E nossos advogados comprovaram que o **coffee drink** não passa do simples café, só que mais fraco do que o que costumamos beber na França — disse Micheline Faure, porta-voz da Agulf. A associação já ganhou 30 causas nos tribunais.

Empresas estrangeiras que exportam seus produtos para a França têm sido pressionadas por não apresentarem traduções dos textos de suas bulas, manuais e embalagens. O movimento contra a invasão do **franglais** sempre teve o apoio do Governo francês e a Agulf é subsidiada pelo Escritório do Primeiro-Ministro Pierre Mauroy.

No ano passado, o Ministério das Comunicações proibiu 127 expressões de origem inglesa, usadas, principalmente, em emissoras de rádio, televisão, cinema e agências de publicidade. Oficialmente, não se diz mais **close-up**, mas **gros plan**, e **cameramen** são **les cadreurs**. Mas, no dia-a-dia, o **franglais** ainda é bastante empregado.

Os empresários falam muito de **le cash flow** ou **le hot money**. As pessoas viajam de **le jet**, enquanto uma caminhada é **le footing**. Os esportistas fazem **le jogging** ou **le stretching** (ginástica).

Até capa de disco

Muitas comissões de lingüistas têm sido formadas para criar expressões francesas que equivalham às inglesas, embora ainda não se tenha conseguido substituir **le weekend** por **fin de semaine**.

Atualmente, a Agulf está iniciando ação contra a Évian, uma empresa engarrafadora de água mineral que usa a frase de propaganda **Le fast-drink des Alpes**, e contra o monopólio estatal de tabaco, a Seita, que lançou a marca de cigarros **News**.

A gravadora Polydor, sediada na Alemanha Ocidental, foi forçada, há dois anos, a um acordo com a Agulf, fora da Corte, ou distribuir gravações de intérpretes americanos de **jazz** com as capas escritas em inglês. Patrice Fichet, representante da Polydor na França, disse que ficou em situação difícil, porque os contratos com certos artistas estrangeiros proibem a alteração das capas originais.

No ano passado, a Ópera de Paris caiu ante a cruzada da Agulf, quando distribuiu programas em inglês para o musical americano **Bubbling Brown Sugar** (Açúcar Mascavo Borbulhante). Pagou multa de Cr$ 170 mil.

Micheline Faure diz que, em todos os casos, as multas foram mínimas e que a organização está mais interessada na defesa de seus princípios do que em lucros financeiros. Segundo ela, o importante é fazer com que as pessoas saibam que a lei existe, observando que nenhuma multa foi aplicada antes da criação da Agulf, em 1977.

— Nosso objetivo é evitar a poluição do idioma francês, apenas por modismo ou por um gosto esnobe por palavras que não oertencem a nenhuma cultura em particular — disse ela.

EIKO FUKUDA
Reuters

Emigrantes retornam a Portugal vencidos pela recessão internacional

Lisboa — Os emigrantes portugueses, que há décadas vêm deixando o país para buscar oportunidades em terras mais ricas, estão sendo obrigados a voltar devido à recessão internacional. Os 4 milhões de emigrantes portugueses são vitais para a alquebrada economia portuguesa porque mandam 200 bilhões de escudos (Cr$ 1 trilhão 936 bilhões) para seus parentes todo ano.

Essa contribuição é reconhecida com o feriado do Dia das Comunidades Portuguesas em junho e inclui cerimônia diante de estátua colocada em frente à principal estação de trem. Números oficiais da França e Alemanha Ocidental mostram, um declínio na população portuguesa desses países.

Insegurança

O total de emigrantes tem sido um dos problemas da complicada negociação de Portugal para se tornar membro da Comunidade Econômica Européia, onde são altos os índices de desemprego. Um dos princípios da CEE é o livre movimento de mão-de-obra mas, quando a Grécia aderiu em 1981, concordou com um período de transição de sete anos que restringiu a mobilidade de seus cidadãos.

Luxemburgo, cujos 30 mil portugueses representam um terço dos estrangeiros que vivem no país, pediu um período de transição de 10 anos, que Lisboa recusou. Funcionários da Comunidade disseram que esse ponto deverá ser o último a receber solução.

Com ou sem concessões da Comunidade, Portugal pode não ser capaz de confiar na emigração por muito mais tempo. A Secretária de Estado para Emigração, Manuela Aguiar, disse que há uma tendência à volta da França de 35 mil portugueses por ano até 1990.

A França, que recebe o maior fluxo de portugueses, espalhados por um total de 96 países, possui uma colônia de quase 1 milhão de lusitanos, enquanto a Alemanha Ocidental tem 106 mil. Manuela Aguiar disse que o desemprego estava precipitando a retirada portuguesa "criando sérias dificuldades e um clima de insegurança e preocupação entre os emigrantes".

Ela disse que "movimentos xenófobos em alguns países alcançaram proporções que não podem ser ignoradas". Os portugueses, católicos romanos e facilmente adaptáveis à sociedades do Norte da Europa, escaparam da maior parte dos ataques racistas sofridos por trabalhadores africanos e turcos na França e Alemanha, mas a pressão por empregos continua.

— O padrão de vida era alto e eu gostava da vida por lá mas estava cada vez mais difícil arranjar um emprego, por isso resolvi voltar e comprei este táxi — afirmou um motorista lisboeta que passou sete anos na Alemanha trabalhando na construção civil.

Contratempos

Muitos deparam com a difícil tarefa de achar emprego em seu próprio país, perturbado por um desemprego de 10% e um severo programa de austeridade. A falta de trabalho não é a única causa do retorno de emigrantes.

Muitos partiram nos anos de crescimento do Norte da Europa nos anos 50 e 60 enquanto Portugal estava estagnado sob uma ditadura de direita e sempre quiseram voltar para usufruir na terra natal o que conseguiram em outros lugares. Centenas de casas modernas surgiram em aldeias pobres e distantes, construídas por emigrantes que voltaram.

— O problema é como encorajá-los a investir suas economias para ajudar a desenvolver o país — afirmou um funcionário do Governo.

Alguns emigrantes encontram dificuldade de ajustamento, pode haver ressentimento pelo dinheiro que trazem, seus filhos têm problemas de língua, família e amigos podem estar dispersos. Manuela Aguiar disse que esses contratempos estão aparecendo em larga escala, especialmente entre os que vêm de países europeus. Os que viajaram para países do Extremo Oriente, Estados Unidos e América do Sul geralmente ficam por lá. Existem quase 900 mil portugueses no Brasil e meio milhão nos EUA e Canadá.

CLARE LOVELL
REUTERS

Papadopoulos arregimenta gregos de direita para sair da prisão

Atenas — Nove anos depois de ter sido preso, acusado de alta traição, o ex-coronel George Papadopoulos, que liderou a junta militar no fim dos anos 60, tenta ressurgir como força política, juntamente com outros oficiais que também estão na prisão.

Papadopoulos e seus colegas encabeçaram o golpe militar de abril de 1967 e agora lutam pela libertação, através de recursos de apelação interpostos por seus advogados.

Governo tranqüiliza

Funcionários do Governo socialista, muitos dos quais foram encarcerados ou se exilaram durante os sete anos de ditadura militar, insistem em que o esforço dos coronéis em fazer-se ouvir não representa ameaça alguma para a estabilidade política grega.

Em recente editorial, o diário socialista **Eleftheri Gnomi** afirmou: "A democracia não teme essa antiga frente de torturadores fascistas, apesar de suas provocações."

Há pouco tempo, o Governo limitou a duas por semana as visitas de parentes dos coronéis, depois que um discurso de Papadopoulos gravado em fita foi tirado clandestinamente da prisão de Korydallos e divulgado em uma manifestação direitista em Atenas.

Autoridades do Ministério da Justiça afastaram a possibilidade de anistia ou indulto para os coronéis presos:

— É improvável que haja alguma solução legal para que Papadopoulos participe da vida política, mas ele tem simpatizantes da junta militar que chefiou que poderiam causar perturbações com sua influência — disse um funcionário.

Direitos cassados

Líderes políticos e advogados envolvidos no caso Papadopoulos querem tornar o ex-coronel dirigente de um partido para que ele se candidate à eleição de junho em Estrasburgo para o Parlamento Europeu, onde a Grécia tem 24 dos 434 assentos.

No entanto, o Ministro da Justiça, George Mangakis, disse:

— Os coronéis encarcerados não podem candidatar-se a cargos públicos, porque, por suas sentenças, perderam com os direitos políticos cassados.

O ex-czar econômico da ditadura militar, ex-coronel Nicholas Makarezos, de 64 anos, fez um apelo ante a Comunidade Econômica Européia para ser libertado imediatamente, com base na alegação de que foi preso por engano.

O ex-Brigadeiro Stylianos Pattakos, de 72 anos, terceiro integrante da junta militar, apresentou recurso mês passado ante o Supremo Tribunal de Justiça da Grécia, com o mesmo argumento de Makarezos, mas sua petição foi rejeitada.

— Eles não consideram que tenham cometido algum delito por terem organizado o golpe — disse Panayotis Galanopoulos.

Papadopoulos foi derrubado pelo então chefe da polícia militar, Brigadeiro Dimitri Ioannides, em novembro de 1973, depois de uma rebelião estudantil na Universidade Politécnica de Atenas.

Redemocratização

A democracia foi restaurada na Grécia no ano seguinte, depois da queda da junta militar de Ioannides, precipitada pela invasão turca de Chipre. Papadopoulos, Makarezos e

Arquivo/29-4-68

George Papadopoulos está preso há nove anos, condenado por traição

Pattakos foram condenados à morte por alta traição e insurreição em 1975, mas as sentenças foram comutadas para prisão perpétua, pena imposta a outros 29 oficiais.

Os ex-oficiais estão presos em um pavilhão isolado no cárcere de Korydallos, no porto do Pireu, perto de Atenas. Eles não têm contatos com outros presos, mas seus parentes os visitam e levam alimentos, revistas e cigarros, mas não álcool.

Yiannis Makarezos, filho do ex-czar econômico dos militares, disse:

— Eles passam o tempo lendo, debatendo e vendo televisão. Acho que meu pai e Papadopoulos estão escrevendo suas memórias.

KERIN HOPE
AP

Mísseis soviéticos em território tcheco visam Cruises e Pershings-2

Viena — Os mísseis soviéticos instalados na Tchecoslováquia estão dirigidos para as bases dos países da Europa Ocidental que estão recebendo os foguetes Cruise e Pershing-2 dos Estados Unidos. A afirmação foi feita ontem pelo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas tchecas, General Miroslav Blahnik, em entrevista ao jornal **Rude Pravo**, de Praga.

O general assinalou que os mísseis SS-12, que a União Soviética começou a instalar em seu país, não serão dirigidos contra nações neutras ou que integrem o bloco do Terceiro Mundo. Mas acrescentou que o bloco socialista "jamais permitirá que os Estados Unidos e os aliados da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) — estabeleçam uma supremacia militar na Europa.

Explicação

Esta semana, o Governo tcheco admitiu, pela primeira vez, oficialmente, que mísseis soviéticos estavam sendo instalados em seu território — e também na Alemanha Oriental — para contrabalançar a instalação dos mísseis americanos nos países aliados — Inglaterra, Alemanha Ocidental e Itália, inicialmente.

Blahnik informou que seu país está agora equipado com aparelhos sofisticados capazes de detectar, com antecipação, qualquer tipo de ataque de nações ocidentais contra o bloco socialista, podendo revidar em seguida.

Em Moscou, o jornal **Estrela Vermelha** — órgão das Forças Armadas — afirmou que a União Soviética já esperava que os Estados Unidos deixassem de respeitar os acordos das negociações Salt-2 a partir de 1985, como anunciou o Departamento de Estado. Em 1985 entram em ação os submarinos Trident, cada um equipado com 24 mísseis nucleares estratégicos.

Alemão protesta porque "economistas em férias" é disfarce de nazistas

Bonn — Mais de cinco mil pessoas protestaram ontem à tarde numa cidadezinha do interior alemão — Oberaula, no Estado do Hesse — contra uma reunião de ex-integrantes da divisão SS **Totenkopf** (caveira). Disfarçados sob o nome de "Clube de Economistas em Férias", os veteranos dessa unidade alemã fizeram seu encontro anual protegidos por uns 250 policiais fortemente equipados.

Reuniões desse tipo, comuns na Alemanha, têm causado fortes reclamações e atraído a atenção principalmente da imprensa internacional. Televisões da Holanda, Dinamarca, Suécia, França, Itália e dos Estados Unidos estavam ontem filmando a chegada dos orgulhosos veteranos, alguns dos quais faziam questão de trazer condecorações de guerra e insígnias do antigo uniforme: uma caveira sobre fundo negro, com as letras SS.

Sem invasões

Ao contrário de ocasiões semelhantes, desta vez os manifestantes nem tentaram invadir o ginásio de esportes onde os veteranos da **Totenkopf Division** se encontravam. Um longo cortejo, com o dobro de pessoas da população da pequena Oberaula, — se colocou em marcha às 14h com faixas e cartazes pedindo a proibição total desse tipo de evento.

— A liberdade de reunião vale infelizmente também para essa gente — disse o governador do Hesse, — o social-democrata Holger Boerner.

No Parlamento estadual, uma resolução contra a reunião foi aprovada pelos sociais-democratas e verdes, enquanto a democracia cristã e os liberais se abstiveram na votação. Preocupados com a repercussão internacional desse tipo de encontro, os governantes locais não se cansaram de afirmar que o Governo alemão condena decididamente as reuniões de veteranos.

Ao contrário das unidades da **Wehrmacht** (Exército), as divisões das SS tinham comando e estruturas próprias e foram declaradas como "organizações criminosas" pelos juízes do tribunal de Nuremberg. Em especial, a **Totenkopf** assumiu a guarda de alguns campos de concentração, e os manifestantes a acusavam ontem do massacre de 30 mil civis no interior da União Soviética, além do fuzilamento de prisioneiros de guerra britânicos na frente ocidental.

O presidente da organização que ainda representa esses veteranos, um ex-integrante da guarda dos campos de concentração de Buchenwald e Dachau (onde milhares de pessoas foram assassinadas, embora sem o uso "industrial" de câmaras de gás, como em Auschwitz e Majdanek), hoje um senhor de aspecto circunspecto e um braço amputado, fez um rápido discurso perante as câmaras de televisão afirmando que sua divisão nunca esteve envolvida nesse tipo de crime, "os quais sempre condenados", afirmou.

WILLIAM WAACK

Depois de 127 anos, acaba na França serviço de correio pneumático

Paris — A facilidade em obter um aparelho de telefone e o avanço tecnológico, com as secretárias eletrônicas e outras máquinas, determinaram o fim do sistema postal pneumático parisiense, depois de 127 anos de um serviço que resistiu à chegada do automóvel e à ocupação nazista.

Às 17 horas de sexta-feira, uma última carta percorreu, impulsionada a ar comprimido, os sinuosos tubos subterrâneos interligando as agências postais. Desde 22 de dezembro, o Ministério dos Correios anunciara o fim do serviço, que, fazendo circular por dia apenas 1 mil 700 cartas, foi considerado antieconômico.

Canal romântico

Embora de grande utilidade também para a marcação de compromissos de negócios, transporte de documentos oficiais e outras comunicações, o **pneumatique** serviu por excelência aos namorados, levando a todos os bairros de Paris milhões de **billets doux** (cartas de amor) por ano, ligando pessoas que não tinham telefone.

— Um dia, há vinte anos, eu estava prestes ao suicídio, quando recebi um **pneumatique** do meu noivo explicando por que faltara ao encontro. Posso dizer que a carta me salvou a vida — contou uma parisiense.

A uma tarifa de 14,70 francos (Cr$ 2 mil 500) e chegando ao destino em pouco tempo, o **pneumatique** era mais barato e mais rápido que o telegrama. Quando o sistema foi inaugurado em Paris, em 1867, o trono francês era ocupado por Napoleão III, a torre Eiffel não fora construída e ainda não se inventara o telefone.

Nave cargueira que levou combustível e alimentos à Salyut-7 volta à Terra

Moscou — A televisão soviética mostrou ontem a partida da nave cargueira não tripulada Progress-19 que estava acoplada à estação orbital Salyut-7, para dar lugar ao acoplamento da nova nave que levará, esta semana, uma tripulação mista soviético-indiana para juntar-se aos três cosmonautas que estão no espaço desde 10 de fevereiro.

A Progress-19 chegou à Salyut-7 a 23 de fevereiro, levando duas toneladas de combustível e alimentos para os cosmonautas que vão receber a nova tripulação, que se compõe de dois soviéticos e um indiano. O grupo será lançado terça-feira do cosmódromo de Baikonour, na Ásia Central, e ficará uma semana no espaço, juntamente com a equipe que o espera em órbita.

A televisão não explicou o que acontecerá com a Progress-19. Em missões anteriores, uma seção da nave voltou à Terra trazendo os resultados de experiências científicas, enquanto outra, contendo matérias inservíveis, queimou-se ao reingressar na atmosfera terrestre.

Major é último francês que abandona o Líbano

Beirute — O Major Jean-Paul Amidi, 35 anos, foi o último militar francês a deixar Beirute, ontem, quando os últimos 210 franceses da Força Internacional de Paz embarcaram no navio transportador de tropas Ouragan. Agora, já não há nenhum soldado estrangeiro em Beirute, pois italianos, ingleses e americanos já se retiraram.

Antes do embarque, as tropas receberam as despedidas dos Ministros da Defesa e do Exterior da França, que também cumprimentaram os representantes das várias milícias libanesas, presentes à cerimônia. As Forças Internacionais de Paz chegaram a Beirute em agosto de 1982, com a missão de supervisionar a retirada dos guerrilheiros palestinos. Também ontem a Itália retirou seus últimos 290 fuzileiros da capital libanesa. A bordo de um navio, eles estão voltando para casa.

Balanço

Em 17 meses de atuação no Líbano, as forças francesas tiveram 88 mortos e 100 feridos. Neste período, a França mandou a Beirute cerca de 8 mil homens, mas o pique só ocorreu no início do ano passado, quando 2 mil soldados integraram o contingente francês. Nos últimos dias, só havia 1 mil 300 soldados.

O maior número de baixas entre o contingente francês ocorreu em outubro do ano passado, quando um caminhão carregado de dinamite explodiu contra o alojamento das tropas, matando 58 soldados. Naquele mesmo dia, entraram em ação os aviões Super-Étendard, baseados no porta-aviões Clemenceau, que atacaram posições xiitas na região de Baalbeck.

Iraque ataca no mar por estar perdendo a guerra

Bagdá — O Iraque ampliou seus ataques a objetivos navais no Golfo Pérsico, porque já não consegue vantagens nas frentes de guerra em terra. Esta é a opinião de diplomatas ocidentais, sediados em Bagdá, depois do recrudescimento acentuado da atuação da aviação iraniana nas últimas semanas.

Estas fontes acreditam que o Presidente do Iraque, Saddam Hussein, rechaçou a sugestão de seus estrategistas para que lançasse uma operação destinada a recuperar a soberania das Ilhas Majnum, cujas reservas de petróleo são calculadas em vários bilhões de barris. De acordo com os informantes, Hussein teria concluído que um ataque maciço à região poderia ter como conseqüência 70% de baixas entre os atacantes.

Em contrapartida — ainda segundo os analistas ocidentais — o Governo iraquiano prefere receber um ataque iraniano a Leste da cidade de Barsa — a segunda mais importante do país — cujo sistema de defesa é suficiente para dizimar a maior parte das forças inimigas.

Para os diplomatas ocidentais, as possíveis repercussões políticas da queda de Basra levaram o Presidente Hussein a ordenar à Força Aérea que procure liquidar tudo o que possa facilitar a concentração de tropas do Irã, na região da cidade. E, dentro desta tática, os ataques a navios que estejam na área representam o ponto mais importante da estratégia de impacto e de propaganda.

Nas últimas semanas, observou-se um especial cuidado do Iraque de anunciar êxitos em ataques a objetivos navais na área de navegação das Majnum, principalmente a navios que se dirigem, ou partem, ao terminal petrolífero de Kharg. Mas foram poucas as confirmações dos países sob cuja bandeira navegavam os barcos supostamente atingidos. Na última quinta-feira, o Governo de Bagdá anunciou que "quatro grandes objetivos navais" foram atingidos, mas só o Governo grego confirmou que o cargueiro Iapetos se incendiou e a tripulação foi forçada a abandonar o barco.

O Irã anunciou ontem ter abatido dois jatos do Iraque, na zona de Kheibar.

MICHAEL SHERIDAN
Reuters

Arraba, Israel/UPI

Mais de 800 palestinos presos e um de 14 anos ferido foi o saldo de ontem nas manifestações do Dia da Terra, quando os palestinos assinalam o aniversário da morte pelos israelenses de seis árabes que lutavam, em 1976, contra a ocupação dos territórios na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Milhares de árabes e palestinos dos territórios ocupados desde 1967 foram às ruas das cidades onde moram, gritando slogans *antiisraelenses, num movimento que se estendeu também às áreas ao norte da Galiléia e aos acampamentos de refugiados. A polícia israelense interveio com violência, atirando contra os manifestantes, com a ajuda de helicópteros que lançavam bombas de gás lacrimogêneo sobre as multidões árabe-palestinas.*

Governo grego quer comprar dos EUA 10 aviões Phantom

Atenas — O Governo grego quer comprar 10 aviões Phantom dos Estados Unidos, já que o Governo americano vendeu 15 destes aviões à Turquia recentemente. Este foi um dos principais tópicos das conversas mantidas ontem pelo Secretário de Defesa americano, Caspar Weinberger, e altos chefes das Forças Armadas gregas, que lhe apresentaram ainda um relatório sobre o relacionamento entre a Grécia e a Turquia e as expectativas gregas perante a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Desde que assumiu o poder o Primeiro-Ministro socialista Andreas Papandreous, em 1981, a Grécia se recusa a participar de manobras militares da OTAN no Mar Egeu. O Governo Papandreous tomou esta atitude em protesto contra a inclusão da estratégica ilha turca de Lemnos nas manobras, e desde então acusa a OTAN de favorecer a Turquia.

Etiópia pede comida para enfrentar seca

Addis Abeba — O Governo da Etiópia está pedindo a todas as nações e agências internacionais que façam doações de emergência de pelo menos 450 mil toneladas de alimentos para salvar cerca de 5 milhões de etíopes atingidos pela pior seca da história do país. Uma comissão interministerial foi formada para coordenar a ajuda aos flagelados, muitos vivendo em áreas onde atuam guerrilheiros contrários ao regime marxista de Addis Abeba.

Louco queima com ácido 43 crianças em escola de Taipé

Taipé — Durante anos, Tsai Hsin-Jan foi perseguido pela idéia de jogar ácido em alguém. Ontem ele cedeu à sua obsessão: invadiu uma escola primária em Formosa queimando 43 crianças, na faixa de 8 anos, com uma lata de três litros de ácido sulfúrico, antes de se suicidar com duas facadas no estômago.

Sete crianças estão em estado grave e os médicos temem que um menino e uma menina fiquem cegos. Muitas crianças podem ficar com cicatrizes, apesar das modernas técnicas de cirurgia plástica. Um irmão do atacante disse que ele falava o dia todo em jogar ácido em alguém e uma vez tentou atacá-lo com um balde cheio de ácido.

Pretória tem acordo com Suazilândia

Pretória — A África do Sul e a Suazilândia revelaram ontem que assinaram um tratado de paz há mais de dois anos, semelhante ao pacto de não-agressão firmado recentemente pela África do Sul com Moçambique.

Pretória tem intensificado seus esforços para normalizar suas relações com os países negros vizinhos e o Primeiro-Ministro Pik Botha disse que conversações de paz estão sendo desenvolvidas também com Zimbabwe e Botswana mas se recusou a dar mais informações.

ANTI-SUBVERSIVO

Pelo acordo firmado em fevereiro de 1982, a África do Sul e a Suazilândia se comprometeram a não permitir que seus territórios fossem usados por guerrilheiros, para atacar o outro.

Permite ainda a cada país procurar a assistência militar do outro, em caso de ameaça por "terrorismo, subversão e insurreição". Botha disse que o acordo foi mantido secreto por conveniência política.

O Primeiro-Ministro da Suazilândia, Richard Dlamini, negou que seu Governo temesse seus vizinhos por ter sido o primeiro país africano a assinar a paz com a África do Sul. O principal objetivo de Pretória em sua política de conciliação é privar de bases o movimento Congresso Nacional Africano (CNA) que luta para derrubar o domínio branco no país.

Savimbi só faz a paz sem cubanos

Jamba, Angola — Dizendo que há 25 mil soldados cubanos em Angola, o chefe do grupo guerrilheiro UNITA, Jonas Savimbi, colocou ontem como condição para a paz a retirada deles do país.

— Se os cubanos forem expulsos de Angola, o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), atualmente no Governo, se sentaria à mesa de negociações com a UNITA — disse Savimbi.

Calcula-se que, além dos soldados cubanos, o Governo angolano conta com 35 mil homens em armas. As declarações de Savimbi foram feitas a um grupo de 30 jornalistas europeus e sul-africanos, convidados para a entrevista no quartel-general da organização, num lugar remoto da selva angolana.

Alguns observadores consideram que a UNITA está numa situação difícil, depois da recente aproximação diplomática entre Angola e a África do Sul. Savimbi garantiu aos jornalistas que a maioria dos integrantes do Comitê Central do MPLA deseja manter conversações de paz com a UNITA.

Rebeldes matam 130 no Sudão

Londres — O Exército de Libertação Popular do Sudão, movimento guerrilheiro, disse ontem que suas forças mataram pelo menos 130 soldados do Governo em ataques contra uma estratégica ponte ferroviária e a localidade de Aweil, cortando a ligação por terra entre o Norte e o Sul do país.

Segundo o porta-voz da organização na Europa, os rebeldes dizimaram o destacamento de 131 homens que guardava a ponte. Se confirmada, esta seria a maior vitória da guerrilha, desencadeada quando o Presidente Jaafar Humeiry dividiu o Sul, predominantemente cristão, em três regiões e estabeleceu as leis islâmicas em todo o país, no mês passado.

Nicarágua sofre ataque aeronaval por 3 horas

Manágua — Sete lanchas e um avião dos "contra" atacaram ontem de madrugada o porto nicaragüense de Corinto, situado no litoral do Pacífico, 150 quilômetros a Noroeste de Manágua, travando uma batalha de três horas com a guarda costeira. Pelo menos quatro marinheiros nicaragüenses ficaram feridos no combate, que terminou já com dia claro.

O navio japonês **Taushiro Maru** bateu numa mina quando entrava no canal de Corinto. Não se sabe ainda a extensão do: danos provocados pela explosão. Este é o quarto navio estrangeiro — fora seis nicaragüenses — avariado em menos de um mês pelas minas instaladas pelos anti-sandinistas em Corinto, principal porto do país, por onde fluem 80% das exportações e importações. A Junta de Govêrno responsabilizou os Estados Unidos pela instalação das minas nos principais portos do país, no Atlântico e no Pacífico.

Uma missão militar nicaragüense, chefiada pelo Ministro da Defesa, Humberto Ortega, chegará esta semana a Pyongyang, para uma visita oficial à Coréia do Norte. A missão também irá à União Soviética, em busca de ajuda técnica e militar.

— O crescente terrorismo dos Estados Unidos contra a Nicarágua está nos forçando a procurar todos os meios para que possamos nos defender — disse Ortega, ao embarcar sexta-feira em Manágua.

Os nove bispos nicaragüenses, reunidos num convento da cidade de Matagalpa, manifestaram o desejo de que a próxima eleição geral do dia 4 de novembro "se realize num ambiente de liberdade e respeito".

"Os partidos existem para o povo e não para si mesmos ou para dominar o resto da cidadania" dizem os bispos no documento que deram a público.

Ingleses acham que foram enganados sobre Granada

Londres — O jornal **The Times** antecipou ontem o conteúdo de um informe de uma comissão de investigação da Câmara dos Comuns sobre a invasão de Granada pelos Estados Unidos em outubro do ano passado, concluindo que o Chanceler inglês Sir Geoffrey Home e seus colegas de gabinete agiram precipitadamente "e não se esforçaram o suficiente para descobrir o que estava ocorrendo".

O relatório da comissão será divulgado oficialmente quinta-feira. Segundo o jornal, ele contém críticas a Home e ao Governo americano, por ter este "enganado a Grã-Bretanha sobre suas reais intenções, antes da invasão da ilha". Apesar de Home ter estado em estreito contato com Washington, ele declarou, poucas horas antes da invasão: "Não tenho motivos para pensar que seja possível uma intervenção militar americana".

Contadora

Ao chegar ontem a San José da Costa Rica, para se entrevistar com o Presidente Luis Alberto Monge, o novo enviado especial dos Estados Unidos para a América Central, Harry Shlaudeman, disse que está otimista com as gestões que o Grupo de Contadora realiza para alcançar a paz e a democracia na região.

Shlaudeman, que continua a tarefa iniciada por Richard Stone, ressaltou a importância que tem a democracia para os povos centro-americanos, "muitos deles cansados de lutar por um melhor nível de vida".

Ele qualificou as recentes eleições de El Salvador como "um triunfo do povo" e manifestou a esperança de que as eleições na Nicarágua em novembro contribuam para trazer a paz à região.

Comissão de paz

Na Guatemala foi criada uma Comissão para a Paz, formada por representantes do Governo, imprensa e profissões liberais, com o objetivo de "velar pelos Direitos Humanos". A iniciativa é conseqüência da violência com que a Guatemala tem convivido nos últimos meses.

A Comissão afirma que "os guatemaltecos têm tido seus direitos desprezados, especialmente no que se refere à integridade pessoal, à segurança, ao trabalho e à justiça" e diz que para se encontrar a paz é preciso analisar as causas que geraram a violência.

Executado sob aplausos pai que envenenou com doce filho de 8 anos

Huntsville, Texas — Ronald Clark O'Bryan, que em 1974 matou o filho de 8 anos com um doce envenenado, foi executado ontem no Texas com uma injeção de sódio pentotal, pavulon e cloreto de potássio. O condenado, que até o último instante proclamou inocência, disse que perdoava todos os envolvidos em sua morte.

Arquivo/1975

Ronald O'Brian

Depois da aplicação da injeção, feita de madrugada, O'Bryan levou 12 minutos para morrer. Dois minutos após o líquido ser introduzido na veia do condenado, seu corpo ficou paralisado, enquanto ele produzia durante alguns minutos sons guturais. Do lado de fora da prisão, grupo de 300 manifestantes aplaudiu quando se confirmou a execução.

O CRIME

O'Bryan, executado aos 39 anos de idade, deu o doce envenenado com cianureto a seu filho Timothy, de 8 anos, no Dias das Bruxas de 1974, para receber o seguro de vida, e assistiu à morte do menino, que entrou em convulsões e espumava pela boca, sentado perto dele no chão do banheiro. Outras quatro crianças a quem O'Bryan deu o doce envenenado, inclusive sua filha Elizabeth, de 6 anos, preferiram não comê-lo e escaparam.

O executado alegou inocência o tempo todo, dizendo que o doce foi dado por um desconhecido que desapareceu, mas a Promotoria descobriu que O'Bryan, com uma dívida estimada entre 20 mil e 100 mil dólares, triplicou o seguro de vida do filho, elevando-o para 30 mil dólares, apenas um mês antes da morte do menino.

Três dias antes do cumprimento da sentença, O'Bryan, que foi o quarto condenado a ser executado por injeção letal desde a introdução do método nos Estados Unidos há 15 meses, doou os olhos ao Banco de Olhos de Houston.

Anteriormente, em várias ocasiões fez doações de livros infantis e presentes diversos para centros escolares e associações de crianças pobres ou deficientes, mas essas atitudes foram encaradas apenas como manobra para melhorar sua imagem.

CASO SEMELHANTE

De acordo com o último relatório do Departamento Federal de Prisões, a fila da morte nos Estados Unidos está atualmente com 1 mil 427 condenados à espera da execução.

Na Flórida, Estado que lidera a lista com 203 condenados, a ré Judi Buenoano foi declarada culpada, ontem, de homicídio em primeiro grau, pelo afogamento de seu filho Michael, paraplégico de 19 anos, também com o objetivo de receber um seguro de vida de 108 mil dólares. A acusada primeiro envenenou o filho, causando a paralisia, e depois o afogou durante um passeio de barco a 13 de maio de 1980.

Enquanto o júri deliberava, na noite de sexta-feira, chegou uma ordem de prisão contra Judi e seu outro filho, James, de 18 anos, por tentativa de homicídio e fraude envolvendo a explosão do carro do noivo da acusada, John Gentry, em junho do ano passado, para receber um seguro de 530 mil dólares. O carro foi destruído e Gentry sofreu ferimentos graves mas escapou com vida.

No caso de Michael, o irmão James afirmou no tribunal que uma cobra entrou na canoa durante o passeio e, na confusão, o barco virou. Apenas oito dias após a morte do filho, Judi cobrou o dinheiro do seguro.

A Promotoria tentou ainda relacionar o caso de Michael às mortes do marido de Judi, em 1971, e de seu novo companheiro, em 1978, além da tentativa de homicídio contra o noivo Gentry, pois em todos os casos ela era beneficiária do seguro, mas o juiz não concordou com o pedido da Promotoria.

Bomba mata um policial e fere 11 em rua de Santiago

Santiago — Um policial morreu e 11 ficaram feridos no atentado a bomba, sexta-feira à noite, contra um microônibus que levava 25 carabineiros da brigada antimotim de volta ao quartel. A explosão, no Centro de Santiago, arrancou a porta da frente do ônibus e feriu quatro pedestres — estudantes de uma escola noturna nas imediações. O ruído da explosão foi ouvido a mais de um quilômetro de distância e estilhaçou janelas de edifícios.

A polícia militar chilena acredita que a bomba, deixada no asfalto, tenha sido acionada por controle remoto. Após o atentado, foi montada uma grande operação policial em que pelo menos 300 pessoas, entre pedestres e moradores, foram detidas e interrogadas. Todos foram liberados. Nenhum grupo assumiu a responsabilidade pelo atentado, o segundo contra carabineiros esta semana. Na quinta-feira, uma unidade policial em Pudahel foi atacada por homens armados, presumivelmente do MIR, um dos quais morreu.

O comandante de carabineiros e integrante da Junta militar, General Cesar Mendoza, e o Ministro do Interior Sérgio Onofre Jarpa foram ontem ao hospital para se informar sobre o atentado. Seis policiais estão em estado grave. O carabineiro morto foi identificado como Cabo Pedro Nunez. Morreu na madrugada de ontem, três horas depois da explosão.

O chefe dos carabineiros da região metropolitana de Santiago, General Oscar Torres, qualificou o atentado de "covarde inqualificável emboscada". O Arcepispo de Santiago, Juan Francisco Fresno, expressou "repúdio e condenação" contra o atentando, e deplorou a violência que "também fez várias vítimas no dia do protesto, 27 de março, a maioria jovens".

Pinochet quer governar sem pedir aprovação da Junta

Santiago — O Presidente do Chile, General Augusto Pinochet, quer mais poderes para governar, por meio de plebiscitos, eliminando a necessidade de aprovação dos Chefes das Forças Armadas. Para tanto, enviou projeto à Junta militar que, com a suspensão da atividade política desde o golpe de 73, substitui o Legislativo. A Junta, porém, recebeu com desconfiança o projeto, de caráter urgente, pediu prazo para pensar e atrasa uma decisão.

A escalada de poderes do General é conhecida. Mas agora invade um terreno perigoso e pode colocar em risco a chamada "unidade monolítica das Forças Armadas", único fator de sustentação do Governo de Pinochet, segundo a Oposição. Ele enfrenta crescente isolamento dos políticos, do empresariado, dos sindicatos, da Igreja e de governos estrangeiros. A última jornada de protesto, quase uma greve, mostrou o descontentamento popular.

Plano Jarpa

A nova estratégia do General, denominada **democracia direta**, atropelou o plano político do Ministro do Interior, Sérgio Onofre Jarpa, que parecia para alguns dos titulares da Junta uma saída para a transição ordenada à democracia, prevista para 1989. A iniciativa de conversar com os políticos, acabar com o estado de emergência, e convocar um Congresso antes do previsto permitiria ao regime recuperar o apoio da direita, que começava a se passar para o outro lado.

— A alternativa era interessante, para uma transição ordenada. Mas aqui há que se observar uma coisa: para Pinochet, o retorno à democracia tradicional é como a capitulação — ponderou um diplomata estrangeiro.

O Chefe de Estado reagiu contra o **plano Jarpa**, alegando a ação comunista e o surgimento de atentados terroristas como o assassínio do Prefeito de Santiago, General Carol Urzua, pelo Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR). Na última semana, decretou a volta da emergência, apresentou o plano de plebiscitos e uma draconiana lei antiterrorista.

A investida, ponto final para o plano político, foi chamada de "torpe e irracional" pela Oposição, rechaçada pela Igreja e, mais ainda, repercutiu mal nas Forças Armadas. O Comandante da Marinha, Almirante José Merino, resumiu a desconfiança com que foi recebida a decisão de Pinochet de governar através de "consultas ao povo", sem cumprir o ritual de conseguir a aprovação unânime da Junta militar.

— Temos clara consciência de nossa independência e de que exercemos um poder (legislativo) de importância política vital e que só a História, somente a História, dirá o que fizemos para cumprir cabalmente nosso mandato — afirmou, em comentário que a Direção Nacional de Comunicação Social ordenou às estações de TV que fosse censurado.

LUIZ CLÁUDIO LATGÉ

Igreja teme "tragédias e lutos"

Santiago (do Correspondente) — A perspectiva é de endurecimento. O Arcebispo de Santiago, Juan Francisco Fresno, alertou para o perigo de "tragédias e lutos" e pediu, uma vez mais, que sejam abertos canais de diálogo entre Governo e oposição, "antes que seja tarde demais". O descontentamento aumenta: o desemprego, oficialmente, é de 16%, mas organizações independentes calculam que 35% dos 12 milhões de habitantes estão desempregados.

A Igreja percebe que se esgota a possibilidade de uma transição ordenada para a democracia. A última jornada de protesto, convocada apenas formalmente, sem trabalho de mobilização, mostrou um avanço da Oposição, pois o apoio da população foi maciço.

— Não há nenhuma possibilidade de diálogo com a ditadura — afirmou o secretário-geral do Movimento Democrático Popular (MDP), Jaime Insunza.

Miopia política

A retomada do diálogo é difícil. Sobretudo com o líder do MDP, Manuel Almeyda, na prisão, com a detenção de líderes sindicais, e com as paredes das igrejas pichadas com inscrições do tipo **fora padres vermelhos**. Para começo de conversa, a Oposição exige suspensão do estado de emergência e a volta das garantias civis.

Pinochet insiste na retórica anticomunista. Diz que vai derrotar a esquerda "quantas vezes for necessário" e que conta com o apoio popular. Prevê-se um endurecimento que os próprios partidários do regime consideram "miopia política", atentos à perigosa polarização no Chile.

Proliferam grupos armados de esquerda, como o MIR e uma duvidosa Frente Patriótica Manoel Rodriguez, e de direita, como a Aliança Chilena Anticomunista, a Brigada Operacional Anticomunista, o Comando Defensores da Pátria, a Organização Combate e a Frente contra o Câncer Marxista.

Teme-se uma guerra civil. A ação da extrema direita se confunde com a da Central Nacional de Informações. E aumentam os choques com manifestantes da periferia de Santiago, onde estão as **poblaciones** (favelas), que abrigam 80% dos 5 milhões de moradores da Capital, a grande maioria sem trabalho. São os mais visados pela repressão, por estarem ligados às ocupações de terra articuladas pelo Partido Comunista. O trabalho de assistência da Igreja é importante nas **poblaciones** e é forte a presença do PC e do MIR.

— Mas não se pode pensar em luta armada. Não é o momento nem há condições de se enfrentar um Exército. Toda a mobilização é para a **luta de massas** e mesmo o MIR deixou em segundo plano este tipo de ação desde o assassínio do General Urzua, que custou ao movimento a morte de seu principal chefe militar. Não abandonou, porém, ações de sabotagem contra linhas de trem ou torres de energia — disse ao JORNAL DO BRASIL um porta-voz da esquerda.

A Oposição prepara novos protestos. Já foi convocada uma greve dos universitários e no dia 14 de abril os líderes do CNT estarão reunidos para decidir possivelmente uma greve nacional — algo desconhecido no Chile nos últimos 10 anos.

Uma agência de pesquisas dos Estados Unidos, Frost and Sullivan, estimou que o General Pinochet tem pela frente ainda 18 meses. Sua permanência no Poder só estará em risco "se as Forças Armadas se sentirem ameaçadas como instituição". A pesquisa assegura que o General não irá durar, como prevê, até 1989.

Leia editorial "Histórias da América"

Uruguaios protestam no escuro

Montevidéu — A Oposição no Uruguai convocou para hoje um protesto pacífico, pela restituição de liberdades e pela volta da democracia sem restrições. Montevidéu ficará às escuras durante 15 minutos: os uruguaios apagarão todas as luzes e baterão nas panelas (**cacerolazo**) a partir das 20h (hora local). Mais tarde, se concentrarão nas ruas em diversos pontos da Capital, para manifestações.

O protesto foi convocado por uma Intersetorial que agrupa todos os partidos políticos, associações de trabalhadores, estudantes e outros. O Ministro do Interior, Julio Rapela, pediu aos responsáveis pelos meios de comunicação que evitem divulgar anúncios da jornada e advertiu que continuam em vigor as limitações à informação de fatos políticos, sindicais e atos de protesto.

Houve várias mobilizações populares semelhantes no Uruguai desde meados de 83. A última foi a 31 de dezembro. O protesto de hoje reivindica eleições gerais a 25 de novembro, sem que haja partidos ou pessoas impedidas de participar, anistia ampla e irrestrita (para presos políticos), salário digno e estabilidade no emprego.

EUA lideram manobras militares de 90 dias na América Central

Tegucigalpa — Hoje, forças dos Estados Unidos, El Salvador, Honduras, Panamá e, possivelmente, Guatemala começarão as manobras Granadero 1, as maiores já realizadas na América Central.

Os exercícios terão duas etapas, segundo informaram esta semana, em Tegucigalpa, fontes do Exército de Honduras: a primeira, que começa hoje e termina dia 30 de maio, será a etapa preparatória, e a segunda, que começa em 30 de maio e termina em 30 de junho, envolverá a utilização tática das forças que participam dos exercícios.

Na primeira etapa, uma força-tarefa de engenharia dos Estados Unidos — a 864 — e do primeiro batalhão de Honduras ampliará as pistas temporárias de Cucuyagua na província ocidental de Copan, e de Jamastran, na província oriental de El Paraiso.

Essas pistas já têm capacidade para receber aviões de carga Hércules C-130, mas serão preparadas para poder receber outros tipos de aparelhos que darão apoio às forças de terra nas manobras.

A etapa dois consistirá em uma série de exercícios de atividade combinada de contra-insurgência, na qual participarão cerca de 3 mil homens, que culminará com uma operação conjunta combinada de aerotransporte de assalto aéreo.

Mesmo assim, uma força-tarefa conjunta do quartel-general do comando de preparação dos Estados Unidos se deslocará para planejar, controlar e coordenar a participação americana.

O controle total da participação dos Estados Unidos no exercício será administrado pelo pessoal do Comando Sul estacionado às margens do Canal do Panamá.

Do lado de Honduras, o Estado-Maior Conjunto e o Estado-Maior de Coordenação terão a seu cargo a direção e supervisão dos exercícios; a Brigada hondurenha 105 fornecerá as tropas nacionais participantes dos exercícios.

O Conselho Nacional de Segurança de Honduras, presidido pelo Presidente da República Roberto Suazo Córdova, em seu caráter de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas, concedeu a permissão para as manobras do **Granadero 1**.

Segundo as Forças Armadas hondurenhas, sua operacionalidade defensiva melhorará e também a capacidade de reação de suas forças de ar, mar e terra.

El Salvador, Panamá, Honduras e Estados Unidos têm assegurada sua participação e na Guatemala ainda há dúvidas.

ARMANDO CERRATO
Agência Efe

Visita de Reagan à China este mês encerra ciclo de turbulência nas relações

Washington — Depois de um período de turbulência, as relações sino-americanas se suavizaram novamente, na medida em que os Governos de ambos os países procuraram aumentar os benefícios de seus vínculos e reduzir suas diferenças em assuntos-chaves, ao menor por enquanto.

Até o Governo de Taiwan, que em alguns momentos fora joguete nas relações Washington-Pequim, agora parece estar contente.

A visita do Presidente americano Ronald Reagan à China, no final do mês que vem, simbolizará um ressurgimento das relações sino-americanas. Embora hostil a Pequim antes de ser eleito Presidente, Reagan não demonstrou agora vacilação alguma em visitar o maior país comunista do mundo.

— Não haverá nada espetacular na visita — sustentou um funcionário da Casa Branca. — O mais importante é que o Presidente vá à China, justamente este Presidente, um conservador.

A viagem de Reagan se fará logo após a visita aos Estados Unidos (em janeiro) do Primeiro-Ministro, Zhao Ziyang, que deixou claro a disposição da China de negociar com Reagan apesar das declaradas simpatias deste por Taiwan.

GREGORY NOKES
Agência AP

San Salvador/UPI

Napoleón Duarte defende o diálogo com a guerrilha, que se torna então responsável pela violência no país caso não aceite um acordo com um Governo legítimo

Vitória de Napoleón Duarte coloca guerrilha em xeque

A confirmação da vitória de José Napoleón Duarte no segundo turno das eleições presidenciais em El Salvador, daqui a um mês, deixará a guerrilha salvadorenha em posição difícil, pois a proposta da democracia cristã é tentar a solução dos problemas do país através da negociação com todas as forças políticas, inclusive as de esquerda, desde que desarmadas.

O major (reformado) Roberto D'Aubuisson, ao contrário, prega uma escalada militar em El Salvador. Sua proposta baseada exclusivamente no nacionalismo é frágil e a idéia de eliminar fisicamente todos os guerrilheiros levará certamente a população, principalmente no interior, a se aliar à Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional. Por isso, a Arena, partido de D'Aubuisson, não conseguiu o apoio dos americanos.

O candidato preferido dos Estados Unidos está fora da disputa. Francisco Guerrero, do PCN, prega a conciliação nacional à moda mais conveniente para os americanos: união do empresariado, da intelectualidade e da classe média, sem dar trégua à guerrilha. Mas ele só conseguiu o terceiro lugar, com pouco mais de 20% dos votos.

Velha raposa

Napoleón Duarte, político experiente apoiado pela Internacional Socialista, foi acusado durante a campanha eleitoral até de estar aliado à guerrilha. Uma acusação que acabou não sendo capaz de lhe tirar muitos votos, pois foi durante seu Governo anterior que houve o combate mais violento aos guerrilheiros, com muitas mortes de ambos os lados.

Duarte, na verdade, armou uma cilada política para a Frente Farabundo Martí. Declarou publicamente estar disposto a negociar com a guerrilha, sabendo que os guerrilheiros não reconhecem a legitimidade desta eleição e jamais aceitariam depor as armas para conversar com o PDC. Com isso, Napoleón Duarte, internamente, demonstrou boa vontade e interesse em pacificar o país, deixando para a Frente a responsabilidade pelo aumento da violência, se houver.

O fortalecimento político de Duarte não agrada aos americanos. O PDC está muito mais ligado aos setores de esquerda do que aos Estados Unidos. Duarte já deu provas disso anteriormente, quando promoveu no país uma reforma agrária considerada pelos empresários e proprietários de terras como arbitrária e injusta.

Mais violência

Roberto D'Aubuisson também não é o candidato dos sonhos dos Estados Unidos, que gastaram mais de sete milhões de dólares para organizar as eleições presidenciais. A solução política para o problema salvadorenho, da forma como os americanos imaginaram, não passa pela Aliança Republicana Nacionalista.

D'Aubuisson jamais escondeu que sua opção é militar, que a guerrilha deve ser eliminada pelo Exército. Mas a Frente Farabundo Martí, embora não tenha a força e o apoio popular que anuncia, não é tão fraca assim. Conta com a simpatia de muita gente, principalmente no campo, e recebe armas de Cuba e da Nicarágua.

A escalada militar em El Salvador teria como resposta mais armamentos para os guerrilheiros e, como o grande desejo da maioria do povo salvadorenho hoje é a paz, ele estará certamente contra quem for responsável por mais guerra. Por isso, os americanos temem D'Aubuisson no Poder e sua candidatura não teve o menor apoio da Embaixada em San Salvador. Os Estados Unidos não desejam um avanço da esquerda com Duarte, mas querem menos ainda um candidato que dê respaldo popular aos guerrilheiros.

LUIZ EDUARDO F. REZENDE

Instabilidade arruína finanças

Cidade do México — Uma coleção de **repúblicas de bananas**, em permanente convulsão social: essa imagem que se tem da América Central continua cada vez mais forte e, segundo os economistas, é uma das principais razões da calamitosa situação financeira da região. Ela desencorajou banqueiros e investidores estrangeiros e reduziu o fluxo de turistas.

— É um círculo vicioso — sentenciou o porta-voz do Governo hondurenho, Amílcar Santamaria. — Os investidores não se arriscam porque imaginam que vivemos um clima de terror. A economia sem a moeda estrangeira fica pior, o que resulta em mais convulsão política.

Relatório Kissinger

O relatório da Comissão Kissinger, nomeada pelo Presidente americano Ronald Reagan para estudar a situação centro-americana, atestou em janeiro que a rápida deterioração das economias da região contribuiu para a tensão política. O relatório recomendou um programa de 8 bilhões de dólares em cinco anos, mas afirmou que, mesmo com essa ajuda econômica, a renda **per capita** em 1990 será três quartos do que era em 1980.

Nos anos 60, e até meados de 1970, as economias predominantemente agrícolas da região cresceram à média de 6% ao ano, por causa da elevada demanda mundial por seus produtos — café, banana, algodão, açúcar e carne. Mas a crise do petróleo de 1973 e a recessão diminuíram essa demanda e os países centro-americanos passaram a ganhar menos por suas matérias-primas, enquanto os gastos com a importação de petróleo e os serviços da dívida aumentavam.

Houve um corte de importações, diminuindo os déficits comerciais, mas todos os setores da economia sofreram com isso. Agricultores e industriais que queriam importar fertilizantes e equipamento tinham a mesma resposta: não há dólares disponíveis. As economias entraram em estagnação, os ganhos do Estado em impostos diminuíram e os Governos, cientes do dado de que todo desempregado é um guerrilheiro em potencial, não quiseram cortar seus gastos. O resultado é que sai mais dinheiro do que entra.

Oficial e paralelo

A renda **per capita** caiu brutalmente desde 1980 e a desigualdade na distribuição da renda se acentuou. A diminuição da moeda estrangeira gerou uma variação que chega a 70% entre o valor do dólar no câmbio oficial e no paralelo.

Os economistas vêem a Nicarágua como a mais prejudicada pela crise, por causa do corte total da ajuda americana e da campanha feita pelos Estados Unidos contra o Governo sandinista junto ao FMI, ao Banco Mundial e aos bancos privados. O valor de seu comércio com os outros quatro países da região — Guatemala, Honduras, El Salvador e Costa Rica — caiu 61% em dois anos. Mesmo assim, a economia nicaragüense foi a única que cresceu ano passado, com uma taxa de 4%.

O custo da atividade contra-revolucionária para o Governo sandinista é estimado em 1 bilhão de dólares. Em El Salvador, em guerra civil há quatro anos, os rebeldes já deram ao Governo um prejuízo de 850 milhões de dólares. Esses custos são superdimensionados pela necessidade de transferir mão-de-obra da produção para as Forças Armadas.

STEPHEN ADDISON
REUTERS

Segurança pessoal se transforma em negócio e já preocupa a CIA

Washington — A preocupação das grandes empresas americanas com sua segurança e a de seus empregados está começando a envolver tanto dinheiro que é cada vez mais rendosa a atividade destinada a salvaguardar os interesses ameaçados. O negócio vai de vento em popa — registrou aumento de 75% em relação a 1983 — e está deixando o Departamento de Estado, a CIA e o FBI sem seus melhores profissionais, que passam para a empresa privada atraídos por salários irrecusáveis.

A novidade nos últimos meses são os cursos de formação de mulheres e filhos de executivos, que aprendem a falar em código para informar que foram seqüestrados, estão feridos ou enfrentam qualquer outro problema. "Aprenda a conhecer seu carteiro. Se você vê um estranho duas vezes, é coincidência. Se o vê três, é suspeito" — este é um dos princípios do decálogo da sobrevivência.

Parafernália

Existem inventos que superam as novelas de ficção científica: escolas de autodefesa, maletas que se transformam em uma placa pontiaguda para furar pneus, aerosóis para pacotes que tornam visíveis os explosivos escondidos, aparelhos para distorcer conversas telefônicas, barricadas que se levantam do chão em segundos para evitar ataques suicidas feitos com carros.

Em 1981, as grandes empresas americanas sofreram 53 atentados; em 1982, houve 110. Como essa estatística só tende a aumentar, os executivos aprenderam a conviver com coletes à prova de balas, códigos secretos, nomes falsos, o sacrifício de sua privacidade e com famílias neurotizadas.

Os carros blindados são vendidos agora com aperfeiçoamentos: disparadores de gás lacrimogênio, dispositivos contra disparos, sistemas interiores de oxigênio contra gases anestesiantes e ignição à distância para que o motorista não seja vítima de uma bomba escondida. O preço da blindagem, com tudo isso incluído, é de 100 mil dólares em qualquer das empresas especializadas em segurança pessoal.

Plano de ação

Outra invenção de grande sucesso são as "casas de segurança", com paredes de aço, comunicação por rádio, filtros de ar e mecanismos anti-incêndio. Se o sistema for aplicado a um quarto pequeno, sai por 3 mil dólares; no caso da chamada "habitação de guerra" (20 metros por 20 metros) o interessado terá que pagar em média 500 mil dólares.

Um agente secreto, que trabalhou para a CIA durante 25 anos, preside agora uma empresa que reúne fichas de altos executivos para o caso de serem seqüestrados. Ao guardar pormenores de altos executivos para o caso de serem seqüestrados. Ao guardar pormenores de sua infância, apelidos familiares, sinais do corpo e amostras da caligrafia, a empresa sabe a todo momento se seu executivo continua vivo.

Nos casos mais elementares, as empresas têm estabelecido um plano de ação para as emergências: quem negociará com os seqüestradores, onde conseguir o resgate sem que a polícia descubra, onde é possível contatar **gangsters** dispostos a se deixarem subornar.

O negócio mais rendoso — o de vendas de coletes à prova de balas — aumentou 50% nos últimos dois anos. A segurança, aliás, não está em choque com a elegância. Uma empresa descobriu a galinha dos ovos de ouro ao vender coletes à prova de balas desenhados segundo os modelos de grandes estilistas, o que faz subir o preço de cada um para 2 mil dólares.

AMANDA GONZÁLEZ DE ALEDO
Agência Efe

Autoridades americanas investigam derrame de diplomas médicos falsos

Nova Iorque — Funcionários do Estado de Nova Iorque encarregados de uma investigação sobre diplomas de médicos disseram que o problema é maior do que eles pensavam. O número de médicos cujos diplomas estão sendo investigados pela Comissão Estadual de Regulamentação Profissional cresceu de 60 para 100 em duas semanas.

Além disso, a Comissão Estadual de Saúde Mental esclareceu que aumentou, também no intervalo de uma semana, de 1 mil para 1 mil 700 o número de médicos cujos diplomas profissionais devem passar por uma revisão.

Problema nacional

O objetivo dessas investigações, que se realizam também em âmbito federal e em mais 15 Estados, é descobrir pessoas que têm usado diplomas médicos obtidos fraudulentamente para participar de programas de treinamento em hospitais, onde trabalharam como médicos, e que eventualmente também conseguiram licença para praticar a Medicina.

Estão em processo de revisão, em escalas federal e estadual, vários milhares de diplomas. Só na Califórnia, os pesquisadores descobriram 325 médicos com diplomas suspeitos e que obtiveram licença para a prática da Medicina, em pouco mais de um ano de investigação.

Em Chicago, segundo fontes ligadas aos responsáveis pelas investigações no Illinois, foram postos sob suspeita, nas últimas semanas, os diplomas de sete médicos, entre eles alguns com licença para praticar a Medicina.

Alguns responsáveis

Muitos dos diplomas falsos são oriundos da Universidade Centro de Estudos Tecnológicos (Cetec), uma escola de Medicina da República Dominicana. Funcionários dessa escola dominicana admitiram que cinco integrantes da administração participaram da confecção e da venda dos documentos falsos, a maior parte para americanos.

Desde as primeiras descobertas, pesquisadores federais e estaduais disseram suspeitar que os documentos procediam também de duas outras escolas da República Dominicana, uma das Antilhas e várias do México. Os nomes dessas instituições não foram revelados.

As pesquisas se originaram de uma investigação iniciada há um ano pelo serviço postal sobre as atividades de Pedro de Mesones, um peruano residente em Alexandria, Virgínia, que foi considerado culpado de fraude postal e conspiração e venda de diplomas falsos. De Mesones, que está cumprindo pena de três anos de prisão, ganhou em dois anos 1 milhão 500 mil dólares de 165 pessoas que receberam documentação falsa.

RICHARD LYONS
NYT

Córdova dá golpe e afasta "homem-forte" de Honduras

Tegucigalpa — O Alto Comando Militar de Honduras anunciou ontem a renúncia do Comandante das Forças Armadas, General Gustavo Adolfo Alvarez Martínez, considerado o **homem-forte** do país, e dos chefes do Estado-Maior Conjunto das três Forças, General Abdenego Bueso, da Força Naval, General Rubem Humberto Montoya, e da Segurança Pública (polícia), General Daniel Bali Castillo, numa decisão que tomou de surpresa o país. O Alto Comando decidiu ainda "trasladar imediatamente para fora do país" os Generais Alvarez Martínez e Bueso. O Presidente Roberto Suazo Córdova assumiu o comando das Forças Armadas.

De acordo com a agência EFE, uma primeira avaliação dos acontecimentos indica que o Presidente Suazo Córdova deu um "golpe de estado civil", a partir da legalidade e com total apoio da Força Aérea, para prevenir um suposto golpe militar que estaria sendo armado no Exército por Alvarez Martínez. No comunicado, transmitido à tarde em cadeia de rádio e TV, o Alto Comando manifestou a lealdade das Forças Armadas ao Presidente Suazo e disse que "a situação em todo o país é de absoluta normalidade". Durante a transmissão, três caças-bombardeiros Super-Mystère, da Força Aérea hondurenha, deram vôos rasantes sobre Tegucigalpa.

Conservador e anticomunista

O General Alvarez Martínez, considerado por muitos como a mais poderosa figura do Governo de Honduras, acima mesmo do Presidente, foi eleito para o cargo em 25 de janeiro de 1982 e seu mandato iria até 1986. Alvarez Martínez, com 46 anos, ascendeu do posto de Coronel a General-de-Brigada durante o Governo de Suazo Córdova e define-se como "católico, conservador e anticomunista". Por diversas vezes, manifestou-se favorável a uma solução militar para os conflitos na América Central, através de uma guerra aberta à Nicarágua.

Sob sua gestão, as Forças Armadas de Honduras estreitaram laços com a estratégia do Governo Reagan para a América Central, baseada na "necessidade de impedir a expansão comunista a partir da Nicarágua", e desenvolveram, em conjunto com os Estados Unidos, as manobras militares **Ahuas Tara**, as maiores já realizadas na região, que contaram com um grande contingente de soldados e armamentos americanos.

A renúncia de Alvarez Martínez acontece a menos de 24 horas do início do exercício militar conjunto **Granadero I**, dos Estados Unidos e Honduras, desta vez com a participação de forças de El Salvador e, provavelmente, da Guatemala.

Caráter apolítico

Segundo a agência EFE, a suspeita de que Alvarez Martínez estaria preparando um golpe de estado surgiu a partir de um parágrafo do comunicado oficial do Alto-Comando, que faz uma menção ao dever do Presidente da República de velar pelo caráter apolítico das Forças Armadas.

A renúncia do General Bueso ocorreu após ele ter-se recusado a assumir o posto deixado por Alvarez Martínez. A saída de Montoya e Castillo aconteceu em seguida, sendo comunicada através de uma transmissão em cadeia de rádio e TV do Alto-Comando, emitida diretamente do quartel-general da Força Aérea.

Em Tegucigalpa, a situação era calma no início da noite. Alguns poucos carros militares foram vistos pelas ruas e o único movimento expressivo de tropas verificou-se no Aeroporto de Toncontin, onde foram instalados canhões de longo alcance. As ruas que dão acesso ao Palácio Presidencial foram bloqueadas e funcionários do prédio disseram que Suazo Córdova não estava lá, embora devesse chegar a qualquer momento para gravar uma mensagem à nação.

Todas as emissoras de rádio e televisão concentraram-se nos comunicados do Alto Comando e resumiram sua programação a músicas clássicas, intercaladas por mensagens oficiais, num total de quatro até o início da noite.

O paradeiro do General Alvarez Martínez era desconhecido ontem à noite, assim como o dos generais Bueso, Montoya e Castillo.

Arquivo/UPI

Comandante das Forças Armadas de Honduras, Alvarez Martínez, demissionário, se definia como "católico, conservador e anticomunista"

EUA lideram maiores manobras da região

Tegucigalpa — Hoje, forças dos Estados Unidos, El Salvador, Honduras, Panamá e, possivelmente, Guatemala começarão as manobras Granadero I, as maiores já realizadas na América Central.

Os exercícios terão duas etapas, segundo informaram esta semana, em Tegucigalpa, fontes do Exército de Honduras: a primeira, que começa hoje e termina dia 30 de maio, será a etapa preparatória, e a segunda, que começa em 30 de maio e termina em 30 de junho, envolverá a utilização tática das forças que participam dos exercícios.

Na primeira etapa, uma força-tarefa de engenharia dos Estados Unidos — a 864 — e do primeiro batalhão de Honduras ampliará as pistas temporárias de Cucuyagua na província ocidental de Copan, e de Jamastran, na província oriental de El Paraiso.

A etapa dois consistirá em uma série de exercícios de atividade combinada de contra-insurgência, na qual participarão cerca de 3 mil homens, que culminará com uma operação conjunta combinada de aerotransporte de assalto aéreo.

San Salvador/UPI

Napoleón Duarte defende o diálogo com a guerrilha, que se torna então responsável pela violência no país caso não aceite um acordo com um Governo legítimo

Vitória de Napoleón Duarte pode trazer impasse para a guerrilha

A confirmação da vitória de José Napoleón Duarte no segundo turno das eleições presidenciais em El Salvador, daqui a um mês, deixará a guerrilha salvadorenha em posição difícil, pois a proposta da democracia cristã é tentar a solução dos problemas do país através da negociação com todas as forças políticas, inclusive as de esquerda, desde que desarmadas.

O major (reformado) Roberto D'Aubuisson, ao contrário, prega uma escalada militar em El Salvador. Sua proposta baseada exclusivamente no nacionalismo é frágil e a idéia de eliminar fisicamente todos os guerrilheiros levará certamente a população, principalmente no interior, a se aliar à Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional. Por isso, a Arena, partido de D'Aubuisson, não conseguiu o apoio dos americanos.

O candidato preferido dos Estados Unidos está fora da disputa. Francisco Guerrero, do PCN, prega a conciliação nacional à moda mais conveniente para os americanos: união do empresariado, da intelectualidade e da classe média, sem dar trégua à guerrilha. Mas ele só conseguiu o terceiro lugar, com pouco mais de 20% dos votos.

Velha raposa

Napoleón Duarte, político experiente apoiado pela Internacional Socialista, foi acusado durante a campanha eleitoral até de estar aliado à guerrilha. Uma acusação que acabou não sendo capaz de lhe tirar muitos votos, pois foi durante seu Governo anterior que houve o combate mais violento aos guerrilheiros, com muitas mortes de ambos os lados.

Duarte, na verdade, armou uma cilada política para a Frente Farabundo Martí. Declarou publicamente estar disposto a negociar com a guerrilha, sabendo que os guerrilheiros não reconhecem a legitimidade desta eleição e jamais aceitariam depor as armas para conversar com o PDC. Com isso, Napoleón Duarte, internamente, demonstrou boa vontade e interesse em pacificar o país, deixando para a Frente a responsabilidade pelo aumento da violência, se houver.

O fortalecimento político de Duarte não agrada aos americanos. O PDC está muito mais ligado aos setores de esquerda do que aos Estados Unidos. Duarte já deu provas disso anteriormente, quando promoveu no país uma reforma agrária considerada pelos empresários e proprietários de terras como arbitrária e injusta.

Mais violência

Roberto D'Aubuisson também não é o candidato dos sonhos dos Estados Unidos, que gastaram mais de sete milhões de dólares para organizar as eleições presidenciais. A solução política para o problema salvadorenho, da forma como os americanos imaginaram, não passa pela Aliança Republicana Nacionalista.

D'Aubuisson jamais escondeu que sua opção é militar, que a guerrilha deve ser eliminada pelo Exército. Mas a Frente Farabundo Martí, embora não tenha a força e o apoio popular que anuncia, não é tão fraca assim. Conta com a simpatia de muita gente, principalmente no campo, e recebe armas de Cuba e da Nicarágua.

A escalada militar em El Salvador teria como resposta mais armamentos para os guerrilheiros e, como o grande desejo da maioria do povo salvadorenho hoje é a paz, ele estará certamente contra quem for responsável por mais guerra. Por isso, os americanos temem D'Aubuisson no Poder e sua candidatura não teve o menor apoio da Embaixada em San Salvador. Os Estados Unidos não desejam um avanço da esquerda com Duarte, mas querem menos ainda um candidato que dê respaldo popular aos guerrilheiros.

LUIZ EDUARDO F. REZENDE

Instabilidade arruína finanças

Cidade do México — Uma coleção de **repúblicas de bananas**, em permanente convulsão social: essa imagem que se tem da América Central continua cada vez mais forte e, segundo os economistas, é uma das principais razões da calamitosa situação financeira da região. Ela desencorajou banqueiros e investidores estrangeiros e reduziu o fluxo de turistas.

— É um círculo vicioso — sentenciou o porta-voz do Governo hondurenho, Amilcar Santamaria. — Os investidores não se arriscam porque imaginam que vivemos um clima de terror. A economia sem a moeda estrangeira fica pior, o que resulta em mais convulsão política.

Relatório Kissinger

O relatório da Comissão Kissinger, nomeada pelo Presidente americano Ronald Reagan para estudar a situação centro-americana, atestou em janeiro que a rápida deterioração das economias da região contribuiu para a tensão política. O relatório recomendou um programa de 8 bilhões de dólares em cinco anos, mas afirmou que, mesmo com essa ajuda econômica, a renda **per capita** em 1990 será três quartos do que era em 1980.

Nos anos 60, e até meados de 1970, as economias predominantemente agrícolas da região cresceram à média de 6% ao ano, por causa da elevada demanda mundial por seus produtos — café, banana, algodão, açúcar e carne. Mas a crise do petróleo de 1973 e a recessão diminuíram essa demanda e os países centro-americanos passaram a ganhar menos por suas matérias-primas, enquanto os gastos com a importação de petróleo e os serviços da dívida aumentavam.

Houve um corte de importações, diminuindo os déficits comerciais, mas todos os setores da economia sofreram com isso. Agricultores e industriais que queriam importar fertilizantes e equipamento tinham a mesma resposta: não há dólares disponíveis. As economias entraram em estagnação, os ganhos do Estado em impostos diminuíram e os Governos, cientes do ditado de que todo desempregado é um guerrilheiro em potencial, não quiseram cortar seus gastos. O resultado é que sai mais dinheiro do que entra.

Oficial e paralelo

A renda **per capita** caiu brutalmente desde 1980 e a desigualdade na distribuição da renda se acentuou. A diminuição da moeda estrangeira gerou uma variação que chega a 70% entre o valor do dólar no câmbio oficial e no paralelo.

Os economistas vêem a Nicarágua como a mais prejudicada pela crise, por causa do corte total da ajuda americana e da campanha feita pelos Estados Unidos contra o Governo sandinista junto ao FMI, ao Banco Mundial e aos bancos privados. O valor de seu comércio com os outros quatro países da região — Guatemala, Honduras, El Salvador e Costa Rica — caiu 61% em dois anos. Mesmo assim, a economia nicaragüense foi a única que cresceu ano passado, com uma taxa de 4%.

O custo da atividade contra-revolucionária para o Governo sandinista é estimado em 1 bilhão de dólares. Em El Salvador, em guerra civil há quatro anos, os rebeldes já deram ao Governo um prejuízo de 850 milhões de dólares. Esses custos são superdimensionados pela necessidade de transferir mão-de-obra da produção para as Forças Armadas.

STEPHEN ADDISON
REUTERS

Segurança pessoal se transforma em negócio e já preocupa a CIA

Washington — A preocupação das grandes empresas americanas com sua segurança e a de seus empregados está começando a envolver tanto dinheiro que é cada vez mais rendosa a atividade destinada a salvaguardar os interesses ameaçados. O negócio vai de vento em popa — registrou aumento de 75% em relação a 1983 — e está deixando o Departamento de Estado, a CIA e o FBI sem seus melhores profissionais, que passam para a empresa privada atraídos por salários irrecusáveis.

A novidade nos últimos meses são os cursos de formação de mulheres e filhos de executivos, que aprendem a falar em código para informar que foram seqüestrados, estão feridos ou enfrentam qualquer outro problema. "Aprenda a conhecer seu carteiro. Se você vê um estranho duas vezes, é coincidência. Se o vê três, é suspeito" — este é um dos princípios do decálogo da sobrevivência.

Parafernália

Existem inventos que superam as novelas de ficção científica: escolas de autodefesa, maletas que se transformam em uma placa pontiaguda para furar pneus, aerosóis para pacotes que tornam visíveis os explosivos escondidos, aparelhos para distorcer conversas telefônicas, barricadas que se levantam do chão em segundos para evitar ataques suicidas feitos com carros.

Em 1981, as grandes empresas americanas sofreram 53 atentados; em 1982, houve 110. Como essa estatística só tende a aumentar, os executivos aprenderam a conviver com coletes à prova de balas, códigos secretos, nomes falsos, o sacrifício de sua privacidade e com famílias neurotizadas.

Os carros blindados são vendidos agora com aperfeiçoamentos: disparadores de gás lacrimogênio, dispositivos contra disparos, sistemas interiores de oxigênio contra gases anestesiantes e ignição à distância para que o motorista não seja vítima de uma bomba escondida. O preço da blindagem, com tudo isso incluído, é de 100 mil dólares em qualquer das empresas especializadas em segurança pessoal.

Plano de ação

Outra invenção de grande sucesso são as "casas de segurança", com paredes de aço, comunicação por rádio, filtros de ar e mecanismos anti-incêndio. Se o sistema for aplicado a um quarto pequeno, sai por 3 mil dólares; no caso da chamada "habitação de guerra" (20 metros por 20 metros) o interessado terá que pagar em média 500 mil dólares.

Um agente secreto, que trabalhou para a CIA durante 25 anos, preside agora uma empresa que reúne fichas de altos executivos para o caso de serem seqüestrados. Ao guardar pormenores de altos executivos para o caso de serem sequestrados. Ao guardar pormenores de sua infância, apelidos familiares, sinais do corpo e amostras da caligrafia, a empresa sabe a todo momento se seu executivo continua vivo.

Nos casos mais elementares, as empresas têm estabelecido um plano de ação para as emergências: quem negociará com os seqüestradores, onde conseguir o resgate sem que a polícia descubra, onde é possível contatar **gangsters** dispostos a se deixarem subornar.

O negócio mais rendoso — o de vendas de coletes à prova de balas — aumentou 50% nos últimos dois anos. A segurança, aliás, não está em choque com a elegância. Uma empresa descobriu a galinha dos ovos de ouro ao vender coletes à prova de balas desenhados segundo os modelos de grandes estilistas, o que faz subir o preço de cada um para 2 mil dólares.

AMANDA GONZÁLEZ DE ALEDO
Agência Efe

Falecimentos

Rio de Janeiro

Heleno da Silva, 29, de septicemia. Carioca, servente, solteiro, morava em Comendador Soares.

João Alberto de Sousa, 32, de insuficiência renal. Mineiro, solteiro, morava em Ramos.

Roberto Mansur, 44, de infarto. Carioca, advogado, era divorciado de Gilda de Medeiros Barbero, tinha dois filhos, morava na Barra da Tijuca.

Roberto Machado Borba, 51, de enfisema pulmonar. Carioca, era casado com Eunice Lima Borba, tinha três filhos, morava em Ramos.

Irineu Simas, 70, de insuficiência respiratória. Paranaense, era casado com Isaura Meira Simas, tinha duas filhas, morava na Tijuca.

Joaquim Correia Marques Filho, 72, de insuficiência renal. Procurador da Justiça do Estado do Rio, era casado com Maria José Couto Correia Matos, morava no Flamengo.

Laura Pereira Fagundes, 79, de edema pulmonar. Carioca, era viúva de Agostinho Machado Fagundes, tinha um filho, morava em Benfica.

Manoel Jesus Dias, 80, de septicemia. Baiano, era casado com Maria Dalva Ferreira Dias, tinha quatro filhos.

Antônio Ladislau Filho, 89, de insuficiência renal. Cearense, era viúvo de Ana Sabino de Andrade, tinha seis filhos, morava em Copacabana.

Rosária dos Santos Ferreira, 89, de insuficiência cárdio-respiratória. Carioca, era viúva de Manoel Francisco Ferreira, tinha cinco filhos, morava em Brás de Pina.

Exterior

Luigi Barzini, 75, de câncer no pulmão, em Roma. Conhecido escritor e jornalista italiano, deixa cinco filhos e sete netos. O tema principal de suas obras foi sempre o contraste entre os estilos de vida europeu — particularmente o italiano — e americano. Ferrenho inimigo do fascismo, foi mantido em prisão domiciliar por quatro anos, sendo libertado em 1944. Ingressou na política italiana em 1958, tendo atuado como deputado do Partido Liberal até 1972. Escreveu em inglês **Oh, América, Os Italianos, Os Europeus e Os Americanos Estão Sós no Mundo**.

Karl Rahner, 79, de insuficiência cardíaca, numa clínica em Innsbruck. Autor de cerca de 4 mil textos, fundamentalmente sobre os diversos aspectos da fé cristã, era considerado um dos mais eminentes teólogos de nosso século, tendo exercido decisiva influência nos rumos do Concílio Vaticano II. Lecionou teologia e dogmática nas universidades de Innsbruck, Munique e Munster, tendo durante muitos anos editado o **Lexikon fur Theologie und Kirche** e o **Schriften zur Theologie**.

PM define vigilante comunitário

"Esta é a política do futuro". Assim o Capitão Otaviano, do 18º BPM, em Jacarepaguá, definiu o trabalho dos vigilantes comunitários — moradores da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá — que, voluntariamente, estão desempenhando funções administrativas e policiais no batalhão. Ontem, um grupo de 20 vigilantes passou o dia atendendo a população no centro de operações e na assessoria de relações públicas do 18º BPM.

O capitão Otaviano explicou que a vigilância comunitária se baseia no trabalho da polícia inglesa (Scotland Yard) e visa a colocar o morador a serviço da comunidade, liberando os policiais para o combate à criminalidade. Desarmados, os vigilantes irão policiar escolas, festas comunitárias e eventos populares, além de acompanhar o trabalho da PM. Cada vigilante dará um plantão de quatro horas por semana.

A vigilância comunitária foi idealizada pelo comandante do 18º BPM, coronel Ille Marlen, que já executou outros projetos comunitários, como o Cipoc (Centro de Integração de Policiamento da Cidade de Deus). Foram distribuídos questionários aos moradores de Jacarepaguá e Barra da Tijuca, área do 18º BPM, e 250 deles concordaram em trabalhar. Sessenta já estão exercendo funções no batalhão, "sem necessidade de continência", como observou o capitão Otaviano.

Os vigilantes de ambos os sexos, a maioria profissionais liberais, são identificados apenas por uma camiseta com um jacaré, símbolo do 18º BPM, e uma coruja, que representa os vigilantes. Estão recebendo treinamento específico para as diversas áreas em que irão atuar. Aqueles que vão trabalhar na rua inicialmente serão acompanhados por policiais.

Salvador — Carlos Catela

Na Barroquinha, 17 imagens raras foram queimadas

Fogo destrói velha igreja de Salvador

Salvador — A igreja de Nossa Senhora da Conceição da Barroquinha, tombada pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), foi destruída por um incêndio que começou à primeira hora de ontem. Em poucas horas, o fogo se espalhou por todo o templo — construído em 1722 — e consumiu todas as 17 imagens de santos, algumas muito raras, como a de Santa Efigênia, trabalhada em roca.

Lamentando a ocorrência de tantos incêndios e arrombamentos em monumentos da Bahia nos últimos meses, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão, acredita que o incêndio tenha sido provocado por um curto-circuito, mas também o admite planejado por ladrões de objetos sacros, "como uma maneira de apagar as pistas, dissolvendo tudo".

Segundo testemunhas, o fogo começou no fundo da igreja. O zelador Estêvão Júlio Vieira, de 86 anos, disse que estava dormindo na sacristia quando ouviu um estampido. Saltou rapidamente da cama, mas já viu as labaredas consumindo o templo. Dona Francinete, uma cearense, avisou o Corpo de Bombeiros — que tem seu quartel a cerca de 500 metros da igreja — às 2h30min, mas as chamas só foram debeladas às 8h. A ação dos bombeiros foi dificultada pela localização da igreja, perto da Barroquinha, no centro histórico da cidade.

"Esquadrão" volta a espalhar terror na Baixada Fluminense

O **Esquadrão da Morte** está de volta à Baixada Fluminense. Somente no mês de março, 46 pessoas foram assassinadas e os corpos decapitados e cremados, o que impossibilita a identificação das vítimas. Até agora, nenhum caso foi solucionado e os parentes das pessoas desaparecidas têm apenas 72 horas para tentar identificar os corpos. Depois desse prazo, as vítimas são sepultadas em covas rasas, porque o único Instituto Médico-Legal da Baixada que possui geladeira é o de Nova Iguaçu, que não comporta muitos cadáveres.

Policiais da Baixada acham praticamente impossível investigar os crimes, porque, segundo eles, falta tudo: "Nós não temos viaturas modernas, combustível, armamento, instalações adequadas, funcionários, aparelhagem técnica e nem telefone. Mas, em alguns casos, o que falta é interesse para investigar, já que existe o envolvimento de colegas" — disse um deles.

A lista

Uma pista sobre o envolvimento de policiais com o **Esquadrão da Morte** é a lista que foi colocada, há 15 dias, num poste do bairro Olavo Bilac, em Duque de Caxias, com nomes de traficantes de drogas marcados para morrer. Dos nomes que constavam da lista, alguns já foram executados. Os traficantes foram seqüestrados e mortos, porque seriam os culpados do assassinio de um soldado da Polícia Militar, o que leva a polícia a crer que teria havido vingança dos colegas.

Os delegados da Baixada Fluminense não acreditam na existência do **Esquadrão da Morte**, que, para eles, é "invenção da imprensa". Eles atribuem as mortes a "grupos de extermínio isolados", formados por criminosos que agem a mando de traficantes de drogas, **banqueiros** do jogo do bicho e ladrões de carros. Eles admitem, porém, a existência da **polícia mineira**, grupos de criminosos que trabalham como **segurança** de comerciantes.

As opiniões dos detetives mais experimentados em crimes desse tipo divergem das explicações dos delegados. Eles são categóricos em afirmar que o **Esquadrão da Morte** "voltou com força total" e justificam:

— Os locais dos crimes são sempre os mesmos e os corpos são encontrados com as mesmas características: mãos amarradas, despidos, torturados, fuzilados, cremados com gasolina e alguns decapitados. Quase todas as vítimas são encontradas em Nova Iguaçu: na Vila de Cava e em Austin; em Belford Roxo: nos Parques São Vicente e São José, em Vila Paulina e em Miguel Couto; e em São João de Meriti: no Morro do Embaixador e no Jardim Redentor.

As perspectivas de uma melhora a curto prazo são poucas e os policiais garantem que os crimes vão continuar. Eles são unânimes em reclamar das condições precárias em que a polícia trabalha na Baixada Fluminense. A 59ª DP, em Duque de Caxias, cujo prédio mais moderno das delegacias da Baixada — 34 celas com capacidade para 200 presos — tem uma lotação média de 300 a 350 detentos. A maioria já foi condenada e não foi transferida para as penitenciárias por falta de vagas.

Dos 900 mil habitantes de Duque de Caxias, cerca de 300 mil moram na jurisdição da 59ª DP. A delegacia possui apenas três viaturas: uma para a ronda bancária; uma para buscar comida para os presos no Desipe, na Rua Frei Caneca; e outra para uso exclusivo do delegado Luís Aceti. Os detetives e delegados-adjuntos, quando vão investigar no local do crime, são obrigados a pegar **carona** nas patrulhas do 15º BPM.

Em meio a essa desenfreada violência, a satisfação fica com a Funerária Duque de Caxias, concessionária da Prefeitura e que explora os sepultamentos de indigentes.

Operário mata viúva e filhos dela por ciúme

São Paulo — Sem obter reconciliação e enciumado, o operário Cícero José Salles, 38 anos, matou a companheira, Maria Rosana de Oliveira, viúva de 35 anos e seus dois filhos menores, Isabel Rosana e Luiz Antônio, ferindo um terceiro, Antônio Roberto. Depois, o operário matou-se com um tiro na cabeça. Ele usou um revólver calibre 38 e não deixou bilhete explicando as razões do gesto.

O crime aconteceu sexta-feira à noite, numa casa pobre do Jardim Ipê, Zona Leste da Capital. Cícero localizou ali Maria Rosana, que se havia separado dele depois de três anos de vida comum. Os vizinhos contaram que ela era uma mulher que sempre dizia: "A liberdade é minha vida".

Mulher e menor desconhecidos surgem mortos

Macaé — Até o início da noite de ontem, policiais da 130ª DP, de Macaé, ainda não tinham identificado os corpos de uma mulher de cabelos ruivos, de 25 anos presumíveis, branca, de boa aparência e a de um menor, de 12 anos aproximadamente, com características de ser latino-americano, encontrados mortos na manhã de sexta-feira, na Fazenda Laranjeiras, a 15 quilômetros de Macaé, pela RJ-168. A perícia constatou, ontem, que ambos foram mortos por estrangulamento.

O delegado Luiz Conzaga Marcondes manteve em sigilo o nome de duas testemunhas, que viram um Monza azul metálico, com três homens, que enterraram os corpos no local e fugiram em velocidade.

Batida mata 3 que voltavam do hospital

Excesso de velocidade foi a causa de um acidente, ontem de madrugada, na Avenida Brasil, onde três pessoas morreram mutiladas. Seis outras estão internadas em estado grave. Todos viajavam no Opala branco IY 9204 que, ao perder a direção, bateu numa pilastra do viaduto de acesso à Ilha do Governador. O acidente foi na pista para o Centro e as vítimas foram retiradas das ferragens pelos bombeiros. Todos moravam na favela da Praia de Ramos e regressavam do Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Tinham ido saber do estado de saúde de Délcio dos Santos Silva e Cremilson dos Santos, que horas antes foram agredidos na favela por soldados do Destacamento de Policiamento Ostensivo da PM.

TEMPO

Satélite GOES — INPE (Cachoeira Paulista, SP) — 18h (30/3/84)

A frente fria no Rio de Janeiro, Sul de Minas, São Paulo e Mato Grosso se desloca para Nordeste, acompanhada de chuvas esparsas. A massa de ar polar que segue a frente fria é de grande intensidade, mas seu centro está junto à costa da Patagônia (Argentina) e se afasta para o oceano.

No Rio

Tempo encoberto com chuvas esparsas. Períodos de melhoria durante o dia. Temperatura em ligeiro declínio. Ventos quadrante Sul fracos a moderados. Visibilidade moderada. Máxima: 33.5, em Jacarepaguá; mínima: 21.3, no Alto da Boa Vista.

As Chuvas — Precipitação em milímetros nas últimas 24 horas: 1.4; acumulada este mês: 43.5; normal mensal: 133.1; acumulada este ano: 105.0; normal anual: 1075.8.

O Sol — Nascerá às 06h08min e o ocaso será às 17h52min.

O Mar — No Rio de Janeiro — Preamar: 02h06min/ 1.3m e 14h03min/ 1.3m; baixa-mar: 08h43min/ 0.3m e 21h10min/ 0.1m. Em Angra dos Reis — Preamar: 01h19min/ 1.2m e 13h26min/ 1.2m; baixa-mar: 09h11min/ 0.3m e 21h06min/ 0.0m. Em Cabo Frio — Preamar: 02h28min/ 1.2m e 14h09min/ 1.2m; baixa-mar: 08h21min/ 0.3m e 20h44min/ 0.0m.

O Salvamar informa que o mar está calmo com águas a 23 graus correndo de Leste para Sul.

A Lua

Minguante	Nova	Crescente	Cheia
até hoje	01/04	09/04	15/04

Nos Estados

Minas Gerais: Enc. c/ chvs. esp. períodos de melhoria nas reg. compreendidas entre o Sul, Zona da Mata, Campo das Vertentes e Metalúrgica. Demais reg. nub. passando a enc. Temp: lig. decl. 30.6 e 19.6. **Esp. Santo**: Nub. a enc. c/ chvs. Temp: ligeiro decl. 29.8 e 24.7. **São Paulo**: Nub. a pte. nub. c/ chvs. isol. períodos de melhoria. Temp: estável: 29.4 e 22.8. **Paraná**: Nub. a pte. nub. c/ chvs. isol. e períodos de melhoria. Temp: estável. 18.8 e 15.3. **Santa Catarina**: Nub. a pte. nub. ainda suj. a chvs. passageiras passando a pte. nub. nas demais reg. Temp: estável. **Rio G. do Sul**: Pte. nub. Temp: estável. 24.0 e 16.8. **Amazonas**: Nub. a pte. nub. com pncs. isol. enc. a nub. c/ chvs. esp. no Oeste. Temp: estável. **Acre**: Enc. a nub. c/ chvs. esp. Temp: estável. **Roraima/ Rondônia**: Nub. a pte. nub. Temp: estável. **Pará**: Enc. a nub. c/ chvs. esp. nub. a pte. nub. c/ pncs isol. nas demais reg. Temp: estável. 31.8 e 22.4. **Amapá**: Enc. a nub. c/ chvs. esp. Temp: estável. 28.2 e 23.6. **Maranhão**: Nub. a pte. nub. c/ pncs esp. Temp: estável. 29.0 e 22.9. **Piauí**: Nub. a pte. nub. c/ pncs isol. Temp: estável. mín. 23.7. **Ceará**: Nub. a pte. nub. pncs. isol. no litoral. 29.4 e 24.0. **Rio G. do Norte/ Paraíba/ Pernambuco**: Nub. a pte. nub. pncs. isol. no litoral. Temp: Estável. 32.0 e 23.1. **Alagoas/ Sergipe**: Nub. a pte. nub. Temp: estável. **Bahia**: Nub. a pte. nub. pncs. isol. no Oeste e SE. Temp: estável. 29.3 e 24.2. **Mato Grosso**: Enc. a nub. c/ chvs. esp. e trvs. esp. e trvs. isol. nub. a pte. nub. c/ pncs. e trvs. isol. no Norte. Temp: estável. 34.7 e 23.0. **Mato G. do Sul**: Nub. c/ chvs. esp. e trvs. isol. Temp: lig. decl. 29.3 e 20.7. **Goiás**: Pte nub. a nub. c/ pncs. esp. e trvs. isol. Temp: estável. 31.0 e 21.0. **Distrito Federal/ Brasília**: Pte. nub. a nub. passando a enc. c/ chvs. esp. e trvs. isol. Temp: estável. 29.8 e 18.1.

No Mundo

Atenas, 19, nublado; **Barbados**, 30, chuva; **Berlim**, 8, nublado; **Bogotá**, 17, chuva; **Buenos Aires**, 23, claro; **Caracas**, 31, nublado; **Chicago**, 7, nublado; **Jerusalém**, 23, claro; **Johannesburg**, 21, chuva; **Lima**, 25, claro; **Lisboa**, 16, chuva; **Londres**, 10, nublado; **Los Angeles**, 26, claro; **Madri**, 14, chuva; **Manila**, 35, claro; **Miami**, 26, claro; **Montevidéu**, 20, nublado; **Montreal**, 2, nublado; **Moscou**, 1, nublado; **Nassau**, 28, claro; **Nova Déli**, 37, claro; **Nova Iorque**, 2, nublado; **Paris**, 11, nublado; **Pequim**, 16, nublado; **Roma**, 18, chuva; **San Francisco**, 17, claro; **San Juan**, 34, claro; **Santiago**, 27, claro; **Sidnei**, 25, **Tóquio**, 19, claro.

Cassino é desativado no Recreio

Um cassino particular, que funcionava numa bela mansão do Recreio dos Bandeirantes, a 300 metros da residência oficial do Presidente João Figueiredo, foi desativado por uma equipe do Departamento de Investigações Especiais (DIE), na noite de sexta-feira. Os policiais tiveram dificuldades para entrar na casa, fortemente guardada por cães e muros altos, mas apreenderam uma roleta, fichas e baralhos.

A mansão estava ocupada por cerca de 20 pessoas, mas não foi registrado o flagrante. Os comerciantes Bartolomeu Albons Montserrat e Sergio Zappa se responsabilizaram pelo jogo, mas não foram autuados. A proprietária da casa, Deise Arguellis Pinto, alegou que "era apenas uma reunião de amigos". A operação não foi comunicada à 16ª DP, que cobre a área, tendo sido realizada sob o comando do Delegado Heitor Rosas, da Delegacia de Homicídios. A casa fica na Rua Mario Bolcher Pinto, 429, na altura do quilômetro 18 da Avenida das Américas, e já vinha sendo observada há algum tempo pelo delegado, que preside uma comissão instituída, pelo Secretário Arnaldo Campana para apurar as contravenções existentes.

AVISOS RELIGIOSOS

Falecimentos

Rio de Janeiro

Heleno da Silva, 29, de septicemia. Carioca, servente, solteiro, morava em Comendador Soares.

João Alberto de Sousa, 32, de insuficiência renal. Mineiro, solteiro, morava em Ramos.

Roberto Mansur, 44, de infarto. Carioca, advogado, era divorciado de Gilda de Medeiros Barbero, tinha dois filhos, morava na Barra da Tijuca.

Roberto Machado Borba, 51, de enfisema pulmonar. Carioca, era casado com Eunice Lima Borba, tinha três filhos, morava em Ramos.

Irineu Simas, 70, de insuficiência respiratória. Paranaense, era casado com Isaura Meira Simas, tinha duas filhas, morava na Tijuca.

Joaquim Correia Marques Filho, 72, de insuficiência renal. Procurador da Justiça do Estado do Rio, era casado com Maria José Couto Correia Matos, morava no Flamengo.

Laura Pereira Fagundes, 79, de edema pulmonar. Carioca, era viúva de Agostinho Machado Fagundes, tinha um filho, morava em Benfica.

Exterior

Luigi Barzini, 75, de câncer no pulmão, em Roma. Conhecido escritor e jornalista italiano, deixa cinco filhos e sete netos. O tema principal de suas obras foi sempre o contraste entre os estilos de vida europeu — particularmente o italiano — e americano. Ferrenho inimigo do fascismo, foi mantido em prisão domiciliar por quatro anos, sendo libertado em 1944. Ingressou na política italiana em 1958, tendo atuado como deputado do Partido Liberal até 1972. Escreveu em inglês **Oh, América**, **Os Italianos**, **Os Europeus** e **Os Americanos Estão Sós no Mundo**.

Karl Rahner, 79, de insuficiência cardíaca, numa clínica em Innsbruck. Autor de cerca de 4 mil textos, fundamentalmente sobre os diversos aspectos da fé cristã, era considerado um dos mais eminentes teólogos do nosso século, tendo exercido decisiva influência nos rumos do Concílio Vaticano II. Lecionou teologia e dogmática nas universidades de Innsbruck, Munique e Munster, tendo durante muitos anos editado o **Lexikon fur Theologie und Kirche** e o **Schriften zur Theologie**.

Salvador — Carlos Catela

Na Barroquinha, 17 imagens raras foram queimadas

Fogo destrói velha igreja de Salvador

Salvador — A igreja de Nossa Senhora da Conceição da Barroquinha, tombada pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), foi destruída por um incêndio que começou à primeira hora de ontem. Em poucas horas, o fogo se espalhou por todo o templo — construído em 1722 — e consumiu todas as 17 imagens de santos, algumas muito raras, como a de Santa Efigênia, trabalhada em roca.

Lamentando a ocorrência de tantos incêndios e arrombamentos em monumentos da Bahia nos últimos meses, o Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão, acredita que o incêndio tenha sido provocado por um curto-circuito, mas também o admite planejado por ladrões de objetos sacros, "como uma maneira de apagar as pistas, dissolvendo tudo".

Segundo testemunhas, o fogo começou no fundo da igreja. O zelador Estêvão Júlio Vieira, de 86 anos, disse que estava dormindo na sacristia quando ouviu um estampido. Saltou rapidamente da cama, mas já viu as labaredas consumindo o templo. Dona Francinete, uma cearense, avisou o Corpo de Bombeiros — que tem seu quartel a cerca de 500 metros da igreja — às 2h30min, mas as chamas só foram debeladas às 8h. A ação dos bombeiros foi dificultada pela localização da igreja, perto da Barroquinha, no centro histórico da cidade.

TEMPO

Satélite GOES — INPE (Cachoeira Paulista, SP) — 18h (31/3/84)

Uma frente fria, com atividade em diminuição está no litoral Sul da Bahia, Norte de Minas, Goiás e Mato Grosso. A massa de ar polar, com centro no oceano ao largo da Patagônia (Argentina), perde intensidade.

No Rio

Tempo claro a parcialmente nublado, ocasionalmente nublado à tarde. Temperatura estável. Ventos: Este a Norte fracos a moderados. Visibilidade boa. Máxima: 28.6, em Bangu; mínima: 17.5, no Alto da Boa Vista.

As Chuvas — Precipitação em milímetros nas últimas 24 horas: 16.0 acumulada este mês 59.5; normal mensal: 116.2; acumulada este ano: 121.0; normal anual: 1075.8.

O Sol — Nascerá às 06h e o ocaso será às 17h50min.

O Mar — No Rio de Janeiro — Preamar: 02h34min/1.3m e 14h40min/1.3m; baixa-mar: 09h19min/0.3m e 21h49min/0.2m. Em Angra dos Reis — Preamar: 01h52min/1.3m e 14h00/1.3m; baixa-mar: 09h41min/0.3m e 21h38min/0.1m. Em Cabo Frio — Preamar: 02h49min/1.2 e 14h38min/1.3; baixa-mar: 08h49min/0.3m e 21h16min/0.1m. O Salvamar informa que o mar está meio agitado com águas a 23 graus correndo de Sul para Leste.

A Lua

Nova	**Crescente**	**Cheia**	**Minguante**
Hoje	09/04	15/04	22/04

Nos Estados

Amazonas: Pte. nub. a nub. Temp. est. **Acre**: Nub. c/chuvas e trovoadas esp. Temp. est. **Pará**: Nub. c/chuvas e trovoadas esp. Temp. estável. Mín.: 22.2. **Roraima**: Pte. nub. a nub. Temp. est. Mín.: 24.8. **Amapá**: Nub. c/chuvas e trovoadas esp. Temp. est. Mín.: 23.4. **Rondônia**: Nub. c/chuvas e trovoadas. Temp. est. Mín.: 21.8. **Maranhão**: Nub. c/chuvas e trovoadas isol. Temp. est. Mín.: 23.6. **Piauí**: Nub. c/chuvas no litoral. Temp. estável. Mín.: 22.5. **Ceará**: Nub. c/chuvas no litoral. Temp. estável. Máx.: 30.5; mín.: 22.7. **Rio Grande do Norte**: Nub. c/chuvas no litoral; demais reg. pte. nub. a nub. Temp. estável. **Pernambuco**: Pte. nub. a claro. Temp. estável. Máx.: 31.5; mín.: 22.5. **Sergipe**: Pte. nub. a claro. Temp. estável. **Alagoas**: Pte. nub. a claro. Temp. estável. Máx.: 33.0; mín.: 23.4. **Paraíba**: Nub. c/chuvas no litoral e Oeste do Estado. Temp. estável. Máx.: 29.2; mín.: 24.6. **Bahia**: Nub. c/chuvas e trovoadas no lit. Sul da Bahia. Temp. estável. Máx.: 25.6; mín.: 22.9. **Mato Grosso**: Nub. c/chuvas trovoadas esp. Temp. estável. **Mato Grosso do Sul**: Nub. c/chuvas isol. Temp. estável. Mín.: 21.4. **Goiás**: Nub. c/chuvas e trovoadas esp. Temp. estável. Máx.: 28.4; mín.: 21.0. **Distrito Federal**: Nub. a pte. nub. c/chuvas e trovs. esp.; nevoeiros ao amanhecer. Temp. estável. **Minas Gerais**: Instável. Chvs. esp. no Norte e Nordeste e Noroeste do Est.; demais reg. pte. nub. a claro, ocas. nub. Temp. estável. Máx.: 24.9; mín.: 17.8. **Espírito Santo**: Enc. a nub. ainda suj. a chuvs. no int. do Estado; pte. nub. a claro nas demais reg. Temp. estável. Máx.: 25.5; mín.: 21.2. **São Paulo**: Nub. a pte. nub. Temp. estável. Mín.: 15.2. **Paraná**: Nub. a pte. nub. Temp. estável. Mín.: 11.1. **Santa Catarina**: Pte. nub. a nub.; possib. de chuvas esparsas na reg. Oeste, planalto Norte e Vale do Itajaí. Temp. estável. Máx.: 23.8; mín.: 17.1. **Rio Grande do Sul**: Pte. nub., possib. de chuvas isol. no Vale do Uruguai, Missões, depressão central, campanha, Serra do Sudeste e litoral Sul. Temp. estável. Máx.: 25.1; mín.: 15.4.

No Mundo

Amsterdã: 8, nublado; **Atenas**: 17, nublado; **Barbados**: 30, claro; **Beirute**: 23, claro; **Belgrado**: 13, nublado; **Berlim**: 5, claro; **Bogotá**: 18, nublado; **Bruxelas**: 8, nublado; **Buenos Aires**: 21, nublado; **Caracas**: 29, claro; **Chicago**: 31, nublado, **Copenhague**: 6, nublado; **Dublin**: 8, claro; **Cairo**: 24, claro; **Estocolmo**: 1, claro; **Frankfurt**: 9, nublado; **Genebra**, 11, nublado; **Helsinqui**, 4, chuva; **Hong Kong**, 27, claro; **Johannesburgo**, 19, claro; **Kuala Lampur**, 33, chuva; **Havana**, 24, claro; **Lima**, 26, claro; **Lisboa**, 18, nublado; **Londres**, 6, nublado; **Los Angeles**, 53, chuva; **Madri**, 19, nublado; **Manila**, 36, claro; **México**, 29, claro; **Miami**, 58, claro; **Montreal**, 6, nublado; **Moscou**, 5, nublado; **Nassau**, 25, claro; **Nova Deli**, 37, claro; **Nova Iorque**, 7, claro; **Nicosia**, 27, claro, **Oslo**, 6, claro; **Paris**, 13, claro; **Pequim**, 14, nublado; **Roma**, 15, claro; **San Francisco**, 51, chuva; **San Juan**, 25, nublado; **Tóquio**, 19, claro; **Toronto**, 7, nublado; **Viena**, 4, chuva.

"Esquadrão" volta a espalhar terror na Baixada Fluminense

O **Esquadrão da Morte** está de volta à Baixada Fluminense. Somente no mês de março, 46 pessoas foram assassinadas e os corpos decapitados e cremados, o que impossibilita a identificação das vítimas. Até agora, nenhum caso foi solucionado e os parentes das pessoas desaparecidas têm apenas 72 horas para tentar identificar os corpos. Depois desse prazo, as vítimas são sepultadas em covas rasas, porque o único Instituto Médico-Legal da Baixada que possui geladeira é o de Nova Iguaçu, que não comporta muitos cadáveres.

Policiais da Baixada acham praticamente impossível investigar os crimes, porque, segundo eles, falta tudo: "Nós não temos viaturas modernas, combustível, armamento, instalações adequadas, funcionários, aparelhagem técnica e nem telefone. Mas, em alguns casos, o que falta é interesse para investigar, já que existe o envolvimento de colegas" — disse um deles.

A lista

Uma pista sobre o envolvimento de policiais com o **Esquadrão da Morte** é a lista que foi colocada, há 15 dias, num poste do bairro Olavo Bilac, em Duque de Caxias, com nomes de traficantes de drogas marcados para morrer. Dos nomes que constavam da lista, alguns já foram executados. Os traficantes foram seqüestrados e mortos, porque seriam os culpados do assassínio de um soldado da Polícia Militar, o que leva a polícia a crer que teria havido vingança dos colegas.

Os delegados da Baixada Fluminense não acreditam na existência do **Esquadrão da Morte**, que, para eles, é "invenção da imprensa". Eles atribuem as mortes a "grupos de extermínio isolados", formados por criminosos que agem a mando de traficantes de drogas, **banqueiros** do jogo do bicho e ladrões de carros. Eles admitem, porém, a existência da **polícia mineira**, grupos de criminosos que trabalham como **segurança** de comerciantes.

As opiniões dos detetives mais experimentados em crimes desse tipo divergem das explicações dos delegados. Eles são categóricos em afirmar que o **Esquadrão da Morte** "voltou com força total" e justificam:

— Os locais dos crimes são sempre os mesmos e os corpos são encontrados com as mesmas características: mãos amarradas, despidos, torturados, fuzilados, cremados com gasolina e alguns decapitados. Quase todas as vítimas são encontradas em Nova Iguaçu: na Vila de Cava e em Austin; em Belford Roxo: nos Parques São Vicente e São José, em Vila Paulina e em Miguel Couto; e em São João de Meriti: no Morro do Embaixador e no Jardim Redentor.

As perspectivas de uma melhora a curto prazo são poucas e os policiais garantem que os crimes vão continuar. Eles são unânimes em reclamar das condições precárias em que a polícia trabalha na Baixada Fluminense. A 59ª DP, em Duque de Caxias, que tem o prédio mais moderno das delegacias da Baixada — 34 celas com capacidade para 200 presos — tem uma lotação média de 300 a 350 detentos. A maioria já foi condenada e não foi transferida para as penitenciárias por falta de vagas.

Dos 900 mil habitantes de Duque de Caxias, cerca de 300 mil moram na jurisdição da 59ª DP. A delegacia possui apenas três viaturas: uma para a ronda bancária; uma para buscar comida para os presos no Desipe, na Rua Frei Caneca; e outra para uso exclusivo do delegado Luís Aceti. Os detetives e delegados-adjuntos, quando vão investigar no local do crime, são obrigados a pegar **carona** nas patrulhas do 15º BPM.

Em meio a essa desenfreada violência, a satisfação fica com a Funerária Duque de Caxias, concessionária da Prefeitura e que explora os sepultamentos de indigentes.

PM define vigilante comunitário

"Esta é a política do futuro". Assim o Capitão Otaviano, do 18º BPM, em Jacarepaguá, definiu o trabalho dos vigilantes comunitários — moradores da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá — que, voluntariamente, estão desempenhando funções administrativas e policiais no batalhão. Ontem, um grupo de 20 vigilantes passou o dia atendendo a população no centro de operações e na assessoria de relações públicas do 18º BPM.

O capitão Otaviano explicou que a vigilância comunitária se baseia no trabalho da polícia inglesa (Scotland Yard) e visa a colocar o morador a serviço da comunidade, liberando os policiais para o combate à criminalidade. Desarmados, os vigilantes irão policiar escolas, festas comunitárias e eventos populares, além de acompanhar o trabalho da PM. Cada vigilante dará um plantão de quatro horas por semana.

A vigilância comunitária foi idealizada pelo comandante do 18º BPM, coronel Ille Marlen, que já executou outros projetos comunitários, como o Cipoc (Centro de Integração de Policiamento da Cidade de Deus). Foram distribuídos questionários aos moradores de Jacarepaguá e Barra da Tijuca, área do 18º BPM, e 250 deles concordaram em trabalhar. Sessenta já estão exercendo funções no batalhão, "sem necessidade de continência", como observou o capitão Otaviano.

Federal sai para o nº 37.902

Na extração de nº 2058 da Loteria Federal, o primeiro prêmio saiu para o bilhete de nº 37902, de Santa Catarina, no valor de Cr$ 30 milhões. Os outros resultados foram os seguintes:

Prêmio	Valor	Bilhete
2º	Cr$ 3 milhões	46.918 (PA)
3º	Cr$ 1 milhão	55.281 (SP)
4º	Cr$ 800 mil	60.426 (RJ)
5º	Cr$ 600 mil	45.141 (SP)
6º	Cr$ 500 mil	13.408 (SP)
7º	Cr$ 400 mil	59.131 (SP)
8º	Cr$ 350 mil	67.651 (RJ)
9º	Cr$ 300 mil	20.399 (SP)
10º	Cr$ 250 mil	71.515 (RJ)

Prêmio especial de Cr$ 10 milhões para cada série do 9º Vig do 1º prêmio.

Mulher e menor desconhecidos surgem mortos

Macaé — Até o início da noite de ontem, policiais da 130ª DP, de Macaé, ainda não tinham identificado os corpos de uma mulher de cabelos ruivos, de 25 anos presumíveis, branca, de boa aparência e a de um menor, de 12 anos aproximadamente, com características de ser latino-americano, encontrados mortos na manhã de sexta-feira, na Fazenda Laranjeiras, a 15 quilômetros de Macaé, pela RJ-168. A perícia constatou, ontem, que ambos foram mortos por estrangulamento.

O delegado Luiz Conzaga Marcondes manteve em sigilo o nome de duas testemunhas, que viram um Monza azul metálico, com três homens, que enterraram os corpos no local e fugiram em velocidade.

Operário mata viúva e filhos dela por ciúme

São Paulo — Sem obter reconciliação e enciumado, o operário Cícero José Salles, 38 anos, matou a companheira, Maria Rosana de Oliveira, viúva de 35 anos e seus dois filhos menores, Isabel Rosana e Luiz Antônio, ferindo um terceiro, Antônio Roberto. Depois, o operário matou-se com um tiro na cabeça. Ele usou um revólver calibre 38 e não deixou bilhete explicando as razões do gesto.

O crime aconteceu sexta-feira à noite, numa casa pobre do Jardim Ipê, Zona Leste da Capital. Cícero localizou ali Maria Rosana, que se havia separado dele depois de três anos de vida comum. Os vizinhos contaram que era uma mulher que sempre dizia: "A liberdade é minha vida".

Batida mata 3 que voltavam do hospital

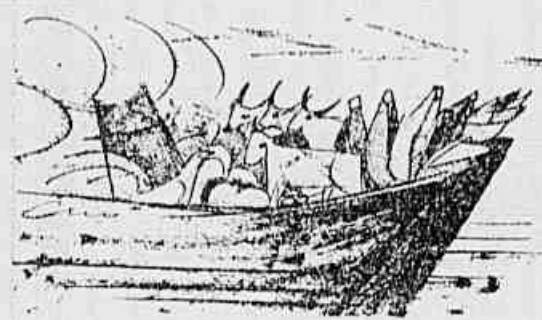
Excesso de velocidade foi a causa de um acidente, ontem de madrugada, na Avenida Brasil, onde três pessoas morreram mutiladas. Seis outras estão internadas em estado grave. Todos viajavam no Opala branco IY 9204 que, ao perder a direção, bateu numa pilastra do viaduto de acesso à Ilha do Governador. O acidente foi na pista para o Centro e as vítimas foram retiradas das ferragens pelos bombeiros. Todos moravam na favela da Praia de Ramos e regressavam do Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Tinham ido saber do estado de saúde de Délcio dos Santos Silva e Cremilson dos Santos, que horas antes foram agredidos na favela por soldados do Destacamento de Policiamento Ostensivo da PM.

Cassino é desativado no Recreio

Um cassino particular, que funcionava numa bela mansão do Recreio dos Bandeirantes, a 300 metros da residência oficial do Presidente João Figueiredo, foi desativado por uma equipe do Departamento de Investigações Especiais (DIE), na noite de sexta-feira. Os policiais tiveram dificuldades para entrar na casa, fortemente guardada por cães e muros altos, mas apreenderam uma roleta, fichas e baralhos.

A mansão estava ocupada por cerca de 20 pessoas, mas não foi registrado o flagrante. Os comerciantes Bartolomeu Albons Montserrat e Sergio Zappa se responsabilizaram pelo jogo, mas não foram autuados. A proprietária da casa, Deise Arguellis Pinto, alegou que "era apenas uma reunião de amigos". A operação não foi comunicada à 16ª DP, que cobre a área, tendo sido realizada sob o comando do Delegado Heitor Rosas, da Delegacia de Homicídios. A casa fica na Rua Mario Bolcher Pinto, 429, na altura do quilômetro 18 da Avenida das Américas, e já vinha sendo observada há algum tempo pelo delegado, que preside uma comissão instituída, pelo Secretário Arnaldo Campana para reprimir as contravenções penais.

Alimentação puxa a inflação em 84 e o chuchu lidera

INFORME ECONÔMICO

País poderia gastar menos US$ 1 bilhão

OS agricultores brasileiros gastam por ano cerca de 1 bilhão de dólares na compra de adubos químicos, agrotóxicos e derivados de petróleo, todos produtos importados. Boa parte dessas despesas pode ser substituída por técnicas desenvolvidas nas próprias fazendas, a um custo muito mais baixo para o agricultor e para o país. A partir de amanhã, 1 mil 500 especialistas em agricultura estarão reunidos em Petrópolis, no Hotel Quitandinha, exatamente para estudar uma estratégia que possa, a médio prazo, levar os pequenos e médios produtores a usarem adubos fabricados em suas propriedades, biodigestores, quedas dágua, energia eólica (dos ventos) e outras alternativas de energia ao petróleo.

O presidente da Associação dos Agrônomos do Rio de Janeiro, Daniel Fonseca Pinto, acha que a saída para a agricultura está exatamente na composição entre as técnicas modernas e as rudimentares. Com todo o uso de adubos químicos, a produtividade média da agricultura no Brasil ainda é baixíssima, especialmente nos alimentos básicos. A produtividade média do arroz no Brasil, por exemplo, é de 1 mil 500 quilos por hectare, enquanto no Japão vai a 6 mil quilos.

Dos 5 milhões de agricultores, 4,5 milhões são pequenos produtores, que respondem por 80% da produção de alimentos básicos (feijão, milho, arroz, mandioca, leite e hortigranjeiros). É preciso concentrar neles o esforço para aumento da produtividade, um trabalho que certamente só trará retorno a médio prazo.

Aumentos postergados

É bem possível que o Governo adie por algumas semanas o aumento dos preços dos combustíveis inicialmente previsto para o início de abril. É que, com o superávit de caixa acumulado pelo Tesouro nos primeiros meses do ano, também inesperado, surgiu uma folga no orçamento e as autoridades econômicas decidiram antecipar alguns recursos para facilitar os investimentos de estatais como a Eletrobrás, Petrobrás e Siderbrás. Esses bilhões de cruzeiros deram uma folga de caixa para as empresas, que estão agora em condições de adiar por algumas semanas o aumento de tarifas.

Como é importante, até politicamente, obter bons resultados o combate à inflação este mês, é provável, portanto, que todos os reajustes das tarifas de energia fiquem para a segunda quinzena de abril ou para o início de maio.

"Big stick"

Washington continua jogando duro com os organismos multilaterais internacionais. Depois de não renovar sua contribuição à IDA (agência do BIRD para os países mais pobres), muito relutar para aumentar os recursos do FMI e ameaçar deixar a UNESCO no fim do ano, chegou a vez da UNCTAD.

Esse é o organismo da ONU que, baseado em Genebra, cuida dos problemas ligados ao comércio mundial. Os EUA querem reformas radicais no órgão e uma posição mais firme e menos condescendente dos países ocidentais em sua atitude de negociação com nações em desenvolvimento. A ameaça que paira é a redução da representação americana na UNCTAD.

Mais uma

Outra grande transação está a caminho na área das grandes companhias de petróleo: a Royal Dutch-Shell ofereceu 55 dólares por ação para ficar com os 30,5% que ainda não possui da sua subsidiária americana, Shell Oil. A oferta total chega aos 5,2 bilhões de dólares.

Em baixa

O comércio entre os EUA e a URSS caiu 14,6% em 1983, devido às menores compras de grãos norte-americanos pela União Soviética e queda das importações de maquinário e produtos químicos russos pelos americanos.

Preço baixo

Por acordo com o setor privado, as siderúrgicas do grupo Siderbrás estão impedidas de exportar ferro gusa, direta ou indiretamente. Mas a CST — Companhia Siderúrgica Tubarão, que entrou em operação em dezembro passado e ainda não colocou a aciaria em atividade, está vendendo o gusa que produz aos empresários Machado Correa, do grupo Pedra Negra, que fazem a exportação.

Os Machado Correa, graças a isso, fecham contratos acima da capacidade de seus fornos com a **trading** Hofflinghouse, dos Estados Unidos. E isso, segundo um guseiro, resulta em oferta muito grande do gusa, contribuindo para a manutenção de patamares bem baixos do preço do produto. A previsão é de que o Brasil poderá vender este ano um mínimo de 400 mil t de ferro gusa, cujo preço médio caiu de cerca de 120 dólares a tonelada em 1982, para 100 dólares, atualmente.

Juros preocupam

— Os empresários estão preocupados é com a taxa de juros e não com a centralização da arrecadação dos tributos no Banerj. O próprio Ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central consideram que isso é uma medida positiva. A afirmação é do Secretário Estadual da Fazenda, César Maia, acrescentando que a decisão de centralizar a arrecadação é perfeitamente viável no Rio de Janeiro porque o Estado é pequeno e a rede bancária estadual é muito grande no interior. "Nós atingimos todos os municípios e quase todos os distritos, com exceção de 6 ou 7", disse César Maia.

Quando uma dona-de-casa vai ao supermercado comprar alimentos, a impressão que ela tem é a de que a inflação está bem acima dos índices divulgados pela Fundação Getúlio Vargas. A cada mês, as compras ficam excepcionalmente mais caras, e o peso da alimentação no orçamento doméstico familiar vai aumentando.

Essa impressão de que o custo dos gêneros alimentícios é mais elevado do que as taxas de inflação anunciadas pela FGV não está totalmente errada, principalmente no que diz respeito a determinados produtos. Algumas verduras, legumes e frutas, no primeiro trimestre deste ano, tiveram altas de preços absurdas, muito acima da taxa de inflação no período, sendo que o campeão, de janeiro a março, foi um legume considerado por muitas pessoas sem gosto e absolutamente sem graça: chuchu.

Líder absoluto

A inflação deste início de ano poderia ser batizada de a "inflação do chuchu". Enquanto a variação média dos preços no país, no primeiro trimestre de 84, segundo o Índice Geral de Preços da Fundação, foi de 35,5% e a alta da alimentação (subgrupo do Índice de Custo de Vida, que mede os preços dos produtos comprados a varejo no mercado do Rio) foi de 35,9%, o preço do chuchu, de janeiro a março, subiu 749,5%.

A elevação dos preços dos produtos alimentícios não foi recorde, nesse início do ano, apenas no que diz respeito ao chuchu, legume, aliás, que já foi bode expiatório da inflação, quando era ministro o professor Mário Henrique Simonsen. Se no final do ano passado, por medidas governamentais como a venda de estoques e controle de preços nos supermercados, os produtos agrícolas e a alimentação perderam um pouco de importância, como os carros-chefes da espiral inflacionária, agora no primeiro trimestre e, principalmente, no mês de março, voltaram novamente a pressionar o índice da Fundação Getúlio Vargas.

São vários os recordistas dos primeiros três meses do ano, ou seja, os produtos que tiveram altas muito acima do que a inflação, no período.

Logo após o chuchu, está o repolho, com o segundo lugar no campeonato: seu preço subiu 326% de janeiro a março. A cebola teve uma alta de 323,5%, no primeiro trimestre; a laranja-pêra, de 178,4%; a cenoura, de 167,5%, e o caju, de 133,8%.

Também se destacaram o alface, com 120,2% de alta, a carne defumada, com 103,3%, a vagem, com 102,5%, e o tomate, que subiu 101,6%. Altas exageradas — apenas um pouco abaixo dos 100% — foram ainda verificadas no que diz respeito à corvina (84,6%), ao mamão (83,8%), à maçã (81,1%), à sardinha (77,7%), do suco de frutas (72,9%), às refeições em local de trabalho (76,1%), e à anchova (64,9%).

O custo de vida

O índice que mede a variação do custo da alimentação (componente do Índice de Custo de Vida, que é um dos três grandes grupos de produtos do Índice Geral de Preços), de janeiro a março, ficou no entanto apenas em 35,9%, porque a Fundação Getúlio Vargas, ao tirar uma média das altas de preços de todos os produtos listados no grupo alimentação, dá um peso a cada um desses produtos, conforme a sua participação nos gastos do orçamento doméstico.

A esse peso — que corresponde ao percentual de participação da variação de preço do produto no índice da alimentação, a Fundação denomina de ponderação. No caso do chuchu, por exemplo, esse peso é muito baixo. Todos os legumes e hortaliças juntos têm uma ponderação de 2,9% no grupo dos alimentos do Índice de Custo de Vida que são consumidos a domicílio. As carnes e os produtos derivados de farinha de trigo — pão, biscoitos, massas — são os que têm pesos maiores (8,5% e 5,4%, respectivamente). Por isso, apesar de o chuchu ter tido uma alta superior a 700%, esse legume influenciou pouco o índice de inflação, entre a constatação pessoal da dona-de-casa quanto à alta do custo de vida e da inflação, na feira e no supermercado, e a taxa divulgada pela FGV.

Produtos industriais x agrícolas

Além do Índice de Custo de Vida, que é composto por alimentação e também por vestuário, habitação, artigos de residência, assistência à saúde e higiene, serviços pessoais e serviços públicos, a inflação medida pela FGV (o Índice Geral de Preços) é formada ainda por dois outros grandes grupos de produtos ou índices: o Índice de Preços por Atacado (que mede a variação dos produtos comprados diretamente ao produtor) e o Índice de Custo da Construção do Rio de Janeiro.

O Índice de Custo de Vida tem uma participação no Índice Geral de Preços de 30%, o Índice de Preços por Atacado, de 60%, e o Índice de Construção Civil, de 10%.

Também no Índice de Preços por Atacado (IPA) tem-se verificado uma alta extremamente acentuada dos preços dos produtos agrícolas, em comparação à dos produtos industriais. De janeiro a março deste ano, os preços dos produtos agrícolas comprados diretamente junto aos produtores subiram 40,9% e os preços dos produtos industriais, 32,1%. Nos últimos doze meses, ou seja, de março de 1983 a março deste ano, a alta dos produtos agrícolas foi a de 342,2% e a dos industriais, de 220,8%.

Dentro do IPA, os produtos agrícolas recordistas, no primeiro trimestre, que apresentaram altas bem superiores à inflação, foram os seguintes: laranja (variação de preço de 149,4%); abacaxi (132,1%); fumo em folha (115,8%); feijão (106,5%) cebola (104,1%); tomate (102,9%); maçã (98,5%); babaçu (82,4%) e aveia (61,8%).

Os produtos industriais que fizeram parte da lista dos 20 mais do IPA foram os seguintes: banha de porco refinada (113,6% de alta); ferros preparados e beneficiados (108,4%); colchões de mola (74,6%); farinha de mandioca (72,6%); folhas-de-flandres eletrolíticas (63,9%); tijolos de cimento (63,18%); barras de aço de 88 milímetros (61,96%) e couro de porco (61,4%).

Nem sempre, devido à ponderação, método aplicado em todos os índices, os produtos que têm altas maiores são os que mais influenciam o índice. No caso do IPA, índice que tem a maior participação no cálculo da inflação, no primeiro trimestre deste ano os produtos com maior influência (variação de preço multiplicada pela ponderação) foram o feijão, a laranja, o petróleo em bruto, o leite, a soja, tecidos de algodão, gasolina, tomate e trigo.

CECILIA COSTA

A LISTA DOS "20 MAIS"

(Custo da alimentação no Rio de Janeiro, no primeiro trimestre

Produto	Variação de preço (acumulada)
chuchu	749,5%
repolho	326%
cebola	232,8%
laranja-pera	178,4%
cenoura	167,6%
alface	120,2%
carne defumada	111%
banha	103,3%
vagem	102,6%
tomate	101,6%
corvina	84,6%
mamão	83,8
abacaxi	81,1%
maçã	80,5%
sardinha	77,9%
carne salgada	77,7%
suco de frutas	72,9%
refeições (local de trabalho)	71,4%
anchova	64,9%

Fonte: Fundação Getúlio Vargas. Observação: a inflação acumulada no primeiro trimestre, de janeiro a março, foi de 35,5%.

Luiz Carlos David

O chuchu está a Cr$ 400 nas feiras e a Cr$ 380 na Cobal: subiu 749% em três meses

Produção é menor do que consumo

Uma safra de grãos estacionada há anos em 50 milhões de toneladas, enquanto a população cresce cerca de 2,5% ao ano; a quebra da safra das hortaliças, devido a longa estiagem; o fato de a comercialização estar apenas no início, e a expectativa contínua de alta da inflação são alguns dos problemas apontados pelo economista Tito Riff, do Centro de Estudos Agrícolas da FGV, para explicar a elevação do custo da alimentação, no início deste ano.

Segundo Tito Riff, esse problema de estreitamento da oferta de alimentos, principalmente no que diz respeito aos grãos, que são os produtos básicos de alimentação da população brasileira, é extremamente sério. Grosso modo, com a safra de grãos estacionada, desde 1979, e a população aumentando a 2,5%, ao ano, pode-se dizer, afirmou Riff, que há uma queda **per capita** na disponibilidade desses produtos de 12,5%, nos últimos cinco anos.

A produção de hortigranjeiros, observou ainda, também tem crescido em níveis inferiores ao da necessidade de consumo, sendo insuficiente, o que explica a especulação de preços no que diz respeito aos legumes, frutas e verduras.

Quanto à estabilidade na safra de feijão, arroz, trigo, milho, centeio, cevada e aveia — os grãos — no nível de 50 milhões de toneladas, segundo ele, tem sido causado por vários fatores. Destacou os problemas climáticos, como enchentes e estiagens, a reversão no sistema de incentivo à agricultura — "com o aguçamento da crise econômica, a prioridade agrícola passou a ser questionada e os subsídios ao setor sofreram corte acentuado" — e a consequente queda no ritmo da expansão das fronteiras agrícolas do País.

Antes da crise econômica e da recessão, lembrou Tito Riff, a área plantada vinha se expandindo sobretudo no Centro-Oeste e na Rondônia. Com a crise e o maior controle do crédito voltado para o setor — "para manter uma certa parcela do financiamento ao custeio, o Governo reduziu o crédito dirigido aos novos investimentos" — houve uma perda de dinamismo na expansão das fronteiras agrícolas.

Esgotamento de estoques

Um outro problema sério, de acordo com o economista, é fato de o Governo ter utilizado o estoque de grãos que detinha, no final do ano passado, para conter a alta dos preços. Sem estoques, apesar de algumas produções terem aumentado de volume este ano — unindo-se a safra das águas e a safra das secas a oferta global disponível ficou no mesmo nível. Um bom exemplo é o caso do feijão.

Em 1983, a produção de feijão foi de 1,6 milhão de toneladas. Como o Governo possuía um estoque de 600 mil toneladas, o total ficou em 2,2 milhões. A produção este ano será de 2,1 a 2,2 milhões e a oferta será a mesma que a do ano passado, já que os estoques acabaram. Sabendo que o Governo não tem margem de manobra para frear a especulação, os produtores têm aumentado o custo da saca de feijão, que já está em Cr$ 100 mil no caso da saca do feijão de cor (Cr$ 1,6 mil por quilo). Esse fenômeno só poderá ser remediado por meio de importações do produto.

Próximos 3 meses serão decisivos

Brasília — Os próximos três meses serão decisivos para a estratégia governamental de concluir o preparo do terreno para a retomada do crescimento econômico no segundo semestre de 1984, revelou o secretário de planejamento de Ministério do Planejamento, José Arantes Savazini. O dilema do Governo, segundo o assessor, é fazer a inflação cair porque, caso contrário, todo o esforço de ajustamento da economia brasileira irá por terra.

Pelos dados de Savazini, hoje um dos principais assessores do Ministro do Planejamento, Delfim Neto, a economia brasileira no primeiro trimestre apresentou dados animadores. Citou como marca dessa eficiência, o controle da política monetária, o vigor das exportações, a melhoria na **performance** do déficit público e o acerto definitivo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que permitiu ao país saldar seus compromissos já vencidos. O gargalo, reiteirou com ênfase, está do lado da inflação, especialmente no comportamento dos preços agrícolas.

Melhora em 84

Os atos do Ministro Delfim Neto nos últimos 15 dias, e em particular no decorrer da semana passada, confirmaram as palavras de Savazini. Contrariando uma tradição que vem desde que assumiu o Ministério do Planejamento, Delfim permaneceu em Brasília de segunda a sexta-feira: habitualmente, ele segue para São Paulo às quartas-feiras à noite. Mais inusitados ainda foram as seguidas reuniões que manteve com os presidentes das federações estaduais do comércio e da indústria, num total de mais 40 empresários. A todos, o Ministro alertava para a necessidade de uma mobilização geral da iniciativa privada no sentido de reverter a atual tendência inflacionária.

Savazini disse que esse tipo de conversa vai continuar e lembrou o tipo de arma existente em mãos do Governo para vencer a chamada "inflação agrícola", via importação. Citou como exemplo o que aconteceu com os preços agrícolas no decorrer do segundo semestre de 1983, onde a disparada nos preços do milho, por exemplo, apanhou as autoridades econômicas de surpresa.

Agora — lembrou — já existe folga para a importação de produtos agrícolas e a Secretaria Especial de Abastecimento e Preços (Seap) autorizou a importação de feijão preto na semana passada, para combater a especulação. Em 1983, isso não podia ser feito, pois a prioridade absoluta era obter o saldo comercial de 6 bilhões de dólares.

Como os Ministérios da Fazenda e do Planejamento já admitem um superávit comercial este ano perto de 11 bilhões — 2 bilhões de dólares acima do acertado com o FMI, a folga pode ser utilizada pelo Governo na autorização de importações de produtos primários ou na proibição de exportações de gêneros essenciais, caso do milho. Com a entrada da safra agrícola de abril, comentou Savazini, é possível esperar uma queda ainda maior da inflação. Um exemplo mostra a pressão dos produtos agrícolas na inflação de março: enquanto os preços agrícolas subiram, no atacado, 14%, os preços industriais cresceram apenas 8,2%.

A estratégia do Ministro Delfim Neto é clara: ele busca uma queda paulatina, mês a mês, da inflação, trazendo em contrapartida uma recuperação lenta, mas duradoura da economia. Na hipótese de a inflação persistir em patamares elevados, o Governo será obrigado a adotar medidas ainda mais amargas e restritivas do lado do crédito. Dentro desse quadro, os índices de inflação dos meses de abril, maio e junho serão fundamentais para a definição dos rumos da economia brasileira a partir de julho.

Aguinaldo Ramos

Foi normal o funcionamento dos postos no primeiro sábado, em quase cinco anos, em que voltaram a vender gasolina. Os donos de automóveis a gasolina gostaram da decisão do Governo de permitir novamente a venda até às 20 horas de sábado, pois assim não mais terão de enfrentar os congestionamentos nos finais das tardes de sexta-feira, para reabastecer. Essa é, por exemplo, a opinião de Josemilson Figueiredo, um analista do mercado de capitais que abastecia seu Mercedes-Benz no posto da Petrobrás do Parque da Catacumba, na Lagoa. O gerente do posto, Francisco Antônio de Freitas, achou "o movimento normal, como num dia de semana qualquer". Em seu posto, ele vendeu ontem muito mais gasolina do que álcool. Mas nem todos ficaram satisfeitos. Os donos de carros a álcool, acostumados a um atendimento melhor dos postos aos sábados, estranharam. Mesmo assim, o funcionário da Petrobrás Paulo César achou a medida acertada: "Muita gente estava se acostumando a guardar gasolina em casa, o que é uma coisa muito perigosa", afirmou

País substitui em três anos US$ 3 bilhões em mercadorias importadas

São Paulo — Com a substituição de manufaturados, de óleo combustível e de gasolina, o Brasil economizou, nos últimos três anos, cerca de 3 bilhões de dólares em divisas, de acordo com estimativas de empresários. A lista de substituição de importações é extensa e inclui desde componentes eletrônicos, microfundidos de alta tecnologia, até o papel-moeda (fabricado pela Papel Simão, em Salto, no interior de São Paulo). Somente os manufaturados representam uma economia de cerca de 1 bilhão de dólares, conforme cálculo dos empresários.

O presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), Laerte Setúbal Filho, observa que qualquer análise sobre as importações deve levar em consideração que "no início da recessão houve redução das compras no exterior e hoje muita coisa já é produzida no país". A própria indústria da informática tem hoje grande parte de seus produtos com alto índice de nacionalização, o que não seria possível há quatro anos, destaca Firmino Rocha de Freitas, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Elétrica e Eletrônica (Abinee).

Levantamento

Na última semana, a Abinee concluiu um levantamento que revela que, somente nessa área, ocorreu, em 1983, uma substituição de importações da ordem de 150 milhões de dólares.

Firmino Rocha de Freitas, presidente da Abinee; Jamil Aun, diretor de comércio exterior da Federação das Indústrias do Estado de São paulo (FIESP); e Pedro Armando Ebehardt, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças, têm a mesma opinião: a crise econômica e o desemprego seriam bem piores, caso não tivesse ocorrido uma substituição de importações no país.

Com base no lenvatamento realizado pela Abinee, o superintendente da entidade, Eduardo Pimentel, observa que a substituição permitiu à indústria nacional começar a produzir componentes como capacitores cerâmicos, eletrolíticos, de mica e poliéster, conectores, terminais, resistores, chaves ferrites, circuitos impressos e semicondutores. Mas a Cacex abandonou o programa ao obter os primeiros saldos na balança comercial.

— Os empresários, por sua vez, não deixaram o programa de lado, pois temem dificuldades na importação de alguns componentes, no futuro. Muitos deles continuam no processo de substituição de importações — destacou Pimentel.

Cláudio Bardella — vice-presidente da FIESP e coordenador do conselho superior de economia da entidade que, em 1975, defendia a criação de um incentivo para produção de componentes no país — destaca que, nos últimos três anos, a substituição de importações na área de manufaturados gerou empregos e permitiu uma economia de divisas que pode superar 1 bilhão de dólares.

Setor químico

Essa economia de divisas em importações também atingiu o setor químico. O presidente da Dow Química, Enrique Soca, ressalta que o saldo positivo na sua balança comercial, nos últimos três anos, "é um resultado claro da substituição das importações".

O presidente do Grupo Ultra, Paulo Cunha, admitiu, em reunião com empresários, que a indústria química, mesmo sem substituir diretamente importações, passou a utilizar em alguns casos outros produtos fabricados no país: "Por exemplo, um tipo de pigmento amarelo especial acabou sendo substituído por um simples pigmento amarelo, sem prejudicar a qualidade do produto".

Na área bélica, as substituições de importações foi sensível, segundo dirigente da Engesa. Nesse período, o Brasil passou a produzir canhões. Antes, para equipar os blindados leves Urutu, Cascavel e Jararaca, a Engesa importava os canhões da França. Com a criação da Engex, na Bahia, começou a produzir uma série de tipos de canhões, que também são exportados.

Através da Engetrônica, o grupo Engesa está se preparando para produzir equipamentos de instrumentação para aviação, com a tecnologia da Collins norte-americana. Os equipamentos serão utilizados nos aviões da Embraer — outra empresa que também substitui importações: ela se prepara para produzir trens de pouso, até agora importados.

A própria Embraer recebeu do Centro Técnico Aeroespacial um simulador de vôo do Tucano, que, se fosse comprado no exterior, custaria 1 milhão de dólares. A tecnologia do CTA foi repassada às empresas ABC/Eska, que produzirão o simulador.

Para o empresário Jamil Aun, que o preside o grupo Simão, falta ao país uma política definida que incentive a indústria, inclusive através do Imposto de Renda.

— Substituímos cerca de 1 bilhão de dólares em três anos, mas se poderia fazer mais, caso tivéssemos uma política definida, que não fosse imediatista.

O diretor superintendente do grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, é mais radical: "Tudo pode ser produzido aqui. É só querer. Nosso grupo é potencialmente um substituidor de importações e vamos continuar desta maneira, além de gerar, hoje, divisas com exportações".

MÍLTON F. DA ROCHA FILHO

Indústria economiza com energia nacional

São Paulo — A maior vitória da indústria na área de substituição de importações ocorreu com o óleo combustível — derivado de petróleo importado — por biomassa e energia elétrica. As indústrias conseguiram substituir mais de 1 bilhão de dólares com a troca do óleo por fontes alternativas de energia. A revelação é do presidente do grupo Simão, Jamil Aun, lembrando que, além da economia de óleo combustível, essa substituição foi feita, também, com a utilização de caldeiras nacionais. O setor de papel e celulose substituiu, de 1979 até o ano passado, o equivalente a 600 milhões de dólares, trocando o óleo combustível por fontes alternativas, conforme levantamento da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC).

Os números da ANFPC mostram que, em 1979, o setor consumia, anualmente, 304 mil toneladas de combustíveis alternativos, chegando, no ano passado, a 988 mil toneladas. Em 1979, eram consumidas 1 milhão 794 mil toneladas de combustível importado, quantidade reduzida no ano passado para 635 mil toneladas.

A substituição não foi um êxito apenas na área de papel e celulose. No setor de cimento, os grandes grupos como Votorantim, Moinho Santista, Champalimaud e outros trocaram caldeiras movidas a óleo combustível por caldeiras a carvão.

Metalúrgicos anunciam início de "operação tartaruga" no ABC

São Paulo — A diretoria cassada do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, liberada pelo ex-presidente Jair Meneguelli, anunciou ontem que a "operação tartaruga" marcada para ter início amanhã, já foi iniciada espontaneamente, em algumas indústrias de São Bernardo do Campo, entre elas a Volkswagen Caminhões. O objetivo dos líderes do movimento, é reduzir em 50% a produção prevista para um mês de trabalho.

Nova assembléia, lotou ontem outra vez as dependências do Sindicato local, que teve a porta arrombada pelos trabalhadores. O interventor federal Oswaldo Pereira D'Aguiar Baptista deixou fechada a sede da entidade. Apesar do arrombamento, a assembléia transcorreu sem nenhum incidente.

Unanimidade

A nova assembléia serviu para ratificar a decisão da reunião realizada na noite anterior, levando para o Sindicato 4 mil operários dos turnos da noite das indústrias da região. Mais uma vez, por unanimidade, os trabalhadores recusaram a proposta patronal, de um reajuste igual ao INPC de abril (69,9%) e mais um abono de emergência de um salário para as empresas com mais de 7 mil empregados, ou 50% do salário para as empresas menores.

O dirigente cassado informou que a "operação tartaruga" começou anteontem na Volkswagen Caminhões, onde "a ação de apenas 20 companheiros reduziu a produção diária de 24 para 14 unidades". O mesmo, segundo ele, ocorreu na Perkins, cuja fabricação de motores caiu de 120 para 80. Registrou-se diminuição do ritmo da produção em empresas de grande porte como a Saab-Scania, e PRW-Gemmer.

Segundo os dirigentes cassados do Sindicato, a maior parte das grandes montadoras, além de outras empresas como a Brastemp, produziu grandes estoques nos últimos meses, "com o objetivo de se prepararem para a greve, que julgavam inevitável, deivido a decisão de não atender à nenhuma reivindicação importante dos metalúrgicos." Confirmaram que montadoras como a Volkswagen e a Ford estocaram seus veículos "no meio do mato", ou seja, em municípios e bairros próximos ao ABC.

Diretores das grandes montadoras admitiram, ontem à tarde, voltar à mesa de negociações, tentando um acordo com os metalúrgicos de São Bernardo, informou um de seus representantes. Também o diretor do Departamento Sindical da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Roberto Della Manna, admitiu diminuir de quatro para três as parcelas referentes ao pagamento do abono.

Os líderes do movimento do ABC, até o final da tarde de ontem, ainda não tinham decidido, se aceitam ou não a proposta. No interior, os sindicatos de Metalúrgicos de Taubaté e Sorocaba aceitaram a proposta do Grupo 14 da Fiesp (reajuste do INPC, mais abono), enquanto o de São José dos Campos ficou de decidir em assembléia marcada para hoje. O Sindicato de Itu decide quarta-feira.

Produção pode cair em até 50%

São Paulo — A "operação tartaruga", nas principais indústrias de São Bernardo do Campo, Diadema e Santo André, afetará, em maior escala, as montadoras de veículos. Aplicada de uma forma gradativa, a operação poderá reduzir, em até 50%, a capacidade de produção de veículos da Ford, Volkswagen, Saab-Scania e Mercedes-Benz.

As quatro montadoras, que deverão ser afetadas pela "operação tartaruga", produzem, em média, 1 mil 400 veículos diários. A maior fabricante é a Volkswagen, com cerca de 1 mil 300 carros por dia. Na Volkswagen, uma simples redução no ritmo de transporte de peças do almoxarifado para a linha de produção tem reflexos imediatos na montagem final dos automóveis.

Na semana passada, na Volkswagen Caminhões, que produz 20 unidades diárias, os metalúrgicos realizaram um teste da "operação tartaruga" e os resultados foram considerados por eles satisfatórios: em apenas dois dias, a produção caiu de 20 para 15 caminhões.

Mas a indústria automobilística, de uma maneira geral, também se preparou para enfrentar possíveis paralisações dos metalúrgicos. A General Motors deu férias coletivas para os trabalhadores da linha Chevette, já que tem 3 mil 500 carros desse modelo nos pátios. Na GM, porém, não deverá ocorrer "operação tartaruga", pois o sindicato dos metalúrgicos de São Caetano negocia em separado do grupo do ABC, e junto com a Federação dos Metalúrgicos, que representa 32 sindicatos do interior.

A Volkswagen tem 15 mil veículos estacionados em seus pátios, boa parte destinada à exportação. A Ford, por sua vez, tem 5 mil veículos estocados, apesar da exportação feita, na semana passada, de 2 mil 700 "Escort" para a Escandinávia. Nas indústrias de caminhões, como a Mercedes-Benz, Saab-Scania e Volkswagen, os estoques são considerados razoáveis pelos empresários.

Acesita consegue ter lucro em 83 depois de sete anos de prejuízos

Timóteo, MG — A injeção de Cr$ 321 bilhões 910 milhões em 1983 possibilitou à Acesita — Cia. Aços Especiais Itabira, depois de sete anos, registrar lucro líquido, ainda que contábil, de Cr$ 62 bilhões 815 milhões. Mas seus diretores garantem que o projeto está consolidado e que, este ano, as vendas crescerão 15% e a produção será de 545 mil toneladas de acabados de aço, gerando Cr$ 580 bilhões, se a inflação for de 160%, possibilitando lucro operacional.

Localizada em Timóteo, no Vale do Aço, a Acesita precisa investir ainda 50 milhões de dólares, dos 750 milhões programados para a expansão, iniciada em 1974, de 240 mil toneladas/ano para 600 mil toneladas/ano, que deverá estar concluída no próximo ano. Mesmo sem ter montado todos os equipamentos (já comprados), o diretor industrial da usina, Renato Barbosa da Silva, assegura que este ano, graças à otimização dos equipamentos e à absorção da tecnologia pelo pessoal, será possível produzir acima de sua capacidade, chegando a 670 mil toneladas de aço líquido, mais 14,3% em relação a 1983.

Exportação

O presidente da Acesita, ex-Governador Francelino Pereira, disse que, graças a essa otimização dos equipamentos, já em 1985 será possível pensar na segunda fase. Pelo projeto original, ela elevará a capacidade nominal da usina para 1 milhão de toneladas/ano de aço líquido. Ainda na lista das privatizáveis, a Acesita somava, no final de 1983, Cr$ 188 bilhões em prejuízos acumulados e Cr$ 616 bilhões 110 milhões de financiamentos. Deve investir este ano Cr$ 30 bilhões na segunda linha de recozimento e decapagem do laminador, na reforma do alto forno-1 e no projeto de energia alternativa.

No ano passado, a Acesita vendeu, em 29 países, 139 mil 939 toneladas de produtos siderúrgicos, obtendo uma receita de 40 milhões 600 mil dólares e saldo favorável na balança comercial de 16 milhões 400 mil. A sua receita bruta de vendas e serviços somou Cr$ 185 bilhões 682 milhões (mais 152,6%). Segundo relatório da diretoria, a receita poderia ter sido maior, não fosse o ritmo muito lento da recuperação dos preços internos, devido ao controle do CIP.

Com relação à comercialização, a estimativa é colocar este ano, no exterior 40% da produção, ou 220 mil toneladas. As 330 mil 938 toneladas de aço vendidas no mercado doméstico pela Acesita, em 1983, representaram para o país uma economia de 108 milhões 500 mil dólares, segundo seus diretores.

Plena carga

Fundada em 1944 e operando desde 1949, a Acesita é considerada a mais moderna siderúrgica do mundo no setor de aços especiais a carvão vegetal. No exterior, seus principais compradores são os Estados Unidos, Irã, China, países da Ásia e da América Latina. A sua linha básica de aços planos é a seguinte: inoxidáveis laminados a frio (exclusividade), aços silícios para fins elétricos, aços alto carbono e ligados. A outra linha é a de aços não planos, que representam 40% em peso e 25% em valor das vendas da usina.

— Nós estamos, operacionalmente, muito bem — garante o diretor-industrial da Acesita, ao revelar que a carteira de inoxidáveis está comprometida pelos próximos 10 meses. Destinado basicamente aos fabricantes de talheres, a usina está colocando no mercado entre 5 mil e 5 mil 500 toneladas/mês desse produto, e exportando outras 500 toneladas/mês.

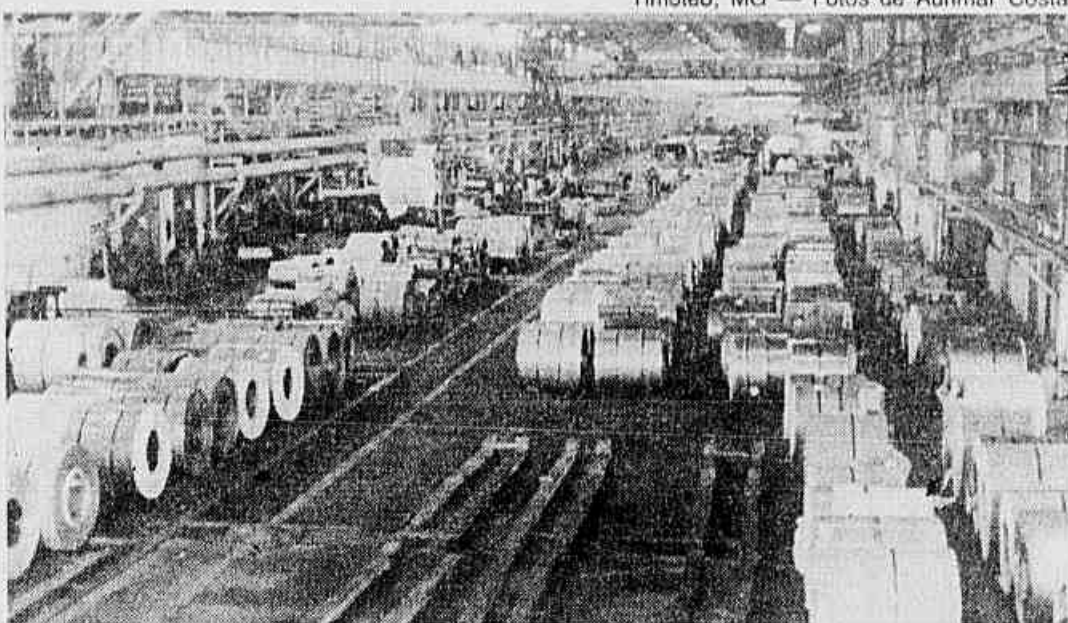
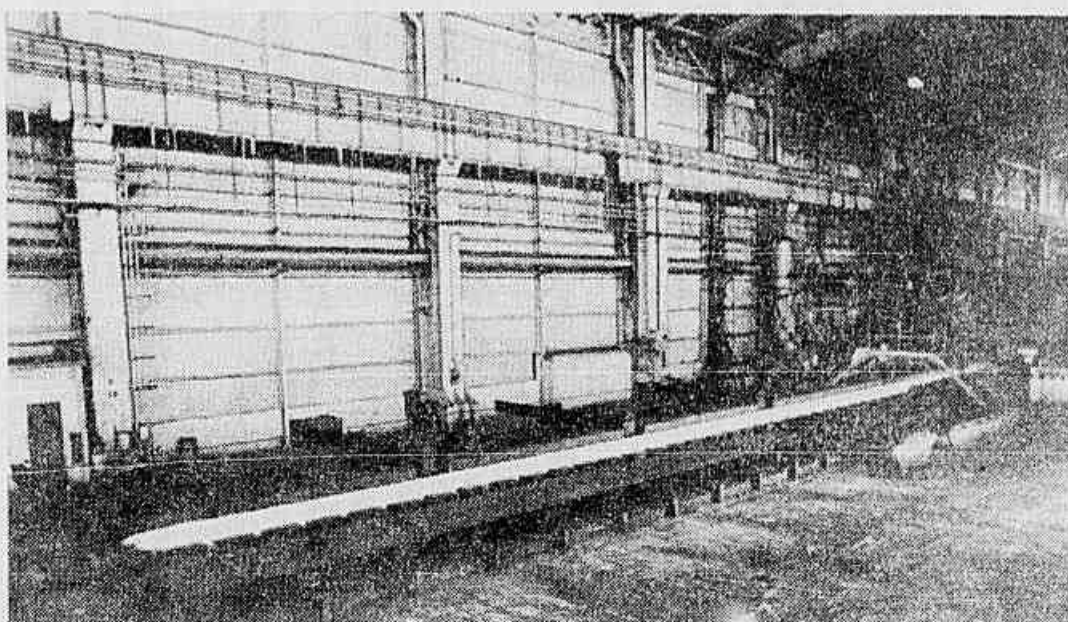
Na linha de aço silício, os de grãos orientados, de tecnologia mais avançada, destinados aos transformadores e geradores das grandes obras hidrelétricas, o mercado está recessivo para a Acesita, que procura contrabalançar ocupando as instalações com outros produtos, como os de grão não orientado. Estes, segundo Renato Barbosa da Silva, estão com uma saída média de 3 mil 500 toneladas/mês, sendo 50% no exterior. A venda dos aços planos de alto carbono e ligados (baixa liga), destinados à fabricação de implementos agrícolas e à relaminação (tubos, estampagens, componentes de máquinas, amarras), tem girado em torno das 18 mil toneladas/mês, com 30% a 40% para o exterior.

Ao receber recursos de Cr$ 321 bilhões 910 milhões, em 1983, sendo Cr$ 115 bilhões 800 milhões a título de aumento de capital (o Banco do Brasil assumiu 82,04), a Acesita alterou substancialmente a relação capital próprio e capital de terceiros. Os equipamentos que ainda restam ser montados para concluir a primeira fase de expansão, segundo o presidente da Acesita, não aumentarão o endividamento. A usina terá um índice final de nacionalização em peso de 70%.

— O país investiu na Acesita porque precisava substituir importações anuais de 400 milhões de dólares. Isso está sendo conseguido — garante o diretor industrial, ao afirmar que a usina tem hoje o que há de mais moderno em equipamentos.

Paralelamente aos investimentos com a expansão, a Acesita realizou o programa de substituição de derivados de petróleo por energia renovável: **moinha** e alcatrão (derivados da queima da madeira para obtenção de carvão) e gás de alto-forno. O gás de alto-forno, que ainda não é totalmente aproveitado por falta de condições de armazenamento, já é queimado em substituição ao óleo combustível e, nas unidades de recozimento e de recapagem do aço (laminador a quente), no lugar do diesel. O seu rendimento é um décimo do óleo combustível, com 1 mil k/cal.

Já o alcatrão, recuperado pela Florestal Acesita (subsidiária da Acesita) em suas baterias de carvoejamento espalhadas pelo Vale do Rio Doce e do Jequitinhonha, tem um rendimento de 60% do óleo combustível e foi aprovado nos fornos e reaquecimento. A produção atual da Florestal é de 70 toneladas/mês, devendo chegar, até o final do ano, a 400 toneladas/mês, que substituirão 13,88% de óleo queimado mensalmente pela usina, que é de 1 mil 800 toneladas.

Timóteo, MG — Fotos de Aurimar Costa

A Acesita vendeu ano passado produtos siderúrgicos para 29 países

A linha de laminação a quente está entre as mais modernas do mundo

Exportação reativa economia, mas falta a inflação diminuir

São Paulo — O crescimento das exportações está reativando vários setores industriais, que compensam, com as vendas no mercado externo, a retração verificada internamente. Pelo menos 15 setores apresentarão aumento em suas exportações este ano, entre eles o de calçados, que está conseguindo colocar no mercado internacional 70 milhões de dólares mensais.

Empresários observaram, na última semana, que um reaquecimento total da economia somente ocorrerá a partir do momento em que a inflação declinar, como ressaltaram os presidentes da Ford Brasil, Robert Gerrity; do grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter; da Federação das Indústrias do Estado (FIESP), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho; da Anderson Clayton, Donald Wilson; e da Câmara Americana de Comércio, Knowlton King.

Mercado interno

Fora da área de exportação, alguns setores estão apresentando reativação, em conseqüência das vendas internas, como os produtos primários, principalmente agricultura e mineração, e os fabricantes de tratores e caminhões. As vendas de tratores cresceram 5% em fevereiro último, em relação a janeiro, e as de caminhões aumentaram 16,7%. Em março, essas vendas continuaram "muito bem", segundo revendedores ligados à Associação Brasileira de Distribuidores de Veículos (Abrave).

Depois de uma queda de 15%, em 1983, o presidente do Sindicato da Indústria de Calçados de São Paulo, Sebastião Burbulhan, observou que as vendas de calçados no mercado interno continuam fracas.

— O que a indústria está conseguindo é exportar, mantendo, assim, o pessoal empregado. O produto brasileiro é de qualidade internacional. A indústria brasileira está mostrando que tem competência nas suas vendas externas, pois oferece produtos a preços competitivos — destacou.

Entre os produtores de suco de laranja, as exportações continuam em "bom ritmo", com perspectiva de atingir 900 milhões de dólares este ano, principalmente pela falta do produto no mercado norte-americano, observam dirigentes da Associação Brasileira da Indústria de Sucos (Abrassuco).

Outro setor com bom comportamento nas vendas externas é o de autopeças. O presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças, (Sindipeças), Pedro Eberhardt, ressaltou que o mercado externo está recebendo bem o produto brasileiro.

— Estamos, também, em boa situação no mercado interno, pois os fabricantes de tratores e caminhões aumentaram suas produções. Quanto aos automóveis, creio que poderá haver uma evolução melhor a partir de maio. Com o reaquecimento do setor, readmitimos cerca de 4 mil funcionários, do início do ano até agora — afirmou.

Ampliação de metas

O presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), Laerte Setúbal Filho, informou que o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, está solicitando a vários setores industriais que ampliem suas metas de exportação, prometendo, inclusive, resolver alguns entraves burocráticos para que isso ocorra.

— Essas reuniões com empresários exportadores e o Ministro deverão continuar. É possível ampliar as vendas externas, desde que contemos com apoio na batalha de desburocratização — afirmou Laerte Setúbal Filho.

O vice-presidente da FIESP, Cláudio Bardella, alertou que é preciso tomar "muito cuidado" com o avanço das exportações, principalmente para os Estados Unidos, uma vez que o déficit norte-americano é grande e, no próximo ano, "alguma coisa será feita para reduzi-lo", o que pode prejudicar o avanço das exportações brasileiras.

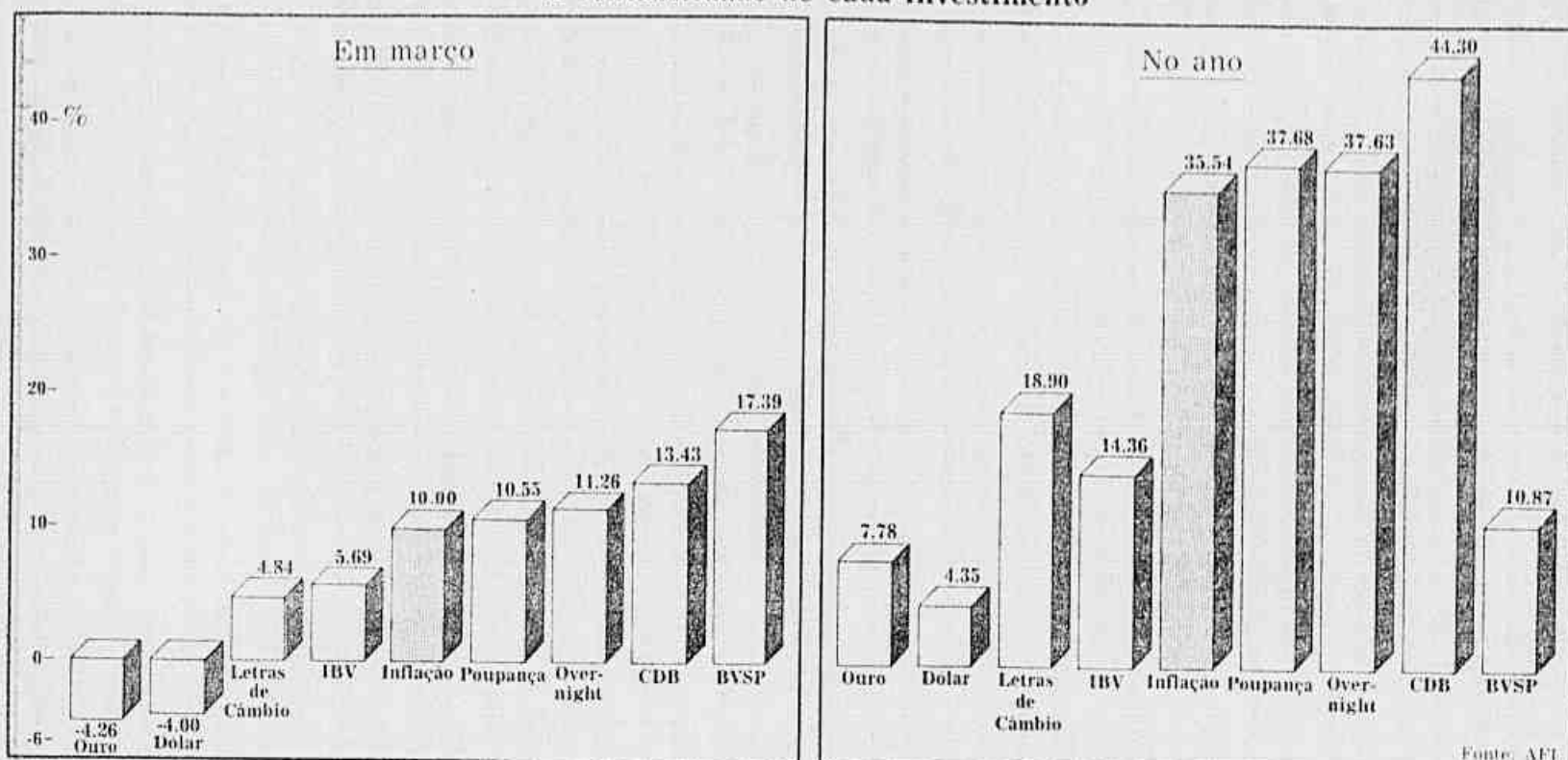
O AVANÇO DAS EXPORTAÇÕES
(em dólares)

Setores	1983	1984
Automóveis	1 bilhão 300 milhões	1 bilhão 600 milhões
Autopeças	750 milhões	900 milhões
Sapatos	550 milhões	840 milhões
Papel e celulose	550 milhões	1 bilhão
Máquinas e equipamentos	1 bilhão 200 milhões	1 bilhão 300 milhões
Químicos	582 milhões	700 milhões
Elétricos/eletrônicos	700 milhões	1 bilhão
Café solúvel	264 milhões	320 milhões
Bélicos	500 milhões	600 milhões
Aço	1 bilhão 200 milhões	1 bilhão 500 milhões
Suco de laranja	580 milhões	900 milhões
Carne industrializada	347 milhões	500 milhões
Têxteis	616 milhões	800 milhões
Alumínio	200 milhões	300 milhões

Fonte: Sindicatos Industriais, AEB e associações industriais.

Caputo

A rentabilidade de cada investimento

Fonte: AFI

Ação, CDB, "open" e poupança dão ganho real

Apesar de contraditório, o investimento em ações beneficiou apenas, medindo-se o desempenho dos papéis com base nos índices de lucratividade, quem aplicou na Bolsa de Valores de São Paulo, mercado tradicional dos títulos de empresas nacionais de segunda e terceira linhas. A valorização do Índice Bovespa em março foi de 17,39%, colocando o investimento em ações como o melhor no mês passado. A inflação ficou em 10%.

Os negócios com Certificados de Depósitos Bancários (CDBs), de bancos de primeira linha, com prazo de 180 dias, estão remunerando muito bem os investidores, que em março ganharam 13,43% e no ano já estão tendo de rendimento acumulado 44,3%, o desempenho mais expressivo até o final de março. O estudo foi elaborado pela AFI — Associados em Finanças e Investimentos Ltda.

Perderam para a taxa de inflação em março, as ações negociadas na Bolsa do Rio (as mais líquidas), inclusive as **blue chips**, que são consideradas para cálculo do Índice Geral de Lucratividade—IBV, com valorização de 5,69%, o que no trimestre representa um acumulado de 14,36%. Em fevereiro o índice teve uma perda média de 10,45% contra uma inflação de 12,3%. As Letras de Câmbio, o dólar e o ouro (os dois últimos com quedas) também ficaram aquém.

As aplicações a curtíssimo prazo (**overnight**) no mercado aberto renderam em março 11,26%, em termos brutos. Descontando 8% de Imposto de Renda e taxa de administração, cobrada por algumas instituições financeiras, a remuneração líquida fica em torno de 10,35% no mês. Bancos, dependendo da quantia aplicada, pagam aos investidores taxas mais baixas.

A caderneta de poupança, que rende correção monetária mais 6% de juros anuais, tem ficado em uma posição confortável nos últimos meses, com a correção equiparada à inflação. Este mês os aplicadores que depositaram seus recursos em cadernetas receberão 10,55% de remuneração, o que implica uma rentabilidade acumulada em três meses de 37,68%, superior portanto à inflação de 35,5%.

As taxas médias das Letras de Câmbio de 180 dias das financeiras variavam no final de março entre 245% e 240%, o que representa 4,84% no mês. Em termos acumulados a aplicação em CC rendeu 18,9%, de acordo com o estudo da AFI.

O dólar negociado no mercado paralelo de câmbio, que chegou a atingir Cr$ 1 mil 600 no início de março, não manteve no decorrer do mês preço, que declinou continuamente. No dia 29 de março o preço era de Cr$ 1 mil 440, com uma desvalorização de 4% no mês, reduzindo assim a valorização anual para 4,35% (em fevereiro era de 8,7% acumulada).

Acompanhando a desvalorização do dólar, o ouro apresentou uma baixa de 4,26% no mercado interno no mês passado. Nos três primeiros meses, calcula a AFI, sua valorização foi de apenas 7,78%. O grama do ouro cotado a Cr$ 1 mil 880 no fim de fevereiro caiu para Cr$ 1 mil 800 em março.

Amanhã é o último dia para IR

Brasília — Amanhã é o último dia para a entrega das declarações de renda dos contribuintes com imposto a pagar e que optaram pelo parcelamento, e também dos que têm direito à restituição. Os bancos comerciais de todo o país ficarão abertos até às 22 horas para receber as declarações e a Receita Federal não mais adiará o prazo.

O contribuinte com direito à restituição não deverá descumprir o prazo, pois técnicos da Receita Federal asseguram que declarações atrasadas têm mais chances de cair na **malha fina** — sistema de conferência de dados, usado para detectar a sonegação. Além disso, ao atraso na entrega do documento corresponderá igual demora na entrega, pelo Correio, do cheque de devolução do imposto retido na fonte.

Para aqueles que cumprirem o prazo, a Receita tem um recado estimulante: as devoluções — que deverão totalizar neste ano Cr$ 1 trilhão 400 bilhões — começarão a ser feitas em junho e todos deverão recebê-las até setembro.

Casais separados que se cuidem. O **leão** analisará detidamente as despesas contabilizadas no item pensão alimentícia, checando as declarações de cada um dos cônjuges. Também atrairão a atenção do fisco as despesas com médicos, dentistas e psicólogos. O contribuinte deverá declarar apenas valores passíveis de comprovação, através de recibos e qualquer despesa nesta área superior a 5% da renda bruta do declarante será considerada suspeita.

As declarações poderão ser entregues em qualquer agência bancária. Se o declarante quiser, não precisará converter o valor da restituição de cruzeiros para Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional — a própria Receita cuidará disso. Se, entretanto, preferir, poderá ele próprio fazer o cálculo, tomando por base a ORTN de janeiro, cujo valor unitário é de Cr$ 7.545,98.

ÍNDICE (%)

	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan 84	Fev	Mar	Abr
INFLAÇÃO												
Mensal	6,7	12,3	13,3	10,1	12,8	13,3	8,4	7,6	9,8	12,	10,0	—
No ano	49,0	67,3	89,6	108,7	135,4	166,6	189,1	211	9,8	23,3	35,5	—
Em 12 meses	118,6	127,2	142,8	152,7	174,9	197,2	206,9	211	213,2	230,1	229,7	—
CUSTO DE VIDA												
Mensal	6,9	11,1	12,5	8,2	9,9	9,7	6,7	8,8	9,9	10,5	9,7	—
No ano	46,9	63,2	83,7	98,7	118,3	139,7	155,4	177,9	9,9	21,4	32,2	—
Em 12 meses	116,2	125,6	136,9	143,8	156,9	170,2	175,2	177,9	180,3	190,1	191,5	—
PREÇO POR ATACADO												
Mensal	6,6	13,7	14,4	10,1	14,4	15,6	8,7	7,4	10,2	11,9	10,1	—
No ano	51,0	71,7	96,5	116,3	147,6	186,1	211,0	234	10,2	23,3	35,8	—
Em 12 meses	121,2	130,3	149,9	162,7	190,8	219,3	229,7	234	235,2	255,2	253,8	—
CONSTRUÇÃO CIVIL												
Mensal	7,2	5,1	6,6	16,9	8,9	5,1	12,1	4,9	5,9	21,7	9,4	—
No ano	41,3	48,4	58,3	83,0	101,5	111,6	137,2	148,9	5,9	28,9	41,0	—
Em 12 meses	106,8	109,5	111,8	111,7	121,6	125,5	142,9	148,9	153,9	174,3	177,0	—
CORREÇÃO CAMBIAL												
Mensal	8,50	10,0	12,7	9,65	10,0	14,09	8,56	7,66	9,8	12,3	10,06	—
No ano	95,36	114,9	142,2	165,6	192,35	233,32	261,56	289,4	9,8	23,239	33,768	—
Em 12 meses	200,7	213,5	234,9	246,5	265,4	279,82	285,05	289,4	292,33	218,017	219,73	—
UPC	—	—	26,9	—	—	29,5	—	—	27,95	—	—10.235,07	
ORTN Cr$	3.911,61	4.224,54	4.554,05	4.963,91	5.385,84	5.897,49	6.469,55	7.012,99	7.545,98	8.285,49	9.304,61	10.235,07
CORREÇÃO MONETÁRIA	9,0	8,0	7,8	9,0	8,5	9,5	9,7	8,4	7,6	9,8	12,3	10,0
INPC												
Mensal	5,63	6,84	12,63	9,51	9,52	13,02	7,18	7,13	9,78	8,92	—	—
No ano	45,71	55,68	75,34	92,01	110,29	137,67	171,2	172,9	9,78	19,57	—	—
Em 12 meses	113,41	112,16	124,31	131,69	142,24	163,53	171,2	172,9	170,27	175,5	—	—
Reajuste Salarial semestral	47,5	52,9	55,0	44,48	46,48	62,4	64,2	72,2	74,8	75,3%	70,9	69,9
ALUGUÉIS												
— Residenciais	98,19	103,41	102,07	89,73	99,45	105,35	113,79	130,82	136,9	138,32	136,23	140,86
— Comerciais (igual a Correção Monetária em doze meses)	120,28	125,50	130,42	136,94	140,26	145,88	152,08	156,79	159,22	168,52	182,62	185,21
DÓLAR PARALELO (1)												
Preço de Venda (Cr$)	640,00	780,00	900,00	990,00	1.240	1.250	1.240	1.160	1.400	1.340	1.550	—
Dólar Oficial (1)	454,93	493,97	542,92	611,92	671	738	842	914	998	1.080	1.213	—
OURO (Goldmine) (2) Cr$	8.750	10.800	12.500	13.100	16.300	15.100	15.400	15.000	16.750	16.500	19.600	—
OVERNIGHT (taxa SDP)	10,12	9,95	9,81	9,36	8,77	9,0	9,05	8,75	9,55	11,9	10,35	—

(1) Cotação no 1º dia do mês. (2) preço por grama para lingotes de mil gramas, no 1º dia do mês.

BB inicia amanhã a maior venda de ações da história

MERCADO FINANCEIRO

Começa amanhã a maior operação da história do mercado de capitais do Brasil. Um **pool** formado por 74 instituições financeiras de todo o país, liderado pela Invesplan, terá a tarefa de vender em 30 dias, com o auxílio de três mil agências bancárias, quase três bilhões de ações do Banco do Brasil — cerca de 10% do capital da instituição — e arrecadar nada menos do que Cr$ 174 bilhões.

Foram meses de preparativos, dezenas de reuniões até se chegar à fórmula final da operação, aprovada na semana passada pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários). Uma campanha publicitária, divulgada principalmente por veículos de comunicação do interior, precedeu o lançamento: "O investidor do interior nunca foi procurado para comprar ações, e estamos convencidos de que a resposta será positiva", observou o diretor de controle do BB, Sadi Assis Ribeiro Filho.

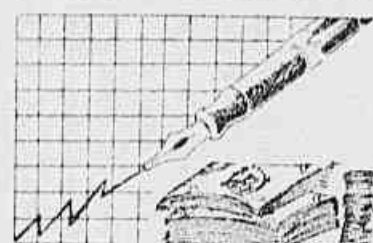
A operação

As vendas serão efetuadas sempre em lotes múltiplos de mil ações (655 ordinárias e 345 preferenciais) ao preço unitário de Cr$ 60, pagos em quatro parcelas iguais e sucessivas de Cr$ 15, sendo a primeira no ato da compra e as demais no dia 5 dos meses de junho, julho e agosto. Os novos acionistas terão direito ao recebimento integral dos dividendos e bonificações que o Banco do Brasil distribuir este ano e receberão os certificados das ações no prazo máximo de 60 dias após a quitação da última parcela (5 de outubro).

Para o Banco do Brasil, não há mais margem de risco. É que o **pool** formado pelas 74 instituições garante a compra de eventuais sobras, isto é, das ações que não forem vendidas ao público dentro do prazo. Entretanto, os responsáveis pela operação descartam esta hipótese. O presidente do Grupo Invesplan, Francisco Sanchez, acredita que, "pelas reservas já feitas, as 2 bilhões 899 milhões 897 mil ações serão vendidas em 15 dias".

A intenção do Banco do Brasil nesta operação pioneira é colocar 80% das ações ofertadas no interior do país e, dessa forma, contribuir para o alargamento da base do mercado acionário. Para tanto, serão utilizadas como pontos de captação as 3 mil agências do banco, a maioria (cerca de 70%) no interior.

— No Brasil, existem 14 mil agências bancárias, todas empenhadas em comprar ou vender dinheiro, alimentando o endividamento das empresas a taxas altíssimas que acaba em um processo de capitalização. Só há esforço institucionalizado de empréstimo de dinheiro e, o país necessita despertar o interesse da poupança interna para o investimento no mercado de capitais e em papéis de risco, disse Francisco Sanchez.

Além do Banco do Brasil, qualquer instituição financeira pode ser acionada para participar da operação bastando entrar em contato com uma das instituições do **pool** garantidor composto por bancos de investimentos, corretores e distribuidoras. Alguns bancos como o Bamerindus, Econômico, Auxiliar e América do Sul têm forte penetração no interior principalmente dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso.

A remuneração dos intermediários da operação foi estabelecida, pelo BB, a taxas inferiores às praticadas pelo mercado, segundo o presidente do Invesplan. A coordenadora e líder do **pool** ficará com uma comissão de 0,2% do total, as instituições garantidoras de 1,5%, e as colocadoras, que pode ser uma instituição do **pool** ou de fora, de 2,5%. O custo é do Banco do Brasil e não dos compradores.

A política do BB

O Banco do Brasil é considerado uma instituição padrão no que se refere ao relacionamento com os acionistas. A política de distribuição de dividendos e bonificações tem-se mantido consistente desde 1907, quando a empresa abriu o capital. A atual gestão do presidente Oswaldo Colin já pagou, de 79 a 83, Cr$ 1 trilhão 715 bilhões em direitos aos acionistas, em valores atualizados. Em 79, o BB pagou dividendo mínimo, estabelecido por lei, de 25% do lucro líquido do exercício. De lá para cá (ver tabela) foi corrigindo monetariamente o dividendo, independente do lucro, observa o diretor Sadi Ribeiro:

— Com a complementação das bonificações, o resultado é que a média dos últimos quatro anos foi de cerca de 70% do lucro, disse ele.

Informou ainda que, em janeiro, foram desembolsados Cr$ 87,4 bilhões para o pagamento aos acionistas. Uma alta fonte do BB admitiu que em julho, a bonificação por desdobramento do número de ações será uma das alternativas analisadas. Observou que não haverá mais o impedimento causado pelas ações em tesouraria e que além disso, o BB não faz uma chamada de capital desde 1977.

Além de manter um departamento exclusivo para o atendimento aos acionistas, no Rio, o BB edita um boletim mensal — Bia — com informações úteis sobre a empresa e o mercado.

GUILHERME BERRIEL

TAXAS ALTERNATIVAS DE FINANCIAMENTO(%)

ao ano	ao mês	ao dia	Preço a vista (Cr$)
181,26	9	0,287672	48,72
213,84	10	0,318206	47,69
249,84	11	0,348472	46,71
289,60	12	0,378477	45,76
333,45	13	0,408223	44,84
373,70	13,84	0,432992	44,10+
381,80	14	0,437716	43,96

Obs: A tabela mostra que o Banco do Brasil esta praticando uma taxa mensal de 13,84% para financiar as ações aos preços médios de sexta-feira passada na BVRJ.

Juros são de 13,8% ao mês

O Banco do Brasil está cobrando ao investidor uma taxa de 13,84% ao mês, o que corresponde 373,70% ao ano, para financiar a operação em quatro meses (126 dias). Esta foi a primeira conclusão de um dos mais conceituados professores de matemática financeira do país ao dividir o preço médio das cotações das ações no pregão de sexta-feira da Bolsa do Rio (de Cr$ 44,10) e comparar com os Cr$ 60, pagos em quatro parcelas de Cr$ 15, fixados pelo Banco do Brasil.

Admitindo como verdadeiras algumas hipóteses, o matemático chega a outras conclusões: se a taxa de financiamento fosse fixada em 10,35% (taxa média aproximada da rentabilidade das aplicações no **overnight** no mês passado) corresponderia a pagar à vista, por algo em torno de Cr$ 47. (ver tabela).

Uma outra hipótese elaborada partiu da premissa de que um investidor que tem economias aplicadas na caderneta de poupança estivesse decidido a comprar ações do Banco do Brasil. A pergunta foi: qual a melhor opção, compra a prazo ou à vista? O professor de matemática financeira, que pediu para não ser identificado, constatou que, mesmo retirando as parcelas a cada mês, o investidor que optar pela compra a prazo sairá perdendo se a taxa de financiamento da compra das ações for menor do que a rentabilidade da caderneta.

É bem verdade — observou — que existe uma variável indefinida que são as cotações das ações daqui a seis meses (quando os títulos poderão ser negociados). Entretanto, uma outra variável como os direitos a serem distribuídos terão os mesmos efeitos para quem comprar à vista ou a prazo. Para o professor de matemática financeira, a pagamento parcelado possibilitará os investidores de pequeno porte se tornarem acionistas do Banco do Brasil, o que nunca foi tentado antes.

Dividendos e Bonificações em espécie — 1979/1983				
VALORES CORRENTES				
PERÍODO	Dividendo(Cr$)	Bonificação(Cr$)	Total (Cr$ bilhões)	acumulado
1979 1º semestre	0,13	0,07	5,9	5,9
2º semestre	0,16	0,09	7,3	13,2
1980 1º semestre	0,20	0,12	9,4	22,6
2º semestre	0,24	0,24	14,1	36,7
1981 1º semestre	0,34	0,38	21,1	57,8
2º semestre	0,48	0,67	33,8	91,6
1982 1º semestre	0,64	0,96	47,0	138,6
2º semestre	0,93	1,07	58,8	197,4
1983 1º semestre	1,44	0,76	64,6	262,0
2º semestre	2,39	0,91	87,4	349,4

Fonte: Banco do Brasil

Empréstimos à Argentina evitam crise

Washington — O Secretário do Tesouro dos EUA, Donald Regan, afirmou ontem que os empréstimos de emergência de 300 milhões de dólares feitos à Argentina anteontem pelo México, Brasil, Venezuela e Colômbia foram cruciais para evitar uma crise imediata do Governo Alfonsín e do sistema financeiro internacional.

Regan disse que a inadimplência da Argentina foi contornada nas últimas 72 horas, em que vários participantes estiveram envolvidos em "negociações febris". Os países latino-americanos que contribuíram para o acordo concluído no último momento, afirmou Regan, "expressaram o seu desejo de cooperar (para prevenir uma crise financeira internacional) e expressaram sua solidariedade com os problemas que a Argentina enfrenta".

Prebish intercedeu

O Secretário do Tesouro revelou que o Governo argentino negociou com o FMI até às 11 horas da noite de sexta-feira as linhas gerais de um programa econômico que "restabelece as bases para o crescimento econômico sustentado e favorece a democracia" naquele país. Disse que essas negociações com o FMI foram a última componente do acordo global concluído. Após o encerramento das discussões sobre o programa econômico — conduzidas da parte argentina pelo economista Raul Prebish, um dos fundadores da Cepal — o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, deu o sinal verde para o Governo americano anunciar o acordo dos empréstimos de emergência, que já haviam sido concluídos na manhã de sexta-feira.

Se a Argentina não tivesse pago aos bancos privados 500 milhões de dólares em juros com atrasos superiores a 90 dias, os seus empréstimos seriam declarados inadimplentes, o que, segundo disse Regan, causaria sérias dificuldades para o sistema financeiro internacional.

O acordo financeiro que permitiu esses pagamentos envolveu um pacote de empréstimos de emergência em que o México, Venezuela, Argentina e os bancos do comitê diretor das negociações da dívida contribuíram com 100 milhões de dólares cada, e o Brasil e a Colômbia participaram com 50 milhões de dólares cada. Os Estados Unidos fornecerão à Argentina 300 milhões de dólares após o Governo Alfonsin assinar a Carta de Intenção ao FMI, o que deverá ocorrer em três ou quatro semanas. A Argentina deverá usar esse crédito-ponte americano para pagar ao México, Brasil, Venezuela e Colômbia, com 1% de **spread** acima da **prime rate** americana (taxa preferencial de juros).

Herzog propôs

O Secretário Regan disse que essa solução foi originalmente proposta pelo Ministro das Finanças do México, Jesús Herzog, há cerca de uma semana, na reunião do BID, em Punta del Leste. Regan não esclareceu se pensa que a Argentina tinha reservas suficientes para saldar os 500 milhões de dólares de juros em atraso sem a ajuda dos países latino-americanos; inclusive do Brasil, que conta apenas com poucos milhares de dólares em reserva desde que o FMI desembolsou cerca de 400 milhões de dólares em meados de março.

O Secretário justificou que a Argentina precisava manter um nível mínimo de reservas para assegurar o fluxo do seu comércio internacional. Ao ser perguntado se, contabilizando essas necessidades mínimas, Buenos Aires ainda dispunha de 500 milhões de dólares, Regan disse que não sabia. O Subsecretário do Tesouro, Beryl Sprinkel, respondeu que as reservas argentinas hoje são "inferiores aos 1 bilhão de dólares que têm sido mencionados pela imprensa, menos os 100 milhões de dólares que foram usados para pagar aos bancos".

Sobre a disposição do Brasil de participar do acordo de emergência apesar de o país dispor de reservas muito inferiores às da Argentina, Regan afirmou que "talvez a população brasileira também concorde em que deveria ajudar ao seu país vizinho". O subsecretário Beryl Sprinkel reconheceu que o Governo argentino contou com a urgência do pagamento aos bancos para fortalecer a sua posição de barganha nas negociações — concluídas literalmente na última hora — pelo economista Raul Prebish com o diretor-gerente Jacques de Larosière, sobre o programa econômico do FMI.

O Secretário-Adjunto do Tesouro, Robert McNamar, disse que o FMI anteontem à noite manifestou-se satisfeito e elogiou o programa concluído com Prebish, que tem enfatizado a necessidade de restabelecer o crescimento econômico da Argentina.

O Secretário Regan disse que o Governo americano esteve intensamente envolvido nas negociações e concordou com o crédito-ponte de 300 milhões de dólares após assinatura da Carta de Intenção ao FMI, porque considerava grave as implicações da inadimplência.

"A Argentina poderia ter-se tornado um exemplo para outros países, como o México e o Brasil, que têm realizado enormes sacrifícios para cumprir o programa do FMI e manter os seus pagamentos da dívida externa", disse Regan sobre o risco da inadimplência argentina. Acrescentou que, se não houvesse um acordo,"os governos latino-americanos poderiam ser pressionados pela sua população, que questionariam o pagamento aos bancos quando a Argentina estaria deixando de pagar".

ARMANDO OURIQUE

Arquivo

Alfonsin deu plantão até 1 da manhã

Regan representou os Estados Unidos

Herzog, o autor da fórmula do acordo

Prebish foi intermediário junto ao FMI

País temia o dia seguinte

Buenos Aires — A Argentina, que tem uma dívida externa de 43 bilhões 600 milhões de dólares, havia pedido prazo aos bancos credores até 31 de junho para apresentar um cronograma de pagamento para os atrasados de 82 e 83 e vencimentos de 84. Os bancos não chegaram a responder oficialmente à solicitação, mas as negociações foram iniciadas, sem que se chegasse a um acordo sobre o pagamento dos juros do primeiro trimestre. Isso só foi possível, e à última hora, pela presença dos Estados Unidos nas conversações.

O impasse criado nos últimos dias retrata bem o clima das negociações da Argentina com os bancos internacionais. Falava-se muito em **el dia despues**, uma alusão aos rumores de que governos e bancos cortariam todos os créditos ao país, que então teria que viver com recursos de suas reservas, estimados em apenas 1 bilhão de dólares. Os bancos, por sua vez, assumindo a perda, veriam suas ações cair. Mas o esforço de última hora suspendeu o **alerta vermelho**.

FÓRMULA INÉDITA

O acordo reuniu o Ministro da Economia, Bernardo Grinspum: o presidente do comitê de credores, William Rhodes (Citibank); e o enviado especial do Tesouro dos Estados Unidos David Mulford, entre outros.

Esta fórmula inédita, que manteve preso ao telefone até 1 hora da madrugada o Presidente Raul Alfonsin, em comunicação com os países vizinhos, só foi possível pela presença dos Estados Unidos nas negociações.

"Os Estados Unidos se comprometem a proporcionar um total de 300 milhões de dólares em um crédito-ponte ao Governo argentino. Este financiamento substituirá os empréstimos feitos por Brasil, Colômbia, México e Venezuela" – diz o comunicado oficial. Ou seja o empréstimo dos países devedores, na verdade, está respaldado pelo Governo dos Estados Unidos.

O acordo, mais que resolver um problema imediato, avançou por outro terreno: a das negociações globais que a Argentina mantém em diversas frentes, junto aos bancos internacionais, ao FMI e ao Clube de Paris, para redefinir os vencimentos de grande parte de sua dívida (cerca de 20 bilhões de dólares).

Os termos do acordo não foram festejados na Casa Rosada, apesar das declarações de agradecimento à solidariedade latino-americana. O anúncio foi adiado o máximo possível e não veio acompanhado de nenhum comentário oficial.

LUÍS CLÁUDIO LATGÉ

CEE consegue acordo para reduzir despesas com produção agrícola

Bruxelas — A Comunidade Econômica Européia conseguiu chegar ontem a um acordo preliminar sobre redução das despesas com subsídios agrícolas que, espera-se, ajude a romper o impasse em que mergulharam nos últimos dias as relações entre seus 10 países-membros.

Reunidos em Bruxelas, os Ministros da Agricultura concordaram sobre medidas para conter preços e o excesso de produção de produtos como o leite. Foram reduzidos preços do trigo refinado, cevada, vinho de mesa, carnes (bovina, suína e ovina), bem como congelados os preços do trigo em grão, centeio e açúcar. Pequenos aumentos foram aprovados para produtos como algodão, fumo, algumas frutas e vegetais. Na média, houve uma queda de preços de 1%.

Ainda assim, o acordo situa os gastos agrícolas da CEE para este ano acima do limite orçamentário de 14 bilhões de dólares e a principal razão é que a produção de leite não foi diminuída na proporção recomendada pela comissão executiva da Comunidade.

A produção total de leite para 84-85 será de 99,7 milhões de toneladas, contra 103 milhões no ano anterior. A tentativa anterior de acordo situava a produção em 98.8 milhões de toneladas. Para os próximos quatro anos, o teto foi fixado em 97,2 milhões de toneladas, mais uma reserva para áreas com problemas de abastecimento.

Controle nuclear é alvo de EUA

Buenos Aires — O jornal argentino **La Nación** informou ontem que o Embaixador americano em Buenos Aires, Frank Ortiz, declarou esperar que a Argentina assine o Tratado de Tlatelolco, de desmilitarização nuclear da América Latina.

Fontes próximas ao Governo disseram à agência Reuters que os Estados Unidos condicionaram seu apoio à montagem do pacote de 500 milhões de dólares para evitar a inadimplência argentina à assinatura do Tratado de Tlatelolco.

— Acho que a ratificação do Tratado é uma decisão que a Argentina adotará no tempo devido — teria dito Ortiz, segundo **La Nación**. A Argentina é o país que possui a mais avançada tecnologia nuclear da América Latina.

VÔOS INTERNACIONAIS — RIO

PARTIDAS

COMPANHIA	VÔO	DESTINO (ESCALAS)	HORA
Aerolineas Argentinas	327	Buenos Aires	7h55m
Aerolineas Argentinas	221	Buenos Aires (São Paulo)	19h
Aeroperu	620	Lima (São Paulo)	19h15m
British Caledonian	664	Londres (Recife)	16h30m
Cruzeiro do Sul	934	Montevidéu (São Paulo/Porto Alegre)	11h
Cruzeiro do Sul	942	Buenos Aires (São Paulo/Foz do Iguaçu)	11h30m
Cruzeiro do Sul	930	Buenos Aires (São Paulo/Porto Alegre)	17h
Ibéria	991	Montevidéu (Assunção)	6h50m
KLM	792	Amsterdã (Lisboa)	15h50m
Ladeco	101	Santiago (São Paulo)	16h20m
Lufthansa	509	Frankfurt	18h35m
Pan Am	202	São Francisco (Nova Iorque)	22h45m
Pan Am	441	Buenos Aires	9h35m
Pan Am	440	Los Angeles (Miami)	23h15m
Pluma	502	Montevidéu (São Paulo)	14h45m
SAS	955	Santiago	7h45m
SAS	956	Copenhagem (Lisboa)	19h50m
TAP	386	Porto (Salvador/Lisboa)	16h
Varig	794	Lagos	23h59m
Varig	860	Nova Iorque	23h
Varig	810	Miami	23h15m
Varig	870	México (Bogotá)	10h
Varig	742	Frankfurt (Paris)	21h30m
Varig	700	Lisboa (Recife)	21h45m
Varig	910	Montevidéu (Buenos Aires)	8h30m
Varig	902	Assunção (São Paulo/Foz do Iguaçu)	8h45m

CHEGADAS

COMPANHIA	VÔO	PROCEDÊNCIA (ESCALAS)	HORA
Aerolineas Argentinas	220	Buenos Aires (São Paulo)	18h10m
Aerolineas Argentinas	327	Montreal (Nova Iorque)	6h40m
Aerolineas Argentinas	103	Frankfurt	5h (2ª-feira)
Aeroperu	623	Lima (São Paulo)	17h35m
Air France	091	Paris	4h50m (2ª-feira)
Avianca	085	Bogotá	17h45m
Cruzeiro do Sul	931	Buenos Aires (Porto Alegre/São Paulo)	14h40m
KLM	792	Santiago (Montevidéu)	14h45m
Ladeco	100	Santiago (São Paulo)	15h40m
Lufthansa	509	Buenos Aires (São Paulo)	17h20m
Pan Am	201	São Francisco (Nova Iorque)	8h20m
Pan Am	441	Los Angeles (Miami)	8h05m
Pluna	501	Montevidéu (São Paulo)	14h10m
SAS	956	Santiago	18h45m
SAS	955	Copenhagem (Lisboa)	6h45m
TAP	397	Porto (Lisboa/Recife/Salvador)	8h
Varig	861	Nova Iorque	7h20m
Varig	811	Miami	7h15m
Varig	841	Los Angeles (Panamá)	7h25m
Varig	873	México (Bogotá/Manaus)	6h30m
Varig	753	Zurique (Milão)	6h05m
Varig	807	Miami (Belém/Recife/Salvador)	1h (2ª-feira)
Varig	737	Roma	7h10m
Varig	903	Assunção (Foz do Iguaçu/S. Paulo)	20h35m
Varig	911	Montevidéu (Buenos Aires)	20h50m

INFORMAÇÕES JB — FONTE: PANROTAS

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO

INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, NORMALIZAÇÃO E QUALIDADE INDUSTRIAL

INMETRO

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO

EDITAL

A Comissão de Licitação torna público que fará realizar a Licitação abaixo indicada, à Praça Mauá nº 7 — 13º andar — sala 1304, podendo ser obtida cópia do Edital e demais informações na 1307.

TOMADA DE PREÇOS	OBJETIVO	HORA	DATA
006/84	Contratação de serviços de manutenção preventiva e corretiva de elevadores.	10.00	24/04/84
007/84	Aquisição de madeiras diversas	14.00	24/04/84

(A) OLAVO DE CASTRO LOBO FILHO
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE LICITAÇÃO DO INMETRO

(P

Brasilinvest não definiu ainda sua participação no controle do Sul Brasileiro

São Paulo — O Brasilinvest tem sinal verde do Banco Central para se associar ao Banco Sul Brasileiro, que tem 385 agências espalhadas pelo país. As negociações estão em andamento e não têm prazo para conclusão.

Ainda não foi acertado, em definitivo, o percentual de participação do Brasilinvest no Sul Brasileiro. Não há confirmação de que o grupo paulista já teria acertado a compra de 25% do controle acionário por 40 milhões de dólares. O presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, admitiu ao JORNAL DO BRASIL que há negociação mas observou: "Ainda é cedo para se falar em números."

SEM ESTRANGEIROS

Não haverá participação de capital estrangeiro nas negociações para compra da participação societária no Banco Sul Brasileiro. Os interessados são os sócios brasileiros que participam do Grupo Brasilinvest.

As negociações iniciadas há alguns dias, segundo executivos envolvidos nas conversações, deverão prolongar-se neste mês de abril até um acerto final dos valores. O Brasilinvest tem um banco comercial e um banco de investimento, além da financeira.

Ao final do ano passado, por cerca de 30 milhões de dólares, o Brasilinvest adquiriu o controle acionário do Banco Interpart (ex-Aplik), que se transformou no Banco Brasilinvest, com agências em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Preços dos sapatos caem com queda nas vendas de 15% e de 35% no consumo

São Paulo — O consumidor brasileiro gastou, no ano passado, 35% menos na compra de calçados e as vendas do produto caíram 15% no mesmo período, conforme pesquisa divulgada semana passada pela Rhodia. O mesmo estudo conclui que os fabricantes de calçados estão buscando reduzir os preços de seus produtos, com novas estratégias de marketing e novas opções de matérias-primas.

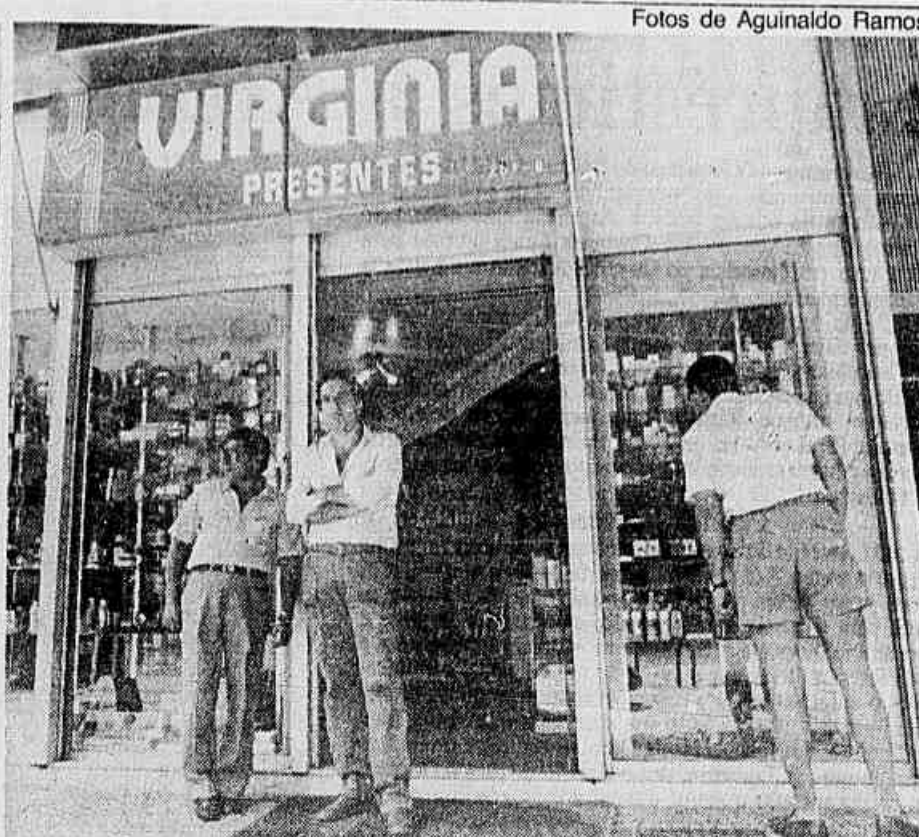
A Rhodia — produtora de artigos têxteis — verificou que 30% dos 450 milhões de pares de calçados produzidos no ano passado possuíam componentes têxteis, como fios e fibras. A Rhodia reuniu terça-feira 80 fabricantes de calçados do Rio Grande do Sul, em Novo Hamburgo, quando distribuiu aos empresários a pesquisa completa sobre o mercado nacional de calçados.

INTERESSE DA RHODIA

Durante a reunião, a direção da Rhodia discutiu com os calçadistas a utilização de matérias-primas alternativas, principalmente tecidos, para reduzir os preços dos calçados, além de oferecer toda a estrutura de tendências da moda e de desenvolvimento de tecidos baseados na coleção Rhodia Primavera-/Verão 84.

Segundo a pesquisa, "a redução das despesas dos consumidores com tênis em 1983, em relação a 1982, foi de apenas 10%, significativamente menor, portanto, do que a redução dos gastos com os calçados em geral".

Fotos de Aguinaldo Ramos

La Gata Flora abriu em novembro e está tendo bons resultados, mas a Virgínia Presentes, mais tradicional, reclama

Comércio de Ipanema discute crise e segurança

O comércio dos bairros de Ipanema e Leblon está enfrentando todo tipo de dificuldades. A crise econômica, que reduziu o poder aquisitivo da classe média, principal cliente de suas lojas, provocou uma queda acentuada nas vendas. Há problemas de estacionamento e segurança nas ruas. Os custos gerais nesses locais são mais elevados para qualquer empresa. Por isso, os lojistas estão reclamando muito. Mas a atividade comercial, se comparada com outras regiões, ainda oferece boas perspectivas.

O diretor-executivo da Confederação Nacional dos Diretores Lojistas, Adão de Souza, acha que o comércio nesses bairros "como conjunto, é o mais sofisticado da cidade: o visual das lojas é ótimo, há boa apresentação dos produtos e maior criatividade no atendimento do consumidor". Mas ele acredita também que "os lojistas precisam buscar uma solução para os problemas que estão enfrentando o mais rápido possível".

Esta semana (nos dias 4, 5 e 6), num seminário intitulado "Vamos discutir o Comércio do Rio" (no Hotel Marina, no Leblon), com a promoção do CNDL e do JORNAL DO BRASIL, Adão vai discutir com os lojistas desses bairros esses e outros problemas que forem levantados. O mesmo tipo de seminário vai ser estendido a outros bairros da cidade, nos próximos meses. Experiente nesse tipo de promoção, o diretor do CNDL assegura que "cada empresário saindo do seminário com algumas sugestões que poderá aplicar na empresa, sem necessidade de investimento".

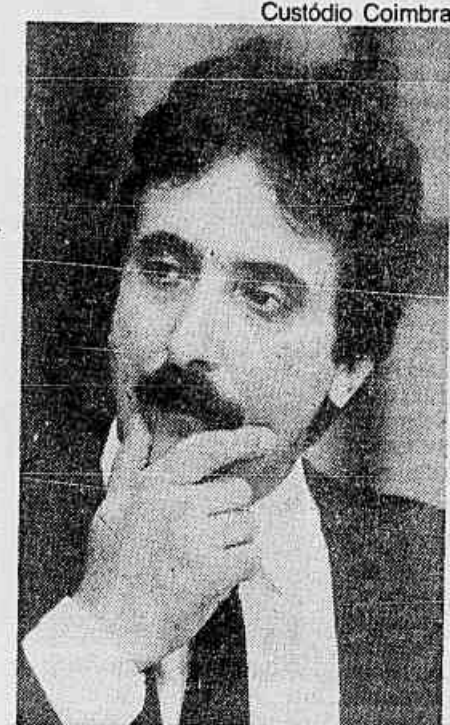
Copacabanização

Os lojistas mais antigos de Ipanema, que viveram a época em que o bairro era o mais rico do Rio, já chegaram a cunhar uma expressão que demonstra as dificuldades do momento: dizem que o bairro está se **copacabanizando**, numa alusão ao bairro vizinho, Copacabana, onde o comércio é mais popular. Assim pensa Francisco Neiva, da Livraria Dazibau, uma das 18 existentes na Rua Visconde de Pirajá a rua do comércio de Ipanema. "Para sobreviver, Ipanema terá que se modificar", acredita.

Ele acha que existem muitos problemas: crise econômica, concorrência dos **shopping-centers**, segurança ("o sujeito anda em Ipanema com medo de ser roubado"). Mas acha que um dos principais problemas é a falta de iniciativa comunitária dos lojistas do bairro.

Ele próprio viveu em dezembro uma experiência desagradável. Nesse mês, que todo comerciante espera com ansiedade porque as vendas às vezes até triplicam, foi instalada na Praça N.S. da Paz, no centro de Ipanema, a Feira do Livro, oferecendo descontos de 20% para cada exemplar. Francisco Neiva tentou reunir os livreiros de Ipanema e Leblon para juntos encontrarem uma forma de impedir a instalação da Feira no bairro nesse mês. Não conseguiu. "A Feira se instalou e as vendas caíram brutalmente", lamenta ele.

O presidente do Clube dos Lojistas de Ipanema, o advogado Edson Borges, também acha que as dificuldades só terão solução com a participação do conjunto dos comerciantes do bairro. O Clube, que nasceu há cinco anos a partir de uma reivindicação específica — o estacionamento na Visconde de Pirajá (que acabou sendo permitido e melhorou o movimento para o comércio) —, tem diversos projetos que Edson está desenvolvendo praticamente sozinho. Um deles é a melhoria do policiamento do bairro.

Michele Novelo, um experiente lojista, dono da Virgínia Presentes, uma loja especializada em perfumaria na Visconde de Pirajá, 207, apesar de todos os problemas, está otimista. Está há sete anos em Ipanema e diz que nunca havia enfrentado período tão difícil. Para ele, "a queda do poder aquisitivo é a razão de tudo isso". Ele acha também que o comportamento dos clientes modificou: "Hoje só 20% dos clientes não reclamam dos preços, o resto todo quer sempre um desconto".

Custódio Coimbra

Adão de Souza

Igualmente otimistas estão Edith Pitier e Cláudia Bensi. Elas abriram juntas uma butique, La Gata Flora, numa das mais conhecidas galerias da Visconde de Pirajá, a 444, em novembro, e só no primeiro mês, em função dos investimentos que fizeram, não tiveram lucros. "Mas a partir de dezembro os resultados têm sido muito bons", revela Edith. Elas já conseguem pagar o aluguel, os impostos, os empregados e repor os estoques sem dificuldades — "e ainda deixa lucro", afirma Cláudia.

Um dos motivos, com certeza, foi a escolha acertada que as empresárias fizeram para instalar sua Gata Flora. Ali estão em boa companhia. Na 444 começou — e ainda permanece — uma das mais famosas butiques da cidade, a Cantão 4. Há ainda a Popcorn (moda infantil), a Marco 2 (masculina), a Lola Moon (feminina). De certa forma, isso transforma a galeria numa espécie de **minishopping**, funcionando, ainda que em proporções menores, sob os princípios de um **shopping-center**, uma invenção que também tem contribuído para reduzir as vendas de Ipanema. Como nos **shoppings**, esses nomes famosos ajudam a aumentar a circulação de pessoas na galeria.

A lojista Elizabeth Carvalho Coutinho, dona da Realce, uma loja de presentes na galeria 281 da Visconde de Pirajá, também está satisfeita. Há mais de dois anos no bairro, ela fala com conhecimento das dificuldades que o comércio enfrenta. Mas seu negócio está indo bem. Ela atribui esse desempenho aos preços das mercadorias que vende, "o valor unitário é pequeno", diz ela. Entre os problemas, ela aponta um, que contraditoriamente foi o responsável pela fama do bairro: o sol. "No verão não vendemos praticamente nada até às 3 da tarde, está todo mundo na praia", lamenta. Como solução ela acha que nesse período o comércio deveria abrir mais tarde e fechar só à noite.

BNH recebe imóvel de volta se mutuário pedir

O presidente do Banco Nacional da Habitação (BNH), Nelson da Matta, afirmou que dependerá da opinião dos compradores da casa própria a adoção, ou não, de medidas que reativem uma antiga Resolução que normaliza a devolução do imóvel ao agente financeiro, em casos nos quais fique caracterizada a impossibilidade de o mutuário prosseguir com o pagamento das prestações.

— O que quero saber do mutuário — disse ele — é se permanece ainda a necessidade de facilitar a devolução do imóvel, mesmo depois de adotadas as medidas que reduzem sensivelmente o reajuste das prestações e viabilizam, assim, a continuidade do pagamento. Da Matta deverá chamar representantes de mutuários de todo o país, para não só saber a opinião a respeito do assunto, como para explicar as novas medidas para reajuste das prestações em 1984.

Impasse

A devolução do imóvel, pelo comprador ao agente financeiro, é uma das várias questões em estudo no BNH. Embora concordem que a medida é oportuna, os dirigentes de empresas de crédito imobiliário e a direção do Banco estão, outra vez, diante de um impasse: a forma de devolução.

O presidente do BNH quer encontrar uma fórmula que torne menos traumática ao mutuário a devolução, permitindo que ele receba, eventualmente, algum dinheiro de volta, na medida em que, para efeito contábil, o valor pago até então seria considerado como aluguel. O cálculo do valor a receber (de forma simplificada) seria equivalente à diferença entre o valor da prestação e o do aluguel.

Dentro desse objetivo, da Matta pretende determinar que as prestações pagas pelo mutuário sejam colocadas em seu crédito junto ao agente financeiro, com o valor capitalizado dentro dos juros contratuais. E aí surge a primeira divergência de opiniões.

O presidente da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (ABECIP), Mário Gordilho, é de opinião que os agentes financeiros devem receber o imóvel de quem quiser devolver, mas sem acerto de contas. O mutuário — acrescentou — pura e simplesmente executa a devolução.

Atualmente, disse ele, a dificuldade em formalizar a devolução do imóvel se localiza na ausência de um seguro de crédito que cubra eventuais prejuízos dos agentes financeiros, na revenda do produto. A cobertura pelo seguro de crédito que o BNH dava acabou recentemente e, agora, as empresas de crédito imobiliário e as seguradoras privadas estão negociando uma nova apólice. Gordilho afirmou que a reativação das devoluções de imóveis está, portanto, diretamente ligada à necessidade de os agentes terem a garantia de que o seguro de crédito cobrirá possíveis prejuízos.

O presidente do BNH não concordou também com a proposta feita, na semana passada, pela Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMI), de que os empresários do setor fossem incluídos nos benefícios da nova Resolução do Banco. Nelson da Matta acha que as recentes inovações do sistema já atendem a essa faixa do mercado.

Itens

A essência da nova Resolução será a mesma da anterior. Como base de cálculo, o BNH considera diversos itens como correspondentes ao crédito e ao débito do mutuário. No crédito, é considerado o valor pago como parte do preço do imóvel, corrigidos a correção monetária e juros contratuais (a antiga Resolução estipulava uma taxa de 6% ao ano). Entra também o valor das benfeitorias feitas no imóvel.

Como débito, são considerados o valor atualizado, até a data da transação, das prestações em atraso, mais multa e juros; o custo dos reparos necessários à recuperação do imóvel e o montante da taxa mensal de utilização do imóvel.

Um assunto que incomoda

A Resolução 62, de 1971, que está há muito desativada, surgiu numa época em que a inadimplência do Sistema Financeiro da Habitação chegou a níveis até hoje não alcançados — 25%. Esse elevado índice teve por origem o ingresso do BNH no financiamento de imóveis, como banco de primeira linha, sem que houvesse o suporte necessário para essa atuação.

Complicada e desfavorável ao mutuário, a Resolução acabou por ser desativada, depois de provocar sérios desgastes ao BNH. Agora, ela volta à pauta do dia, trazida pelas conturbações que a rebelde inflação brasileira está provocando no setor. Mas se for reativada, Nelson da Matta garante que a Resolução que permite a devolução dos imóveis virá de cara nova, adaptada ao momento e socialmente mais justa. No entanto, ele confessa que esse é um assunto que o desagrada muito:

— Regulamentar a devolução do imóvel ao agente financeiro pode ser uma medida oportuna, mas espero que, se concretizada, ela ocorra o mínimo possível. Afinal, isto significa frustrar a realização de um sonho: o da casa própria.

Depois de saber a opinião dos mutuários, o BNH se posicionará a respeito. Mas a expectativa do presidente do Banco é de que a alternativa de devolver o imóvel tenha uma incidência mínima, a exemplo do que ocorreu no início da década de 70: apesar do índice recorde de inadimplência, as devoluções não chegaram a 3% do total.

ISABEL CHRISTINA PACHECO

Rio é maior devedor do banco

O Estado do Rio de Janeiro é o maior devedor do Banco Nacional da Habitação. Essa posição, até sexta-feira, era ocupada por São Paulo, mas o Governo do Estado não esperou a virada do trimestre para pagar o que devia: no último dia útil de março quitou sua dívida de Cr$ 121 bilhões, o que o habilita a receber o orçamento deste ano — Cr$ 371 bilhões 700 milhões.

Além do Rio, estão com pagamentos atrasados ao BNH os Estados do Ceará, Pernambuco (com uma pequena dívida da Companhia Estadual de Habitação), Maranhão e Minas Gerais.

Continua polêmica a discussão em torno da dívida do Rio de Janeiro junto ao BNH. Enquanto o Banco dispõe de dados que apontam que o valor da dívida do Rio em atraso chega a Cr$ 28 bilhões 272 milhões, o Governo estadual acusa que esse débito é de apenas Cr$ 6 bilhões (em números de março). Nesses valores do BNH e do Governo do Estado, não está incluído o débito relativo ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

Na sexta-feira, o Governo estadual enviou à diretoria financeira do BNH uma proposta para pagamento dos atrasados. No tocante aos empréstimos feitos à Companhia Estadual de Habitação (Cehab), Companhia Estadual de Águas e Esgoto (Cedae) e Tesouro estadual, a solicitação é de adiar para o fim dos contratos o pagamento do valor correspondente ao primeiro semestre deste ano.

Esta forma, que seria acertada através de um termo aditivo nos contratos originais, permitiria ao Estado do Rio obter um prazo para conseguir, do Governo federal, autorização para contrair novos empréstimos no mercado financeiro, através da colocação dos papéis estaduais. Além dos Cr$ 6 bilhões relativos à dívida do primeiro trimestre do ano, o Governo do Estado acumularia, assim, o adiamento para pagar mais Cr$ 8 bilhões, relativos ao segundo semestre deste ano. A partir de julho, seria possível, então, regularizar o pagamento, obedecendo à pontualidade.

ESTA TARDE, NA GÁVEA

1º PÁREO

— Às 14h00m — 1.500 metros — GRAMA — Recorde: 1m28s1 (ALPINE SKY) — Dotação: Cr$ 500.000,00. Cavalos nacionais de 4 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga.

1—1 Fixation, V.Padilha	5	57	5º (10) Noutique	1.5	GL	1m30s	D.Netto
" Gran Señor, I.Brasiliense	8	57	9º (10) Eclairo	1.3	NP	1m16s	D.Netto
2—2 Tio Nagib, Juarez Garcia	3	57	4º (13) El Gobernante	1.4	GL	1m23s4	R.Carrapito
3 Camumbuçu, J.M.Silva	7	57	7º (13) El Gobernante	1.4	GL	1m23s4	P.Morgado
3—4 Caber, C.Valgas	1	57	4º (10) Noutique *-d-	1.5	GL	1m30s	L.A.Fernandes
5 Sodler, J.F.Reis	4	57	10º (13) El Gobernante	1.4	GL	1m23s4	J.M.Aragão
4—6 Eria, J.Aurelio	2	53	8º (8) Tanguero	1.4	AP	1m27s2	A.P.Silva
7 Nocinino, P.C.Pereira	6	57	5º (6) Ki-Lega -af-	1.6	NL	1m44s3	C.J.P.Nunes
8 Dublin, J.Ricardo	9	57	12º (13) El Gobernante	1.4	GL	1m23s4	S.P.Gomes

TIO NAGIB • CABER • FIXATION - Tio Nagib atravessa um bom período de treinamento e na última apresentação, na grama, largou por uma baliza não muito favorável, e ainda arrematou em quarto lugar, relativamente perto dos primeiros. Na areia, tem muita chance de vitória pelo que vamos arriscar sua indicação. Caber é veloz e, não sendo guerreado, pode florear na frente e vencer. Fixation também correu menos na grama e agora deve apresentar mais um pouco.

2º PÁREO

— Às 14h30m — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 1m21s2 (ARABAT) — Dotação: Cr$ 600.000,00. Éguas nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I).

1—1 Hello Ca, W.Gonçalves	4	56	5º (11) Bucolic	1.3	AL	1m20s4	A.Andretta
" Adorabella, E.Ferreira	2	56	ESTREANTE				A.Andretta
2—2 Innamorata Di Te, C.Lavor	3	56	ESTREANTE				W.P.Lavor
3 Habladora, F.Pereira	1	56	4º (8) Blud Son	1.3	NL	1m23s1	F.P.Lavor
3—4 Finmark, J.M.Silva	7	56	10º (10) Ogive *	1.3	NL	1m22s	P.Morgado
5 Juanini, G.F.Silva	6	56	11º (11) Bucolic	1.3	AL	1m20s4	L.Acuña
4—6 Holiday Horse, I.Lanes	8	56	8º (9) Neomea	1.0	NL	1m01s4	J.D.Moreira
7 Greviso, C.A.Martins	5	56	6º (8) Blud Son	1.3	NL	1m23s1	A.Orciuoli

HELLO CALEDONIAN • INNAMORATA DI TE • HABLADORA - A parelha um domina a competição pois, a primeira, produziu atuação aceitável entrando em quinto lugar na estréia, e a segunda, tem boas credenciais para cumprir atuação de destaque. Innamorata Di Te é outra estreante muito comentada e que tem carreira para se apresentar bem. Habladora corre menos na areia onde tem somente colocações na turma podendo ameaçar em caso de fracasso das estreantes e também pela fraqueza da companhia.

3º PÁREO

Às 15h00m — 1.300 metros — GRAMA — Recorde: 1m15s4 (CAROATÁ e ÚLTIMA EVA) Dotação: Cr$ 800.000,00. Éguas nacionais de 3 anos e mais, ganhadoras até Cr$ 2.500.000,00 em 1º lugar no País — Peso: 60 quilos, com descarga

1—1 Ultima Eva, J.Queiroz	1	58	2º (8) Hermes-d-	1.0	GL	57s3	A.Morales
" Vanju, J.M.Silva	4	57	2º (6) Clarindia *	1.3	NL	1m20s	A.Morales
2—2 Falérias, M.Andrade	7	55	1º (4) Podesta	1.3	AL	1m20s2	S.B.Silva
3 Clarindia, J.Freire	6	58	1º (6) Vanju	1.3	NL	1m20s	S.P.Gomes
3—4 Peraca, J.B.Fonseca	8	54	1º (9) Estalactita-d-	1.0	GL	57s3	L.Acuña
5 Above Up, J.C.Castillo	3	56	1º (10) Lyra's Star	1.4	GL	1m23s	O.M.Fernandes
4—6 Be A Star, J.Ricardo	2	54	3º (6) Akasaki	1.3	AM	1m19s4	O.J.M.Dias
7 Vocacional, C.A.Martins	5	54	14º (15) Bretagne-d-	1.6	GL	1m34s1	F.P.Lavor

VANJU • FALÉRIAS • VOCACIONAL - Em que pese a forma espetacular de Falérias, a pilotada de J.M. Silva tem que ser encarada como a força destacada da competição, devendo se desforrar de Clarindia que a derrotou na última. Falérias atravessa uma fase muito boa de treinamento devendo ameaçar bastante a defensora do Haras Rio Grande. Vocacional é nome perigoso na prova pois vai muito aliviada no peso e na direção do aprendiz revelação, Carlos Alberto Martins.

4º PÁREO

Às 15h30m — 1.600 metros — GRAMA — Recorde: 1m33s4 (LUCCARNO, INDAIAL e CATHEN) G.P. ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Animais nacionais de 3 anos — Pesos da tabela (I) — GRUPO I — SELEÇÃO — PRIMEIRA PROVA DA TRÍPLICE COROA.

1—1 Hueco, J.Queiroz	1	56	1º (5) Vibrado	1.6	GL	1m35s3	A.P.Silva
2 Corynthо, J.Ricardo	5	56	7º (10) Oak Tree *	1.6	GL	1m38s3	J.T.Ferrão
3 Mister Saião, J.Malta	5	56	8º (8) Snow Mirage	1.2	NL	1m14s4	O.J.M.Dias
4 Smart Alec, A.Machado Fº	14	56	3º (5) Hueco	1.6	GL	1m35s3	V.Nahid
2—5 Vargedo, J.M.Silva	12	56	1º (7) Ace King *	2.0	GL	2m01s3	A.Morales
" Vitalicio, J.C.Castillo	16	56	11º (11) Apollon *	2.0	GM	2m00s1	A.Morales
6 Festão, E.Ferreira	18	56	1º (8) Guarabu-f-	1.4	GL	1m23s4	A.Andretta
7 Luckyday, J.Pedro Fº	2	56	2º (15) Q. Cabeça * (SP)	1.4	GL	1m23s4	A.Magalhães F
3—8 Quintus Ferus, A.Barroso	17	56	17º (22) Immensity*(SP)	2.4	GM	2m29s4	A.Magalhães
" Quebra Cabeça, P.Penachio	3	56	3º (6) Gung (SP)	2.0	GL	2m02s1	A.Magalhães
9 Foujita, C.A.Martins	11	56	1º (7) Hibal	1.4	GL	1m22s3	F.Saraiva
10 Cambrinus, J.Pinto	7	56	2º (7) Arabat	1.4	GL	1m21s2	Z.D.Guedes
" Fayal, W.Gonçalves	9	56	1º (6) Old Style	1.6	AL	1m38s3	Z.D.Guedes
4—11 Old Master, F.Pereira	8	56	3º (11) Apollon-a-	2.0	GM	2m00s1	W.P.Lavor
" Oak Tree, G.F.Almeida	13	56	1º (10) Pipiolo	1.6	AL	1m38s3	W.P.Lavor
12 Juryman, J.M.Amorim	10	56	7º (16) Cortese * (SP)	2.0	AP	2m07s1	M.Gosik
13 Aba Tudor, V.Padilha	4	56	3º (6) Thunder Cat	1.5	GL	1m30s	D.Netto
14 Thunder Cat, J.Escobar	16	56	1º (6) Vezeiro	1.5	GL	1m30s	G.L.Ferreira

QUINTUS FERUS • VARGEDO • OLD MASTER - O Grande Prêmio Estado do Rio de Janeiro, primeira prova da tríplice coroa de produtos tem como principal candidato o paulista Quintus Ferus, portador de ótima campanha em Cidade Jardim. Embora colocado numa baliza ruim para suas pretensões, e pior ainda, se a pista estiver molhada, deve ser respeitado pela sua campanha. Vargedo é o melhor representante do turfe carioca e, sem dúvida, como o maior adversário da parelha do Haras Faxina. Old Master tem excelente corrida para Apollon e El Santarém, quando entrou terceiro, agarrado com os citados, também tem muita chance na prova.

5º PÁREO

Às 16h00m — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 1m21s2 (ARABAT) — Dotação: Cr$ 600.000,00. Cavalos nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Peso da tabela (I)

1 — 1 Gerânio, E.Ferreira	3	56	4º (12) Orgueil	1.4	GM	1m25s	A.Andretta
2 Sanfoneiro, R.Vieira	2	56	10º (12) Orgueil	1.4	GM	1m25s	J.T.Ferrão
2 — 3 Tarjão, V.Padilha	5	56	7º (11) Vagalhão*	1.3	NL	1m22s2	D.Netto
4 Prokofiev, C.A.Maia	6	56	6º (8) Pinus	1.5	GL	1m29s2	W.P.Lavor
3 — 5 Club de Paris, N.Lima	4	56	6º (12) Orgueil-af-	1.4	GM	1m25s	C.I.P.Nunes
6 Native Grass, M.Monteiro	1	53	6º (8) Festão	1.4	GL	1m23s4	N.A.Silva
4 — 7 Alarde, R.Freire	8	56	8º (14) Reverly (SP)	1.4	GLn	1m24s6	P.Salos
8 Augustissimo, G.Guimarães	9	56	5º (7) Fero	1.0	AL	1m02s2	O.J.M.Dias
9 Emigrantis, W.Costa	7	56	9º (12) Orgueil-af-	1.4	GM	1m25s2	S.França

AUGUSTÍSSIMO • TARJÃO • GERÂNIO - Augustíssimo está muito bem colocado na distância tendo, agora, muito chão, para atropelar como gosta. É a força indiscutível do páreo na areia. Tarjão está chegando cada vez mais perto e em corrida sem prejuízos, é um nome de respeito na competição. Gerânio correu melhor na grama e, sua derradeira apresentação e mesmo na areia, onde deve correr menos, deve ser lembrado.

6º PÁREO

Às 16h30m — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 1m21s2 (ARABAT) Dotação: Cr$ 600.000,00 — Cavalos nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I)

1 — 1 Guarabu, J.Freire	5	56	5º (11) Vergalhão*	1.3	NL	1m22s2	D.Netto
2 Galeol, G.F.Silva	2	56	9º (9) Amoureaux	1.4	AL	1m26s2	J.C.Boriani
2 — 3 Verbete, F.Pereira	8	56	3º (12) Orgueil*-d-	1.4	GM	1m25s	F.P.Lavor
4 Veralme, G.Guimarães	7	56	8º (12) Orgueil	1.4	GM	1m25s1	S.B.Silva
3 — 5 Ascot King, A.Machado Fº	10	56	2º (8) Uche Ness	1.2	NM	1m17s	V.Nahid
6 Don Silvestre, G.F.Almeida	9	56	6º (11) Vagalhão	1.3	NL	1m22s2	G.Feitão
7 Guard Rail, E.Ferreira	1	56	11º (16) El Gaucho*	1.4	GM	1m24s3	A.Andretta
4 — 8 Mein Kampf, C.Bitencurt	4	56	4º (11) Vagalhão-af-	1.3	NL	1m22s7	F.R.Cruz
9 Kadilson, J.Malta	3	56	4º (8) Festão	1.4	GL	1m23s4	W.Meireles
10 Dark Royal, C.Lavor	6	56	6º (6) Elior Buss (CP)	1.0	NL	1m05s2	E.P.Coutinho

VERBETE • GUARABU • DON SILVESTRE - Verbete vem em sensíveis progressos como mostrou em sua última corrida, quando chegou em terceiro, quase formando a dupla nos metros finais. Deve respeitar Guarabu e também a Don Silvestre, seus principais adversários na carreira. O primeiro, vindo de bom segundo para Festão, na grama, e não confirmou na areia, mas deve melhorar agora, e o segundo, vai na direção de G.F. Almeida, devendo cumprir atuação de destaque.

7º PÁREO

— Às 17h00m — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 1m21s2 (ARABAT) — Dotação: Cr$ 500.000,00 Éguas nacionais de 4 anos, sem mais de duas vitórias no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga

1—1 Extra Misty, A.Machado Fº	5	57	3º (10) Above Up *	1.4	GL	1m23s	A.P. Silva
" Darandú, G.F.Silva	6	57	7º (10) Above/ Up *	1.4	GL	1m23s	A.P.Silva
2—2 Lyra's Star, E.Ferreira	2	57	2º (10) Above Up	1.4	GL	1m23s	A. Andretta
3 Ana Gale, J.Queiroz	9	57	8º (9) Eleatica	1.2	AL	1m14s3	P. Morgado
4 Içuara, C.Bitencurt	1	57	7º (8) Que Lucia-af-	1.3	NL	1m21s	F.R. Cruz
3—5 Andate, G.Guimarães	8	57	2º (4) Anamour	1.4	GM	1m24s1	D. Netto
6 Key Star, J.F.Reis	3	57	8º (11) Canaletto	1.3	NL	1m21s4	J. Coutinho
7 Emeraudine, C.Lavor	4	57	8º (8) Que Lucia	1.3	NL	1m21s	W.P. Lavor
4—8 Afeição, J.M.Silva	10	57	1º (10) Edina *-ad-	1.4	GL	1m22s2	A. Morales
9 Ñanduza, U.Meireles	7	57	5º (10) Above Up	1.4	GL	1m23s	C.H. Coutinho
10 Snow Bina, J.Aurelio	11	57	1º (6) La Tourette	1.3	AL	1m20s4	V. Nahid

ÑANDUZA • LYRA'S STAR • SNOW BINA - Ñanduza sofreu muitos prejuízos em sua última apresentação e, sem aqueles percalços, é a força absoluta da carreira, não devendo ser derrotada em corrida normal. Lyra's Star correu muito mostrando que está recuperada e pode ser cogitada para ameaçar a vitória da nossa preferida. Snow Bina, muito ligeira, numa raia encharcada pode aproveitar essa característica e aparecer bem na prova.

8º PÁREO

— As 17h30min — 1.000 metros — AREIA — Recorde: 59s2 (CHAPELIER e HATU) Dotação: Cr$ 750.000,00 Potrancas nacionais de 2 anos, sem vitória no Rio em São Paulo — Pesos da tabela (I)

1—1 Assumida, G.F.Almeida	1	55	2º (8) Amantissima	1.0	AL	1m01s4	A. Vieira
2 Bandolette, L.Gonçalves	4	55	ESTREANTE				A.P. Lavor
2—3 Ivory Black, J.Ricardo	6	55	ESTREANTE				Z.D. Guedes
4 Aceitação, R.Freire	8	55	ESTREANTE				G. Ulloa
3—5 Cor da Luz, J.Escobar	5	55	5º — 5 — Queen Parnell	1.0	GL	1m00s	S. Morales
6 Jolly Jumper, I.Lanes	7	55	ESTREANTE				J.D. Moreira
4—7 Une Espoir, F.Pereira	2	55	ESTREANTE				F.P. Lavor
" Che Papusa, J.M.Silva	9	55	ESTREANTE				F.P. Lavor
8 Avenida Central, J.Freire	3	55	3º—4—Adjunta	1.0	AL	1m02s1	G.L. Ferreira

ASSUMIDA • IVORY BLACK • UNE ESPOIR - Assumida é o puro retrospecto vindo de excelente segundo para Amantissima, e em corrida normal, vai dar trabalho para perder. Ivory Black é uma estreante bastante comentada e portadora de bons resultados na distância, tendo chance positiva na prova. Une Espoir-Che Papusa constituem uma parelha de respeito e que deve ser lembrada para os que gostam de uma pule mais elevada.

9º PÁREO

Às 18h00m — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 1m05s4 (BARTER) — Dotação: Cr$ 400.000,00 Cavalos nacionais de 5 anos e mais ganhadores até Cr$ 800.000,00 em 1º lugar no País: 58 quilos, com descarga

1—1 Kamal, L.Caldeira	6	55	2º (10) Vismonte	1.3	NL	1m21s2	G.L.Ferreira
2 Falling Star, R.Freire	4	58	1º (6) Fort James	1.0	NL	1m02s3	G.Ulloa
2—3 Cale Pino, G.Guimarães	8	56	2º (10) Kircaster	1.0	NL	1m01s3	D.Netto
4 Carrari, L.Silveira	5	58	1º (7) Moquem	1.0	NL	1m02s4	J.M.Aragão
3—5 Oran, J.F.Reis	2	57	2º (8) Forte Fe	1.0	NL	1m01s3	I.Amaral
6 Acteur, P.Marques	3	56	1º (7) My Princelet	1.3	NP	1m23s	S.França
4—7 Sinótico, P.Vignolas	7	57	3º (7) Zukiy	1.3	NL	1m22s3	W.Penelas
8 Analram Khan, J.Ricardo	1	57	6º (7) Bellito	1.3	NP	1m21s	O.M.Fernandes

CALE PINO • ORAN • SINÓTICO - Cale Pino, com o aumento de 100 metros e em um percurso a favor, está em ótimas condições para dominar a carreira, devendo respeitar, no entanto, a presença de Oran, que volta muito preparado e pronto para obter mais um triunfo na sua campanha. Sinótico está chegando cada vez mais perto e como é dotado de velocidade, pode acompanhar o ritmo dos favoritos e no final, atropelar e surpreender.

10º PÁREO

Às 18h30m — 1.100 metros — AREIA — Recorde: 1m05s4 (BARTER) Dotação: Cr$ 60.000,00 Cavalos nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Peso da tabela (I)—

1—1 Drakulino, E.Freire	1	56	2º (7) Fero	1.0	AL	1m02s2	A.Paim Fº
2 Gamo Flete, U.Meireles	4	56	6º (11) BOm Bom	1.1	NL	1m08s4	C.H.Coutinho
2—3 Bartley, R.Vieira	2	56	6º (7) Impecavel	1.0	NL	1m02s3	J.L.Piotto
4 Fonasco, E.Ferreira	8	56	12º (13) Vargedo	1.6	AM	1m40s3	P.M.Piotto
3—5 Veludo, J.L.Marins	6	56	8º (8) Linda Sol-d	1.0	AL	1m02s1	S.França
6 Calypso, Juarez Garcia	3	56	12º (14) Ficticia	1.0	AL	1m01s2	L.C.Reis
7 Forcis, J.Ricardo	10	56	6º (9) Tulum	1.1	NP	1m08s	V.Nahid
4—8 Bambolê, C.Valgas	9	56	5º (8) Maca (RS)	1.3	AP	1m22s1	L.A.Fernandes
9 Fustório, J.Malta	5	56	10º (11) Fantástico	1.1	NL	1m08s2	O.J.M.Dias
10 Mister Come, J.Freire	7	56	9 (9) Mister Saião	1.2	NL	1m13s4	J.B.Silva

DRAKULINO • FORCIS • BAMBOLÊ - Drakulino vem de bom segundo lugar na companhia quando foi derrotado apenas nos instantes finais da prova. Agora será difícil sua derrota. Forcis não está confirmando o que trabalha nos matinais, fazendo isso, outro não será o ganhador. Bambolê traz boas referências do Cristal e deve ser encarado como uma da forças do páreo.

Hoje começa a Tríplice-Coroa carioca

Arquivo 22/11/83

Vargedo, vencendo o GP Linneo de Paula Machado em ótimo estilo

Arquivo 13/09/83

... e Old Master, são os melhores cariocas no clássico de hoje

A principal atração desta semana em matéria de turfe em todo o Brasil está marcada para a tarde de hoje na pista de grama do Hipódromo da Gávea com a disputa da milha da primeira prova da tríplice-coroa carioca de produtos, grande clássico Estado do Rio de Janeiro (Grupo I), a nossa versão das famosas Two Thousand Guineas de Newmarket. Dezoito potros (e nenhuma potranca) tiveram seus nomes confirmados, a maioria dos quais, **ça va sans dire**, teoricamente sem condições para tal, tornando o perfil da grande prova confuso e perfeitamente capaz de grandes surpresas (isto sem mesmo pensarmos na possibilidade de uma grama pesada). Infelizmente, como já havia acontecido com a milha das nossas One Thousand Guineas, grande clássico Henrique Possollo (Grupo I), a Comissão de Corridas, mais do que lamentavelmente, mostrando mais uma vez uma total falta de sensibilidade para com o aspecto seletivo do turfe, colocou este grande páreo, um dos mais fundamentais de qualquer turfe, como o quarto de um fraco programa, fazendo-o ser disputado prematuramente às 15h30min, quando, corretamente, deveria ser a sexta ou sétima carreira (como, certamente, seria em qualquer turfe com um mínimo de seriedade), o que surpreendente aconteceu domingo passado com o nosso Prix Ganay, o importante clássico Antônio Joaquim Peixoto de Castro Junior (Grupo III) e que todos esperavam repetir-se este domingo. Nosso **handicapeur**, porém, mais do que erroneamente, pensou o contrário. Uma lástima.

Na Inglaterra, o começo

Tanto as Two Thousand Guineas (Grupo I), corridas na milha e em linha reta, no Hipódromo de Newmarket, desde o Século XVIII, quanto a tríplice-coroa, a tarefa seletivamente mais árdua que um puro-sangue inglês pode enfrentar e, às vezes, vencer, tiveram, obviamente, suas primeiras versões, na pátria-matriz do turfe como um esporte e/ou uma atividade tecnicamente codificada e legalmente reconhecida, a velha Albio, geograficamente, em seu lugar mais bonito: o **countryside**.

E o que é esta tríplice-coroa, criada há dois séculos, e que, hoje, mais uma vez, começa a ser disputada em sua versão carioca? Trata-se da sucessão de três provas reservadas à geração de três anos, sucessivamente chamadas para as distâncias da milha, milha e meia (os 2 mil 400 metros) e três quilômetros, exigindo para todos aqueles que tentaram (ou tentarem) e ganharam (ou vierem a ganhar) a mesma dose de velocidade e resistência, isto é, uma extrema versatilidade, aliada a uma necessária e superior classe. Conseqüentemente, um animal para ser tríplice-coroado deve ter dotes de um **flyer**, de um **classic runner** e de um **stayer**. Como a primeira prova e a própria tríplice-coroa, os dois outros páreos desta disputa foram igualmente criados na Inglaterra, tudo sendo posteriormente assimilado e adotado na maioria dos centros (grandes ou não) turfísticos de todo o mundo. A segunda prova, na milha e meia, é o Derby Stakes (Grupo I), corrido em Epsom, que, na Gávea, é disputado sob o nome de grandíssimo clássico Cruzeiro do Sul (Grupo I). Finalmente, a terceira, na mais longa distância, onde a resistência é o fator preponderante (na milha é a velocidade e, na milha e meia, os dois fatores), é o St. Leger Stakes (Grupo I), anualmente a principal atração do Hipódromo de Doncaster, na Gávea, o nosso grande clássico Jóquei Clube Brasileiro (Grupo I).

As Two Thousand Guineas cariocas, o citado grande clássico Estado do Rio de Janeiro (Grupo I), como dissemos acima, a ser corrido hoje, tem provas análogas, igualmente, na França, a famosa Poule d'Essai des Poulains (Grupo I), em Longchamp, o Premio Parioli (Grupo I), na Itália, o Gran Premio Polla de Potrillos (Grupo I), em Palermo, e as San Isidro Two Thousand Guineas (Grupo I), ambos na Argentina, a Polla de Potrillos, em Maroñas, no Uruguai, etc..

Uma grande interrogação

Qual será o vencedor da versão 84 deste grande clássico (que, outrora, muito mais poeticamente, era corrido sob nome de grande clássico Outono)? Será que este vencedor, posteriormente, conseguirá repetir feitos tão admiráveis quanto os alcançados, pelos estilos exibidos, anteriormente, por um Qüiproquó (The Phoenix em Blue Grass, por Papyrus), criação do Haras Mondesir e propriedade do Stud Zélia Gonzaga Peixoto de Castro, em 1953, Escorial (Orsenigo em Escoa, por British Empire), criação do Haras Guanabara e propriedade do Stud Seabra, certamente o maior de todos, em 1959, e, finalmente, African Boy (Felicio em Liselotte, por Maki), criação e propriedade dos Haras São José e Expedictus, em 1979, exatamente os três principais tríplice-coroados dos únicos seis (os outros foram Criolan, Talvez e Timão) que a Gávea teve a oportunidade de consagrar em sua história de mais de 50 anos? A resposta à primeira pergunta será dada hoje. A outra só poderá ser encontrada (e dada) a partir do segundo domingo de junho, com a disputa do Derby Carioca.

Teoricamente, dos 18 nomes inscritos e confirmados, cinco têm que ser colocados em um primeiro plano. Quintus Ferus (Henri Le Balafré em Mignon, por Earldom III), criação e propriedade do Haras Faxina, que terá um **cheval de jeu** de bom padrão em Quebra-Cabeça (Henri Le Balafré em Risota, por Jolly Jocker), este largando de pedra privilegiada (a três), é indiscutivelmente o de mais classe, sendo mesmo, até agora, o melhor animal da turma neste segmento de distância (dos 1 mil 400 metros à milha), onde, em Cidade Jardim, venceu, em 1 mil 500 metros, o importante clássico Antenor Lara Campos (Grupo II), Criterium, e o grande clássico Juliano Martins (Grupo II), Grande Criterium, e, na milha, em grande estilo, a versão paulista da prova carioca de hoje, o grande clássico Ipiranga (Grupo I). Dono de magnífica filiação (não fosse ele um produto tipicamente Faxina) e de grande capacidade de aceleração (e expressiva velocidade final), o filho de Henri Le Balafré tem contra si, no entanto, dois dados ponderáveis: a má baliza (que, na pesada ou em dois quilômetros, seria rigorosamente desclassificante), a penúltima por fora (a 17), e o fato de reaparecer de uma ausência de quatro meses (após problemas que o acometeram no Derby Paulista). Aliás, se não houvesse estes dados, Quintus Ferus dificilmente seria derrotado. Vargedo (Waldmeister em Rocha, por Shoorleville), criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, foi o nítido ganhador de dois quilômetros do Grande Criterium carioca, grande clássico Linneo de Paula Machado (Grupo I), tendo, posteriormente, levantado, na mesma distância, o comparação de produtos, importante clássico Frederico Lundgren (Grupo II). Já mostrou ser potro dos mais promissores e interessantes, mas, apesar da presença de Shoorleville, um **sprinter**, como seu avô materno, a distância de hoje parece não ser a ideal para ele. Sua baliza, se não chega a ser boa, também não pode ser considerada ruim, como a do potro do Faxina. Por outro lado, como este, também reaparece de uma ausência de quatro meses. Tem faixa clássico: Vitalicio (Jasmin em Red Nordic, por Al Maboot). Old Master (Sabinus em Ice Queen, por Bonnard II), criação e propriedade do Haras Santa Maria de Araras, um tanto cerqueiro, é outro do primeiro bloco de concorrentes que reaparece. Ele não corre desde dezembro quando foi terceiro, altamente próximo, para Apollon e El Santarém, nos dois quilômetros do simplesmente clássico Almirante Marquês de Tamandaré (Grupo II). Antes, foi um mais do que honroso quarto (mesmo bastante afastado) na milha e meia do grandíssimo clássico Derby Paulista (Grupo I), e tem vitória na minha (simplesmente clássico Imprensa, **Listed Race**). Leva o reforço do **handicapper** Oak Tree (Vacilante II em Oak Leaf, por Val de Loir). Old Master, que já mostrou ser bastante consistente, é outro que parte de baliza bem aceitável. Dos cinco nomes mais fortes, Hueco (Heathen em Adizinanza, por Tapuia II), criação do Haras Fronteira e propriedade do Stud Tio Mariano, é o que larga de melhor pedra, aliás a melhor de todas, a um. Isto é, ele parte **à la corde** o que, para um animal ligeiro como ele é, se torna elemento mais do que favorável e positivo. Ele vem de ganhar, apesar de mal corrido, o semiclássico preparatório para hoje em muito boa lei. Trata-se de um **miler** já classicamente comprovado e não tem contra si, como os três já comentados, o dado do reaparecimento. Finalmente, completando o quinteto, apesar de sua recente má **reentrée** em uma prova especial na areia, surge Coryntho (Depressa em Babulinka, por Frenchman's Creeek), criação da Riogran Agro-Pastoril Ltda e propriedade do Stud Grumser, que, apesar de não vitória nobre, possui algumas exibições de ótimo nível na melhor turma (segundo no Grande Criterium, para Vargedo, quarto no Ipiranga, para Quintus Ferus, vitória na seletiva da Taça de Prata, quarto na Taça de Prata etc...). É outro que parte de baliza mais do que razoável.

Formando um segundo lote de concorrentes, devem ser citados o já comentado Quebra-Cabeça, o clássico Cambrinus (Tonka em Camarilha, por Xaveco), criação do Haras Barra Nova e propriedade do Stud Topázio, muito ligeiro (parte de boa pedra), que vem de perder, em sua **reentrée** para **record** (que ele construiu) em uma prova especial em 1 mil 400 metros, na grama, e os paulistas Lucky Day (Henri Le Balafré em Sintra, por Montparnasse), do Haras Bandeirantes, ganhador de uma das seletivas da Taça de Prata e que reapareceu este ano após cinco meses de ausência, mostrando uma evolução de corrida para corrida, e Juryman (Good Bond em Happy Freeness, por Dernah), criação e propriedade do Haras Larissa, primeiro no semiclássico Natal (Listed Race), em 1 mil 800 metros.

ESCORIAL

Dactus vence com categoria a prova especial da milha

Dactus, por Maverick em Tainha Bela venceu a prova especial de ontem no Hipódromo da Gávea, em 1 mil 600 metros, derrotando o competidor Gamble Boy, que o ameaçou muito nos 300 metros finais da competição. O tempo na pista de grama macia foi de 1min36s 2/5. Em terceiro finalizou Muntaz. Zaibo, que anda correndo pouco, fechou o percurso. J. M. Silva foi um jóquei muito enérgico no dorso do pensionista do treinador W. P. Lavor.

Resultados

1º páreo, 1º Amir-El-Arab (F. Pereira), 2º Puiggros (J. M. Silva), vencedor (6) 12,60. Dupla (13) 2,90. Placês (6) 1,90 (1) 1,10. Tempo, 59s1/5, dupla exata combinação (06-01) Cr$ 25,20. **2º páreo**, 1º Dactus (J. M. Silva) 2º Gamble Boy (J. Aurelio), vencedor (2) 1,60, dupla (12) 2,60. Placês (2) 1,00 (1) 1,10. Tempo, 1min 36s 2/5. **3º páreo**, 1º Azoada (C. Valgas), 2º Reling (C. A. Maia), vencedor (1) 1,50. Dupla (13) 9,00. Placês (1) 1,20 (5) 2,40. Tempo, 1min25s 2/5. **4º páreo**, 1º Querush (J. Queiroz), 2º Era Amor (L. Gonçalves), vencedor (6) 24,70. Dupla (23) 7,40. Placês (6) 7,00 (3) 1,60, dupla exata combinação (06-03) Cr$ 40,00. Tempo, 1min31s1/5. **5º páreo**, 1º Old Style (J. M. Silva), 2º Frisson (J. Aurelio), vencedor (3) 1,90. Dupla (24) 3,10. Placês (3) 1,20 (8) 1,30. Tempo, 1min31s. **6º páreo**, 1º Drifter (F. Pereira Fº), 2º Ondulação (D. F. Graça), vencedor (1) 1,60. Dupla (12) 2,60. places (1) 1,10 (2) 1,40. Tempo, 1min25s3/5. **7º páreo**, 1º Dahlak (G. Guimarães), 2º Mibemol (J. M. Silva), vencedor (3) 2,20. Dupla (24) 4,00. Placês (3) 1,50 (10) 3,20, dupla exata combinação (03-10) Cr$ 19,10. Tempo, 1min32s.

Nesta carreira não correu Chibuque, retirado. Também na prova inicial do programa foi retirado o competidor, Gastone. **8º Páreo**, 1º Queerenes (J. Queiroz), 2º Moreh (G. Guimarães), vencedor (6) 1,60. Dupla (34) 2,60. Placês (6) 1,40 (5) 3,50. Tempo, 1min40s 1/5. **9º páreo**, 1º Argozol (G. Guimarães), 2º Ignania (R. Freire), vencedor (12) 4,20. Dupla (44) 6,00. Placês (12) 2,20 (10) 2,30. Dupla exata (12-10) Cr$ 32,40. Tempo, 1min23s 1/5.

CÂNTER

A melhor prova de hoje em Cidade Jardim, São Paulo, é o clássico Augusto de Souza Queiroz, na distância de 1 mil 300 metros, na pista de areia, com uma dotação de Cr$ 2 milhões 884 mil. O campo desta prova com as montarias oficiais é o seguinte.

7º PÁREO — Clássico Augusto de Souza Queiroz — Às 16h45 — Cr$ 2.884.000,00 — 1.300 m — Areia

1- 1 Empire Day, A.Bolino ... 55-13
2- 2 Alitak, G.Meneses ... 55- 8
3- 3 Inlogy, H.Freitas ... 55- 8
4- 4 Knock Down, I.Quintana ... 55-10
5- 5 Knut, L.C.Silva ... 55-12
4- 6 Larax, J.Garcia ... 55-15
\- 7 Oggiatto, I.F.Ribeiro ... 55- 9
5- 8 Resmungador, V.Mafra ... 55-11
\- 9 Swat, G.Assis ... 55- 5
6-10 Big Charlie, J.Silva ... 55-14
-10 Cimabue, L.A.Pereira ... 55- 1
7-11 Bonini, J.Vitorino ... -5- 4
-11 Habilidoso, A.Alves ... 55- 7
8-12 Quitz, Er, S.Martins ... 55- 6
-12 Tio Nino, M.Lourenço ... 55- 2

■

O jóquei J. R. Oliveira que montava no Hipódromo Stenio Gomes da Silva, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, teve a sua matrícula cassada. A Comissão de Corridas não gostou da sua apatia no dorso de um grande favorito, e não teve dúvidas em afastá-lo do turfe local.

TEMPO OLÍMPICO

Mais um uso político do esporte

O coração do Barão de Coubertin — hoje guardado num monumento de mármore em Olímpia — haveria de bater mais forte diante da possibilidade de as duas Coréias, a do Norte e a do Sul, virem a competir unidas, como uma só equipe, nos Jogos Olímpicos deste ano, em Los Angeles. Diante de seus olhos, sempre abertos para ideais inatingíveis, tal possibilidade seria uma admirável vitória do esporte sobre a política, o olimpismo finalmente unindo um povo há muito separado por ódios e guerras.

Só que não é bem assim. A não ser o Barão, ninguém mais seria capaz de ver na recente proposta da Coréia do Norte à do Sul, para que elas mandassem uma delegação integrada a Los Angeles, um triunfo do olimpismo e conseqüentemente do esporte. Pelo contrário, parte de uma "ofensiva diplomática de paz", ela simplesmente reafirma que a política é o que realmente está em jogo, o esporte nada mais sendo do que um instrumento, um meio. Aliás, desde que o mundo é mundo.

O Barão sempre pretendeu que fosse diferente. E sofria cada vez que os interesses políticos interferiam na trajetória dos Jogos que ele, mais do que ninguém, ajudou a reviver em 1896. Um sofrimento inútil, afinal, pois a História é como é e não como sonhava o Barão.

Muitas — e quase sempre complicadas — são as questões políticas que se refletem nos Jogos Olímpicos. Uma delas é justamente esta de delegações unidas e separadas, soberanias discutidas, países cuja existência uns reconhecem e outros não. Por exemplo: Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte são quatro países distintos em praticamente todos os eventos esportivos, inclusive na Copa do Mundo de futebol, mas competem juntas como Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos. Já as 44 nações independentes do Commonwealth participam cada uma por sua própria conta.

As duas Alemanhas — embora politicamente divididas desde o fim da II Guerra Mundial, cada qual com seu governo, seu território, sua bandeira — participaram como se fossem um país só, de 1952 a 64. Embora os dirigentes esportivos de uma e de outra chamassem a atenção do Comitê Olímpico Internacional para tal absurdo, em nada menos de quatro Jogos elas tiveram de competir unidas, sob a bandeira branca com os cinco anéis entrelaçados. A partir de 1968, o erro foi corrigido, de modo que hoje os alemães do Leste lutam por medalhas contra seus rivais do Oeste.

Muita confusão causou, também, a presença de Formosa nos Jogos Olímpicos de 1976, em Montreal. A ponto de o próprio Primeiro-Ministro Pierre Trudeau intervir: em solo canadense, nenhum outro país poderia se apresentar como China senão a República Popular, com sede em Pequim. Formosa? Nem mesmo no desfile pôde empunhar a sua bandeira nacional.

O caso das duas Coréias é bem mais complicado. Como a quase totalidade dos países asiáticos, esta explosiva extensão de terra entre o Mar Amarelo e o Mar do Japão, não tomou conhecimento dos dois primeiros Jogos Olímpicos. E nos terceiros, em 1904, já era ela um protetorado japonês, logo depois anexado ao Império. E assim continuou por longo tempo, até que a II Guerra Mundial viesse a mudar os seus destinos.

Nesse período de dominação japonesa, os atletas coreanos chegaram a participar de competições esportivas internacionais, inclusive os Jogos Olímpicos. Mas como "japoneses". E até conquistaram para o Japão importantes vitórias, como foi o caso de Kitei Son, ganhador da maratona de 1936, em Berlim. Cidadão coreano, medalha de ouro para o Japão.

A partir de 1948, derrotados os japoneses, a Coréia vai se dividir sob o fogo de duas influências políticas antagônicas, a do Norte dos soviéticos, a do Sul dos americanos. Em 1950, a guerra. Foram 4 milhões de mortos, saldo de um conflito que dividiu o país no meio.

Desde então, uma e outra Coréia têm aparecido eventualmente em competições esportivas internacionais. Separadas, é claro. A do Norte chegou a chamar a atenção do mundo para o seu futebol quando, em 1966, numa das maiores surpresas da história do futebol, eliminou a Itália na Copa da Inglaterra e quase faz o mesmo com Portugal, na época com uma excelente seleção, responsável inclusive pela desclassificação do Brasil. Fogo de palha, porém, o futebol norte-coreano logo saiu do mapa.

Em termos olímpicos, tanto a do Norte como a do Sul têm tido participações discretas (embora, somadas, suas medalhas dessem para superar as 22 que o Brasil ganhou em toda a sua história). A Coréia do Sul já obteve um total de 18 medalhas (uma de ouro, sete de prata e dez de bronze), enquanto a do Norte alcançou 12 (duas de ouro, cinco de prata e cinco de bronze). O que significaria, hoje, uma soma de forças das duas no campo esportivo? Não muito. Politicamente, porém, talvez.

Ao contrário das duas Alemanhas, que se somassem as medalhas ganhas tesde 1968 (307 a Oriental e 103 a Ocidental) às que já haviam conquistado juntas antes disso (393), registrariam um total só inferior às duas maiores potências olímpicas: Estados Unidos e União Soviética.

Juntas, elas mandariam a Los Angeles uma equipe muitas vezes mais poderosa do que separadas. Mas esta é uma outra história, com a qual nem mesmo o sonhador Barão ousaria contar.

JOÃO MÁXIMO

Preços elevados já assustam quem irá à Olimpíada

Los Angeles — Depois de procurar sem sucesso acomodações a preços razoáveis para sua família de seis pessoas, na **jungle** de preços altos daqui, o contador Jim Walker, do Estado de Iowa, resolveu colocar um anúncio num jornal local: "Procura-se um fundo de quintal, em lugar próximo das competições, para armar uma tenda. Prefere-se alguém que tenha vivido na área 15, 20 anos". O plano funcionou. Agora, os Walkers estarão acampando, por 25 dólares (cerca de Cr$ 3 mil 500) por dia no quintal dos Piersons, na afluente Hollywood Hill e próximo das principais competições. Tão próximo que Jim, a mulher e os filhos irão a todos os jogos de bicicleta. Em compensação, sua única amenidade será usar o banheiro dos Piersons pela manhã e à noite.

Para os mais aventureiros há ainda outras alternativas, como beliche de barco, dormitório de faculdade, acampamentos coletivos, **trailer**. Mas para os que não podem dispensar certos confortos da civilização, a escolha de um hotel ou casa para passar as duas semanas dos Jogos Olímpicos (de 28 de julho a 12 de agosto) pode significar um rombo razoável na carteira. Afinal, uma casa de 4 dormitórios na praia de Pacific Palisades, está saindo por US$ 4 mil (cerca de Cr$ 5 milhões 600 mil), enquanto a diária de um motel pouco apresentável do centro da cidade custa US$ 225,00 (Cr$ 315 mil).

Números inflacionários

Ninguém espera que Los Angeles seja uma cidade fantasma quando julho e agosto chegarem, mas as previsões superotimistas de que dois, três, seis milhões visitarão a região nessa época começam a dar lugar a números menos entusiasmantes. O Comitê Organizador fala numa multidão média de 350 mil pessoas diariamente visitando o sul da Califórnia durante a Olimpíada, 100 mil a mais que num dia de verão ordinário.

— Todo mundo parece haver inflacionado os números de visitantes olímpicos — diz Tammy Lazer, gerente do Departamento de Convenções e Visitantes da Grande Los Angeles. Segundo o Departamento, o número de vagas dos hotéis membros neste final de março é de 6 mil 200 para época de jogos, um aumento das 5 mil 500 que haviam no início do ano. A tendência deverá continuar enquanto planos de viagens são cancelados e vagas que haviam sido colocadas de lado esperando um preço premium começam a aparecer.

Muitos hotéis que foram brindados com blocos de ingressos em retribuição por sua função de "anfitriões oficiais" para o Comitê de Los Angeles (COLA) estão abrindo espaço para agências de viagens e os preços das diárias estão descendo das alturas em que estavam até agora. Mas não muito. Desde o final de 1981, 48 hotéis entraram em acordo com o COLA. Eles garantiam não cobrar preços superiores aos de 1 de janeiro deste ano e em troca tinham 80% de sua capacidade garantida pelo Comitê, com o pessoal da imprensa estrangeira e visitantes oficiais do mundo inteiro.

O acordo incluiu hotéis de prestígio, como o Century Plaza, o Beverly Wilshire, o Biltmore, o Bonaventure e o Disneyland e 15 mil quartos foram envolvidos no entendimento inicial. Alguns poucos hotéis famosos, como o Bel Air, o Westwood Marquis, o Ambassador, o Ermitage e o Alexandria, alegando compromisso com seus hóspodes habituais, não se incluíram na lista dos anfitriões. Segundo Jacques Camus, gerente do Westwood Marquis, a recusa de seu hotel de participar do **pool olímpico**, transformou um dos afáveis rapazes do COLA em um atirador de dardos ameaçadores.

Pouco impressionados com os turistas que não estão se concretizando, alguns hotéis de pouca classe já anunciaram que seus preços duplicarão quando julho chegar. Assim, enquanto o elegante Century Plaza Hotel cobrará o preço único de US$ 148 (Cr$ 207 mil) para seus quartos, o nada elegante Best Western Kent Inn Motel cobrará US$ 200 (Cr$ 280 mil) por quartos que custam agora de US$ 38 (Cr$ 53 mil) a US$ 52 (Cr$ 78 mil) por dia. O Sunset Plaza Hotel estará cobrando US$ 220 (Cr$ 300 mil) por um quarto de casal que agora custa US$ 56 (Cr$ 78 mil) e o Vagabond Inn, de Hollywood, pretende vender seus quartos, que custam agora US$ 38 a US$ 45 (Cr$ 53 a 63 mil) por uns US$ 165 (Cr$ 210 mil) durante os jogos.

Mercado mal-interpretado

No aluguel de casas, o estampido inicial de que todo mundo com um espacinho sobrando em casa ficaria rico arrefeceu. Pessoas que estão-se adaptando à realidade menos inflacionária, mas ainda assim desejável, estão tendo menos dificuldade em alugar sua casa ou parte dela. Virgina Fratianne, uma corretora de Beverly Hills, diz estar decepcionada com o mercado:

— Não é o que havíamos pensado que seria — admitiu ela — a demanda até agora não foi grande. Se ela vai crescer de repente, não sei.

Sua corretora, a Fred Sands, apesar de ter uma lista de centenas de casas à disposição, só alugou cerca de 20 até agora. Já Don Troy, da Corretora Troy, em Huntington Beach, um subúrbio litorâneo de Los Angeles, está se culpando por haver interpretado o mercado incorretamente. Ele listou 750 casas no último verão, esperando alugá-las todas a europeus vindo para os Jogos:

— Descobrimos — diz ele — que o volume de pessoas da Europa era menor que o antecipado, devido à distribuição atrasada de ingressos. Eles sentiram que com os ingressos que tinham não seriam capazes de trazer as pessoas que eles queriam. Mas as pessoas estão vindo para a Olimpíada. Só não sabemos ainda de onde é que elas virão.

A firma Games Housing International, uma das maiores corretoras da região, não tem reclamações quanto ao movimento de seus aluguéis, com casas de um dormitório cobrando US$ 125 (Cr$ 175 mil), por quarto, por noite. Um preço razoável, quando se sabe que o mercado olímpico de aluguel de casas vai dos US$ 25 (Cr$ 35 mil), por uma cama num dormitorio de faculdade (— US$ 32,50 —) Cr$ 45 mil garantem também três refeições diárias) aos US$ 200 (Cr$ 280 mil) por noite, em casa de três dormitórios e US$ 900 (Cr$ 1 milhão 200 mil) por semana para um condomínio de praia de um dormitório.

A maioria das pessoas quer lugares como Westwood, Highland Park, Long Beach e as praias em geral, por motivos cênicos e para estar próximos dos locais das competições. As casas mais procuradas são as de um ou dois dormitórios, mostrando que o principal turista serão casais e famílias pequenas.

Dependendo de quem está contando, de 70 a 150 corretoras estão envolvidas no mercado olímpico de aluguel. Mas algumas delas se especializam em atender aluguéis para companhias. A Executive Home Leasing, por exemplo, já fechou contrato de mais de um quarto das 400 mansões que tem nos bairros exclusivos de Bel Air, Beverly Hills, Brentwood e San Marino.

RODNEY MELLO

Arquivo/1984

Conceição é observada para a Olimpíada

Orlane supera recorde sul-americano do salto em altura no heptatlo

São Paulo — A atleta amazonense Orlane Maria dos Santos assinalou ontem novo recorde sul-americano de salto em altura, registrando a marca de 1,86m, e superando, na prova, a campeã pan-americana de heptatlo, Conceição Aparecida Geremias. A marca de Orlane foi obtida numa das provas que compõe o heptatlo, no Campeonato Estadual de Atlestismo adulto. O salto valeu, para ela, 1 mil 086 pontos, enquanto Conceição Geremias, saltou 1,77m, marcou 1 mil 002 pontos. A competição está servindo de observação para a definição da equipe que viajará a Los Angeles, para participar da Olimpíada.

No primeiro dia do heptatlo, na pista de tartã do Ibirapuera, Orlane venceu Conceição no salto em altura pelo heptatlo, mas perdeu as demais: no arremesso de peso, Conceição marcou 12,52m enquanto Orlane fez 11,29m; nos 100m com barreiras, Conceição fez 14s3 contra 14s8 de Orlane. Nos 200m, Conceição venceu com 24s9 enquanto Orlane marcou 26s2.

São Paulo/José Carlos Brasil

O técnico Barbosa confirma que Marta (E), Hortência e Paula são titulares

Basquete não terá Noêmia e Elisa nos jogos contra Cuba

São Paulo — O técnico da Seleção Brasileira feminina de basquete, Antônio Carlos Barbosa, cortou ontem duas jogadoras da equipe que disputará uma vaga para a Olimpíada, reduzindo-a a 15 atletas. Foram dispensadas a pivô gaúcha Noêmia, que não se recuperou de uma contusão muscular, e a armadora Elisa, do São Bernardo do Campo.

O Brasil treinou ontem em dois períodos, durante 2 horas e 30 minutos pela manhã, e durante 1 hora e 30 minutos à tarde. No final do dia, o técnico comunicou os dois cortes e confirmou que, na próxima semana, terá que anunciar um novo corte, para reduzir a seleção a 14 atletas. Para os amistosos contra Cuba, a partir do dia 11 deste mês, não será feito nenhum corte.

Critérios

Antônio Carlos Barbosa explicou que Noêmia não conseguiu recuperar-se de uma contusão e, por isso, foi excluída. Quanto a Elisa, que integrou a Seleção que disputou o Mundial, em São Paulo, em 1983, explicou que ele costuma trabalhar com uma ou duas armadoras, no máximo.

— Para a posição tenho a Paula, que é a titular absoluta, e, como segunda opção, Soraya ou Suzete, que jogou muito bem no Mundial.

Elisa é considerada uma jogadora de bom nível técnico pelo treinador, mas ela tem o menor porte físico entre as jogadoras da seleção. Antônio Carlos Barbosa dispensou ontem as atletas, que deverão reapresentar-se na próxima terça-feira, no Hotel Danúbio, para prosseguirem os treinamentos no Centro Olímpico do Ibirapuera. As 15 jogadoras que continuam treinando são as seguintes: Hortência, Suzete, Paula, Marta, Anne, Vânia, Solange, Selma, Vânia Hernandes, Vanda, Marimar, Soraya, Ernoides, Neusa e Mirley.

Bobby Fischer vive a paranóia de ser um alvo soviético

Pasadena, EUA — Ele era conhecido como o "jovem gênio" americano, um jovem brilhante e excêntrico que se tornou campeão mundial de xadrez com 29 anos e fez nascer uma febre de xadrez nos Estados Unidos. Hoje, 11 anos depois, Bobby Fischer está vivendo, segundo seus antigos amigos, em hotéis baratos de Pasadena, nos subúrbios de Los Angeles, usando nomes falsos e sobrevivendo dos direitos autorais de seus livros.

Fischer se tornou um homem desconhecido fora do mundo do esporte, só joga sozinho e jamais em público. Os amigos se recusam a falar sobre ele. Quebrar esse sigilo significa se tornar seu ex-amigo. Um antigo conhecido disse que Fischer, hoje com 40 anos, vive com a paranóia de que possa estar sob vigilância soviética e ser alvo de um atentado da KGB.

Convites para jogar

Isso, segundo o conhecido, pode ser uma conseqüência tardia de seu triunfo sobre o soviético Boris Spassky, na final do campeonato de xadrez de 1972, em Reykjavik, na Finlândia. Outro ex-amigo contou que Bobby Fischer recebeu numerosos convites para jogar em público, mas recusou todos eles.

A maioria dos ex-amigos descreveram o ex-campeão como um homem solitário, que só dorme de madrugada e fica na cama até à noite e passa a maior parte do tempo acordado jogando xadrez sozinho em quartos de hotéis baratos. Seus quartos são cheios de livros sobre o esporte, laranjas e vidros de vitaminas. Quando sai, é para correr as livrarias em busca de mais livros sobre o xadrez.

É uma grande mudança para o homem que certa vez ganhou 21 jogos contra mestres do xadrez e virou um herói nacional ao se tornar o primeiro americano a conquistar o campeonato mundial. Suas queixas durante as partidas o tornaram tão famoso quanto suas vitórias: ele reclamava da presença da televisão, do tamanho do tabuleiro e das regras do jogo.

Fischer costumava ficar em seu quarto de hotel até que todas suas exigências fossem satisfeitas. No campeonato de 1972, isso deixou raivosos os partidários de Spassky. Com a vitória, ele ganhou 156 mil dólares, mas posteriormente recusou uma oferta de 3 milhões de dólares para jogar com Anatoly Karpov — outro campeão soviético — nas Filipinas e aderiu ao grupo religioso Igreja de Deus, a quem doou parte do dinheiro.

O líder do grupo, Herbert Armstrong, escrevera em 1950 um artigo que previa a volta de Jesus Cristo em 1975, após uma guerra nuclear. Quando viu que o Messias não voltava, Fischer deixou a Igreja de Deus.

Há dois anos, o ex-campeão — cujos **best-sellers** incluem **Meus 60 Jogos Memoráveis** — produziu um folheto de 14 páginas, no qual afirmava que foi torturado na prisão de Pasadena, onde ficou detido em 1981 após ser confundido com um ladrão de banco. A polícia garante que Fischer não foi torturado, mas o folheto foi muito vendido.

Os entusiastas de Bobby Fischer têm a esperança de que ele volte a competir. Seus ex-amigos afirmam que ele não perdeu suas táticas de mestre e poderia voltar a ser um campeão, mas não têm certeza de que ainda queira o dinheiro e a glória.

RONALD CLARKE
Reuters

Fischer, campeão mundial em 72

Kasparov vence e aumenta vantagem

Vilnius, URSS — Com a terceira vitória, obtida ontem, na nona partida de um **match** de 16, a jovem estrela ascendente do xadrez, o soviético Garry Kasparov, 20 anos, já é o virtual desafiante do campeão mundial Anatoli Karpov. Com esse resultado, Garry está vencendo Vassili Smyslov por 6 a 3, estando, portanto, a 2,5 pontos de vencer o Torneio dos Candidatos.

A nona partida — Kasparov com as brancas — foi suspensa na sexta-feira, após o 44º movimento. Smyslov, sem chance alguma de mudar a grande vantagem do adversário, preferiu não continuá-la ontem. Hoje, será jogada a 10ª partida.

Em Lima, o brasileiro Sandro Trindade recuperou-se da derrota na rodada de abertura e venceu ontem o canadense Doug Bailey no Pan-Americano Juvenil.

O estilo completo para qualquer jogo

Com sua vitória na 9ª partida, numa exuberante demonstração de habilidade técnica, Kasparov se afirma como o virtual desafiante do campeão mundial; o também soviético Karpov, ao somar 6 pontos contra 3 de Smyslov. Este tem uma tarefa das mais extraordinárias, devendo vencer 3 das 6 partidas restantes para, pelo menos, empatar a série prevista de 16.

O que constitui, até este momento, o motivo fundamental do fracasso do ex-campeão mundial? Basicamente, ao fato de sua programação esportiva e técnica no **match** ter se revelado algo desequilibrada! Conhecendo o estilo criativo de Kasparov, seu fenomenal talento para soluções dinâmicas e combinatórias, Smyslov optou sempre por situações de cunho técnico, mais controladas, onde sua experiência e sentimento posicional poderiam prevalecer. Mas isto implicou em repetir os esquemas e defesas, tornando assim seu jogo e comportamento inteiramente previsíveis a sua ação pouco enérgica.

E, por fim, a estimativa de que Kasparov não exploraria com eficiência as posições tranqüilas, com poucas peças e sem ocorrências táticas, resultou incorreta. Garik, a cada **match**, a cada partida demonstra um estilo completo, capaz de jogar bem todo "tipo" de xadrez e força para marcar pontos, pontos que o deixam ante as portas do campeão do mundo.

LUIZ LOUREIRO

Arquivo/1980

Desde 80 sem F-1, Interlagos fará obras que custarão Cr$ 1 bilhão

A redução do percurso (as partes mais claras) será de 3km

Interlagos reduz pista à espera do GP de 85

São Paulo — Há quatro anos sem uma corrida de Fórmula-1, o autódromo de Interlagos começa a ser preparado, desde já, para sediar o Grande Prêmio do Brasil, de 1985. A modificação mais importante será a redução da pista em quase três quilômetros, eliminando-se parte da Curva da Ferradura, da curva Subida do Lago, a reta oposta e as curvas do Sol, Sargento e Laranja. A reforma total está orçada em Cr$ 1 bilhão.

O novo circuito paulista, com essa alteração, estará adequado às exigências internacionais da Fórmula-1, de realizar GPs em pistas de até 5 ou 6 quilômetros de extensão, no máximo. Com isso, a Prefeitura paulista baixará o custo da reforma da pista, que será refeita inteiramente, sobre o atual piso, com uma espessura de 4 a 5 centímetros de asfalto. Se não ocorresse a redução, o piso precisaria ser feito numa extensão total de 7 mil 823 metros.

Nova visão

Dirigido, há três anos, por Felipe Sendon Cambeiro, o autódromo de Interlagos está com uma ótima conservação, nas partes externa e interna. Se o GP do Brasil de 1984 fosse realizado em São Paulo, o circuito precisaria, basicamente, de duas obras urgentes: reforma dos muros de segurança internos e externos, além da construção de um novo piso, que demoraria 30 dias.

A pista de Interlagos, que já sofreu consertos em vários trechos, além de recapeamentos, está impraticável, atualmente para uma corrida de Fórmula-1, pois apresenta muitas ondulações e pequenos buracos, que podem tirar a estabilidade dos carros. Ela foi construída há 8 anos, mas precisaria ser refeita a cada cinco anos, como será agora, a partir do início de abril. Com a reforma, o circuito paulista terá três alternativas, podendo ser usado em sua extensão total, no trecho encurtado e, também, no anel externo, de 3 mil 207 metros.

A idéia de modificar o circuito paulista permitirá que o público tenha melhor visão das arquibancadas, que têm capacidade de para 40 mil, mas serão ampliadas para 70 mil pessoas. Durante uma corrida de Fórmula-1, os torcedores poderão acompanhar praticamente toda a prova, além de assistir a um maior número de passagens pela reta de chegada — aumentará de 40 para 70 vezes.

Interlagos possui 54 boxes, 6 mil vagas para estacionamento e 2 enfermarias. Antes da atual fase da Fórmula-1, de pistas mais curtas, o circuito paulista era considerado um dos melhores e mais difíceis dos que integravam o calendário do Campeonato Mundial de Pilotos. Inúmeros pilotos elogiaram o traçado de Interlagos, pela variedade de curvas de baixa, média e alta velocidades, além de duas grandes retas.

Favela aumenta

Uma das exigências da FISA (Federação Internacional de Automobilismo Esportivo), para que o GP do Brasil volte a ser disputado em São Paulo, é quanto a segurança para evitar os "penetras", que diminuem a arrecadação da corrida. Segundo o diretor de Interlagos, Felipe Sendon Cambeiro, um dos problemas para a conservação é o aumento de favelados, à volta do circuito, no lado externo. Em 1981, existiam 6 mil favelados e, atualmente, esse número supera os 12 mil. Eles costumam invadir o autódromo e a depredá-lo.

Por enquanto, ainda não estão definidas as medidas técnicas de aclive e declive da nova curva que ligará a entrada da Ferradura ao final da Curva da Laranja. A variante a ser executada terá uma extensão de 50 metros, com largura de 16 metros.

Foram realizados oito Grandes Prêmios de Fórmula-1 em Interlagos, sendo o primeiro em caráter experimental, em 1972. A prova do ano seguinte, no entanto, já contou pontos para o Campeonato Mundial.

Emerson Fittipaldi venceu em 73 e 74 e outro brasileiro, José Carlos Pace, em 75. O último GP em Interlagos foi realizado em 1980, saindo vencedor o francês Rene Arnoux, com um Renault. No ano de 1977, Emerson Fittipaldi conseguiu o 4º lugar, com o seu Copersucar.

Os GPs de Interlagos

1972 Carlos Reutmann
1973 Emerson Fitipaldi, Lotus
1974 Emerson Fitipaldi, McLaren
1975 Jose Carlos Pacce, Brabham
1976 Niki Lauda, Ferrari
1977 Carlos Reutmann, Ferrari
1979 Jacques Laffite, Ligier
1980 Rene Arnoux, Renault

Maratona BRADESCO/JB abre inscrições amanhã

As inscrições para a V Maratona BRADESCO/JORNAL DO BRASIL estarão abertas a partir de amanhã, em 32 agências dos **Classificados JB** no Rio, Nova Iguaçu, Petrópolis e Niterói, ou em suas sucursais em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador. A Maratona servirá para indicação dos maratonistas que participarão da Olimpíada de Los Angeles — terá um máximo de sete mil corredores.

A inscrição, no valor de Cr$ 3 mil 500, pode ser feita pessoalmente ou pelo correio até 30 de abril. Além de troféus e medalhas aos primeiros colocados, haverá o sorteio de uma passagem para Nova Iorque entre todos os corredores que completarem a prova.

Seletiva

A decisão do Comitê Olímpico Brasileiro de indicar a Maratona BRADESCO/JORNAL DO BRASIL como seletiva para os Jogos de Los Angeles foi anunciada na última sexta-feira. Segundo o presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, Ewald Gomes, a boa organização, sua infra-estrutura e o fato de estar dentro das exigências da Federação Internacional de Atletismo levaram a prova a ser escolhida.

As agências de classificados do JORNAL DO BRASIL autorizadas a receber inscrições para a maratona são as seguintes: Avenida, Bonsucesso, Botafogo, Campo Grande (posto), Carrefour, Cascadura, Copacabana, Flamengo, Freeway, Gávea, Humaitá, Ilha do Governador, Ipanema, Jacarepaguá, Leblon, Leme, Méier, Mem de Sá, Niterói, Nova Iguaçu, Penha, Petrópolis, Praça da Bandeira, São Cristóvão, Terrasse Leblon, Tijuca, Vila Isabel, Agência Comissária Eureka de Classificados, Posto 5 e Posto 6.

Também as sucursais de Brasília (Setor Comercial Sul, Quadra I, Bloco K, Ed. Denasa), São Paulo (Av. Paulista 1294, 15º andar), Belo Horizonte (Av. Afonso Pena, 1500, 7º andar), Porto Alegre (Rua Tenente Coronel Correia Lima 1960) e Salvador (Rua Conde Pereira Carneiro, 226) estão autorizadas a receber inscrições até 30 de abril, data de encerramento do prazo.

No caso de a inscrição ser feita pelo correio, os interessados devem enviar um vale postal em nome de JORNAL DO BRASIL LTDA. e AR (aviso de recebimento), juntando fotocópia da carteira de identidade.

Além do pagamento da taxa de Cr$ 3 mil 500 é exigido que os participantes tenham mais de 15 anos. As faixas etárias masculinas serão de 15 a 24 anos, 25 a 34, 35 a 44, 45 a 54, 55 a 64 e acima de 65 anos. Na feminina as faixas são as mesmas, com exceção da última, que será de 55 em diante.

Os números e os **kits** de corrida serão entregues aos corredores na Feira da Maratona, a ser realizada de 29 de maio a 2 de junho no São Conrado Fashion Mall, mediante apresentação do recibo de pagamento da inscrição ou o Aviso de Recebimento postal. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone 264-4422, ramal 577.

Um moderno sistema de computação, que permitirá a apuração dos resultados ainda no mesmo dia, assim como a alteração do percurso evitando as avenidas no Centro da Cidade, são algumas das novidades para a V Maratona Bradesco/JORNAL DO BRASIL.

Além da participação de corredores estrangeiros como o português Delfim Moreira, o inglês Malcon East e o mexicano Carlos Victorino, a prova este ano deverá ter ainda a participação de 200 maratonistas dos Estados Unidos, alguns dos quais jogadores de futebol americano.

Entre os brasileiros deverão correr a maratona João da Matta (MG), Eloy Schleider (SP), Euclides Fajardo (RS), Palmerindo Campos, Júlio Reis e José Baltar (RJ) e Antônio Celso (SC), considerados favoritos. Na categoria feminina há boas chances para Angélica de Almeida (SP) e Margareth Dias (Rio).

A assistência médica será realizada pela equipe da clínica Orto Center, e todos os sábados, até 2 de junho, haverá clínica em locais previamente determinados, para treinamento dos corredores que participarão da Maratona.

Arquivo/1981

Bill Rodgers é o recordista desde 81

Os vencedores das 4 provas

I Maratona — 15 de novembro de 1980		
1º estrangeiro	Greg Meyer	2h16min40
1º brasileiro	Édson Bergara	2h22min43
1ª estrangeira	Lorraine Moller	2h39min10
1ª brasileira	Eliane Rainert	3h03min04
II Maratona — 2 de agosto de 1981		
1º estrangeiro	Bill Rodgers	2h14min13
1º brasileiro	Édson Bergara	2h18min16
1ª estrangeira	Lorraine Moller	2h35min55
1ª brasileira	Eliane Rainert	3h04min26
III Maratona — 7 de agosto de 1982		
1º estrangeiro	Delfim Moreira	2h15min57
1º brasileiro	João da Matta	2h24min40
1ª estrangeira	Charlotte Teske	2h38min42
1ª brasileira	Vanessa Figueiredo	3h07min58
IV Maratona — 2 de agosto de 1983		
1º estrangeiro	Laurie Whitty	2h18min43
1º brasileiro	Palmireno Campos	2h21min01
1ª estrangeira	Charlotte Teske	2h40min13
1ª brasileira	Eleonora Mendonça	3h01min25

Moreno sai na "pole" em Silverstone

Silverstone, Inglaterra — O brasileiro Roberto **Pupo** Moreno, com um Ralt Honda, foi o mais rápido nos treinos para a prova de abertura do Campeonato Europeu de Fórmula-2, prevista para hoje, no circuito de Silverstone. Moreno garantiu a **pole-position**, com o tempo de 1min14seg82.

Outro brasileiro, Maurício Gugelmin, larga na primeira fila da quinta prova do Campeonato Inglês de Fórmula 2000, hoje, no circuito de Brands Hatch.

Fla vence a Atlântica no vôlei

A equipe de vôlei feminino do Flamengo derrotou a da Atlântica por 3 a 0 (parciais de 15/4, 15/6 e 15/8) e lidera, ao lado do CIB, que venceu o Tijuca por 3 a 0 (parciais de 15/10, 15/13 e 15/8), a Taça Rio de Vôlei. Desfalcado de suas principais jogadoras, servindo à Seleção Brasileira, o Flamengo jogou com Regina Vilela, Helen, Cristina, Rose, Roseli e Andréia. A Atlântica teve Maria Patrícia, Denise, Helga, Patrícia, Andréia, Dulce e Jacqueline.

Pela categoria masculina, a Atlântica derrotou o Tijuca por 3 a 0 (parciais de 15/12, 15/12 e 15/6).

Bobby Fischer vive a paranóia de ser um alvo soviético

Pasadena, EUA — Ele era conhecido como o "jovem gênio" americano, um jovem brilhante e excêntrico que se tornou campeão mundial de xadrez com 29 anos e fez nascer uma febre de xadrez nos Estados Unidos. Hoje, 11 anos depois, Bobby Fischer está vivendo, segundo seus antigos amigos, em hotéis baratos de Pasadena, nos subúrbios de Los Angeles, usando nomes falsos e sobrevivendo dos direitos autorais de seus livros.

Fischer se tornou um homem desconhecido fora do mundo do esporte, só joga sozinho e jamais em público. Os amigos se recusam a falar sobre ele. Quebrar esse sigilo significa se tornar seu ex-amigo. Um antigo conhecido disse que Fischer, hoje com 40 anos, vive com a paranóia de que possa estar sob vigilância soviética e ser alvo de um atentado da KGB.

Convites para jogar

Isso, segundo o conhecido, pode ser uma conseqüência tardia de seu triunfo sobre o soviético Boris Spassky, na final do campeonato de xadrez de 1972, em Reykjavik, na Finlândia. Outro ex-amigo contou que Bobby Fischer recebeu numerosos convites para jogar em público, mas recusou todos eles.

A maioria dos ex-amigos descreveram o ex-campeão como um homem solitário, que só dorme de madrugada e fica na cama até à noite e passa a maior parte do tempo acordado jogando xadrez sozinho em quartos de hotéis baratos. Seus quartos são cheios de livros sobre o esporte, laranjas e vidros de vitaminas. Quando sai, é para correr as livrarias em busca de mais livros sobre o xadrez.

É uma grande mudança para o homem que certa vez ganhou 21 jogos contra mestres do xadrez e virou um herói nacional ao se tornar o primeiro americano a conquistar o campeonato mundial. Suas queixas durante as partidas o tornaram tão famoso quanto suas vitórias: ele reclamava da presença da televisão, do tamanho do tabuleiro e das regras do jogo.

Fischer costumava ficar em seu quarto de hotel até que todas suas exigências fossem satisfeitas. No campeonato de 1972, isso deixou raivosos os partidários de Spassky. Com a vitória, ele ganhou 156 mil dólares, mas posteriormente recusou uma oferta de 3 milhões de dólares para jogar com Anatoly Karpov — outro campeão soviético — nas Filipinas e aderiu ao grupo religioso Igreja de Deus, a quem doou parte do dinheiro.

O líder do grupo, Herbert Armstrong, escrevera em 1950 um artigo que previa a volta de Jesus Cristo em 1975, após uma guerra nuclear. Quando viu que o Messias não voltava, Fischer deixou a Igreja de Deus.

Há dois anos, o ex-campeão — cujos **best-sellers** incluem **Meus 60 Jogos Memoráveis** — produziu um folheto de 14 páginas, no qual afirmava que foi torturado na prisão de Pasadena, onde ficou detido em 1981 após ser confundido com um ladrão de banco. A polícia garante que Fischer não foi torturado, mas o folheto foi muito vendido.

Os entusiastas de Bobby Fischer têm a esperança de que ele volte a competir. Seus ex-amigos afirmam que ele não perdeu suas táticas de mestre e poderia voltar a ser um campeão, mas não têm certeza de que ainda queira o dinheiro e a glória.

RONALD CLARKE
Reuters

Fischer, campeão mundial em 72

Kasparov vence e aumenta vantagem

Vilnius, URSS — Com a terceira vitória, obtida ontem, **na** nona partida de um **match** de 16, a jovem estrela ascendente do xadrez, o soviético Garry Kasparov, 20 anos, já é o virtual desafiante do campeão mundial Anatoli Karpov. Com esse resultado, Garry está vencendo Vassili Smyslov por 6 a 3, estando, portanto, a 2,5 pontos de vencer o Torneio dos Candidatos.

A nona partida — Kasparov com as brancas — foi suspensa na sexta-feira, após o 44º movimento. Smyslov, sem chance alguma de mudar a grande vantagem do adversário, preferiu não continuá-la ontem. Hoje, será jogada a 10ª partida.

Em Lima, o brasileiro Sandro Trindade recuperou-se da derrota na rodada de abertura e venceu ontem o canadense Doug Bailey no Pan-Americano Juvenil.

O estilo completo para qualquer jogo

Com sua vitória na 9ª partida, numa exuberante demonstração de habilidade técnica, Kasparov se afirma como o virtual desafiante do campeão mundial; o também soviético Karpov, ao somar 6 pontos contra 3 de Smyslov. Este tem uma tarefa das mais extraordinárias, devendo vencer 3 das 6 partidas restantes para, pelo menos, empatar a série prevista de 16.

O que constitui, até este momento, o motivo fundamental do fracasso do ex-campeão mundial? Basicamente, ao fato de sua programação esportiva e técnica no **match** ter se revelado algo desequilibrada! Conhecendo o estilo criativo de Kasparov, seu fenomenal talento para soluções dinâmicas e combinatórias, Smyslov optou sempre por situações de cunho técnico, mais controladas, onde sua experiência e sentimento posicional poderiam prevalecer. Mas isto implicou em repetir os esquemas e defesas, tornando assim seu jogo e comportamento inteiramente previsíveis a sua ação pouco enérgica.

E, por fim, a estimativa de que Kasparov não exploraria com eficiência as posições tranqüilas, com poucas peças e sem ocorrências táticas, resultou incorreta. Garik, a cada **match**, a cada partida demonstra um estilo completo, capaz de jogar bem todo "tipo" de xadrez e força para marcar pontos, pontos que o deixam ante as portas do campeão do mundo.

LUIZ LOUREIRO

Arquivo/1980

Desde 80 sem F-1, Interlagos fará obras que custarão Cr$ 1 bilhão

A redução do percurso (as partes mais claras) será de 3km

Interlagos reduz pista à espera do GP de 85

São Paulo — Há quatro anos sem uma corrida de Fórmula-1, o autódromo de Interlagos começa a ser preparado, desde já, para sediar o Grande Prêmio do Brasil, de 1985. A modificação mais importante será a redução da pista em quase três quilômetros, eliminando-se parte da Curva da Ferradura, da curva Subida do Lago, a reta oposta e as curvas do Sol, Sargento e Laranja. A reforma total está orçada em Cr$ 1 bilhão.

O novo circuito paulista, com essa alteração, estará adequado às exigências internacionais da Fórmula-1, de realizar GPs em pistas de até 5 ou 6 quilômetros de extensão, no máximo. Com isso, a Prefeitura paulista baixará o custo da reforma da pista, que será refeita inteiramente, sobre o atual piso, com uma espessura de 4 a 5 centímetros de asfalto. Se não ocorresse a redução, o piso precisaria ser feito numa extensão total de 7 mil 823 metros.

Nova visão

Dirigido, há três anos, por Felipe Sendon Cambeiro, o autódromo de Interlagos está com uma ótima conservação, nas partes externa e interna. Se o GP do Brasil de 1984 fosse realizado em São Paulo, o circuito precisaria, basicamente, de duas obras urgentes: reforma dos muros de segurança internos e externos, além da construção de um novo piso, que demoraria 30 dias.

A pista de Interlagos, que já sofreu consertos em vários trechos, além de recapeamentos, está impraticável, atualmente para uma corrida de Fórmula-1, pois apresenta muitas ondulações e pequenos buracos, que podem tirar a estabilidade dos carros. Ela foi construída há 8 anos, mas precisaria ser refeita a cada cinco anos, como será agora, a partir do início de abril. Com a reforma, o circuito paulista terá três alternativas, podendo ser usado em sua extensão total, no trecho encurtado e, também, no anel externo, de 3 mil 207 metros.

A idéia de modificar o circuito paulista permitirá que o público tenha melhor visão das arquibancadas, que têm capacidade para 40 mil, mas serão ampliadas para 70 mil pessoas. Durante uma corrida de Fórmula-1, os torcedores poderão acompanhar praticamente toda a prova, além de assistir a um maior número de passagens pela reta de chegada — aumentará de 40 para 70 vezes.

Interlagos possui 54 boxes, 6 mil vagas para estacionamento e 2 enfermarias. Antes da atual fase da Fórmula-1, de pistas mais curtas, o circuito paulista era considerado um dos melhores e mais difíceis dos que integravam o calendário do Campeonato Mundial de Pilotos. Inúmeros pilotos elogiaram o traçado de Interlagos, pela variedade de curvas de baixa, média e alta velocidades, além de duas grandes retas.

Favela aumenta

Uma das exigências da FISA (Federação Internacional de Automobilismo Esportivo), para que o GP do Brasil volte a ser disputado em São Paulo, é quanto a segurança para evitar os "penetras", que diminuem a arrecadação da corrida. Segundo o diretor de Interlagos, Felipe Sendon Cambeiro, um dos problemas para a conservação é o aumento de favelados, à volta do circuito, no lado externo. Em 1981, existiam 6 mil favelados e, atualmente, esse número supera os 12 mil. Eles costumam invadir o autódromo e a depredá-lo.

Por enquanto, ainda não estão definidas as medidas técnicas de aclive e declive da nova curva que ligará a entrada da Ferradura ao final da Curva da Laranja. A variante a ser executada terá uma extensão de 50 metros, com largura de 16 metros.

Foram realizados oito Grandes Prêmios de Fórmula-1 em Interlagos, sendo o primeiro em caráter experimental, em 1972. A prova do ano seguinte, no entanto, já contou pontos para o Campeonato Mundial.

Emerson Fitipaldi venceu em 73 e 74 e outro brasileiro, José Carlos Pace, em 75. O último GP em Interlagos foi realizado em 1980, saindo vencedor o francês Rene Arnoux, com um Renault. No ano de 1977, Emerson Fittipaldi conseguiu o 4º lugar, com o seu Copersucar.

Os GPs de Interlagos

1972 Carlos Reutmann
1973 Emerson Fitipaldi, Lotus
1974 Emerson Fitipaldi, McLaren
1975 Jose Carlos Pacce, Brabham
1976 Niki Lauda, Ferrari
1977 Carlos Reutmann, Ferrari
1979 Jacques Laffite, Ligier
1980 Rene Arnoux, Renault

Maratona BRADESCO/JB abre inscrições amanhã

As inscrições para a V Maratona BRADESCO/JORNAL DO BRASIL estarão abertas a partir de amanhã, em 32 agências dos **Classificados JB** no Rio, Nova Iguaçu, Petrópolis e Niterói, ou em suas sucursais em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador. A prova — seletiva para indicação dos maratonistas que participarão da Olimpíada de Los Angeles — terá um máximo de sete mil corredores.

A inscrição, no valor de Cr$ 3 mil 500, pode ser feita pessoalmente ou pelo correio até 30 de abril. Além de troféus e medalhas aos primeiros colocados, haverá o sorteio de uma passagem para Nova Iorque entre todos os corredores que completarem a prova.

Seletiva

A decisão do Comitê Olímpico Brasileiro de indicar a Maratona BRADESCO/JORNAL DO BRASIL como seletiva para os Jogos de Los Angeles foi anunciada na última sexta-feira. Segundo o presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, Ewald Gomes, a boa organização, sua infra-estrutura e o fato de estar dentro das exigências da Federação Internacional de Atletismo levaram a prova a ser escolhida.

As agências de classificados do JORNAL DO BRASIL autorizadas a receber inscrições para a maratona são as seguintes: Avenida, Bonsucesso, Botafogo, Campo Grande (posto), Carrefour, Cascadura, Copacabana, Flamengo, Freeway, Gávea, Humaitá, Ilha do Governador, Ipanema, Jacarepaguá, Leblon, Leme, Méier, Mem de Sá, Niterói, Nova Iguaçu, Penha, Petrópolis, Praça da Bandeira, São Cristóvão, Terrasse Leblon, Tijuca, Vila Isabel, Agência Comissária Eureka de Classificados, Posto 5 e Posto 6.

Também as sucursais de Brasília (Setor Comercial Sul, Quadra I, Bloco K, Ed. Denasa), São Paulo (Av. Paulista 1294, 15º andar), Belo Horizonte (Av. Afonso Pena, 1500, 7º andar), Porto Alegre (Rua Tenente Coronel Correia Lima 1960) e Salvador (Rua Conde Pereira Carneiro, 226) estão autorizadas a receber inscrições até 30 de abril, data de encerramento do prazo.

No caso de a inscrição ser feita pelo correio, os interessados devem enviar um vale postal em nome de JORNAL DO BRASIL LTDA. e AR (aviso de recebimento), juntando fotocópia da carteira de identidade.

Além do pagamento da taxa de Cr$ 3 mil 500 é exigido que os participantes tenham mais de 15 anos. As faixas etárias masculinas serão de 15 a 24 anos, 25 a 34, 35 a 44, 45 a 54, 55 a 64 e acima de 65 anos. Na feminina as faixas são as mesmas, com exceção da última, que será de 55 em diante.

Os números e os **kits** de corrida serão entregues aos corredores na Feira da Maratona, a ser realizada de 29 de maio a 2 de junho no São Conrado Fashion Mall, mediante apresentação do recibo de pagamento da inscrição ou o Aviso de Recebimento postal. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone 264-4422, ramal 577.

Um moderno sistema de computação, que permitirá a apuração dos resultados ainda no mesmo dia, assim como a alteração do percurso evitando as avenidas no Centro da Cidade, são algumas das novidades para a V Maratona Bradesco/JORNAL DO BRASIL.

Além da participação de corredores estrangeiros como o português Delfim Moreira, o inglês Maicon East e o mexicano Carlos Victorino, a prova este ano deverá ter ainda a participação de 200 maratonistas dos Estados Unidos, alguns dos quais jogadores de futebol americano.

Entre os brasileiros deverão correr a maratona João da Matta (MG), Eloy Schleider (SP), Euclides Fajardo (RS), Palmerindo Campos, Júlio Reis e José Baltar (RJ) e Antônio Celso (SC), considerados favoritos. Na categoria feminina há boas chances para Angélica de Almeida (SP) e Margareth Dias (Rio).

A assistência médica será realizada pela equipe da clínica Orto Center, e todos os sábados, até 2 de junho, haverá clínica em locais previamente determinados, para treinamento dos corredores que participarão da Maratona.

Arquivo/1981

Bill Rodgers é o recordista desde 81

Os vencedores das 4 provas

I Maratona — 15 de novembro de 1980		
1º estrangeiro	Greg Meyer	2h16min40
1º brasileiro	Édson Bergara	2h22min43
1ª estrangeira	Lorraine Moller	2h39min10
1ª brasileira	Eliane Rainert	3h03min04
II Maratona — 2 de agosto de 1981		
1º estrangeiro	Bill Rodgers	2h14min13
1º brasileiro	Édson Bergara	2h18min16
1ª estrangeira	Lorraine Moller	2h35min55
1ª brasileira	Eliane Rainert	3h04min26
III Maratona — 7 de agosto de 1982		
1º estrangeiro	Delfim Moreira	2h15min57
1º brasileiro	João da Matta	2h24min40
1ª estrangeira	Charlotte Teske	2h38min42
1ª brasileira	Vanessa Figueiredo	3h07min58
IV Maratona — 2 de agosto de 1983		
1º estrangeiro	Laurie Whitty	2h16min43
1º brasileiro	Palmireno Campos	2h21min01
1ª estrangeira	Charlotte Teske	2h40min13
1ª brasileira	Eleonora Mendonça	3h01min25

Basquete

Brasília — A Seleção Brasileira de basquete masculino venceu a de Porto Rico, por 92 a 73, ontem à noite em Brasília. A última cesta do jogo foi marcada pelo pivô Carioquinha quando faltavam dois segundos para o término da partida: a bola foi arremessada do meio da quadra, levando a torcida ao delírio.

Automobilismo

Silverstone, Inglaterra — O brasileiro Roberto Pupo Moreno, com um Ralt Honda, foi o mais rápido nos treinos para a prova de abertura do Campeonato Europeu de Fórmula-2, prevista para hoje, no circuito de Silverstone. Moreno garantiu a **pole-position**, com o tempo de 1min14seg82.

Vôlei

A equipe de vôlei feminino do Flamengo derrotou a do Atlântica por 3 a 0 (parciais de 15/4, 15/6 e 15/8) e lidera, ao lado do CIB, que venceu o Tijuca por 3 a 0 (parciais de 15/10, 15/13 e 15/8), a Taça Rio de Vôlei. Desfalcado de suas principais jogadoras, servindo à Seleção Brasileira, o Flamengo jogou com Regina Vilela, Helen, Cristina, Rose, Roseli e Andréia. A Atlântica teve Maria Patrícia, Denise, Helga, Patrícia, Andréia, Dulce e Jacqueline.

Pela categoria masculina, a Atlântica derrotou o Tijuca por 3 a 0 (parciais de 15/12, 15/12 e 15/6).

Edu quer Vasco jogando em ritmo de decisão

Belo Horizonte — Desfalcado de três titulares — Daniel Gonzalez, Marquinho e Roberto — todos cumprindo suspensão automática, o Vasco enfrenta o Atlético Mineiro, esta tarde, pensando em conquistar a liderança do Grupo J. O técnico Edu não quis avaliar muito profundamente se seria mais interessante chegar em segundo lugar e pediu aos seus jogadores empenho, seriedade e espírito de luta para vencer esta tarde.

Edu sabe que dificilmente os jogadores vão se expor, participando de jogadas mais ríspidas, pois o time já está classificado e ninguém vai arriscar sua posição com uma contusão mais grave. Seguindo seu temperamento, no entanto, Edu quer que o Vasco jogue como se estivesse disputando uma partida normal ou mesmo a classificação, pois somente assim a equipe vai se acostumar ao espírito de competição necessária na Copa Brasil.

Primeiro, sempre

Analisando a motivação que o Vasco tem que encontrar para enfrentar o Atlético Mineiro com dignidade, Edu foi objetivo:

— Não estão em jogo os dois pontos? E nossa moral? Até em amistosos é preciso que haja garra, dedicação e coragem. Sem isso, não há futebol. Além do mais, os jogadores ganham para se empenhar em campo e não para brincadeira. Eu quero sempre ganhar e quero sepre chegar em primeiro. Nunca canso de repetir isso. Segundo lugar não me interessa, eu quero sempre ser o primeiro.

O time, apesar de tudo, não deve render o ideal porque joga sem seus três titulares. Edu afirma:

— Mas temos que ter reservas à altura, para que o time seja mantido. Evidentemente cada um tem sua característica. A experiência de um Roberto, por exemplo, é difícil de ser encontrada em todos os jogadores; e a vitalidade e dinâmica de Marquinho realmente podem fazer falta. Mas estamos aí com esperanças de manter o padrão habitual, chegando a uma vitória que nos dará a liderança do Grupo J, sem pensar na conveniência de ficar em segundo. Daqui para a frente é tudo **fera**. Os times têm o mesmo nível e não adianta ficar escolhendo muito. É questão de análise fria: nas próximas fases, todos os adversários serão duros e ficarão mais difíceis ainda com a seqüência do campeonato. E estaremos passando por todos, se Deus quiser.

Os jogadores encerraram ontem pela manhã, no campo de São Januário, os preparativos para o jogo de hoje à tarde contra o Atlético Mineiro, no Mineirão. Às 17 horas, o time se apresentou no Aeroporto Internacional e viajou para Belo Horizonte. O presidente Antônio Soares Calçada confirmou que viajará hoje para Barcelona, na Espanha, onde tentará acertar a participação do Vasco em dois torneios internacionais. A cota que o Vasco receberá nestas duas competições será para pagar ao Barcelona a última parcela pela volta de Roberto ao Vasco. Depois da Espanha, Calçada seguirá para a Itália, onde conversará com Franco Dal-Cin, ex-diretor da Udinese.

ATLÉTICO MINEIRO X VASCO

Local: Mineirão
Horário: 17 horas
Juiz: João Leopoldo Aieta
Auxiliares: Antônio Pádua Sales e Dárcio Pereira
Atlético Mineiro: Pereira, Nelinho, Fred, Luisinho e Miranda; Heleno, Renato e Marcos Vinícius; Catatau, Reinaldo e Edvaldo.
Técnico: Rubens Minelli
Vasco: Roberto Costa, Edevaldo, Ivã, Nenê e Airton; Pires, Geovani e Arturzinho; Mauricinho, Marcelo e Mário
Técnico: Edu

Marco Antônio Cavalcanti

Oliveira tenta driblar Ivã, que ganhou definitivamente a posição de zagueiro titular

Geovani não muda seu estilo

Embora saiba que vai substituir um jogador como Marquinho, cuja dinâmica de jogo e movimentação são consideradas fundamentais para o esquema tático do Vasco, Geovani não pretende mudar seu estilo para se tornar um meia-armador mais veloz. Assim como afirma que respeita conceitos e análises que todos fazem em relação ao seu futebol, Geovani quer que todos respeitem e aceitem suas características:

— Não vou mudar minha forma de jogar porque, afinal de contas, cada um tem sua característica. Já conquistei muitos títulos jogando como estou acostumado e não vejo razões para mudar agora. Muitos dizem que sou lento. Paciência. Esta é minha forma de jogar, meu ritmo de jogo. Sou diferente dos outros. Dizem que eu prendo a bola. E porque não gosto de me desfazer da bola de qualquer maneira, não dou bola no fogo. Por isso fico com ela mais tempo do que os outros.

O fato de ser reserva e ficar num constante entra-e-sai não chega a irritá-lo ou preocupá-lo:

— Um time para chegar a um título não conta apenas com os 11 titulares. Tem que ter um bom banco e uma série de opções para mudar os esquemas. Em muitos casos me sinto assim, uma alternativa. Pode ser que jogando bem diante do Atlético Mineiro eu tenha nova chance e seja mantido. Mas se sair estarei pronto para voltar quando for novamente preciso. Quero estar sempre bem, porque meu contrato termina no meio do ano e quero renová-lo em bases compensadoras.

Roberto Costa ganha confiança

Considerado sempre um dos melhores jogadores do Vasco, mesmo quando o time aplica goleadas, o goleiro Roberto Costa somente agora começa a se sentir realmente mais confiante, numa forma mais aprimorada — perto da que mostrou no Atlético Paranaense, ano passado. Apesar do sucesso e do prestígio que vem conseguindo no Rio, Roberto afirma:

— A posição de goleiro é uma tristeza. Quando acerta, não fez mais do que a obrigação. Quando erra, é crucificado.

Roberto Costa tem, como todos os cidadãos comuns, uma admiração muito grande pelos profissionais que exercem sua função com perfeição. Na profissão e na posição que escolheu, Roberto Costa tem uma profunda admiração e respeito por um goleiro:

— O melhor goleiro do mundo, em minha opinião, é o Fillol. Desde a Copa de 78 eu o considero o maior do mundo. Agora, jogando aqui perto, testemunhando suas atuações, tenho mais convicção ainda de que ninguém é melhor do que ele. Temos o Rodolfo Rodriguez, do Santos, também um grande goleiro, mas o Fillol é incontestavelmente o melhor de todos.

Surge o assunto em que Fillol é exatamente um dos mestres: bolas altas, uma tradicional deficiência dos goleiros brasileiros. Roberto Costa argumenta:

— O goleiro brasileiro tem medo de errar. Sai uma vez, erra, e é tão criticado que acaba preferindo ficar esperando. Pelo menos a responsabilidade fica dividida com os zagueiros. Já o goleiro estrangeiro erra e continua saindo até chegar à perfeição. Aqui no Vasco estamos chegando a um ponto bom porque o treinamento é feito como se fosse num jogo. Não adianta ficar treinando cortar bolas centradas pelo alto. Não há o combate dos atacantes nem o entrechoque. Com a chegada do João Carlos Travassos melhorou, porque passamos a ter situações de jogo.

Atlético desiste de fazer contas

Belo Horizonte — Desde que o Torneio Rio-São Paulo foi ampliado, em 1967, o futebol mineiro sempre se constituiu numa das forças dos campeonatos nacionais. Este ano, contudo, a decepção foi geral. Até o Atlético, antes apontado como um dos principais candidatos ao título, fracassou, apesar da contratação do técnico Rubens Minelli.

Hoje, quando o Atlético se despede da Copa Brasil, enfrentando o Vasco, no Mineirão, o futebol do Estado pode ficar restrito à surpreendente presença do Uberlândia entre os grandes times do País, desde que ele consiga sustentar ao menos um empate diante do Remo, em Belém, resultado que lhe daria o título da Taça CBF.

Cálculos inúteis

Sem absorver totalmente o desastre da eliminação, o Atlético ainda chegou a fazer contas, para ver como poderia se beneficiar do critério técnico para obter a décima-quinta vaga para a terceira fase da Copa Brasil. O primeiro a desistir foi o presidente Elias Kalil, quando viu que o clube teria de vencer o Vasco por 2 a 0 e torcer pela combinação de nove outros resultados:

— Isso é ridículo. Seria o mesmo que fazer 13 pontos na Loteria Esportiva — admitiu Kalil, apontando para quatro assessores, que faziam a série de cálculos, munidos de tabelas e regulamentos:

— Aconteceu um somatório de erros. O principal foi a falta de tempo que o Minelli teve para armar uma equipe que pudesse ser decorada pela imprensa e pela torcida. Além do mais, caímos numa chave fácil na primeira etapa, enquanto os demais clubes grandes sempre tinham um adversário forte. Se tivéssemos o Grêmio na nossa chave, não teríamos caído num grupo reunindo três ex-campeões brasileiros na segunda fase. Isso já aconteceu há dois anos, quando ficamos com Inter, Flamengo e Corintians. Se a CBF não mudou a fórmula daquela vez, não será agora.

Promessa de mudanças

Para Minelli, contratado por Cr$ 10 milhões mensais, o time apresenta carências em algumas posições e é realmente inferior a "uns dois ou três" e igual a muitos outros. Prestigiado, sem aspas, pela diretoria, ele aceitou o pedido para permanecer e promete um trabalho para reformular o time.

Nessa reformulação, o clube admite negociar alguns jogadores, para que outros sejam contratados. Mas ninguém fala sobre nomes e posições, embora muitos reclamem a falta de um grande jogador para o meio-campo. Os dirigentes esperarão o jogo de hoje, contra o Vasco, para começar a decidir os rumos do clube.

Elias Kalil afirmou que o prejuízo foi incalculável. O diretor financeiro, Amauri Lage, estima que seja de Cr$ 600 milhões. Isso, sem contar as outras arrecadações do clube, que oscilam de acordo com o rendimento do time de futebol — cotas de amistosos, publicidade, vendas da butique Preto e Branco, comercialização de lembranças.

Sem esperanças

Desclassificado anteriormente, o Cruzeiro paga os pecados que cometeu. Até hoje, só disputou um amistoso — faz outro hoje, contra o Vila do Carmo, em Barbacena — e não conseguiu contratar qualquer reforço. A única novidade é a contratação de um auxiliar técnico para Brandão: Lanzoninho. Além dele, Palhinha renovou contrato e um obscuro zagueiro, Geraldão, revelado pelos juniores em 1980, retornou do Katar, onde trabalhava com o treinador Procópio.

O presidente Carmine Furletti voltou a prometer grandes reforços, mas observou que somente os contratará se surgirem oportunidades, por preços razoáveis. Resultado: a torcida permaneceu indiferente e ninguém acredita que haverá mudanças. Todos apostam em mais um campeonato perdido para o Atlético.

Uberlândia é a esperança

No América, as contratações de Dario, Zezé, Deda e Adauto não foram suficientes para que o time fizesse boa campanha na Taça CBF. O time foi logo eliminado e também aguarda amistosos. Quem se salva na atual tempestade do futebol de Minas é o Uberlândia, que só depende de um empate para vencer a Taça CBF e se classificar para a Copa Brasil.

Caso isso aconteça, haverá uma inversão de valores, em relação aos outros anos. As emissoras de rádio e os jornais deslocarão suas principais coberturas para o Triângulo Mineiro, e o Mineirão fechará para balanço, deixando ao Parque do Sabiá e ao Uberlandense as únicas emoções da Copa Brasil dentro do Estado.

São Paulo torce para Fluminense vencer e Zé Sérgio melhorar

São Paulo — As atenções do time do São Paulo, hoje, estarão voltadas para Goiânia, onde o Fluminense, já classificado, no Grupo I, poderá garantir a classificação, no jogo contra o Goiás. Se o Fluminense vencer ou empatar, o São Paulo garantirá sua classificação à terceira fase da competição, caso vença o Bahia, às 17 horas, no Morumbi.

O técnico Mário Travaglini, além de preocupado com a matemática que poderá classificar o São Paulo, tem problemas para escalar o time para enfrentar o Bahia: Zé Mário, Jaiminho e Zé Sérgio estão contundidos e só serão escalados se melhorarem até a hora da partida. Na preliminar, o torcedor do futebol verá uma atração diferente: um jogo de rúgbi, entre o São Paulo e o Nippon.

A Portuguesa de Desportos contará com o zagueiro Leiz hoje, contra o Brasil, no Canindé, pois o jogador recuperou-se bem de uma contusão. Um empate contra o clube de Pelotas será suficiente para sua classificação à terceira fase. Se o Brasil vencer, ele estará classificado, independente do resultado do jogo no Rio, entre Flamengo e Internacional de Porto Alegre.

Eliminado da Copa Brasil, apesar de vencer o CRB por 7 a 0, o Palmeiras tem a esperança de se classificar à terceira fase, pelo critério técnico. No Grupo K, em que estava, classificaram-se o Fortaleza e o Santos. A torcida palmeirense, no entanto, não acredita nessa hipótese, pois várias equipes teriam que perder seus jogos programados para hoje.

Ministro italiano conversa com Falcão mas não revela tema

Roma — O brasileiro Paulo Roberto Falcão, o **Rei de Roma**, encontrou-se ontem com Giulio Andreotti, Ministro das Relações Exteriores, na Câmara dos Deputados. Assim que terminou o rápido encontro entre o jogador e o Ministro, os jornalistas italianos começaram a especular que o tema da conversa foi a renovação do contrato de Falcão com o Roma por mais uma temporada.

Todos os jornalistas recordaram que depois de encerrado o contrato de Falcão na temporada passada, foi necessária a intervenção de Andreotti — fanático torcedor do Roma — para que o brasileiro assinasse com o clube por mais uma temporada. Na saída do encontro, evasivo e procurando evitar o contato com a imprensa, o Ministro afirmou que não se interessa pela renovação do contrato de Falcão.

América promete luta para ajudar Botafogo e garantir liderança

Apesar dos desfalques de Jorginho, Gilcimar e Gílson, e de já ter a classificação à próxima etapa da Copa Brasil assegurada, o América enfrenta o Coritiba hoje uma responsabilidade maior: auxiliar o Botafogo, que depende de uma vitória do América, a conseguir a vaga, além de lutar para garantir a primeira colocação no grupo.

O técnico Gílson Nunes informou que a equipe está motivada e conta com o fato de o adversário também precisar da vitória. Ele só lamenta não poder contar com Jorginho, que deixou o coletivo de sexta-feira sentindo fisgadas na coxa e foi vetado para a viagem porque o médico José Tavela não dispunha de tempo suficiente para avaliar melhor a contusão. Mas diz que o reserva Jacenir é experiente e atravessa boa forma.

Problemas na frente

Seus problemas, entretanto, se concentram no ataque. Para substituir Gilcimar, cumprindo suspensão automática, o técnico recorreu ao ponta-direita Silvânio, 24 anos, que veio do São Carlense, da seguna-divisão paulista, e é dono do passe. Para ocupar a ponta-esquerda Gílson ainda tem dúvidas: se optar por um esquema de jogo mais fechado, sairá jogando com o nigeriano Rick, que passou a semana com problemas financeiros, pois gastou todo o seu salário pagando contas telefônicas para seu país, na África, e para amigos nos Estados Unidos.

Voluntarioso e de porte físico avantajado, Rick espera a chance chance para se firmar. Mas se Gílson Nunes optar por uma alternativa ofensiva, Frambert, emprestado pelo Criciúma até o final do ano, ocupará a posição.

Sobre o adversário, Gílson Nunes tem apenas uma lembrança, ainda bem recente: venceu o América, em pleno Maracanã, por 1 a 0.

— Isso, no entanto, é que menos importa. Naquele jogo estivemos mal e ainda assim dominamos amplamente. Só tomamos o gol numa jogada confusa. O atacante do Coritiba desviou a bola, de cabeça. A rigor, conheço o Coritiba desde e do jogo com o Botafogo, mas quero saber a escalação para armar o América.

CORITIBA x AMÉRICA

Local. Estádio Couto Pereira
Horário: 17 horas.
Juiz: José de Assis Aragão
Auxiliares: Osvaldo Ramos e Antônio Carlos dos Santos.
Coritiba: Jairo, André, Gomes, Vavá e Carlos Alberto Rocha; Tobi, Élcio e Carlinhos Maracanã; Lelo, Petróleo e Édson.
Técnico: Daniel Krüger.
América: Gasperin, Donato, Paulo Nelli, Maxwell e Jacenir; Serginho, Gilberto e Moreno; Silvânio, Luisinho e Rick (Frambert).
Técnico: Gílson Nunes.

Didi pede calma para conseguir uma goleada

Desfalcado de três titulares — Abel, Otávio e Helinho —, que foram expulsos no jogo contra o América, e sem ter renovado os contratos de Alemão e Geraldo, o Botafogo enfrenta o Operário hoje, em São Januário, necessitando da vitória e torcendo para que o América empate ou derrote o Coritiba, no Paraná, para obter a classificação à próxima fase. Se empatar com o Operário, o Botafogo só disputará a fase seguinte se o América ganhar do Coritiba.

Certamente o Botafogo será um time nervoso hoje à tarde. A necessidade de vencer e os desfalques contribuirão para a tensão do time. Percebendo isso, o técnico Didi conversou longamente ontem com o elenco e hoje, antes da partida, voltará a falar com o time, pedindo calma durante a partida.

— O time do Operário está de franco atirador — explicou Didi. — Por isto entrará em campo, sem maiores preocupações, enquanto nós estaremos em busca da classificação. O Botafogo tem que atacar e, se possível, dar uma goleada.

Treino

Ontem pela manhã, em Marechal Hermes, Didi orientou um rápido treinamento de dois-toques. Cláudio Adão, sentindo dores musculares, foi o único jogador que não participou. O médico Lídio Toledo, no entanto, esclareceu que Adão terá condições de participar do jogo de hoje. Mesmo sem ter treinado, Cláudio Adão conversou com Didi, que pediu ao atacante para criar mais jogadas com Berg.

— Se eles jogarem mais próximos, as tabelinhas sairão com mais facilidade — comentou o técnico.

Após o treino, os jogadores foram dispensados e à noite se apresentaram para a concentração no Hotel Ambassador, no centro da cidade, próximo à Cinelândia.

Terminado o treinamento, os jogadores foram informados de que o prêmio por vitória será retirado de 25% da cota da renda. Além de depender do América, o Botafogo também tem a possibilidade de disputar a próxima fase, classificando-se pelo índice técnico. Por isto, uma goleada hoje será importante, porque aumentará o saldo de gols do time.

BOTAFOGO x OPERÁRIO MT

Local — São Januário
Horário — 17 horas
Juiz — Edson Alcântara Amorim.
Auxiliares — Ângelo Ferrari e Valdemar Firmo.
Botafogo — Paulo Sérgio; Josimar, Caxias, Cristiano e Paulo Roberto; Demétrio, Ninho e Berg; Té, Cláudio Adão e Bahia.
Técnico — Didi
Operário MT — Mão de Onça; Agnaldo, Jorge Macedo, Laércio e Alcir; Cláudio Barbosa, Dito e Mosca; Zé Dias, Luisão e Ivanildo.
Técnico — Nivaldo Santana

Delfim Vieira

Alemão (E) Abel (C) não jogam, mas participaram do treinamento, para dar força à equipe

BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS
FICHA DE ATLETA DE FUTEBOL

Nome: MOZER (JOSÉ CARLOS NEPOMUCENO MOZER)
Data Nascimento: 19 de setembro de 1960
Nacionalidade: Brasileira
Naturalidade: Rio de Janeiro (RJ)
Filiação — Pai: Waldomiro Francisco Mozer
Mãe: Yvone Nepomuceno Borges
Origem: Campo Grande A.C., do Rio - Escolinha 1974
Estado civil: Solteiro — Côr: Branca

BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS
FICHA DE ATLETA DE FUTEBOL

Nome: MORENO (PAULO ROBERTO ALVES DE OLIVEIRA)
Data Nascimento: 05 de novembro de 1961
Nacionalidade: Brasileira
Naturalidade: Nova Iguaçu (RJ)
Filiação — Pai: Nagibe Gomes de Oliveira
Mãe: Clarice Alves de Oliveira
Origem: Escolinha (1976)
Estado civil: Solteiro — Côr: Parda

Mozer, hoje titular do Flamengo e da Seleção Brasileira, e Moreno, do América, não agradaram na escolinha e foram dispensados

BOLA DIVIDIDA

NAS vésperas da Copa do Mundo de 58, surgiu em cena um misterioso relatório, de cuja autoria nunca se teve confirmação, contendo normas que deveriam ser obedecidas pelos técnicos no preparo e formação do time brasileiro que disputaria aquele mundial na Suécia.

Entre outras determinações, o relatório recomendava evitar sempre que possível a escalação de jogadores negros. "O negro — dizia o tal relatório — era um nostálgico, que longe de sua terra tornava-se um tímido, um inútil, difícil de se adaptar ao clima, à comida etc. etc.".

Coincidência ou não, quando se escalou a Seleção Brasileira o time tinha apenas um negro: Didi. As outras posições eram todas ocupadas por jogadores brancos.

Mera coincidência? Talvez sim. Mas era surpreendente que no lugar do negro Djalma Santos, consagrado lateral-direito, estivesse o branco De Sordi, de qualidades técnicas nitidamente inferiores. Ou que o excelente Zito se visse preterido pelo branquérrimo Dino Sani. Ou ainda que o mulato Garrincha estivesse barrado por Joel e o caboclo Vavá pelo louro Mazzola. E até o jovem Pelé cedendo o lugar ao branco Dida.

A ameaça de uma desclassificação levou mais tarde os dirigentes a modificar essa Seleção, escalando os negros e mulatos que haveriam de conquistar para o Brasil, pela primeira vez, o título mundial.

Da existência desse relatório, desde então, nunca mais se ouviu falar. Mas muita gente boa está aí, vivíssima para confirmar. Só que por conveniência ou falta de coragem não o fazem. Preferem dizer que tudo não passou de especulações. O relatório, no entanto, existiu, não sei se por racismo de seu desconhecido autor ou por uma prevenção que, consciente ou inconscientemente, se manifesta em certos segmentos da nossa sociedade.

Foi há 26 anos e estou lembrando o fato porque vejo surgir algumas restrições a uma possível convocação de Didi para a CBF. Caso chamado, Didi seria o primeiro negro a dirigir uma Seleção Brasileira e condições não lhe faltam para isso. Aos que o desconhecem, deve-se dizer que Didi, homem de uma correção absoluta, é respeitado e admirado como treinador em todo o mundo do futebol.

Evidentemente há outros técnicos com igual gabarito para dirigir a Seleção Brasileira. Mas, se não quiserem Didi, por favor não venham a usar como fator negativo o fato de ele ser negro.

Tudo isto pode parecer um ponto de vista absurdo, exagerado ou incrível, mas não é, não. Lamentavelmente, há restrições sendo levantadas.

■

Histórias: — Durante a Copa do Mundo de 66, em Londres, vendo aquele trânsito complicado (para nós) com a mão invertida e o volante dos carros do lado direito, o dirigente Mendonça Falcão exclamou, surpreso:

— Chi! Aqui quem dirige é o outro...

SANDRO MOREYRA

Um clube que luta para se livrar da crise

Um presidente omisso, acusado de ter ido ao Maracanã pela última vez há 25 anos; falta de dinheiro para renovar os contratos de Alemão e Geraldo; rebelião de jogadores com salários atrasados; médico pagando o sabão para lavar o material de treino; boicote do Conselho Diretor ao futebol e um técnico que desde que chegou ao clube não recebeu salários. Tudo isso não é mais novidade. O importante para o atual presidente do Botafogo e seus 11 vice-presidentes é salvar o clube do caos em que se encontra. Daí, uma luta incessante para encontrar as soluções e saídas da crise que não é só do Botafogo, mas de todo o país.

Mané Garrincha

Se ainda vivo, Garrincha, tantas vezes comparado a Charlie Chaplin por sua graça e leveza que encantou multidões, não teria muito orgulho de entrar no estádio de Marechal Hermes, que hoje tem seu nome. Os alambrados estão partidos, o gramado é ruim e as acomodações piores ainda. As arquibancadas metálicas e com placas de concreto como assento precisam de maiores cuidados. E é o Estádio Mané Garrincha, com capacidade para 25 mil pessoas, uma das principais saídas para o Botafogo, a fuga das taxas exorbitantes cobradas no Maracanã e em outros estádios que o clube utiliza para fazer seus jogos.

Sentado no banco de reservas, observando o treino coletivo dos jogadores profissionais, o vice-presidente de futebol, Márcio do Couto, olhar distante, fala sobre seus planos.

— No jogo contra o Moto Clube, no Maracanã, nossa cota foi de Cr$ 122 mil. Se tivéssemos um estádio, lógico que ganharíamos muito mais. E os problemas de Marechal Hermes são mínimos. Já mandei dois orçamentos para a diretoria. Um deles de apenas Cr$ 4 milhões. Com essa importância teríamos condições de realizar aqui todos os nossos jogos de porte médio. Basta consertar os alambrados, acertar o gramado e levantar um pouco mais a arquibancada que fica atrás do gol. Levantar a arquibancada, eu já tinha conseguido até de graça. Qual foi a resposta? A de sempre. Não há dinheiro. Espere mais um pouco.

Mozer e Moreno

Outra saída para o dirigente, e esta já colocada em prática, é uma atenção toda especial para as categorias inferiores. Luís Afonso, diretor de futebol amador, abre sua pasta enquanto conversa com Márcio Couto sobre seus planos. Entre os papéis, dois cartões de inscrições, que imediatamente tentou esconder. Sem sucesso na tentativa. Márcio pega os cartões e com olhar trieste é obrigado a mostrá-los. Um de Mozer, titular do Flamengo e da Seleção Brasileira, considerado inegociável. Outro, de Moreno, que o Flamengo chegou a oferecer Cr$ 500 milhões, recusados pelo América. Mozer, dispensado pelo Botafogo em 28/5/76. Moreno, dispensado em 21/11/77.

— Pois é — explica Luís Afonso — e não foram só o Mozer e o Moreno que o Botafogo mandou embora. Por aqui passaram Júnior, Edinho, Vítor e muitos outros jogadores, mandados embora com a alegação de que não davam para o futebol. Agora é diferente. Fazemos um trabalho do mais alto nível. O Botafogo não vai mais mandar embora seus craques para serem aproveitados em outros clubes.

Mutirão

Enquanto os craques não surgem das escolinhas, o jeito é montar um time para conquistar o título, esperado há 16 anos. Sem dinheiro, o clube tentou de todas as maneiras. Até um mutirão foi criado, com contas abertas em bancos, mas não foi dessa maneira que o Botafogo econtrou sua saída. O mutirão rendeu Cr$ 15 milhões e a crise e as dificuldades do clube foram tomando proporções nacionais. No jogo contra o Coritiba, em Curitiba, quatro torcedores deram ao vice de futebol, Cr$ 15 milhões. O chefe da delegação pagou o hotel em que os jogadores estavam concentrados (Cr$ 1 milhão), e dividiu o restante. Caxias e Otávio, os que apresentavam maiores problemas, receberam Cr$ 2 milhões. Os Cr$ 12 milhöres restantes foram divididos em partes iguais entre os demais jogadores.

No Rio, um grupo de torcedores da Refinaria Duque de Caxias conseguiu arrecadar Cr$ 8 milhões que serão dados ao clube para dividir entre os jogadores, ainda esta semana. Prova evidente de que o Botafogo tem uma grande torcida, que até hoje não consegue entender como o clube chegou ao caos.

Início do caos

Para muitos, o declínio do Botafogo começou com a venda da sede de General Severiano. Rivadávila Correia Meier hipotecou o campo de futebol por Cr$ 45 milhões. No dia 2 de janeiro de 1976, assumia a presidência Charles Borer. Uma semana depois, o Botafogo não tinha mais seu campo e, pior que isso, a sede foi vendida à Companhia Vale do Rio Doce por Cr$ 97 milhões. O Botafogo não tinha mais sede, mas era um clube rico, segundo seu presidente. A todos, respondia que o dinheiro fora aplicado no Open. Só que até hoje não se sabe exatamente onde está esse dinheiro.

Mas como a esperança é a última que morre, os torcedores do Botafogo não perderam a esperança de reaver a sede histórica. E um grande passo já foi dado. Recentemente tombada, o atual presidente, Emanuel Viveiros de Castro, diz que agradece muito ao Prefeito Marcelo Alencar e à Câmara Municipal.

— Agora — explica o presidente — é negociar com a Vale do Rio Doce. Mas só o tombamento da sede já foi uma grande vitória.

Publicidade, uma saída

Presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais do Rio de Janeiro, Paulo Sérgio, goleiro do Botafogo, salários de Cr$ 4 milhões 500 mil mensais, concorda em parte com o presidente.

— Acredito que a sede de General Severiano — explica o goleiro — foi o início do caos. O clube representava o bairro. Mas acho que não devemos ficar sendo eternamente saudosistas. Se não temos General Severiano, não adianta ficar sonhando. O que temos? Marechal Hermes? Pois, então, vamos viver Marechal Hermes. Vamos fazer nosso campo, investir no que temos. Fico triste olhando esse estádio sem um placa de publicidade sequer.

E continua:

— Investir nas categorias inferiores é importante, mas é necessário que haja estrutura. Essa estrutura só vai acontecer quando o clube for estritamente profissional. Colocar profissionais para resolver as coisas com outros profissionais. Precisamos de um diretor de marketing para discutir a publicidade do futebol, do estádio e da sede do Mourisco. Não podemos ter pessoas amadoras tratando desses assuntos.

Casa arrumada

O vice-presidente de finanças, Roberto Dreux, vai além.

— Acho que o importante é diversificar a propaganda. Fazer contratos de troca. Damos o local para a publicidade e recebemos por isso. Não interessa ao Botafogo, pelo menos por enquanto, firmar um contrato com uma única empresa. Queremos diversificar. Queremos um patrocinador para o vôlei, outro para a natação, outro para o remo, outro para o futebol e assim por diante. Estamos trabalhando e posso adiantar que já temos dois contratos fechados.

Dreux explica que a preocupação dos atuais dirigentes é sanear o Botafogo. Com oito mil sócios, dos quais menos da metade são considerados pagantes, o jeito é atrair mais associados. Sentado numa das cadeiras da mesa de reuniões da sala do vice-presidente administrativo, Luís Desiderati, Dreux fala com otimismo.

— Estamos conseguindo nossos objetivos. Hoje, conseguimos que os esportes amadores tragam rendimentos para o clube. Temos uma escolinha de natação que rende cerca de Cr$ 12 milhões mensais. E não vamos parar por aí. Faço uma promessa. Quando terminar nosso mandado, em dezembro, o Botafogo será uma casa arrumada.

As razões são desconhecidas. O assunto é mantido dentro do maior sigilo. Mas a grande verdade é que os atuais dirigentes não vêem nos campos de futebol a saída para a crise. Pelo contrário, para eles a saída está no mar. O projeto já existe e as obras vão começar no meio do ano. Seu nome: Mourisco Marinas Mar.

Uma marina que já tem o aval do Ministério da Marinha e é vista como a redenção do clube. Uma renda mensal de aproximadamente Cr$ 500 milhões. O dinheiro para a construção do Mourisco Marinas Mar surgirá através dos vários projetos de publicidade já em estudos.

Grande time

Investir nas categorias inferiores, reformular o Estádio Mané Garrincha, trazer os associados para os clubes, fazer contratos de publicidade, dar atenção maior ao esporte amador e construir uma Marina capaz de tirar o clube do caos são várias sugestões para o clube. Mas o imediatismo toma conta dos brasileiros e os resultados têm de ser a curto prazo. Daí as divergências de opiniões.

Para o Deputado Aguinaldo Timóteo (PDT/ Rio), o segundo mais votado no Brasil, com 500 mil 553 votos, a solução está no grande time. Quinta-feira, no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, minutos antes de embarcar para Curitiba e Porto Alegre, onde fez shows este fim de semana, foi categórico.

— A solução do Botafogo está na formação de um grande time. Com um time a torcida comparece e paga todas as dívidas do clube.

OSCAR EURICO

Fla reforça meio-campo para garantir a vaga

O Flamengo será um time defensivo e cauteloso hoje à tarde no Maracanã contra o Internacional. E o motivo é muito simples. Um empate classificará a equipe para a próxima fase da copa Brasil. Por isso, o técnico Cláudio Garcia escalou cinco jogadores no meio-campo — Bigu, Elder, Tita, Lico e Adílio — deixando apenas Nunes na frente.

Antes de começar o treino de ontem à tarde em Caio Martins, o ambiente na Comissão Técnica era de muita expectativa. Leandro e Júnior voltaram da Colômbia sentindo contusões e o técnico Cláudio Garcia precisava de uma definição do médico Célio Cotecchia para confirmar a equipe. Assim que Cotecchia chegou, Garcia ficou tranqüilo, porque foi informado de que os dois tinham condições de jogo.

— Leandro não está aqui porque ficou na Gávea e praticamente foi liberado. E o Júnior também não está sentindo mais nada e pode jogar — explicou Cotecchia.

O Flamengo hoje, na verdade, atuará desfalcado apenas do apoiador Andrade, que na partida contra a Portuguesa da Desportos — última do Flamengo na Copa Brasil — recebeu o terceiro cartão amarelo. Lúcio e João Paulo já haviam sido barrados há algum tempo pelo treinador.

Durante o treino de ontem à tarde, Fillol torceu o pulso ao fazer uma defesa e foi poupado no final. O Dr. Célio acha que hoje ele já estara bom.

Pela manhã, na Gávea, Zico continuou o tratamento no músculo da coxa esquerda e aproveitou para incentivar seus ex-companheiros de time, que precisam garantir a classificação.

FLAMENGO X INTERNACIONAL

Local — Maracanã
Horário — 17 horas
Juiz — Romualdo Arppi Filho
Auxiliares — José Luís Guidotti e Edevaldo Pereira
Flamengo — Fillol; Leandro (Heitor), Mozer, Figueiredo e Junior; Bigu, Elder e Tita; Lico, Nunes e Adílio
Técnico — Cláudio Garcia

Internacional — Mano; Alves, Mauro Pastor, Mauro Galvão e André; Ademir, Dunga e Mário Sérgio; Sílvio Cruz, Milton Cruz e Silvinho
Técnico — Otacílio Gonçalves

Fillol, agora o grande ídolo

Bola alta, Fillol defende. Bola baixa, defesa de Fillol. Chute rasteiro, bola de Fillol. Chute colocado, Fillol. Falta, forte ou de efeito, defesa de Fillol. No último jogo, até em cobrança de pênalti, como aconteceu em Guaiaquil, defesa de Fillol.

Atuações assim já viraram rotina. Uma rotina que transmite tanta confiança aos seus companheiros que na Gávea todos chegam a dizer que basta ótimo fazer um gol que Fillol garante a vitória.

Fillol encara essa confiança com muita naturalidade. Fica feliz com o reconhecimento e o carinho de seus companheiros, mas confessa que para se manter em forma; aos 33 anos (faz 34 em 23 de julho), treina com a dedicação de quem está começando na profissão. O reflexo dessa dedicação já começa a surgir.

Se antes o torcedor tinha o goleador Zico como seu ídolo, aos poucos este lugar está sendo ocupado por Fillol, justamente por evitar que façam gols no Flamengo.

Para alguns jogadores da defesa, uma das razões do sucesso do goleiro, é que ele é perfeito da cabeça aos pés.

— É um homem inteligente e sabe qual a melhor maneira de fazer a defesa. Se for necessário dominar a bola e sair com ela pela área, ele domina, como se fosse um zagueiro. Onde existe um goleiro assim? — pergunta Mozer.

Para os jogadores do meio-de-campo, outra virtude de Fillol é que ele enxerga o campo todo e logo que domina a bola já sabe o melhor caminho para recolocá-la em jogo. Com isso, facilita o contra-ataque.

Já não se pode mais colocar em dúvida o fato de Fillol já ser ídolo dentro do seu próprio time. Apesar de todos terem vividos grandes momentos ao lado de Raul, reconhecem que Fillol é mesmo uma tranqüilidade para qualquer time.

Mesmo com todos os elogios, Fillol mantém a sua humildade. Confessa que é um trabalhador. Que o goleiro não pode viver do jogo passado e que a cada partida é um outro desafio.

— O que me revolta às vezes é um árbitro ruim, como na Colômbia. Para mim, o que vale agora é a partida de hoje, contra o Internacional. O passado é só uma saudade — explicou Fillol, moreno forte, de metro e oitenta e um de altura, mãos largas como a de um operário. Homem calmo debaixo da baliza, mas explosivo fora da área. Ja brigou algumas vezes, liderou greve em defesa da classe, bom amigo, ótimo chefe de família e ídolo de todos os amantes do futebol.

OLDEMÁRIO TOUGUINHÓ

Ari Gomes

Fillol, com suas defesas, assume, junto à torcida e jogadores, o papel de destaque que pertenceu a Zico

Aguinaldo Ramos

Zico, em tratamento na Gávea, estimulou seus companheiros para o jogo contra Inter

Internacional motivado promete explorar cansaço do adversário

Porto Alegre — Motivados pelo prêmio extra oferecido pela direção do clube — Cr$ 450 mil caso a equipe vença o Flamengo hoje à tarde no Maracanã e garanta a classificação para a próxima fase da Copa Brasil — os jogadores do Internacional viajaram certos da vitória. Para isto, contam com um grande aliado: o cansaço dos jogadores do Flamengo depois dos dois jogos realizados na Colômbia.

Mesmo atravessando uma grave crise interna, o clube ainda não definiu quem será o novo treinador depois que demitiu Dino Sani no último domingo, os jogadores demonstraram grande disposição nos treinamentos táticos dirigidos pelo professor Otácilio Gonçalves, técnico-provisório do Internacional e responsável pela equipe hoje.

Prometendo uma vitória para o pequeno número de torcedores que foram ao clube durante a semana, os jogadores do Internacional não admitem ficar fora da próxima fase da COpa Brasil. O clube só tem programado uma excursão para o Japão, em julho.

O treino recreativo de ontem pela manhã, antes do embarque da delegação para o Rio, Otácilio Gonçalves definiu a equipe com o capitão Mauro Galvão vontando à quarta-zaga:

— Sei que o Flamengo será bem diferente do que foi nos dois jogos na Colômbia. Será mais ofensivo. Nós respeitamos o Flamengo mas não temos medo e vamos buscar uma vitória com a mesma equipe que vinha jogando antes — diz Otacílio.

A escolha de Dunga pelo Comitê Olímpico Brasileiro como atleta-padrão de 1983 no Brasil foi considerado pelo jogador uma de suas maiores conquistas e motivação maior para vencer o Flamengo. Dunga, que ficou afastado por ordem médica uma semana dos treinamentos, estava com estafa, diz que o prêmio serve para motivá-lo ainda mais e voltar do Rio com a classificação assegurada para o Internacional.

JOÃO SALDANHA

Comi o charuto

HOJE tem jogo do Flamengo. A torcida bate palmas. Reconheço que devo ter sido até severo com alguns jogadores. Aqueles que tiram a perninha na dividida com o botinudo local que está imbuído de um patriotismo curioso e ingênuo. Lá pelas tantas um senhor de idade foi para cima do bandeira no momento do primeiro gol do Flamengo quando Edmar passou por um, pelo goleiro e tocou para dentro. Veio também o treinador. O lateral-esquerdo deu um bico no tornozelo do bandeirinha. Nada feito, nada aconteceu. Os homens voltaram a seus lugares e vida que segue.

Creio que alguns árbitros do quadro da Sul-Americana não deveriam usar o clássico uniforme preto. Melhor lhes assentaria um em preto e branco, listras horizontais. Se a calça fosse comprida, ficaria mais autêntico. Também um número, um milhar às costas. Depois era só voltar para casa.

Juro que o cansativo não são as viagens pelo continente. Até que o avião me descansa. Duro é ter de assistir a isto. Sim, tem bola, campo, iluminação, gente, muita gente e dois times de onze. Exatamente o necessário para um jogo de futebol. Todos os ingredientes. Menos jogo de futebol.

Os belgas quando vão ao campo dizem em casa de volta: "Fumei um bom charuto". Isto significa que foi um bom jogo. Às vezes, quando voltam, dizem: "Comi o charuto, mastiguei e cuspi. Foi horrível". Francamente não vale o sacrifício. Comi o charuto. É muito longe para pouco jogo.

A gente é garfado, ofendido e nada acontece. Onde está a direção do futebol brasileiro que aceita este grupo de piratas que vivem à custa disto? Que medidas serão tomadas em defesa dos clubes? Continuar obrigando-os aos prejuízos financeiros e às ofensas morais? Será que já não chega? Os jogos não são dirigidos por árbitros. Por réus bem instruídos pelos promotores.

Hoje, o Flamengo vai ao campo de novo. Acaba de fazer cinco jogos em 11 dias. Vou parodiar o doutor Sobral Pinto: invoco a Sociedade Protetora dos Animais. Os órgãos competentes estão passivos.

A Rádio JORNAL DO BRASIL *transmite hoje o jogo Flamengo x Internacional, com narração de José Cabral, comentários de João Saldanha e reportagens de Luís Fernando e Sidnei Amaral, além de acompanhar Coritiba x América, com Paulo Duarte e Célio Campos, e Botafogo x Operário, com Paulo César Tenius e Carlos Couto*

Flu já é 1º mas exige o antidoping

Classificado em primeiro lugar do Grupo I com qualquer resultado contra o Goiás, hoje, no Serra Dourada, ainda assim o Fluminense exigiu que seja feito exame antidoping no adversário, alegando, entre outros motivos, a integridade física dos seus jogadores. Estes, porém, classificaram de "perigosa" esta providência da diretoria.

— Se me deixassem opinar eu teria sido contra — disse o goleiro Paulo Vítor, um dos líderes da equipe. — Em outros jogos, principalmente no Nordeste, eu até admitiria, mas no futebol goiano não há **doping**. Joguei no Goiás, nosso adversário, e no Vila Nova, e conheço bem o futebol goiano para dizer que foi uma medida inútil. Agora sim, corremos o risco de encontrar um ambiente hostil. Por isso acho que os dirigentes devem ouvir os jogadores em todas as medidas que tenham influência no campo — alertou o jogador.

Só os pontos

O capitão Duílio concorda com Paulo Vítor, mas nem por isso teme qualquer violência por parte dos jogadores do Goiás. Ele acha que um time que precisa vencer, como o adversário de hoje, não pode ir a campo preocupado em fazer do futebol um espetáculo de violência.

— Se tumultuarem a partida, pior para eles. Vão levar cartão, vão ter jogadores expulsos e podem até perder a cabeça. Nós queremos mesmo são os dois pontos. Precisamos deles para disputar a decisão do título no Maracanã — disse o zagueiro, convicto de que a equipe chegará à final da Copa Brasil.

O técnico Carbone considerou a medida válida, sobretudo "para um time que já começa a jogar preocupado com as finais". O técnico, que chegou a pedir exame antidoping contra o Bahia, na Fonte Nova, e não agora, está mais preocupado é com os cartões amarelos. Duílio, Washington e Leomir estão com dois e, levando o terceiro, não jogam a primeira partida pela terceira fase.

Demissões e desmentidos

Irritado com uma notícia que teve origem em São Paulo e que falava em uma troca envolvendo o zagueiro Ricardo, Delei e Paulinho e mais uma quantia por Careca, o presidente Manoel Schwartz esbravejava, ontem pela manhã, nas Laranjeiras.

— O ciclo de contratações este ano está encerrado. Não virá Careca e ninguém mais. Vou dizer isso aos jogadores para acabar com possíveis descontentamentos — gritava o presidente, chamando a atenção enquanto se dirigia para falar aos jogadores. Mas voltou atrás, porque o treino havia acabado e todos foram almoçar em casa, antes de voltarem ao clube à tarde, para a viagem para Goiânia.

Outro problema a resolver: a equipe de dirigentes do futebol amador ameaça pedir demissão caso o supervisor Hamilton Barreto, ex-preparador físico do futebol profissional e agora contratado por Schwartz, como supervisor, continue trabalhando na categoria. O preparador de goleiros, João Carlos Travassos, foi o primeiro a pedir demissão do clube (agora está no Vasco), por divergências com Hamilton Barreto.

— Por enquanto, só soube que está havendo um mal-estar entre eles e o Hamilton. Mas considero uma deslealdade dos meus dirigentes não me avisarem sobre essa ameaça de demissão — disse Schwartz sobre o problema.

E fez questão de defender o vice-presidente de futebol, Antônio Gil, sobre o pedido de antidoping.

— É necessário para que não ocorra o mesmo que o Dario Pereira fez com o René. Ele agiu como um animal e poderia estar dopado — disse.

GOIÁS X FLUMINENSE

Local: Serra Dourada.
Horário: 17 horas.
Juiz: Tito Rodrigues.
Auxiliares: Afonso Vitor e Valdir Festugatto.

Goiás: Édson; Zé Teodoro, Timoura, Gilson Jáder e Nonoca; Carlos Alberto, Nei e Washington; Hilton, Sávio e Cacau.
Técnico: Vail Mota.

Fluminense: Paulo Vítor; Getúlio, Duílio, Ricardo e Branco; Leomir; Delei e Assis; Wilsinho, Washington e Tato.
Técnico: Carbone.

COPA BRASIL

JOGOS DE HOJE

Goiás	x	**Fluminense**
São Paulo	x	Bahia
Atlético MG	x	**Vasco**
Joinville	x	Grêmio
Operário MS	x	Santo André
ABC	x	Atlético PR
Flamengo	x	Internacional
Portuguesa	x	Brasil
Coritiba	x	**América**
Botafogo	x	Operário MT
Náutico	x	Corintians
Treze	x	Santa Cruz

LOS ANGELES E SUA EXTRAVAGANTE OLIMPÍADA CULTURAL

LOS Angeles — Antes de assinar o contrato, os poloneses queriam que a expressão "Act of God" (ato de Deus ou força maior) fosse alterada para "ato de Deus ou do Partido". Os chineses, por sua vez, fizeram a singela sugestão para que o **legalês** fosse banido e em seu lugar o contrato lesse apenas "todos os problemas serão resolvidos através de uma conversa entre cavalheiros". Os britânicos e italianos incluíram um item exigindo constante água fervendo nas proximidades. Para o chá dos súditos de Sua Majestade e a pasta dos habitantes do **Bel Paese**.

Todos eles estarão unidos aqui pelo espírito olímpico num festival de artes que já se tornou presença fixa dentro dos Jogos Olímpicos. A **extravaganza** cultural que se estenderá por 10 semanas, de 1º de junho a 12 de agosto (último dia da parte esportiva da Olimpíada) reunirá 18 países (19 se os soviéticos decidirem vir à última hora) e 78 companhias de dança e teatro, além de artistas plásticos. Os brasileiros estarão representados pelo Grupo de Teatro Macunaíma e deverão apresentar a história do herói sem caráter em dois espetáculos. A peça está sendo assim anunciada: "Em português. Não é preciso tradução".

Os poloneses referidos no início são os membros do grupo de teatro Cricot 2 dirigido por Tadeusz Kantor, um dos diretores e teatrólogos mais inovativos da atualidade. Os chineses constituem a Companhia de Artes de Interpretação da República Popular da China e apresentarão música e acrobacia, marcando a volta daquele país aos jogos, após uma ausência de 50 anos.

Para o pessoal do Piccolo Teatro di Milano, que exibirá uma interpretação nacionalista de **A Tempestade**, de Shakespeare, e sua marca registrada, **Arlequim, o Servo de Dois Patrões**, a comida correta é de vital importância. Daí trazerem o **tortellini** e outras massas da Itália. Já a Royal Shakespeare Company estipulou que o festival providenciasse uma sala de chá para seus integrantes que encenarão **Muito Barulho por Nada**, de Shakespeare, e **Cyrano de Bergerac**, de Edmond Rostand.

Mas na prova da extravagância, o grupo francês Le Téâtre du Soleil levou a palma. Quer que o palco, o chão do auditório e as poltronas (frente e dorso) sejam acarpetados com um material semelhante a coco e que só é produzido na Índia. Tudo porque a **troupe** deseja recriar o ambiente de seu teatro-base em Paris, uma velha fábrica de munições abandonada. A "ficha técnica" que Le Téâtre apresentou aos organizadores do festival não só estabelece o comprimento das cerdas do seu carpete especial como a hora precisa de passar a roupa dos artistas, além da altura dos **pissoirs** (penicos). Eles estarão apresentando três peças shakespearianas.

Atender aos australianos do Circus Oz será café pequeno. Tudo que exigem é uma lista de todos os salões de bilhar da área. E mesmo o pedido do Wuppetaler Tanztheater por 4 mil e 500 litros de folhas de outono poderá ser atendido com um pequeno toque hollywoodiano e a pintura das folhas, já que outono é uma estação que não passa por aqui. Este grupo de dança da Alemanha Ocidental interpretará **Sagração da Primavera**, de Stravinsky, **1980** e **Barba Azul**.

Apesar de seu orçamento de 10 milhões de dólares, parte do qual subscrito pela companhia Times Mirror, proprietária do **Los Angeles Times**, o Festival Olímpico das Artes de L.A. é o mais modesto, para não dizer pobre, dos últimos tempos. O México, em 1968, montou um **show** de US$ 32 milhões, que durou um ano inteiro e envolveu 97 países. Embora gastando menos (US$ 11 milhões), o Canadá apresentou nos Jogos de Montreal em 76 em espetáculo de um mês, com 1 mil 500 eventos contra os 400 previstos para Los Angeles. E Moscou, usando apenas artistas soviéticos, teve um festival com apresentações diárias de cerca de 125 eventos culturais, para um público de 2,5 milhões de pessoas.

Tem sido uma tarefa difícil organizar esse festival. Críticos e artistas locais estão acusando os organizadores de provincianismo cultural por não apresentarem mais grupos cuja base é o sul da Califórnia. Críticos e artistas locais e de fora apontam para a pequena representação internacional, numa Olimpíada que deverá contar com atletas de 153 países. E há uma certa imprensa especializada em publicar **press-releases** que está classificando o acontecimento de qualquer coisa como o maior acontecimento cultural na história da civilização ocidental.

Robert Fitzpatrick, diretor do Festival, aponta entusiasmado para os 300 mil visitantes diários que estarão na cidade para os Jogos, além dos 2 a 3 bilhões de "visitantes por televisão". E explica por que "**small is beautiful**":

— Montreal, com freqüência, tinha mais gente no palco do que na platéia. As pressões para fazer muitas coisas são assoberbantes. O conselho que recebemos de pessoas experientes foi para nos limitarmos.

A ênfase dessa olimpíada cultural será a dança, a que Fitzpatrick chama de a forma de arte "mais familiar aos esportes uma vez que ambos usam o corpo como instrumento primário". O cume desses espetáculos deverá ocorrer na cerimônia de encerramento, com a apresentação de um **show** multiétnico de dança folclórica e contemporânea. A abertura dos jogos será precedida por uma apresentação da Filarmônica de Los Angeles, dançarinos, fogos de artifícios e raios laser. Realizado no Hollywood Bowl, o **show** deverá ser assistido por dignitários internacionais. Para evitar conflitos de horários com os jogos, apenas 10 dos eventos ocorrerão nas duas semanas das competições esportivas.

Ligadas ao mesmo esquema, haverá ainda mostras de artes plásticas como a exposição Imagem da Cidade, mostrando com fotos antigas, cartões postais e anúncios de que modo a campanha para plantação e subseqüente plantio de 35 mil palmeiras, nas Olimpíadas de 1932, transformaram a feição de Los Angeles e a forma como ela é vista pelo mundo. O Filmex, festival anual de cinema que costuma apresentar as últimas produções de dezenas de países, muitas vezes com a presença do diretor do filme, teve sua data alterada para coincidir com a Olimpíada das artes.

Um dos mais aguardados acontecimentos desse festival, entretanto, está ameaçado de morte prematura por falta de verbas. Trata-se da Ópera Multinacional **The Civil Wars: a Tree is Best Measured when it is down (As Guerras Civis: mede-se melhor uma árvore que está no chão.)**. O trabalho que conta com grupos de Itália, Alemanha Ocidental, Holanda e Japão recebeu contribuições de até US$ 1 milhão dos Governos para a produção dos segmentos nacionais nestes países, mas está tendo dificuldades em levantar os US$ 2,6 milhões necessários para trazer a produção para o Festival. Nessa ocasião deveria acontecer a **première** mundial dessa peça mamute, que está sendo chamada de "uma experiência visual teatral e musical que transcende qualquer outra categoria de representação".

RODNEY MELLO

Macunaíma representará o Brasil no Festival de Artes que de junho a agosto será promovido em Los Angeles

caderno B

"Le Bal"

A MAGIA DO CINEMA SEM PALAVRAS

Para mostrar quase meio século de História da França, Ettore Scola usou um salão de bailes e desenhou centenas de esboços que ajudaram os atores a compor seus personagens

— COMO espectador, eu tinha visto **Le Bal** encenado pelo Théâtre du Compagnol em Paris — recorda o diretor italiano Ettore Scola. — Então, durante um jantar, o Ministro da Cultura da França, Jacques Lang, disse-me que "o espírito da peça era mais italiano do que francês, adaptável ao espírito dos filmes italianos, que geralmente tratam de pequenos acontecimentos, pessoas comuns, gestos, olhares. Poderia ser um dos seus filmes", argumentou ele.

Assim começou a história deste filme que estreou em Nova Iorque semana passada, já cheio de prêmios: o Urso de Prata como melhor película do Festival de Berlim; três Cesars — o equivalente francês do Oscar — como melhor filme, diretor e música; e indicação da Academia de Hollywood para concorrer ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. E hoje **Le Bal**, que se passa num salão de bailes e cobre quase 50 anos de História da França — de 1936 a 1983 — através de música e dança, mas sem diálogos, é sobretudo o filme de Scola, não uma peça francesa.

Embora partilhe a opinião de Lang, Scola decidiu filmar **Le Bal** por outras razões. "Em primeiro lugar, o tempo, o tempo que passa, com suas esperanças perdidas, ilusões que morrem e uma nova ilusão a cada dia. Em seguida, a solidão e, finalmente, a História".

Apesar de a versão cinematográfica, como a peça, situar a ação na França, Scola garante que **Le Bal** não é uma peça filmada. "A versão original não tinha tantas épocas, só abarcava a liberação em 1945, a guerra da Argélia em 1956 e os dias de hoje. Acrescentei a frente popular em 1936, a ocupação em 1942, a americanização em 1945 e o protesto estudantil de 1968. É o filme de um italiano meridional, que considera a História francesa também sua, com humor e ironia".

Segundo Scola, a história poderia se passar na Itália, desde que fossem modificadas algumas referências históricas, trocada a bandeira. "Mas o que me atraiu basicamente foi a idéia do tempo, com o salão de bailes como microcosmo".

O diretor admite que chegou a pensar em enxertar diálogos no filme, mas acabou por restringir-se a um roteiro escrito que funcionou como "diálogo do pensamento": o que os personagens diriam foi expresso pelos atores por outros meios que não a fala — olhos, bocas, mãos, narinas vibrantes, lábios trêmulos e outros gestos significativos.

Através do roteiro, os atores sabiam precisamente o que seus personagens estavam pensando, o que diriam em determinada situação. A ajudá-los, além do mais, estavam os desenhos de Scola — que se formou em Direito mas escolheu o jornalismo antes de se tornar roteirista, primeiro, e diretor cinematográfico, depois.

— Eu desenho o tempo todo, mas é melhor chamar o que produzo de rabiscos — diz Scola, que aos 16 anos, logo após a Segunda Guerra, trabalhava como cartunista numa revista satírica que tinha, entre seus colaboradores, Federico Fellini. "Uma espécie de mina, com um rico veio de talentos para a direção", recorda o diretor, cujos desenhos são diferentes dos de Fellini. "Ele é detalhista, eu tento delinear a psicologia do personagem. Algumas vezes consigo, outras não".

Durante as duas semanas de ensaios, Scola sentava-se com cada ator ou atriz, perguntando-lhes sobre suas famílias e sua vida anterior, enquanto desenhava livremente. "Isto os ajudou a caracterizar os personagens com mais precisão que se eu falasse. Eles puderam captar a psicologia e o papel social dos personagens com maior rapidez, e em alguns casos eu ajustei a aparência física aos desenhos, ao invés de fazer o inverso".

Embora Scola seja italiano e sejam franceses 20 dos 23 atores de **Le Bal**, rodado nos estúdios romanos de Cinecittà, a película concorre pela Argélia ao prêmio da Academia de melhor filme estrangeiro. Scola tem uma explicação:

— A Itália e a França já tinham seus candidatos. E, afinal, **Z** ganhou no passado representando oficialmente a Argélia, sendo seu diretor o grego Costa-Gavras. A Argélia participou do financiamento, já no final da filmagem, através de Lakhdar Hamina, que ganhou a Palma de Ouro em Cannes em 1975. O produtor Giorgio Silvagni é francês, mas nascido na Itália. E o co-produtor italiano é Franco Committeri, que produziu muitos dos meus filmes.

Mas Scola não acredita que possa ganhar o Oscar, dando-se por satisfeito por participar. "Já perdi duas vezes", lembra. "Uma vez com **Um Dia Especial**, outra com **Viva l'Italia**. Este ano, concorro com **Fanny e Alexander**, de Ingmar Bergman, e ele nunca ganhou um Oscar".

No centro das atenções atuais de Scola, contudo, não está o filme em exibição — mas o que ele se prepara para rodar, **I Maccheroni**, com Marcello Mastroianni. Os desenhos já começaram? "Claro. Mas lembrem-se, eu escrevo também".

Melton S. Davis
The New York Times

Nélson Xavier

"O BRASILEIRO SOBREVIVE ATRAVÉS DA FANTASIA"

Evandro Teixeira

Aos 42 anos de idade, 23 de carreira, Nélson Xavier acha que mágico, além de seu personagem, é também o artista brasileiro, por conseguir preservar sua identidade

DEPOIS de 23 anos de carreira e atuações destacadas no teatro (**Dois Perdidos Numa Noite Suja**, **Navalha na Carne**), no cinema (**Os Fuzis**, **A Queda**) e na televisão (**Lampião**), o autor Nélson Xavier, 42 anos, admite que ao fazer **O Mágico e o Delegado**) estréia amanhã) viveu uma espécie de revolução interna. Ao ler o roteiro de Fernando Coni Campos, que também assina a direção, o ator lembra ter percebido imediatamente que, pela primeira vez em sua vida, interpretaria não um personagem — no caso o mágico Velásquez — mas a si mesmo.

— Sou de uma geração — lembra o ator — que aprendeu a **fazer a cabeça** para trabalhar segundo seus princípios, valores, ideologias, e não para fazer carreira. E, de um modo geral, posso dizer que interpretei personagens com os quais me identificava. Já **O Mágico e o Delegado** me propôs viver uma coisa diferente, não interpretei o personagem, fiz eu mesmo.

A idéia de **O Mágico e o Delegado** surgiu de uma anedota no livro de Josué Guimarães, **Depois do Último Trem**, ponto de partida para Fernando Coni Campos relembrar a infância, no interior da Bahia, com seus loucos, bêbedos, as vidas misteriosas de suas tristes mulheres. Corria o ano de 1977, o país no auge do **milagre**, palavra que sem dúvida pode ter uma analogia próxima à mágica. E surgiu a história do filme: chegam a uma cidadezinha do interior da Bahia o mágico Velásquez e sua **partner** Paloma (Tânia Alves), para apresentar um espetáculo de variedades. Na feira o mágico já dá sinal de seus poderes: transforma a miséria em fartura, milagre de curta duração, pois logo a cidade volta à sua pobreza. Os habitantes revoltam-se, e o mágico é preso, colocado em uma cela com quatro outros presos.

Transformar a intragável alimentação dos presos em lautos banquetes, as sórdidas instalações em acomodações luxuosas, quebrar a solidão dos cárceres pela presença de mulheres maravilhosas são algumas das agitações que o mágico promove no presídio, para desespero do delegado (Luthero Luís) que não consegue, com os rigores da função, conter os poderes do prisioneiro. Pouco depois, o mágico Velásquez é encontrado morto em sua cela. **Causa mortis**: inanição. No seu enterro, um último toque mágico.

Em seu apartamento no Humaitá, ao lado das filhas Teresa (cinco anos) e Ana (sete), mesmo três anos depois da realização do filme — foi rodado em Cachoeira e Castro Alves (cidade natal do diretor) na Bahia, em 1981, o ator continua a achar que os vários símbolos e interpretações da fábula **O Mágico e o Delegado** permanecem inteiramente válidos, bem como a sua total identificação com o personagem.

— Afinal — diz ele — ao ler o roteiro, me senti tão mágico quanto o Velásquez, e vejo que brasileiro só consegue sobreviver nesse Brasil, caótico e absurdo, através da fantasia, da mágica. O artista brasileiro é um mágico, não no sentido da inventividade, da criatividade artística, mas mágico para conseguir sobreviver, preservando a sua identidade.

Nélson Xavier fez o mágico Velásquez apaixonado pelo personagem; entre outras coisas boas que o filme lhe deu, está o primeiro encontro com Tânia Alves, sua parceira depois em **O Lampião**. Entre ler o roteiro e o início das filmagens, correu quase um ano, e, descrente da montagem, devido às dificuldades de realização, foi com surpresa que Nélson viu o filme receber quatro grandes prêmios no último Festival de Brasília — melhor filme, melhor ator (o próprio), melhor roteiro (Fernando Coni Campos e Mário Carneiro) e melhor atriz coadjuvante (Maria Sílvia). O filme foi aplaudido de pé, a metáfora de que somente através da fantasia é possível sobreviver ao caos e à repressão facilmente percebida pelo grande público.

Apesar de fluente e das idéias claras, Nélson Xavier fala pausadamente. O tom é mais reflexivo do que meramente narrativo. Afinal, nos últimos anos, suas atuações no cinema ou na televisão (a sua última peça, como ator, foi em 1976, **A Luz No Fim do Túnel**) obrigaram-no a uma revisão e reflexão constantes sobre sua atividade. Pois de certa forma nada mais distante da sua formação no Teatro de Arena, no final dos anos 50, começo dos 60, que as exigências feitas aos atores hoje. Contemporâneo de Augusto Boal e Oduvaldo Viana Filho, Nélson Xavier estreou no teatro fazendo uma substituição em **Eles Não Usam Black-Tie**, em 1958, e logo depois estreava com a peça **Chapetuba Futebol Clube**, de Vianinha. Naquela época, lembra, a palavra de ordem era interpretar o Brasil, a realidade brasileira, como brasileiro:

— O brasileiro não se identificava com o que via nos palcos. Fora as antigas companhias, Procópio Ferreira, Dercy Gonçalves, o que se via nos palcos, sobretudo de São Paulo, através do TBC, era um teatro estrangeiro.

FORMADO na ideologia de colocar o Brasil, o autor brasileiro e uma interpretação brasileira no palco, ou seja, trabalhando naquilo em que acreditava, Nélson Xavier confessa ter, já há alguns anos, uma profunda sensação de amador:

— Depois de 64 o teatro e o cinema mudaram muito, a universidade sofreu a transformação que o golpe quis, e tudo virou **profissionalizante**. O cinema tem a sua ligação com o mercado, é apenas mais um produto, e não vejo, há muitos anos, a realidade brasileira nos palcos ou na tela. E isso me faz sentir amador. Como autor (tento escrever, e não consigo concluir) e, como ator, mais amador ainda. Afinal, a minha formação era para um cinema, um teatro diferentes.

Mesmo textos de sucesso não falam do Brasil, da crise, da fome, do desemprego, lamenta Nélson:

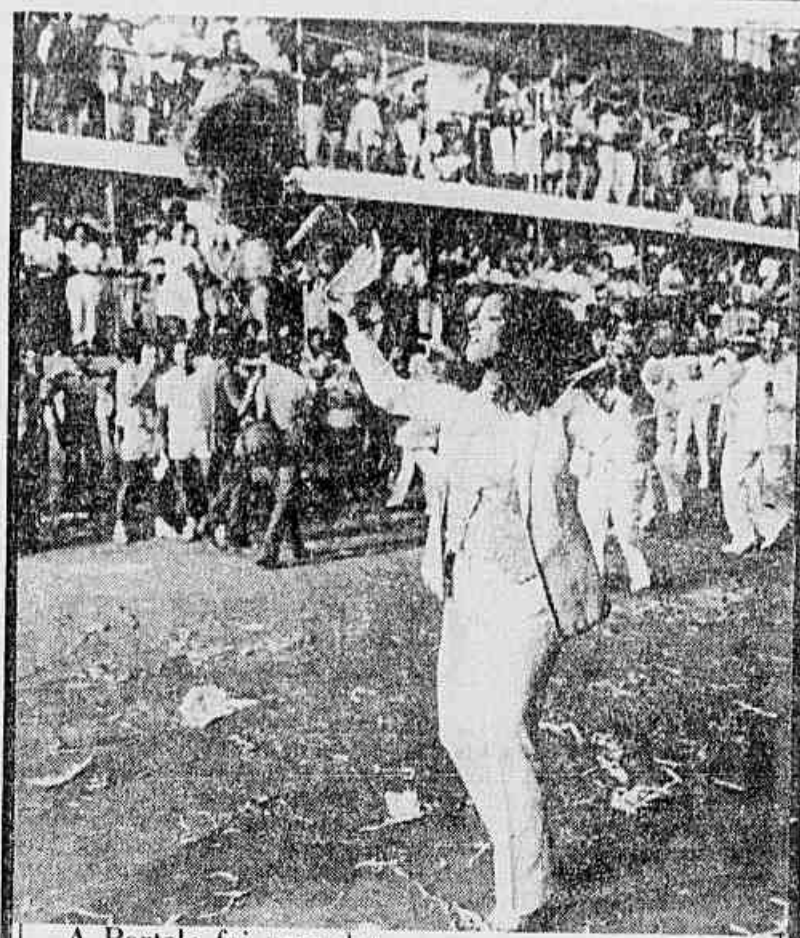
— **O Mágico e o Delegado** tenta um pouco desvendar esse Brasil por trás do milagre, interpretar a realidade. Está difícil sair do buraco, e talvez somente agora, com a possibilidade de diretas, o máximo que conseguimos pedir a situação melhore um pouco.

Em termos de ator, realizar a série **Lampião** para a televisão foi dos momentos mais fortes e importantes para Nélson Xavier nos últimos anos:

— Adorei fazer Lampião. Fui tomado de uma emoção indescritível, que nunca mais me abandonou, ao fazer o personagem. Todo personagem tem a sua emoção, mas com Lampião não precisei pesquisar, buscar, procurar essa emoção. Eu sabia qual era a emoção dele, a do homem que diz não. Lampião foi feito logo após **O Mágico e o Delegado**, e o trabalho no filme me preparou muito para a televisão: Foi como se eu ficasse mais solto, mas maduro, mais seguro.

Lampião me pegou como um raio, um relâmpago com a força de Xangô. A preparação para o **Mágico** foi mais lenta, e eu achava que não precisava fazer força: bastava ser eu.

SUSANA SCHILD

O mágico Velasquez (Nélson Xavier) e sua *partner* Paloma (Tânia Alves): o milagre diário da sobrevivência

A Portela foi uma das paixões da vida de Clara Nunes

NAS RÁDIOS JB E CIDADE, A VOZ E A LEMBRANÇA DE CLARA NUNES

QUANDO a gigantesca águia da Portela aprumava suas asas para desfilar pela Avenida, João Nogueira, Alcione e Beth Carvalho começaram a cantar **Um Ser de Luz** (João Nogueira, Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte), numa homenagem à cantora Clara Nunes, que durante muitos anos foi destaque e madrinha da bateria da vice-campeã do carnaval deste ano.

Este momento será lembrado pela Rádio Cidade amanhã, às 9 horas, um dia depois do primeiro aniversário da morte da cantora. Outra homenagem será feita pela RÁDIO JORNAL DO BRASIL-AM, levando ao ar hoje às 13 horas o especial de uma hora de duração feito em 1978 por Luiz Carlos Saroldi, quando do lançamento do décimo disco da cantora, **Guerreira**.

Apresentando músicas como **Mineira**, de João Nogueira, **O Mar Serenou**, de Candeia, **Outro Recado**, de Casquinha e Candeia, **Guerreira**, de João Nogueira e Ivor Lancelotti, o especial mostra uma Clara otimista e entusiasmada com sua carreira, depois de ter conseguido derrubar um mito da década de 70, de que mulher não vendia disco. Recordista de vendas, Clara atribuía o sucesso ao amadurecimento profissional e dizia:

— Desde garota eu sonhava em cantar, gravar e vender disco. Mas foi de 70 em diante que iniciei um trabalho de mais seriedade, ouvindo bons compositores, gravando boas músicas, sem fazer concessões a gravadoras.

Mostrando ao público mais uma vez sua gargalhada sonora, Clara fala sobre a música feita por ela com Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, **À Flor da Pele**, samba-canção com clima da década de 50 ("Não sei como, quando começou/Só sei que me alucina/Me perdi do fio condutor/Do amor que me domina), segundo ela muito parecido com os que cantava em sua época de **crooner**.

Também neste domingo, às 22h30min, Clara será lembrada mais uma vez pela TV Globo no programa **Clara Nunes Especial**, que apresentará basicamente as músicas gravadas por ela nos últimos 10 anos para programas como **Fantástico**, **Canta Brasil** e **Alerta Geral**, entremeadas por depoimentos de amigos como Monarco, Beth Carvalho, Dona Ivone Lara, Alcione, João Nogueira.

A idéia do diretor Macedo Miranda Filho foi fazer uma homenagem com lembranças alegres e bonitas, sem falar de morte e mostrando que Clara ainda continua presente, através da importância do seu trabalho.

Muita gente já falou de Clara, como ex-Ministro Evandro Lins e Silva ("Clara era da linhagem de Carmem Miranda e Elizeth Cardoso"), o acadêmico Antonio Houaiss ("sou um enamorado de sua voz e de seu canto"), Ziraldo ("seu canto tem força de tempestade tropical, seu jeito é de deusa") ou Elizeth Cardoso ("não tenho dúvidas de que Clara é minha substituta"). No programa será vista uma Clara que se permitiu todos os gêneros musicais, que não esqueceu o samba paulista e que, ao lado de Adoniram Barbosa, gravou **Abrigo de Vagabundo**. A África, as raízes de umbanda, também, estarão presentes com **Morena de Angola**, de Chico Buarque, como estará a influência de Paraopeba, interior de Minas Gerais, onde seu pai, Mané Serrador, era figura respeitada e que será lembrada por **Viola de Penedo**, de Luiz Bandeira.

Zózimo

Rubens Monteiro

Miucha, cartaz do People, e seu anfitrião, José Henrique Ferraz, na madrugada daquela casa noturna

Balé maior

• Está sendo negociada a vinda ao Brasil no ano que vem de Antonio Gades e seu balé.

• O grupo é responsável por dois filmes inesquecíveis de Carlos Saura: **Bodas de Sangue** e **Carmem**.

• • •

• Foram trechos do filme **Bodas de Sangue**, com Gades e sua companhia, que a Intervídeo escolheu para ilustrar a recente entrevista feita com o Primeiro-Ministro da Espanha, Felipe Gonzalez, pelo jornalista Roberto D'Ávila e levada ao ar pela TV Manchete.

■ ■ ■

Não é possível

• Custa a crer que tenha partido da diretoria do Flamengo a ordem para proibir a entrada na sede esportiva do clube de uma sócia cujo automóvel exibe no vidro de trás um escudo do Botafogo.

• A senhora, mãe de dois meninos da equipe de natação do Fla, foi barrada esta semana pelo porteiro que dizia ter recebido ordens de não deixá-la entrar enquanto não arrancasse do carro o escudo alvinegro.

• O funcionário invocou ordens superiores mas a sócia até agora se recusa a acreditar. Se o fizesse teria que admitir que o Flamengo é dirigido por um bando de cretinos.

■ ■ ■

Para melhor

• Atenção, a LBA informa: a troca de uma parte do arroz doado pelo Suriname aos flagelados da seca por feijão, acertada entre a LBA e a Cobal, foi feita apenas para que nas cestas distribuídas em Pernambuco houvesse mais equilíbrio entre os dois produtos.

• A intenção foi, portanto, melhorar as cestas.

■ ■ ■

EM AÇÃO

• Quando se empenha e age com rigor a polícia do Rio é capaz de resolver boa parte dos problemas.

• Está aí mesmo a prostituição em Ipanema para prová-lo.

• Depois que passaram a pipocar na imprensa queixas contra a tolerância da polícia com o trottoir em Ipanema, principalmente na área limitada pelas Ruas Garcia d'Ávila e Aníbal de Mendonça, a PM resolveu agir, botou os camburões e as joaninhas na rua e conseguiu, se não extinguir, pelo menos tornar mais respirável e decente o ar daquela zona.

QUEM VEM

• Virá ao Brasil em agosto a bailarina Marcia Haydée.

• Acompanhada de Richard Cragun e Jorge Donn, seus partners favoritos, Marcia vem apresentar dois balés, Poème de l'Extase, **de John Cranko, e** Divine, **de Mauricie Béjart, em tournée que incluirá o Rio e São Paulo.**

■ ■ ■

Vitalidade

• Apesar da crise, o mercado carioca de artes plásticas e objetos de arte mostrou que ainda é suficientemente vigoroso para acolher a promoção simultânea, como aconteceu esta semana, de nada menos de quatro grandes leilões.

• Que o digam os quatro realizadores dos leilões — Leone, Fernando Carlos de Andrade, Barreto e Aragão — que sem evidentemente atingirem os montantes esperados ainda assim chegaram perto.

• Somados os movimentos das quatro vendas o total foi a mais de Cr$ 1 bilhão e meio.

■ ■ ■

É possível

• O futuro Presidente de Portugal — a escolha do sucessor do General Ramalho Eanes será em 1985 — poderá sair da longínqua e minúscula ilha de Macau, a colônia asiática que os portugueses mantêm por 400 anos e que os chineses consideram parte de seu território.

• O atual Governador de Macau é o Almirante Vasco de Almeida e Costa, no cargo desde 1981, que já fora antes Ministro do Interior de Eanes.

• Ele inaugurou um estilo de administração que transformou Macau, sempre um local modorrento e de pouco interesse, numa verdadeira empresa, com a implantação de indústrias, bancos, hotéis e, sobretudo, cassinos.

• Seus amigos querem que ele se defina logo pela candidatura, mas o Almirante de 51 anos diz que ainda é cedo. Enquanto isso, trabalha 14 horas por dia e espera converter Macau na única e última posição que o mundo ocidental terá no litoral da China quando a Inglaterra tiver de abandonar seu domínio em Hong-Kong.

RODA-VIVA

• O presidente do STF, Ministro Cordeiro Guerra, virá ao Rio no dia 26 de abril para fazer uma conferência na Escola de Guerra Naval.

• O pianista João Carlos Assis Brasil toca amanhã à noite no The Tinker, o restaurante-café-concerto do Leblon.

• A Spy & Great convidando para o lançamento amanhã de sua nova coleção.

• O Mistura Fina de Ipanema abre amanhã as portas para o lançamento do livro de Geraldinho Carneiro sobre Vinícius de Morais.

• Circulando na noite do Rio, depois de longa ausência, Baden Powell.

• Brasil e Estados Unidos abrem amanhã no Rio uma reunião da consulta aeronáutica. É a oportunidade para se acabar de vez com a brigalhada entre a VASP e a Transbrasil.

• O diretor-geral da Aliança Francesa e Sra André Petit estão convidando para drinks, terça-feira, em homenagem a Bibi Ferreira.

Coincidência

• Uma curiosa coincidência fez com que passassem quarta-feira passada por Nova Iorque ao mesmo tempo o Presidente da França François Mitterrand e seu antecessor Giscard d'Estaing, o primeiro em visita oficial aos Estados Unidos e o segundo a convite de uma associação de empresário.

• Exatamente à mesma hora, do almoço, os dois fizeram discursos, falando Mitterrand no Hotel Pierre e Giscard no Waldorf.

• Segundo a imprensa americana, na disputa levou a melhor o atual Presidente francês, cujo **speech** foi considerado mais importante e substancial.

• • •

• Sobre Giscard, uma curiosidade: seu último livro, **Dois em Cada Três Franceses**, recém-lançado na França, já é **best-seller**, tendo vendido até agora cerca de 160 mil exemplares.

■ ■ ■

Cícero em livro

• Já tem escolhida a capa — um auto-retrato — o livro sobre Cícero Dias que está sendo preparado pelo crítico Antonio Bento para ser lançado ainda este ano.

• O quadro — o pintor tomando aula de piano — pertence à coleção do Sr Joaquim Guilherme da Silveira.

■ ■ ■

ESTRÉIA

• O presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Collin, acaba de fazer sua estréia como garoto-propaganda.

• Gravou esta semana em Brasília um comercial para todos os canais de TV conclamando os investidores a comprarem as ações que o próprio Banco do Brasil vai colocar no mercado.

• A mensagem deverá ir ao ar já a partir de amanhã.

■ ■ ■

Herdeiro

• Três linhas perdidas no meio do noticiário da revista do **Le Figaro** desta semana podem explicar por que o tenista Bjorn Borg veio recentemente ao Brasil sem a mulher, Marianne, quando estava acertada inicialmente a visita do casal.

• Segundo a revista, Marianne e Borg estão esperando a visita da cegonha.

ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL

CINEMA

ESTRÉIAS

JANGO (Brasileiro), de Silvio Tendler. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391). 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. (Livre). Até domingo.

Trajetória política do ex-presidente João Goulart, desde a sua eleição, em 1947, para deputado federal, pelo Rio Grande do Sul. Até sua morte, no exílio, em 1976. (Documentário).

CONTINUAÇÕES

O NEGÓCIO É SOBREVIVER (The Survivors), de Michael Ritchie. Com Walter Mathau, Robin Williams e Jerry Reed. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371). **Bruni-Premier** (Rua Barata Ribeiro, 502 C). **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370). 14h30min, 16h40min, 18h50min e 21h (16 anos). Até domingo.

O filme é uma comédia, que reúne três homens enfrentando uma situação comum: como sobreviver numa sociedade onde ninguém está a salvo do caos dos tempos modernos.

OS NOVOS BÁRBAROS (The New Barbarians), de Enzo G. Castellari. Com Timothi Brant, George Eastman, Anna Kanakis e Thomas Moore. **Art Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), 14h, 16h, 18h, 20h, e 22h. **Art Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 268-6898). **Art Madureira** (Shopping Center de Madureira — 390-1827). **Paratodos** Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628) 15h, 17h, 19h, 21h. **Pathé** (Praça Marechal Floriano, 45 — 220-3135). 12h, 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. (14 anos). Até domingo.

Ambientado no ano 2019, o filme narra a história de um justiceiro empenhado em conter o poderoso ataque de um grupo de fanáticos guerreiros, que, numa paisagem desolada do pós-guerra atômica, destrói tudo que ainda vive.

DEPRAVAÇÃO II (Brasileiro), de Hélio Vieira de Araujo. Com Marcelo Becker, Wilson Grey e Dalma Ribas. **Tijuca Palace 1** (Rua Conde de Bonfim, 214). **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72). **Opera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545). 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min e 21h30min. **Astor** (Rua Ministro Edgard Romero, 236 — 390-2036). 15h30min, 17h20min, 19h10min e 21h. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21). 10h30min, 12h10min, 13h50min, 15h30min, 17h10min, 18h50min, 20h30min. Sábado e domingo: 13h50min, 15h30min, 17h10min, 18h50min e 20h30min. (18 anos). Até domingo.

Filme pornô.

A PRISÃO. No Cine **America** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246). **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72). **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982). **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338). Às 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min e 21h30min. **Cine Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min e 21h. Até domingo.

Filme pornô.

AGÜENTA CORAÇÃO, de Reginaldo Faria. Com Reginaldo Faria, Christiane Torloni, Jorge Botelho, Osmar Prado e Lady Francisco. **São Luiz-2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296). **Barra-1** (Av. das Américas, 4666 — 325-6540). **Roxy** (Av. Copacabana, 945) **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391). Às 15h30min, 17h30min, 19h30min e 21h30min. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38). Às 13h30min, 15h30min, 17h30min, 19h30min e 21h30min. **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178) Às 15h, 17h, 19h e 21h. Meia entrada em todos as sessões. (16 anos).

Contando a história de três casais de classe média, o filme traça um painel da vida do Rio de Janeiro atual, marcada pelo permanente estado de violência.

AS LOUCURAS DE JERRY LEWIS (Smorgasbord), de Jerry Lewis. Com Jerry Lewis, Milton Berle, Sammy Davis Jr., e Herb Edelman. — **Copacabana** (Av. Copacabana, 801) — **São Luiz-1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296) — **Barra-2** (Av. das Américas, 4 — 325-6540). 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min e 21h30min. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 285-2296). Às 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min e 21h. (Livre). Até domingo. Meia entrada para todas as sessões.

Warren Nefron (Jerry Lewis), por toda sua vida esteve propenso a acidentes. Ele é um perigo constante para si mesmo e para qualquer pessoa que estiver ao seu redor. Em desespero procura um psiquiatra que indica um bom médico ao seu perturbado paciente. O médico através da palavra "Smorgasbord" tenta levar Nefron a se tornar uma pessoa normal.

ATRÁS DAQUELA PORTA (Oltre la Porta), de Liliana Cavani. Com Marcello Mastroianni, Eleonora Giorgi e Michel Piccoli. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281): 14h30min, 16h50min, 19h10min e 21h30min (18 anos). Até domingo.

No Norte da África, personagens vivem entre um passado nebuloso e o presente, ameaçando, a cada momento, irromper impetuosamente. Situações inesperadas envolvem os personagens em segredos e reticências.

A NOITE DO AMOR ETERNO (Brasileiro), com Aldine Muller e Flavio Phorto. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835). 13h30min, 15h, 16h30min, 18h, 19h30min e 21h. **Paissandu** (Rua Paissandu). 15h30min, 17h, 18h30min, 20h e 21h30min. **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025) 15h30min, 17h, 18h30min, 20h e 21h30min. **Olaria** (Rua Uranos, 1474 — 230-2666) 15, 16h30min, 18h, 19h30min e 21h (18 anos). Até domingo.

Filme pornô.

FRANCES (Frances), de Graeme Clifford. Com Jessica Lange, Sam Shepard, Kim Stanley, Bart Burns, Christopher Pennock e James Karen. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349). 14h, 16h30min, 19h e 21h30min. (16 anos). Meia entrada para todos em todas as sessões.

Muito bonita e falante, Frances Farmer, em 1931, aos 16 anos, é uma estudante que atrai todas as atenções da conservadora comunidade de Seattle, Washington, pela sua personalidade individualista. Um prêmio de viagem a Moscou, enquanto estudava drama na Universidade, levanta suspeitas de que ela seja comunista. Produção americana.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS (The Gods Must Be Crazy), de Jamie Uys. Com Marius Weyers e Sandra Prinsloo. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545). 15h, 17h10min, 19h20min e 21h30min. (Livre). Até domingo.

Bushman e sua família vivem em uma aldeia primitiva cercada de belezas naturais, tanto que sempre agradeciam aos Deuses. Um dia um pássaro dos Deuses (um avião) joga uma garrafa vazia na aldeia e esta acaba tornando-se objeto da grande cobiça. Bushman resolve que aquela coisa tem de ser devolvida e acaba ultrapassando os limites de sua aldeia para envolver-se em grandes confusões. Produção francesa.

NO LIMITE DA REALIDADE (The Twilight Zone), de John Landis, Steven Spielberg, Joe Dante e George Miller. Com Dan Aykroyd, Albert Brook, Scatman Crothers, John Lithodhgon, Vic Morrow e Kathleen Quinlan. **Coral** (Praia de Botafogo, 316). Às 15h, 17h10min, 19h20min e 21h30min. (14 anos). Meia-entrada para todos em todas as sessões.

Filme dividido em quatro episódios, com cada segmento focalizando um aspecto pouco conhecido de nossa existência, analisando aquele ponto peculiar em que o tempo e o espaço parecem diluir-se na consciência de uma pessoa. Produção americana.

O CÍRCULO DO PRAZER (brasileiro), de Mário Vaz Filho. Com Arysdne de Lima, Elizabete de Luis, Helen Cristiane e Cátia Camargo. **Rex** (Rua Alvaro Alvim, 33 — 240-8285). De 2ª a 6ª: 12h30min, 15h30min, 18h20min, 19h45min. Sábado e domingo: 14h, 16h45min, 19h30min (18 anos). Meia entrada para todos em todas as sessões.

Filme pornô.

REAPRESENTAÇÕES

SEM ANESTESIA (Bez Znieczulenia), de Andrzej Wadja. Com Zbigniew Zapassiecwicz e Ewa Dalkowska. Hoje às 13h30min, 15h40min, 17h50min, 20h e 22h10min. No Cinema **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63) (18 anos). Até domingo.

Filme que retrata a Polônia de hoje através da história de um jornalista famoso que faz a cobertura política do Terceiro Mundo.

MONTY PYTHON — O SENTIDO DA VIDA (Monty Python's Meaning of Life) de Terry Jones. Com Graham Chapman, John Cleese e Terry Gilliam. No **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532). 14h, 16h, 18h, 20h e 22h (16 anos).

O filme mostra as várias fases de existência humana, desde o nascimento até a morte, sob um prisma de comédia. Produção americana e prêmio especial do júri no Festival de Cannes de 1983.

HAIR (Hair), de Milos Forman. Com John Savage, Treat Williams, Beverly D'Angelo, Annie Golden e Dorsey Wright. **Largo do Machado-2** (Lgo. do Machado, 29 — 245-7374). **Tijuca Palace-2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610). 14h, 16h20min, 18h40min, 21h (18 anos). Até domingo.

Versão da peça musical de Gerome Ragni e James Rado, cantando as esperanças e chorando as ilusões da juventude dos anos 60. Um jovem, convocado para a Guerra do Vietnam, encontra novos caminhos na companhia de um grupo de hippies. Produção americana.

VITOR OU VITÓRIA (Victor ou Victória), de Blake Edwards. Com Julie Andrews, James Garner e Robert Preston. **Jóia** (Av. Copacabana, 680). 14h, 16h30min, 19h e 21h30min. (14 anos).

Paris, 1934. Vitória, uma cantora lírica, americana, está procurando emprego em qualquer cabaré parisiense e acaba conhecendo um ator homossexual. Este a convence a vestir-se de homem e passar por um conde polaco. Produção anglo-americana. Ganhador do Oscar para Melhor Música.

KRULL (Krull), de Peter Yates. Com Ken Marshall, Lysette Anthony e John Welsh. **Bristol** (Av. Ministro Edgard Romero, 460 — 391-4822). Às 14h, 16h30min, 19h e 21h30min (livre). Até quarta.

O Planeta Krull — um mundo povoado por criaturas mitológicas e mágicas — está prestes a ser aniquilado por seres do outro mundo, comandados pela onipotente Besta. Para salvar o planeta, o príncipe Colwyn deve recuperar o místico Glaive, chave dos extraordinários poderes de que precisa para defender seu mundo. Produção americana.

A MENINA E O ESTUPRADOR (Brasileiro), de Conrado Sanches. Com Zózimo Bulbul, Rubens Pignatari, Jussara Calmon e Vanessa. **Stúdio-Ilha** (Rua Sargento João Lopes, 82c). 18h40min, e 20h40min (18 anos). Até domingo.

MÉDICOS LOUCOS E APAIXONADOS (Young Doctors in Love), de Garry Marshall. Com Michael McKean, Sean Young e Patrick Macner. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544). Às 14h, 15h50min, 17h40min, 19h30min e 21h10min. (16 anos). Até quarta.

Comédia explorando uma série de situações absurdas que ocorrem entre médicos, enfermeiras e pacientes de um hospital. Produção americana.

OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE (Saturday Night Fever), de John Badhan. Com John Travolta. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62). 14h, 16h20min, 18h40min e 21h. **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286). **Largo do Machado-1** (Largo do Machado, 29). 14h30min, 16h50min, 19h10min e 21h30min. **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747). 14h, 16h20min, 18h40min e 21h. (16 anos). Até quarta.

Empregado de uma loja de tintas, Travolta, aos sábados eletriza com danças vigorosas e sensuais, os freqüentadores de uma discoteca.

007 — O ESPIÃO QUE ME AMAVA (The Spy Who Loved Me), de Lewis Gilbert. Com Roger Moore, Bárbara Bach e Curt Jurgens. **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338). 13h30min, 16h, 18h30min e 21h (14 anos). Até domingo.

Décima aventura da série James Bond, agora enfrentando o arquivilão Stromberg, que procura desencadear nova guerra mundial a fim de reconstruir o mundo segundo seu modelo pessoal. Produção inglesa.

DRIVE-IN

A FORÇA DO DESTINO (An Officer and a Gentleman), de Taylor Hackford. Com Richard Gere, Debra Winger, David Keith e Lisa Blount. No **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): (16 anos). Até domingo.

Jovem que passou sua adolescência numa sarjeta da cidade das Filipinas tem como objetivo na vida tornar-se um oficial da Aeronáutica, livrando-se do seu passado obscuro. Produção americana.

O CÃO E A RAPOSA (The Fox and the Hond), desenho animado de Art Stevens. Sábado e domingo, às 18h30min, na sessão **Coca-Cola**, do **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426).

Fábula em desenho animado sobre dois animais que nasceram inimigos e que se tornam amigos. Produção americana.

FLASH GORDON, de Dino de Laurentiis. Hoje, às 10h, no **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62).

EXTRAS

TRÊS HOMENS PARA MATAR, de Jackes Deray. No **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615 — 571-2349). Às 15h e 17h. Até domingo.

VERDADES E MENTIRAS, de Orson Welles. No **Ricamar.** Sessão única às 22h05min. Até domingo.

Filme sobre os falsificadores de arte, mostrando alguns falsificadores famosos como De Hory, que iludiu o mundo pintando Modiglianis e Matisses. O falsificador da biografia de Howard Hughes e a húngara Oja Kodar, modelo de Picasso e cúmplice de um falsificador das obras do pintor.

BILITIS, de David Hamilton. No Cine **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932). Às 14h25min e 16h15min. Até domingo.

A ENCRUZILHADA DAS BESTAS HUMANAS (Wild Wechsel), de Werner Fassbinder. Com Eva Mattes, Harry Baer, Ruth Drexel e Hanna Schygulla. Às 14h, 16h, 18h, 20h e 22h, no **Coper Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615 — 571-2349). Às 19h e 21hs. Até domingo.

Uma adolescente gorducha e sensual, aparentemente indefesa, leva à destruição, inconscientemente, os personagens que julgam dominá-la, a começar pelo jovem motoqueiro que trabalha em um abatedouro de frangos. Produção de Alemanha Ocidental.

REDES (Redes), de Fred Zinneman e Emilio Gomez Muriel. **Domingo,** às 20h30min. Na **Cinemateca do MAM.** O filme integra uma panorâmica sobre o cinema mexicano sonoro, clássico e contemporâneo. Em colaboração com a Embaixada do México.

GALIIN, OS CAMINHOS PARA A LIBERDADE, de Tisuka Iamazaki. **Domingo** às 18h, no **Cineclube Jean Renoir** da Aliança Francesa do Méier (Rua Jacinto, 7 — Méier). Debates após a sessão.

O PLANETA SELVAGEM (La Planète Sauvage), de René Laloux. **Domingo** no **Studio Catete** (Rua do Catete, 228), às 14h. Desenho animado de longa metragem com legendas em português.

A IDADE DO OURO (L'Âge d'Or), de Buñuel. **Domingo,** às 16h30min, na **Cinemateca do MAM.** Complemento: **Terra sem Pão.** Narrado em francês.

UM DIA MUITO ESPECIAL (Una Giornata Particolare), de Ettore Scola. **Domingo,** às 18h30min, na **Cinemateca do MAM.** Integrando o ciclo **A Mulher no Nazi-Fascismo.**

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER (Jeder Fur Sich Und Gott Gegen Alle), de Werner Herzog. Com Bruno S., Brigitte Mira e Jenny Van Lyck. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932). Às 18h05min e 20h05min. **Até domingo.**

Baseado na história real de um rapaz que viveu 17 anos encerrado num quarto subterrâneo, sem nenhum contato com o mundo. Ao ser encontrado, não sabia falar nem andar e só comia pão. O processo de integração à sociedade acaba por destruí-lo. Produção alemã.

VÍDEO

DURAN DURAN — Vídeo sobre o conjunto de **rock** de mesmo nome. Na **Sala Manuel Bandeira** (Livraria Pasárgada — Rua Pereira da Silva, 102 — Icaraí). Às 21h. Ingressos a Cr$ 1.000. Até domingo.

VÍDEO-BALLET — BARISHNIKOV ON BROADWAY — Vídeo sobre Barishnikov. **Sábado e domingo**, às 18, na **Sala Manuel Bandeira** (Livraria Pasárgada — Rua Pereira da Silva, 102). Ingressos a Cr$ 1.000.

MICHAEL JACKSON — The Making of Thriller — Vídeo sobre o cantor e gravações do musical **Thrillers**. Hoje na sala de vídeos do **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63). Hoje às 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. Até domingo.

GRANDE RIO

NITERÓI

ARTE-UFF — República dos Assassinos, de Miguel Faria Jr. 15h30min, 17h30min, 19h30min e 21h30min. Até domingo. (18 anos).

CINEMA-1 — Os Novos Barbáros, de Enzo G. Castellari. Às 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. (Livre). Até domingo.

CENTRAL — SOS Sex-Shop (Como Salvar Meu Casamento). 14h20min, 16h, 17h50min, 19h20min e 21h. (18 anos).

CENTER — Aguenta Coração, de Reginaldo Faria. Às 15h30min, 17h30min, 19h30min e 21h30min. (18 anos). Meia entrada para todas as sessões. Até domingo.

ICARAÍ — Frances. 14h, 16h30min, 19h e 21h30min. (16 anos). Até domingo.

NITERÓI — Depravação II, de Hélio Vieira de Araujo. 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min e 21h. (18 anos). Até sábado.

WINDSOR (717-6289) — **O Negócio é Sobreviver**, de Michael Ritchie. 14h30min, 16h40min, 18h50min e 21h. (16 anos). Até domingo.

TAMOIO (S. Gonçalo) — **A Menina e o Cavalo**, de Conrade Sanches. 15h, 16h30min, 18h, 19h30min e 21h. (18 anos). Até sábado.

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO — Campeonato do Sexo. 14h30min, 16h, 17h40min, 19h20min e 21h (18 anos). Até domingo.

PETRÓPOLIS — As Loucuras de Jerry Lewis. 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min e 21h30min. (Livre).

RÁDIO

JORNAL DO BRASIL AM 940 MHz

Programação: Noticiário contínuo, com assuntos do Rio de Janeiro e do interior, nacionais e internacionais, a partir das 6h30m.
Repórter JB, primeiros 6 minutos de cada hora.
Comentários de política e economia aos sete minutos de cada hora, com Ricardo Bueno e Pery Cotta.
Bloco Noticioso aos 15 minutos de cada hora.
Noticiário da CEF aos 30 minutos de cada hora.
Noticiário Cultural aos 37 minutos de cada hora com Neri Vitor.
Bloco Noticioso aos 45 minutos de cada hora.
Informativo Econômico às 8h30m, 9h15m, 18h04m com Randolpho de Souza.
Campo e Mercado às 7h50m, com Antônio Carlos Cunha.
Informações Marítimas e Portuárias às 8h15m, com Pinto Amando.
Marketing e Publicidade às 8h40m, com Márcio Erlich.
Noturno às 23h, com Luís Carlos Saroldi.
Entrevista Especial às 13h05m.
13h — **ESPECIAL** — Reapresentação do depoimento da cantora Clara Nunes. Produção e apresentação Luiz Carlos Saroldi.
JBI — Jornal do Brasil Informa às 7h30m, 12h30m, 18h30m e 0h30m.
Noticiários Esportivos:
Um a Zero, com Paulo Duarte, às 7h10m.
Momento Esportivo, com José Cabral, às 11h05m.
Marcha o Esporte, com Victorino Veira, às 17h05m.
Em Campo, com Paulo César Tenius, às 21h05m.
Fim de Jogo, com Luiz Fernando, às 22h35m.
Comentários Esportivos:
Na Zona do Agrião, com João Saldanha às 7h21m.
Jornadas Esportivas às 4ªs e 5ªs, sábados e domingos.

FM ESTÉREO — 99,7 KHz

HOJE

10 horas — Concerto para trompete, em Sol maior, de **Telemann** (Maurice André — 11:30); O Pastor no rochedo, de **Schubert** (Valente, Wright e Serkin — 12:30); Suíte do ballet A Papoula Vermelha, de **Glière** (Fayer — 46:19); Voluntary e Sellinger's Round, de **Byrd** (Gould — 9:11); Concerto para oboé, em Dó maior, de **Mozart** (Holliger — 22:14); Trio com piano nº 14, em Lá bemol, de **Haydn** (Beaux Arts — 21:29); El Amor Brujo, de **Falla** (Bernstein e Marilyn Horne — 27:00); Concertino para harpa e orquestra, de Germaine **Tailleferre** (Zabaleta — 16:36).

20 horas — Suíte Cita, op. 20 de **Prokofieff** (Ansermet — 20:45); Sonata em Si bemol, K 281 de **Mozart** (Zimerman — 14:11); Abertura Festival Acadêmico, op. 80 de **Brahms** (Bernstein — 10:11); Sonata em mi menor, para violino e piano, op. 108 de **Fauré** (Grumiaux e Crossley — 21:30); Abertura e música de ballet da ópera Alcina, de **Haendel** (Mamner — 20:40); Trio para piano, violino e violoncelo (1973), de **Santoro** (Trio de Stuttgar — 6:41); Prometheus, de **Liszt** (Solti — 12:26); Concerto para oboé, em Dó maior, de **Salieri** (Holliger — 19:40); Partita nº 2, em dó menor, de **Bach** (Weissenberg — 15:29); **Variações sobre um tema de Frank Bridge, op. 10 de** Britten (**regência do autor — 26:40**).

SHOW

FESTIVAL DE ROCK — Com Robertinho do Recife, Emilinha e Sangue da Cidade. Teatro de Lona, Av. das Américas, 2.000 (325-9731). Hoje, às 20h30min.

CIRCO VOADOR — Além do **show** de Egberto Gismonti tem o Domingo do Corpo com aula de dança primitiva com o prof. Joselito Doria e aula de tai-chin com Laerte Willman, a partir das 16h com ingressos a Cr$ 100,00. Na Domingueira Voadora, baile com a Orquestra Tabajara e **show** com o grupo Dollar Company, de São Paulo, lançando o seu disco. Arcos da Lapa, a partir das 21h30min. Ingressos a Cr$ 2 mil.

BABY GAL — Show da cantora Gal Costa acompanhada de orquestra e conjunto vocal. Direção de Aloysio Legey e Walter Lacet. Direção musical de Luiz Avellar. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). De 4ª a 5ª às 21h30min; 6ª e sáb., às 22h; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 7 mil e Cr$ 6 mil, arquibancada.

UM GORDOIDÃO NO PAÍS DA INFLAÇÃO — Texto de Jô Soares e Armando Costa. **Show** do humorista Jô Soares. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046 e 259-6948). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h; dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

MARIA CREUZA — Show da cantora acompanhada de conjunto. **Un, Deux, Trois**, Av. Bartolomeu Mitre, 123 (239-0198). De domingo a 5ª, às 23h30min. **Couvert** a Cr$ 6 mil.

ALCIONE — Apresentação da cantora acompanhada pela banda do Sol. Participação de Everardo (cantor). De dom., 3ª, 4ª e 5ª e sábado couvert de Cr$ 7 mil, às 22h. Ingressos a Cr$ 5 mil 500. **Gafieira Asa Branca**, Av. Mem de Sá, 17. Até dia 12 de maio.

MIUCHA — Show da cantora acompanhada por Helvius Vilela (piano), Guilherme Rodrigues (sopros), Jorjão (baixo) e Paulinho Vieira (bateria), que realizarão espetáculo à parte depois da apresentação da cantora. **People**, Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). De 4ª a domingo, às 22h30min e meia-noite. Couvert a Cr$ 4.000,00, (4ª, 5ª e domingo); 6ª e sábado, Cr$ 5.500,00 (mesas) e Cr$ 3.000,00 (balcão). Última semana.

A DANÇA DOS SIGNOS — Musical de Oswaldo Montenegro. Com Oswaldo Montenegro, Mongol, José Alexandre e outros. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-7246). De 4ª a dom., às 21h30min, Ingressos 4ª e 5ª, a Cr$ 4 mil, de 6ª a dom., a Cr$ 5 mil.

REVISTA

RIO GAY — Revista de Vicente Pereira e Jorge Fernando. Direção de Jorge Fernando. Com os travestis Rogéria, Marlene X Casanova, Samantha Elaine e Desirée. **Teatro Alaska**, Av. Atlântica, 3.806. De 3ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 22h; dom., às 19h e 21h30min. Ingressos de 3ª a 5ª e dom., a Cr$ 4 mil e Cr$ 3 mil, estudantes; 6ª a Cr$ 5 mil e Cr$ 4 mil, estudantes, e sáb., a Cr$ 5 mil.

MIMOSAS ATÉ CERTO PONTO — Show de travestis com Camily, Monique Lamarque, Alex Mattos, Paulete Goday e outros. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). De 4ª a sáb., às 21h30min; dom. às 18h30min e 21h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

PARA OUVIR

BARES E RESTAURANTES

PITÉU — Bar com fitas para dançar, além de jogos e **shows**. Programação: 6ª, o cantor Lula Carvalho acompanhado por Jorge Sá Martins (violão); sábados, o guitarrista Perinho Santana, com a participação de Charles Chalegre (bateria), Décio (baixo) e Marquinhos (sax). Rua Prof. Ferreira da Rosa, 130, Barra da Tijuca. A partir das 21h30min. Couvert artístico, Cr$ 2 mil.

BAR RESTAURANTE PONTEIO — Programação: 2ª, instrumentista Dia; 3ª, Noite da Canja, 4ª, cantor-compositor Wagner Viana; 5ª os cantores Marcelo Guapyassu e Sérgio Silva; 6ª, Patrícia e Ubiratan (cantores) até domingo. Sempre a partir das 22h, exceto domingo (21h, couvert a Cr$ 1 mil). Av. Bartolomeu Mitre, 630 (274-4749).

ERA SÓ O QUE FALTAVA — Programação: Recital do violonista e compositor Juca Filho com participação especial do guitarrista Rodrigo Campello. Rua Arnaldo Quintela, 26. Sábado, a partir das 23h e domingo às 21h30min. Couvert a Cr$ 1 mil 500.

FLOR DE GUINÉ — Hoje: **show** do cantor e compositor Luiz André. Rua Pinheiro Guimarães, 29. A partir das 22h.

BECO DA PIMENTA — Apresentação da cantora Alaide Costa, às 23 horas. Couvert: Cr$ 1500,00. Até domingo. Rua Real Grandeza 176. 246-5650.

PARK'S — Diariamente, a partir das 19h, apresentações do conjunto formado por Manoel Gusmão (contrabaixo), Deli Alves (cantora) e Fernando Costa (piano). Estrada da Gávea, 700 (322-2809).

ENCONTROS DO ARCO DA VELHA — Show com os cantores e compositores David Tygel, Mauricio Maestro e Ricardo Vilas com participação de Damilton Viola (percussão). Arco de Velha, Pça. Cardeal Câmara, 132, Lapa (252-0844). Às 22h. **Couvert** artístico a Cr$ 2.500,00. De 4ª a domingo.

THE TINKER — Programação: 5ª, o Grupo A Tampa formado por Vitor Biglione (guitarra), Fernando Sizão (baixo), Andrê Tandeta (bateria), José Luiz Oliveira (sax), Don Harris (trompete), Cecilia Spyer (vocal), João Rebouças (teclado). 6ª e sábado, **show** com Cláudio Infante (bateria), Fernando Souza (baixo), Celso Fonseca (guitarra), Luis Martins (piano) e Ana Lúcia Fontes (vocal). Sempre às 22h30min. **Couvert** a Cr$ 3 mil. Rua Almirante Guilhem, esquina com Ataulfo de Paiva (294-6494).

O VIRO DA IPIRANGA — Programação: Aberta de 2ª a sáb. a partir das 18h, dom. às 17h. Programação: 2ª, Conjunto Regional, Dirceu Leve e o bandolinista Walter Noura. De 5ª a sáb, às 22h30min, **jazz** com Paulo Russo (baixo), Romero Lubambo (guitarra), Wanderlei Pereira (bateria) e Fernando Martins; à 0h30min o humorista Tim Rescala; dom, às 19h **jazz** das cinco, 3ªs e 5ªs, Grupo Americanto. Rua Ipiranga, 54 (225-4762). Couvert de 2ª a 4ª e dom a Cr$ 2 mil, de 5ª a sáb, a Cr$ 2 mil 500.

POKER BAR — Programação, a partir das 18h, apresentação do violonista Joel França, cantora Biga e os pianistas Fernando e Ricardo. A partir das 22h **show** com a cantora Waleska. Direção de Eduardo Gonzalez. Sem **couvert**, nem consumação. Rua Almirante Gonçalves, 50 (521-4999).

BAR BOTANIC — Programação: De 5ª a sábado **show** com o guitarrista Melão e a cantora Selma Reis. Rua Pacheco Leão, 70-A. A partir das 22h. **Couvert** 5ª e 6ª, a Cr$ 2 mil, sábados a Cr$ 3 mil. (294-7448).

CARIOCA — Churrascaria com música ao vivo com a dupla Hilton e Fátima. **Hotel Nacional**, Av. Niemeyer, 769. São Conrado (322-1000). De 4ª a sáb. das 20h às 23h. A casa abre diariamente das 12h às 24h.

LET IT BE — Programação: 3ª, Grupo Feitiço; 4ª e 5ª, Eduardo Felizola e sua banda; 6ª e sábado, Grupo Terra Molhada, e domingo, Grupo A Trilha. **Couvert** de 3ª a 5ª e domingo, Cr$ 2 mil; 6ª e sábado, Cr$ 2 mil 500. Rua Siqueira Campos, 206.

CONVERSA FIADA BAR — Programação: 3ª e 4ª **show** com Arlindo Conde (violão e voz), 5ª, **show** com Sidney (piano e voz), 6ª, o Grupo Nascente formado por Dilene (voz), Maurício (violão e guitarra) e Antenor (baixo). Aos sábados, chorinho com Cassia (piano e voz) e Paulo Cidade (bandolim e **ovation**). Aos domingos, Arlindo (violão e voz). Sem **couvert** artístico. Consumação às sextas e sábados a Cr$ 2 mil 500. Rua Gonzaga Bastos, 388 (254-0466).

FAROL — Aberto, de 2ª a sáb., a partir das 18h. Música ao vivo com o Quinteto Som Brasil. **Show** de 2ª a 5ª, a partir das 20h, e 6ª e sáb., a partir das 21h. Consumação a Cr$ 2 mil 500. **Rio-Sheraton Hotel**, Av. Niemeyer, 121 (274-1122, ramal 1233).

ZEPPELIN BAR — Programação: de 2ª a domingo, às 22h, **show** com o cantor-compositor Renato Vargas; 6ª e sábado, às 22h, Renato e Reinaldo Vargas. Estrada do Vidigal, 471 (274-0017). Couvert a Cr$ 1.500,00 (de 3ª a 5ª e domingo); 6ª e sábado, Cr$ 2.000,00.

SALADAS E CIA — De 3ª a dom. às 21h, o pianista Clebeo. Rua Gal. Venâncio Flores, 171 (294-2945). Sem **couvert**.

TECLADO — Diariamente a partir das 19h. Das 22h em diante Zé Maria ao piano **Teclado**. Av. Borges de Medeiros, 3207 (266-1901). Couvert a Cr$ 4.000,00.

CORTIÇO — Programação: às segundas-feiras, **show** de chorinho; 3ª, seresta; e de 4ª a dom., música popular brasileira, com diferentes artistas. Rua das Laranjeiras, 20. A partir das 21h. **Couvert** de dom. a 4ª a Cr$ 1 mil; 5ª e sáb., a Cr$ 1 mil 500.

BARBAS — Programação: De 5ª a sábado, **show** com os cantores compositores Luiz Carlos da Vila e Wilson Moreira. Hoje, show com o cantor e compositor Vavá e o Grupo Bambamoleque, às 20h30min. **Barbas**, Rua Alvaro Ramos, 408 (266-8615). **Shows** às 22h com couvert artístico Cr$ 2.000,00 (4ª) e 2.500,00 (5ª a sábado).

CHAMPAGNE — Diariamente, a partir das 20h, Mac-Nelson e o grupo De Gente Pra Gente. À 1h, o pianista Luiz Carlos Vinhas. Rua Siqueira Campos, 225 (255-7341). **Couvert** de dom. a 5ª, a Cr$ 3 mil e 6ª **a sáb., a** Cr$ 4 mil.

EQUINOX — Aberto diariamente a partir das 17h, com o pianista Sergio Scollo e o baixista Ricardo Santos. Às 3ªs, 4ªs, 6ªs, e sábs., às 22h, o cantor norte-americano Denny King. Rua Prudente de Morais, 729 (267-2895). Sem **couvert**, sem consumação.

BAR DO VIOLEIRO — Show com Vicente Estevam. Rua Daut Perez, 92 (do lado direito do viaduto de Marapendi), Barra da Tijuca. Hoje, às 23h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

CHIKO'S BAR — Piano-bar com música ao vivo a partir das 21h, com Edson Frederico, Ricardo Canto, Celesto, Aécio Flávio e clarisse2ª e 3ª o violonista Norato Luiz. Aberto diariamente a partir das 18h, com música de fita. Sem **couvert**, sem consumação mínima. Av. Epitácio Pessoa, 1.560 (267-0113 e 287-3514).

ATLANTIS — Diariamente, às 19h, Alcyr Pires Vermelho a partir das 20h, jantar com Pedro Paulo (guitarra). De 5ª a dom., às 12h, o Trio San. **Hotel Rio Palace**, Av. Atlântica, 4240 (521-3232).

MISTURA FINA STUDIO — Programação: 3ª e 4ª, grupo A Tampa formado por Victor Biglione (guitarra), Zé Luiz (sax), Dom Harris (trompete), João Carlos Rebouças (teclados), Cisão (baixo) e André Tandeta (bateria), a partir das 22h. Hoje, show com o cantor e compositor Otávio Burnier acompanhado por Nacho Mena (bateria) e Arturzinho Maia (contrabaixo). A casa abre às 20h com o som de Alberto Chimelli ao piano (de 2ª a 5ª) e o violão de Nando Chagas (de 6ª a dom.). Rua Garcia D'Ávila, 15 (259-9394). **Couvert** a Cr$ 4 mil.

O ALEPH — Programação: 3ª, música instrumental com o grupo Sala Corpo e Som; 4ª, chorinho com o Galo Preto; 5ª música instrumental com Ronaldo Diamante, Rodolfo Cardoso, Humberto Araújo e Fernando Moura, dom., quarteto de música erudita: José Maria Braga (flauta); Maria Jesus Haro, Afonso Machado (bandolim) e Marcos Farina (violão). Dom. às 21h30min; de 3ª a 5ª às 22h. Av. Epitácio Pessoa, 770 (259-1359). Consumação a Cr$ 2 mil. (de 3ª a 5ª).

Domingo não tem consumação.

JAZZMANIA — Programação: diariamente das 18h30min às 21h30min piano solo com Marcos Ariel, a partir das 22h Rio Dixieland Band. De 3ª a sábado, depois das 22h, lançamento do LP de Robertinho Silva (baterista) que realiza espetáculo com Ricardo Silveira (guitarra), Nico Assumpção (baixo) e Hugo Fatoruso (teclados). Av. Rainha Elizabeth, 769 (227-2447). **Couvert** de 2ª a 6ª a Cr$ 3 mil, sábado a Cr$ 4 mil. Consumação mínima às 6ªs e sábado (Cr$ 3 mil).

CLUB 21 — A casa abre às 19h. De 3ª a sáb. Às 22h música ao vivo com o pianista Zé Maria. Rua Maria Angélica, 21, Lagoa (266-1494).

BAR ACONCHEGO — De 5ª a sábado, tecladista Jorge Polco e violonista Sérgio. Rua Conde do Bonfim, 967 (208-4795). De 5ª a sábado, às 22h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

MANGA ROSA — Show com a Cineorquestra formada por Gil Márcio (sax), Isidoro (guitarra) e João Bosco (piano). Rua 19 de Fevereiro, 94. De 5ª a domingo, a partir das 22h. Couvert a Cr$ 1 mil (5ª e domingo) e Cr$ 1 mil 500 (6ª e sábado).

CORAÇÃO VAGABUNDO — Programação: 3ª, seresta com o grupo Artemanhas; 4ª chorinho com Paulo e o grupo Serrinha; 5ª, o grupo Unidos Por Acaso; 6ª música popular com o Grupo Unidos por Acaso, sáb., Grupo A Trilha. Rua Paulino Fernandes, 13. (266-5576). Sempre, às 21h. **Couvert** de 3ª a 5ª a Cr$ 800, 6ª e sáb., a Cr$ 1 mil.

VICE-REY — Aberto diariamente, das 12h às 2h da manhã. A partir das 20h, música ao vivo com o pianista Lauro Miranda. Av. Monsenhor Ascânio, 535 (399-1683). Consumação só sáb., a Cr$ 3 mil, com direito a dois **drinks**.

CLAUDIA PERROTTA — De 2ª a sáb, a partir das 20h apresentação da pianista **Restaurante Sarau**, Hotel Sheraton, Av. Niemeyer, 121 (274-1122).

FIORINO — A casa abre às 17h. Música ao vivo, às 20h30min, com os violonistas Fernando Luiz e Antenor Luz. Sem **couvert**. Av. Heitor Beltrão, 126, Tijuca (264-0094).

CLAUDIA — Show da cantora acompanhada de Adilson Godoy (piano), Milton Leonardi (baixo) e Rogério de Oliveira (guitarra). **Bar Jakui**, Hotel Inter-Continental, Av. Litorânea, 222 (322-2200). De 3ª a 5ª e dom., às 23h30min; 6ª e sáb. às 24h. Até dia 4 de abril.

PARA DANÇAR

UN, DEUX, TROIS — Música ao vivo para dançar às 21h30min, com os conjuntos de Eli Arcoverde e Jean Zanone. Av. Bartolomeu Mitre, 123 (239-0198). **Couvert** artístico de Cr$ 5 mil 500.

VOGUE — Música ao vivo com os conjuntos de Luiz Carlos Vinhas e Eduardo Prates, Rua Cupertino Durão, 173 (274-4145). **Couvert** do dom. a 5ª a Cr$ 3 mil 6ª e sáb., a Cr$ 4 mil.

PIRANDELLO — Música para ouvir e dançar. Programação: hoje e amanhã Alberto Chimelli (teclados), Luiz Alves (baixo), Tião (bateria), Clarisse (vocal) e Walter Davi (vocal). Estrada da Barra da Tijuca, 1.636 (399-3460). A partir das 22h. Até o final de março.

VINÍCIUS — Diariamente, a partir das 20h, música ao vivo para dançar com Ed Lincoln e seus cantores. Anexo à Churrascaria Copacabana, Av. Copacabana, 1144 (267-1497). **Couvert** a Cr$ 3 mil, de dom. a 5ª e Cr$ 4 mil (6ª e sáb.).

DA VINCI — Música para dançar a partir das 21h, com o conjunto de José Luis Duarte e os cantores Leila e Aurea Martins. De dom. a 5ª, Sonia Santos. Couvert a Cr$ 5 mil. Consumações mínima somente 6ªs e sábados. Cr$ 5 mil. Lgo. de S. Conrado, 20 (322-3133 e 322-4179).

CARINHOSO — Aberto diariamente a partir das 20h. Música para dançar, às 22h, com a orquestra Carinhoso e os cantores Fernando, Dora e Roberto. Rua Visc. de Pirajá, 22 (287-0302). **Couvert** de dom. a 5ª a Cr$ 3 mil e 6ª e sáb., a Cr$ 4 mil.

CAFÉ NICE — Música ao vivo com os Conjuntos de Celinho Piston e Carlos Moura. Cantores: Jamelão, Mirian e Alice. Av. Rio Branco, 277 (240-0490). De 2ª a sáb. a partir das 20h. **Couvert** de 2ª a 5ª e sáb. a Cr$ 3 mil, 6ª, a Cr$ 3 mil 500.

BOATES

BOATE APOCALYPSE — Aberta de 3ª a dom., a partir das 22h, com música de discoteca. 4ª, roda de samba com Telinho da Mangueira e o conjunto Raízes do Samba. Hotel Nacional. Av. Niemeyer, 769 (399-0100). Consumação a Cr$ 3 mil e **couvert** a Cr$ 1 mil.

BATEAU MOUCHE BAR — Aberto a partir das 19h, com o conjunto de Marko Rupe. De 3ª a sáb., às 21h, o grupo espanhol Los Romeros. Todas as 2ªs, Clube dos Quarenta. Av. Repórter Nestor Moreira, 11 (295-1896 e 295-1997). **Couvert** de 3ª a 5ª a Cr$ 1 mil 500, 6ª e sáb., a Cr$ 3 mil.

SHOW DE MULATAS

CARNAVALESQUE — **Show** da Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima, Luis Cesar, mulatas e ritmistas. Texto e direção de Ivon Curi. **Sambão e Sinhá**, Rua Constante Ramos, 140 (237-5366). De 3ª a dom., às 23h. Ingressos a Cr$ 10 mil e jantar a Cr$ 10 mil. Estacionamento próprio na Rua Pompeu Loureiro, 56.

OBA-OBA — Aberto para jantar a partir das 20h. **Show** às 23h. **Olá, Olá**, com as Mulatas Que Não Estão no Mapa apresentadas por Sargentelli. Rua Humaitá, 110 (246-2146). Ingressos a Cr$ 16 mil, com direito a bebida nacional à vontade.

GAFIEIRA

ASA BRANCA — Música ao vivo a partir das 20h, para dançar com as orquestras dos maestros Cipó e Carioca. Av. Mem de Sá, 17 (252-0966). **Couvert** a Cr$ 4 mil.

DISCOTECA

CIRCUS — De 3ª a dom., a partir das 22h música de discoteca. Rua Gal. Urquiza, 102. (274-7895).

● Os programas publicados no **Divirta-se** estão sujeitos a freqüentes mudanças de última hora, que são de responsabilidade dos divulgadores. É aconselhável confirmar os horários por telefone.

TELEVISÃO

Clara Nunes Especial, hoje às 22h30min, na TV Globo

OS FILMES DE HOJE NA TV

BASEADO em peça de Neil Simon, **Descalços no Parque** (TV Globo, 0h45min) marca a estréia do diretor teatral Gene Saks. Comédia leve que o mesmo Robert Redford estrelou na Broadway com Elizabeth Ashley no papel aqui vivido por Jane Fonda. O filme tem um desdobramento divertido e desempenhos corretos. Um espetáculo ameno, de fácil digestão.

Assassinos da Natureza (TV Manchete, 19 horas) é documentário narrado pelo biólogo marinho Andy Pruna sobre suas pesquisas na Patagônia, enfocando também a devastação ecológica na região.

ASSASSINOS DA NATUREZA
TV Manchete — 19 horas

(Killers the Wild) — Produção francesa de 1976, dirigida por Robert J. Ryan. Elenco: Andy Pruna, Carlos Zapata e Eduardo Barlot. Colorido (92 minutos)

Documentário sobre pesquisas ecológicas no litoral da Patagônia, sul da Argentina. **Inédito**

AEROPORTO 77
TV Globo — 23h40min

(Airport 77) — Produção americana de 1977 dirigida por Jerry Jameson. Elenco: Jack Lemmon, James Stewart, Olivia de Havilland, Lee Grant, Brenda Vaccaro, Joseph Cotten, Christopher Lee, George Kennedy. **Colorido**

Jumbo 747 é fretado por milionário (Stewart) para conduzir sua coleção de arte e alguns convidados (Cotten, De Havilland) à inauguração de seu museu particular na Flórida. O avião é seqüestrado durante o vôo, bate numa torre de petróleo e mergulha no mar, repousando sobre um banco de areia. Enquanto o piloto (Lemmon) sobe à superfície em busca de socorro, os tripulantes aguardam, aterrorizados, mas vivos, na cabina pressurizada.

O JUÍZO FINAL
TV Bandeirantes — O hora

(End of the World) — Produção americana de 1977, dirigida por John Hayes. Elenco: Christopher Lee, Sue Lyon, Dean Jagger, MacDonald Carey, Lew Ayres, Kirk Scott, Liz Ross. **Colorido**

Pesquisando mensagens sinistras recebidas do espaço cósmico, professor (Scott) e sua mulher (Lyon) visitam uma organização militar secreta e um convento. Neste caem prisioneiros de Zindar (lee), que trabalha com seis freiras, aparentemente invasores de outro planeta com a missão de destruir a Terra.

DESCALÇOS NO PARQUE
TV Globo — 01h50min

(Barefoot in the Park) — Produção americana de 1967, dirigida por Gene Saks. Elenco: Jane Fonda, Robert Redford, Charles Boyer, Mildred Natwick, Mabel Albertson, Herb Edelmann. **Colorido** (109 min)

Casal (Fonda, Redford) aluga apartamento exíguo, sem elevador, em Greenwich Village, onde a mulher faz camaradagem com vizinho excêntrico (Boyer), em quem vê um excelente partido para a mãe viúva (Natwick). As deficiências de acomodações, a visita da sogra e a interferência do novo amigo afetam o bom humor do marido, que vê o casamento perigar. Baseado em peça de Neil Simon.

ROBERTO MACHADO JR.

MANHÃ

7:00 (4) SANTA MISSA EM SEU LAR
(7) JORNAL DA TERRA
(11) PATATI-PATATÁ
7:30 (11) O VIRA-LATAS
8:00 (4) GLOBO RURAL
(7) INDICADOR RURAL
(11) PERNALONGA E SEUS AMIGOS
8:20 (11) A PANTERA COR-DE-ROSA
8:40 (11) O CACHORRINHO DROOPY
9:00 (2) PALAVRAS DE VIDA
(4) SOM BRASIL
(7) FUTEBOL — VT completo
(9) PASTOR JIMMY SWAGGART
(11) A TURMA DO TOM E JERRY
9:20 (11) TORO E PANCHO
9:30 (2) CENÁRIO POPULAR
(11) COBRINHA AZUL
9:40 (11) O INSPETOR
9:50 (11) A TURMA DO PICA-PAU
10:00 (2) TELECURSO 2º GRAU
(4) CONCERTOS PARA A JUVENTUDE
(9) A FEITICEIRA
10:10 (11) PERNALONGA
10:20 (11) PAPA-LÉGUAS
10:30 (2) TELECURSO 1º GRAU
(9) SHOW DA LUCY
(11) POPEYE
10:50 (4) FESTIVAL DE DESENHOS
11:00 (7) SHOW DO ESPORTE
(9) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS
(11) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS
11:40 (2) ZERO A SEIS

TARDE

12:00 (2) VIOLA, MINHA VIOLA
12:15 (4) VÍDEO SHOW
13:00 (2) FUTEBOL COMPACTO
13:25 (4) DURO NA QUEDA — Os Mercenários
14:00 (2) FORRÓ
(6) PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA
14:30 (4) DISNEYLÂNDIA
15:00 (2) CIRCO BAMBALALÃO
(6) CIRCO ALEGRE
15:35 (4) MANIMAL — Uma Mulher Sem Igual
16:00 (2) OS MAIS BELOS DESENHOS
16:40 (4) HUMOR LIVRE
17:00 (2) MUNDO INDOMADO
(6) CLUBE DA CRIANÇA
17:45 (4) GUERRA DOS SEXOS

NOITE

18:00 (2) OS MÚSICOS
19:00 (2) CÂMARA ABERTA
(4) OS TRAPALHÕES
(6) GRANDE ESTRÉIA — Assassinos da Natureza
20:00 (2) JORNAL DE DOMINGO
(4) FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA
(9) AVENTURAS DE B.J.
(11) TV TOTAL
21:00 (2) ESPECIAL MUSICAL — Brodway na Casa Branca
(6) CASSIE
(9) FILMANDO A RODADA
(11) SHOW RISO
21:15 (9) A SUPERMÁQUINA
22:00 (2) TEATRO 2 — Vestido de Noiva
(4) OS GOLS DO FANTÁSTICO
(6) DIÁLOGO
(7) DINASTIA
(11) POLÍCIA ESPECIAL
22:15 (9) FIM DE NOITE — Filme
22:20 (4) NOTICIÁRIO LOCAL
22:30 (4) CLARA NUNES ESPECIAL
23:00 (2) PONTO DE ENCONTRO — Fátima Guedes
(6) BBC SUPER — Crime e Castigo
(11) F.B.I.
(7) CRÍTICA E AUTOCRÍTICA
23:25 (4) MELHORES MOMENTOS — Copa Brasil
23:40 (4) DOMINGO MAIOR — Aeroporto 77
00:00 (7) DOMINGO NO CINEMA — O Juízo Final
(11) JORNAL DE DOMINGO
00:30 (4) MELHORES MOMENTOS — Copa Brasil.
01:00 (2) CONVERSA DE FIM DE NOITE
01:50 (4) CORUJA COLORIDA — Descalços no Parque

A programação e os horários são da responsabilidade das emissoras

Produtores independentes

OS INOVADORES AVENTUREIROS DO VÍDEO

Belisa e Miro, nova produtora independente à vista. A Olhar Eletrônico (Marcelo Tass à frente do grupo) já obtém sucesso em São Paulo. Em Conexão Internacional, Roberto d'Avila entrevista Felipe Gonzalez

CÂMERAS em punho, vocabulário de iniciado, muitas idéias na cabeça, eles formam a nova geração do vídeo e acreditam que, com boa dose de imaginação, a televisão brasileira pode ser reinventada. E não querem nada menos que isso. Aventureiros da eletrônica, são os produtores independentes, uma nova classe, misto de intelectuais, artistas e mascates. Estão sempre atentos, um olho na câmera, outro no mercado. Batem de porta em porta, farejando espaços nas programações das emissoras que possam ser ocupados por seus produtos.

Esses produtores independentes são de pelo menos dois tipos: os que dispõem apenas de um modesto equipamento (geralmente um gravador videocassete VHS, câmera BVU-110, de fabricação japonesa) ou mesmo equipamentos um pouco mais sofisticado (câmeras de três tubos, por exemplo); e os co-produtores, que aliam seu talento à tecnologia das emissoras.

Nessa categoria está a Intervídeo, produtora carioca do trio Fernando Barbosa Lima, Walter Salles Jr. e Roberto d'Ávila. Com apenas um ano e meio de vida, é certamente a que melhores resultados vêm alcançando em termos de prestígio e público. Sua matéria-prima são as idéias: "Nós não quisemos investir em equipamentos porque a obsolescência da tecnologia de TV chega muito rápido. Tudo é novo a cada dois anos", diz Salles Jr.

Nesse curto período de existência a Intervídeo já marcou sua presença no ar em programas de boa repercussão, como é o caso da série jornalística **Conexão Internacional**. Deslocando-se por diversos países, a equipe produtora já entrevistou Gabriel Garcia Marques, Marcello Mastroianni, Nancy Reagan, Franco Zefirelli, o primeiro-ministro espanhol Felipe Gonzalez. Este mês, será a vez de Yves Montand. Outros programas da Intervídeo são **Os Brasileiros** e **Diálogo**, este há quatro meses no ar.

A Intervídeo imaginou um modo de cumprir sua trajetória: cria os programas, vende o patrocínio e usa as facilidades técnicas de uma emissora, no caso a TV Manchete. Roberto d'Avila acredita que este mercado, ainda engatinhando no Brasil, tende a crescer: "A maioria das emissoras baseia sua programação em filmes. Com o preço do dólar, esses filmes tornam-se cada vez mais pesados no orçamento. É mais econômico, atualmente, fazer um programa aqui dentro do país".

Fernando Barbosa Lima acha que tais programas podem dar uma nova feição à televisão brasileira: "Um dos grandes problemas de nossa televisão, sem dúvida uma das maiores do mundo, é a falta de renovação. A área de produção está nas mãos das mesmas pessoas há muitos anos."

No Brasil, a safra de co-produtores cresce. Sérgio Waisman, ex-Intervídeo, acaba de fundar sua própria firma, a Spectrum. Com mestrado em televisão nos Estados Unidos, está convencido de que as emissoras brasileiras têm espaços na programação que podem ser valorizados. Partindo de um modelo americano, os chamados **tonight shows**, ele vai produzir um programa para entrar no ar às 23 horas, na TV Record, com Cidinha Campos como apresentadora: "Alugo os equipamentos e encaixo o programa na emissora. Não tenho dúvida de que o caminho está aberto e que todas as emissoras abrirão os olhos para o nosso trabalho."

A jornalista Belisa Ribeiro e o ex-deputado Miro Teixeira também já se engajaram na ala dos co-produtores: o programa **Rio Pede Passagem**, exibido às 23 horas de quinta-feira, na Bandeirantes, é totalmente produzido pela dupla, que usa equipamento da emissora. De acordo com os planos de Miro, o programa é o embrião de uma produtora independente que, a princípio, se dedicaria ao telejornalismo.

Mas já existem produtores independentes que apostam alto no mercado e juntam seus talentos à tecnologia. É o caso de Billy Bond, da BB Video. Nascida há três anos em São Paulo, a empresa chegou ao Rio há seis meses e é quase um miniestúdio de televisão: 12 funcionários, duas unidades móveis, três câmeras e até um caminhão de externas, num complexo avaliado em cerca de meio milhão de dólares. A BB Video vende 58 horas mensais de sua produção à TV Record, Rio e São Paulo, e a emissoras do interior. Os programas de música jovem **Realce, Videomania e Nova Onda da Cidade**, na faixa das 18 às 21 horas de sábado, são produzidos por Billy Bond: "Estamos nos dedicando ao público adolescente, muito esquecido nas programações tradicionais das emissoras. E o IBOPE mostra que estamos certos: conseguimos, com freqüência, o segundo lugar de audiência", garante Bond.

Com um olho na lente e outro no futuro, duas das mais ativas produtoras independentes de São Paulo, a Abril Video e a Olhar Eletrônico, jogam este ano cartadas decisivas para sua expansão em conquistas de novos públicos. Usando a TV Gazeta da Capital — que há cerca de um ano lhes abriu parte do seu horário nobre — iniciaram um trabalho de renovação que conseguiu índices surpreendentes de audiência.

A Olhar Eletrônico, mesclando agilidade e vanguarda, rompe com a televisão convencional. Criou, por exemplo, o **Repórter Ernesto Varela,** de Marcelo Tass, que de terno e gravata satiriza o telejornalismo diário das TVs brasileiras. Desconcerta e desarma os entrevistados com ingenuidade deliberada e muito humor.

Já a Abril Video estruturou sua programação jornalística na prestação de serviços e informações gerais ao público paulista com o **São Paulo na TV**, todas às noites, das 20h30min às 23h. Em comum, as duas produtoras tiveram a intuição — garantem não ter estudado as tendências do mercado — e a idéia de fazer programas que se constituem novas opções para os paulistanos depois que termina o horário das novelas: "Nesse momento é que aumenta a infidelidade de sintonia dos telespectadores", observa o diretor de **marketing** da Abril, Jayme Almeida.

Ao que parece, as emissoras brasileiras estão abertas para acolher os videoaventureiros. Paulo Saad, diretor-geral da TV Bandeirantes, no Rio, concorda com a idéia de que os produtores independentes são uma espécie de sangue novo na televisão. "Eles podem gerar uma reciclagem de criatividade. As pessoas encarregadas dessa área de produção estão virando gerentes. O trabalho ànda muito concentrado em poucas cabeças que não conseguem descobrir novas idéias. Os produtores independentes estão mais livres para criar." De acordo com as previsões de Saad, a produção totalmente independente ainda é muito embrionária no Brasil. "Os custos dos equipamentos são muito altos, poucos têm fôlego para investir. Mas acredito que os co-produtores engrossem suas fileiras e minhas portas estão abertas. Desde, evidentemente, que me ofereçam produtos de qualidade".

Qualidade parece um ponto-chave nesse mercado. E é por não encontrar o padrão que impõe a sua programação que a TV Globo ainda é a emissora mais fechada aos produtores independentes. A emissora produz, atualmente, 13 horas diárias de programas, sendo a maior produtora do mundo em termos de televisão. A ela não parece interessar entrar em esquemas de co-produção: tem talento, capacidade de produção e todo um equipamento de primeira linha. Quem pode fazer sozinho não precisa de sócio. Mesmo assim, a direção da TV Globo assegura que está olhando de perto o desenvolvimento deste mercado. Muitos contatos já foram feitos e só não fecharam negócio porque os produtos que lhe foram oferecidos não atingem seu padrão de qualidade.

A TV E também só está esperando bom nível de produção e adequação do produto a sua linha educacional. Nydia Licia Cardoso, diretora da emissora, teve um encontro, semana passada, com a diretoria da Associação Brasileira dos Teleprodutores Independentes que congrega cerca de 50 produtores, a maioria no eixo Rio—São Paulo

A câmera na mão, hoje em dia, é moda. Mas fora a utilização dos video-tapes, os produtores independentes da década de 80 não chegam a ser inovadores. Estão num ramo de negócio tão antigo, no Brasil, como a própria televisão. Dizem que a primeira produtora independente foi a agência McCann-Erickson, que punha no ar, diariamente, o **Repórter Esso**, veterano campeão de audiência da falecida TV Tupi. Foi também para a TV Tupi que o animador Flávio Cavalcanti produzia seus programas. O empresário Abraão Medina produziu, durante anos, **Noite de Gala**, um dos sucessos da TV Rio. E a agência Esquire, de Fernando Barbosa Lima, manteve no ar um programa premiado, o **Jornal de Vanguarda**, banido em 1969 pelo AI-5. "O milagre brasileiro exacerbou o consumismo, muito bem atendido pelas novelas da TV Globo. Restava pouco espaço para os outros produtores, minguamos todos", diz Barbosa Lima. Nesses primeiros anos da década de 80 eles voltam à cena. E esperam, dessa vez, fazer o milagre de redesenhar o rosto da televisão brasileira.

MIRIAM LAGE E RICARDO SOARES

TEATRO

PARÊNTESES ENTRE PARÊNTESES — Comédia de Flávio de Souza dirigida pelo autor. Com Iara Jamra, Tânia Loureiro, Carlos Moreno, Stela Freitas, Pedro Cardoso, Mira Haar e Carlos Capeletti. **Teatro de Arena**, Rua Siqueira Campos. Às 5as. às 17h e 21h, sábados às 20h e 22h, domingos às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 4 mil (estudantes).

FREUD NO DISTANTE PAÍS DA ALMA — Texto de Henry Denker. Dir. Flávio Rangel. Com Edwin Luisi, Aricle Perez, Adriano Reis, Maria Isabel de Lisandra, Vanda Lacerda, Jorge Chaia, Chico Solano, Dôs Peçanha, Cláudia Duarte e João Camargo. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º (274-9696). De 4ª a 6ª, 21h, sábados, às 20h e 22h, domingos, às 18h e 21h, 5ª, vesperal às 17h. Com ingresso (preço único) a Cr$ 3 mil. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil (estudantes), 6as e sábados, preço único de Cr$ 5 mil.

A TOCHA NA AMÉRICA — Revista de Gugu Olimecha. Direção de Luiz Mendonça. Música de Maurício Tapajós e Aldir Blanc. Com Olney Cazarré, Rosana Garcia, Iiva Niño, Gugu Olimecha e outros. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 3ª a 6ª, às 21h15min; sáb. às 20h e 22h30min; dom. às 18h e 21h15min. Ingressos a Cr$ 3 mil e Cr$ 2 mil, estudantes; sáb. a Cr$ 4 mil.

DERCY DE CABO A RABO — Texto e direção de Dercy Gonçalves. Com Dercy Gonçalves e Luiz Carlos Braga. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 18h30min. Ingressos a Cr$ 5 mil. Últimos dias.

CÂNDIDO O MUSICAL — Obra de Voltaire adaptada por Paulo Afonso de Lima. Direção de Jorge Fernando. Com Ricardo Blat, Claudio Tovar, Claudia Jimenez, Paoletti e outros. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1426 (274-7999). De 4ª a dom, às 21h30min. Ingressos de 4ª a 6ª e dom. a Cr$ 4 mil e sáb. a Cr$ 5 mil.

CORPO A CORPO — Texto de Oduvaldo Vianna Filho. Direção e interpretação de Luiz Alberto Conceição. **Teatro de Arena da Ceu**, Av. Rui Barbosa, 762 (551-3347). De 5ª a dom., às 21h30min. Ingressos a Cr$ 2 mil e Cr$ 1 mil, estudantes.

O AMANTE DE MEU MARIDO — Texto e direção de R. Rocha. Com Carvalhinho, Olivia Pareschi, Zelia Zamyr e Sebastião Coutinho. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118 (234-2060). De 5ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil 500, estudantes; sáb a Cr$ 4 mil.

O INIMIGO DO POVO — Texto de Ibsen. Adaptação e direção de Domingos de Oliveira. Com Domingos de Oliveira, Clemente Viscaino, Ada Chaseliov, Fernando Amaral e outros. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). 6ª, sábado e 2ª, às 21h30min, dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil 500, estudantes e Cr$ 1 mil, classe teatral.

INARREDÁVEL COMPROMISSO — Texto de Aldir Blanc. Direção de Miguel Oniga. Com Anja Bittencourt, Elza de Andrade e Jana Castanheira. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). 4ª e 5ª, às 21h30min; 6ª e sáb. às 24h. Ingressos a Cr$ 3 mil e Cr$ 2 mil, estudantes.

A PAIXÃO DE OSCAR WILDE — Texto de Murilo Dias Cesar. Com Cláudio Gonzaga, Angela Valério e Djenane Machado. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. De 3ª a 6ª, às 21h30min; sábados às 20h e às 22h; domingos às 19h e às 21h15min. Ingressos, diariamente, a Cr$ 3 mil e Cr$ 2.500,00 (estudantes). Ingressos para a classe: Cr$ 1 mil 500.

BELLA CIAO — Texto de Alberto de Abreu. Dir. de Roberto Vignati. Com Cacá Amaral, Christiane Tricerri, Calixto de Inhamuns, Douglas Salgado, Julia Gomes, Rosi Campos e Mário César Camargo. **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes, (221-0305). De 4ª a 6ª, às 21h. 5ª às 18h, domingo às 18h e às 21h. Ingressos, a preço único, Cr$ 2 mil. Temporada popular até 1º de abril.

QUASE 84 — Texto de Fauzi Arap. Direção de Ivan de Albuquerque. Com Ivan de Albuquerque, Rubens Corres, Leyla Ribeiro e outros. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 4ª a sáb, às 21h30min; dom., às 18h e 21h30min. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil 500, estudantes.

OS MENINOS DA RUA PAULO — Texto de Ferenc Molnar. Tradução de Paulo Ronai. Adaptação de Cláudio Botelho. Direção de Luis de Lima. Com André Barros, Luis Filipe de Lima, Marcos Tsiware e outros. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52. (274-7246). De 2ª a 6ª, às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500 e Cr$ 2 mil, estudante.

MINHA DOCE FUNCIONÁRIA — Texto de Adilio Athos. Dir. Luiz Eduardo Mihich. Com Emily Pirmes e Adilio Athos. **Teatro Alice**, Rua Alice, 146 (245-6269). De 4ª a domingo, às 21h30min, domingo às 20h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

NOITES E DIAS DE AMOR E MORTE — Textos de Alcione Araújo, Jean Anouilh, Jean Aurenche, Raul Brandão, Rubem Fonseca e um anônimo medieval com tradução de Fatima Saad. Com Carolina Virguez, Ednaldo Eiras, Fernando Antônio, Gilson Antonio, Malvina Fernandes, Nanaia de Simas. Dir. de Clarinha. **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal. O. C. Farias, 511, Mal. Hermes. Sábados e domingos, às 21h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500 e Cr$ 1 mil (estudantes). Classe teatral e estudantes de teatro têm entrada a Cr$ 800. Até 15 de abril.

ARTIGO UM SETE UM — Texto de Fernando Palitot. Direção de Haroldo de Oliveira. Com Jussara Calmon, Fernando Palitot e Haroldo de Oliveira. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. De 5ª a dom. às 21h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil, estudantes.

UMA CAMA PARA TRÊS — Comédia de Claude Magnier. Tradução e adaptação de Juca de Oliveira. Direção de José Renato. Com Eva Wilma, Fulvio Stefanini e Carlos Zara. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-3346). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb, às 20h e 22h30min; dom, às 20h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes; 6ª e sáb., a Cr$ 5 mil. (18 anos).

AMANTE S.A. — Texto de John Chapman e Dave Freeman. Tradução e adaptação de João Bethencourt. Direção de José Renato. Com Suely Franco, Milton Carneiro, Elizângela e outros. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42/11º (240-6141). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb, às 20h e 22h30min; dom, às 18h e 21h; 5ª vesp. às 17h. Ingressos de 4ª a 6ª e dom, a Cr$ 4 mil e Cr$ 3 mil 500; vesp. 5ª a Cr$ 3 mil; sáb. a Cr$ 5 mil.

A CANOA FOI AO FUNDO/FARSANTES EM RITMO ECONOMÊS — Comédia musical com texto e direção de Xisto Bahia Filho. Com Angela Vieira, Caopurnia Avâncini, Grace Bonzequam e Cesar de Araujo e outros. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. De 4ª a 6ª, à 21h30min; sáb., às 20h e 22h; dom., às 19h e 21h30min. Ingressos de 4ª a 6ª a Cr$ 2 mil e Cr$ 1 mil, estudantes; sáb. e dom., a Cr$ 2 mil 500 e Cr$ 1 mil 500, estudantes.

BOA-NOITE, MÃE — Texto de Marsha Norman, tradução de Millôr Fernandes. Dir. de Ademar Guerra. Com Aracy Balabanian e Nicette Bruno. **Teatro Glória**, Rua do Russel, nº 632 (245-5533). De 4ª a 6ª, às 21h15min; sáb., às 20h15min e 22h15min; dom., às 18h e 21h. Ingressos diariamente a Cr$ 5.000,00 e Cr$ 3.000,00 (balcão e estudantes).

QORPO SANTO: A IMPOSSIBILIDADE DA SANTIFICAÇÃO — Direção de Marcelo de Barreto. Com Almir Martins, Antônio Gonzalez, Glaucia Regina e outros. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338. De 3ª a dom., às 21h.

BESAME MUCHO — Texto de Mário Prata. Direção de Aderbal Júnior. Com Jonas Bloch, Denise Bandeira, Louise Cardoso, Henri Pagnoncelli e outros. **Teatro Maison de France**, Av. Antônio Carlos, 58 (220-4779). De 4ª a 6ª às 21h, sáb. às 20h e 22h30min e dom. às 18h e 21h. Ingressos de 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 4 mil e Cr$ 3 mil (estudantes); 6ª e sáb. a Cr$ 5 mil, preço único.

E O VENTO NÃO LEVOU... — De Robert David Madonald, tradução de Luiz Fernando Toffanelli. Dir. Roberto Vignati. Com Maria Fernanda, Yara Amaral e Fernando Gillich. Música de Geraldo Carneiro e Francis Hime, coreografia de Juliana Carneiro da Cunha. **Teatro Copacabana Palace**, Av. Copacabana, 291 (257-0881). De 3ª a 6ª, às 21h15min; sábados às 20h e às 22h30min. Domingos às 18h e 21h. Ingressos de 3ª a 5ª, Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil; 6ª, Cr$ 6 mil e Cr$ 4 mil; sábado (preço único) de Cr$ 6 mil e domingo, Cr$ 6 mil e Cr$ 4 mil. **Estréia hoje somente para convidados.**

VIÚVA, PORÉM HONESTA — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Eduardo Tolentino. Com Claudio Gaya, André Valli e o grupo TAPA. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-9895). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h; dom., às 18h e 21h. Ingressos de 4ª a 6ª e dom., a Cr$ 4 mil; sáb., a Cr$ 5 mil.

A CHORUS LINE — Musical "inspirado na obra literária de **James** Kirkwood e Nicholas Dante". Tradução de Millôr Fernandes. Coreografia original de Michael Bennett. Remontagem de Ricardo Bandeira. Direção musical de Murilo Alvarenga. Com Accacio Gonçalves, Maria Cláudia Reis, Márcia Albuquerque e Thales Pan Chacon e outros. **Teatro Tereza Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). De 3ª a 5ª, às 21h30min; 6ª, às 22h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h30min e 21h30min. Ingressos a Cr$ 7 mil 500, platéia, a Cr$ 6 mil, balcão nobre; a Cr$ 5 mil, balcão simples.

PIAF — Texto de Pam Gems. Direção de Flávio Rangel. Com Bibi Ferreira, Iris Bruzzi, Lea Garcia, Pierre Astriê, Tina Ferreira e outros. Direção musical do maestro Nelson Motin. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). De 4ª a sáb. às 21h15min; vesp. 5ª, às 17h15min e dom., às 18h. Ingressos 4ª, 5ª, 6ª e dom. a Cr$ 5 mil (platéia) e Cr$ 3 mil (platéia superior); sáb., a Cr$ 5 mil e vesp. 5ª a Cr$ 3 mil.

Versão da vida da cantora e compositora francesa.

TIRO AO ALVO — Texto de Flávio Márcio. Direção de Pedro Camargo. Com Rosamaria Murtinho, Sergio Mamberti, Suzana Abranches e outros. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-0222). 4ª, 5ª e 6ª às 21h15min, sáb. às 20h e 22h, dom. às 18h e 20h30min. Ingressos a Cr$ 4 mil e cr$ 2 mil 500; sáb a Cr$ 4 mil.

FOI BOM, MEU BEM? — Texto de Alberto de Abreu. Direção de Wolf Maia. Com Alexandre Marques, Chico Tenreiro, Cininha de Paula, Cristina Pereira e Osmar Prado. **Teatro do Planetário**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h30min e 21h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom., a Cr$ 4 mil e Cr$ 3 mil, estudantes; 6ª e sáb., a Cr$ 4 mil.

SENHORA DOS AFOGADOS — De Nelson Rodrigues. Apresentação dos alunos da turma A da Escola de Teatro Martins Penna. **Teatro Luiz Peixoto**, Rua Vinte de Abril, 14, Centro. Direção de Sérgio Sanz. Hoje e domingo, às 21h. Entrada franca.

CRIANÇA

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO BOM — Texto de Luiz Claudio Reis. **Country Club Tijuca**, Rua Uruguai, 574. Todos os domingos às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 200. Acompanhante tem entrada franca.

O PALHACINHO E O CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto de Luiz Claudio Reis. **Olympico Club**, Rua Pompeu Loureiro, 116. Sábados e domingos às 17h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 200. Acompanhante não paga. A peça é também apresentada no **Clube dos Tatuíras** (Rua Aguiar Moreira, 555) às 10h30min de domingo com ingressos a cr$ 800,00.

JARDINS DA INFÂNCIA — Texto e criação do Grupo Além da Lua. **Teatro Vanucci**, Shopping Center da Gávea. Sábados e domingos às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil. Prêmio Molière 83.

O PATINHO FEIO — Texto de Aurimar Rocha com o Grupo Ares do Tempo, direção de Beatriz Junqueira. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sábado às 17h e domingo às 16h.

CIRCOLÂNDIA — Histórias e danças, além de outras atividades. **Teatro de Lona**, Barra da Tijuca (vizinho do Freeway). Às 5as e sábados, 9h. Estréia dia 31.

REBECA A BRUXINHA ENCANTADA — Texto de Limachan Cherem. **Clube Sírio e Libanês**, Rua Marquês de Olinda, 38. Domingos às 17h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

JARDIM DAS BORBOLETAS — Musical de André Adler com o Grupo Encontrabando. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí. Sábados e domingos às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 300.

VIAGEM DO BALÃO SOB O ARCO-ÍRIS — Texto de José Maria Rodrigues dirigido pelo autor. Com o Grupo Novo de Teatro. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Sábados e domingos, às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500 e Cr$ 750 (comerciários). Até 10 de junho.

BRINCADEIRAS — Musical de Raimundo M. Leão. Dir. Sidney Cruz com o Grupo Olha a Lua Lá. **Teatro Armando Gonzaga**, Av Mal Cordeiro de Farias, s/nº. Sábado e domingo. Ingressos a Cr$ 600,00.

PINÓQUIO — Com o Grupo Tapa, dir. de Eduardo Tolentino de Araujo, direção musical e trilha sonora de Francis Hime. **Teatro dos 4**, R. M. de S. Vicente. Quintas e 6as., às 15h, sábados às 17h e domingos às 16h. Estréia sábado (31). Ingressos a Cr$ 3 mil.

EMÍLIA A FEITICEIRA E O FANTASMA QUE NÃO ERA FANTASMA — Texto de Esther Marques. **Teatro Gay-Lussac**, Rua Coronel João Brandão, 87, Niterói. Sábado e domingo às 16h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 200.

O REINO MÁGICO DA PREZEPOPÉIA — Musical de Lauro Benevides. **Casa de Cultura São Saruê**, Rua Leopoldo Fróes, 37, Santa Tereza. Sábados e domingos às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil.

FIM DE SEMANA NO PLANETÁRIO — Programação: sábado, O Homem no Espaço, para maiores de 12 anos com ingressos a Cr$ 680,00; domingos, O Trenzinho Mágico, destinado a crianças de 5 a 12 anos com ingressos a Cr$ 340,00 e Cr$ 680,00. **Cúpula do Planetário do Rio de Janeiro**, Av. Padre Leonel Franca, 240. Às 18h.

A FOLIA DA REPÚBLICA DOS BICHOS — Com Elói Machado. **Teatro de Lona**, Av. das Américas, 2000. Sábado, às 16h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

BRANCA DE NEVE E CHAPEUZINHO VERMELHO NA FLORESTA ENCANTADA — Texto de Procópio Mariano. Dir. do autor e Conrado Freitas. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Hadock Lobo, 359. Sábados e domingos às 17h.

ESTE MUNDO É UM ARCO-ÍRIS — De Ronaldo Fiambroni e Alceu Nunes. Dir. Roberto Marconi. **Circo Planetário da Gávea**, sábados e domingos, às 16h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE — Texto de Maria Clara Machado com o Grupo Cochichando na Coxia. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Sábados às 17h30min e domingos, às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

MAROQUINHAS FRU-FRU — Texto de Maria Clara Machado. Dir. de João Carlos Motta. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sábados às 16h e às 17h30min. Domingos às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

A LENDA DA PÉROLA — De Márcio Augusto e Maria Lúcia Priolli. Com o Grupo Continua que Estava Ótimo. Dir. de Márcio Augusto. **Teatro de Arena**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). Sábado, às 17h e domingo às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil. Até final de maio.

CIRANDA E PALHAÇOS — Texto e dir. de Salio Tonê. **Café Teatro Dom Camillo**, R. Tonelaros, 76. Domingos, 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil 200.

A FORMIGA ATÔMICA CONTRA O LOBO MAU — Com o Grupo Carroussel. **Teatro do Colégio Santa Rosa de Lima**, Rua Voluntários da Pátria, 110. Domingo, às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil.

LULUZINHA E BOLINHA CONTRA O CAPITÃO GANCHO — Com o Grupo Carroussel. **Teatro do Colégio Santa Rosa de Lima**, Rua Voluntários da Pátria, 110. Domingos às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil.

O MISTÉRIO DO BOI SURUBIM — Texto de Tonio Carvalho. Com os grupos Tempero, Teatro Feliz Mau Bem e Território Livre. **Centro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sábados e domingos às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil. Até 27 de maio.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU — Direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigite Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. (521-2955). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Dir. Jayr Pinheiro. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524 (295-0896). Sábado e domingo, às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

PERERÊ — Texto de Ziraldo. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500. Até dia 25.

CIDADES DAS FADAS — Texto e direção de Luna Bruno. **Tijuca Tênis Clube**, Rua Heitor Beltrão. Domingos às 17h. Ingressos a Cr$ 1 mil e Cr$ 500. Até o final de março.

AS FOFOLETES — Revista musical de Brigitte Blair. Elenco infantil. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

COM CANELADA, PANELADA E DR COTÓ... **Teatro da Play House**, Rua Ana Teles, 400, Campinho, Jacarepaguá. Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil e Cr$ 500, crianças.

MAMÃE É MULHER DO PAI E OUTRAS HISTÓRIAS — Musical de Werner Zotz. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179. Sáb., às 17h e dom., às 16h.

O PLANETA AZUL — Texto de M. B. Nunes. Dir. de M. Becker. **Teatro do Sesc de Madureira**, Av. Ministro Edgar Romero, 81 (350-9433). Sábados e domingos, às 16h. Ingressos a Cr$ 500 (sócios) e Cr$ 1 mil. A peça é apresentada ainda aos domingos às 10h, no **Clube Mackenzie**, Rua Dias da Cruz, 561, com ingressos a Cr$ 600 (sócios) e Cr$ 1 mil.

CIRCO-SHOW — Apresentação de Breno Moroni, Joana Moroni e Malu Morena. **BarraShopping**, Av. das Américas, 4.666. De 2ª a sáb., das 15h às 17h.

O CASACO ENCANTADO — Texto de Lúcia Benedetti. Direção de Thais Balloni. **Teatro Princesa Isabel**, 186. Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

A INCRÍVEL VIAGEM — Texto de Doc Comparato. Direção de Júlio Braga. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 1 mil 500.

SAPATINHO DE CRISTAL, UMA HISTÓRIA ETERNA — Musical infantil com Lucinha Lins, Paoletti, Tatiana Issa, João Lins e Claudio Lins. Dir. Claudio Tovar. **Teatro da Lagoa**, (274-7999). Sábados e domingos, às 16h e às 17h30min. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

QUANDO EU CRESCER QUERO SER ARTISTA — Produção de Lilia Barcellos. **Gurilândia**, Rua São Clemente, 409 (246-9801). Domingo, às 16h. Ingressos a Cr$ 500,00.

NO PAÍS DA PROSOPOPÉIA — Musical de Lauro Benevides. Sáb. e dom., às 16h, no **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Ingressos a Cr$ 1 mil.

OS MENINOS DA RUA PAULO — Ver detalhes em teatro adulto.

O PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Programação: **show** de variedades com relância, o ritmo Troupical, os Bonecondeiros, Zézinho e Rodney, e Discoteca Mirim. **Concha Verde do Morro da Urca**, Praia Vermelha. Sábado e domingo, às 16h. Só se paga a passagem do bondinho (até o Pão de Açúcar, Cr$ 2 mil 400, até o Morro da Urca, Cr$ 1 mil 200. Crianças de 4 a 10 anos pagam meia passagem.

CIRCO GARCIA — Três pistas diferentes, tigres em jaulas invisíveis, palhaços, elefantes. **Praça Onze**. De 3ª a 6ª às 21h (quintas, vesperais às 15h), sábado às 15h, 18 e 21h; domingos às 10h, 14h30min, 17h e 19h30min. Ingressos a Cr$ 2 mil e Cr$ 1 mil (arquibancada, adulto e criança, respectivamente), Cr$ 3 mil (cadeira central) e Cr$ 5 mil (cadeira de pista) (222-8070).

DANÇA

I AMOSTRA DE DANÇA — **Teatro Sesc Mariti**, Rua Tenente Manoel de Alvarenga Ribeiro, 66. De 6ª a domingo às 20h.

BALLET JOVEM HELFANY PEÇANHA — Espetáculo apresentando Cinderela. **Teatro Gay-Lussac**, Rua Cel. João Brandão, esquina Rua Maria Caldas (711-5547). Hoje, às 19h.

PIRÂMIDE

O ANTIGO ENIGMA QUE CHEGA ATÉ NOSSOS DIAS

COMO a dieta da Lua, que mobilizou todos os gordinhos, a discussão sobre os diversos usos da "pirâmide" (réplica fiel da pirâmide de Queóps) e sua ação sobre o corpo e mente humanos está virando moda na cidade. Em qualquer lugar olhos atentos descobrirão pirâmides de cristal, papelão colorido ou resina, construídas de acordo com as medidas exatas da original, perfeitamente posicionadas na direção Norte—Sul (a mesma de Queóps), captando energias cósmicas para afiar lâminas, recarregar pilhas, desidratar plantas, energizar água, ou mais, muito mais, ajudar pessoas a enfrentar problemas de saúde, como uma terapia de auxílio.

Ouvidos sensíveis perceberão o grau de curiosidade e respeito que envolve o assunto. Afinal, até hoje, Queóps, construída no ano 2500 A.C., continua sendo um enigma para cientistas e pesquisadores. Quem a construiu? Para quê? Como? Teria sido um templo de iniciação aos grandes mistérios? Um túmulo sagrado? Um monumento erguido por seres de outros planetas?

Interessados principalmente nos efeitos que a pirâmide produz ao captar energia, seus adeptos colocam num cordão uma pequena réplica da pirâmide de Queóps, em cristal, já devidamente energizada, e sentem-se protegidos, cheios de vitalidade para enfrentar um dia duro de trabalho ou de estudos.

Crendice? Superstição? Frei Albino Aresi, parapsicólogo e diretor de oito clínicas de medicina psicossomática espalhadas por todo o Brasil e uma a ser inaugurada em Portugal ainda este ano, explica o fenônemo:

— Estudo radiestesia e parapsicologia há mais de 30 anos, pois acredito que temos obrigação de descobrir o que há de verdade ou de mentira em qualquer tipo de tratamento. Temos obrigação de conhcer melhor as forças da natureza, colocadas por Deus a serviço do homem, para que as pessoas não fiquem entregues a crendices. Em nossas clínicas utilizamos a terapia da pirâmide com bastante cuidado. Temos constatado casos de curas e outros até fatais. O efeito da pirâmide pode ser benéfico ou maléfico, depende muito de quem a usa e como a usa. A exposição prolongada pode sobrecarregar o corpo de energia. Um professor de minha equipe constatou a morte, por desidratação, de uma criança de seis meses, colocada muito tempo embaixo de uma pirâmide.

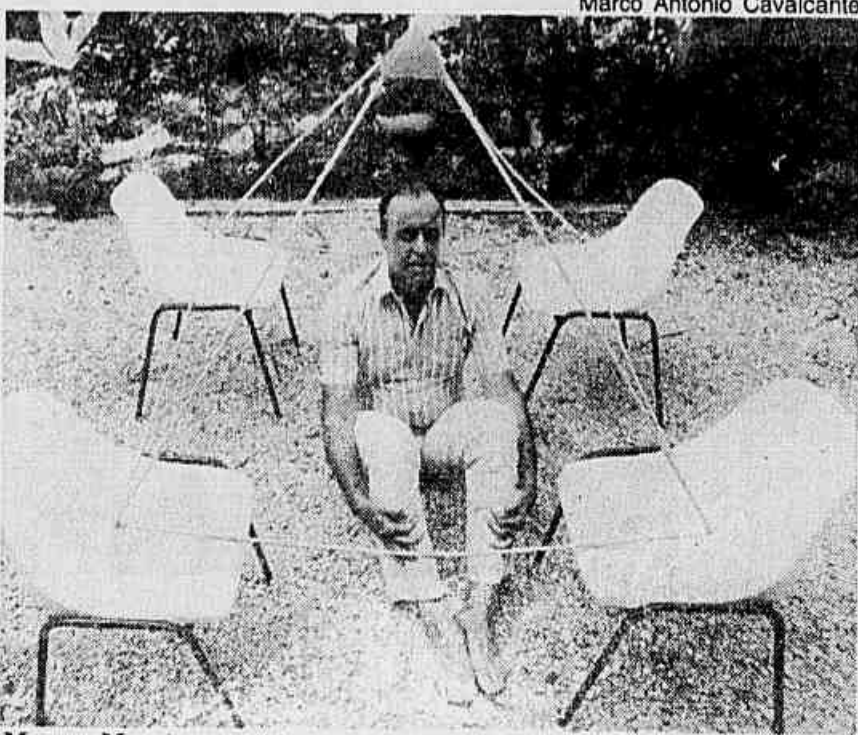
Como fundamento científico, Frei Albino Aresi aponta a forma da pirâmide, responsável pela captação de energias do espaço.

— Independe do tipo de material empregrado na construção — afirma.— É a forma que capta energia, desde que posicionada na direção norte-sul, a mesma pirâmide de Queóps. O resto é amuleto. Em meu livro, **Radiestesia Hidromineral e Medicinal,** procuro dar explicações sobre esses fenômenos, buscando sempre as bases científicas.

Segundo Frei Albino, a radiestesia, uma ciência tão antiga quanto a humanidade e que estuda as formas geométricas que mais rapidamente captam energia, tem como principal objeto a pirâmide, com o vértice apontado para o alto, em louvor a Deus:

"A igreja não condena o conhecimento, condena as superstições".

Muitos cursos têm sido realizados na clínica de Frei Albino, sempre sobre assuntos relacionados com fenômenos paranormais (a do Rio fica na Estrada Velha da Tijuca, 1110, tel: 208-5242) e experiências também, procurando descobrir os efeitos benéficos sobre determinadas doenças. Frei Albino usa a pirâmide como auxiliar de terapia e tem observado melhores em pacientes de câncer, principalmente ginecológico, cujas origens, muitas vezes, derivam de um sentimento de autopunição.

Marco Antônio Cavalcante

Mauro Mendonça: "A gente recupera o equilíbrio entre a mente e o corpo"

Interessada em novidades que divulga através de um programa radifônico, Maria Augusta Barbosa Matos, a Guta, diretora do Departamento de Elencos da Rede Globo, foi mais uma vez o elemento propagador do modismo (o primeiro foi a dieta da Lua). A apostila de um curso feito em São Paulo pela mãe do ator Edwin Luisi colocou Guta em confronto com os mistérios da pirâmide. Ficou fascinada com os efeitos produzidos pela energia captada e começou a ler sobre o assunto. Primeiro freqüentou o curso de Frei Albino, depois conheceu a psicóloga Sandra Gonçalves Westin, que também estudava o assunto, e juntou-se a um grupo de atores, do qual faziam parte Mauro Mendonça, Ioná Magalhães, Ruth de Souza, Lady Francisco, com eles assistindo a aulas com a psicóloga:

— Todo mundo estava interessadíssimo. Eu uso a minha pirâmide de cristal sobre o plexo, o melhor lugar para captar energia, e todo mundo me pede para encomendar pirâmides. Só o Itamar de Freitas, diretor do Fantástico, no Natal comprou 70 para dar de presente.

Guta já fez todas as experiências contidas nas apostilas dos cursos e garante que dão certo:

— Lá em casa, toda a água consumida está energizada. A gente se sente muito melhor dos rins e intestinos. Desde que comecei a tomar essa água, abandonei completamente as minhas gotinhas de Silidron. E olha que eu tomava um tubo por semana!

Com dores na coluna quase diariamente, depois que começou o tratamento Guta deixou de lado os analgésicos, preferindo expor a coluna à energia captada pela pirâmide. Há dois meses dá certo: "Sinto a energia na pele, no corpo, na cabeça".

O sucesso da pirâmide foi tão grande que a produção da novela **Champagne** colocou uma dentro do quarto de Anita (Louise Cardoso), a namorada astróloga de Nil (Tony Ramos), e pretende fazer do personagem de Guilherme Caran, o guru da próxima novela das 20 horas, um conhecedor profundo do assunto. Guilherme estará ligado a Gilda (Susana Vieira), uma personagem mística, permeável a todo tipo de conhecimento paranormal.

Mauro Mendonça, ator de teatro e televisão, espera ansioso o momento de terminar a novela **Champagne**, que toma praticamente todo o seu tempo, para dedicar-se a um estudo mais apurado: "Sou como São Tomé, quer ver para crer. E o que vi me interessou bastante".

Espiritualista, Mauro resolveu testar os efeitos da energia da pirâmide e sentiu que eram praticamente imediatos:

— Bastam uns poucos minutos de relaxamento e concentração embaixo de uma pirâmide de meditação para sentir logo os efeitos. Uma energia positiva se espalha por todo o corpo e a gente recupera o equilíbrio entre a mente e o corpo.

Energizando a água que é consumida em casa, Mauro sentiu imediatamente um bem-estar geral e melhor funcionamento dos rins. Guta observou que as plantas regadas com água energizada crescem melhor e ficam mais viçosas. Quinze minutos de relaxamento embaixo da pirâmide fizeram com que o "astral" de Lady Francisco mudasse inteiramente. Para melhor, é claro.

Esse efeito, afirma a psicóloga Sandra, especializada em psicoenergética, existe quer a pessoa acredite ou não:

— Não se pode negar os efeitos produzidos sobre pedaços de carne (desidratam quando colocados embaixo da pirâmide), pilhas, plantas, lâminas e pessoas. Qualquer pessoa pode experimentar ou constatar com seus próprios olhos. É uma experiência que sempre dá certo, desde que o pesquisador Antoine Bovis descobriu, no interior da pirâmide de Queóps, pequenos animais (ratos e baratas) mumificados sem nenhuma outra explicação que não a ação da energia cósmica. Se você colocar um pedaço de carne embaixo de uma pirâmide, vai ver que ele não apodrece. Desidrata.

Essas e outras experiências, Sandra demonstra em seus cursos (tel. 235-5072), cujas teorias diferem um pouco das ministradas por Frei Albino e sua equipe. Sandra, por exemplo, acredita que o cristal capta 100% de energia cósmica, enquanto Frei Albino acredita na força da pirâmide, qualquer que seja o material empregado na construção. Sandra ensina como utilizar a associação da pirâmide com as cores nas realizações de desejos.

CILÉA GROPILLO

Evaristo de Morais Filho e Arnaldo Niskier

MUITOS PLANOS (POUCAS MUDANÇAS) NAS METAS DOS NOVOS IMORTAIS

A Academia Brasileira de Letras terá novos membros este ano — e eles estão com bons planos. "Pretendo alargar o espaço para o debate sobre educação, retomando uma tradição da casa que se interrompeu com a morte de Carneiro Leão e Fernando Azevedo", diz o jornalista e escritor Arnaldo Niskier, 48 anos, 27 livros publicados, que ocupará a cadeira nº 18. O professor Evaristo de Morais Filho, futuro ocupante da cadeira 40, fala em "voltar a editar a **Revista Brasileira**, publicar livros, estimular a realização de cursos, conferências, criar concursos e fomentar pesquisas".

Niskier ocupará a cadeira de Peregrino Jr e está entusiasmado com a possibilidade de convívio com os imortais. "É a casa de cultura mais importante do país, pela sua tradição e valor dos seus membros", diz ele. "Com o convívio deles serei estimulado a produzir mais em termos intelectuais. Sou jornalista e trabalho sobre pressão. A doce pressão da Academia vai ser útil à minha vida".

Já Evaristo, professor de Direito e Sociologia, aposentado "compulsoriamente" em 69, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 67 anos de idade, cita Goethe quando diz que "a coruja da Minerva (a sabedoria) alça seu vôo quando chega o crepúsculo" e completa: "Isso quer dizer que o pensamento filosófico mais trabalhado, não menos crítico, surge depois do longo dia de luta e expectativa. A Academia é o coroamento de uma obra e de uma vida".

Eles já estão assistindo às reuniões da ABL, às quintas-feiras, e falam com admiração do bom ambiente de amizade entre os imortais. Niskier toma posse em junho, Evaristo em setembro. É a renovação dos nomes, embora eles não vejam qualquer necessidade de mudanças radicais na instituição. "Não é próprio das Academias representar movimento de rebeldia, iconoclastia ou de inovação absoluta", diz Evaristo. "A Academia não é um grupo de **hippies**, ela é conservadora, nela se contém o resultado da cultura nacional. E a ABL está fazendo bem esse serviço. Eu fiz um balanço da atual Academia e lá estão grandes valores da nossa cultura e a maioria continua produzindo".

Niskier também não vê necessidade alguma em mudanças na ABL. "Ela tem editado livros fundamentais, como o dicionário de Antenor Nascente, o vocabulário ortográfico com 350 mil verbetes, dirigido por Antonio Houaiss. Materialmente é um sucesso, graças a lucidez do jovem Austregésilo de Athayde. Tem sua tradição de tertúlia, de amizade, "uma sociedade que não vive se atropelando. Tudo isso é notável e deve ser mantido. Mesmo se você não gostar de chá, não tem problema — me serviram um suco de caju ótimo".

Niskier, diretor da revista **Manchete**, já obteve a promessa do Governador Leonel Brizola de que o Governo do Rio financiará seu fardão (em torno dos Cr$ 3 milhões de cruzeiros). Como é tradição o Estado onde nasceu o imortal se responsabiliza pela roupa da posse. Promete muito trabalho, mas não quer revelar muito por agora. "Sou um homem de idéias, ninguém pense que eu vou lá para o bolo, sucos e chá das quintas-feiras. Muita coisa bonita vai acontecer na Academia", garante Niskier, cujo livro **A Nova Escola** já atingiu 10 edições e vendeu 100 mil exemplares.

Evaristo de Morais Filho é autor de obras como **Socialismo Brasileiro**, um perfil de Rui Barbosa, estudos sobre Tobias Barreto, Sílvio Romero, Tavares Bastos e prepara-se para publicar **Goethe — Teoria e Prática**. Vai ocupar a cadeira de Alceu de Amoroso Lima. Ele adota o equilíbrio entre o respeito à tradição da ABL e um desejo de que ela produza mais em termos culturais. "No estatuto da Academia, Joaquim Nabuco diz que ela é uma casa de escritores e expoentes, pessoas que ocupam posição importante em suas profissões. Não acho que a Academia esteja seduzida por nomes de destaque do poder político, tanto que só agora, quando não é mais do Governo, o Arnaldo Niskier entrou, e antes, Secretário de Educação, não. Mas eu acho que a Academia deve ser a casa dos escritores, exclusivamente, e todos, como agora, trabalhando pela ação cultural".

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Evaristo de Morais Filho e Arnaldo Niskier chegam à Academia juntos, mas a posse de um será em setembro e a do outro em junho

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

NEUZINHA BRIZOLA — QUEM É?

CONVÉM saber quem é — aproximadamente — Neuzinha Brisola, a pessoa que atende por esse nome. Só depois disso é que poderemos apreciar devidamente a artista Neuzinha Brizola. A sociedade pede nossa apreciação — a nossa, isto é, de qualquer de nós que formamos a chamada opinião pública. Porque os versos de Neuzinha Brizola foram censurados, proibidos de circular em suas canções gravadas, e nós queremos decidir se, sim ou não, a Censura está agindo corretamente.

A menina Neuzinha Brizola, fazendo a passagem da adolescência, era filha do Governador e — é claro — da Primeira-Dama. Sobrinha do Presidente da República. Morava num palácio em Porto Alegre. Na crise adolescente, biológica e metafísica (e graças a Deus é também metafísica!), tudo isso desmoronou. Neuzinha já estava no Uruguai, era filha de um foragido político. Seria possível viver no Uruguai — se de repente os uruguaios não ficassem doidos, tal como os brasileiros tinham endoidecido. Terrorismo e repressão brutal — lá também — fecharam tudo. Fugindo de uma ditadura que queria seu pai na cadeia, Neuzinha foi parar noutra ditadura, onde seu pai também não era muito estimado. Mas não havia saída para aquela situação e Neuzinha foi ficando lá. No inferno. Cercada de inferno por todos os lados (Brasil, Argentina, Chile etc.). Lançada fora da língua viva aqui do Brasil, que os jovens tornaram um instrumento tremendamente expressivo, justamente naqueles dias. Em seguida — sempre fugindo — Neuzinha foi parar nos Estados Unidos.

Nos anos 80, ela voltou. E de repente tudo recomeçou. De repente, era filha de um líder político popular. De repente, era outra vez filha de Governador. Ela nunca viveu o descobrimento das realidades da vida, que torna a adolescência encantadora, assustadora e mágica. Foram as realidades da vida que se arrojaram sobre ela, dizendo: Decifra-me, ou te devoro! Mas essas charadas trágicas não servem para menina brincar. Neuzinha decretou que esfinge não existe, mistério não há: o que há é guitarra elétrica, o que há é o rock'n'roll!

Nessas andanças, forçadas pelas vicissitudes geopolíticas sofridas pela família Brizola, Neuzinha esqueceu a língua brasileira no Uruguai, depois esqueceu a língua castelhana nos Estados Unidos. Ficou assim — uma não-poliglota completa: nem falava português, nem falava espanhol, nem falava inglês. Falava tudo ao mesmo tempo. Pegou esses três idiomas e fez uma gíria toda pessoal. Quando ela diz **Mentchura**, está falando português claro — o seu **angloportunhol** improvisado para não ficar analfabeta em todas as línguas... **Mentchura, Diretchas** — são palavras interessantes. Soam com sotaque do Rio Grande e têm obscuro significado cigano. Não querem dizer nada, a não ser o som bizarro que dizem. O sentido verdadeiro desses vocábulos é aquele mesmo que todos nós compreendemos: Mentira e Diretas.

Ela não podia ter nenhuma profissão porque, simplesmente, não tinha pátria debaixo dos pés. Estava flutuando no mundo politicamente hostil. Vivia no Uruguai e não era uruguaia. Vivia nos Estados Unidos e não era norte-americana. Queria viver no Brasil, sua pátria — mas os ditadores não deixavam...

Desta maneira, tornou-se artista. Todos os artistas que estejam lendo isto (se houver algum) admitirão que a origem da vocação artística de Neuzinha não pode ser mais legítima. Todo artista, filho de pai perseguido ou não, rico ou pobre, nascido em família importante ou modesta, começa pelo sentimento de que não pertence ao lugar e às pessoas circundantes. Começa — o artista — vivendo nas nuvens... Só mais tarde, passando o deslumbrante período de alienação romântica, é que se vai voltando, pouco a pouco, ao mundo real.

Bem. Neuzinha Brizola é assim — aproximadamente. Não posso dizer que seja assim, efetivamente, em pessoa, porque nunca a vi. A imagem que ela projeta no mundo dos espetáculos é essa, sem dúvida. Sou o primeiro a articular essa imagem em palavras encadeadas e compreensíveis. Faço isso pela razão singela de que ninguém, antes, pensou em fazer.

CARLOS EDUARDO NOVAES

O CASAMENTO E A DIRETA

ALGUNS casamentos estão desmoronando à sombra das discussões sobre as próximas eleições. Poucos, é verdade. Quase todos os casais estão fechados com as diretas e nas casas onde o cabeça do casal é pelas indiretas a mulher foi proibida de falar em política. Dizem que é o que se passa no lar dos Maluf. Já na casa dos Guimarães, Ulisses e Penélope vivem uma crise conjugal. Uma crise somente comparável à que atingiu seus homônimos gregos no dia em que Ulisses apareceu em casa, 10 anos depois de terminada a guerra de Tróia (não se sabe por onde ele andou — deu uma desculpa esfarrapada: disse que estava perdido — mas é possível imaginar como foi recebido por Penélope, cara amarrada, mãos na cintura: "Pode me dizer o que foi que o senhor ficou fazendo na rua todo esse tempo?").

A crise entre Ulisses e a mulher não se prende a questões de método (Penélope é a favor das diretas). Liga-se ao fato de Ulisses, há meses, não parar dentro de casa. Penélope morre de vergonha quando atende um telefonema para o marido.

— Acho que ele está em... Campina Grande... ou Rio Branco... ou talvez em Belém...

— Mas ele ainda mora aí, não?

— Bem, sim... eu... eu suponho.

— Eu não consigo encontrá-lo.

— E eu... consigo?

Justiça seja feita: ninguém vem se movimentando mais pelas diretas do que Ulisses Guimarães. Abrem-se os jornais um dia, ele está em Macapá. Dia seguinte já está em Porto ALegre. No outro é esperado em Teresina. Já vi nego fazendo uma espécie de bolo, nas ruas: onde Ulisses estará amanhã? Cada um tem direito a três palpites. Ulisses tem mais horas de comícios pelas diretas do que Maluf de batizados e casamentos.

De vez em quando Ulisses aparece em casa. Entra e passa qual um flecha pela sala em direção ao quarto. A mulher, surpresa com tão rara presença, vai atrás:

— Ulisses... Ulisses, preciso falar com você. Estou querendo mudar as cortinas da sala e...

Ulisses não dá a menor atenção. Debruçado sobre as gavetas do armário remexe algumas roupas.

— Cadê minha camisa azul?

A mulher vira uma arara.

— Ulisses! Eu tô falando com você!

— Sim, sim... tô ouvindo, mas cadê a camisa? Tenho que pegar o avião para João Pessoa, agora.

— Mas você acabou de chegar!

— Eu não cheguei: tô passando.

Ulisses troca a roupa da valise. Tira a suja e bota a limpa. Nos últimos tempos é a única coisa que Ulisses faz em casa. Despede-se da mulher, corre para o elevador.

— Espera Ulisses... e as cortinas?

— Não me confunda. Não posso tratar de cortinas e diretas ao mesmo tempo. Tchau... fecha a porta!

O porteiro nem o cumprimenta. Limita-se a perguntar: onde é o comício amanhã, doutor? Seu motorista, em compensação já, não pergunta para onde ele vai. Segue direto para o aeroporto. Ulisses está em todas. Manifestações, passeatas, comícios, vigílias cívicas. O homem está se acabando em nome das diretas. Ao ver sua imagem na televisão, ombros caídos, palpebras caídas, boca caída, tem-se a impressão de que ele vai se desmanchar a qualquer momento. Apesar de mais moço, Ulisses está parecendo pai do Tancredo Neves.

Em casa, a mulher faz tudo para recuperar o marido. Não agüenta mais vê-lo atravessando a sala como um cometa.

— Já olhou sua cara no espelho, Ulisses?

Ulisses remexe as roupas.

— Cadê minha camisa branca?

A mulher fica na bronca.

— Que diabo, você só entra em casa para perguntar pelas camisas, calças, cuecas... você devia estar casado com uma lavadeira. Quer fazer o favor de me ouvir??

— Tô atrasado. Tenho que pegar o avião para Curitiba.

— Vê se ao menos você me liga — e ironizando — sabia que já inventaram a discagem direta?

Foi como se Penélope tivesse pronunciado uma palavra mágica. Ulisses iluminou-se. Seu rosto adquiriu uma estranha expressão.

— Discagem direta...já. Direta já. Já... já... imediatamente — subiu na cama e iniciou um breve discurso.

A mulher apavorou-se. Rodava à volta da cama.

— Ulisses, que isso ? Ulisses! Ulisses, os vizinhos...Você ficou maluco, Ulisses ?

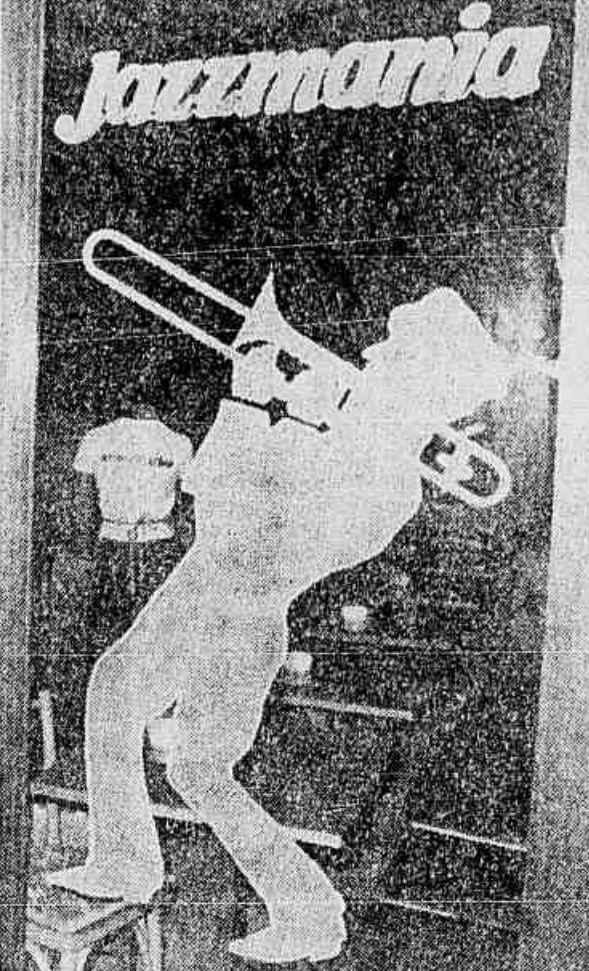
A partir desse dia a família vem tomando suas precauções. Todas as vezes que Ulisses atravessa a sala — nos três ou quatro minutos que passa em casa — a mulher e os parentes evitam usar a palavra mágica. Nem sempre conseguem. Outro dia, Ulisses cruzava a sala feito um bólido — vinha de Caxias, ia para Fortaleza — e a família conversava sobre graus de parentesco. No exato momento em que Ulisses transpunha a sala, a nora, distraída, disse que era descendente em linha direta de...

— O quê? — gritou Ulisses recuando — Linha direta? Já! Direta já...agora...nesse minuto! — fez um discurso-relâmpago, cumprimentou os parentes como se fossem correligionários e se mandou para o aeroporto.

Penélope não sabia mais o que fazer para segurar o marido. De nada adiantou se queixar que já não saía para jantar, que não ia mais ao teatro nem ao cinema, que não visitava os amigos, que se transformara numa mulher sozinha. Ulisses continuava naquele vai-vém infernal. Cadê minha camisa de listrinha? Penélope, ao contrário de sua xará grega que ficou tecendo um pano enquanto o marido estava na rua, resolveu agir. Anteontem, Ulisses chegou em casa de Florianópolis e deu de cara com uma multidão comprimida na sala.

— Mas...mas o que está acontecendo, mulher?

— Nada. Decidi fazer um comício pelas diretas aqui no apartamento.

Foi a única maneira de manter Ulisses dentro de casa por mais algumas horas.

No Studio Mistura Fina, freqüentado por colunáveis, Jô Soares costuma dar *canjas* que deliciam a platéia. Entre os novos bares que vêm fazendo sucesso, o Jazzmania tem entre seus freqüentadores desde o *expert* em *jazz* até o jovem que está descobrindo a música instrumental brasileira

Novos sons enchem os ares

É A NOITE DO RIO FERVENDO

"O bar é para mim um local de meditação e de recolhimento, sem o qual a vida é inconcebível." É provável que o autor desta reflexão, Luis Bunüel (no livro de memórias **Meu Ultimo Suspiro**) não tivesse muita paciência para os novos bares cariocas. Talvez os visse como aos cafés que, no capítulo **Os Prazeres Terrenos**, define como predispostos à discussão, ao entra-e-sai, às amizades barulhentas, às conquistas amorosas.

São mais ou menos assim, os bares que abrem suas portas — cada vez em maior número — na noite da Zona Sul Carioca. É verdade que o modelo não veio de Madri ou de Paris. Mas de Nova Iorque e aqui chegaram fazendo, primeiro, escala em São Paulo. Alegres, movimentados, divertidos, oferecem seu prato principal: a música ao vivo. Não mais aquela ouvida em surdina no início de um romance, do tipo piano's bar. Mas a música criada por aqueles que não se conhecia, muitas vezes, por não terem onde tocar.

O surgimento de um atrás do outro (muitos não foram abertos especialmente para a música, mas acabaram incluindo-a em seu cardápio) já criou um hábito na diversão do carioca. E conquistou até um público mais jovem, pouco chegado a cerveja e muito afeito ao som. "Não tem mais razão de se ir a um bar sem som", proclama o músico Marcos Ariel, diretor musical e quase todas as noites ao piano do bem-sucedido Jazzmania, na confluência de Ipanema com Copacabana.

Desde que foi inaugurado em dezembro, por ali passam pelo menos 60 pessoas por noite (não abre aos domingos). É, no mínimo, o dobro em apresentações como as de Hermeto Paschoal, Helinho Delmiro ou do trompetista italiano Enrico Rava. Os freqüentadores fiéis voltam a cada nova programação (um grupo por semana) e no seu palco — de costas para as ondas de Ipanema — muitas carreiras vêm se solidificando.

"Eu mesmo" — constata Ariel — "estou vendendo muito mais discos (300 cópias mais desde que se ligou ao Jazzmania) e me afirmando principalmente no piano **solo**". Como ele, o guitarrista Ricardo Silveira, o baixista Nico Assumpção: "já são marca da casa e garantia de público". Platéia que curte **jazz** ou a jovem que está descobrindo a música instrumental brasileira.

O artista plástico Jorge de Salles, duas a três vezes por semana, pode ser visto no primeiro **set** do Jazzmania e, logo depois, no segundo do People, no Leblon ("a segunda sessão do People é mais quente"). Embora tenha acesso especial a estas casas, como criador de seus cartões de apresentação, ele sabe que muitos amigos seus acham caros este tipo de bar, onde já se entra devendo um **couvert** artístico (entre Cr$ 2 e 3 mil) e, às vezes, a consumação mínima também. O que não vem a ser uma preocupação sua. O que o incomoda são as pessoas que vão a esses bares e fazem **psiu** para quem conversa durante a música.

"Pois bar é para **blablablá**. Lugar de ouvir música é na Sala Cecília Meireles. A música nestes lugares é mais um elemento aglutinador de pessoas, fundo de conversa." É sua a opinião.

Exatamente o contrário do que pensa Celi Moraes Bianchi, 24 anos, programadora musical e, atualmente, uma das donas do mais novo bar de música da cidade, o Pitéu no Largo da Barra da Tijuca (Rua Professor Ferreira da Rosa). Num esquema bem artesanal, ela e três sócios — dos quais outras duas mulheres — inauguraram quinta-feira o bar que pretende, reunindo vários gêneros musicais, dança, jogos, "beliscos e bebidas", aprimorar o hábito dos freqüentadores. Nada de conversa durante o **show** (sexta e sábado, no primeiro mês o romântico Lula Carvalho as sextas e aos sábados, o guitarrista Perinho Santana).

Se de um lado os donos do Pitéu acham que o carioca já adquiriu gosto pelos bares de música ao vivo, de outro pensam que ainda não entenderam bem o espírito da coisa. "Mesmo nas casas de **shows**, as pessoas não respeitam o espetáculo", diz Celi Bianchi. "A gente quer criar este costume e já começamos reunindo os garçons — todos jovens, pois prefiro arriscar na inexperiência e ganhar no **charme** e simpatia — e orientando a suspenderem os serviços durante a música ao vivo".

Outra promessa da casa é jamais começar a empilhar cadeiras e limpar mesas, antes da saída do último freguês. Mesmo na Barra ("acho que a cidade está crescendo para aquele lado"), o Pitéu está confiante no seu público. Tem capacidade para 80 pessoas, oferece 35 **drinks** especiais, 41 tira-gostos diferentes, **show** de 50 minutos e apenas um **set** e um clima que se propõe ao mais descontraído e à vontade. A música de fita vai de Glenn Miller, Rolling Stones e Rita Lee, já que a idéia é chegar tanto ao "frequentador de 20 anos quanto aos quarentões".

Os tantos outros bares do Rio não são uma ameaça. Pelo contrário, uma esperança de ser mais um a se incorporar ao movimento. "Todos os bares do Rio ficam cheios nos fins de semana. Ninguém sabe por que. A noite não tem a menor explicação", observa Celi.

É mesmo inexplicável. Muitos bares abriram, tiveram dias de glória, como o Prudente De Mais, e fecharam. Outros resistiram, como o Aleph, Bar do Violeiro, Existe Um Lugar ou o Viro da Ipiranga (e outros incontáveis).

Renan Correia da Silva inaugurou o Viro, em Laranjeiras, há um ano. Até hoje permanece fiel ao chorinho das segundas-feiras, ao **jazz**, à música instrumental brasileira (quarta à domingo) aos **sktches** de teatro. E diz: "O Viro se mantém, mas não é o grande negócio que possa parecer". Ele vê o dinheiro cada vez mais curto ("ninguém compra nem em liqüidação"), as pessoas consumindo menos. "A gente sente que vão ao bar mais preocupadas em não gastar do que em se divertir propriamente".

E diz mais para os que confiam nos mistérios da noite: "Público tem. O que não há é dinheiro no bolso." Por não querer abrir mão da "boêmia", das idas duas ou três vezes por semana ao Viro ou ao Chico's Bar, é que o programador musical Nilson Gouveia reserva de Cr$ 120 mil a Cr$ 150 mil de seu orçamento mensal.

"Os bares são parte da minha vida. Há quem investe em carro, em pescaria. A boêmia é meu investimento. Quem freqüenta a noite não precisa de psicanalista, com toda certeza" — pensa Nilson Gouveia.

Mais do que a boêmia, no caso do The Tinker (Leblon), o que atrai o público é mesmo a música ao vivo. Sejam os quartetos de corda, duos de violão, trios de piano, **cello** e violino (de segunda a quarta) executando repertórios clássicos ou a música instrumental dos outros dias, com grupos diferentes a cada semana. Todas as quintas, porém, o som é do grupo A Tampa.

A casa está quase sempre cheia, desde a inauguração em novembro. Paulo Renato Rocha — seu programador musical — acha que, de algum modo, a crise está ajudando lugares como esse. "Antes as pessoas podiam ir a um **show** e depois jantar em outro lugar. A crise favoreceu o aparecimento de bares e restaurantes que reúnem as duas coisas."

Os bares que abrem suas portas estão oferecendo, como prato principal, a música ao vivo

É o caso do Mistura Fina, Ipanema: no térreo, restaurante, no primeiro andar o Studio — onde não raro figuras conhecidas dão **canja**. Quinta-feira passada, o bar parecia uma grande festa, animado por Jô Soares no bongô e no trompete (Baden Powell era um dos que aplaudiam). Já o caminho do Botanic, no Jardim Botânico, foi um pouco diferente. Está na sua terceira semana com música ao vivo e procurou uma vertente nova. Ao invés da música instrumental da maioria dos bares, ali se mostra do **blues** de Billie Hollyday aos Rolling Stones, passando pelo cantor e guitarrista Melão e a contralto Selma Reis.

A inclusão da música foi suficiente para mudar a feição da casa."O movimento cresceu em 50% e quem vai já não chega todo arrumado nem com um comportamento formal. O ambiente está mais descontraído, as pessoas de uma mesa falam com as de outras", diz Ricardo Petraglia, ator de teatro e TV, sócio com sua mãe do restaurante.

Neste circuito da música nos bares, se lucraram as casas, ganharam também os freqüentadores da noite e os músicos brasileiros. Como diz Marcos Ariel, os novos bares do Rio, com seus palcos e microfones, estão criando uma espécie de movimento cultural na cidade. E tudo isso só possível porque, ao se abrir a cortina, o que se viu foi um número surpreendente de músicos da maior qualidade técnica, como pensa Paulo Renato, do The Tinker.

"Há três anos, eles estavam voltados para o **rock**. Daí para cá o nível técnico subiu muito com a música instrumental" — testemunha ainda Paulo Renato.

CLEUSA MARIA

JORNAL DO BRASIL/ESPECIAL

Rio de Janeiro — Domingo, 1º de abril de 1984

64/84 Autoritarismo e mudança

O **Caderno Especial** dedica a presente edição aos 20 anos da Revolução de 1964. Qualquer que seja a posição que se adote diante do evento — e neste número procuramos colher opiniões de pessoas situadas nos principais quadrantes da política brasileira — não se pode negar que constitui acontecimento irreversível em nossa história republicana.

Com o propósito de refletir a magnitude do fato histórico, com o máximo de isenção e objetividade, procuramos colher matéria diversificada na forma de declarações e artigos. As primeiras, de pessoas que ocupavam posição proeminente no cenário político de 1964 e, os artigos, de estudiosos da questão política, de reconhecida competência. Além disto, selecionamos documentos expressivos de realizações e impasses, inclusive aquele que mostra as difíceis condições criadas para a reorganização da vida dos vencidos.

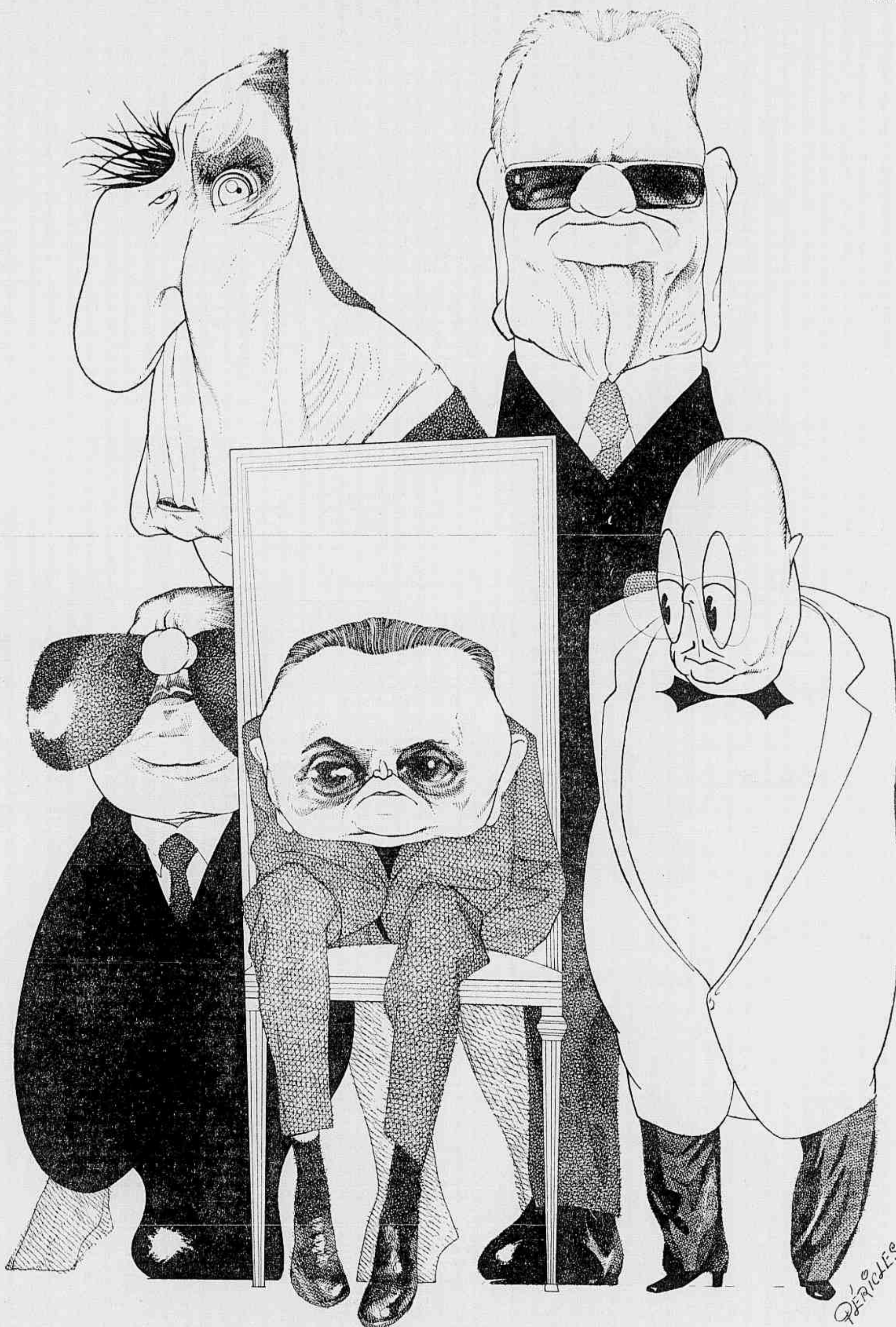
O que se pode dizer de mais geral acerca da Revolução de 1964 é que, tendo-se efetivado para superar uma grave crise, acabou não sendo capaz de eliminá-la. Muitas serão as causas de semelhante desfecho. Duas, entretanto, sobressaem por sua relevância.

A Revolução fez duas opções insofismáveis, sendo a primeira promover a mudança, e a segunda, fazê-lo por meios autoritários. Nenhuma das duas se inseria em seus propósitos iniciais. A segunda, contudo, corresponde nitidamente ao abandono das bandeiras que a justificaram e levaram-na a merecer o respaldo da opinião pública.

Quanto à mudança, não se pode, em sã consciência, negar que a aspiração de progresso sempre se encontrou profundamente enraizada em sucessivas gerações, a partir da que assumiu a responsabilidade pela Independência. Para comprová-lo basta ter presente que os republicanos inseriram-na em nossa bandeira. Com o nome desenvolvimento, é o sonho de todos os patriotas desde os idos de 30.

Assim, não se pode dizer que a Revolução haja, nesse aspecto, voltado as costas à Nação. Ao contrário. Marchou ao seu encontro. Ao fazê-lo, entretanto, não soube dar-se conta, em qualquer momento, de que nenhum progresso pode ser duradouro se não incorpora a tradição. No caso, sendo o desenvolvimento uma tarefa atribuída unilateralmente ao Estado, perdeu-se de vista que este era justamente o que tínhamos de mais antigo e sólido. Pois foi o próprio Estado que criou a Nação Brasileira e não o oposto. E um Estado cuja tradição centralizadora perdia-se nos confins da história portuguesa. Supor que se poderia, ao seu lado, criar uma estrutura inteiramente nova, sob a forma empresarial, revelou-se o mais completo equívoco. O que se viu é que a estrutura velha afeiçoou a nova. E a empresa estatal moderna acabou sufocada pelo burocratismo e a ineficiência que é justamente o elemento típico do **ministério**. Logrou-se, é certo, significativa modernização econômica. Mas as custas da formação de uma burocracia gigantesca que, se não for desarticulada, comprometerá a consecução dos objetivos atuais e que são precisamente os mesmos que nos levaram à Revolução de 1964.

E aqui chegamos ao equívoco verdadeiramente fatal em que se envolveu a Revolução de 1964: a franca opção pelo autoritarismo, que passou a ser a nota dominante a partir de 13 de dezembro de 1968, com a decretação do Ato Institucional número 5. A Revolução fizera-se sobretudo para dotar o País de instituições capazes de assegurar a estabilidade política, o que pressupõe inevitavelmente o estabelecimento de formas democráticas de convivência na sociedade. O Governo Castelo Branco encontrou a fórmula capaz de encaminhar-nos naquele sentido. Além de um programa modernizador, deu ao País a Constituição de 1967, que eliminava os defeitos da Carta de 46, criando as condições para a consolidação das instituições do sistema representativo. Esse propósito foi não apenas abandonado em 1968, como desde então tentou-se impor à Nação um desenvolvimento muito assemelhado ao experimentado pelas nações totalitárias do Leste Europeu, inclusive com a formação de expressiva **nomenklatura**. De sorte que o balanço desse período de autoritarismo, mudança e crise, há de servir sobretudo para conduzir-nos à plena explicitação dos caminhos que nos conduzam ao reencontro daquele ideário. Hoje, como em 1964 ou em 1967, a questão primordial continua sendo a da formação de instituições que assegurem o funcionamento da democracia em nossa terra.

Loredano

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Almino Afonso • Antônio Carlos Magalhães • Bilac Pinto • Bocayuva Cunha • Célio Borja • David Fleischer • Hélio Jaguaribe • Hélio Silva • Herbert Levy • João Paulo de Almeida Magalhães • Luiz Viana Filho • Miguel Reale • Ney Braga • Roberto Campos • Virgílio Távora • Wanderley Guilherme dos Santos.

Herbert Levy

Numa encruzilhada

Quando se instalou improvisada uma emenda constitucional parlamentarista, um governo de gabinete, o PSD e a UDN se uniram no Congresso para dar a maioria parlamentar ao gabinete e poder decolar o novo Governo. Antes disso, durante doze dias, estivemos andando sobre o fio de uma navalha, tratando de evitar a guerra civil.

Achava-me à testa da UDN e logo após empossado o Governo, tivemos, Amaral Peixoto e eu, um encontro com o Presidente João Goulart e com o Primeiro-Ministro Tancredo Neves, para solução, de acordo com os partidos que apoiavam o Governo, dos mais importantes problemas da nação.

Quem deveria falar em primeiro lugar era Amaral Peixoto, Presidente do maior partido. Mas, ao tomar a palavra, deu-me um cheque em branco, uma prova de confiança total e desvanecedora, dizendo: "O Presidente Herbert Levy falará por ele e por mim". E assim foi sempre, nas reuniões seguintes também. Desde então nossa amizade e companheirismo resistiram a todas as provas.

Carlos Lacerda e Adauto Lúcio Cardoso, entre outros companheiros da UDN, objetaram, durante algum tempo, que eu, como Presidente do partido, mantivesse qualquer tipo de contato com João Goulart. Mas isso era impossível, pela própria essência do regime de gabinete. Mais tarde eles reconheceram esse fato. Mas as críticas que me haviam feito e eu a elas resistindo firmemente, deram a impressão a Goulart, em seu primarismo, que eu era "amigo". Ele interrompia qualquer conversa para atender-me. E eu lhe disse que, se tivesse qualquer denúncia válida de corrupção ou de subversão, eu o procuraria para exigir providências, procurando estimulá-lo a passar para a posteridade como um campeão da democracia, já que na Presidência da República atingira o pináculo da carreira política.

Um dia procurei-o com denúncias concretas de que, em encontros com ele, dirigentes da UNE, da refinaria da Bahia e outros, haviam recebido estímulos dele, Goulart, para promoverem greves contra o Congresso Nacional, obviamente subversivas.

Ele me surpreendeu respondendo-me que "não sabia governar com o Congresso", chamando-me pela primeira vez pelo meu primeiro nome. Aquela história de pensar que eu era amigo, própria de caudilho... levantei-me e despedi-me sumariamente, reunindo Milton Campos, Prado Kelly, Carlos Lacerda, Bilac Pinto, Adauto Lúcio Cardoso e outros companheiros para lhes expor a revelação de Goulart. Decidimos que todos procuraríamos denunciar as intenções golpistas de Goulart e eu percorreria o país inteiro

para mobilizar o opinião pública contra o golpe que o Presidente preparava.

Isso esclarece adequadamente o porque tenho dito e repetido que em 64 houve não um golpe ou uma revolução, mas um contragolpe à subversão preparada em palácio.

As marchas pela família e pela liberdade fizeram o resto.

Reitero o que já disse: não me arrependo em nada de ter ajudado a fazer 64. Se as circunstâncias fossem as mesmas, eu o faria de novo.

O grande desvio da Revolução foi operado pelos militares que passaram a tomar conta do movimento, alguns em cima do muro até a undécima hora.

Aproveitando o fato de que a corrupção e o utilitarismo haviam avançado na área política, esses chefes passaram a hostilizar e a marginalizar as lideranças políticas em geral, sem separar o joio do trigo. Assim, os que combatiam a corrupção e era toda a UDN e os que se arriscaram e lutaram para a derrubada de Goulart, foram lançados à vala comum e os tecnocratas passaram a assumir o lugar dos políticos.

Isso explica a impopularidade crescente da Revolução de 64 e as dificuldades de seus governos.

Como eram chefes patriotas e bem intencionados e dinâmicos, muita coisa de bom para o Brasil se fez nesse período, mas a inexperiência política e uma relativa ingenuidade os fizeram presa fácil dos espertos, aproveitadores e negocistas e daí a onda de escândalos administrativos que desgastaram e desgastam o Governo.

Agora, vinte anos depois, estamos numa encruzilhada. Os militares, fiéis à sua vocação democrática, querem voltar à caserna, mas preocupam-se com a qualidade de Governo civil que ficará no Poder.

Essa preocupação seria desnecessária se Governo, militares, presidente e partidos, atentos à sua responsabilidade histórica, escolhessem mesmo pelas indiretas, o único candidato — de que providencialmente dispõem — merecedor do geral respeito e de amplo respaldo popular, pois favorito nos insuspeitos inquéritos de opinião: Aureliano Chaves de Mendonça.

Outra solução qualquer denotará extraordinária falta de visão, pois será dar início a uma aventura cujo desfecho será incontrolável, mas que poderá levar o país a graves situações.

HERBERT LEVY
Em 1964 era Deputado Federal (UDN de S.Paulo)

Bilac Pinto

Com apoio popular

"A Revolução de 31 de Março foi um movimento deflagrado com firme apoio na opinião pública nacional, num período em que ninguém poderia pretender ignorar que a ordem legal e as instituições políticas do país tomavam o rumo de um colapso irremediável.

"Vitoriosa sem maiores traumatismos, à vista, mesmo, de quão oportuno era restaurar no Brasil a segurança interna e a credibilidade do Governo, a Revolução atendeu a todos os seus objetivos imediatos.

"Mais tarde, porém, sucedeu que o ciclo revolucionário pretendesse prolongar-se por mais tempo que o projetado e o necessário. Essa infeliz idéia superveniente retardou o processo de redemocratização do país, e aos seus autores deve

ser debitada a culpa de confundir-se hoje, na mente de tantos brasileiros, a Revolução com o desastre econômico que o Brasil enfrenta, e que provavelmente teria ocorrido de qualquer maneira.

"Entre os subprodutos nefastos da continuidade revolucionária observamos, agora, os problemas que enfrenta o Governo para restituir ao povo o seu direito de eleger o Presidente da República.

"O espírito de milhões de cidadãos íntegros e responsáveis está tomado, neste momento, pelo medo de que o processo sucessório tenha como desfecho uma agressão simultânea à vontade popular e aos ideiais da Revolução de 1964."

BILAC PINTO
Em 1964 era Deputado Federal (UDN-MG)

Ney Braga

Povo presente

Vinte anos passados, podemos lembrar o 31 de março sob a luz da História. As paixões se diluíram ao longo do tempo. O Brasil dividido fundamente pela discórdia, pela indisciplina, pelo radicalismo, reencontrou os seus caminhos.

O povo brasileiro esteve presente naquele 31 de março. De sua inspiração, para sua exigência até, lideranças civis e militares se uniram para garantir a ordem, a democracia, a paz, a prevalência de uma sociedade livre e solidária.

O Brasil cresceu. Superamos desafios. Enfrentamos crises. Muito foi realizado, em todos os campos. As divergências, que pareciam insuperáveis, foram sanadas. A Nação entendeu que os radicais, sejam de direita, sejam da esquerda, nada constroem para o povo.

Aos poucos, as conquistas democráticas traçaram o verdadeiro perfil do 31 de março. Os instrumentos de exceção foram derrogados. A anistia, que refletiu sempre o generoso sentimento da nação, aproximou irmãos, corrigiu equívocos, abriu as portas do Brasil para todos os brasileiros.

Quanto mais as causas do 31 de março se perderam no passado, mais a normalidade institucional foi sendo restabelecida.

Vivemos hoje um Brasil.

Seríamos ingênuos se afirmássemos que todos os problemas brasileiros foram solucionados. Os novos tempos geram novos desafios, novas exigências.

Vivemos dificuldades, sim, e reconhecemos que são imensas. Não nos cabe, aqui, enumerá-las, a maioria do povo as conhece, sofre com elas. Mas vencemos etapas. No social. No econômico. No político. Mas os objetivos do 31 de março, aqueles ainda não alcançados, não foram esquecidos.

Neste 1984, 20 anos passados, vivemos uma quadra importante para nossa história. O processo político — do qual a nação não pode estar ausente — se desenvolve através dos canais adequados, que foram restabelecidos. Aproximam-se momentos e escolhas decisivos. A lucidez deve orientar os que decidem na escolha das metas a atingir. Não se fará isso sem a confiança da Nação e sem que a Nação participe.

O que importa hoje, é consolidar a prática da democracia. Para isso as lideranças políticas estão trabalhando com consciência e responsabilidade.

Todos nós estaremos unidos na construção do Brasil novo, na realização das mais nobres aspirações de paz social, estabilidade política e felicidade da Nação Brasileira.

NEY BRAGA
Em 1964 era Governador do Paraná

Célio Borja

Resgate democrático

O movimento civil e militar de 31 de março de 1964 insere-se no ciclo histórico a que Azevedo Amaral denominou, década antes, Revolução Brasileira. Os episódios que se sucedem e dos quais o estudo de 1964 deveria ser o último têm o seu marco inicial mais visível nos levantes de 1922. Mais visível, disse eu, porque assinalados pelo brilho das baionetas e mais audível, acrescento, graças ao estrépito das armas.

O extraordinário progresso econômico alcançado nos vinte anos que agora completam responde ao anseio histórico de modernização; também a reforma do sistema financeiro, a integração física do País pelas vias de transporte e meios de comunicação. Do ponto de vista material, o Brasil é um País moderno. Já no que diz respeito às suas instituições políticas é confessadamente arcaico. A relação governantes-governados é despótica, seja quanto ao estabelecimento de priorida-

des, à origem e à alocação dos recursos para atendê-las, às formas de controle político e participação popular na gestão pública e, até mesmo, no que diz respeito ao regime das relações sociais onde não há espaço para o direito de associação, para a liberdade de iniciativa, mas, ao contrário, tudo se subordina ao Estado. A bem da verdade, lembre-se que nesse particular, como em outros, prevalece o quadro legal da ditadura Vargas, cujas conseqüências perduram até hoje, varando todos os períodos subseqüentes, inclusive a breve democracia liberal de 1946-1964.

Falta resgatar o compromisso democrático de 1964. Se ele for pago com boa fé e competência, pode-se aguardar com serenidade o julgamento da história e olhar com indulgência os pândegos do populismo e do infantilismo esquerdista que, inconseqüentemente, já não se lembram de terem iniciado o incêndio das instituições liberais de 1946.

CÉLIO BORJA
Em 1964 era Líder do Governo Carlos Lacerda na Assembléia do Estado da Guanabara

O grande equívoco

VINTE anos depois da deflagração do movimento de 1964, autodenominado de revolução, que iria produzir importantes modificações nos planos político, econômico e social do Brasil, torna-se necessária uma lúcida e objetiva apreciação crítica desse movimento e de suas conseqüências. Que significa, histórica e sociologicamente, o processo que se inicia com a deposição do governo constitucional de João Goulart, para evitar o que a seus dirigentes parecia ser a iminência de um golpe palaciano de esquerda e para acabar com uma situação, considerada intolerável, de desgoverno geral, de inflação galopante e de corrupção pública?

Uma apropriada análise desse movimento, por sucinta que seja, requer uma distinção entre as circunstâncias políticas em que ele se deflagra e as forças sociais que o impulsionam. Uma distinção envolvendo, correlatamente, a diferenciação, no curso dos eventos, entre o discurso e o processo.

O Governo Goulart, depois do meteórico interregno de Jânio Quadros, defrontava-se com dois principais e interconectados problemas, herdados da era kubitschekiana, O primeiro, no plano econômico, referia-se ao relançamento do desenvolvimento. O segundo, no plano sócio-político, dizia respeito à incorporação das grandes massas a níveis superiores de participação na vida nacional. O Governo Kubitschek lograra imprimir um extraordinário desenvolvimento econômico ao Brasil, convertendo-o, de uma sociedade ainda predominantemente tradicional e agrícola, em uma nação moderna, com elevado nível de industrialização. Esse esforço, entretanto, esgotara, praticamente, a capacidade de realimentação endógena do processo. Por outro lado, para evitar a hostilidade das forças conservadoras — que recentemente haviam logrado depor Getúlio Vargas — Kubitschek tivera de preservar o **statu quo** agrário, exacerbando o intervalo entre o Brasil industrial urbano e o retrógrado país rural.

Para enfrentar essa problemática, a "esquerda positiva", com San Tiago Dantas e Celso Furtado,

O regime militar, contida a inflação em 1967, logra, a partir de 1968, recuperar elevadas taxas de crescimento econômico, notadamente no setor industrial, e alcança impressionante incremento das exportações, com crescente participação de produtos manufaturados. As transnacionais dinamizam, ao mesmo tempo, o parque industrial brasileiro e sua capacidade de exportação. Neste último caso, porque operam dos dois lados do processo, importando de suas filiais brasileiras artigos baratos, produzidos em condições de arroxo salarial e de repressão social.

O novo modelo econômico, entretanto, orienta-se, apenas, para atender à demanda dos estratos superiores da população e do mercado externo, em condições de crescente dependência de fatores internacionais. As grandes massas se empobressem ainda mais, em termos relativos e também absolutos, medidos pelo salário mínimo real. O sistema produtivo do país desnacionaliza-se nos seus setores de ponta e opera em detrimento do empresário nacional. E a política exterior brasileira, antes independente e orientada para o atendimento dos interesses nacionais, se converte, até Geisel, numa política de fronteiras ideológicas e de automático alinhamento com os Estados Unidos.

A despeito de seus êxitos, aparentes e reais, o modelo contém dois vícios fatais. Montado sobre uma concepção liberal da economia, de tal forma conflita com a realidade econômica, social e política do país que só se pode manter em condições autoritárias e de permanente repressão. Por outro lado, aspirando a dinamizar a economia brasileira, ao vinculá-la ao capitalismo transnacional, efetivamente a coloca em dupla dependência: dependência do contínuo afluxo de novos recursos externos — que viriam a nos faltar, a partir de 1980 — e dependência de mercados internacionais, cuja conquista não decorre da competitividade tecnológica de nossos produtos — como nos casos do Japão e da Alemanha — mas dos baixos salários com que são

Willy

propôs um projeto econômico-social — o Plano Trienal — pelo qual se fortaleceria a capacidade econômica do Estado, para relançar o desenvolvimento, se modernizaria a agricultura e se elevaria, gradual mas efetivamente, o nível de vida e de participação das grandes massas. A "esquerda negativa", do então Deputado Brizola, manifestando, antes de tudo, o propósito, por parte deste, de assumir, no lugar do próprio Presidente, a liderança das reformas e de o suceder, no término de seu mandato, encaminhou-se, sobretudo, para a ação direta. Mobilização sindical, formação de grupos de choque — os grupos de 11 — superação do Congresso pela pressão dos comícios públicos e das greves.

Goulart não logrou fazer uma opção nítida entre o projeto de racionalidade reformista de San Tiago e Celso Furtado e os procedimentos de ação direta de Leonel Brizola. Repudiou aqueles para disputar, com este, a preeminência da popularidade no campo do populismo, sem, entretanto, optar efetivamente por medidas radicais e, muito menos, ingressar no plano da ação direta. Nem Governo, nem revolução. Previsivelmente, sobreveio a sua deposição.

O movimento de 1964 foi concebido, pelo então Chefe do Estado-Maior, Gen. Castelo Branco e alguns outros dirigentes, como uma típica operação de salvacionismo militar. Profundamente influenciados pela pregação de Carlos Lacerda, esses militares viam o país entregue ao espúrio conluio de personalidades corruptas com forças subversivas. Propunham-se, assim, num período que estimavam requerer apenas um par de anos, uma operação de saneamento moral e cívico, com a restauração da ordem político-social e financeira.

Assumindo a chefia do governo Castelo Branco incorporou, a seu projeto original, as idéias econômicas de Roberto Campos. Tratava-se de estabelecer no Brasil, uma vez saneadas a ordem pública e as finanças, um modelo de capitalismo aberto ao mercado internacional, que atraísse para o país o grande capital e seu suporte tecnológico e o transformasse numa sociedade de produtores e consumidores modernos, internacionalmente competitiva.

Os projetos de Castelo Branco tiveram um encaminhamento algo distinto daquele que ele se propunha dar-lhes. Em lugar da pronta restauração da legalidade democrática, Castelo foi compelido a transferir o poder a um general representativo da "linha dura". Consolida-se, político-militarmente, um sistema de controle do poder pelo Alto Comando, que conduziria, por sua vez, ao controle dos militares pela comunidade de informações. Com Médici o sistema atinge o máximo de sua capacidade de controle e de repressão, adquirindo características de um corporativismo militar-capitalista, sob a hegemonia do SNI, análogas às de um franquismo sem falange, com um caudilho rotativo.

A base do modelo é a aliança entre o capitalismo transnacional e um Estado tecnocrático-militar. Esta aliança funda-se na auto-sustentação militar do poder, sob a coordenação da comunidade de informações e a justificação legitimante dos imperativos da segurança nacional, combinadamente com a desmobilização político-social do país e a repressão seletiva das lideranças intelectuais, partidárias e sindicais, com sistemático emprego da tortura.

produzidos e, decorrentemente, da perpetuação de nossa miséria, notadamente, como ora ocorre, em períodos de recessão mundial.

A crise do petróleo, com a violenta majoração de preço de 1973 — que se iria repetir em 1979 — assim como a crescente repulsa ao autoritarismo arbitrário privaram definitivamente o regime, externa e internamente, de condições mínimas de viabilidade. Coube ao Gen. Geisel a lúcida compreensão do exaurimento do regime e a ilustrada decisão de autoliquidá-lo, depois de haver escolhido o Gen. Figueiredo como seu sucessor, para ser o quinto e último Presidente do sistema, a ele legando a missão de completar a redemocratização do país.

Visto em perspectiva, o processo instaurado em 1964, independentemente das circunstâncias que favoreceram seu desencadeamento, consistiu num duplo grande esforço, por parte de grupos representativos da burguesia transnacional, apoiados, conjunturalmente, por amplos setores da classe média e usando, como instrumento, as Forças Armadas — embora sob a tutela política dos dirigentes destas. Por um lado, um esforço para impedir que se consolidassem as tendências que conduziam o país a se transformar numa democracia de massas, de sorte a preservar o poder e os privilégios da elite. Por outro lado, um esforço para inserir o Brasil, definitivamente, no modelo do capitalismo dependente, de sorte a manter sua economia sob o controle das grandes transnacionais.

A experiência histórica mostra que ambos esses projetos, para países como o Brasil, são destituídos, a longo prazo, de condições de êxito. Não se pode evitar que um país de cultura ocidental termine regulando democraticamente sua vida pública e toda a democracia, nas condições contemporâneas, tem necessariamente de constituir-se em uma democracia social. Não se pode evitar, por outro lado, que um país continental, com cento e trinta milhões de habitantes e já dotado de um elevado nível de desenvolvimento geral, adquira crescente autonomia em seu processo produtivo e na condução de seus próprios negócios.

Infelizmente, a despeito da lucidez de sua visão da crise do sistema, o Gen. Geisel subestimou a celeridade com que este se iria decompor. Tal subestimação torna-se clara no tocante à necessidade — de que ele não se deu conta — de fazer de seu sucessor não o último Presidente do sistema, mas um magistrado superpartidário — como o Rei Juan Carlos da Espanha — que operasse como honesto liquidante da massa falida do regime e não como defensor de seus insolventes acionistas. Desse engano resultam as características de humor negro que marcam a presente situação do país. Todos os vícios do governo Goulart, para a correção dos quais armaram-se os pretextos justificativos de um movimento antidemocrático, ressurgiram, mil vezes mais graves, ao se aproximar o fim do quinto e último ato desse grande drama, dessa grande comédia, desse grande equívoco, que foi o processo desencadeado em 1964.

HÉLIO JAGUARIBE
Decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais

Almino Afonso

Tragédia social

Faz 20 anos que um golpe de estado, embora com relativo apoio social, derrocou o Governo constitucional do Presidente João Goulart. A justificativa apresentada era de três naturezas: a preservação da ordem democrática, considerada em risco pela "guerra revolucionária"; a restauração da moralidade administrativa, atingida segundo os conspiradores pelos que detinham o poder; e a reativação da economia nacional, asfixiada pela espiral inflacionária.

A máscara caiu por terra em pouco tempo. A solene promessa do General Castelo Branco, em seu discurso de posse perante o Congresso Nacional, de que defenderia as instituições democráticas, cedo começou a soar como moeda falsa... Instaurou-se o império do arbítrio a todos os níveis, as liberdades públicas foram estranguladas e os direitos fundamentais do cidadão pisoteados. Ou seja: para "salvar" a democracia não encontraram melhor fórmula do que matá-la, instituindo um sistema repressivo e aviltando a dignidade humana.

As vestes talares que diziam usá-las, brancas em sua honradez inquestionável, também foram logo arrancadas. A onipotência dos governantes e o amordaçamento da cidadania criaram as condições para que a corrupção, pouco a pouco, germinasse em terra fértil. Quem quer que hoje se incumba de fazer um levantamento dos escândalos administrativos, ao longo das duas décadas, há de torcer-se de náuseas... A título de exemplo, basta lembrar: o "caso Laureano", o "Caso Coroa-Brastel", o "caso da Mandioca", o "caso Delfin", o "caso Lutfalla", o

"caso Capemi", o "caso BNCC". São bilhões e bilhões de cruzeiros farreados, é a impunidade triunfante, é o mar de lama sem escoadouro.

Da economia nacional preciso dizer algo? A inflação, em pleno período em que as reivindicações sociais eram respeitadas, chegara à casa dos 82%. Passados 20 anos o processo inflacionário, nos últimos 12 meses, já ultrapassa a 240%. A dívida externa, considerada àquela época alarmante pelos conspiradores, limitava-se a 3 bilhões e meio de dólares. Hoje é a vertigem dos 100 bilhões de dólares e o FMI ditando a nossa política econômica de alto a baixo. E no plano social? De acordo com dados da FIESP, o nível de emprego em 1983 era equivalente a 1973. É preciso dizer mais?

Nos últimos três anos, a política recessiva jogou ao desemprego em São Paulo cerca de um milhão de trabalhadores, não computando o setor agrícola. Na verdade é uma tragédia social: se o nível de emprego parasse de cair e, a partir de agora, a indústria passasse a crescer a 8% ao ano, só em 1991 se recuperaria o nível de emprego de 1980. Pois bem: para que se tenha claro a façanha que essa meta implica, é oportuno lembrar que em 1983 a indústria teve uma queda no ritmo de crescimento da ordem de 7,9%.

Valeu a pena romper a ordem democrática? 20 anos de prepotência, acaso resolveram os problemas do país? É hora de virar a página desse período negro de nossa História.

ALMINO AFONSO
Em 1964 era Deputado federal (PTB-AM)

Miguel Reale

Da revolução à democracia

Quando publiquei o meu livro **Da Revolução à Democracia**, houve um crítico que disse não ter encontrado nem uma coisa nem outra, apesar de aspectos positivos da citada obra. Penso, todavia, que os fatos supervenientes me vieram dar razão, com o restabelecimento das liberdades fundamentais, a realização de eleições gerais sob a salvaguarda isenta da lei e a tão reclamada "anistia ampla e irrestrita".

Quanto à idéia de revolução, o problema é de natureza semântica. É claro que, se admitirmos o fato revolucionário apenas quando houver alterações institucionais profundas, como se deu com a revolução francesa, a fascista ou a soviética, o movimento de março não corresponde a uma revolução. Mas, se, com menos arrogância, situarmos a questão no contexto da política latino-americana, parece-me difícil reduzir o dia 31 de março de 1964 ao de um simples golpe de estado. Com sabedoria Alberto Torres ensinava-nos que há revolução toda vez que ocorre mudança relevante de atitude em face dos problemas. Sob esse enfoque, ninguém poderá contestar que, a partir de 1964, a sociedade brasileira passou por uma alteração significativa, com o ingresso da nação brasileira no processo de industrialização capitalista, no que se refere à modernização das estruturas burocráticas ou empresariais. A alegação de que teria havido mais modernização do que progresso real equivale a um juízo preconcebido, desprovido de objetividade.

Se estamos, hoje, às voltas com uma crise econômico-financeira assustadora, de permeio com escândalos oficiais e privados de estarrecer, tais fatos não devem nos impedir de reconhecer que a Revolução de 64 teve o mérito, não só de não frear o processo de desenvolvimento, iniciado na tão censurada "era de Vargas", mas de abrir novas possibilidades ao

nosso progresso tecnológico, no plano das indústrias de base, dos meios de comunicações, do surto agrícola ou da projeção internacional de nossos produtos, além de habituar o povo com os valores da "poupança", palavra horrenda antes quase que excluída de nosso vocabulário...

Se muitos gracejam quando se invoca o "milagre econômico", que precedeu a crise do petróleo, ninguém poderá recusar a nova dimensão assumida pelo Brasil no cenário político e econômico mundial. O mal é que o nosso irrecusável crescimento econômico se deu **pari passu** com uma política de empréstimos externos criticável sob muitos aspectos.

É que nos deixamos seduzir pela magia dos cálculos econômicos, sem cuidarmos das bases institucionais, como se pudesse haver progresso material divorciado da visão política global, sob o domínio de soluções casuísticas e de emergência. O grande mal da Revolução de 64 foi a carência de embasamento político, a ilusão de que, com governos autoritários, seriam abertas com mais celeridade e segurança as portas do futuro. Felizmente, parece que estamos cuidando de preencher esse vazio institucional.

Apesar, porém, desses e outros aspectos negativos, como os ligados à prática de abusos desnecessários contra as franquias democráticas, penso que ainda é favorável o saldo da Revolução de 1964, lamentando que tenha havido tanta vacilação e incoerência por parte daqueles que conduziram um processo revolucionário merecedor de mais alto destino, se seus líderes tivessem sabido se manter fiéis às suas raízes democráticas e desenvolvimentistas iniciais.

MIGUEL REALE
Em 1964 era Secretário de Justiça e dos Negócios Interiores do Estado de São Paulo.

Bocayuva Cunha

Um golpe, um crime

O golpe militar de 1964 foi um crime que mudou a história do nosso país. Perdemos a oportunidade histórica de ingressarmos em uma nova etapa de nossa vida republicana com transformações essenciais nas estruturas básicas de nosso povo.

Ainda no dia 15 de março último, quando registrava no plenário da Câmara dos Deputados, os 20 anos da última mensagem do Presidente João Goulart, recordava-me dos pontos fundamentais da nossa luta política: as celebradas reformas de base. O que seria o nosso país hoje se tivéssemos obtido as reformas pelas quais lutávamos? Com uma reforma agrária adequada, não teríamos, hoje, o êxodo rural nem a inchação das nossas grandes cidades, o crescimento desmesurado das favelas, a pobreza urbana alcançando os níveis inimagináveis de hoje — não só os índices de produtividade agrícola seriam incomparavelmente maiores, como o perfil de nossa produção agrícola seria ajustado aos hábitos alimentares de nossa gente. Não seríamos reserva agrícola dos países industrializados, para socorrê-los em épocas de safras baixas, e sim teríamos abundância dos gêneros alimentícios que realmente consumimos. O Estatuto do Trabalhador Rural, a criação dos sindicatos rurais, elevando o nível de vida nos campos, certamente seriam fatores fundamentais na fixação do homem à terra.

As reformas fiscais que pretendíamos com a descentralização dos tributos da União, seguramente de muito aumenta-

riam o poder e a capacidade administrativa das nossas municipalidades, com um desenvolvimento harmônico, menos desperdício, menos obras faraônicas e mais realizações a níveis da pessoa humana.

O Estatudo do Capital Estrangeiro, definindo direitos e deveres e sobretudo os campos de atuação das multinacionais permitindo que estas empresas pudessem integrar-se em nosso processo econômico, em benefício do nosso desenvolvimento, fazia parte do programa das reformas, mudando substancialmente o papel que hoje é exercido por estas empresas. A reforma urbana, com a disciplina indispensável às nossas grandes cidades, com aquele mínimo de proteção aos assalariados que são compelidos a pagarem aluguéis, por toda a vida, tornaria, sem dúvida, mais humanas as condições de vida das nossas populações urbanas.

É assim que outro país seria o nosso, se não tivesse sido interrompido brutalmente o curso de nossa história, com um golpe feito, ironicamente, para assegurar a democracia, para combater a subversão e, pasmem os leitores, para combater a corrupção. E nunca se roubou tanto no país, com os ladrões impunes, a ostentar prestígio e riqueza.

Finalmente, é melancólico, mas veraz: as reformas de base, pelas quais lutávamos há 20 anos, são hoje ainda atuais, necessárias, e inadiáveis.

BOCAYUVA CUNHA
Em 1964 era deputado federal (PTB-BA).

Uma nova dimensão

QUANDO George Clemenceau andou pelo Brasil, por volta de 1910, perguntou-lhe um jornalista, depois de lembrar as violências cometidas pelo Terror, qual a sua opinião sobre a Revolução Francesa de 1789. Clemenceau não vacilou — continuava a apoiar a Revolução, pois a julgava, não pelos seus erros, mas por tudo que ela representava para o triunfo da liberdade no mundo.

Hoje, ao transcorrer o vigésimo aniversário da Revolução de 1964, certamente não será pelos seus eventuais erros que a História irá julgá-la, mas pelo que significa na transformação do Brasil, breve espaço de duas décadas conquistamos nova dimensão. Houve erros? Houve injustiças? Certamente. Até porque nenhuma revolução deles está isenta. Mas, o incontestável é que, após 1964, surgiu um outro Brasil. Um Brasil maior, mais forte, mais pujante, e que logrou transpor a barreira do subdesenvolvimento, em que vivíamos tragicamente mergulhados, para alcançar o patamar das nações em desenvolvimento. Não têm do que se arrepender ou envergonhar os que fizeram a Revolução. Sem dúvida, muita coisa deverá ser revista e aprimorada — nada, no entanto, poderá impedir que o Brasil emirja, ao lado da China e da Índia, com as nítidas características de uma das potências do futuro.

Como é natural, somos muito mais levados a apreciar e lamentar as dificuldades do momento que passa, na sua maior parte oriundas de causas externas, das quais foi a maior o segundo choque do petróleo, do que nos determos um pouco para lançar as vistas sobre a extraordinária escalada do Brasil nesses vinte anos, que nos levaram, apesar de tudo quanto tivemos de enfrentar, na árdua competição internacional, a ser a sétima economia do Ocidente. Será pouco? Não será exagero dizer-se que mal se tinha idéia da posição que ocupávamos antes de 64, tão distantes estávamos dos parceiros dessa competição. Agora, temos irremissivelmente o nosso lugar ao sol. Um sol que deve aquecer o orgulho dos brasileiros.

Que terá representado de trabalho, de organização, de capacidade, o quase milagre de nossas exportações? Em 1964 exportávamos em torno de um bilhão e meio de dólares. Um nada, se considerarmos a nossa população e a dimensão do nosso território, e a potencialidade do seu subsolo. Em 1983, beiramos os vinte e dois bilhões de dólares, apresentando, como assinalou o Presidente Figueiredo na sua recente Mensagem ao Congresso, um superávit comercial, o "maior de nossa história econômica — registrado nas contas externas". E isso em meio a um mundo ainda em recessão e, portanto, em fase de menores importações. Não desejo alongar-me demasiadamente em números, mas eles são indispensáveis para que não nos inquinem de nos perdermos em palavras, pretendendo com elas esconder deficiências. Os números, embora não mostrem tudo num País, são, por vezes, mais eloqüentes do que as palavras. Ainda está na memória dos brasileiros o que lhes foi dito e mostrado há pouco de uma plataforma da bacia petrolífera de Campos. Ninguém ignora ser a nossa deficiente produção de petróleo o verdadeiro calcanhar de Aquiles da nossa economia. Daí o esforço em busca do petróleo e de outras fontes energéticas, campo no qual tivemos êxito completo. De uma produção de 179 mil barris por dia, passamos para mais de 400 mil barris, sendo de prever que, ainda em 1984, alcancemos o meio milhão de barris. São coisas que se não fazem com passeatas ou demagogia, mas que deveríamos comemorar festivamente. Assim que tem sido tudo nessas duas décadas, que assinalam haver o Brasil dobrado a esquina do progresso — ninguém mais o fará andar para trás.

Michel

Olhássemos, por exemplo, o Produto Interno Bruto, um dos mais importantes indicadores para se avaliar uma economia, e veríamos que de 144 bilhões em 1965 pulamos para 481 bilhões em 1980. Será expressivo? É — e muito. Tanto que o Professor Mário Henrique Simonsen não teve dúvida em dizer de certa feita, falando de quanto mudara o Brasil: "O Brasil era (em 1964) um País tipicamente subdesenvolvido... seu produto real mais do que triplicou e o País é hoje reconhecido como uma jovem Nação industrial, com o sétimo Produto Nacional Bruto do mundo ocidental". Para qualquer lado que nos voltemos, buscando comparar o Brasil de 1964 com o Brasil atual, deparamos um Brasil com uma nova e extraordinariamente maior dimensão. Uma fisionomia que não mais será mudada, embora muito o desejem os pessimistas ou negativistas, e para os quais, ao longo destes vinte anos, somente se teriam acumulado erros. Lembremos, porém, o Senador Fernando Henrique Cardoso, ilustre representante da Oposição, e para quem "se a Oposição estivesse agora no poder também não resolveria os problemas". É que esses somente são fáceis para os demagogos. Será que estes vêem como o Brasil cresceu, como se industrializou, como se urbanizou, e como se entrelaçou numa quase inacreditável rede de telecomunicações? Não se lembrarão que o Brasil, de menos de um milhão de telefones, possui hoje mais de dez milhões de aparelhos, atendendo 2.500 localidades servidas pelo DDD?

Quanto emerge dessa análise, superficial apreciação de alguns indicadores, é o Brasil na sua nova dimensão, na dimensão da potência em desenvolvimento, que a Revolução de 64 modelou graças ao trabalho, poderíamos até dizer do sacrifício dos brasileiros. Uma dimensão que não se reflete apenas na vida interna, mas em grande parte na vida internacional do Brasil, abrindo-lhe novas perspectivas e também maiores responsabilidades. Num estudo sobre as nossas relações internacionais, o Professor Celso Lafer, depois de citar e examinar alguns dados sobre a nova dimensão do Brasil, o Brasil pós-Revolução de 1964, fez esta observação: "A escala e o peso conjunto dos números acima mencionados mostram que o Brasil passou a ter, objetivamente, uma relevância externa que não tinha, bem como a vida internacional passou a adquirir uma prioridade e uma complexidade interna antes não vislumbradas". É o fruto da nova dimensão que o País adquiriu a partir de 64.

Em verdade, tanto interna quanto externamente o Brasil passou a ser outro. O nosso relacionamento, e com ele o nosso comércio, alargou-se para todos os quadrantes da terra. Com tranqüilidade, sem agressões e sem submissões, conquistamos um respeitado espaço sobre a face da Terra. Atingimos altitude assim definida pelo Presidente Castello Branco, dirigindo-se aos concluentes do Instituto Rio Branco: "Em resumo, a política exterior é independente, no sentido de que independente deve ser, por força, a política de um país soberano. Política exterior independente, no mundo que se caracteriza cada vez mais pela interdependência dos problemas e dos interesses, significa que o Brasil deve ter seu próprio pensamento e sua própria ação. Esse pensamento e essa ação não serão subordinadas a nenhum interesse estranho ao Brasil". Independência somente possível, como tem ocorrido sem interrupções, devido à dimensão de uma Nação em pleno desenvolvimento.

Bem sabemos, porém, que nem tudo foram flores nessa marcha para o progresso. Houve erros, e houve injustiças. E uns e outros deverão ser eliminados. Erros talvez inevitáveis, e injustiças vindas no bojo do próprio desenvolvimento. Está na hora de corrigi-los, inclusive, e sobretudo, mediante adequada redistribuição de rendas. E agora não iremos distribuir apenas a pobreza, pois o Brasil cresceu o bastante para já poder repartir a riqueza, amenizando os dolorosos e excessivos desníveis sociais. Desníveis que representam uma nódoa na nova e grandiosa dimensão que a Revolução permitiu ao Brasil, mas que em nada empana ou diminui o muito que os brasileiros devem ao movimento de 1964, que mudou a face do País, transformando-o numa Nação em franco desenvolvimento. O futuro está ao nosso alcance.

LUIZ VIANA FILHO
Senador (PDS-BA)

A engenharia política

DESDE abril de 1964 o Brasil já passou por três sistemas partidários. Nestes 20 anos os vários governos revolucionários tentaram manipular os partidos visando a manter uma fachada de democracia e sustento político para regimes notadamente autoritários; tanto para maneirar a sua imagem externa como para o consumo doméstico.

Em 1964, o Governo Castelo Branco herdou um sistema de pluripartidarismo extremo muito confuso e logo dilacerado pelas cassações do AI-1. Em 1963, os três maiores partidos nacionais (PSD, PTB e UDN) contavam com 328 deputados na Câmara, os dois de porte médio (PSP e PDC) com 41, e os outros oito pequenos com 40. Nessa época já havia uma forte bipolarização em torno das reformas de base; a **Frente Parlamentar Nacionalista** (FPN) a favor, e a **Aliança Democrática Parlamentar** (ADP) contra. Os líderes parlamentares do novo governo aproveitaram os remanescentes do ADP para organizar o **Bloco Parlamentar Revolucionário** (BPR) com uma apertada maioria de 208 deputados, com elementos de quase todos os partidos.

Porém, o BPR era muito instável e nos meados de 1965 o Governo começou a perder algumas votações importantes na Câmara. Mas, foram as eleições diretas para governador em 11 Estados em outubro de 1965 que foi o **coup de grace** desse sistema pluripartidário. Numa tentativa de "escolher" o sistema partidário, o Governo Castelo Branco alterou a legislação partidária e eleitoral, no sentido de exigir um desempenho mínimo rigoroso no pleito de 1966 para sobrevivência dos pequenos partidos (**deja vu**) e a eleição de governadores por maioria absoluta em 1965 (velha tese udenista). Se estas tutelas não tivessem sido atropeladas pelo AI-2, em 1967, o Brasil teria alcançado um sistema pluripartidário "moderado" com 4 ou 5 partidos — o que aconteceu finalmente em 1980, pelos casuísmos do Gen. Golbery e Min. Petrônio Portela.

A extinção dos partidos organizados desde 1945 foi um dos casuísmos adotados pelo Governo Castelo Branco com o AI-2 numa tentativa de evitar um golpe militar em 1965. Essa medida de força visava à implantação de um sistema bipartidário (nos moldes anglo-americanos) com um Partido do Governo e um outro de Oposição (leal, é claro), assim alcançando Partidos estáveis, autênticos, representativos, e mais importante um Partido coeso forte para apoiar o Governo no Congresso Nacional. Nasceram filhos do AI-2 a ARENA e o MDB.

Mais ou menos 90% da UDN, 65% do PSD e 30% do PTB (estes últimos chamados de "bigorrilhos") foram para a ARENA. O MDB teve dificuldades de atingir o número mínimo de 20 senadores para a sua formação, e o Governo persuadiu 2 senadores a deixar a ARENA temporariamente para dar quorum ao MDB.

Desprezando apelos ao contrário, o Governo atendeu os suplícios da ex-UDN e não mudou o sistema eleitoral (do sistema proporcional para o distrital), sendo que no mundo inteiro dificilmente sistemas bipartidário e proporcional funcionam bem juntos. A ex-UDN, que sempre foi minoritária em nível estadual antes de 1965, ficou com medo de ser "engolida" pelo ex-PSD (dentro da ARENA) em eleições distritais. Esta engenharia política puxou mais casuísmos, como a sublegenda, a vinculação de eleições legislativas, e regras de "convivência" na ARENA, para tentar viabilizar o novo sistema partidário.

Na maioria dos Estados essas tentativas foram em vão, pois em muitos casos as lutas de faccionismo intra-ARENA foram mais violentas do que a disputa ARENA vs. MDB. As sucessivas escolhas autoritárias (de cima para baixo) de candidatos arenistas para governador e senador acirraram essas clivagens mais ainda.

Apesar disto, nos anos 70 a ARENA se tornou "o maior Partido do Ocidente"; enquanto o MDB quase faleceu em 1971, sendo reduzido a uma bancada de 86 deputados federais (27%). Falava-se então na "mexicanização" do sistema partidário e na possível "autodissolução" do MDB.

Como revanche, o eleitorado brasileiro foi às urnas em 1974 comemorar os dez anos da Revolução de Março, e sufragou uma avalanche de votos oposicionistas. O MDB recebeu uma maioria absoluta dos votos em nível nacional elegendo 16 em 22 senadores, aumentou a bancada na Câmara para 44%, conquisou maiorias em seis assembléias estaduais. O sistema bipartidário tornara-se mais competitivo; um rude choque para o novo Governo Geisel, empossado há menos de um ano.

Para barrar o avanço do MDB, os engenheiros políticos palacianos elaboraram o "Pacote de Abril" em 1977 para complementar a Lei Falcão de 1976, sem o que o MDB teria eleito maiorias nas duas Casas do Congresso Nacional em 1978, além de seis governadores.

Prevendo o pior em 1982, o novo Governo Figueiredo, logo em 1979, tratou de "implodir" o MDB com a extinção do bipartidarismo. Com dois Partidos, as eleições converteram-se em plebiscitos ou referendum nacionais pro e contra o Governo, que com dificuldades econômicas crescentes, ficava em franca desvantagem. O bipartidarismo que serviu tão bem ao Governo desde 1966 tornou-se muito inconveniente.

A estratégia dos grão-mestres Gen. Golbery e Min. Petrônio Portela era de constituir um sistema de pluripartidarismo moderado, cuja peça principal era um grande partido de centro atraindo dissidentes da ex-ARENA e moderados do ex-MDB — o Partido Popular (PP). Este Partido seria oposição nos Estados, mas de "linha auxiliar" a nível federal, e poderia tornar-se majoritário no pleito de 1982. Assim, teria um papel importantíssimo no Colégio Eleitoral de janeiro de 1985.

Esses casuísmos deixaram o PMDB com metade dos deputados federais que o ex-MDB tinha em 1979, e a força do PP em organização ameaçava deixar o novo Partido do Governo (PDS) sem maioria na Câmara. A morte inesperada do Ministro Portela permitiu que se "premiasse" o ex-PSD mineiro e fosse garantida uma apertada maioria para o PDS.

Sobrou espaço para três partidos "nanicos" ainda: PTB, PDT e PT. Assim, a estratégia do General Golbery era a de "dividir para conquistar" nas eleições estaduais de 1982 para o PDS a maioria dos Estados. Com 5 partidos de oposição, muitos com candidatos próprios, haveria chances de o PDS coligar-se, ora com o PTB em regiões urbanizadas, ora com o PP em áreas rurais (lembrando a dobradinha PTB/PSD do Dr. Getúlio). Tudo isto incrementado com boas doses de "populismo econômico".

Porém, o Riocentro, a demissão de Golbery, a doença do Presidente e o "Pacote de Novembro" de 1981 inviabilizaram esse cenário, provocando a reincorporação provisória do PP ao PMDB em 1982. Novos casuísmos não evitaram que os partidos de oposição (PMDB e PDT) conquistassem 10 governos estaduais em 1982, e somados com o PT e PTB alcançassem uma maioria absoluta na Câmara dos Deputados.

Exatamente na semana em que a Revolução comemora seus 20 anos, Brasília se agita com a real possibilidade da "desincorporação" do PP; ou seja, o lançamento de um novo partido de centro aglutinando moderados do PMDB cansados de serem "patrulhados" e os frustrados do PDS que estão mais preocupados com as sucessões estaduais em 1986 do que com a sucessão presidencial de 1984/85. Com esta modificação, o sistema passaria de um "pseudo-bipartidarismo" para um pluripartidarismo moderado de então (1980/81), virando a mesa em favor da candidatura do Vice-Presidente Aureliano Chaves.

Nestes 20 anos, com a possível exceção do PT, todos os partidos políticos brasileiros foram organizados "de cima para baixo" sem muita organização nas bases, freqüentemente servindo mais como "veículos eleitorais" de caciques do que estruturas representativas. Apesar da permanência (e reaparecimento) de vários "chefes" desde o período pré-1964, a circulação dos quadros parlamentares dos partidos tem sido muito grande, dificultando a sua evolução. Mas a contribuição dos partidos à transição democrática tutelada tem sido de grande valia.

DAVID FLEISCHER
Professor de Ciência Política na Universidade de Brasília.

Roberto Campos

Proposta reformadora

A revolução nasceu sem ideário, ou antes, com um ideário negativo: — combate à subversão e à corrupção. Depois formou-se um ideário e orgulho-me de ter participado significativamente desse trabalho de engenharia social. No plano econômico, o objetivo era a modernização da economia (corrigida, naturalmente, a desordem inflacionária). Daí as grandes reformas — a reforma fiscal e o código tributário, a criação do Banco Central, a lei do mercado de capitais, a revisão do código de Minas e a da legislação de comércio exterior. A inflação foi contida e, após o meu período de limpeza de terreno e construção de alicerces (1964/67), a economia brasileira experimentou um surto de crescimento sem precedentes (1968/73).

Num balanço desapaixonado e sumário, diria que o projeto econômico da revolução foi bem executado até 1973, e mediocremente, depois. No projeto social, o desempenho foi quase uniformemente medíocre, pois uma de suas peças principais — o estatuto da terra — nunca foi implementado.

No projeto político — meu Deus! — tivemos frustrações iniciais, com a sucessão militar que Castello Branco não desejava, e estamos até hoje à procura de rumos, que a meu ver não deveriam levar a nenhum dos modelos políticos já experimentados. Deveríamos, por exemplo, experimentar o modelo francês de presidencialismo-parlamentar, para 1989 ou 1990, naturalmente, pois essa profunda reformulação institucional exige grande debate. A simples restauração das eleições diretas com o atual presidencialismo convencional, seria mais uma viagem ao seio da frustração.

A Revolução foi para mim, pessoalmente, um grande desafio. Já tinha tido participação apreciável na vida pública do país, pois fora um dos fundadores do BNDE e co-autor do "programa de metas" do Presidente Kubitschek. Além disso, Embaixador em Washington e negociador de suas consolidações da dívida externa (o Brasil é contumaz no endividamento). Mas a revolução de 1964 me permitiu uma tarefa com que os economistas sonham: — redesenhar o modelo econômico do país.

Estava decidido a deixar a vida pública com um misto de amargor e desilusão. Pedi demissão de Embaixador em Washington e partira para um longo périplo asiático, convidado para conferências no Banco Central do Paquistão, na Universidade de Delhi, na Índia e no Keindaren, no Japão. Voltei poucos dias antes da Revolução e fui convocado por Castello Branco em 19 de abril de 1967 e já na primeira reunião do Gabinte, em 22 de abril, apresentava um programa econômico, depois detalhado no Paeg. Era a chance de executar vários sonhos de teoria econômica. Trabalhar com Castello Branco era uma grande inspiração, pois poucos homens, além de viverem o momento, aprendem do passado e enxergam o futuro.

Depois... fizemos tímida e inadequada adaptação à primeira crise de petróleo, com programas superdimensionados em alguns setores (energia nuclear, aço, etc.), desapoiados em poupança interna, e cresceu morbidamente a presença estatal. Mas o erro fatal foi não termos reconhecido a tempo a gravidade da segunda crise de petróleo e da explosão de juros, e sua seqüela recessiva na economia mundial. Continuamos em expansão em 1979 e 80, quando deveríamos ter embarcado num vigoroso programa de austeridade, como o fizeram outros países. A recusa ao ajustamento, ensejada pelo fácil acesso ao mercado eurodollar, está na raiz do apodrecimento de nosso sonho de grande potência.

O projeto social compreendia a criação do FGTS, do BNH, a formulação do estatuto da terra e a unificação previdenciária. O esforço foi menos articulado que no plano econômico.

O projeto político do Castello Branco compreendia três aspectos: o fortalecimento da Federação (foi este um dos objetivos da reforma tributária, que beneficiava os municípios), a sucessão civil e a reconstitucionalização do país (Constituição de 1967).

ROBERTO CAMPOS
Em 1964 era Embaixador do Brasil em Washington

Virgílio Távora

Saldo positivo

Durante os últimos vinte anos o Brasil passou por muitas e marcantes transformações, envolvendo os campos político, econômico, social e, sobretudo, o institucional. Ao mesmo tempo, duas e imprevisíveis mutações apresentaram-se no panorama internacional, com influências sensíveis no nosso universo interno, dentre as quais a chamada "chantagem do petróleo" e a alta constante do dólar.

A Revolução de 1964 tinha como objetivo maior a salvaguarda das instituições democráticas, e tanto assim que, apenas três anos após, em 1967, o Presidente Castello Branco legava ao país uma Constituição, dois anos depois atropelada pelos episódios que resultaram no ato institucional número 5 e num retrocesso democrático que só veio a mostrar novas luzes de abertura com o Presidente Geisel e seu sucessor, o Presidente Figueiredo.

Num balanço desse período revolucionário, é óbvio constatar-se um saldo positivo. O país cresceu, fortaleceu-se economicamente, aumentou suas reservas de petróleo, quase que triplicando sua produção, mais que duplicou o potencial de energia hidrelétrica, consolidou o uso do álcool como fonte alternativa de energia, desenvolveu uma indústria de base e uma bélica de alto nível, a par da aeronáutica e de equipamentos, embora tudo isso a um preço que envolveu um exagerado endividamento externo, que não seria assim de tal monta sem os incidentes imprevisíveis da crise econômica mundial. "O Brasil de hoje em nada se assemelha ao de antes de 1964. Com

todas suas crises, nosso país é uma potência emergente": primeira, "de longe", entre as nações irmãs latino-americanas.

Erros, e alguns deles muito graves, ocorreram pela falta de previsão ou de experiência e pela descontinuidade em muitos programas econômicos. Isso nos trouxe prejuízos.

No campo político, os muitos anos de exceção causaram algumas seqüelas, especialmente a resultante do fechamento das universidades e sindicatos à ação política, responsável pelo hiato "na formação de novas lideranças políticas para o país, em todos os níveis". Os períodos de censura, de pressão sobre o Congresso e o Judiciário também permitiram a ocorrência de fatos graves e incontroláveis.

Hoje, consolidando-se o processo de abertura política, marchamos para a última etapa do lento, seguro e gradual processo de reorganização institucional do país. A anistia, a eleição direta dos governadores dos Estados, o fim da censura, a volta dos militares aos quartéis mostram que todas as etapas do compromisso firmado pelos Presidentes Geisel e Figueiredo estão sendo cumpridas, sem exceção. É agora olhar-se para o futuro, sem preocupações com o passado e cobranças pretéritas, pois só o esforço conjunto de todos os brasileiros poderá conduzir à saída da crise econômica nacional. **O saldo dos vinte anos, repetimos, foi positivo.**

VIRGILIO TÁVORA
Em 1964 era Governador do Ceará

Antônio Carlos Magalhães

Movimento realizador

Decorridos 20 anos da Revolução de 1964, podemos assegurar que o saldo é muito positivo para o Brasil.

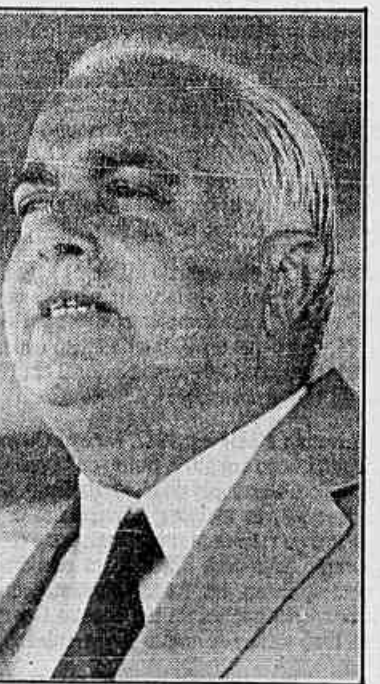
Nunca o país vivera momentos mais difíceis, sob o império da anarquia como nos idos de 1963 e início de 1964. Os jovens não sentiram a desagregação social e a tendência dos que eram adultos, infelizmente, é a do esquecimento, levando em conta a multiplicidade dos fatos que têm ocorrido no mundo, em época de dificuldade.

O desgoverno imperava. A hierarquia em todos os setores não existia, principalmente no militar. Nada se fazia pelo povo, a não ser o uso indevido do seu nome.

Hoje, decorridos 20 anos, o país é outro. Em qualquer atividade o Brasil é maior. Uma breve citação de dados relativos a alguns dos mais importantes indicadores sócio-econômicos reflete um quadro expressivo da realidade do Brasil antes e depois da Revolução de 64.

Assim é que, no setor de energia elétrica, a nossa potência instalada, que era de 6,35 milhões de kw até 64, atinge hoje a quase 40 milhões de kw enquanto o consumo de eletricidade se tornou 6 vezes maior. A produção de petróleo, fundamental para a nossa evolução econômica e industrial, cresceu de menos de 200 mil para os 500 mil barris diários que atingiremos no próximo semestre.

No setor de transportes, assistimos ao desenvolvimento de uma poderosa indústria naval ao lado de novas estradas e do aumento do número de passageiros e volume de cargas transportadas. Nas telecomunicações, conseguimos os progressos reconhecidos por todos valendo lembrar, porém, que antes de 64 nenhum município contava com sistema de discagem direta à distância.

A exploração de nossas riquezas minerais foi intensificada bastando para exemplificar que a extração de ouro se elevou de 4,4 toneladas em 63 para as 49,6 toneladas atuais. Na agricultura, um dado suficientemente expressivo seria o

aumento da área plantada que hoje atinge a mais de 50 milhões de hectares. O homem do campo teve reconhecidos seus direitos fundamentais e melhoradas suas condições de vida.

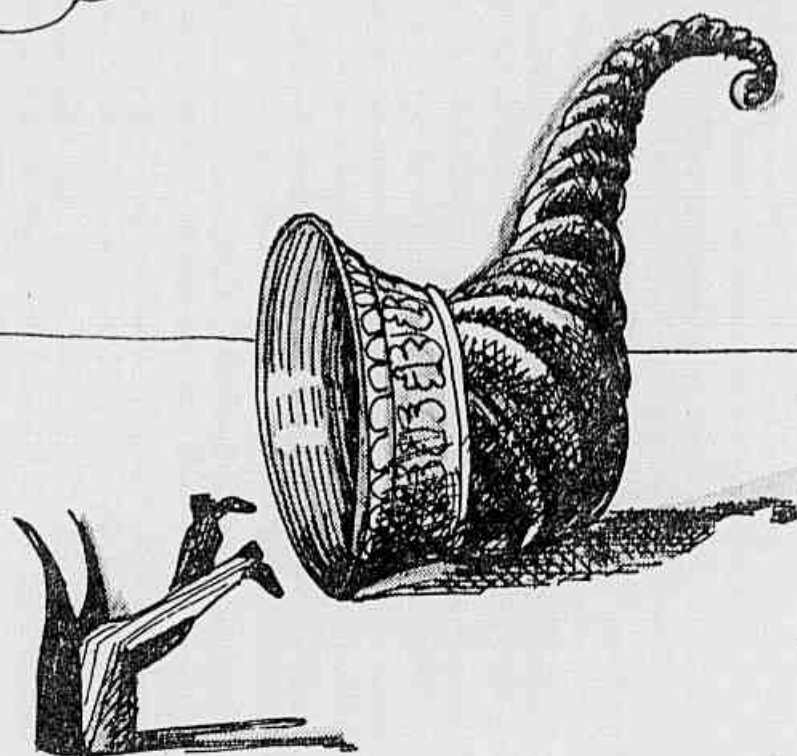
Na educação, o número de escolas construídas e de alunos matriculados se multiplicou em todos os níveis. Os pouco mais de 120 mil alunos dos cursos superiores em 63 são hoje mais de 1 milhão e meio. Na área de saúde pública, devemos lembrar que os estabelecimentos especializados são atualmente mais de 20 mil, enquanto que, há 20 anos, eram menos de 3 mil. Assistência médica e os serviços previdenciários cresceram igualmente. Outro dado significativo seria o acesso à casa própria facilitado pela construção de cerca de 600 mil novas unidades habitacionais.

Enfim, poderíamos continuar relacionando exemplos de progressos conseguidos em vários setores e hoje nem sempre ressaltados até porque já estão definitivamente incorporados à existência dos brasileiros, cuja expectativa de vida, por sinal, cresceu de pelo menos 10 anos, nestas últimas décadas.

Erros foram cometidos e não poucos. Mas o saldo é altamente positivo e honra aqueles que participaram do movimento democrático de março de 64. Muito ainda se tem que fazer, dentro da ordem e da lei, como a diminuição dos desníveis regionais, com uma política voltada para o Nordeste, que melhorou nesse período, mas que ainda não compensou o atraso de séculos. A concentração da renda e o excessivo número de faixas salariais, o indispensável controle de natalidade, enfim uma série de medidas de cunho social que representam exigências do momento em que vivemos.

A Revolução de 1964 só é combatida pelo desconhecimento ou má fé, o que não significa a aprovação de todos os seus atos ao longo dos vinte anos da sua existência.

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES
Em 1964 era deputado federal (UDN-BA)

Mollica

A economia da Revolução

A situação econômica imediatamente anterior a abril de 1964 era realmente caótica. Depois de quase duas décadas de um incremento atual médio de 7%, o PIB crescera, em 1962, de apenas 5,3%. A inflação, que desde o fim da Segunda Guerra Mundial girara em torno de 20% a.a. elevou-se para 51,7% em 1962, para 75% em 1963, chegando a 90,5% em 1964. Neste último ano a dívida externa líquida era de 2,86 bilhões de dólares, superando de duas vezes o valor das exportações.

O pior é que o Governo mostrava-se incapaz de definir uma política econômica corretora. A estagnação do PIB fora satisfatoriamente explicada como decorrência do fim das oportunidades de substituição de importações. As medidas corretoras propostas eram, contudo, claramente insatisfatórias. Propunha-se a solução keyenesiana de um aumento da demanda monetária global através de investimentos públicos. O problema era, todavia, claramente de insuficiência de mercado ou de demanda real.

Impasse semelhante existia no caso da inflação. A concepção dominante sobre o fenômeno era a estruturalista. Ora, essa corrente apenas conseguira demonstrar que a inflação constituía algo inevitável num processo de desenvolvimento e que as medidas ortodoxas usualmente propostas para controlá-la tinham como único resultado a estagnação econômica, ou uma drástica redução do ritmo de desenvolvimento. O estruturalismo jamais chegou a formular uma política sistemática de controle da inflação.

O movimento de abril de 1964 agiu, em primeiro lugar, sobre a inflação. A política, então utilizada, foi uma das primeiras tentativas de usar métodos post-keynesianos de controle da inflação. Para esta corrente, a inflação resulta da luta de diferentes agentes econômicos em torno do PIB. A elevação da quantidade de moeda apenas sanciona a disputa. Com base nessa concepção adotou-se uma política antiinflacionária nas seguintes linhas: reajustamentos salariais com base no salário real médio dos últimos 24 meses; elevação suplementar destes para compensar o resíduo inflacionário; aumento do salário real efetivo na mesma proporção do incremento do produto "per capita". Esse esforço para frear a disputa em torno do PIB era acompanhado, do lado monetário, de uma gradual redução no acréscimo anual dos meios de pagamento. Os resultados obtidos foram relativamente rápidos. Em 1968 a inflação anual caíra para 24,2%.

No que se refere à retomada do desenvolvimento, os bons resultados se prenderam mais a circunstâncias externas favoráveis do que a estratégias corretas de política econômica. Os economistas do Governo não conseguiram, de fato, ver na estagnação econômica do início dos anos sessenta mais do que o resultado do caos econômico do Governo João Goulart. A explicação era insatisfatória dado que o problema não era só brasileiro mas atingia, igualmente, grande número de subdesenvolvidos.

O fator sorte do Governo revolucionário foi a explosão do mercado internacional registrada no período. O Brasil aproveitou a fundo essa oportunidade para elevar rapidamente suas exportações, resolvendo concomitantemente o problema da retomada do desenvolvimento (ou seja, o mercado externo passava a suprir as deficiências do interno) e das dificuldades cambiais. Depois de um longo período de estagnação, nossas vendas externas saltaram de 1.406 milhões de dólares, em 1963, para 1.881 milhões em 1968. O PIB, de um incremento inferior a 3%, em 1964 e 1965, pula dos dois anos seguintes para cerca de 5% chegando, em 1968, a um aumento de 11,2%.

A falha mais grave do período foi o desencadeamento do processo de concentração de renda. Na sua formulação teórica, a política antiinflacionária superdescrita não só manteria os níveis de salários reais como levaria a que aumentassem na mesma taxa que o produto "per capita". Na prática, todavia, sobretudo em conseqüência da subavaliação do "resíduo inflacionário" sérias perdas foram registradas pelos trabalhadores.

O que ocorreu no período 1969-1974 foi a seqüência natural dos bons resultados anteriores. O clima internacional continuou favorabilíssimo. O PIB explode com uma taxa anual de 11,3%. Em 1974, as exportações brasileiras chegaram a 7.951 milhões de dólares, superando, portanto, a dívida externa líquida de 6.156 milhões de dólares.

Os bons resultados desse período constituem reflexo da fase anterior também em outro sentido. As análises do "milagre" mostram que um dos fatores que o possibilitaram foi a ampla capacidade ociosa da economia, herdada da fase anterior. A par disso, o fortalecimento do Poder Executivo pós-1964 permitiu a introdução de certos instrumentos de política econômica, como a correção monetária, que trariam substanciais resultados positivos.

O primeiro "choque do petróleo" (1974) elevou nossos gastos com a importação do produto de 606 para 2.558 milhões de dólares. Diante do problema, duas soluções se apresentavam. Reduzir importações e aceitar uma recessão, ou manter o nível das compras externas tomando dinheiro emprestado para cobrir o déficit cambial. O Brasil optou pela segunda alternativa realizando concomitantemente um vasto programa de substituição de importações e de estímulo às exportações. A solução era facilitada pelo fato de que o "choque do petróleo" gerara grandes reservas de dólares que eram aplicados, à época, a juros baixos ou até negativos.

Nos primeiros anos tudo pareceu correr muito bem. O déficit do balanço comercial, que em 1964 fora de 4.690 milhões de dólares, caiu em 1978 para 1.024 milhões. Durante o período 1974-1980 o incremento anual do PIB se situou em 7,2%. Os problemas começaram a surgir com o segundo "choque do petróleo" de 1979-1980 que elevou nossos gastos com o produto para 9.372 milhões de dólares.

A tentativa de fazer o Brasil uma "ilha de prosperidade" num mar de recessão era, sem dúvida, elogiável porque significava corajosa opção pelo desenvolvimento. A estratégia adotada para viabilizar esse resultado foi, no entanto, incompleta. Isso sobretudo do lado das exportações. O rapidíssimo aumento de nossas vendas externas se estribava fundamentalmente nos manufaturados tradicionais. Ora, o mercado internacional para esses artigos é de lento crescimento e altamente competitivo. Não tardou, portanto, que nossas exportações experimentassem crescentes resistências que tornaram seu incremento inferior ao reclamado pelo modelo.

Essa insistência nos produtos tradicionais resultou de que os setores modernos de grande intensidade de capital e tecnologia mais refinada eram controlados por filiais de empresas multinacionais. Estas não queriam nem podiam concorrer com suas matrizes nos grandes mercados internacionais. Uma estratégia completa para o Brasil deveria, portanto, ter previsto programa especial para penetrar em força no mercado internacional dinâmico, através de grandes empresas nacionais dotadas de tecnologia própria internacionalmente competitiva.

— Em 1981 o PIB brasileiro caiu de 1,9%, crescendo de apenas 1,4% no ano seguinte e declinando novamente de cerca de 3,3% em 1983. A inflação de 1980 a 1983 se elevou nas seguintes taxas anuais; respectivamente, 110%, 95%, 99,7% e 210%. A dívida externa ficou em torno de 100 bilhões de dólares, superando de cerca de 5 vezes as exportações.

Qual a causa dessa **débâcle**? A versão oficial é de que fomos vítimas do segundo choque do petróleo agravado pela drástica elevação dos juros internacionais pelo declínio relativo nos preços dos nossos produtos de exportações e pelo maior protecionismo e recessão internacionais.

Não há dúvida que os fatores acima contribuíram para nossas dificuldades. O caos presente da economia brasileira resultou, no entanto, essencialmente do erro de ignorar, após 1979, que fracassara a estratégia da "ilha da prosperidade". Simonsen, primeiro Ministro do Planejamento do Governo Figueiredo, reconheceu esse fato, afirmando que o país necessitava uma "economia de guerra". Sua substituição por Delfim Neto traz, contudo, de volta a euforia da "época do milagre". A promessa do novo titular era de que o desenvolvimento acelerado seria mantido, os problemas cambiais resolvidos, e a inflação (que no período anterior subira para cerca de 50%) seria colocada sob controle. O segundo "milagre" teria como base a Agricultura cuja rápida expansão substituiria importações, proporcionaria excedentes exportáveis e reduziria o preço dos alimentos.

Os responsáveis pela economia brasileira não se perturbaram sequer com as projeções de sua própria equipe que demonstravam, em função da necessidade de conter as importações, a impossibilidade de um crescimento do PIB acima de 5% a.a. até 1990 (observe-se que o país deve crescer de 7% para absorver a mão-de-obra nova que se apresenta anualmente ao mercado).

EM setembro de 1982, com o colapso do México, caem por terra as últimas ilusões, instalando-se o caos econômico no país. A ida ao FMI, que é um organismo criado para resolver problemas de curto prazo mostra que a euforia não morreu completamente. Os nossos tecnocratas se esforçam por acreditar que o fim da recessão mundial permitirá a retomada da estratégia anterior. Esquecem-se de que a base desta era uma oferta ilimitada e a baixo custo de petrodólares. Diante do susto dos banqueiros internacionais com o colapso mexicano e da maior vigilância dos seus bancos centrais, a situação não se repetirá mesmo que voltem a explodir os preços do petróleo.

A impressão que fica da análise anterior é a de que acertos iniciais foram seguidos de erros cada vez maiores e mais graves. A impressão não é inteiramente falsa ou desarrazoada. A alternância de equipes econômicas faz com que os erros tendam a ser em sentido oposto e, portanto, a se compensarem. As críticas tempestivas dos desacertos cometidos ajuda igualmente a corrigí-los ou minorar suas consequências negativas. Esses dois fatores de equilíbrio não operaram nos últimos 20 anos donde termos o processo acumulativo de erros que nos levou à calamitosa situação atual.

Os opositores mais radicais do Governo gostariam de enterrar os vinte anos de política econômica da Revolução com o epitáfio: "Receberam o país com um PIB crescendo a 2,9% ao ano, com uma inflação de 90,5% ao ano, e uma dívida externa de 2,8 bilhões de dólares. Devolveram-no com um crescimento negativo de 3,3%, com uma inflação de 210% e uma dívida externa de 100 bilhões de dólares".

Os que, todavia, acreditam ter sido o objetivo da Revolução evitar o golpe em preparação pelo Presidente João Gourlart, devolvendo o país à plena democracia nunca além de 1968, podem ser mais benignos. De fato em 1968 a inflação declinara para 24,2% a.a., o PIB crescia de 11,2% e as exportações haviam subido para 1,88 bilhões de dólares. E os bons resultados dos anos seguintes podem, além disso, ser em grande parte atribuídos a tais sucessos iniciais. Para esse grupo, portanto, a melhor descrição sucinta do período seria a seguinte: "Uma Revolução que durou 17 anos mais do que devia".

JOÃO PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES
Professor titular da UFRJ

Crônica de um sortilégio

Ciro

ESTRANHO sortilégio acompanhou a carreira pública dos primeiros quatro presidentes pós 1964 e ainda acompanha hoje a do Presidente João Figueiredo: o de enredarem-se todos nas conseqüências reais de suas boas intenções, fazendo-os atribuir a maléficos desígnios do engenho humano algo cuja origem se encontre talvez muito além de nossa vã filosofia.

Ninguém de boa fé negará ao primeiro da série, Presidente Castelo Branco, sinceras convicções liberais. Terá sido até por tanto estimar as instituições representativas e democráticas, que julgou ameaçadas de extinção, que se envolveu nos episódios de 64. Deles emergiu como Presidente de uma ordem política ambígua e eletrizada, disposto a domesticá-la mediante alguns esboços de engenharia institucional. Aí teve início sua tortura íntima.

Dilacerado entre o sábio convite de Milton Campos a que encerrasse a revolução como processo e a iracunda radicalidade dos jovens e dos velhos tenentes — ademais da pressão de autoritários históricos, civis e militares —, esforçou-se por ser simultaneamente Presidente conforme as regras da política liberal-civilizada e intérprete exclusivo da "utopia armada", concisa expressão que subtraí a Candido Mendes de Almeida.

A promulgação do Ato Institucional número 2, o reinício da cassação de mandatos — entre os quais o de Juscelino Kubtschek, a quem agradecera por sua "eleição" indireta no Congresso Nacional —, e finalmente a prorrogação de seu próprio mandato constituem a principal constelação de eventos dúplicos, equívocos, que a torturada consciência presidencial não conseguiu decifrar. Pior ainda, supos que ao ceder à insubordinação dos quartéis manteria o monopólio da fala militar para converter-se, plenamente, em Presidente civil. Talvez tenha morrido sem aceitar a idéia de que foi justamente quando cedeu aos quartéis que se transformou em transitório e contestado delegado deles. Foi assim que a classe política passou a vê-lo e não mais com o Presidente.

O segundo, Costa e Silva, percorreu trajetória inversa, mas nem por isso com melhor desfecho. Imposto ao Congresso, e ao próprio Presidente Castelo Branco, assumiu declaradamente o governo como quem assume a chefia de uma divisão ou finca um estandarte em território capturado a inimigos. Esse era o sentimento do mundo, à época. Governar o país virou missão militar, que não se postula, mas se aceita e cumpre de acordo com o planejamento do Alto Comando e do estado-maior. Características, antes de acupar o poder, Costa e Silva sempre deixou claro que não se pronunciava, quando o fazia, como ministro do Presidente Castelo Branco, mas como integrante do Alto Comando da Revolução do qual era, se não me engano, decano e membro mais conspícuo.

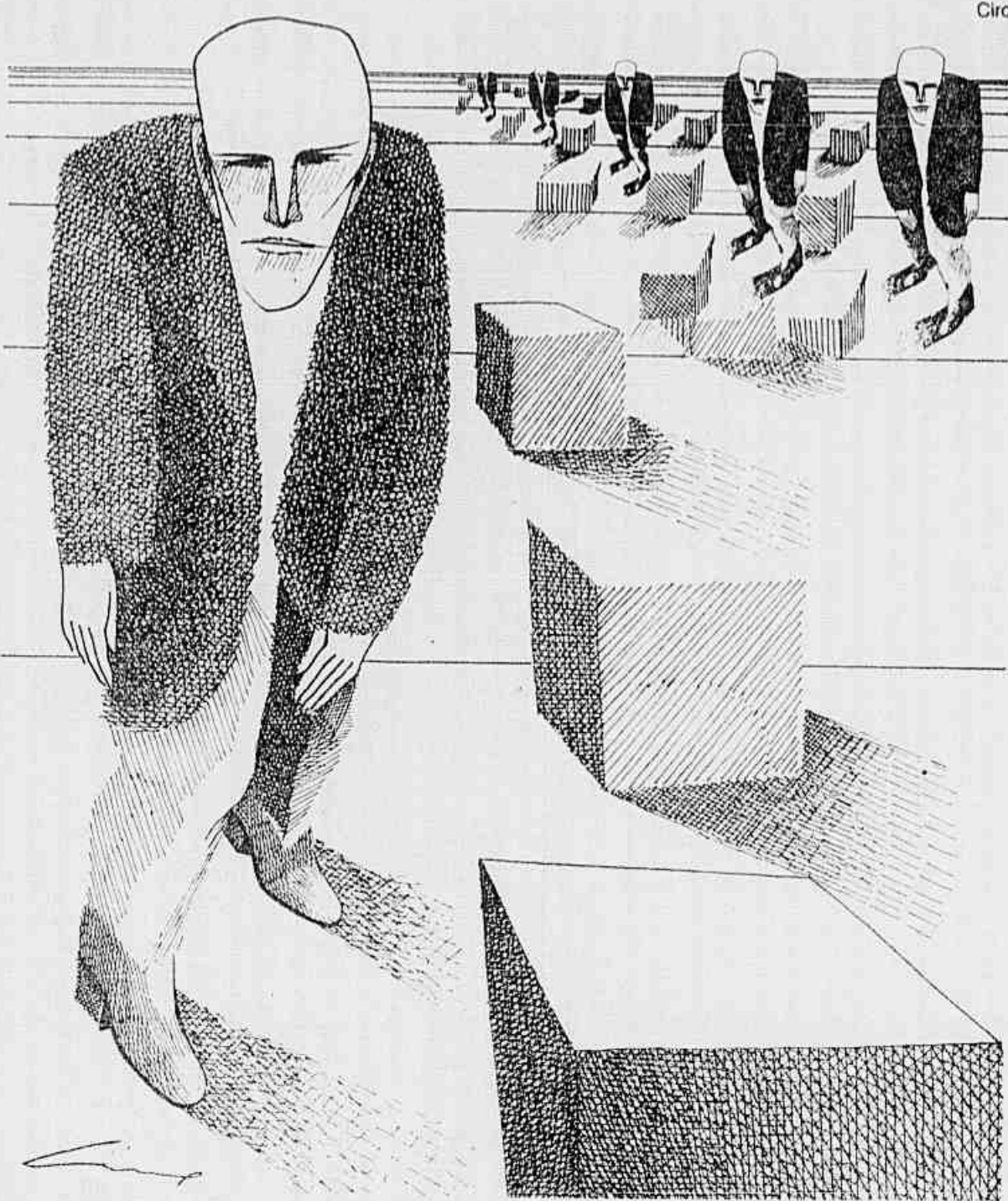
Do candidato comissionado Costa e Silva, porém, surgiu o Presidente à paisana Costa e Silva. A política é atraente justo porque arregala os olhos, traz o suburbano à metrópole, mostra-lhe a variedade das gentes, e dos costumes, e das perspectivas. A política, para quem a faz com sensibilidade, humaniza radicalmente. Costa e Silva, o revolucionário radical, humanizou-se integralmente através da política e pretendeu levar a palavra nova às casernas, ali onde político era sinônimo de vilania.

Ao contrário de seu antecessor, o Presidente Costa e Silva resistiu à ortodoxia militar-revolucionária, começou a mudar de voz e buscou fazer da classe política, cada vez mais, o sustentáculo da autoridade presidencial. Pedro Aleixo parecia obter sucesso onde Milton Campos falhara. O vigor das forças atiçadas em 64 era entretanto enorme e as cicatrizes recentes. A obstinação de Costa e Silva conduziu-o a uma confrontação decisiva com a fonte mesma de seu poder pretérito. Perdeu. Mais do que a vida, Costa e Silva empenhou na luta a morte próxima — imagem que ouvi de Afonso Arinos de Melo Franco a propósito de outro personagem. Empenho vão, pois a derrota de Costa e Silva deu lugar ao interregno da junta militar.

Em seu discurso de posse Garrastazu Médici condenou aqueles que se contentavam em jogar pedras no passado. Recebendo o governo ainda como missão, parecia entretanto que o novo Presidente desejava encerrar o ciclo de radicalismos e construir pontes para novo ordenamento constitucional. Muito mais rapidamente do que Costa e Silva e ainda mais submisso do que Castelo Branco, o Presidente Médici desistiu de fabricar projeto político próprio, assistindo entusiasmado à conquista da Copa pela Seleção Brasileira e passivamente à cissiparidade do país: em um mapa viase o desabrochar do milagre econômico; em outro, a paisagem desolada de uma guerra indizível que frustraria vencidos e vencedores.

O quarto Presidente, Ernesto Geisel, empossou-se com uma idéia na cabeça — iniciar a abertura política — e a perseverança protestante na alma. Político, aprendera importantes lições: não ser tímido, como Castelo Branco, muito menos submisso, como Médici, e também não ser por assim dizer turrão como Costa e Silva. Onerado economicamente pelo fim do milagre e politicamente pela institucionalização dos órgãos para-hierárquicos de inteligência e repressão, viu-se o Presidente Geisel enredado em circunstâncias que o persuadiram de que o projeto de abertura exigia intermitentes espasmos autoritários.

O governo do Presidente Geisel foi talvez o mais desconcertante do período pós 64. Teve início a abolição da censura aos jornais, mas certos livros eram proibidos; oficiais coniventes com a tortura foram demitidos ou transferidos ao mesmo tempo que se punha o Congresso em recesso e mandatos voltavam a ser cassados; os DOI-CODI foram desativados e o AI-5 finalmente abolido, ao preço todavia de um punhado de casuísmos que se transformaram em bombas de efeito retardado no processo de reconstitucionalização do País.

Insistiu o Presidente Geisel em continuar o projeto do Brasil-Potência, insensível aos sinais da economia nacional e mundial. Era então coerente com seu passado de nacionalista militante. Mas foi o mesmo Presidente Geisel, um dos lendários "irmãos Geisel" da década de 50, quem anunciou pela televisão, visivelmente emocionado, a abertura da Petrobrás aos contratos de risco. Atribui-se hoje a seu período presidencial a semeadura do que constitui a barafunda política e econômica que dificulta o desenlace do processo de abertura.

O presidente Figueiredo não parece fugir à regra. Pôs praticamente fim à censura, decretou a anistia, reformou substancialmente a lei de segurança nacional, convocou eleições diretas para o governo dos estados e garantiu a posse dos eleitos. Não obstante, a paz política que buscava está ameaçada, segundo anunciam os arquitetos da catástrofe, a democracia que jurou construir titubeia, a insatisfação é generalizada. O Presidente Figueiredo tropeça em suas boas intenções como em um sortilégio. Diante dele o presidente se dispõe a recuar, acusa a cidadania de sofreguidão e insinua que pode renegar seu juramento. Será esta a única forma de exorcizar o sortilégio?

Em antigo diálogo o historiador e filósofo grego Xenofonte conta-nos uma parábola sobre a tirania e seu sortilégio. Hiéron, o tirano, descreve para Simonides, o filósofo, a desdita que o perseguia: qualquer ação que desenvolvesse trazia-lhe mais preocupações e mais perigos — o que o obrigava a ser ainda mais tirânico, com a desastrada conseqüência de maiores preocupações e maiores perigos. Em uma palavra, quanto mais tiranizava, menos liberdade possuía. Respondeu-lhe Simonides que tentasse o caminho inverso, isto é, que alargasse cada vez mais a liberdade dos cidadãos e que lhes permitisse trabalhar e viver em conforto. Se tal acontecesse, conclui Simonides, ninguém invejaria seu poder ou riqueza e ele, Hiéron, conquistaria mais felicidade e mais liberdade quanto menos tirano fosse. No diálogo, o tirano nada responde, mas a história não parece haver registrado fim trágico de nenhum Hiéron.

O regime brasileiro não é tirânico, mas democrático também não é. Cumpre aos homens públicos de responsabilidade e à cidadania desperta refletir cuidadosamente se o caminho para a liberdade margeia o alargamento das franquias democráticas ou o messianismo despótico de qualquer índole.

WANDERLEY GUILHERME DOS SANTOS
Professor do IUPERJ

A VIDA DOS VENCIDOS

As conseqüências dos atos punitivos da Revolução de 1964 na vida cotidiana das pessoas atingidas — este o tema do novo livro do historiador Hélio Silva, que se intitulará *A vez e a voz dos vencidos* e deverá ser publicado ainda no decorrer deste ano. O autor afirma que o assunto já estava presente em seu espírito ao escrever um livro sobre os acontecimentos ligados à derrubada do Governo João Goulart. Devido a urgência e a dificuldade de informação na época, a reconstituição dos episódios acabou por ser feita quase exclusivamente do ponto de vista dos vencedores. De alguns anos para cá, entretanto, a evolução do quadro político tornou possível o acesso a fontes anteriormente fora de alcance. Como a documentação disponível é mais rica na área militar, é desta que se ocupará a maior parte do livro. O historiador adianta alguns tópicos da obra, reservando-se, porém, o direito de só mencionar nomes de pessoas quando da sua publicação.

UM dos tópicos do livro trata das restrições impostas aos militares punidos no tocante ao exercício, como civis, das profissões para as quais foram preparados. Aqui menciona especificamente o caso dos aviadores.

— Centralizada no Rio — diz o historiador —, há uma associação reunindo 5 mil 500 militares de todas as patentes, de oficiais-generais até soldados e marinheiros, que foram cassados, reformados, presos, processados, absolvidos por falta de provas, e que não puderam voltar aos seus postos nem exercer as suas profissões. Na Aeronáutica, todas as pretensões à obtenção de licenças de piloto, por parte de ex-oficiais atingidos por Ato Institucional, têm sido negadas com amparo na Portaria Reservada S-285/GM-5, de 1.9.1966.

"Todos tiveram que procurar novos meios de subsistência. Tentaram, primeiro, atividades ainda ligadas à aviação, serviços de manutenção no solo, tradução de livros de aeronáutica. Mas logo que a presença de um deles era detectada, havia pressão para que fosse despedido. Qualquer cargo superior dependia da aprovação do SNI, e o veto era inevitável. Assim, os aviadores passaram a professores, engenheiros, datilógrafos. Houve exceções pitorescas. Como a de um oficial aviador que, apesar de cassado em 1965, proibido de voar, e sujeito a restrições bancárias, permaneceu como professor de filhos de militares no Rio e em Brasília e também da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica.

"Veio a anistia. Como a proibição continuava, os prejudicados transferiram sua luta para o Poder Judiciário, iniciando-a com os mandatos de segurança julgados a 20.11.1980, resultando na negativa da concessão. Perdida a primeira batalha, os patronos — Evandro Lins e Silva, Cotrim Neto e outros — dirigiram-se ao Tribunal de Recursos. Seu memorial foi lido, a 31.3.1981, na tribuna da Câmara Federal, pelo então deputado Marcelo Cerqueira, pedindo-se, na ocasião, não só a transcrição do mesmo nos anais, mas também a criação de uma CPI sobre a anistia. O resultado do julgamento foi a concessão da segurança impetrada, por maioria absoluta: 14 votos a favor, três contra. Contudo a ordem não foi obedecida."

O professor Hélio Silva lembra que as restrições a oficiais cassados já foram, antes, objeto de apreciação do Supremo Tribunal Federal. Na ocasião, "foi vencedor o voto do Ministro Aliomar Baleeiro, que invocou o Art. 145, § único, da Constituição vigente de 1946, segundo a qual "o trabalho é obrigação social" e "a todos é assegurado trabalho que possibilite existência digna". Indagava o Ministro se existia algum dispositivo que expressamente cominasse ao oficial punido "a sanção de não poder exercer na vida civil profissão que dependa dessa habilidade técnica".

Mais adiante reconhece: "O recorrente tem direito de comer. Do ponto de vista social, é preferível que ele trabalhe". O Ministro Adauto Cardoso interveio para dizer: "O ato de demissão não lhe tirou a classificação profissional. Ela permanece". O debate alongou-se e o acórdão proferido em sessão plena, por unanimidade de votos, deu provimento ao recurso (certidão de 14.8.1968, assinada pelo então presidente Luiz Galloti). O assunto foi encaminhado ao órgão competente da Aeronáutica, mas até hoje os aviadores cassados não tiveram licença para pilotar aviões."

Privados de exercer a profissão — observa Hélio Silva em outra passagem de **A vez e a voz dos vencidos** — os militares cassados "tiveram um triste consolo".

— Suas esposas receberam títulos de pensionistas como **viúvas** de maridos vivos, ou, como era dito pitorescamente na comunicação, de oficial "reputado falecido" (documento datado de 19.8.1964). Os filhos de oficiais cassados não tiveram mais ingressos em colégios militares, valendo recordar que o do Rio de Janeiro, nessa época, era dirigido pelo então coronel Newton Cruz. Houve ainda casos de eliminação de filhos de oficiais, que haviam passado à condição de "órfãos de militares". E mais: um edital do Ministério da Aeronáutica, de 30.4.1969, publicado no **Diário Oficial**, declarava a perda de validade das carteiras de identidade de uma lista de militares cassados, estabelecendo o prazo de 30 dias para a devolução das mesmas.

Outra questão a ser abordada no livro é a da eliminação dos cassados do quadro de sócios do Clube Naval, Clube Militar e Clube da Aeronáutica. Narra o historiador:

— Mediante **denúncia**, os três Clubes eliminaram todos os militares cassados, definindo o oficial assim punido como "não mais sendo compatível com o nível social do Clube, por haver sido atingido pelo Ato Institucional de 9 de abril de 1964, por atentado contra a segurança do país, do regime democrático e da probidade da administração pública". A tríplice acusação seria contestada nos processos a que responderam aqueles militares, afinal absolvidos por falta de provas. Anistiados, trataram eles de sua readmissão. O Clube Militar, em ofício de 5.10.1981, comunicou aos requerentes que, "em conseqüência da decisão do Conselho Deliberativo", exigia-se que a proposta de readmissão fosse acompanhada de: a) razões de sua inclusão nos atos punitivos da Revolução de 31 de março; e b) provas convincentes de que não professava ou de que havia abandonado as atividades comunistas. Dos 70 requerentes, apenas um logrou ser readmitido. O Clube Naval readmitiu alguns. O Clube da Aeronáutica, depois de várias demarches, recebeu de volta os requerentes.

Ainda no tocante às dificuldades dos punidos para adaptar-se à vida civil, Hélio Silva lembra que lhes foi sistematicamente negada a comprovação do seu tempo de serviço nas Forças Armadas.

— Nesse particular, houve detalhes curiosos. Um sargento da Aeronáutica recebia de um comandante da Base Aérea dos Afonsos uma declaração, "A quem interessar possa", de que era pessoa digna de confiança, correta nos seus procedimentos, dotada de elevado espírito de coletividade e possuidora de altos princípios morais. No mesmo mês (setembro de 1964), outro comandante daquela base, em declaração solicitada para obtenção de carteira profissional do Ministério do Trabalho, informava que o referido não era mais "sargento da Força Aérea Brasileira, tendo sido demitido ex-ofício por Decreto de 24.8.1964, de acordo com o Art. 7, § 1, do Ato Institucional de 9.4.1964" — aquele que punia por atentado à segurança do país, do regime democrático e da probidade da administração pública.

Além das condições frontalmente atentatórias aos princípios hierárquicos das Forças Armadas, verificadas quando da prisão de altas patentes militares, recorda Hélio Silva que as punições de natureza política estenderam-se à esfera econômica: "Nenhum cassado podia fazer transações bancárias. E um capitão-tenente, depois de concluir o curso de direito e classificar-se entre os primeiros num concurso para fiscal do imposto de renda, teve a sua nomeação sustada e só efetivada depois da anistia."

— Outros tipos de punição também pesaram. A cassação de medalhas, de condecorações de guerra e por bravura foi ampla. Atingiu até mesmo o General Pery Bevilacqua, neto de Benjamin Constant, excomandante de Exército, do Estado-Maior, Ministro do Supremo Tribunal Militar. Em 1935, a onda de anticomunismo gerada pela intentona inspirou uma providência de cassação de patentes de militares, contra a qual se levantou em protesto uma assembléia do Clube Militar. Essa reação provocou uma atitude do General Góis Monteiro, que repudiou a idéia, cuja autoria lhe fora atribuída. A reforma do Estatuto dos Militares pela Lei 6080, de 9.12.1980, em seus artigos 48, 118 e 120, inciso 3º, dá uma nova faculdade ao Conselho de Justificação regulado pela Lei 5836, de 5.12.1972. Mediante uma denúncia, por determinação do Ministro da Guerra, qualquer oficial, até um Marechal, pode responder a um Conselho de Justificação formado por três oficiais de patente superior ou igual à sua. Em processo sumário, no prazo de 30 dias, sem que o acusado tenha direito a defesa, a sua patente pode ser cassada e ele eliminado das Forças Armadas.

Balanço de um movimento

1964/1984

Processo de abertura

No dia 18 de junho de 1973, o Presidente Garrastazu Médici indicou o seu sucessor, Ernesto Geisel. Em reuniões sucessivas com o Ministério, os parlamentares da Arena e os Governadores, no Palácio do Planalto, o Presidente leu em voz alta o comunicado da escolha. O líder do Governo no Senado, Petrônio Portela, deu a notícia aos jornalistas. Com o dedo polegar em sinal de positivo, afirmou: "Está escolhido".

A eleição foi a 15 de janeiro de 1974. O Colégio Eleitoral deu redondos 400 votos a Ernesto Geisel, 76 a Ulysses Guimarães, do MDB, e houve 21 abstenções. Algo mudara. E o sinal dessa mudança estava menos na presença de um candidato da Oposição do que no fato de Geisel, do lançamento de sua candidatura à sua eleição, haver conversado com mais políticos do que Médici nos seus quatro anos de Governo.

Antes do fim do ano, realizaram-se eleições parlamentares, com o triunfo do MDB, no pleito para a renovação de um terço do Senado, em 16 Estados. Na noite de 18 de janeiro de 1976, o Presidente Geisel foi avisado em Brasília de que mais um preso político, o operário Manoel Fiel Filho, morrera nas dependências do DOI-CODI de São Paulo, dois meses depois da morte, também ali, do jornalista Vladimir Herzog. Geisel chamou o Ministro do Exército, General Sílvio Frota, e determinou a exoneração do Comandante do II Exército, General Ednardo D'Ávila Melo. Oficiais mais notoriamente ligados às atividades repressivas foram transferidos para diferentes pontos do país, de modo a desmobilizar-se, ainda que momentaneamente, a engrenagem do DOI-CODI. Era a primeira derrota dos até então incontrastáveis órgãos de segurança.

A distensão — "lenta e gradual", como a queria o Presidente — parecia acelerar-se. Mas ainda comportava retrocessos. Em abril de 1976 o AI-5 foi novamente acionado para cassar mandatos parlamentares e, um ano depois, Geisel punha o Congresso em recesso, depois de o MDB ter fechado questão contra a reforma do Judiciário proposta pelo Governo, que exigia algumas mudanças na Constituição.

O Congresso ficou fechado durante 14 dias. Geisel editou então o chamado **pacote** de abril: coincidência de todos os mandatos eletivos, transformação, em definitiva, da transitória Lei Falcão, que impedia o debate político no rádio e na televisão, e imposição dos senadores ditos **biônicos**.

A sucessão já estava na ordem do dia e as especulações davam conta de pelo menos dois candidatos a substituir Geisel: o General João Figueiredo, do SNI, e o General Sílvio Frota, Ministro do Exército. No Palácio do Planalto, havia partidários ostensivos da candidatura de Figueiredo, mas todos evitavam comentários que pudessem levar a idéia de que teriam ouvido do Presidente uma palavra de encorajamento. Em outubro de 1977, quando parlamentares favoráveis à candidatura do General Sílvio Frota, aparentemente apoiada pelos radicais dos órgãos de segurança, já se manifestavam abertamente no Congresso, Geisel, que já recusara a idéia de fazer do Ministro do Exército seu candidato, resolveu demiti-lo. E fez saber que a sucessão só seria tratada em janeiro do ano seguinte.

E em janeiro, no dia 5, Geisel proclamou o General João Figueiredo candidato oficial da Arena a seu sucessor. Essa escolha rompia uma ortodoxia: até então, os Generais convocados para a Presidência tinham todos quatro estrelas. Figueiredo só tinha três. A esse General, Geisel entregaria o país liberto dos Atos Institucionais e de outras leis de exceção, substituídos por salvaguardas constitucionais e medidas de emergência, que podem ser utilizadas pelo Presidente sem consulta ao Congresso.

Figueiredo, ao se saber eleito, afirmou que seu Governo seria "para abrir mesmo, e quem não quiser que abra, eu prendo, arrebento". Essa abertura teve seu momento maior na anistia, configurada em projeto enviado ao Congresso em 27 de junho de 1979. No dia 22 de agosto, foi transformado em lei, sancionada por Figueiredo a 28 do mesmo mês. Concedia anistia a todos quantos, no período compreendido entre 2 de setembro de 1961 e 31 de dezembro de 1978, cometeram crimes políticos ou conexos com estes, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores e militares punidos com fundamento nos Atos Institucionais e Complementares. Excluía os condenados por crimes de terrorismo, assalto, seqüestro e atentado pessoal.

As grandes obras

O ciclo das grandes obras dos Governos 1964-84 tem em seu monumento: a ponte Rio—Niterói (Ponte Presidente Costa e Silva), 14 quilômetros de extensão, nove sobre o mar, 27 metros de largura, capacidade para receber 50 mil veículos por dia. Custou Cr$ 1 bilhão (valor não corrigido) e só acabou de ser paga — mais de nove anos depois de inaugurada — em julho do ano passado, quando se venceu o último contrato de financiamento com o European Bank.

A obra foi iniciada em 1969 e se arrastou semiparalisada até 1971, quando se formou a Ecex (Sociedade Anônima de Construção e Exploração da Ponte), consórcio que a executou. Ao ser oficialmente entregue aos carros, em 5 de março de 1974, registrava em sua construção a ocorrência de 8 mil 125 acidentes de trabalho, com a morte de 72 pessoas.

Nos seus 10 anos de uso, comprovou ser um projeto autofinanciável: mais de 120 milhões de veículos deixaram em seus guichês de pedágio importância superior a Cr$ 6 bilhões. Essa rentabilidade ainda não lhe garantiu, porém, a complementação: a projetada via expressa Niterói—Manilha, 24 quilômetros de pistas que deverão eliminar os congestionamentos provocados pelas ruas estreitas de Niterói e São Gonçalo, permanece à espera de uma inauguração prevista para coincidir com a da ponte, há uma década.

A ponte Rio—Niterói era parte de um projeto de obras de impacto que tinha outro pólo na Rodovia Transamazônica, inicialmente esboçada como um corte transversal no país, da Paraíba ao Acre, cerca de 5 mil quilômetros. Optou-se afinal por extensão menos ambiciosa: os 2 mil 565 quilômetros que separam Estreito, no Maranhão, de Lábrea, no extremo Oeste do Amazonas.

Oficialmente, a Transamazônica começou a ser construída em 1º de setembro de 1969, para ser concluída no dia 4 de janeiro de 1972. Não foi possível: só chegou a Lábrea em julho de 1978. Tinha custo estimado em Cr$ 320 milhões, mas em 1972 já consumira Cr$ 700 milhões, cifra que cresceria para Cr$ 2 bilhões no final de 1974, em valores dessas épocas. Tida como concluída em 1978, apesar de exibir sempre longos trechos em péssimas condições, a rodovia sofreria em 1980 uma grande modificação de traçado, imposta pelas águas que viriam da represa projetada para a construção da hidrelétrica de Tucuruí. O primeiro cálculo avaliava a modificação em Cr$ 800 milhões.

Arquitetada nos marcos do Programa de Integração Nacional do Governo Médici, a Transamazônica deveria atrair para a região — segundo anunciava à época o então presidente do INCRA, Moura Cavalcanti — 500 mil famílias nordestinas. Em 1980, o próprio INCRA registrava ali a presença de apenas 10 mil famílias transferidas do Nordeste, a maioria em estado de quase completa miséria. Contrariando as previsões da época da construção da estrada, constatava-se que a migração se fazia, na verdade, de Oeste para Leste, isto é, do meio da Amazônia em direção ao litoral.

Uma terceira obra magna no setor de transportes se inseria no Programa de Desenvolvimento Ferroviário, aprovado pelo Presidente Ernesto Geisel em 18 de outubro de 1974; a Ferrovia do Aço, que deveria ligar Belo Horizonte a São Paulo, via Itutinga (MG) e Volta Redonda (RJ). Nesse mesmo dia, se anunciou que a obra estaria pronta em **mil dias**. A construção foi iniciada a 30 de abril de 1975, após a assinatura de contratos com 25 empreiteiras nacionais e sob a responsabilidade da Engefer, subsidiária da Rede Ferroviária Federal criada no ano anterior.

Quando os mil dias se cumpriram, não havia composições em circulação: só 53% das obras de terraplenagem, 22% dos túneis e 3% das obras-de-arte estavam prontos. A falta de recursos impunha tal morosidade à construção que a Rede Ferroviária chegou a sugerir a paralisação definitiva das obras. Em abril do ano passado, a Engefer informou que a estrada entraria em operação antes do fim de 1984; em junho, esse prazo foi dilatado para fins de 1986. Em julho, o Governo determinava a paralisação das obras e o presidente do Sindicato da Construção Pesada de Minas Gerais, José Guido Neves Figueiredo, revelava que, até maio daquele ano, a dívida da Engefer para com as empreiteiras era de mais de Cr$ 23 bilhões.

Modernização militar

Em relação aos militares, a política dos Governos oriundos do movimento de março de 1964 definiu-se com a fixação de prazos de permanência nos diversos degraus da carreira, para acelerar a rotatividade nos altos comandos e dificultar, assim, a formação de lideranças personalistas nos três ramos das Forças Armadas. Pretendia-se uma instituição militar de alto padrão profissional e desativada politicamente: determinou-se a reforma automática de militares que se candidatassem a postos eletivos.

Esse sistema de rotação, implantado no Governo Castelo Branco, fez com que a cada 12 anos seja renovado completamente o efetivo de Generais, Almirantes e Brigadeiros (antes, os oficiais podiam ficar como Generais por períodos que em alguns casos chegaram a até 18 anos). Após algumas alterações específicas em aspectos da carreira militar (o ritual de promoções, por exemplo), foi aprovado pelo Congresso e sancionado pelo Presidente da República, já no Governo Figueiredo, em outubro de 1980, o novo Estatuto dos Militares.

A nova ordenação modificou a anterior em três pontos principais: tornou explícito o artigo que proíbe os militares de participar de atividades políticas; melhorou o fluxo da carreira, através de promoções mais freqüentes; e concedeu novos benefícios econômicos e sociais aos militares da ativa e da reserva. O tempo de serviço foi diminuído de 35 para 30 anos.

No Governo precedente, do Presidente Ernesto Geisel, o acontecimento de maior repercussão no setor foi a denúncia, pelo Brasil, no dia 11 de março de 1977, do Acordo da Assistência Militar assinado com os Estados Unidos em 1952. O Acordo foi denunciado porque os Estados Unidos vinham examinando "matérias que, por sua própria natureza, são de exclusiva competência do Governo brasileiro". Seis dias antes da denúncia, o Brasil recusou 50 milhões de dólares em ajuda militar norte-americana, por não concordar em que essa ajuda se vinculasse ao exame da situação interna no país, no campo dos direitos humanos. No ano passado, seis anos depois da denúncia do Acordo Militar, Brasil e Estados Unidos assinaram em Brasília um acordo sobre pesquisas aeroespaciais, a ser executado por órgão de suas respectivas Forças Aéreas.

A denúncia do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos contribuiu para apressar o desenvolvimento da indústria bélica no país, já criada com o surgimento da Embraer, no Governo Costa e Silva, e da Imbel, no próprio Governo Geisel. Estruturada em 1969, a Embraer começou a produzir em 1971 e já em 1976 construía o 1000º avião. No ano anterior, ela marcara o ingresso da indústria aeronáutica brasileira no mercado internacional. No ano passado, ao lançar o seu mais recente avião, o **Brasília**, a Embraer foi saudada pelo Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Délio Jardim de Matos, como "o Brasil que deu certo".

A Imbel (Indústria de Material Bélico do Brasil) começou a operar em 1977. Em 1981, o Centro de Comunicação Social do Exército a definia como "empresa rentável, que se caracteriza pela eficiência". Em outubro de 1982, o Ministro do Exército, General Walter Pires, indicou para presidi-la o engenheiro José Luiz Whitaker, presidente da Engesa, empresa privada, a maior fabricante de armamentos do país. Em abril do ano passado, a Imbel anunciava que em 1983, pela primeira vez, seu balanço não apresentaria déficit.

O desafio energético

A questão energética — traduzida em usinas nucleares, petróleo, álcool e grandes hidrelétricas — foi uma preocupação dominante nos 20 anos de Governos militares, que conheceram êxitos e fracassos num setor em que o ponto mais controvertido e discutido foi o Acordo Nuclear firmado com a Alemanha Ocidental.

Esse acordo foi assinado em junho de 1975, sob críticas de muitos dos principais cientistas brasileiros. Eles se queixaram de não ter sido consultados e condenaram a pressa com que o programa nuclear para o país foi posto em prática.

Em maio do ano passado, o Governo revelava, pela primeira vez, o quanto já havia gasto no Acordo Nuclear com a Alemanha: o equivalente a 2 bilhões de dólares. O custo do Programa Nuclear brasileiro chegava assim a 3 bilhões 500 milhões de dólares, somados 1 bilhão 500 milhões de dólares investidos por Furnas na Usina Angra I, que não faz parte do acordo com os alemães.

Esses investimentos exibem os seguintes resultados: Angra I, freqüentemente paralisada para consertos, não consegue operar com toda a sua capacidade de 626 megawatts; Angra II e Angra III (primeira e segunda unidades do acordo com a Alemanha) continuam em fase de obras civis; Iguape I e Iguape II (terceira e quarta unidades do Acordo Brasil-Alemanha) tiveram sua construção suspensa; e a usina de **yellow-cake** de Poços de Caldas (MG) opera normalmente, mas produz apenas o que se deve pagar pelo que foi adquirido da Argentina e França para dotar Angra I de elementos combustíveis.

Em julho de 1976, por considerar que as reservas cambiais do Brasil não seriam suficientes para cobrir as despesas com a exploração e o desenvolvimento de campos de petróleo no mar brasileiro, o Governo decidiu firmar, com empresas petrolíferas multinacionais, contratos de prestação de serviços com cláusula de risco. Isso não implicaria — garantia o então Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki — ameaça ao monopólio da Petrobrás nos setores de pesquisa e exploração do petróleo no Brasil. E contribuiria, ainda segundo o Ministro, para viabilizar as perspectivas de auto-suficiência brasileira em petróleo, em 1985.

A partir de 1977, fecharam-se 144 contratos de risco. Mas em dezembro de 1983, o superintendente da área de contratos de exploração da Petrobrás, Luís Nascimento Reis, admitia que as empresas estrangeiras envolvidas nos contratos de risco estavam perdendo o interesse inicial, e procuravam negociar melhores condições para continuar a operar. As multinacionais petrolíferas já estariam "cientes de que, no país, não existe petróleo nas grandes bacias, e passaram a procurar outras regiões de exploração no mundo".

Em novembro de 1975, foi criado o Proálcool, com a meta principal de economizar divisas na importação de combustíveis. Sete anos depois, esse programa já produzira 20 bilhões de litros de álcool, o equivalente, em termos energéticos, a 107 milhões de barris de petróleo que deixaram de ser importados. Conseguira-se uma economia de divisas estimada em 4 bilhões 500 milhões de dólares. No ano passado, a indústria automobilística já dedicava de 70% a 90% de sua capacidade à produção de carros a álcool.

Em julho de 1975, o Governo anunciava que no Vale do Conde, no Pará, seria construída uma hidrelétrica para gerar 3 milhões de quilowatts e permitir a navegação no Tocantins, numa extensão de 2 mil 500 quilômetros, durante todo o ano. A hidrelétrica — Tucuruí — deveria entrar em operação em 1982.

A construção sofreu atrasos, prejudicada pelo escândalo financeiro que envolveu a Capemi Agropecuária, empresa que agiu desastradamente no desmatamento de uma parte da floresta a ser inundada pelo futuro lago formado pela barragem. As estimativas mais otimistas supõem que no Natal deste ano o primeiro dos 12 geradores de Tucuruí possa iluminar uma parte da Amazônia Oriental.

Em 1972, concluíam-se os estudos de viabilidade para a construção, no Rio Paraná, da Itaipu Binacional (Brasil-Paraguai), maior hidrelétrica do mundo. Onze anos mais tarde entrava em testes, que ainda continuam, a primeira de suas 12 turbinas, destinada a gerar energia para o Paraguai.

Em julho de 1983, o custo da construção de Itaipu chegava a 15 bilhões de dólares. Em setembro, revelava-se que a hidrelétrica era responsável por 3,5% da dívida externa do Brasil. Quando efetivamente concluída, Itaipu fornecerá ao país a energia de 6 mil 300 megawatts; quantidade muito além das exigências atuais ou previsíveis a curto prazo. Itaipu foi programada na expectativa de um crescimento econômico acelerado durante um largo período, o que não aconteceu.

Prioridades sociais

A primeira mensagem encaminhada pelo Presidente Castelo Branco ao Congresso Nacional tratava da criação do Plano Nacional de Habitação, que tinha por objetivos tornar possível o sonho popular de casa própria e estimular a indústria da construção civil. Em 21 de agosto de 1964, o Congresso aprovou a Lei 4 380, que criou o Sistema Financeiro de Habitação, com o Banco Nacional de Habitação como órgão central.

O Banco Nacional de Habitação mudou o mercado imobiliário brasileiro. E nos seus quase 20 anos de operação proporcionou cerca de 4 milhões de financiamentos habitacionais, beneficiando pelo menos 20 milhões de brasileiros. Apesar desses números expressivos, uma grande distância ainda o separa, porém, de sua meta primeira. Muitas vezes ele fugiu de seu objetivo social para financiar prédios comerciais e residências de alto luxo. E se vem mostrando cruel a sua forma de recuperar o financiamento das moradias: as prestações da casa própria constituem hoje, para todos os segmentos da sociedade, um dos maiores fantasmas do quadro de crise.

Depois da habitação, a educação ocupou lugar de destaque nas preocupações dos Governos pós-64. Profundas alterações no sistema de ensino, em 1966, 1967 e 1971, desencadearam uma ampla reforma educacional, de resultados ainda não de todo claros.

Educadores e mesmo autoridades do ensino têm apontado falhas na nova orientação, sobretudo na aprendizagem de primeiro e segundo graus. Criticou-se duramente, por exemplo, a obrigatoriedade da profissionalização no segundo grau, afinal corrigida por lei do Congresso Nacional, de 1982, que a tornou optativa, embora obrigando os currículos a obrigar aspectos de preparação para o trabalho. A fixação do mínimo de 18 anos de idade para a prestação de exames supletivos do primeiro grau também tem sido condenada.

Como aspectos extremamente positivos têm sido vistas a ampliação da obrigatoriedade escolar, de quatro para oito anos, e a exigência de especialização e licenciatura para dar aulas até a oitava série do primeiro grau.

Raízes da exceção

As eleições de 1965 — que resultaram na escolha popular de Governadores da Oposição para dois dos mais importantes Estados da Federação: Rio de Janeiro (Negrão de Lima) e Minas Gerais (Israel Pinheiro) — lançaram o Poder oriundo do movimento de março de 1964 na sua primeira grave crise. O Governo central reagiu com a edição, em 27 de outubro daquele ano, do Ato Institucional nº 2, que extinguiu todos os Partidos políticos então existentes e, em seu preâmbulo, proclamava: "A Revolução está viva e não retrocede".

Em fevereiro de 1966 novo Ato Institucional, o de número 3, estabelecia que "a eleição de Governador e Vice-Governador dos Estados far-se-á pela maioria absoluta dos membros da Assembléia Legislativa, em sessão pública e votação nominal". O mesmo documento decretava que os Prefeitos das Capitais passariam a ser nomeados pelos Governadores. Em outro artigo marcava a data — 3 de outubro de 1966 — do pleito indireto para a substituição do Marechal Castelo Branco na Presidência da República.

Essa troca não se faria sem embaraços. Uma candidatura estava posta desde o final de 1965, a do Ministro do Exército, Costa e Silva, e não era a do desejo do Presidente. Mas era inarredável. E Costa e Silva, antes mesmo da edição do AI-3, fez questão de deixar isso bem claro. Ao despedir-se de 3 mil oficiais que foram ao seu embarque para uma viagem de mês e meio à Europa e ao Oriente Médio, declarou: "Deixo o país Ministro e como Ministro voltarei". A frase significava que deixaria o Brasil candidato e candidato voltaria. E assim foi entendida.

Enquanto Costa e Silva viajava, Castelo Branco, em reunião com os Ministros militares, admitia a oficialização da candidatura, observadas duas condições básicas: garantia de continuidade do programa econômico-financeiro de seu Governo e escolha de um Ministro do Exército suficientemente forte para manter a disciplina indispensável aos objetivos do movimento vitorioso em 64.

Antes da posse de seu sucessor, Castelo Branco, em outubro de 1966, baixou novo ato, para cassar o mandato de cinco deputados federais. O presidente da Câmara, Adauto Lúcio Cardoso, resistiu, por entender que as cassações deveriam ser examinadas pelo Legislativo. Na noite do dia 20, o Governo cercou o Congresso com tropas comandadas pelo então Coronel Meira Matos, esvaziou o edifício e decretou um recesso parlamentar.

Empossado, Costa e Silva enfrentou a articulação de um movimento oposicionista suprapartidário, a Frente Ampla, que reunia, entre outros líderes, os ex-Presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart e o ex-Governador Carlos Lacerda. Durante as negociações para o estabelecimento dessa aliança, Lacerda foi ao exterior fazer as pazes com os seus dois antigos adversários, Juscelino em Lisboa e Jango em Montevidéu, no exílio.

A Frente Ampla teve duração efêmera, mas era crescente a contestação ao Governo, avolumada sobretudo depois da morte, no Rio, em 1968, do estudante Edson Luiz, durante uma manifestação de protesto. O descontentamento povoava as ruas, como se verificou na passeata que pôs 100 mil pessoas na Avenida Rio Branco. A crise institucional estava em marcha. Em dezembro, a Câmara negou licença para que fosse processado o Deputado Márcio Moreira Alves, que havia feito discurso considerado ofensivo às Forças Armadas. Foi o limite. No dia 13, Costa e Silva editou o Ato Institucional nº 5.

Era o reinício, em nível mais drástico, do processo de exceção. Legislativo em recesso, possibilidade de intervenção federal nos Estados, suspensão de direitos políticos, cassação de mandatos, suspensão de garantias constitucionais, demissões, aposentadorias compulsórias, confisco de bens, suspensão do **habeas-corpus**.

Costa e Silva, que antes da decretação do AI-5 incluíra, em junho de 1968, por meio de lei aprovada pelo Congresso, 68 Municípios em área de interesse da segurança nacional e, portanto, privados de eleger seus Prefeitos, adoeceu gravemente em agosto de 1969 e não pôde concluir seu mandato. Impedido do exercício pleno de suas funções, estas não foram conferidas ao Vice-Presidente constitucional, Pedro Aleixo, mas outorgadas, por Ato Institucional de 31 de agosto de 1969, aos Ministros militares: Aurélio de Lira Tavares, do Exército; Augusto Rademaker, da Marinha; e Márcio de Sousa e Mello, da Aeronáutica.

Com o agravamento fatal da doença de Costa e Silva (que viria a morrer no dia 17 de dezembro), os Ministros militares decretaram a vacância do cargo de Presidente e entregaram o problema da sucessão ao Alto Comando das Forças Armadas. Os militares se fixaram no nome do General Garrastazu Médici e o Congresso foi convocado para elegê-lo, no dia 25 de outubro. Já vigorava outra Constituição, outorgada pela Junta Militar no dia 17.

Subversão e repressão

Os levantamentos — possivelmente incompletos — das punições impostas pelos Governos militares indicam que 4 mil 877 pessoas foram demitidas, aposentadas, tiveram seus mandatos cassados ou os direitos políticos suspensos, desde 1964. Segundo o Comitê Brasileiro pela Anistia, há, ainda 36 "desaparecidos" e o número de mortos em confronto com as forças de segurança e nas prisões se eleva a 157. Os militares punidos com a expulsão das Forças Armadas, a reforma ou a cassação dos direitos políticos foram 1 mil 312. Estima-se que 10 mil brasileiros estiveram no exílio.

A contestação ao regime, no período, descambou para a luta armada e o terrorismo. Organizações clandestinas instalaram a guerrilha urbana nas principais cidades do país, com assaltos a bancos e a particulares, assassinatos, atentados e seqüestros de aviões e de figuras do corpo diplomático acreditado no país, como os Embaixadores dos Estados Unidos, da Alemanha Federal e da Suíça. Focos de guerrilha rural — por fim sufocados — espalharam-se por diversas regiões, como a do Araguaia (PA), a de Caparaó (MG) e a do Vale do Ribeira (SP).

A contra contestação subterrânea também recorreu ao terrorismo, com métodos como a explosão de bombas em locais públicos ou enviadas a algumas vítimas por via postal. Um desses atentados resultou em crise institucional. Foi o do Riocentro, em Jacarepaguá, na noite de 30 de abril de 1981. Ali, 18 mil jovens assistiam a um *show* musical comemorativo do Dia do Trabalho, quando uma bomba explodiu no interior de um automóvel estacionado no pátio, matando um sargento e ferindo um capitão do Exército, os ocupantes do veículo. O inquérito para a apuração dos fatos arrastou-se por meses e acabou arquivado. O resultado da investigação decepcionou os círculos políticos e setores do próprio Governo. Por discordar da solução dada ao episódio, renunciou o Ministro-Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, General Golbery do Couto e Silva, tido como estrategista da liberalização do regime.

DOCUMENTAÇÃO JB

DOMINGO

Revista do J... ...ão pode ser vendida separadamente — Ano 9 — Nº 413

A nova malha, ponto forte da moda

A MALHA DEIXA O ESPORTE

CARDÁPIO DE ANIVERSÁRIO

QUEM FAZ A FESTA CARIOCA?

é verdade

199 mil
APENAS

PRIMART

99 mil
APENAS

R. S. Luiz Gonzaga, 355/ 367
Tel.: 284-8042 — São Cristóvão

Av. Suburbana, 7328/ 32
Tel.: 249-3570 — Pilares

R. Nicarágua, 224.
Tel: 270-8493 — Penha

Av. Suburbana, 7268/ 78
Tels.: 249-5850 — 9486 — Pilares

DOMINGO

Cinema

Rio, 01 de abril de 1984 — Ano 9 — Nº 413

EM DISCUSSÃO A QUESTÃO NUCLEAR

Meryl vive uma técnica nuclear

As usinas nucleares, se provocam discussão onde quer que se instalem, são um rico filão para o cinema. "Síndrome da China", exibido há anos, mostrava Jane Fonda como uma repórter que testemunhava um acidente em uma usina. O filme foi um grande sucesso de bilheteria e crítica e o tema, então, se tornou uma constante. Agora, nos primeiros dias de abril, a Art Films lança "Silkwood, o retrato de uma coragem", de Mike Nichols, com Meryl Streep no principal papel.

Silkwood conta a história de Karen Silkwood (Meryl Streep), uma técnica de laboratríoio de uma usina de processamento nuclear, que morre em um desastre de automóvel minutos antes de se encontrar com um repórter do *The New York Times*, a quem iria fornecer provas de que a empresa que dirigia a usina expunha seus funcionários a contato direto com plutônio, metal venenoso e causador do câncer. No elenco, além de Meryl, Cher — aquela que nos anos 60 cantava ao lado do barbudo Sony — e Kurt Russell. O filme concorre a cinco Oscars da Academia de Hollywood. ■

Fotos: Art Films/divulgação

Ao lado de Meryl Streep, em "Silkwood, o retrato de uma coragem", a ex-cantora pop *Cher, um sucesso musical nos anos 60*

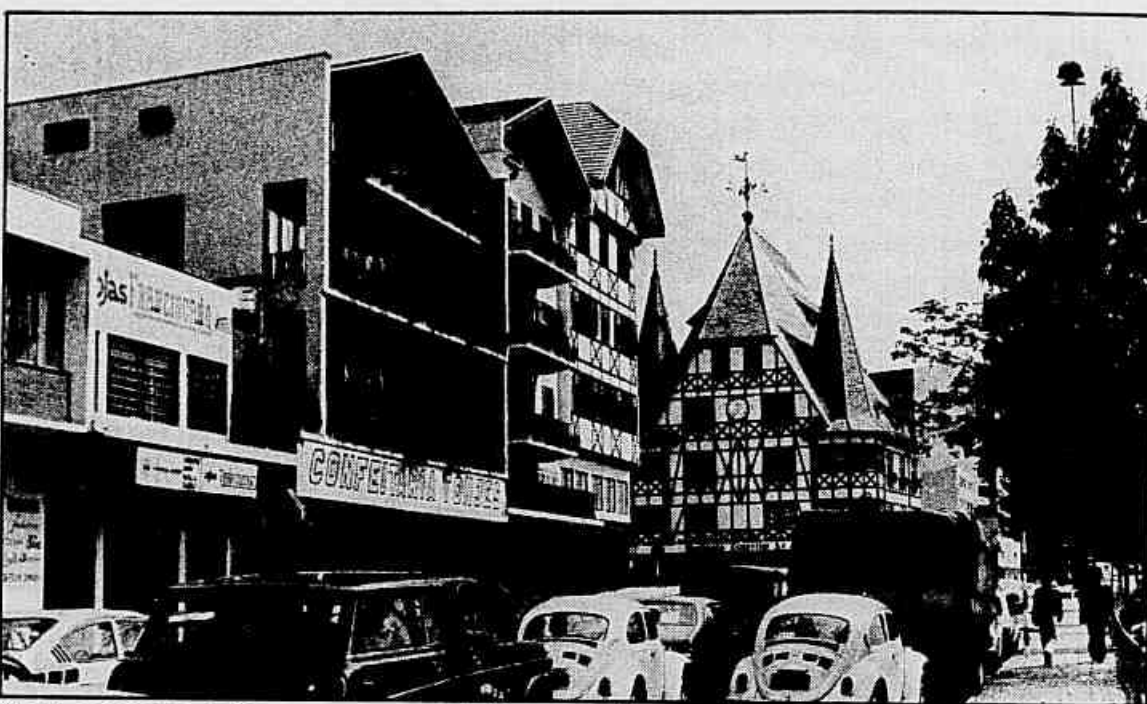
Capa: Evandro Teixeira fotografou Márcia Jardim, que veste roupa da Loop e usa bijuterias da Bijou Box

BEM VIVER - QUALIDADE ART

- Rua Conde de Bonfim, 807-B - Tels.: 571-5848 / **208-6798** / 208-4899 / 208-7345
- Av. das Américas, 2000 (parque de estacionamento do Freeway) Tels.: 325-4410 / 325-1477 - Barra

Turismo

DUAS CIDADES PARA A SEMANA SANTA

Fotos: arquivo JB

Boas compras estão nas casas catarinenses, de arquitetura germânica

A Semana Santa é um bom pretexto para viajar, conhecer cidades próximas, diferentes do nosso dia-a-dia de praia e trânsito. Escolha entre estas duas sugestões, a primeira ao alcance de uma viagem de pouco mais de uma hora; a segunda, um roteiro diferente

TERESÓPOLIS A SERRA E O INVERNO BEM PERTINHO

A 92 quilômetros do Rio, a mais de 900 metros acima do nível do mar, é cidade bem próxima, que tem gasolina aos domingos e um clima privilegiado, com a temperatura em torno dos 23 graus. Os ônibus saem da rodoviária Novo Rio, de 15 em 15 minutos, e a venda de passagens é feita no guichê do andar térreo, do terminal.

Uma diária de hotel tem preços médios em torno dos Cr$ 25 mil por casal, e a escolha pode ficar entre o Hotel Mon Repos, o Alpina (com 4 estrelas), o Center Hotel. Ou a Fazenda Boa Fé, um paraíso na Estrada Teresópolis — Friburgo, no Km 10; ou o Hotel Vila Nova do Paquequer, na Granja Guarani.

Em matéria de cardápios, as opções vão desde as pizzas e bebidinhas do Bate Papo, até as trutas do restaurante Gota d'Água, ou o comida russa da Dona Irene, que só atende com reservas. A Taberna Alpina já é famosa pela comida internacional e a Casa Mickey com seus doces húngaros é um ponto obrigatório de parada. A cidade acolhe bem seus visitantes, mesmo os que vão só por um dia, para variar de ares.

BLUMENAU PARA BOAS COMPRAS

Uma cidade diferente das similares do interior do Brasil, com suas casas em estilo alemão, o povo louríssimo, falando alemão, e uma viagem deliciosa, que passa por Curitiba, Joinville, Itajaí, Aparecida do Norte, saindo do Rio. Este roteiro todo leva apenas cinco dias, nas excursões de ônibus da Jamari Turismo, e o maior objetivo do passeio é o prazer das compras em Blumenau. Quem sai do Rio pode estranhar as ruas simples, as lojas de decoração despretensiosa ou antiga. Mas as ofertas e novidades atraem para artesanatos tipicamente germânicos (bonequinhos de madeira, objetos de bambu); toalhas de banho, vendidas a quilo, em modelos que muitas vezes são de exportação: tem um fiozinho imperceptível puxado, já são consideradas saldos pelos fabricantes. Os cristais e malhas também oferecem oportunidades boas. A Semana Santa é o período ideal para esta viagem, porque as chuvas dão lugar a dias de sol suave, e o calor (fortíssimo nos vales de Santa Catarina, como o vale do rio Itajaí-Açu, onde fica Blumenau) abrandou. ■

GUERREIRO/DURAN/PEQUENO
INVERNO 84
alice tapajós
Rua Visconde de Pirajá, 351
Fórum de Ipanema - Ipanema - RJ
Rua Carlos Góes, 234
Loja B - Leblon - RJ
Jm

A malha ganha importância inédita neste ano. Não só o clássico tricô, que faz belos casacos, em linha de algodão, que parece a lã mais rústica. Não só as suedines, as malhas de linha, que viram longas suéteres e *tubos* listrados. Mas também o *molleton*, a malha que entrou há pouco tempo no nosso guarda-roupa, através dos blusões de *training*. Desta vez, porém, o visual está longe de lembrar corridas e jogos: a moda do novo *molleton* é *chic*, sofisticada, com a vantagem adicional de ser extremamente usável, gostosa de vestir o dia inteiro.

MOLLETON

A MALHA ESPORTIVA QUE AGORA É CHIC

O **conjunto** *de calças com bolsos e camiseta de corte quadrado tem a assinatura em contrastante azul-real, tudo em* **molleton** *negro e fosco (Georges Henri); bolsa a tiracolo, tipo crocodilo (Carmen); brincos Zau/Georges Henri; pulseira de correntes (Bijou Box); Vania (à direita), com o* **molleton** *misturado à seda, no blusão curto e saia-envelope (Andrea Saletto), lindo para dia e noite. Com sapatos afivelados (Tereza Gureg); brincos e bracelete de metal retorcido (Zau para Georges Henri).*

Produção: Arliette Rocha e Rita Moraes
Fotos: Geraldo Viola

SAIAS E CALÇAS SEGUEM A LINHA DA AMPLIDÃO

A *mplidão: é a palavra-chave para este estilo, e o molleton acabou sendo o tecido perfeito, porque é leve e tem uma queda de pesado. À esquerda, a saia longa e túnica em tom uva (Letícia Lamah), com cinto de borracha (Gureg), botinha de cano curto e desabado (Gureg); Vânia veste a saia com cós sanfonado e caído (Letícia Lamah), camiseta branca com cardigan preto (Maria Bonita). Sapatos, sempre baixos (Gureg) meias foscas (Georges Henri). À direita, as variações em torno de calças. Com longa camisa sem colarinho (Maria Bonita); sapatos de tiras cruzadas (Gureg); pulseira (Georges Henri). Com casaco quase-quimono (Andrea Saletto); camisa de seda no mesmo tom azul-real (Alice Tapajós) e calça preta, com barra sanfonada (Maria Bonita).*

A NOVIDADE ESTÁ NO FORRO

Uma lembrança do training na malha mesclada, um toque do estilo japonês, com a adaptação de Marília Valls, no casaco todo forrado de tecido vermelho, gola desabada, e combinando com a calça curta e larga (Blu-Blu). Sapatos de cano caído (Gureg). As trancinhas do cabelo de Vânia são feitas por Kali, especialista neste penteado de origem africana, do salão Afonjá.

ONDE ENCONTRAR

Andrea Saletto: Shopping da Gávea, 3º andar; **Georges Henri**: R. Santa Clara, 70; **Maria Bonita**: R. Vinicius de Moraes, 149; **Alice Tapajós**: R. Visconde de Pirajá, 351; Blu-Blu: R. Vinicius de Moraes, 111; Letícia Lamah: R. Constante Ramos, 44 s/1101; Tereza Gureg: R. Visconde de Pirajá, 595 s/218; Marco Sabino: R. Visconde de Pirajá, 547, s/1102; Carmen: R. Visconde de Pirajá, 547; Afonjá: Av. Princesa Isabel, 252 cobertura 02; Bijou Box: R. Farme de Amoedo, 35; Zau: R. Henrique Dumont, 68-H

LACA ITALIANA POLIESTER MOGNO

PELE DE CABRA (NATURAL OU COLORIDA)

CRISTAL REAGIDO CRISTAL C/JATO DE AREIA

OSSO · ESPELHOS CHIFRE METAIS.

ACRESCENTANDO A ESSES MATERIAIS

CRIATIVIDADE, LEVEZA DE LINHAS,

DEDICAÇÃO MILIMÉTRICA E ENTREGA

RIGOROSA, VOCÊ TERÁ O MÓVEL PERFEITO.

ESTE É O ESTILO WAY, O MELHOR CAMINHO.

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

O MÓVEL PERFEITO

AAG

Shopping Center da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 323 - Tel.: 294-3748
Barra da Tijuca - Avenida Armando Lombardi, 33 - Rio de Janeiro

Tome nota

A ACIDEZ DAS MALHAS

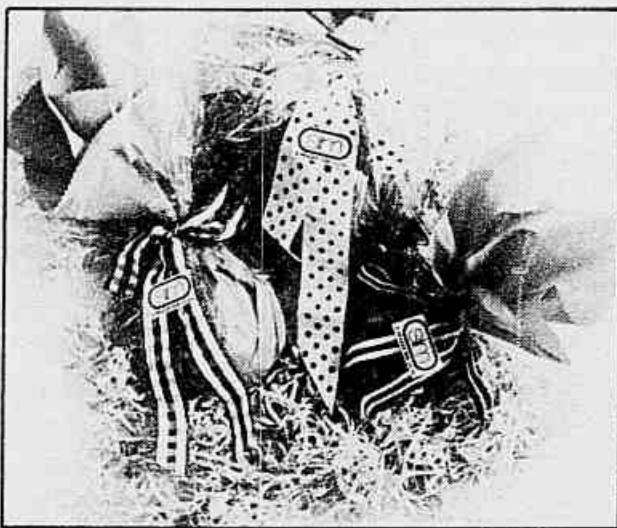
● José Augusto Bicalho completou sua coleção de inverno, lançando agora uma série de malhas e tricôs, tipo peso-pluma, com maxiblusas de jérsei de seda, *pulls* de mescla e camisetas com estampas gráficas já com as cores ácidas (laranjas e verdes-néons). (R. Figueiredo Magalhães, 219 s/906).

Um novo estilo para o Clube de Volta Redonda

CLUBE NOVO E BEM DESENHADO

● A sede do Clube dos Funcionários da Cia. Siderúrgica Nacional ganhou novo projeto, com o desenho contemporâneo, e que deu o 1° prêmio no Concurso do Plano Diretor, instituído com o apoio do Instituto de Arquitetos do Brasil — IAB — aos arquitetos Carlos Alberto Bittar, Eduardo Rocha e Rosete Nascimento.

Páscoa

Este ano teremos a Páscoa no dia 22 de abril, daqui a pouco menos de um mês. E já temos idéias novas para a temporada dos chocolates:

Chocolate que não engorda, nos ovos da Slim

● Como não resistir aos ovos de chocolate, e não engordar? Procurando os ovos da Slim, de São Paulo, que fabrica estas delícias com leite puro desnatado, açúcar Frutose e chocolate de baixa quantidade de calorias, ideal para diabéticos e pessoas que seguem regimes. Os ovos *saudáveis* têm quatro tamanhos, desde 20 gramas a meio quilo, e são vendidos na loja Slim de São Paulo (R. Oscar Freire, 969). Mas quem não mora em São Paulo pode encomendar pelos telefones 852-2706 ou 282-4814, e a Slim despacha para todo o território nacional.

● Attílio Baschera, *designer* de decoração, criou um padrão inspirado nos coelhinhos, para a coleção de cama e banho de bebê. Bichinhos coloridos, em desenho imitando colcha de retalhos, aparecem em lençóis, fronhas; só o leve traço de contorno colorido marca os acolchoados, toalhas de banho. Como sugestão de presente de Páscoa, a coleção tem sachês perfumados, com a mesma estamparia, para espalhar por toda a casa o *cheirinho de bebê*. A novidade de Baschera está na Biancheria (em São Paulo, na Av. Brigadeiro Faria Lima, 560, 8° andar).

● E a Kopenhagen, o endereço famoso das compras chocolateiras, agora tem moda também: é etiqueta de *jean*. Mas os modelos não serão vendidos nas lojas de chocolates, e sim numa cadeia de lojas sofisticadas.

O *Massimo* em Teresópolis

● Teresópolis, segundo os conhecedores, possui um dos melhores *fondues* do Brasil, que é feito nas cozinhas da Taberna Alpina, um dos restaurantes mais tradicionais da cidade. Agora, tem um restaurante italiano que também provoca água na boca dos apaixonados por culinária. É *La Taberna di Massimo*, que fica na Praça John Kennedy, 10, no bairro do Alto, que entre massas e especialidades em carnes com tempero italiano, possui mais de 150 títulos.

Um curso que relaxa

● O médico Marcos de Castro inicia no próximo dia 9 de abril um curso de relaxamento e meditação e automassagem terapêutica, para pessoas que desejam obter o maior **relax** possível. O curso vai durar quatro dias, custa Cr$ 15 mil e as inscrições podem ser feitas pelos telefones 274-3875 e 235-5667.

O COMPUTADOR EM CASA... E NO ATELIÊ

● A utilização do microcomputador doméstico começa a fazer parte do dia-a-dia, melhorando o desempenho nas atividades rotineiras. Ou até nas criativas, como demonstram estes cursos da Socius:

— Introdução aos microcomputadores: às terças e quintas-feiras, das 18 às 20h ou das 20 às 22h., para turmas de 16 alunos, que, depois de 16 horas de carga horária saberão os fundamentos básicos para a programação de computadores.

— *Artes plásticas e o computador:* uma oficina de artes plásticas, para os interessados em experiências artísticas, explorando a linguagem do computador. Às segundas e quartas-feiras, das 15 às 17h (Inscrições na R. Marechal Mascarenhas de Moraes, 156. Tel: 235-5412).

Grátis!

● Uma aula do curso de teatro, promovido pelo jovem grupo Casarão. Os interessados no curso de preparação de atores podem facilitar sua decisão, assistindo a esta aula. O curso completo dura 6 meses, com duas aulas semanais, e mensalidade de Cr$ 25 mil. (Informações pelo Tel.: 245-6269. R. Alice, 146)

● Amostras de creme de amêndoas, bronzeador, hidratante, *shampoo*, desodorante e perfume, para quem comprar qualquer produto da Lim + Cia. em lojas que vendem esta linha. A promoção vai até maio, e cada loja deverá distribuir um brinde por dia. Vá correndo, para ser a primeira! (Alguns endereços: Saks no Shopping Rio-Sul; Lerfa-Mu, na R. Capitão Salomão, 11 loja D; na Firense, R. João Lira, 97-A)

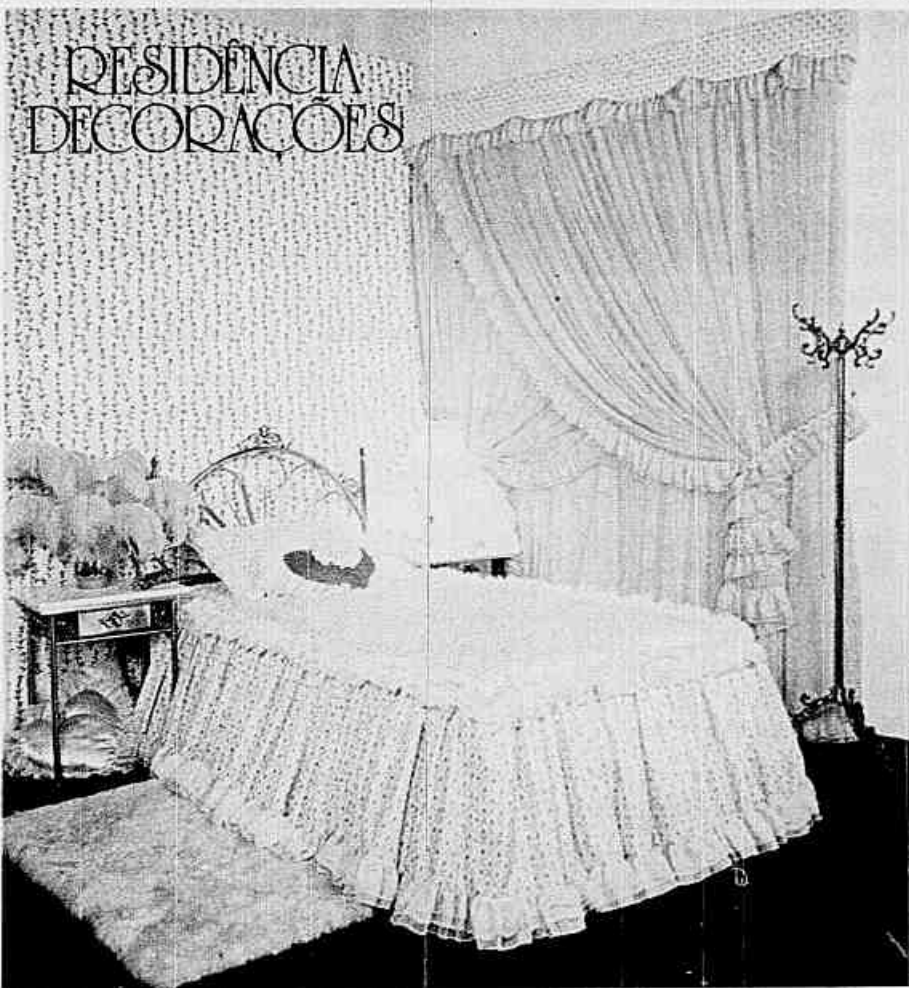
Ervas na cabeça

● O Gossip Studio (Av Ataulfo de Paiva, 1079, 2° andar) está lançando um novo método de tratamento à base de ervas para recuperação dos cabelos danificados pela praia, através de aplicações de ultrafreqüência para reativação do bulbo capilar. Além disso, o maquilador Dario Filho criou uma fórmula natural para *peeling* que elimina as células mortas. Vale a pena experimentar!

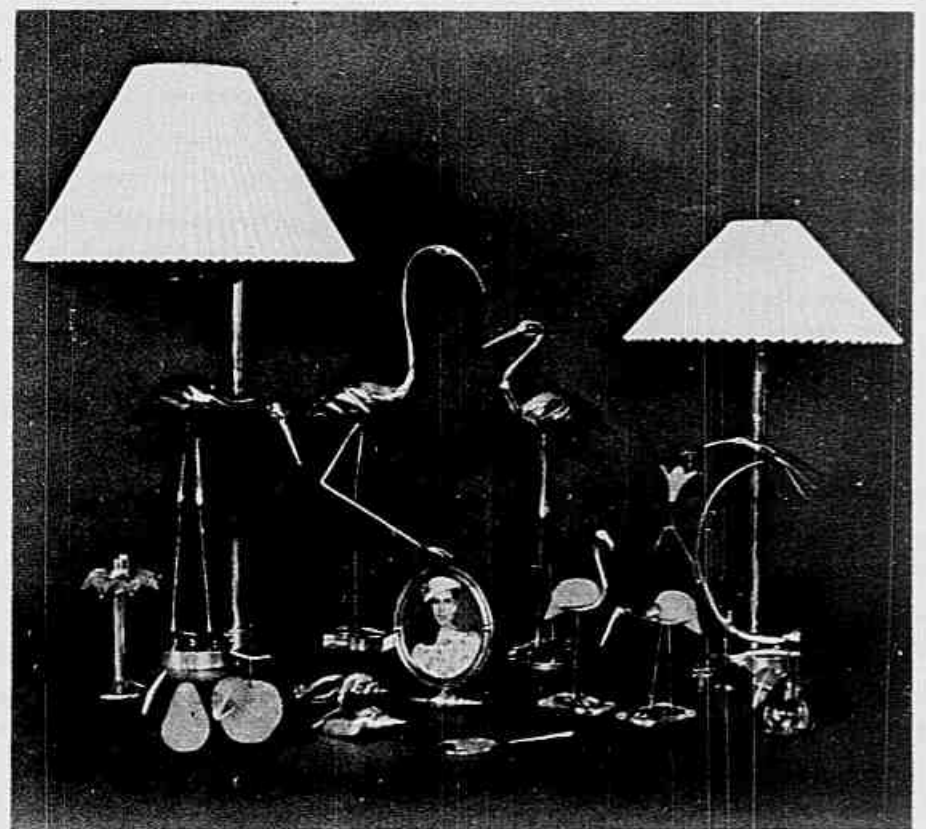
Aditivos para a ginástica

● A Master-Cooper, que fabrica acessórios para aumentar os efeitos da ginástica (pesos para tornozelos, punhos) aceita pedidos pelos telefones (011)221-0206 ou (011)222-2011, em São Paulo.

RIODESIGNCENTER

Seleciona as melhores griffes do momento

CORTINAS
PAINÉIS
TAPETES

PAPEL DE PAREDE
COLCHAS E ALMOFADAS
EM MATELASSÊ

Estrada do Galeão, 1670 - Tel.: 393-7942 / Ilha - Rio

France Design e Objetos de Arte

Criação e Fabricação de Objetos finos.
Adornos para Presentes e Móveis de Acrílico.

VENDAS P/ ATACADO E VAREJO NA FÁBRICA E SHOW-ROOM
Av. Itaóca 1953 - Galpão 15 - Tel.: 290-0897 - Bonsucesso - Rio

POLIFORMA DESIGN

QUARTOS DE CRIANÇA — ARMÁRIOS EMBUTIDOS
COZINHAS — BARES — ESTANTES
CAMAS — MESAS — CADEIRAS

SHOW-ROOM:
Av. Ataulfo de Paiva, 270 - Loja 302
Tel.: 294-6996 - Rio Design Center

FÁBRICA:
Av. Itaóca, 1953 - Galpões 8 e 13
Tel.: 230-2991 - Bonsucesso

Produção e agenciamento: Abel Cabral - 256-9956

QUAL É O SEGREDO DO SUCESSO?

ZELIA PRADO

Ninguém mais festeiro do que o carioca, para quem os aniversários são o primeiro motivo para uma boa comemoração. Depois disso, casamentos, inaugurações genéricas, brindes por quase tudo. Em plena recessão, o divertimento ganha destaque e continua enchendo a agenda, o ano todo. Em matéria de promover um acontecimento, Ana Maria Tornaghi sabe tudo, ou quase tudo. Alegre, festeiríssima por puro talento e profissão, é, há alguns anos responsável pelo sucesso de centenas de festas, recepções, congressos internacionais e qualquer tipo de evento que exija a reunião de um grupo de pessoas. Para Ana Maria, uma festa perfeita requer algo mais do que simplesmente abrir o caderninho de telefones e chamar gente para um bate-papo.

— Eu acho que em primeiro lugar está a infra-estrutura, a organização de cada detalhe que fará o conjunto e o sucesso. É preciso que as pessoas encontrem exatamente o que esperam, ou muito mais, o que é ainda melhor. Tudo importa: como decorar, o que servir, a música ambiente e, fundamental — uma lista de convidados que reúna pessoas maravilhosas e de preferência nenhum *chato*. A partir daí, a receita dependerá do que vai ser comemorado — inauguração de casa nova, aniversário, noivado, festinha infantil, discoteca. Ou simplesmente a melhor das comemorações, no meu entender, que é simplesmente reunir gente que se gosta para passar uma noite agradável, conversando, comendo uma comidinha deliciosa, ouvindo boa música. Outro segredo que é a alma da festa; o *astral* da dona-de-casa, pesando mais do que uma residência fantástica ou muito requinte.

Gente feliz dá sempre ótimas festas, mesmo que num quarto e sala, com alguns almofadões jogados pelo chão. A casa em si, é claro que ajuda, mas os anfitriões são sempre os responsáveis pela harmonia de uma renião social que deixe boas lembranças.

Na própria casa, Ana Maria Tornaghi recebe informalmente. Conta com poucos empregados, mas acha importante que num dia festivo eles estejam sempre trabalhando com a maior boa vontade, o mesmo valendo para o músico que ficará ao piano, ou para o jardineiro que preparar o jardim. Aí entra o seu olho clínico na escolha de uma equipe que, tanto para uso doméstico quanto para as recepções que organiza, seja de primeiríssima qualidade. Habituada a improvisações incríveis, ela já conseguiu um piano transportado em meio da noite para animar um jantar e, como num milagre, multiplicar a comida que seria de 30 para 100 pessoas.

Na casa de Ida e Henrique Schiller de Mayrinck, as reuniões são sempre à base do almoço, com direito a banho de piscina e jogo de tênis. Uma regra fundamental é estar à vontade, levar as crianças e deixar o dia correr. Mãe de três filhos (14, 8 e 6 anos), Ida considera que seria impossível receber solenemente sem afetar demais a vida da família.

— E nem temos temperamento para grandes formalidades, pelo menos aqui em casa. Meu filho grava as fitas, escolhe a música e então temos um cardápio musical que vai de Michael Jackson a Frank Sinatra, muito bem temperado e sempre agradando todo mundo. Prefiro receber para almoçar porque a piscina e o tênis podem ser aproveitados e num clima de Rio, isso evidentemente agrada mais às pessoas. Gosto de servir uma *mousse* de bacalhau que já ficou famosa, mas não imponho. Alguns amigos preferem uma comidinha caseira, como o Zózimo, por exemplo, para quem há sempre um picadinho ou uma carne assada, assim também como a comida das crianças, outro *menu*. Faço tudo em casa, reúno sempre o mesmo grupo de amigos queridos e para mim este é o segredo de uma festa sensacional: pessoas que se gostam (mesmo de interesses e idades totalmente diferentes), um clima gostoso de intimidades e nada de cerimônias.

Habituada a receber, como ela mesma diz, desde que se entende por gente, a paulista Regina Marcondes Ferraz é, com o marido Paulo Fernando, um dos casais que mais recebe em seu apartamento da Avenida Atlântica.

— Eu acho que toda a alma da festa está numa lista de convidados irrepreensível, misturada, divertida. Uma boa festa reúne conversas diferentes, muita alegria, um artista, um intelectual, um homem de finanças, enfim, comida farta e deliciosa, boa bebida, música sem parar, da melhor qualidade. Quando é uma recepção grande, eu prefiro usar os serviços do Caruso, mas em pequenas reuniões eu mesma organizo, já que para mim esse tipo de atividade é quase como uma segunda natureza, exatamente porque tanto eu quanto o Paulo Fernando somos pessoas muito alegres e gostamos de ter convidados em casa. Então presto sempre muita atenção ao *menu* e recebo mais para jantar. Em São Paulo, por exemplo, eu preferia os almoços, que combinam mais com a cidade e o clima. No Rio, não. Até ▶

porque, é importante, para quem mora de frente para o mar, usar a própria paisagem como *décor* natural, aproveitar a noite. Tanto que a melhor das minhas festas é sem dúvida o *réveillon*, quando da janela a gente vê o espetáculo mais bonito desta cidade, as pessoas sempre se deslumbram e muitas descem até à praia. Agora, o ideal de toda a festa e quando a dona-de-casa movimenta-se com a mesma tranqüilidade dos convidados e disso eu nunca abro mão. Organizo tudo com antecedência e cuidado, não deixo coisa alguma para a última hora e aproveito cada momento. Junto aos convidados, não sou a dona da casa, sou um deles. E evidentemente, fica tudo entregue aos empregados que sabem agir diante de qualquer situação. É claro que nesse ponto eu tenho motivos para confiar: uma ótima cozinheira está comigo há 5 anos e os empregados acabam incorporados à família, por tempo de casa. Quanto ao meu desempenho na cozinha, até que não é mau. Faço uns pastéis deliciosos, mas estes, são só para nós — uma *curtição* — muito em família.

São famosas as especialidades árabes em casa de Josephina Jordan e igualmente famoso o requinte de suas recepções, muito embora já há algum tempo ela não receba com a mesma freqüência de antes.

— Dar uma boa festa significa combinar bem os grupos e saber quem vai bem com quem. Outra coisa importante é a dona-de-casa fazer-se uma das convidadas e jamais a supervisora atenta, espécie de fiscal, quando isso já deveria ter sido feito antes da festa. Uma anfitriã tensa e preocupada é um desmancha-prazeres e afinal, ninguém é obrigado, coagido a receber convidados em casa. Então, só se justifica por um enorme prazer. Particularmente eu não gosto de comemorar o meu aniversário, mas adoro quando é o de minhas filhas Dalal e Aniela, vejo sempre motivos para homenageá-las. Quanto à fama de minhas recepções, não tenho segredos especiais. Sempre misturei comida árabe com um *menu* tradicional, sempre usei receitas antigas e supervisiono a decoração dos pratos e bandejas, dou o meu toque. A culinária ficou sempre a cargo de uma cozinheira que ficou 32 anos em minha casa e assimilou, com perfeição, aquilo que ensinei — quer dizer, tudo depende também da ajuda que se pode ter na própria casa. Não destaco uma festa inesquecível a que tenha comparecido aqui, mesmo porque acabaria por suscetibilizar amigos queridos, mas, sem dúvida, as festas portuguesas são sempre impressionantes e me deixaram grandes saudades. ∎

C O T E

UM NOVO TOQUE PR

A vitrine da loja, acima, no Fórum de Ipanema. Márcia e sua roupa típica: camiseta e jaqueta de jeans, mais os cabelos curtinhos

Quem faz a moda: MÁRCIA PINHEIRO

IESA RODRIGUES

Moda é questão de trabalho e criatividade. Assim demonstra a história do sucesso de Márcia Pinheiro, sua etiqueta e loja do mesmo nome. Há cinco anos, Márcia estudava Economia e resolveu abandonar a Faculdade no segundo ano. Indecisa, trabalhou um pouquinho como produtora de moda, foi compradora de loja e em dois meses achou que deveria abrir sua própria *boutique*. Mas o investimento era alto demais, o capital só dava mesmo para abrir uma pequena confecção, com uma costureira amiga. Fez alguns modelos, e recebeu um pedido de 500 peças. "Passei seis meses trabalhando para entregar! Nem sabia que existia máquina de corte, porque não tinha um amigo que tivesse confecção, meu circuito era outro". No ano seguinte, mandou um mostruário para São Paulo, e em dois anos já tinha uma pronta entrega na casa da mãe. Fazia desfiles para as amigas na garagem, e começou a ser descoberta pelas revistas e jornais especializados.

— Nesta época, a minha família achava um absurdo, deixar os estudos e ser comerciante, mas quando casei, meu marido deu a maior força. Agora, só tenho medo de cair no buraco entre a pequena empresa e a grande indústria. A produção fica entre 5 a 6 mil peças mensais, e não pretendo aumentar. É melhor variar, fazendo sapatos, cintos, sempre dirigida à classe A, que não sente tanto a recessão, porque as *boutiques* que vendem para a classe B podem entrar em dificuldades, e se elas não pagarem, desestrutura toda a confecção.

E como é a moda de Márcia? No princípio, eram vestidos de jérsei e modelos esportivos, porque cabiam nas malas que eram levadas pelo Brasil inteiro, para serem vendidas. Depois, foram as jaquetas e minissaias de *jeans*, com blusas brancas, de babados e rendados românticos, que *estouraram* em um Janeiro Fashion Show. Agora, a linha tem extravagâncias como os sapatos pintados, no estilo japonês dos rabiscos — que custavam Cr$ 30 mil e acabaram em menos de uma semana. "Vou crescer mais nos sapatos, criados por mim e feitos pela Czarina".

E a rotina de trabalho, se é que existe?

— Na época dos desfiles, trabalho até as 3 horas da manhã e dependo de muita gente, que faz os acessórios. Nos meses de menos trabalho, viajo pelo mundo, para ver as novidades. Aprendi a ter coerência, para marcar o estilo. Afinal, todo mundo viaja e traz os mesmos modelos para copiar. Se não se criar, desenvolvendo uma linha própria, não dá para ter destaque. Agora, acredito no mantô-vestido, feito de linho. Na malha e tricô rústicos, na malha índigo e muito azul-marinho, que eu adoro. O *jean* rabiscadinho está vendendo muito, eu vi em Tóquio.

Jovem, casada e com filhos, Márcia mudou a cabeça da família: agora todos trabalham na sua firma, que tem crescido 170% ao ano. "Só desligo do trabalho quando viajo. Aí, vou ao cabeleireiro, de tarde tomo chá. Até com o menino mais velho já viajei para a Europa, ele muito satisfeito, o dia inteiro junto com a mãe, no seu carrinho. Ele adotou o horário dos pais, dorme tarde, janta tarde."

E a explicação do sucesso, para uma vida profissional aparentemente tão comum?

— Não tive base nenhuma de confecção, nem de comércio. Só tenho bom gosto e trabalho muito. Quem se dedica consegue vencer. Mas tem que trabalhar mesmo, sem pensar em horário, tirando só um salário, sem pensar em lucros rápidos, e não tendo nem fim-de-semana." ■

40%
DESCONTO

Robertão

Av. 28 de Setembro, 393 — Vila Isabel — Tel. 208-7297
Rua Marques do Paraná, 191 — Niterói — Tel. 719-2633
Rua Barão de Mesquita, 726 — Tijuca — Tel. 288-4246
Rua Pedro Américo, 77 — Catete — Tel. 205-5549
Rua João Vicente, 67 — Madureira — Tel. 350-5151

TEIGON
ESTOFADOS

R. Boente Publicidade • Alex,

O RIO AINDA É

Fotos: Rubens Monteiro

Grandes anfitriões das sessões privés de cinema Harry e Lúcia Stone

Baby e Evinha Monteiro de Carvalho, presenças constantes

Dr Ivo Pitanguy com Marilu, uma das conversas mais inteligentes dos salões elegantes

Helinho Ferraz e a rainha do Hippopotamus, Danusa Leão

Regina e Paulo Fernando Marcondes Ferraz, um casal 20

Carlos Carvalho e Maria Raquel, em noite de gala

Joy Pessoa Moggi com Márcia Kubitscheck e o bailarino Fernando Bujones, em noite black-tie

A eterna Marta Rocha com sua nora Maria Tereza Piano e Piano

Myrtia e Tony Galloti com Uta Patiño, sempre muito requisitados para os principais acontecimentos.

UMA FESTA

Josephina Jordan, Gisela Amaral, Dalal Achcar e Lais Gouthier, as grandes damas da sociedade brasileira

Caviar beluga, saumon fumé, champã francês *e* scotch *12 anos são, nos tempos bicudos em que vivemos, artigos praticamente invisíveis nos salões da sociedade carioca. Contudo, um pequeno mas seleto grupo, continua vivendo uma grande festa e provando que, mesmo em tempos de crise, é possível viver bem e, sempre, com o melhor. Para isso, é preciso ter talento. DOMINGO, no dia que comemora seu oitavo aniversário, destacou o repórter fotográfico Rubens Monteiro para mostrar a seus leitores as pessoas que continuam fazendo do Rio uma grande festa. Aqui, ele dá seu depoimento sobre os* festeiros *cariocas.*

Lourdes Catão e Helcius Pitanguy, dois habitués do jet-set *internacional*

O internacional Jorginho Guinle com sua Maria Helena

Festas, todo mundo dá, mas como aquelas citadas em colunas sociais, só algumas *locomotivas* da sociedade sabem proporcionar.

Não é à-toa que são famosas as recepções oferecidas por Carmem Mayrink Veiga, os fins de semana na ilha dos Pitanguy em Angra — quase sempre em torno de personalidades internacionais — ou então a feijoada carnavalesca de Ricardo Amaral no Hippo, sem fins lucrativos e organizada só para amigos *colunáveis*, selecionados a dedo. Vale a pena mencionar também as festas fantásticas oferecidas por Regine em seu recém-inaugurado Regine's.

Há que se render homenagens ao talento deste e de outros anfitriões ao proporcionarem *happenings* irrepreensíveis, além de *badaladíssimos*.

Qual seria a fórmula a ser seguida para se realizar acontecimentos, ao menos semelhantes a estes, e com grande repercussão?

Há quem aposte no "traje a rigor" ou "*black-tie*", como postura obrigatória para tornar elegante do coquetel *souper* ao vernissage em espaços alternativos. Isto, entretanto, não procede, uma vez que se pode estar elegante, e muito, em traje esporte bem descontraído — dependendo de quem o vista, é claro.

Só não vale exigir dos convidados o tal de "esporte fino", pois existe o risco de deixar na dúvida os que pretendem comparecer à sua festa de tenista, com tênis prateado ou em trajes de hipismo com botas douradas, talvez.

Muitos pensam que o *chic* da festa seja a *mordomia* que traduz abundância de *champã* francês, *scotch* da melhor procedência e outras quinquilharias como *saumon fumé* e caviar beluga. Claro que coisas assim é o que de mais frugal e anacrônico se pode encontrar em uma festa, mas uma vez constatada tal fartura, há de se louvar no céu e na terra este anfitrião.

Apesar disso, não é a *mordomia* que faz a festa *colunável* e sim a lista de convidados que deve ser elaborada de forma a reunir o *créme de la crème* entre *socialites*, artistas, intelectuais e até desportistas, desde que sejam os melhores e mais famosos em seu meio. Para tanto, há que se consultar o livro Sociedade Brasileira de Helena Gondin, pedir ajuda a Ana Maria Tornaghi ou simplesmente copiar as listas de presenças citadas nas colunas sociais, desde que se tenha ▶

Belas e elegantes, Lúcia Severiano Ribeiro, Terezinha (Morango) Pitigliani e Yara Andrade

A famosa mesa árabe de Madeleine Saade

Hélio e Silvinha Braga, elegância impecável

Carmem Mayrink Veiga, ao lado do estilista Valentino

FEIJOADAS, ILHAS E MUITO HUMOR

intimidade ou ao menos relacionamento pré-estabelecido com tais pessoas, é óbvio.

Só para ilustrar, vamos mostrar em fotos as pessoas que fazem a festa quando a oferecem ou simplesmente comparecem a ela. São essas pessoas companhias agradáveis, conversas inteligentes, contatos interessantes ou simplesmente visual de causar *frisson* em qualquer um. O fato é que, com tais presenças, do vernissage ao jantar *black-tie*, os *happenings* são dignos de encabeçar as colunas sociais no dia seguinte.

Denise Carvalho e Célia Portela, as rainhas do frisson *nos salões do Rio*

Chico Recarey e Regine Choukroun, em Nova Iorque ou no Rio, realizam as grandes festas

Um anfitrião sofisticado, Ricardo Amaral, na foto com Cristiane Torloni, reúne a nata da sociedade em suas festas

Duas belezas singulares: a da atriz Sonia Braga e da socialite Betsy Monteiro de Carvalho

A MODA CHEGA À BAIXADA

A meia hora de Copacabana, Vilar dos Teles oferece boas idéias a preços de pronta entrega

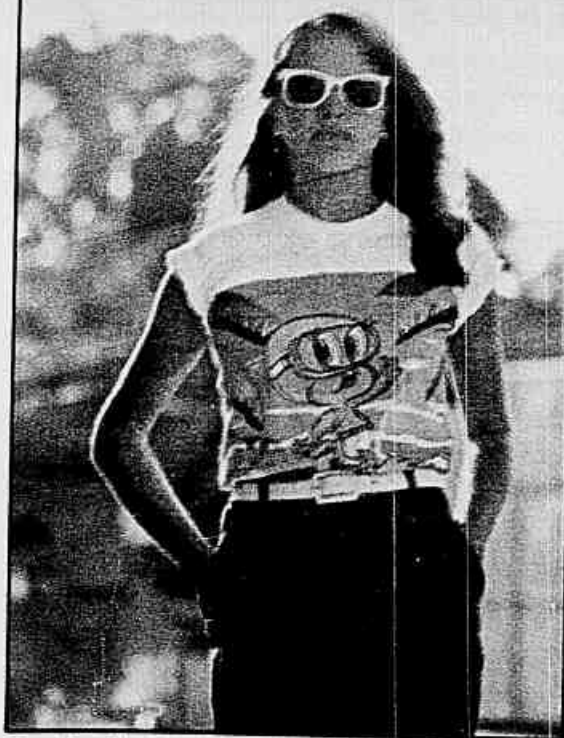
A Avenida Automóvel Clube é um dos pontos centrais do comércio de moda em Vilar dos Teles, com suas galerias e anúncios improvisados na rua

☐ Em todas as grandes cidades do mundo existem os *cantinhos* fora do circuito dos nomes famosos da moda, das lojas e *boutiques* sofisticadas. Em Nova Iorque, são os armazéns de saldos, ali pela área da Canal Street, vendendo roupas sem etiquetas a preços de chita. Em Paris, além dos Marchés aux Puces, que até ditam moda para as coleções de *prêt-à-porter,* temos a região da Rue de Rivoli, farta de *desetiquetados* de bom nível, a preços de cabides na rua. No Rio, as cariocas não cansam de pesquisar belas pechinchas, e percorrem distâncias dignas de viagens, em busca de idéias novas e preços acessíveis. Já tivemos a época da euforia da Rua Tereza, em Petrópolis, com malhas clássicas, que depois sucumbiram à mania do *collant.* Agora esperamos a recuperação das boas malhas de estilo tricô, que voltaram à moda.

Mas começa a surgir um novo centro de comércio de moda, mais perto do Rio, apesar de lutar com alguns preconceitos contra a localização. É Vilar dos Teles, recém-promovida a local da prefeitura de São João de Meriti. Quer dizer: baixada fluminense por aí. Fica a meia hora de Copacabana, e tem o acesso pela Av. Brasil, dobrando à direita no primeiro viaduto da Via Dutra, pela placa Vilar dos Teles. E o endereço *quente* é a Avenida Automóvel Clube, mais a Rua César Lemos e Comendador Teles, onde estão as galerias, cheias de cartazes do lado de fora das portas. Onde ficam os restaurantes e bares, com muito caldo de cana. E onde a rua é quente e os vendedores brincam, dizendo que comem terra o dia inteiro.

Um espírito de aventura poderá achar coisas interessantes neste circuito, entre as mais de 200 lojas que funcionam no esquema de pronta entrega. Quem for lá como comprador de varejo também é bem-recebido, porque na verdade o que interessa é o dinheiro na mão. O varejo tem quase o

Um* best-seller *do ano inteiro; minivestido (ou maxi-camiseta?) de malha listrada. Custa Cr$ 2 mil 900 na Buon

Fotos: Geraldo Viola • Produção e pesquisa: Silvia de Sousa

Dupla de sucesso: camiseta com estampa do Piu-Piu, por Cr$ 4 mil 400, na Parline e jeans *da Tope Onda, por Cr$ 10 mil 600*

Prática para compor roupas superpostas, a miniblusa de malha custa Cr$ 4 mil na Parline

Também da Buon, o vestido de jeans*, com fecho-*éclair *lateral, por Cr$ 9 mil 900. Óculos Marie & Jean; cinto Léo Pilló*

Um colorido forte na estampa, o neutro fundo preto, são os detalhes da camiseta da New Crazy, que custa Cr$ 3 mil 500. Chapéu da Company

mesmo preço do atacado, às vezes apenas 10% a mais.

O que escolher? Naturalmente, como em todo lugar de pronta entrega, a maior parte dos modelos tem um ar vulgar, definindo os *best-sellers* consagrados e de venda fácil. Mas vale reparar até nestes óbvios *collants* (quem sabe, para a ginástica), nos *jeans*, nas camisetas com estampas bem-humoradas, que agradam aos jovens. E os preços justificam a pesquisa. Veja o resultado de uma busca em Vilar dos Teles:

— Uma mesma galeria, na Av. Automóvel Clube, 2 600, tem várias lojas de pronta entrega. A primeira é a Buon, que tem atacado e varejo da fábrica New C. O forte é o *jeans*, em coleções de verão e inverno, a preços médios de Cr$ 9 mil 900 a Cr$ 11 mil por uma calça e Cr$ 7 mil por um *short* larguinho, de índigo 14 onças. As famosas miniblusas, amarradas nas costas, estão por Cr$ 2 mil 900, preço também dos vestidos de malha tipo fio de escócia. Atenção: Cr$ 2 mil 900, com um possível acréscimo de 10% para varejo.

Mais *jeans*, desta vez com *lycra*, estão na Tope Onda, na loja 22. E as estampas com personagens de desenhos animados fazem o maior sucesso na Parline, etiqueta de Pedro Paulo, ex-goleiro do Vasco nos anos 70. A vedeta é o passarinho Piu-Piu (aquele perseguido pelo gato Frajola) que aparece em diversas situações, em cenários tropicais, e as camisetas andam pelos Cr$ 4 mil 400.

Na mesma avenida, no número 2 560, fica o Ghetto dos Collants, que trabalha com *lycra* TDB e vende ótimos biquínis de enrolar, em cores vibrantes, por Cr$ 5 mil no atacado e Cr$ 9 mil no varejo. Um maiô inteiro pode custar apenas Cr$ 6 mil 500 no varejo.

O cachorro-personagem Scooby-Doo também agrada em camisetas para a garotada, na etiqueta Taelis Modas, que tem o complemento certo: *shorts* bufantes. A estilista Giza, proprietária da New Crazy, já teve seu escritório de pronta entrega em Copacabana e agora acredita em Vilar dos Teles, onde tem suas lojas na R. César Lemos. "Facilitamos muito as vendas, não limitamos quantidades nem exigimos lotes mínimos para compras". Seguindo exemplos deste tipo, várias firmas do Centro e da Zona Sul do Rio já estão se bandeando para a baixada: a Chelmar é uma delas. E todos os confeccionistas fazem questão de lembrar que recebem as visitas de muitos compradores dos outros Estados, durante as realizações de Feiras de moda no Rio.

Por enquanto, é um bairro populoso, cheio de prédios antigos, adaptados (mas continuam feios) para receber as lojas. Vale tudo, cartazes na rua, letreiros desproporcionais, pinturas em tons verdes, azuis, rosas, com academias de *jazz*, *ballet* e caratê e pouco calçamento nas transversais. Para breve, a cidade ganha até um Shopping Center, o Peter's Center, especializado em pronta entrega, para os atacadistas locais se instalaram em 50 lojas, distribuídas em três andares, uma idéia que pode ajudar Vilar a ter um visual mais apurado. Mas, no fundo, o que queremos em matéria de compras já está lá: moda fácil de usar e preços fáceis de pagar. ■

Pesquisa

O PERFIL DE QUEM COMPRA

Um trabalho que identifica os segmentos do mercado

Qual é o seu tipo? Você costuma dar importância fundamental à moda ou sua roupa representa apenas uma proteção ao corpo? Os elogios da roupa que você usa causam *frenesi* ou você simplesmente veste algo que não o exclua do grupo? Estas e outras perguntas fizeram parte de uma pesquisa que a Rhodia fez com o objetivo de descobrir as principais expectativas das pessoas, segundo seu estilo de vida, não importanto idade, sexo ou classe social.

Os resultados são variados e expressivos, visto que a primeira amostragem desta pesquisa foi feita em 1982 e não era capaz de definir o consumidor-padrão dos nossos anos, foto, que esta foi capaz de detectar. O tipo racional, exigente quanto à qualidade e durabilidade dos artigos que consome, certamente influenciará o comportamento do mercado têxtil nos próximos anos.

Investindo há quatro anos em pesquisas, em uma espécie de política de valorização do consumidor, a Rhodia, além de estimular a conscientização do consumidor sobre seus próprios direitos, quer informar-se para saber como posicionar a empresa diante do mercado. A pesquisa não se limitou aos fatores demográficos, como classe social, idade ou sexo, insuficientes para determinar as necessidades dos indivíduos ou grupos com interesses semelhantes. Inicialmente foi realizada uma pesquisa para se extrair um questionário com 500 frases baseadas em estilo de vida, significado da roupa, atributos esperados da roupa, autopercepção em relação à moda, relação entre renda e despesa com a roupa, além obviamente da situação sócio-econômica.

Depois de selecionar 200 questões identificadas com grupos de opiniões, a Rhodia passou ao trabalho de campo propriamente dito, ouvindo 500 pessoas. O resultado dividiu os grupos da seguinte forma: consumistas — 15%; exibicionistas — 19%; racionais — 17%; moderados — 28%; indefinidos — 7%; utilitaristas — 14%. A seguir, o perfil de cada um desses grupos:

CONSUMISTA — tem bom gosto e dá importância fundamental à moda, fazendo questão de se apresentar com a roupa certa para cada situação social. Gosta de sair muito, ainda que trabalhe e estude. Vai ao teatro e ao cinema mais para se distrair que para qualquer outra coisa. Adora roupas exclusivas e gasta 17% de sua renda mensal com a roupa.

EXIBICIONISTA — como o consumista, gosta de elogios pela roupa que veste, mas é mais extravagante porque procura chamar a atenção. Gosta de ambientes agitados e da cidade grande e, apesar de parecer liberal, é extremamente conservador em questões cruciais, tais como trabalho da mulher casada e sexualidade. Gasta 19% do salário com roupas.

UTILITARISTA — para ele a roupa é apenas uma proteção do corpo ou uma necessidade para se apresentar decentemente vestido no trabalho. Não se preocupa com a moda, mas não tem nada contra ela. Sua preocupação é com o conforto e a praticidade. Tem vida social limitada e é, na verdade, um liberal. Gasta apenas 2% do salário com roupa para si mesmo.

MODERADO — de padrões médios em tudo, não está preocupado em *aparecer* positivamente por meio da roupa, mas segue a moda para não ser excluído do seu grupo. Veste-se, porém, de maneira adequada aos seus padrões de idade e sexo. Tem uma vida familiar bastante extensa e costuma gastar até 6% do que ganha com roupa.

RACIONAL — com acentuada expectativa de ascensão social, assemelha-se ao moderado pelo fato de seguir a moda para não ser discriminado socialmente, mas vive obcecado pelos problemas financeiros porque quer sempre progredir mais. Tende a valorizar as coisas brasileiras e chega a gastar 7% do que ganha com a roupa. Mas está interessado é na qualidade e na durabilidade do que usa.

INDEFINIDO — nesse grupo, segundo a pesquisa da Rhodia, se reuniram cerca de 10 pequenos grupos de opiniões as mais diferentes, razão pela qual não se estabeleceram características definitivas.

O COLORIDO DO INVERNO

fotos: Evandro Teixeira e Coty

Na foto maior, a linha Hypnotic Look, da Coty, que joga sombras marinhas e rosas nos olhos, e equilibra o branco da pele com o blush rosa-vinho e o baton rosa-orquídea, no mesmo tom da sombra. A foto menor mostra o desenho amendoado dos olhos, segundo o estilo de Yves Sain-Laurent

O inverno vem aí e traz o preto e o cinza como cores de roupas da moda. No máximo, temos um pouquinho de lilás, azul-real, que vão mais do que colorir, darão um certo brilho ao estilo. Para tanta sobriedade, é preciso ter um bom jogo de tonalidades para a maquilagem. O tal do rosto lavado não funciona muito, porque a tendência da pele latina é esverdear, junto a pretos e cinzas.

Em primeiro lugar, desistimos do bronzeado tropical, a não ser que seja um belo tom uniformemente dourado, como consegue ter a manequim Fatima Muniz Freire. Vamos desbotar um pouco, para adotar a nova beleza. A base pode ser escolhida em tons de marfim (o *Ivory* das marcas que usam nomes em inglês) ou bege, saindo dos rosados para os mais claros. O pó de arroz volta a ser necessário, porque o brilho não faz o jeito do inverno. Um tom mais claro do que a base, que deve ser diluída em água, para não pesar, e espere secar antes de aplicar o pó com esponja ou *puff*. Uma boa indicação é o pó da Socila, que vem em estojo de rosca, perfeito para levar em viagens, porque não suja a mala.

Os olhos ganham novamente o desenho amendoado — talvez para combinar com o estilo ajaponesado das roupas. Na linha Coty, as sombras admitem tonalidades rosadas e azuis-acinzentados, pouco contorno definido. No desfile de Yves Saint-Laurent, as sombras mais escuras *puxam* o olho para cima, como olho de gato, e a parte da pálpebra junto ao nariz é que tem o colorido azulado, lilás ou marrom-avermelhado. Mas a mistura mais adaptável ao nosso estilo é a sugerida pela Lancôme: a pálpebra ganha uma verdadeira aquarela de sombras compactas e discretamente cintilantes. No canto interno, amarelo, no centro, rosa-violeta, no canto externo, na *puxadinha*, o azul-marinho, cinzento ou verde-escuro. Parece um arco-íris ao ser descrito, mas está sendo usadíssimo no mundo inteiro. O lápis preto esfumaçado contorna, por fora. O *khol* começa a cair em desuso. A não ser para quem tem a mão precisa de Gilles, o maquilador dos melhores desfiles cariocas. Para ele, "todas as mulheres deveriam ter olhos retos, de desenho horizontal, certinho. "A manequim Cristiane de Vick parecia a própria oriental, no lançamento da coleção Walkiria, com os olhos desenhados apenas em preto, repuxados para fora, no estilo de Gilles.

A boca é um caso pessoal. Para quem não agüenta tanta escuridão e dramaticidade na roupa, o baton vermelho ou cereja é um toque de luz no rosto, principalmente se os lábios são grossos e bem desenhados. Se, ao contrário, seguem o desenho fino e discreto, à la Greta Garbo, o batom pode ser escuro, um tom de marrom entre os muitos da coleção Natura. E para as radicais, nenhum batom, lembrando a década de 60 e o rosto de Brigitte Bardot.

O *blush* é outro ponto importante. O rosto perfeito pode dispensar sua ajuda. Mas a maioria das consumidoras vai colorir a lateral do rosto, quase até a sobrancelha com rosados saudáveis. Nada de marrons cavados, nem de vermelhos gelatinos. ■

Horóscopo

MAX KLIM

Semana de 01 a 07 de abril

ÁRIES

(21/3 a 20/4)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Boa influência da Lua e de Marte. Estabilidade material. Negócios bem encaminhados. Bom período para assuntos que demandem grande esforço. **PESSOAL**: Projeção e prestígio. **VIDA ÍNTIMA**: Tranqüilidade em família. Novidades no amor. **SAÚDE**: De boa a regular.

TOURO

(21/4 a 20/5)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Boa posição da Lua entre segunda e quinta-feiras. Vantagens nos negócios. Associações prejudicadas. Relacionamento difícil. **PESSOAL**: Bom período para passeios e diversões. **VIDA ÍNTIMA**: Irregularidade no trato doméstico. Novas atrações no amor. **SAÚDE**: Estável.

GÊMEOS

(21/5 a 20/6)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Influência marcante de Mercúrio sobre os seus negócios. Dificuldades em sua rotina de trabalho. Seja mais tolerante. **PESSOAL**: Comportamento irregular e irritadiço. **VIDA ÍNTIMA**: Quadro de harmonia. Bons acontecimentos no amor. **SAÚDE**: Indicações de melhora.

CÂNCER

(21/6 a 21/7)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Vantagens e crescimento em seu trabalho. Procure ordenar sua rotina de forma mais produtiva. Controle seus gastos. **PESSOAL**: Confusão mental. Dispersividade. **VIDA ÍNTIMA**: Exigências em família. Boa disposição para o amor. **SAÚDE**: Regular. Evite qualquer excesso.

LEÃO

(22/7 a 22/8)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Semana de negativas influências sobre os seus negócios e trabalho. Cuidado nos gastos. Obstáculos inesperados. **PESSOAL**: Persistência que o ajudará a superar os problemas. **VIDA ÍNTIMA**: Apoio de parentes. Disposição estável no amor. **SAÚDE**: Irregular.

VIRGEM

(23/8 a 22/9)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Dias difíceis, com má influência, mas que no entanto, lhe reservam algumas vantagens. Evite gastos excessivos. **PESSOAL**: Impulsividade. Bom para assuntos psíquicos e místicos. **VIDA ÍNTIMA**. Surpresas. Visitas agradáveis. Quadro estável. Boas indicações no amor. **SAÚDE**: Boa.

LIBRA

(23/9 a 22/10)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Quadro de vantagens financeiras e favorecimento nas associações. No trabalho há bom clima para seu progresso. **PESSOAL**: Comportamento instável. Decisões erradas. **VIDA ÍNTIMA**: Evite influências externas. Momento de harmonia. **SAÚDE**: Ainda muito boa.

ESCORPIÃO

(23/10 a 21/11)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Indicações de vantagens nas novas iniciativas e projetos. Apoio no trabalho. Seja rigoroso em seus gastos. **PESSOAL**: Aja com mais paciência e dedicação. **VIDA ÍNTIMA**: Momento neutro no trato sentimental. Indicações de alegria no final do período. **SAÚDE**: Instável.

SAGITÁRIO

(22/11 a 21/12)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Quadro de instabilidade. Preocupação com assuntos financeiros. Influências regulares sobre seu trabalho. **PESSOAL**: Objetivos alcançados. Apoio de pessoas amigas. **VIDA ÍNTIMA**: Manifestações de egocentrismo. Debilidade e inquietação no amor. **SAÚDE**: Irregular.

CAPRICÓRNIO

(22/12 a 20/1)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Exigências de caráter profissional. Indicações de estabilidade financeira. Acuidade nos negócios próprios. **PESSOAL**: Ajuda muito oportuna. Vantagens surgidas de forma inesperada. **VIDA ÍNTIMA**: Indicações muito positivas. Bom momento no amor. **SAÚDE**: Boa.

AQUÁRIO

(21/1 a 19/2)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Momento de estabilidade e segurança. Boa indicação para o trato de assuntos judiciários e assinatura de documentos. **PESSOAL**: Viagens favorecidas. Realização interior. **VIDA ÍNTIMA**: Problemas solucionados. Entendimento amoroso. **SAÚDE**: Boa.

PEIXES

(20/2 a 20/3)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Trato profissional bem posicionado. Mas poderão ocorrer problemas financeiros que o preocuparão. **PESSOAL**: Imaginação fértil. Sonhos e esperanças. **VIDA ÍNTIMA**: Novidades. Boa indicação até a quinta-feira. Entendimento no amor. **SAÚDE**: Estabilizando-se.

Guia da moda/Rio

PRONTA ENTREGA

OS MELHORES ENDEREÇOS DE CONFECÇÃO E SERVIÇOS, SOMENTE PARA REVENDEDORES E LOJISTAS

CIRCULAÇÃO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

RECORTE PARA CONSULTA

DIRETOR: PETER KESSIMIAN

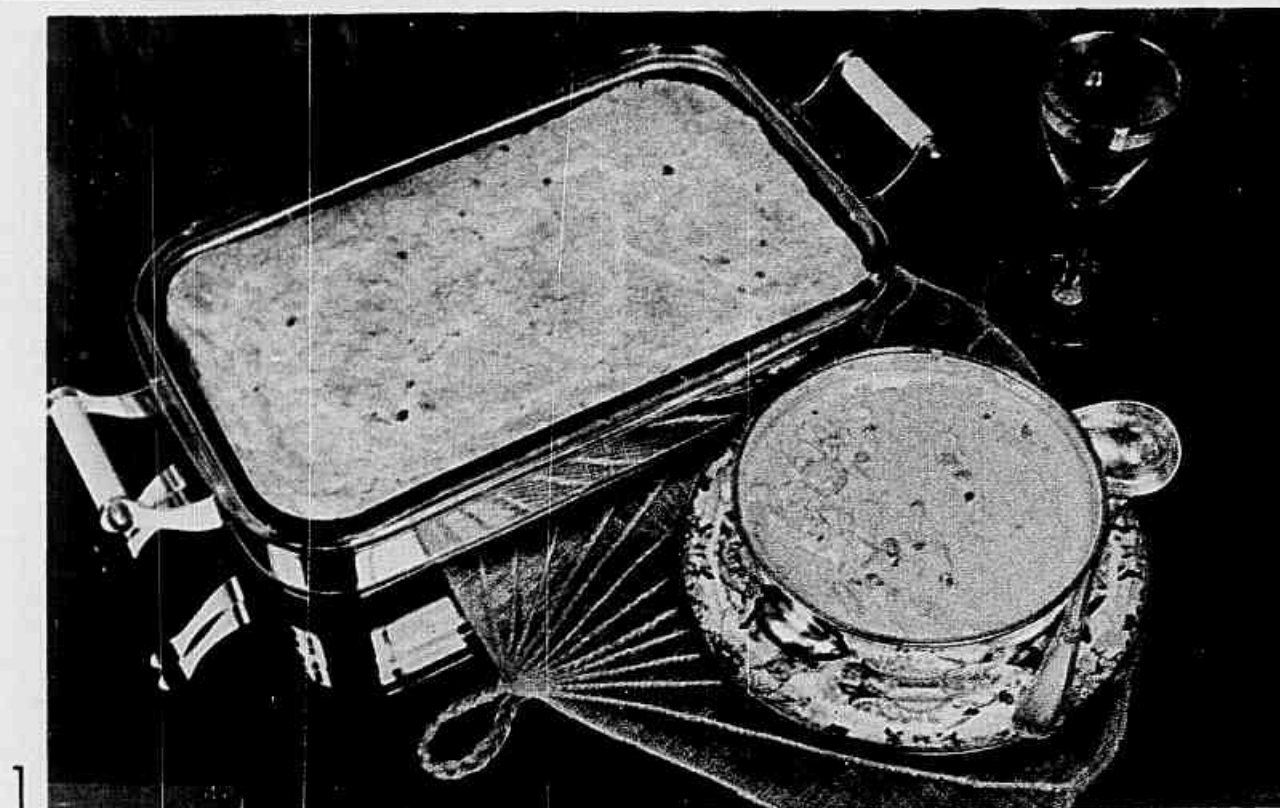
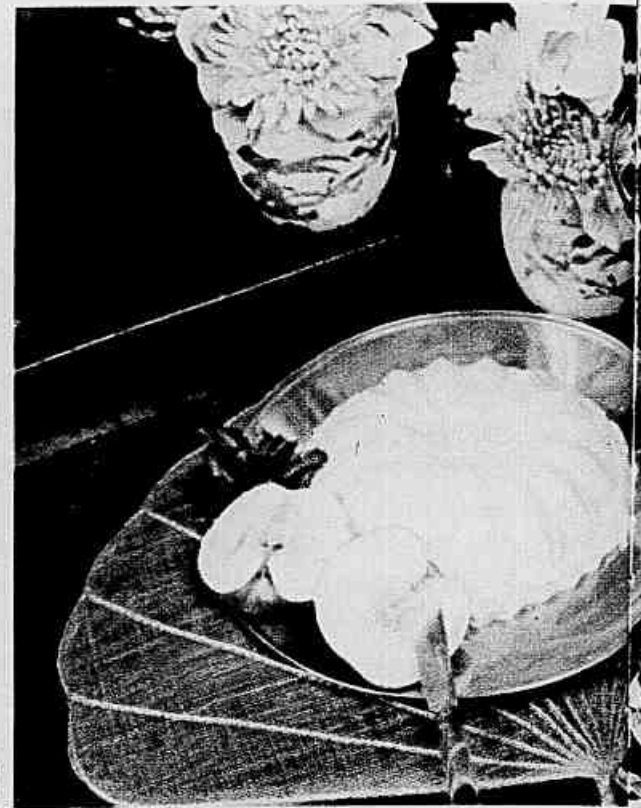
EXCLUSIVIDADE Replay PUBLICIDADE

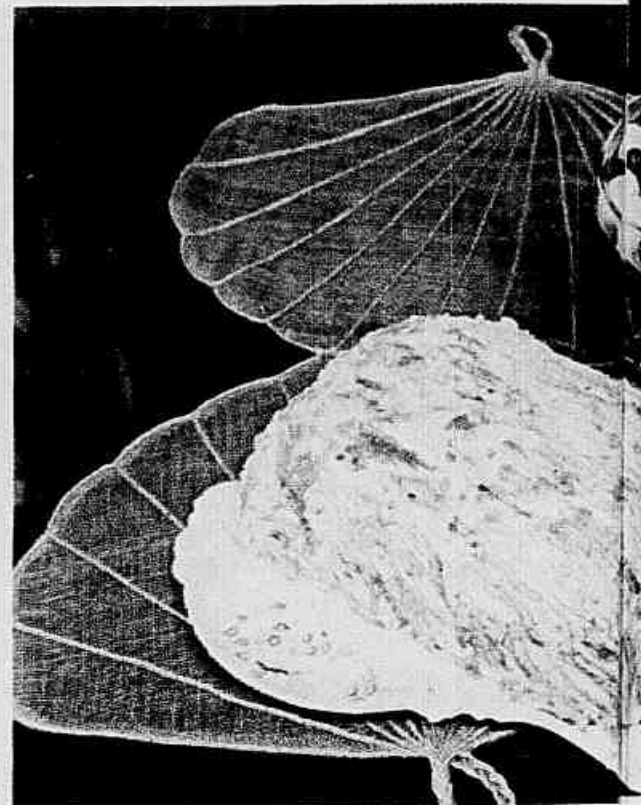
PARA ANUNCIAR: (021) 256-6999 & 256-9793

AS DELÍCIAS D

Esta é uma culinária festiva, comemorando os oito anos de existência da revista DOMINGO. Procuramos uma maneira de sugerir um cardápio diferente, daqueles que fazem sucesso em festinhas e festões, e ainda têm uma vantagem: não exigem grandes malabarismos de garfo e faca, porque a base é a *mousse*, as pastinhas, etc.

As idéias e execução são de Milly, da firma Família Strega, uma verdadeira artesã da culinária, colecionadora de temperos do mundo inteiro e que faz questão de enfeitar seus pratos, com uma produção que seu filho, o decorador Paulo Strega assinaria sem pensar. Para esta festa, Milly criou o seguinte *banquete*: como *hors d'oeuvres*, a *mousse* de gorgonzola, com fatias finas de maçã, as ameixas com Camembert e os pães gregos, para acompanhar. Como bebida, uma vodca, para começar. Depois destas *mousses*, entra o sorvete de pêra, que atenua o gosto forte da entrada, e prepara o paladar para o pudim de peixe, com molho de camarão, servido com arroz de amêndoas. O *grand finale* vem com as sobremesas, a refrescante gelatina de champanha, com cerejas verdes, a taça oriental chamada Sonho de Nuvens Douradas e o bolo Mont Blanc, que parece mármore. Licores e um bom chá de jasmim arrematam a noitada. ►

Produção: Silvia de Sousa — Fotos: Geraldo Viola

1

3

2

4

UM JANTAR BEM-TEMPERADO

Estas são as receitas festivas. Milly, da Família Strega, só não revela algumas receitas-segredo, como o bolo Mont Blanc, ou a sobremesa Sonhos de Nuvens Douradas, que é uma gelatina com doces de amêndoas e cerejas al marrasquino *flutuando. Mas o pudim de peixe é uma delícia, e as ameixas com* camembert *são petiscos sofisticados: siga as receitas e boa festa!*

1. PUDIM DE PEIXE

Um litro de leite, onde são dissolvidas seis colheres (sopa) de Maizena. Nesse mingau ainda quente, junte cinco colheres (sopa) de queijo parmesão e um quilo de peixe cozido e desfiado, refogado em azeite (pode ser filé de pescada). Atenção às espinhas. Misture tudo e acrescente seis gemas e seis claras em neve. Acrescente passas brancas (marca Sultana), alcaparras, segurelha e tomilho. Despeje tudo num pirex untado com azeite e polvilhado com farinha de rosca (pouca quantidade).

Em cima da massa, regue rapidamente com pouco azeite e polvilhe com a farinha de rosca. Leve ao forno e sirva bem quente, acompanhado de molho de camarão ou de ervas e arroz com amêndoas.

Nota: os peixes devem ser cozidos em fôrmas untadas com azeite e manjericão fresco, na boca do fogo (não no forno), em fogo brando.

ARROZ COM AMÊNDOAS

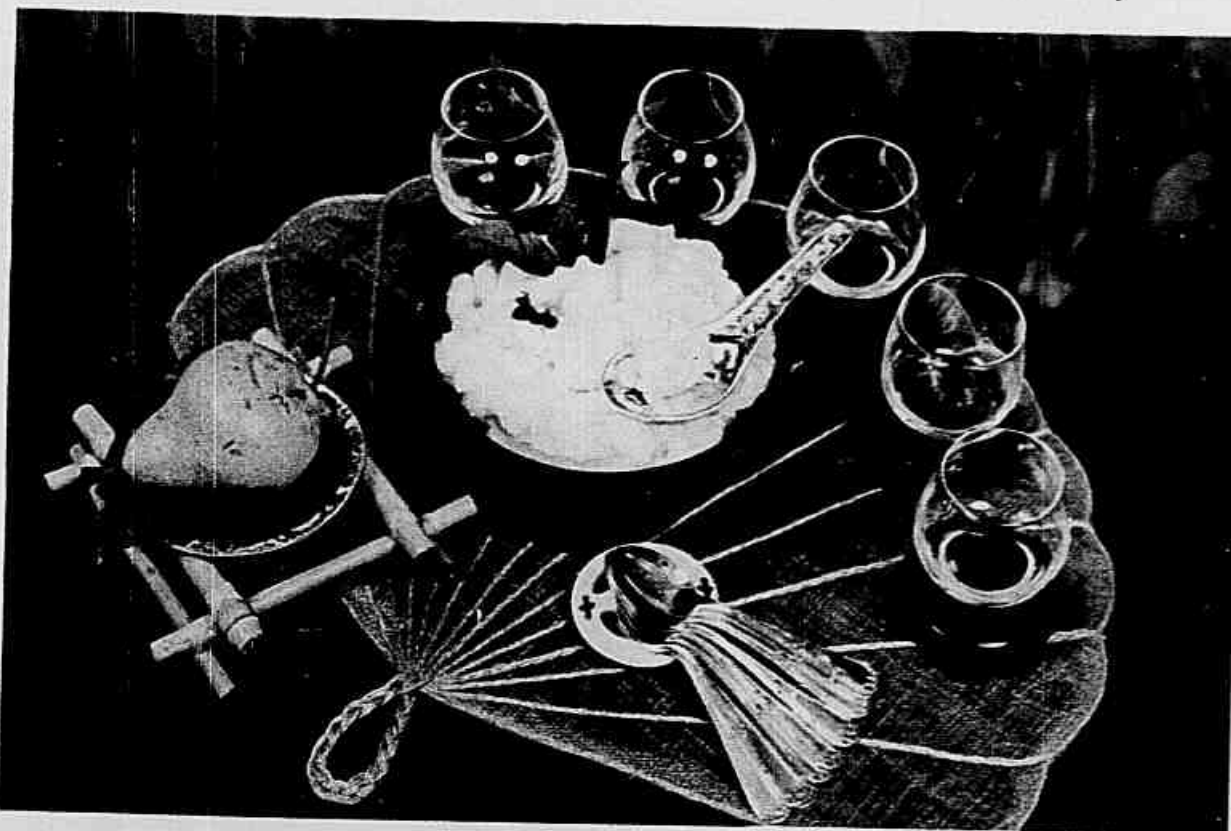
É simples: o arroz comum bem soltinho é servido com amêndoas peladas e moídas. Sirva em pratos separados o arroz e as amêndoas.

2. MOUSSE DE AIPO

A mousse pode ser uma opção para a mousse de gorgonzola, na entrada. Milly não deu a receita, um "segredo", mas frisou que é importante o acompanhamento, a salada em volta do prato com tomates e alfaces picadas.

3. AMEIXAS COM "CAMEMBERT"

Amasse o *camembert* (Dana ou Campo Lindo), com meia colher (chá) de tomilho em pó e segurelha (temperos que são encontrados frescos na Provence. O tomilho é uma sementinha, à venda nos supermercados com a marca Linguanotto). Acrescente uma pitada de cominho em grão. Amasse tudo com garfo, até que vire uma pasta. Parta a ameixa ao meio, como se fosse fazer olho-de-sogra.

5

6

SOFISTICADO E LEVÍSSIMO

Se as ameixas estiverem duras, amacie com uma rápida fervura. Recheie com a pasta de *camembert* e conserve na geladeira até a hora de servir.

MOUSSE DE GORGONZOLA

Um triângulo de gorgonzola, uma lata de creme de leite sem soro, meio pacote de gelatina sem sabor; meio cubinho de caldo de carne ou galinha dissolvidos num copo de água quente. Molho inglês a gosto. Dissolva a gelatina e o caldo na água quente. Esfrie. Leve a gorgonzola ao liquidificador, com o creme de leite, o molho inglês e o caldo obtido com a gelatina e o cubinho de caldo. Bata bem por três minutos. Leve à geladeira em fôrma untada com óleo ou azeite. Se quiser, coloque pedacinhos de azeitona ou *petit-pois*.

4. BOLO MONT BLANC E SONHOS DE NUVENS DOURADAS

Estas também são duas criações exclusivas, que Milly gosta de oferecer em pequenos jantares. O Sonhos vem em taça grande, é uma perfumada gelatina onde flutuam bolinhas de amêndoas e cerejas *al maraschino*. O bolo é levíssimo, um pudim com creme de leite e creme de *marrom*, com cobertura de *chantilly*.

5. SORVETE DE PÊRA

Sem leite, só a pêra cremosa e quase sem açúcar, é o sorvete que separa em geral os pratos de peixe das carnes. Neste caso, será servido entre as *mousses* da entrada e o prato de peixe, porque também são sabores fortes.

6. GELATINA DE CHAMPANHA

Meia garrafa de champanha; 16 folhas de gelatina branca; cinco colheres (de sopa) de açúcar, cerejas.

Ferva em banho-maria a metade da quantidade de champanha, onde também é dissolvida a gelatina. Coe a gelatina desmanchada no champanha num pirex fundo, onde já colocou o restante do champanha e o açúcar, que deve ser peneirado duas vezes. Misture tudo.

Molhe uma fôrma com água gelada e vá arrumando camadas de gelatina e camadas de cerejas. Por último, coloque dois dedos de gelatina. Leve à geladeira. Sirva bem gelada, se quiser com *chantilly*. As cerejas podem ser substituídas por morangos, framboesas, amoras. ■

ONDE ENCONTRAR: A Milly da Famiglia Strega Cucina aceita encomendas pelo tel.: 267-8426.

Em foco

PATRICIA PILAR

Da Vila Militar à *pobre menina rica*, uma carreira rápida

ALICE GRIZZA

Uma discussão entre dois namorados, que em dez minutos tomou proporções inesperadas, foi a gota d'água para que o produtor e diretor Miguel Faria Jr. ficasse certo de que Patrícia Pilar (que contracenou com Suzana de Morais) — uma jovem de 20 anos, com alguma experiência em teatro e ex-modelo profissional — seria a estrela de seu sétimo filme. *Para Viver Um Grande Amor* era uma adaptação do musical *Pobre Menina Rica*, da dupla Vinícius de Morais e Carlos Lyra. Isto ocorreu ano passado. Hoje, às vésperas do lançamento do filme, Patrícia já é vista como uma das mais cobiçadas revelações artísticas surgidas nos últimos tempos.

Nascida em Brasília, filha de militar, o Comandante Nuno, hoje afastado da Marinha, sua infância foi marcada pelas viagens ao redor do país. Nas idas e vindas, lembranças de uma vida "complicada" porque, segundo ela, ser filha de militar não é muito fácil:

— Meu pai queria *limpar* tudo, e detestava corrupção. A gente se sentia ameaçado, tinha muita inimizade, e era aquela história de andar de chapa branca de um lado para o outro. Em casa, tinha de se estar sempre em ordem, dentro de uma rigidez muito grande. Na realidade, ele não gostava de ser enganado e nem queria isso pra gente. Mas hoje é bem mais liberal.

Quando Patrícia finalmente retornou ao Rio definitivamente, aos 13 anos, o que mais queria era fazer seu esquema de vida próprio. Morando em Ipanema, os programas passaram a ser a praia (local que hoje denomina-se Posto 9), "foi aí que conheci Elba Ramalho, que me dava a maior força para fazer teatro" — assim como vários músicos, artistas de teatro e plásticos. "Mas desde criança eu achava lindo interpretar. Ficava fascinada com o fato de que, de repente, um ator sai do palco e vai pra casa ter uma vida comum. O jogo da fantasia e da realidade me fascinava".

O avô era pianista, Dedé (mulher de Caetano) e Sandra (ex-Gil) são duas primas, assim como a cantora Marina e o guitarrista Liber (atualmente com Zizi Possi). "Fui criada com os baianos na minha casa. Caetano e Gil costumavam tomar conta de mim. Quer dizer, sempre participando muito dessa vida verdadeira que o artista leva, de esclarecimento, de saber do mistério da vida. Eu queria me conhecer e sabia que tinha de ser através da arte, onde a gente se expõe totalmente. O ideal era juntar o meu trabalho, onde eu iria me realizar como pessoa, ao próprio conhecimento." E vieram cursos

Foto: Evandro Teixeira

Ex-manequim profissional, Patricia está fascinada com o mundo do cinema

como *Tablado*, a estréia da peça *O Mito do Aukué* (direção Milton Nobim), estudos com Paulo Reis e a participação no grupo *Marx Mello*, com as peças *Os Banhos*, de Maiacovsky, e *Jogos de Guerra*, coletânea de Arrabal e Brecht. Ao mesmo tempo, o ingresso numa Faculdade de Comunicação que foi abandonada "porque as aulas eram tocadas à guerra de papéis dos alunos. E eu não podia perder tempo."

Mas sua permanência no *Marx Mello* durou pouco tempo — "as pessoas são muito egocêntricas e isso prejudica o andamento do grupo. Eu acredito na coletividade e hoje está provado que o trabalho funciona melhor assim." Nessa época, entrando numa "fase de transição", Patrícia começou a posar como manequim fotográfico, melhor alternativa para poder custear seus cursos de teatro. Uma iniciativa que não lhe custou muito:

— O fato de eu querer apenas o necessário para pagar meus estudos talvez tenha sido um fator contribuinte para que não encontrasse dificuldades. Eu era tranqüila, não competitiva. E as pessoas sentem quando você não está ávido por dinheiro. O fato, também, de eu passar um clima alegre contribuiu. Além disso, eu era uma pessoa competente na medida.

O fato de já possuir uma experiência em teatro muito lhe ajudou na expressão de cada tipo exigido. Sem estilo definido, as variações a transformavam numa menina de 15 ou numa mulher de 32 anos. "Mas o problema é que as pessoas são muito retrógradas", explica Patrícia. "Como antigamente não se fazia foto de mulher que usasse um cabelo como o meu, eu era obrigada a escová-lo até o liso, e ainda era conhecida como *hippy*. Na minha opinião, tudo isso é *furado* porque uma mulher feia poderia, muito bem, posar como manequim. Qual o problema?"

Com o tempo, o ensaio passou a valer mais do que uma foto — "acho foto lindo, mas é um trabalho muito restrito". E foi numa fase de crise que aconteceu o convite para o filme. Um belo dia, Vinícius Cantuária (amigo de Miguel) lhe telefonou falando sobre o assunto e da possibilidade de ser feito um teste, o que, sendo aprovado, iria resultar no personagem Marina, a pobre menina rica que se apaixona pelo poeta-mendigo, papel que já estava assegurado a Djavan. Um belo enredo, que trazia na adaptação a história projetada para um futuro utópico, onde as diferenças de classe começam a se extinguir. Devido às tensões sociais, ricas famílias partem de suas casas, fugindo para o estrangeiro. Os prédios vazios e propriedades diversas são então ocupados, naturalmente, pela estirpe mais pobre da população, que, aos poucos, forma a semente de construção de uma nova realidade. Enriquecido pela trilha musical (composições de Chico Buarque, Tom Jobim, Carlos Lyra e Vinicius de Moraes), não havia como recusar tal proposta. Para Patrícia, um sonho detalhadamente lapidado:

— É claro que senti uma diferença brutal comparada ao teatro. Na cena do primeiro dia, por exemplo, eu comecei a berrar no estúdio. No segundo dia, eu iria gravar uma das últimas cenas do filme, em que chorava enquanto arrumava as malas. Para isso, foi preciso ficar uma noite inteira conversando com o Miguel a respeito das dificuldades de adaptação. O que eu achava engraçado é que no cinema tudo é muito picotado. Então, de repente, você está brigando com uma pessoa com quem acabou de tomar café. Mas acabei achando tudo fantástico. Até a relação com a câmera.

E finaliza:

— O filme me tocou muito porque mostra uma fantasia de um Brasil que pode vir a existir. Hoje não há espaço para a justiça e nem para o amor verdadeiro. Tenho muita fé e meu coração taí, batendo cada vez mais forte. Acho importante se falar da vida — palavra mais impressionante e misteriosa que já vi. ■

Riscadinho

KLAUS MITTELDORF

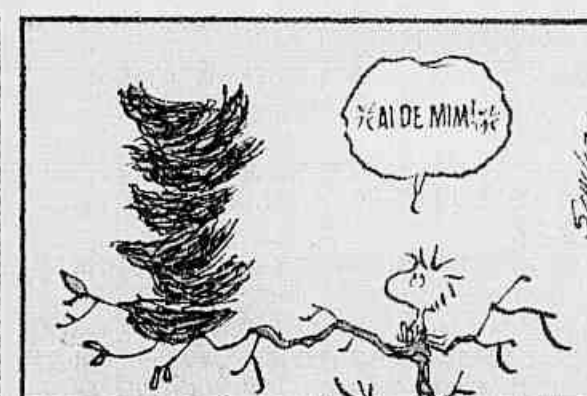
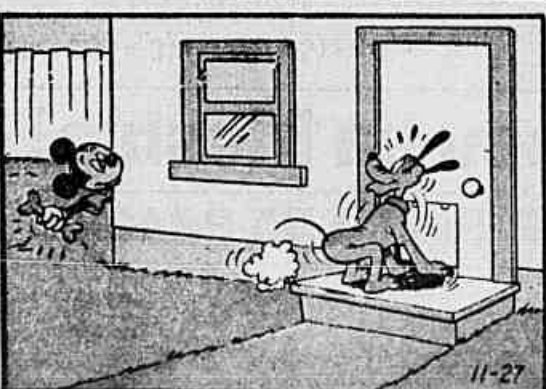
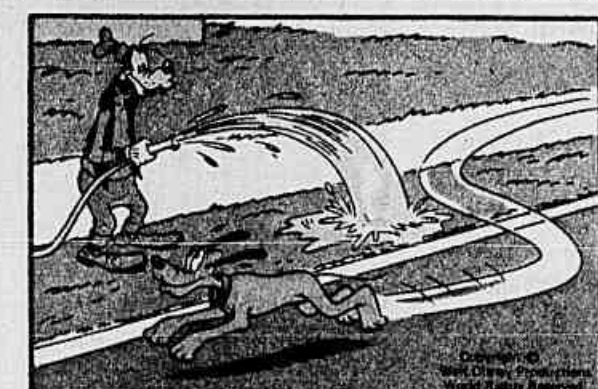
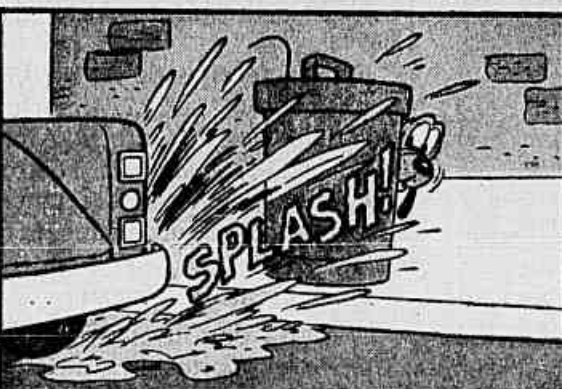
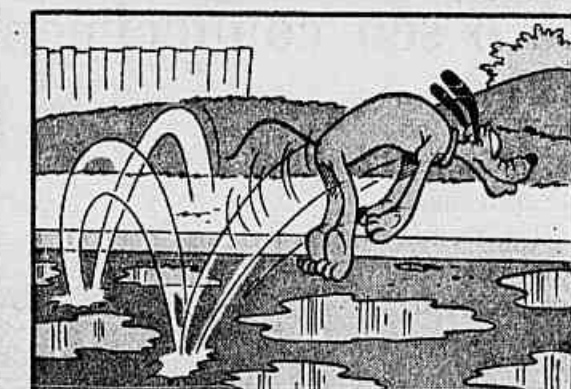
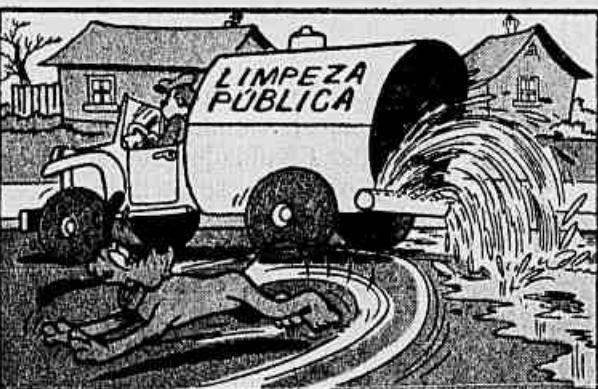
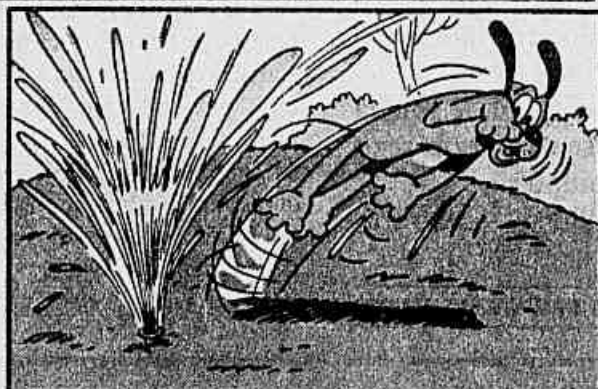
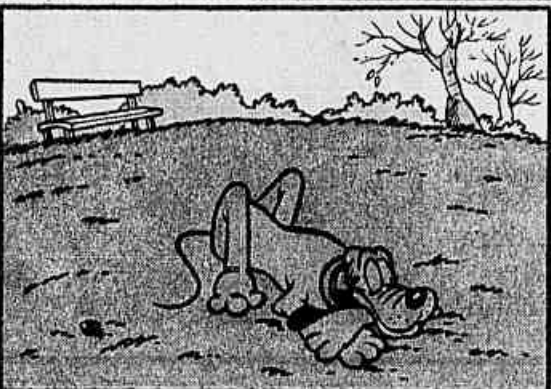
inega

JEANS

TEM UMA COISA NO CORPINHO/DEIXA ELE BEM LISINHO/OLHA AS CURVAS DO PEDAÇO/ ESSA PELE É SEDUÇÃO/RISCADINHO DE MALÍCIA/CAI NO CORPO/FICA O FINO/DESCE LEVE/ DE MANSINHO/E BELISCA O CORAÇÃO/ESSAS LISTRAS/QUE JEITINHO/DE ANDAR NESSA ESTAÇÃO/FALA BAIXO/VEM/SUSSURRA/E ME ACENDE DE PAIXÃO/TE PEGO PELO RISCADO, HEIM

ARRISQUE SEU CORPO. COM INEGA, O JEANS DE IPANEMA.

QUADRINHOS

Domingo, 1º de abril de 1984 Nº 415 JORNAL DO BRASIL Não pode ser vendido separadamente

FAÇA SEU JB/Concurso JB-MESBLA

Continue guardando as primeiras páginas do primeiro caderno e do **Caderno B** do JORNAL DO BRASIL, todos os dias, e ganhe prêmios incríveis. A cada domingo escolheremos uma notícia publicada na semana anterior para ser tema do seu trabalho. Se o seu forte é texto, escreva. Se você é bom em desenho, ilustre — de preferência com traço bem forte para ter melhor qualidade na impressão. E se for bom nos dois, melhor: suas chances de ganhar são maiores. Para participar, você deve ter menos de 15 anos e estar cursando o primeiro grau. A redação ou o desenho devem vir acompanhados de **nome e endereço completos, idade e série escolar.** Todos os domingos publicaremos aqui a melhor redação e o melhor desenho da semana e no final do ano faremos uma primeira página como a do JORNAL DO BRASIL, com os melhores textos e ilustrações. Semanalmente os três primeiros colocados em cada categoria receberão prêmios; aqueles que ganharem o concurso de hoje, por exemplo, serão brindados com duas calculadoras Sharp, dois **stéreo headphones** Hiphone CS-21 e duas sacolas térmicas Yashika. Além disso, teremos também um prêmio mensal: o melhor trabalho deste mês ganhará um radiogravador RG 700 da Polyvox. Você só não pode esquecer uma coisa: entregar seu trabalho até a próxima quinta-feira, num dos endereços abaixo.

Regulamento

Participantes: estudantes de 1º grau com menos de 15 anos.
Trabalho: redação de no máximo 30 linhas e/ou um desenho que ilustre e interprete a notícia selecionada.
As redações e desenhos que não trouxerem a idade de seu autor não serão classificados no Concurso JB-Mesbla.

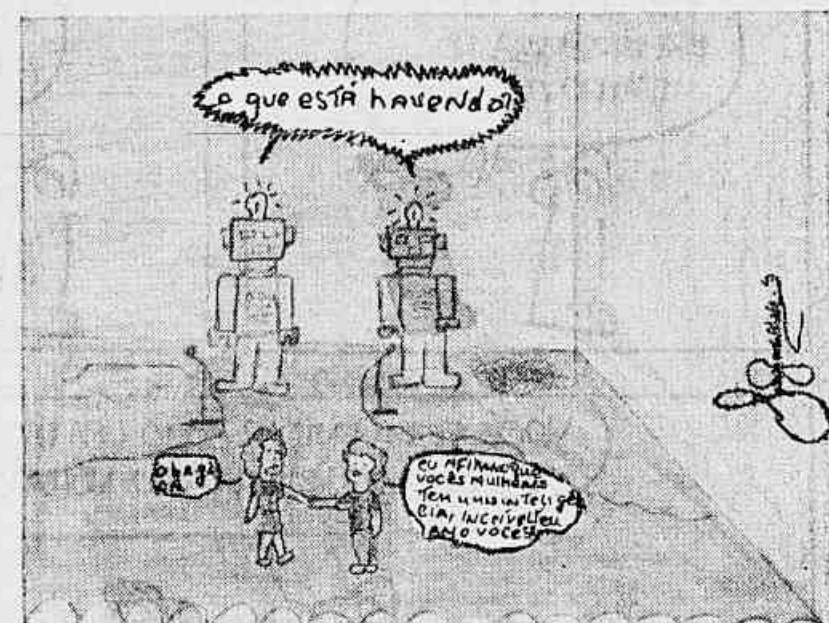
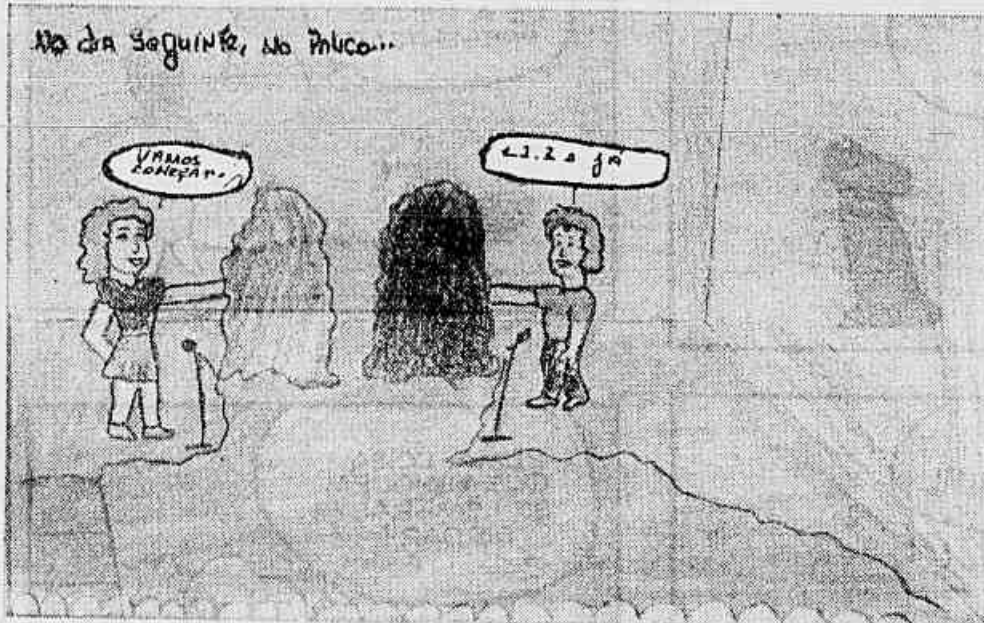
Os vencedores

Estamos publicando hoje o resultado do décimo-primeiro concurso. A notícia selecionada falava no Dia Internacional da Mulher e na luta feminista. Aqui estão os nomes dos vencedores e os locais onde podem pegar seus prêmios.

CATEGORIA REDAÇÃO
1º lugar: **Carlos Flávio Campos Fernandes** — uma calculadora Sharp — Loja Mesbla do Méier.
2º lugar: **Luciana Menezes de Araújo** — um short Adidas — Loja Mesbla Barra-Shopping
3º lugar: **Rosane Grimberg** — uma sacola Hello Kitty — Loja Mesbla Passeio

CATEGORIA ILUSTRAÇÃO
1º lugar: **Josias Gonçalves da Çruz** — um relógio Relation — Loja Mesbla do Méier
2o lugar: **Denise Maria Leandro de Castro** — um short Adidas — Loja Mesbla Passeio
3º lugar: **Márcio André Campos Fernandes** — uma prancheta — Loja Mesbla do Méier

LOCAIS DE ENTREGA NO RIO:
Departamento Educacional — Av. Brasil, 500, 6º — CEP 20 940
Agências de Classificados JB:
Bonsucesso — Rua Bonsucesso, 404 Lj. C
Campo Grande — Rua Cesário de Melo, 1464 (Casas Sendas)
Cascadura — Av. Suburbana, 10136
Ilha do Governador — Estrada do Galeão, 2.700 (Casas Sendas)
Nova Iguaçu — Av. Gov. Amaral Peixoto, 34 Lj. 12
Penha — Rua José Maurício, 101 Lj. A.
São Cristóvão — Rua São Luís Gonzaga, 119 Lj. C
Vila Isabel — Av. 28 de Setembro, 226 Lj. B
Lojas Mesbla
Rua Dias da Cruz, 155/A — Rua do Passeio, 42/56 — Rua Conde de Bonfim, 186 — Av. das Américas, 4666 — Rua Lauro Muller, 116
OUTRAS CIDADES:
Agências de Classificados JB
Rua Irmãos D'Angelo, 61 Lj. 10 — Petrópolis
Lojas Mesbla
Belo Horizonte (MG) — Av. Afonso Pena, 266 — Rodovia BR 40, Km 447/ **Campinas (SP)** — Av. Campos Salles, 727/**Marília (SP)** — Rua Nove de Julho, 1001/ **Niterói(RJ)** — Rua Visconde de Rio Branco, 511/523/**Porto Alegre (RS)** — Av. Otávio Rocha, 236 — Rua Voluntários da Pátria, 524/**Ribeirão Preto (SP)** — Av. Coronel Fernando F. Leite, 1540/**Santo André (SP)** — Praça do Carmo, 35/**São Paulo (SP)** — Rua Doze de Outubro, 230 — Rua Butantã, 68 — Rua 24 de Maio, 141 — Av. Ibirapuera, 3103/**Volta Redonda (RJ)** — Loja Volta Redonda — Av. Amaral Peixoto, 205/213
Sucursais do JB
Brasília — Setor Comercial Sul — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa CEP 70302/**São Paulo** — Avenida Paulista, 1.294/15º CEP 01310/**Minas Gerais** — Avenida Afonso Pena 1.500/ 7º — **Belo Horizonte** CEP 30.000/**Rio Grande do Sul** — Rua Tenente Coronel Correa Lima, 1.960 — **Porto Alegre** CEP 90.000.
Você pode entregar seus desenhos e redações em qualquer das agências de Classificados do JORNAL DO BRASIL.

Desenho de JOSIAS GONÇALVES DA CRUZ

O primeiro lugar em redação

Mulher — sexo frágil. É a dona-de-casa que não se pode dar o luxo de trabalhar apenas oito horas por dia. Que não tem folga, férias ou aposentadoria.

Mulher — sexo frágil. É a operária que pode encarar um trabalho pesado igual ao homem, mas não pode ser remunerada da mesma forma.

Mulher — sexo frágil. É a mãe que esconde a fome para que seu filho se alimente melhor.

Mulher — sexo frágil. É a médica, a advogada, a professora... que, apesar de seus estudos, nem sempre é ouvida no mundo dos homens, mas continua batalhando, reivindicando os seus direitos.

Mulher — sexo frágil. É aquela que gera em seu ventre o sexo FORTE do mundo.

Parabéns, Mulher! — sexo frágil ?

CARLOS FLÁVIO CAMPOS FERNANDES

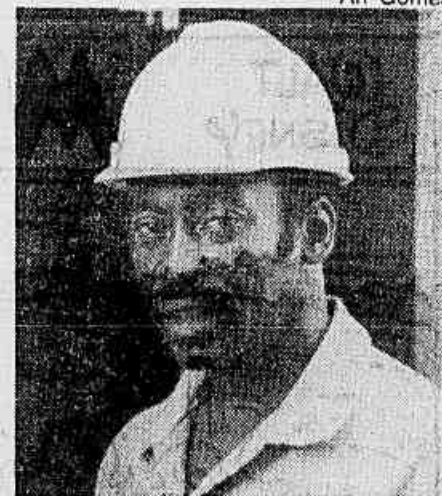
A Notícia da Semana

No dia 22, quinta-feira, na primeira página do Caderno B, o famoso jogador Edson Arantes do Nascimento — o Pelé — falou de sua nova profissão: a de ator de cinema. Pelé vai ser o **Pedro Mico**, personagem de uma peça teatral do escritor Antonio Callado que está sendo levado para as telas pelo cineasta Ypojuca Pontes. Durante a entrevista, Pelé falou mais da campanha por eleições diretas do que sobre o filme que está fazendo e disse que, se convidado, até participaria de um comício.

O QUE VOCÊ ACHA DO PELÉ?

Ari Gomes

Teste o seu conhecimento

Custódio Coimbra

1) Em menos de duas horas, o fogo destruiu um casarão na rua..........
a) das Laranjeiras
b) do Catete
c) do Riachuelo

2) Ao vencer o Bahia por 3 X 1 no Maracanã, o .... passou a ser o único clube do Rio a ter sua classificação garantida na próxima etapa da Copa Brasil.
a) Flamengo
b) Fluminense
c) Vasco

3) No 13º Grande Prêmio do Brasil de Fórmula 1, domingo passado no Autódromo de Jacarepaguá, o vencedor foi ....
a) Alain Prost
b) Nelson Piquet
c) Keke Rosberg

Arquivo

4) O oceanógrafo francês Jacques Cousteau está no Rio para a inauguração da mostra de fotografias da mais longa expedição ao rio ....
a) Tocantis
b) Amazonas
c) São Francisco

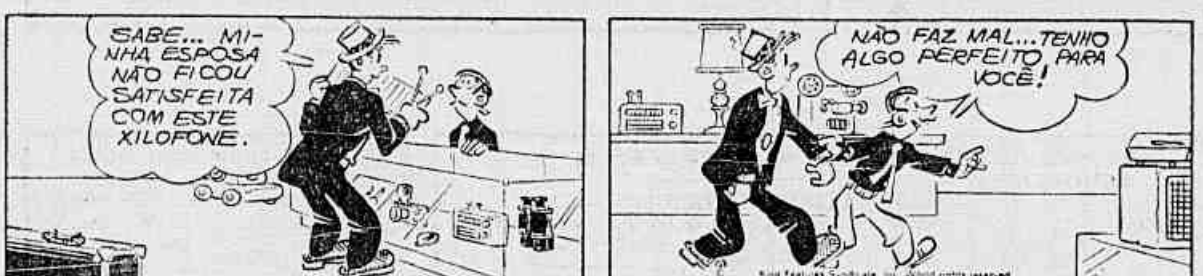
5) Ao falar para 500 pessoas, na maioria estudantes, no auditório das Faculdades Cândido Mendes, o .... se declarou a favor das eleições diretas e conservou na lapela um botão com a inscrição **Pelas Diretas**, colocado por uma estudante.
a) Deputado Paulo Maluf
b) Senador Marco Maciel
c) Vice-Presidente Aureliano Chaves

6) Nas décadas de 20 e 30, a grande cantora .... era chamada de A Voz de Ouro, A Alma da Revista, A Dama do Teatro. Hoje, aos 80 anos, passa tantas dificuldades que não quer nem contar.
a) Henriette Morineau
b) Dalva de Oliveira
c) Aracy Cortes

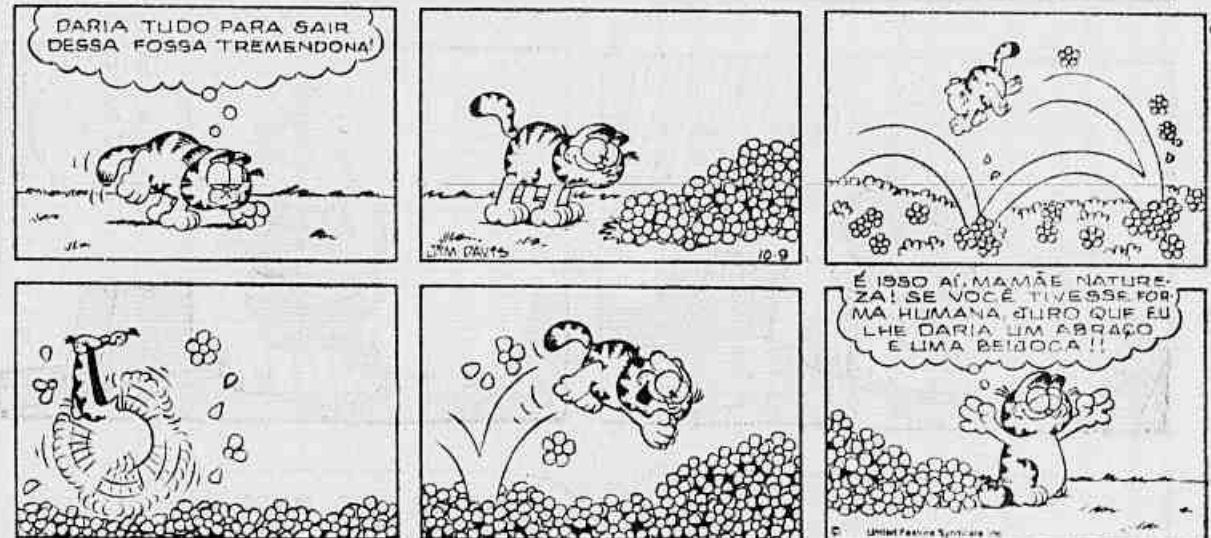
RESPOSTAS
1)c – 2)b – 3)a – 4)b – 5)c – 6)c

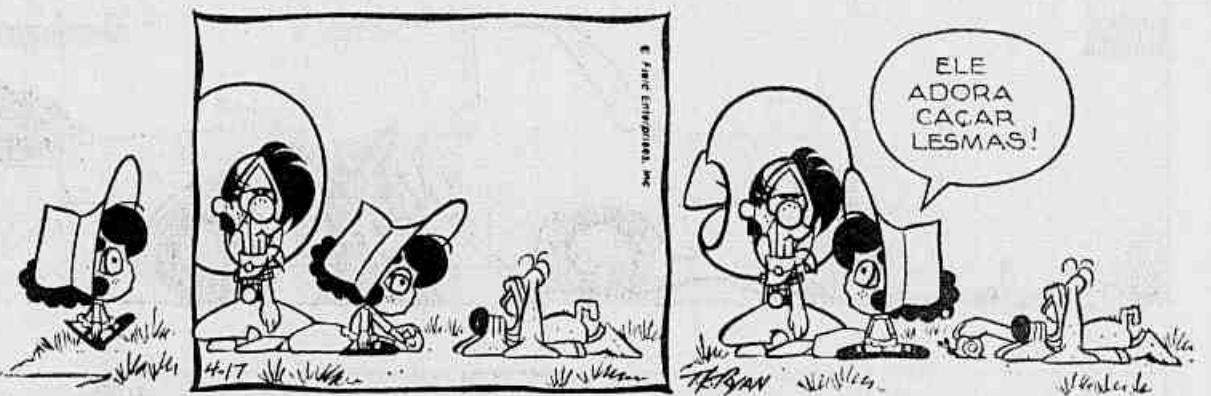
O Mago de Id

Brant parker / Johnny hart

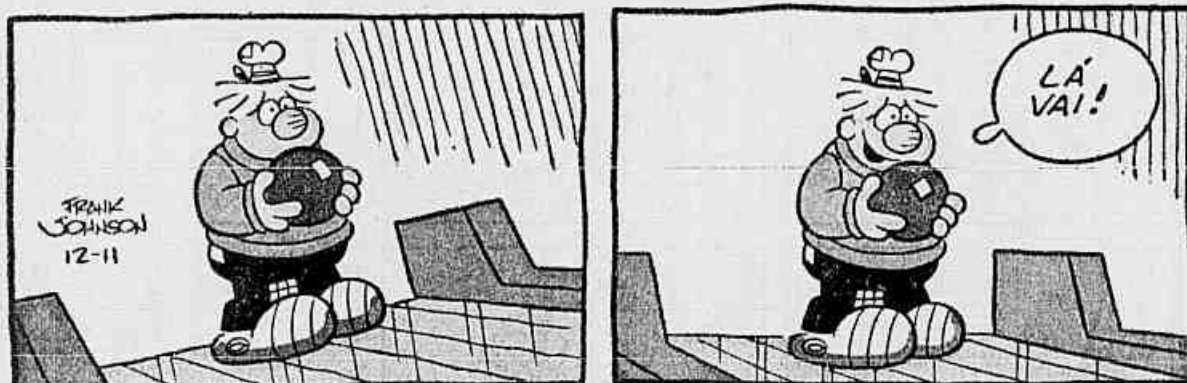
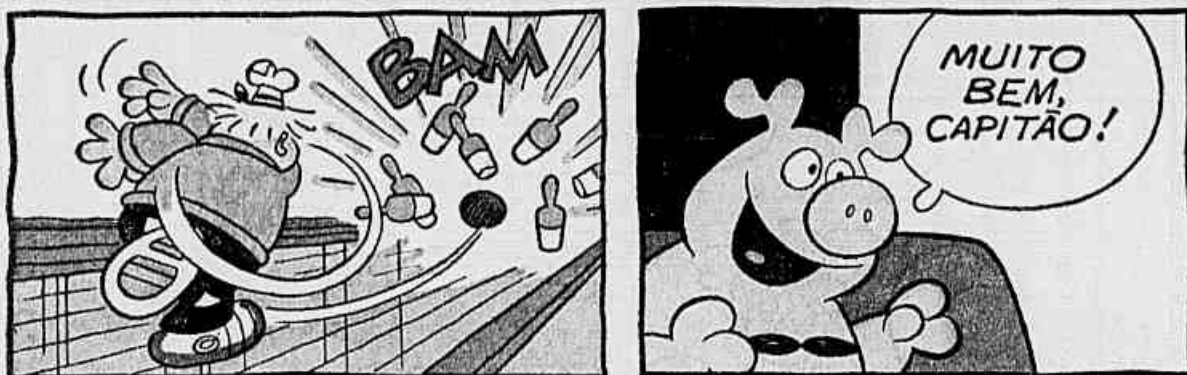
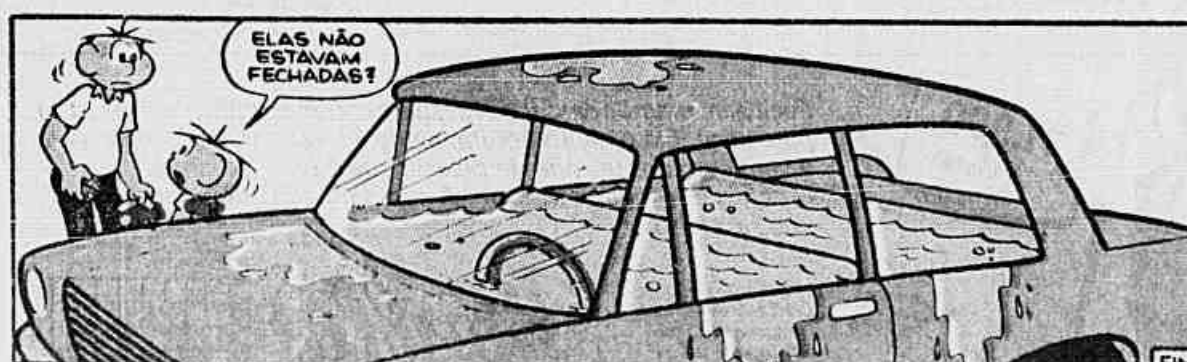
Belinda

Fêmur

Hector Sapia

Garfield

Kid Farofa

T.K. Ryan

Frank e Ernest

QUADRINHOS

ARCA dos BICHOS de Addison

TURMA DO LAMBE-LAMBE

Daniel Azulay

JOGO DOS 7 ERROS

XICÓRIA

CEBOLINHA

Mauricio

ELAS NÃO ESTAVAM FECHADAS?

FIM

HORÁCIO

Mauricio